LUIZ EDUARDO RODRIGUES AMARO

A formação do *ethos* português nos periódicos *O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e *A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932).

ASSIS

2018

LUIZ EDUARDO RODRIGUES AMARO

A formação do *ethos* português nos periódicos *O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e *A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932).

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Rosane Gazolla Alves Feitosa

Bolsista: CAPES

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

A485r

Amaro, Luiz Eduardo Rodrigues.
A formação do ethos português nos periódicos O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915) e A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932) / Luiz Eduardo Rodrigues Amaro. Assis, 2018.
369 f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista
Orientador: Drª Rosane Gazolla Alves Feitosa.

1. Camões, Luís Vaz de, 1524?-1580. 2. Ethos. 3. Renascença na literatura. 4. Literatura portuguesa. I. Título.

CDD 869

A RECEPÇÃO DE CAMÕES NA SOCIEDADE PORTUGUESA: 'O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro' (1878-1915) e 'A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa' (1910-1932)

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em LETRAS. (Área de Conhecimento: LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 05/02/2018

COMISSÃO EXAMINADORA

PRESIDENTE: PROFA. DRA. Rosane Gazolla Alves Feitosa - UNESP/ASSIS

MEMBROS:PROF. DR. Marcio Roberto Pereira - UNESP/ASSIS

PROFA. DRA. Sandra Aparecida Ferreira - UNESP/ASSIS

PROFA. DRA. Sheila Moura Hue - UERJ/RIO DE JANEIRO

PROFA. DRA. Raquel dos Santos Madanêlo Souza - UFMG/BELO HORIZONTE

DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo de Doutorado aos meus ancestrais, principalmente aos meus avós que se foram, a minha avó Beatriz, que ainda está viva e ao meu falecido pai, José Manuel Amaro;

Aos meus familiares, com destaque a minha mãe, Sirley, a minha irmã, Daiana, bem como aos meus filhos de quatro patas, Dafne (*in memoriam*), Athena (*in memoriam*), Apollo, Diana e Isis;

A minha família francesa, Bernadette, Serge, António, Daniel, Eden, Virginia (que faz o pato ao vinho do Porto mais delicioso de toda a Europa);

Ao meu eterno amigo Michael Alexandre Cândido Bastos (*in memoriam*), cuja ausência nunca será preenchida;

Aos Deuses Antigos pelas metas sêxtuplas, a Força de Thor, a Justiça de Tyr, a Sabedoria de Odin, a Colheita dos Vanires, a Paz de Nerthus e o Amor de Frey e Freya;

Ao Deus abraâmico, Javé, para o qual a alma do meu pai retornou;

A Nação Portuguesa, física e espiritual e

A Luís Vaz de Camões, nosso poeta-mor.

AGRADECIMENTOS

A CAPES e a UNESP, pelo incentivo e fomento ao nosso trabalho;

A minha orientadora, Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa, pelos valorosos ensinamentos e pelo tempo empreendido nessa caminhada conjunta;

A presente banca de defesa, composta por minha orientadora e pelos Professores Doutores Raquel dos Santos Madanêlo Souza, Sheila Moura Hue, Marcio Roberto Pereira, Sandra Aparecida Ferreira, Sílvio Cesar Alves, Annie Gisele Fernandes e Marcia Valeria Zamboni Gobbi, pelas leituras, sugestões e apreciações desse trabalho acadêmico;

A Profa. Dra. Ester Myriam Rojas Osorio, por seu apoio em relação à teoria bakhtiniana e confiança em me colocar como uma das lideranças internas do Grupo de Estudos Bakhtinianos de Assis/SP;

Aos Professores Doutores Ana Maria Carlos, Ana Maria Domingues Oliveira, Sílvia Maria Azevedo, Carlos Eduardo Mendes de Moraes, Jacicarla Souza Silva, Cláudia Valeria Penavel Binato, pelos caros ensinamentos, que colaboraram com esse estudo e pelo apoio moral;

A Monique Gabriela Botelho Ireno Pereira, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP de Assis, pelo suporte técnico;

A Roseli Pinheiro Santilli, Secretária do Departamento de Literatura da UNESP de Assis, pelo suporte técnico;

A Guilherme Munhoz, pela amizade e pelo *background* teórico em programação;

A Mario de Andrade, pelo suporte e logística às ferramentas em Rede;

Ao druida Bellouesus Isarnos, por seus ensinamentos históricos, sociológicos e sugestões de leitura, que foram deveras úteis;

Ao Professor Doutor José Cândido de Oliveira Martins da Universidade Católica Portuguesa, por seus conselhos ao trabalho e indicações de leitura;

Ao Professor e Filósofo Eduardo Lourenço, a quem todos os estudantes de Literatura Portuguesa, que versem sobre a construção do *ethos* português, devem honrarias.

“Entre o homem e a realidade há uma osmose contínua, como se um e outra fossem anverso e reverso de uma única realidade original, cujo ser e perfil só negativamente podem ser aludidos. O universo inteiro é uma metáfora viva em permanente metamorfose daquilo que existente, sabido e conhecido, conferiria à natureza e ao homem autêntica realidade Por isso mesmo só o absolutamente real é real”.

(Eduardo Lourenço)

AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues. **A formação do *ethos* português nos periódicos O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915) e A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932).** 369 f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2018.

RESUMO

O **objetivo** dessa tese é estudar o uso da imagem camoniana na reestruturação do *ethos* português em fins do século XIX, começo do XX, nos periódicos: *O Occidente – Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932). Analisar essa reconstrução é importante para entender o fator aglutinador social, que manteve a identidade do povo português perante os outros, na qual existem aspectos socioculturais. Trabalha-se o *corpus* crítica e dialogicamente, construído por meio das palavras-chave "Camões, ideologia, representação, *Os Lusíadas*, civismo", incluindo nele, além dos textos escritos, as imagens, porque *O Occidente* era uma publicação artística e, dessa forma, expressou-se política e ideologicamente pelas gravuras e fotografias. Pelo **apoio teórico**, detecta-se o uso político de Camões em uma relação dialógica com a tradição, utilizando-se dos conceitos de dialogismo, alteridade, ideologia, linguística, narrativa fotográfica, psicologia e sociologia. O **Capítulo 1** destina-se à análise do periódico *O Occidente,* que focaliza no Tricentenário de Camões (1880), e revela o uso político, por parte de Teófilo Braga e dos republicanos, de Camões. As *Chronicas Occidentais*, escritas por Guilherme d'Azevedo, ditam esse panorama. Por ser uma revista de índole artística, há análises iconográficas*.* O **Capítulo 2** analisa *A Águia*, principalmente sob a direção de Teixeira de Pascoaes (1877-1952) com o qual Antonio Sergio discutiu publicamente em cartas. Nela, Fernando Pessoa publicou originalmente a sua teoria, que ficou famosa pela ideia do "Supra-Camões", a qual está presente nesse trabalho. Os **anexos e apêndice** complementam o estudo, trazendo as discussões entre Pascoaes e Sergio, a teoria de Pessoa, a indexação dos periódicos e a apresentação do *website* (Apêndice 1). A conclusão dessa pesquisa aponta para a reconstrução do *ethos* português pelo viés camoniano, utilizando a tradição, que promoveria, por um lado, a base ideológica para a queda da Monarquia, instauração da República e consequente ditadura salazarista, pelos ideias coloniais, existentes n*Os Lusíadas*, como a questão da conquista de novos reinos; por outro, a reação dos intelectuais, que se opuseram ao regime, fundando a Seara Nova, como Augusto Casimiro, Jaime Cortesão, Antonio Sergio e Raul Proença, oriundos d*A Águia*. Durante a busca pela reconstrução do *ethos,* houve a criação de teorias como o Saudosismo Metafísico (Pascoaes) e a *Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada* (Pessoa). **A tese contribui para o estudo da área** ao analisar em perspectiva duas revistas de estilos diferentes, abordando a mesma questão: a reconstrução da identidade portuguesa por meio da pessoa-mito Luís Vaz de Camões.

Ao reler o uso do Poeta para além da Literatura, acrescenta-se o olhar dialógico sobre um tema antigo, repaginando-o.

Palavras-chave: Camões. *Ethos. O Occidente*. *A Águia.* Recepção. Periódico.

AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues. **The construction of the portuguese *ethos* in the magazines O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915) and A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932)**. 369 f. Thesis. (PhD in Languages). – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humaniteis and Languages. Assis city, 2018.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to study the use of the Camonian image in the restructuring of the Portuguese ethos at the end of the 19th century, beginning of the 20th century, in the periodicals: *O Occidente - Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915)* and *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932)*. Analyzing this reconstruction is important to understand the social agglutination factor, which maintained the identity of the Portuguese people before the others, in which there are sociocultural aspects. The corpus is written critically and dialogically, constructed by means of the keywords "Camões, ideology, representation, *Os Lusíadas*, civismo", including in it, besides the written texts, the images, because *O Occidente* was an artistic publication and of this expressed politically and ideologically by the engravings and photographs. Through the theoretical support, the political use of Camões is detected in a dialogical relationship with tradition, using the concepts of dialogism, alterity, ideology, linguistics, photographic narrative, psychology and sociology. Chapter 1 is devoted to the analysis of the periodical *O Occidente*, which focuses on the Tercentenary of Camões (1880), and reveals the political use by Teófilo Braga and the Republicans of Camões. The Chronicas Occidentais, written by Guilherme d'Azevedo, dictate this panorama. Because it is a magazine of an artistic nature, there are iconographic analyzes. Chapter 2 analyzes *A Águia*, especially under the direction of Teixeira de Pascoaes (1877-1952) with whom Antonio Sergio publicly discussed in letters. In it, Fernando Pessoa originally published his theory, which became famous for the idea of "Supra-Camões", which is present in this paper. The appendices and appendix complement the study, bringing the discussions between Pascoaes and Sergio, Pessoa's theory, the indexing of periodicals and the presentation of the website (Appendix 1). The conclusion of this research points to the reconstruction of the Portuguese ethos by Camonian bias, using tradition, which would promote, on the one hand, the ideological basis for the fall of the Monarchy, the establishment of the Republic and consequent Salazarist dictatorship, for the colonial ideas existing in *Os Lusíadas*, as the question of the conquest of new kingdoms; on the other hand, the reaction of the intellectuals, who opposed the regime, founding Seara Nova, such as Augusto Casimiro, Jaime Cortesão, Antonio Sergio and Raul Proença, from *A Águia*. During the search for the reconstruction of the ethos, theories were created such as Metaphysical Saudosism (Pascoaes) and the *A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada* (Pessoa). The thesis contributes to the study of the area when analyzing in perspective two magazines of different styles, addressing the same question: the reconstruction of Portuguese identity through the

person-myth Luís Vaz de Camões. In re-reading the Poet's use beyond Literature, the dialogical gaze is added on an old theme, repaginating it.

Keywords: Camões. *Ethos*. *O Occidente. A Águia*. Reception. Magazine.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Contracapas do Passaporte Português em vigor em 2017 31
Figura 2 - Túmulo onde foi depositado o cadáver de A. Herculano 47
Figura 3 - Lisboa, Jeronimos, Tumulos de Luiz de Camões e Vasco da Gama 64
Figura 4 - LUIZ DE CAMÕES – Fac-simile do Retrato à pena por Manuel de Faria e Souza (1639) 69
Figura 5 - Camões salvando *Os Lusíadas* do Naufrágio 70
Figura 6 - “Planta da egreja do Convento de Sant’Anna” 77
Figura 7 - Vista exterior do Convento de Sant’Anna – (Desenho autographo do Sr. Visconde de Castilho) 78
Figura 8 - Convento de Sant’Anna – Altar do Côro – Depósito dos Restos de Camões 79
Figura 9 - Convento dos Jeronymos – Capella do Presepio – Jazigo dos Camões e do Vasco da Gama 79
Figura 10 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES - Chegada do Cotejo Cívico à praça de Luiz de Camões 83
Figura 11 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Iluminação da Praça de D. Pedro 85
Figura 12 - LUIZ DE CAMÕES – Escultura por Simões D’Almeida para o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro 92
Figura 13 - LUIZ DE CAMÕES – Fac-simile do Retrato à pena por Manuel de Faria e Souza (1639) 93
Figura 14 - Camões lendo os “Lusíadas” a D. Sebastião na Penha Verde em Cintra 98
Figura 15 - Camões salvando *Os Lusíadas* do Naufrágio 100
Figura 16 - Gravuras ilustrativas de episódios com temática camoniana 101
Figura 17 - Transladação dos Restos de Camões e Vasco da Gama – Desembarque em Belém no dia 08 de Junho de 1880 102
Figura 18 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES - Chegada do Cotejo Cívico à praça de Luiz de Camões 103
Figura 19 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES - O pavilhão da Praça do Commercio na ocasião de ser assignado o auto do cortejo cívico 104

Figura 20 - A procissão cívica em Lisboa no Centenário de Camões – 10 de Junho de 1880 105
Figura 21 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Iluminação da Praça de D. Pedro 105
Figura 22 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Iluminação da Rua Aurea 106
Figura 23 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – O banquete oferecido à Comissão Executiva da Imprensa e Câmara Municipal 107
Figura 24 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Iluminação de fogo de artifício no Palacio de Crystal do Porto 107
Figura 25 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Na Rua do Alecrim – O Tejo – O Chiado – Na Rua Augusta – Pavilhão na Rua Nova do Almada 108
Figura 26 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – A noite de 11 de Junho de 1880 no novo Bairro Camões 109
Figura 27 - APOTHEOSE DE CAMÕES – Cartão do Centro Artístico do Porto Exibido na Exposição Camoneana no Palácio de Crystal..... 110
Figura 28 - Comissão Executiva da Imprensa e os artistas da procissão cívica 111
Figura 29 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Brazil – A regata do dia 13 de Junho na Bahia do Botafogo 112
Figura 30 - Monumento a Camões em Lisboa 118
Figura 31 - Capa da primeira edição da Revista *A Águia – Revista Ilustrada de Literatura e Crítica* 130
Figura 32 - Capa da primeira edição da segunda série da Revista *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* 131
Figura 33 - Placa em homenagem a revista *A Águia* e a *Renascença Portuguesa* - Afixada no prédio da Câmara Municipal do Porto 145
Figura 34 - Estampa das Armas Nacionais 171
Figura 35 - Retrato de D. Sebastião 172
Figura 36 - Imagem de 1774 173
Figura 37 - *Epocas Principaes da monarchia lusitana* de Manuel Gonçalves 174
Figura 38 - Monumento a Viriato em Viseu, Portugal 214

Figura 39 - Organograma da História Literária da Inglaterra segundo Fernando Pessoa 228
Figura 40 - Organograma da História Literária da França segundo Fernando Pessoa 229
Figura 41 - Interface do *website Camões On-Line* 254
Figura 42 – Interface principal da *Biblioteca Camões On-Line* 255
Figura 43 – Interface secundária da *Biblioteca Camões On-Line* 256
Figura 44 – Interface do banco de dados 256

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

CAPÍTULO 1 *O OCCIDENTE: REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO* (1878 - 1915)

1.1 A delimitação do *ethos* 33

1.2 Antecedentes históricos 37

1.3 O projeto de nação 40

1.4 Iberismo e alteridade: a internacionalização da revista 48

1.5 *Chronica Occidental*, o território crítico de Guilherme d'Azevedo 56

1.6 Tricentenário de Camões 60

1.6.1 *O Tricentenário de Camões*, 10 de junho de 1880 (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 90) 63

1.6.2 *Camões e Natércia* (*O OCCIDENTE*, Supplemento ao nº 59, p. 90) 66

1.6.3 *A Camões, A salvação dos Lusíadas,* de Jaime Vitor (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91) 67

1.6.4 *Retrato de Camões,* desenhado por Manuel de Faria e Sousa (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91) 69

1.6.5 *Camões salvando Os Lusíadas do Naufrágio* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91) 70

1.6.6 *A Camões,* de Francisco de Menezes (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91) 71

1.6.7 *Camões lendo Os Lusíadas a D. Sebastião na Penha Verde, em Cintra* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91) 72

1.6.8 *Camões e D. Sebastião* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98) 72

1.6.9 *Os Lusíadas,* de João de Deus (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99) 75

1.6.10 *Restos de Luiz de Camões, Convento de Sant'Anna, Mosteiro dos Jerônimos em Belem* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99) 76

1.6.11 *Chronica Occidental* (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102) 80

1.6.12 *Chronica Occidental* (O OCCIDENTE, nº 61, 1880, p. 110) 82

1.6.13 *Chronica Occidental* (O OCCIDENTE, nº 62, 1880, p. 118) 85
1.6.14 Aspectos teóricos: para uma apropriada análise imagética 87
1.6.15 Análise iconográfica, relativa a Camões, das edições do Tricentenário 91
1.7 Aspectos gerais da característica cívica da representação de Camões 113
1.8 Imagens camonianas pré-republicanas em fins de século XIX 120

CAPÍTULO 2 A ÁGUIA: ÓRGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA (1910 – 1932) 129
2.1 Perspectivas ideológicas: o projeto de nação, segundo a ótica da Renascença Portuguesa do século XX 134
2.2 Perspectivas ideológicas: a *Águia* como simbolismo (revisitando o editorial da primeira edição) 136
2.3 Inserções críticas sobre textos selecionados d*A Águia* 143
2.3.1 *O Saudosismo e a Renascença* – A Raul Proença, de Teixeira de Pascoaes (A ÁGUIA nº 10, outubro de 1912, p. 113-15) 144
2.3.2 *Camões e a Cantiga Popular*, de Teixeira de Pascoaes (A ÁGUIA nº 18, Junho de 1913, p. 177-78) 147
2.3.3 *A Luiz de Camões*, de Antonio Corrêa Oliveira (A ÁGUIA nº 18, Junho de 1913, p. 183) 148
2.3.4 *A idealização legendária do Povo Português*, de Jaime Cortesão (A ÁGUIA nº 28, Abril de 1914 – p. 116-20 e A ÁGUIA nº 29, maio de 1914, p. 141-46) 149
2.3.5 *Aos Lusíadas*, de Teixeira de Pascoaes (A ÁGUIA nº 56 e 57, ago/set de 1916, p. 57-61) 153
2.3.6 *Interpretação do Sebastianismo – A propósito da Evolução do Sebastianismo do srn. J. Lúcio de Azevedo*, de Antonio Sérgio (A ÁGUIA nº 65 e 66, mai/jun de 1917, p. 179-84) 158
2.3.7 *O valor social do português*, de A. A. Mendes Corrêa (A ÁGUIA nº 85 a 87, jan/mar 1919, p. 63-72) 162
2.3.8 *O Velho do Restelo – carta aberta ao ilustre srn. Professor Fidelino de Figueiredo*, de Afrânio Peixoto (A ÁGUIA nº 109 a 111, jan/jul 1921, p. 29-34) 166

2.3.9 *Ode a Camões*, de Angelo César (A ÁGUIA nº 23 e 24, mai/jun de 1924, p. 156-58) 169
2.3.10 *O Sebastianismo na iconografia popular*, de Pedro Vitoriano (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, set/out 1924, p. 113-129) 170
2.3.11 *O lirismo de Camões*, de Hernani Cidade (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 83-103) 176
2.4 O percurso da saudade: Teixeira de Pascoaes e a tentativa de reconstrução do ethos português (nascimento do Saudosismo Metafísico) 180
2.5 Rusgas: a posição de combate de Antonio Sérgio e a defesa de Pascoaes 191
2.6 Fernando Pessoa e *A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada* (a gênese de *Mensagem*) 226
CONCLUSÃO 232
REFERÊNCIAS 238
APÊNDICE 1 – *WEBSITE* DE PESQUISA 254
ANEXO 1 – *O OCCIDENTE: REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO* (INDEX) 259
ANEXO 2 – *A ÁGUIA: ÓRGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA* (INDEX) 268
ANEXO 3 – A POLÊMICA ENTRE ANTONIO SERGIO E TEIXEIRA DE PASCOAES NA REVISTA *A ÁGUIA* 285
ANEXO 4 – *A NOVA POESIA PORTUGUEZA SOCIOLOGICAMENTE CONSIDERADA* 344
ANEXO 5 – *PANEGYRICO DE LUIZ DE CAMÕES LIDO NA SESSÃO SOLEMNE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA EM 9 DE JUNHO DE 1880 PELO SECRETARIO GERAL J. M. LATINO COELHO* 352
ANEXO 6 – O OCCIDENTE (FICHA HISTÓRICA) 362
ANEXO 7 *A ÁGUIA* (FICHA HISTÓRICA) 366

INTRODUÇÃO

> *"Quando os autores glosam o seu destino, em termos épicos ou apologéticos (raras vezes em termos críticos), o seu eu pessoal não encontra por assim dizer envolvido, implicado na evocação. A exegese óbvia que se costuma fazer em relação a Camões-pátria é um espelhismo romântico. É Camões quem pessoaliza a pátria, não é ela que o camoniza, que o problematiza".*
>
> *(Eduardo Lourenço)*

Nosso trabalho aborda a questão da construção da identidade portuguesa, que passa necessariamente pela mundividência camoniana. Demonstramos como as revistas, que compõem o nosso *corpus*, utilizaram-se dela para reconstruir o que nós entendemos como *ethos*[1].

Ao fazermos isso, entramos na questão social, inerente à literatura. Secundariamente, objetivamos criar uma seleção de textos, que se liguem a essa temática, observando a utilização da figura de Camões encontrada nos periódicos, como acontece com o Saudosismo Metafísico de Teixeira de Pascoaes.

Por meio das palavras-chave "Camões; ideologia; representação; *Os Lusíadas*; civismo", fizemos uma triagem nos sumários das revistas *O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e *A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932)[2], resultando em uma indexação geral e ampla. A estrutura da ficha indexatória consiste em: número; mês; ano de publicação; título; páginas; obra(s) comentada(s); síntese; palavras-chave; autor do artigo; informações adicionais. Existiam textos que fugiam do nosso recorte, como análises sobre as estrelas na obra épica de Camões ou suposições genealógicas dele. Houve a necessidade de afinarmos a pesquisa e um segundo bloco de indexação foi criado, especificamente pertinente à questão da identidade. Durante a pesquisa, descobrimos

[1] Capítulo 1.1 A delimitação do *ethos*

[2] Optamos pelo subtítulo "Órgão da Renascença Portuguesa", que existe na capa das edições compreendidas entre 1910 a 1912, ao invés de "revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica", como consta no cadastro da Biblioteca Nacional de Portugal, porque ele transmite de forma mais adequada a temática que abordamos no nosso trabalho.

que *O Occidente* fez edições especiais do Tricentenário de Camões e que esse rico material era pertinente ao nosso estudo[3]. Trouxemo-lo para compor o *corpus*.

O mesmo procedimento nós aplicamos à *Águia*, que nos levou a Teixeira de Pascoaes. A teoria, por ele apresentada no periódico, encaixava-se com o pensamento de Camões, levando-nos a perceber que o autor de *A Arte de Ser Português* (1915) bebia na mesma tradição. Conforme a leitura evoluía, encontramos Fernando Pessoa e, por meio da sua teoria e do dialogismo, mais especificamente as citações do autor de *Mensagem* (1934) ao diretor d*A Águia*, evidenciou-se a conexão ideológica entre eles, a qual vem de Camões. Em desacordo com essa construção, estava o grupo de Antonio Sergio, que se manifestou no mesmo espaço midiático dos saudosistas: *A Águia*. Essa tensão, expressa na troca de correspondência entre os dois, que é metonimicamente representativa da tensão existente entre as duas vertentes no Portugal da época, é objeto de análise em nosso trabalho.

O processo de construção dialógica do conhecimento, conforme Bakhtin postulou em *Problemas da Poética de Dostoièvski* (2013) e Beth Brait trouxe na obra *Bakhtin – dialogismo e construção do sentido* (1997), é o processo metodológico analítico que utilizamos para construir o nosso pensamento. Ao lado dele, o entendimento mítico do professor Joseph Campbell e a Psicanálise nos ajudarão a perceber como Camões utilizou os arquétipos (o Mar, o Messianismo – que se transformou em Sebastianismo posteriormente – a questão do povo guerreiro cuja missão era levar a outras terras a fé e o império – nacionalismo expansionista) e como as revistas os resgataram, recompondo o *ethos*; José Manuel Tengarrinha, José Miguel Sardica, Antonio Sardinha, Oliveira Martins, dentre outros, trazem as vozes históricas; Almeida Garrett, Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa falam literária e metafisicamente com Camões; Eduardo Lourenço, Clara Rocha, Alda Cristina Baptista Rendilho dos Santos e Raquel dos Santos Madanêlo Souza[4] completam esse coral com suas vozes teórico-acadêmicas, eventualmente filosóficas, como é o caso de Lourenço, ao lado do Dr. William Graham Sumner, que colabora com seus conceitos sociológicos. Usamos esse rol de conhecimento, que vai da história e passa pela Sociologia, Filosofia, Psicologia e Literatura, pois trabalhamos com questões essencialmente dialógicas, que chegam até a época dos periódicos, que estudamos,

[3] Consulte o ANEXO 1 O OCCIDENTE: REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO (INDEX)

[4] *Occidente: imagens e representações da Europa*. Disponível em https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/13384 Consulta em 04 Nov. 2017 e C*onvergências e divergências: revistas literárias em perspectiva*. Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-18092008-160545/en.php Consulta em 04 Nov. 2017, respectivamente.

já com uma bagagem semântica e sociologicamente complexa. Por esse motivo, a teoria de Bakhtin se mostrou frutífera para entendermos, principalmente, o dialogismo e a reconstrução da identidade pelo outro. O que é uma construção social e, no nosso caso, literária, pois é a análise da perspectiva camoniana nessa construção a nossa maior contribuição no estudo da área.

A Literatura é uma das mais caras artes produzidas pela engenhosidade humana. Desde as primeiras manifestações literárias até os romances modernos, sua natureza social carregou consigo a visão de um povo, em um tempo e espaço geográfico definidos. O literário é também registro, manifesta-se como produto da relação do eu com o outro, dentro do social. No entanto, não é um registro qualquer, como uma nota de rodapé de um livro ou um comunicado aleatório em um jornal, ele é circunscrito em uma natureza particular: a artística. Por esse viés, ela mostra os comportamentos de um povo, que refletem sobre as ideologias de uma sociedade em um determinado recorte temporal e respondem às inquietações da alma humana, utilizando, inclusive, técnicas de outras artes, como a Psicologia e a Astrologia, a exemplo de Fernando Pessoa.

Ela pulsa, vibra, sugere, aponta, revela, conversa consigo mesma, com a realidade, com o humano. Ela mexe com o bicho da terra tão pequeno, reverbera nas cordas dos violões que choram, envenena-se devido às rixas de duas famílias rivais, nas bocas das criaturas que vivem em outras eras ou sussurra nos morros dos ventos uivantes. Os textos literários interagem entre si e com os leitores, de forma a leva-los, muitas vezes, para regiões desconhecidas, nunca dantes navegadas em suas mentes e espíritos, para novos lugares e povos. A literatura refrata sociedades.

Ela é a palavra, trabalhada artisticamente, expressada e ressignificada em seus vários aspectos sonoros, sintáticos, sêmicos, ideológicos e simbólicos; é a arte da expressão escrita, potencializada pela cultura, inventividade, tradição e história humana. Trata-se de um tesouro linguístico.

Uma obra de arte carrega em si várias vozes sociais, ideologias, construções de sentido e estrutura, orientadas para uma expressão particular, que o escritor escolhe para provocar determinados efeitos estéticos, representativos de uma realidade. Essa relação entre o objeto artístico e o escritor e, posteriormente, entre a obra e o leitor também é uma forma de diálogo. Como postulou Bakhtin, que enfatiza pelo outro a construção do eu, em uma resposta responsável (BAKHTIN, 1992, p.

196), a obra de arte, que possui vozes sociais, traz em si a alteridade do leitor e, portanto, há uma construção dialógica em sua apreciação.

É notório que exista uma influência do autor real em seu narrador e personagens. O acabamento estético dar-se-á pelo distanciamento deles, que é necessário para que haja um excedente de visão e, dessa forma, eles se tornem autônomos e suas vozes possam coexistir. Da mesma forma, a relação dialógica entre as vozes do leitor com as vozes da obra só se torna efetivamente produtiva quando acontece a exotopia, ou seja, quando o leitor consegue se ver de forma diferenciada e não coincidente com a visão que tinha antes desse acréscimo, promovido pela leitura da obra e sua consciência. É dentro desse movimento frenético de retroalimentação que se dá a construção do sentido por meio da polifonia contida na obra. As vozes dos outros, que conversam com as vozes nossas. Os textos dos outros, que conversam com outros textos e com nosso próprio. As obras, imersas em um mar textual, estabelecem uma relação com aquelas que a precederam, formando uma tradição literária, cujo legado cultural revelará, invariavelmente, a própria sociedade em que foram geradas. Fica clara essa relação entre Camões e dois grandes nomes que publicaram n*A Águia*: Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa. Percebemos essa relação dialógica com a tradição fortemente arraigada nos textos do nosso *corpus*, inclusive, no Saudosismo Metafísico.

Nosso trabalho, circunscrito no âmbito das Letras, aborda as questões caras à construção do *ethos* português, no qual Camões, “pessoalizando” a pátria, como bem escreveu o renomado crítico Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade* (2013), colaborou para sua construção. É com base na camonologia que compreenderemos como, séculos depois, a Renascença Portuguesa Portuense[5] voltou seus olhos a ele para novamente reconstruir esse *ethos*. A expressão camoniana retorna para remodelar, uma vez mais, Portugal.

Aquelas vozes, presentes n*Os Lusíadas* (1572), uma obra de arte que possui todas as características que apresentamos anteriormente e mais a questão expansionista, a relação do eu com o outro (Portugal em relação aos “mouros”, Portugal em relação aos espanhóis), que há no Velho do Restelo, o qual possui um quê do autor real e foi embasado historicamente, como veremos no texto de Pedro

[5] Utilizamos esse termo para diferenciar de *Renascença* e evitar ambiguidade. Como a revista *A Águia* é uma produção do Porto e ela é o recorte do nosso trabalho, acreditamos que *Renascença Portuguesa Portuense* ou *Renascença Portuense* sejam termos adequados para circunscrever a significação.

Vitoriano (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 113-129), uma recuperação dialógica da ideologia presente na fundação da Pátria e na sua tentativa de diferenciação com o país vizinho, em sua autoafirmação, não é muito diferente do alarido de papel de Teófilo Braga, Teixeira de Pascoaes e tantos outros em fins do século XIX e começo do século XX. A questão da expansão e das colônias, a "portugalidade" ou "lusitanidade", aspectos da internacionalização do país e divulgação de suas ideias, economia, religião. Isso tudo foi representado no "poema nacional", escrito por Camões, pois a literatura camoniana tem essa característica. Vale ressaltar que no Estado Novo não foi diferente, no entanto, como precisamos fazer um recorte, uma espécie de metonímia da ideia, por conta de aspectos técnicos, não abordaremos esse período.

Por esse motivo, o mesmo Lourenço alerta que nós

> (...) não devemos transferir para Camões (...) o ultranacionalismo retrospectivo e absurdo de uma aprovação e glorificação grotestas do que vária gente chama de lusitanidade e outra, pior ainda, portugalidade e que são e serão a idolatria imbecil do que é português só porque é português. (LOURENÇO, 2013, p. 153)

N*Os Lusíadas* (1572) encontramos aspectos do patriotismo enraizados na obra, a própria dedicatória a D. Sebastião e a influência do pensamento de Camões, que resgata a história de Portugal. A glorificação necessária à época do reinado dele é de um peso tal que, sem esforço analítico, entendemos com facilidade:

> Dentro do contexto do tempo, o patriotismo de Camões salvaguardou aquele mínimo de lucidez – que porventura era então o máximo que se podia salvaguardar – sem o qual nos pareceria, pese a todos os dons poéticos, ridículo ou odioso. Camões glorifica e exalta no peito ilustre lusitano valores ou atitudes que ele crê universalmente válidos e louva os Portugueses na medida em que são a seus olhos encarnação deles. Embora hiperbólica e civada dos preconceitos generalizados da época, essa glorificação tinha a seu favor – e tem na nossa memória dela – o facto de sustentar uma relação efectiva com a gesta e o geral sentido dela na comum consciência ocidental. A bazófia lusitana, que os autores espanhóis tanto ridicularizaram, tem em *Os Lusíadas* uma tradução evidente, mas não menos evidente era um tipo de existência individual e colectiva capaz de justificá-la em parte. Historicamente, a hipertrofia do sentimento nacional, tal como *Os Lusíadas* a configuraram, só se tornará grave e patológica à medida, ou nos momentos, em que a distância entre a nossa hora solar e a realidade decaída que a prolonga se acentuará. (LOURENÇO, 2013, p. 153-54)

Ele fala da época de Salazar, momento em que Portugal voltou a acreditar na grandiosidade da nação, assentando-se sob um mito ultrapassado, o das colônias

ultramarinas, hipertrofia que, ao menos em parte, ruiria somente após a Revolução dos Cravos.

Nosso trabalho contém como *corpus* duas revistas importantes da hemeroteca portuguesa, anteriores a Salazar: *O Occidente, revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* (1910 – 1932), compreendendo, dessa forma, o recorte temporal entre 1878 e 1932. Não abordaremos o Estado Novo na formação do *ethos* português.

Essas publicações foram escolhidas por serem icônicas e servirem como paradigma de uma ideologia nacional, na qual Camões foi o ponto inicial, o motor, a primeira engrenagem efetivamente realizadora do sonho português. *O Occidente* (1878-1915) carregou consigo toda a questão da imagem, da produção inovadora na arte como representação de Portugal por meio de cérebros portugueses, como ficará claro ao analisarmos o periódico; *A Águia* (1910 – 1932) foi palco de várias criações importantes na história da Literatura Portuguesa, sendo, além de um órgão a serviço de um emblemático grupo, cuja origem remete ao Porto, a Renascença, o veículo que nos propiciou a apreciação do pensamento de Pascoaes e seus companheiros, que veiculou o Saudosismo Metafísico, foi nela que Fernando Pessoa publicou a sua famosa teoria, que deu origem ao seu próprio fazer poético (o que não é *Mensagem*, senão uma releitura de *Os Lusíadas* sob a ótica da *Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada*?) É o dialogismo recriando e revigorando a tradição.

Uma das bases teóricas que usamos para entender as ideologias presentes em Camões é Bakhtin que, junto com Volochinov, escreveram *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1992), obra em que se afirma ser o exterior, o meio social, que modela a atividade mental e assim organiza a expressão: “(...) não é a atividade mental que organiza a expressão, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 112). Sendo assim, uma obra de arte, segundo essa perspectiva, está histórica e socialmente organizada por uma escrita (expressão) que estrutura o pensamento (atividade mental). A obra é, por conseguinte, resultado dessa relação. A obra de Camões, inclusive.

Uma palavra-chave no pensamento bakhtiniano é interação verbal. O discurso é orientado para um interlocutor, segundo a imagem que ele faz dele em determinadas condições sociais de produção do enunciado. Nas palavras do crítico russo: “É preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos”

(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.112). A interação verbal se dá por meio da palavra, sendo fruto do social, ou seja, não pertence nem ao locutor, nem ao interlocutor, pois a sua enunciação concreta está determinada pelo social. É exatamente assim que se manifesta a voz do Velho do Restelo n*Os Lusíadas*: ele sabe para quem está falando, pois a imagem do seu interlocutor tem um horizonte social definido, uma ideologia que se reflete na sociedade daquele lugar e daquele tempo em que o discurso acontece.

A situação promove, da mesma forma, o direcionamento da enunciação: "pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.113).

Para Bakhtin, a enunciação vai além da consciência individual, pois ela não existiria sem a expressão, que se relaciona com a interação verbal em um horizonte social. "(...) toda tomada de consciência implica discurso interior, entoação interior, ainda que rudimentares" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.114)

Sob a perspectiva mítica do professor Campbell, entendemos que o indivíduo (que pode ser um escritor) encontra, em primeiro lugar, uma relação do mito com a sua própria vida. As condições de experiência de Pessoa, sua ligação com a cultura e literatura inglesa e seu apreço por Shakespeare, por exemplo, levaram-no a reescrever *Os Lusíadas*, munido de uma tradição literária secular e por um simbolismo que Camões não vivenciou. Nessa releitura, retomou e retrabalhou os mitos e os arquétipos. *Mensagem* é produto de um *eu* em seu tempo, dialogando com um *eu* de outro (Camões) e também com a coletividade (tradição). Segundo Campbell, essas são as funções do mito:

> CAMPBELL: Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com a sua própria vida. Os mitos têm basicamente quatro funções. A primeira função é a função mística – e é disso que venho falando, dando conta da maravilha que é o universo, da maravilha que é você, e vivenciando o espanto diante do mistério. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira. // A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: "Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer-lhe como a coisa funciona, mas não o que é". Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada. // A terceira função é a sociológica – suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da

> monogamia. Ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo – e está desatualizada". (CAPMPBELL, 2012, p. 32)

Como vemos, a questão social faz parte do cerne em ambos pensadores, tanto do professor, quanto do russo.

Houve a necessidade de delimitarmos a semântica de *ethos*, porque esse termo causaria ambiguidade, uma vez que, dependendo da teoria, ele muda o significado. Circunscrevemo-lo dentro da Sociologia, mais precisamente pela visão do Doutor William Graham Sumner, professor de Política e Ciência Social da Universidade de Yale, autor da obra *Folkways: A Study of Mores, Manners, Customs and Morals* (2012), originalmente publicada em 1906 e ainda inédita em nosso idioma. Optamos por esse estudo, pois ele é completo e possui o rigor de uma pesquisa acadêmica e é contemporâneo à época que estudamos, em outras palavras, é uma voz científica e sincrônica que adicionamos.

A respeito das produções acadêmicas que existem sobre o assunto, não encontramos nenhum trabalho que cuide da colaboração do pensamento camoniano na formação do *ethos* português por meio dos periódicos que compõem o nosso *corpus*. Existem algumas produções a respeito das revistas estudadas por nós, outras a respeito da formação histórico-social de Portugal e da influência de Camões na sociedade portuguesa.

Sobre *O Occidente – Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1914) temos o ótimo trabalho de Alda Santos, intitulado *Occidente, Imagens e Representação da Europa.* A tese analisa a revista e explora algumas tendências ideológicas da Europa da época, como o Iberismo, o Federalismo, a questão da Identidade (e aí temos uma conexão com nosso trabalho), alteridade e as alianças cooperativas entre os países antes da Primeira Guerra Mundial.

Uma contribuição importante desse estudo é trazer um capítulo destinado aos cronistas do periódico, que são Gervásio Lobato (1880-1895), João Gonçalves Zarco da Câmara – "João Evangelista" (1895-1908), Alberto Cobeira – "João Prudêncio" (1908 – 1915) e Caetano Alberto – "João Verdades" (1878 – 1915), pois é um material de difícil acesso. Além disso, há um espaço crítico que analisa os aspectos da representação cultural portuguesa, na segunda parte do trabalho.

O periódico *O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeir*o teve quase quatro décadas de existência (1878 – 1915).

A revista começou apostando em ilustradores, os chamados grafadores, que representavam por meio de imagens desenhadas, a história nacional, a arte, a arquitetura etc. Eles foram muito importantes, tanto é que dois dos principais investidores da revista foram Caetano Alberto da Silva e Manoel de Macedo, notórios ilustradores daquela época.

Antes de analisarmos a reconstrução do *ethos* português com a contribuição da imagética camoniana pela revista, apresentamos e inserimos o contexto histórico e a questão do projeto de nação. O espaço do editor Guilherme d'Azevedo, que comentaremos mais adiante, por seu caráter crítico e representatividade social, recebe um subcapítulo, assim como o Tricentenário de Camões (1880), festividade que os republicanos, orientados por Teófilo Braga, utilizaram para fins de propaganda política. Segue-se a análise das reportagens e crônicas, que comprovam o postulado trabalhado, e as inserções críticas do material iconográfico, no qual nos subsidiamos teoricamente em Panofsky e Kossoy, pois a índole da revista é artística e esse material se expressa ideológica e dialogicamente com os textos e com a realidade apresentada. Os subcapítulos finais resgatam as ideias em curso e fecham a primeira parte da nossa argumentação.

Percebemos que a revista é diversificada e que essa tendência à ilustração se torna patente nos exemplares do Tricentenário de Camões. Há espaço para a crítica social de cunho político em *Chronica Occidental*, para relatos de viagem, bibliografias, e até mesmo para a diversão e passatempo, como na coluna *Enigmas*. Essa faceta diversificada nos indica um público também diversificado, e assim deduzimos que o alcance que a revista possuía era maior do que de suas contemporâneas, devido à variação que atingiria esse público mais heterogêneo e numericamente superior.

Justamente pelo aspecto sócio-político, o periódico nos mostra mais interessante. Observe o exemplo a seguir, um pensamento retirado da coluna *Chronica Occidental*, escrita por Guilherme d'Azevedo:

> N'este instante a Europa lembra-se de nós e festeja o nome português symbolisado no nome de Camões, não pelas conquistas feitas pelos reis mas simplesmente pelas estrofes feitas pelo poeta, e coisa estranha! Do nosso domínio universal resta-nos uma sombra: das nossas glorias passadas um livro: sem o livro o mundo moderno tomar-nos-ia por um espectro: com os Lusíadas toma-nos por um conviva (...) (O OCCIDENTE, n. 59, p. 90)

Esse trecho já nos basta para ilustrar como Guilherme d'Azevedo era lúcido em analisar a realidade da história de seu país e em como as suas críticas eram ácidas. Uma coletânea de texto, que compõe a coluna *Chronica Occidental*, revela-se, sem dúvida alguma, uma parte importante na nossa pesquisa, pois ela mostra justamente, de forma analítica, a visão do português politizado sobre a sua própria nação e seus maiores ícones em fins do século XIX.

Nós focalizamos nas edições do Tricentenário de Camões, obviamente porque a nossa leitura tem como premissa a utilização da imagética camoniana na construção do *ethos* português por meio dessas revistas, mas o caráter crítico desta coluna d*O Occidente* foi além das nossas expectativas inicias. Por motivo de recorte temático, temos que focalizar nos textos em que existam a questão do *ethos*, no entanto, não podemos deixar de valorizar, na nossa introdução, esse espaço do periódico. A partir de 1889, a revista optou por publicar uma coluna chamada "João Verdades", responsável por retratar a realidade portuguesa, tendo assim um cunho mais jornalístico e menos literário.

Os diretores foram Guilherme d'Azevedo (1878-1880), Gervásio Lobato (1880-1895), João da Câmara (1895-1907), Alfredo Mesquita (1908-1912) e Antonio Cobeira (1913-1915). Foi sob a responsabilidade desse último que o periódico se tornou mais crítico e as temáticas mais universalizadas, devido não somente às escolhas editorias, como também às condições contextuais da Europa: os ânimos e os desencontros ideológicos e políticos preparavam terreno para a Primeira Grande Guerra Mundial.

Em referência a *Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932), encontramos o minucioso trabalho de doutorado de Raquel dos Santos Madanelo Souza, intitulado *Convergências e Divergências: revistas literárias em perspectiva,* que aborda o período da Primeira República Portuguesa e a Renascença Portuense. Por esse motivo, a pesquisadora possui, como *corpus*, além da citada revista, também *Seara Nova*, outro periódico da elite intelectual portuguesa de importância nacional. Ideologias que comungam com o projeto de reconstrução nacional e aspectos que colaboraram para a formação do *ethos*, como é o caso do Saudosismo Metafísico, são objetos de análise desse estudo.

A Revista *A Águia* (1910-1932) é menos ilustrada e mais textual, seu perfil é predominantemente histórico-literário. A revista exerceu importante influência ideológica em Portugal.

Podemos afirmar que, assim como *O Occidente*, *A Águia* dá espaço para várias áreas: Arte, Filosofia, Literatura e também possui crítica social. Inclusive, declaradamente é um meio de divulgação da chamada *Renascença Portuguesa*.

A ideologia que predominou na revista acontece porque seu maior articulador foi Teixeira de Pascoaes (a partir da segunda série), teorizador do *Saudosismo.* A estudiosa Clara Rocha cita tal aspecto em sua obra *Revistas Literárias do século XX em Portugal* (1986).

O trabalho de Rocha, nesse exemplar, é uma espécie de síntese útil das questões pertinentes à temática escolhida, uma vez que, como a própria autora descreve no prefácio, o *corpus* é gigantesco. “Alguns comportando centenas de números, ou mesmo, como a Seara Nova, para cima de um milhar” (ROCHA, 1985, p. 09).

O livro é abrangente, ele aborda desde a problemática do interesse editorial e crítico, passando pelos aspectos ideológicos, até chegar na importância dos estudos dessa natureza.

O Capítulo 2, dedicado à revista, observa como a linha editorial dela entendeu o projeto de nação e como utilizou o animal, que a representa simbolicamente nessa visão de mundo. Como lidamos com aspectos ideológicos, essas questões são relevantes.

Dessa forma, analisamos os trabalhos selecionados, retiramos as conclusões pertinentes, que demonstram o uso político de Camões na reformulação do *ethos*, uma vez mais, como aconteceu com *O Occidente*, além do embate entre o então diretor d*A Águia* e Antônio Sergio, que levou esse último a descontinuar seu apoio à revista dirigida por Pascoaes para integrar posteriormente *Seara Nova* (1921)[6]. Outra colaboração importante d*A Águia* foi a publicação da teoria de Fernando Pessoa, *A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada*, que fecha a argumentação dessa segunda parte.

Uma questão, que nos foi particularmente interessante, encontra-se logo no Capítulo I: *Para uma aproximação sociológica das revistas e jornais literários do século XX em Portugal,* em que relaciona, dentre outros fatores, a “marcação ideológica*”* dos

[6] Fundada em 1921 por iniciativa de Raul Proença, o primeiro número foi lançado em 15 de outubro, sendo reconhecida como uma das principais revistas contra o regime de Salazar. Parte do seu corpo editorial veio da revista *A Águia* e já possuía, dessa forma, experiência jornalística: Augusto Casimiro, Jaime Cortesão, Antonio Sergio e o próprio Raul Proença. Sérgio abandonou a revista também, juntamente com Jaime Cortesão, em 1939. O periódico ainda é publicado nos dias de hoje, sendo a edição nº 1740, de outubro de 2017, a mais recente, disponível nessa hiperligação: http://www.searanova.publ.pt

periódicos. Ela fala sobre a revista *Colóquio-Letras* (1971-atualmente), mas podemos estender, paradigmaticamente, esse pensamento para as duas revistas do nosso *corpus*:

> Mas pode ainda verificar-se nas revistas e nos jornais um fenômeno a que vamos chamar a *marcação ideológica* ou literária. Queremos com isto dizer que há certas revistas *marcantes* e certos colaboradores da revista *marcados*. // Autores menos motivados ideologicamente, como por exemplo Antonio de Sousa, David Mourão-Ferreira, Vitorino Nemésio, Luís Amaro ou Matilde Rosa Araújo, colaboram em revistas de tendências diversas. Há outros mais marcados ideologicamente, que só colaboram em algumas. (ROCHA, 1985. p. 60-1)

Outro aspecto importante do livro está na segunda parte, *Leitura Intertextual das principais revistas do século XX*, Capítulo I - de 1900 até ao "Orpheu" (sob o signo da saudade), em que Clara Rocha comenta sobre as correntes de tradição, que percebemos existir tanto na revista *O Occidente*, quanto *nA Águia*. Inclusive, abrimos capítulos para elas.

Existem duas obras notórias do filósofo e cientista social, Eduardo Lourenço, que trabalham com a questão da nossa tese e merecem destaque: *O Labirinto da saudade – Psicanálise mítica do destino português* (2013) e *A nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia* (2001). Ambas são compostas por textos independentes, publicados pelo autor no decorrer de sua vida e reunidos em livro, objetivando a temática central referida no subtítulo de cada obra.

Um dos ensaios é subtítulo do livro. No caso, *Psicanálise mítica do destino português*. É nele que Lourenço tece a principal problemática da sua mundividência: a busca incessante de um passado irrecuperável, perdido nos áureos tempos pretéritos. Nós temos essa ideia na acusação de Sérgio a Pascoaes de forma explícita. Tratamos dessa questão no *Capítulo 2.5 – Rusgas: a posição de combate de Antonio Sérgio e a defesa de Pascoaes*.

Nessa obra, encontramos uma informação muito importante, que nos orienta no sentido do nosso estudo: que foi a partir de 1880, ou seja, a partir do Tricentenário de Camões, que a figura do vate passou a ter definitivamente uma relevância superior na construção do *ethos* português. O texto *A emigração como mito e os mitos da emigração* é nítido a esse respeito.

Outro trabalho importante no estado da questão, relativamente atual, é o livro de Manuel Cândido Pimentel, *O mito de Portugal nas suas raízes culturais* (2008),

uma leitura que foi muito rica. Ele nos revelou aspectos que comprovam que trabalhamos com os elementos corretos da representação camoniana.

> A reintegração do mito de Portugal nas diferentes fases da história do País responde à singularidade das vivências dos Portugueses, obedece à matriz da sua identidade, propõe-se à aceitação e ao antagonismo, reluz ou obscurece-se no curso das mudanças profundas da realidade nacional e nos múltiplos aspectos das opções e caminhos desta. Morrem as gerações, morrem os impérios. Só o mito não morre. // Da mais antiga à história mais recente, são seis os principais marcos cronológicos do surgimento, formação e consolidação do mito de Portugal: 1139-1140 (batalha de Ourique e fundação da nacionalidade), 1415-1697 (da tomada de Ceuta, que inicia a Expansão, à Restauração e à morte do Padre António Vieira), 1870 (Geração de 70 e ideia de decadência), 1910 (Primeira República), 1933-1974 (Estado Novo) e 1974 (25 de Abril). (PIMENTEL, 2008, p.11-12)

O texto mostra claramente que o mito de Portugal está vinculado à nacionalidade em sua origem e que ele é relido conforme o tempo avança, inclusive pela Geração de 70 e pela Primeira República[7], lugar em que nosso trabalho acadêmico se encontra, temporalmente falando, com *O Occidente – Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932).

Um pouco mais à frente, Pimentel escreve, clara e objetivamente, sobre a importância de Camões na construção da identidade:

> A visão imperial do mito de Portugal tem raízes no ainda incipiente providencialismo do milagre de Ourique, e se desabrocha com o saber dos nossos humanistas, incluindo Camões (1525-1579 ou 1580) – que é certamente, com os Lusíadas (1572), o maior construtor da arquitectura mitogénica e poética da nossa nacionalidade, só veio efectivamente a alcançar a compleição messiânica e profética, que principalmente a define, depois de desaparecido D. Sebastião, a partir da crise sucessória de 1580, quando, na luta contra o domínio filipino, se pôs a história ao serviço da causa da independência e da ideologia, como acontece em Fernão de Oliveira (1507-1581) e a sua História de Portugal (1580) e, posteriormente, na historiografia al-cobacence com Frei Bernardo de Brito (1569-1617) e Frei António Brandão (1584-1637), autores da Monarquia Lusitana: o primeiro, das duas primeiras partes (1597 e 1609) e o segundo, da terceira e quarta partes (1632) (PIMENTEL, 2008, p. 13)

Orientamo-nos a partir dessa premissa de que *Os Lusíadas* (1572) são o maior construtor da arquitetura mitogênica e poética da nacionalidade portuguesa e, por conseguinte, aglutinador do *ethos*. É evidente que há vários fatores que tramitam na questão da formação dele e, particularmente, da nacionalidade, questão fulcral desse

[7] Trouxemos ao nosso estudo o pensamento de Ortigão e de Eça de Queirós como contraponto ao de Teófilo Braga e de outros republicanos em *1.8 Imagens camonianas pré-republicanas em fins do século XIX*.

ethos é Camões, o poeta e sua obra épica, que figuram como temática recorrente em todos os momentos de revisitação. Foi assim que aconteceu em fins do século XIX e começo do século XX.

Observe outro trecho do trabalho, que conversa diretamente com o nosso:

> Foi o momento inicial de uma autognose que aluiria fortemente as mais arraigadas crenças propostas pelo mito. Do iluminismo transitaria para o socialismo utópico de um Antero de Quental e o positivismo de um Teófilo Braga – as matrizes políticas fortes no quadro das opções da segunda metade de Novecentos, vingasse embora a de Teófilo –, vindo a desaguar no meio revolucionário da Primeira República, em cujo contexto a autognose deu os contrários da ideia de decadência, nomeadamente com o Integralismo Lusitano de António Sardinha e o Saudosismo de Teixeira de Pascoaes, áugures de um novo Portugal, de uma nova imagem que teve sobretudo em Pascoaes e na Renascença Portuguesa a sua expressão mais completa. (PIMENTEL, 2008, p.15)

Essa autognose é também sugerida nas obras anteriormente citadas de Eduardo Lourenço, e os pensadores, mencionados no contexto revolucionário de Pimentel, são personalidades que assumiram significativa importância no nosso *corpus*, o último, especificamente, foi diretor da Revista *A Águia* e, nela, construiu, em diálogo contínuo, inclusive com seus opositores, leia-se Antonio Sérgio, a filosofia chamada Saudosismo Metafísico. Abrimos dois capítulos em nossa tese para tratar dessa questão[8].

Inclusive, Lourenço é citado pelo autor páginas adiante:

> Os textos de Eduardo Lourenço e José Gil integram-se nesse veio de tradição que remonta, num passado recente, ao iluminismo crítico de um António Sérgio e, remotamente, ao Antero de Quental das Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos, num movimento para trás, chegando a Luís António Verney. Diagnosticam, no contexto sócio-político que é o deles, os males da alma e da pátria portugueses. O valor que lhes é dado reconhecer, como, em particular, para a ideia de decadência de Verney à Geração de 70, advém da preocupação vital que desenham, de promover ou interferir na autognose dos Portugueses, sobre a qual já falei acima, embora os resultados possam vir a ser bem diferentes do proposto, como no caso de José Gil. (PIMENTEL, 2008, p.35-6)

Por fim, o último aspecto importante que ressaltamos do texto de Pimentel, que será útil para nosso trabalho, são os de construção do *ethos* português, observados pela via pedagógica, na qual Camões tem expressão fulcral.

---

[8] *O percurso da saudade: Teixeira de Pascoaes e a tentativa de reconstrução do ethos português (nascimento do Saudosismo Metafísico)* e *Rusgas: a posição de combate de Antonio Sergio e a defesa de Pascoaes.*

> À sintomatologia dos estados de Portugal, como campo hermenêutico da história pátria, sucede-se, não raro, a convicção de que a história é pedagogia – como no exemplo de António Sérgio –, «um instrumento de educação humanista» capaz de «forjar espíritos construtores do Futuro», embora para esta linha, e nas opções dos autores, o futuro não possua a carga mítica com que o interpretam as correntes que lhe são contrárias, cuja génese se deve procurar no cadinho de insatisfações intelectuais das gerações dos finais do século XIX e princípios do século XX (de Sampaio Bruno à Renascença Portuguesa), que não deixando de propor soluções estratégicas para o País nas áreas indicadas, contudo não denegam a *paideia* do mito de Portugal e a sua carga imagética propulsora de acção. // Deve-se a Antero de Quental o ter afirmado que certa ideia de decadência se encontra profetizada por Camões, em *Os Lusíadas*: «Era o futuro velado e lutuoso que o poeta entrevia num deslumbramento profético». A afirmação é de 1872, mas enraíza no texto das *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos,* escrito sensivelmente um ano antes daquele outro e lido na tribuna que então se formara: as Conferências Democráticas do Casino lisbonense, que tiveram lugar na Primavera de 1871, e que tinham por objectivo agitar o meio intelectual da capital, abrindo um espaço de debate e de reflexão sobre a vida portuguesa nos seus múltiplos aspectos. (PIMENTEL, 2008, p.36)

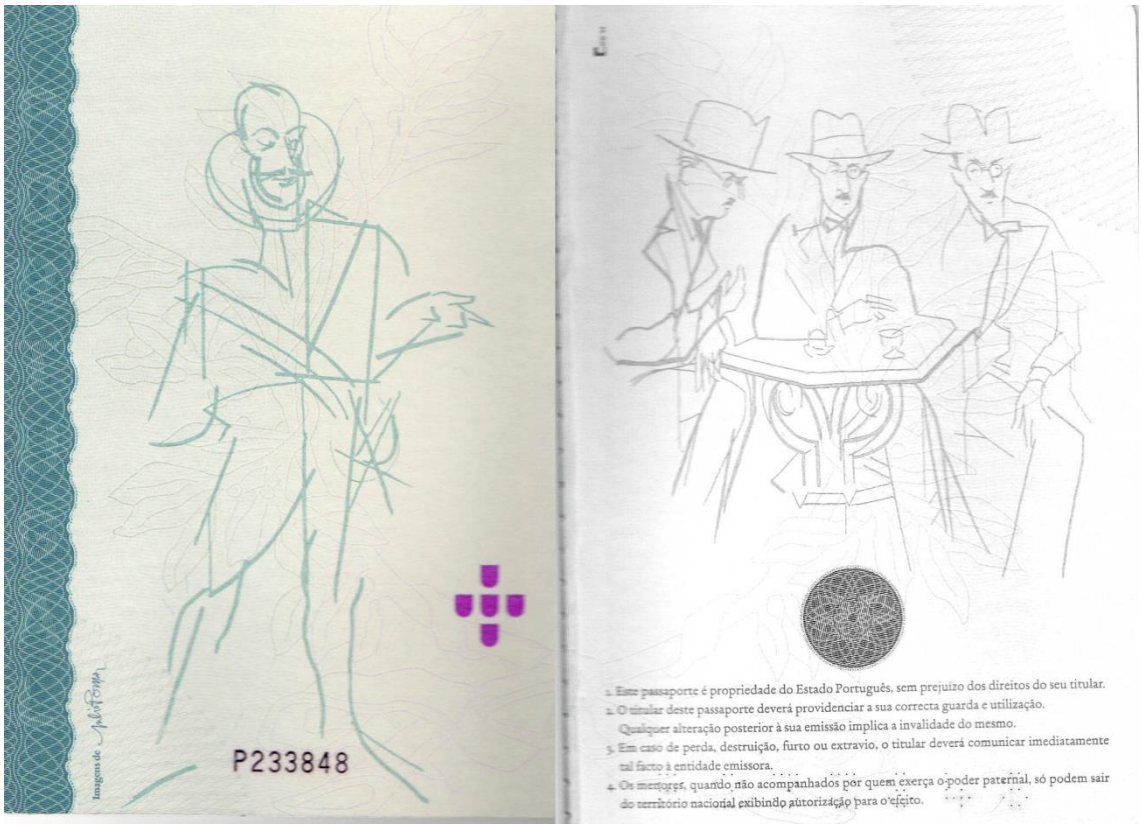
Um periódico, que estudamos e foi importante para embasarmos a questão, chama-se *Revista de História das Ideias*. Um grato achado na Biblioteca da UNESP de Assis. Trata-se de uma publicação relativamente antiga[9], com muitos números disponíveis de temáticas variadas. Ela é útil para que percebamos o contexto e utilizamos seus pensamentos por meio da assimilação, particularmente, o Volume 27, *República*. Foi fundada pelo Prof. Doutor José Sebastião da Silva Dias, sendo o atual diretor o Prof. Doutor Fernando Catroga e Secretários de Direção a Profª Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro e a Profª Doutora Isabel Nobre Vargues.

A questão do *ethos* não se esgota, tampouco é estática: a formação de um *ethos* é viva, ela se refaz, transforma sua essência. É assim em todos os povos. No entanto, a essência individualizadora, aquela verve que permanece como chama criadora, ela se mantém. É a chama que queima o ilustre peito lusitano de Camões, que se expressou, em Portugal, com mais pungência na literatura.

Uma grande prova de que não somente o povo, como também o Estado considera a alma portuguesa um produto também literário, é a sugestiva, para não dizermos incontestável, manifestação artística que existe no documento responsável pela internacionalização do português: o passaporte, no qual há na contracapa da frente, abrindo o documento, Luís Vaz de Camões e na contracapa de trás, fechando-o, Fernando Pessoa.

[9] A primeira edição da *Revista de História da Ideias*, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, data de 1977. Ela está disponível nessa hiperligação: http://www1.ci.uc.pt/ihti/portugues/rev/index.html

Figura 1 – Contracapas do Passaporte Português em vigor em 2017



Fonte: Própria, Documento emitido pela União Europeia sob a responsabilidade da República Portuguesa

Se procurarmos, haverá outros dialogismos, que resgatam Camões em sua função formadora de *ethos*, mas eles não fazem parte do nosso recorte. Não vamos nos exceder nesse assunto, porque o exemplo não faz parte do nosso *corpus*, ele serve apenas para mostrar a importância do estudo do *ethos* de um povo, pois a manifestação ocorre culturalmente, como é perceptível pelo trabalho de Pimentel[10] e, assim sendo, estudar a formação dele, que é de extrema relevância para entendermos as próprias manifestações culturais do nosso povo. Os anexos são fontes importantes de complementação ao trazer integralmente as discussões entre Pascoaes e Sergio, a teoria de Pessoa na íntegra, um panorama da reconstrução do *ethos* português pelo camoniano em *Panegyrico de Luiz Camões lido na Sessão Solemne da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 9 de Junho de 1880 pelo Secretário Geral J. M Latino*[11]*,* a indexação dos periódicos e a apresentação do *website* no Apêndice 1.

[10] PIMENTEL, Manuel Cândido. O mito de Portugal em suas raízes culturais. In: MATOS, Artur Teodoro de; LAGES, Mário Ferreira (coord.). *Portugal: percursos da interculturalidade*. Lisboa: Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural, 2008.

[11] Optamos por manter a grafia original, porque entendemos que, para fazer as atualizações, é necessário um outro trabalho, que entraria na área de Filologia, o qual está fora da nossa proposta por motivos técnicos.

Colaboramos no acréscimo de material ao estudo de Luís Vaz de Camões como a *pessoa-mito* mais importante na construção do *ethos* português. Pessoa porque ele realmente existiu e mito porque a sua literatura, com o passar dos anos, foi se transformando em um arquétipo da alma portuguesa, a exemplo daquele a quem sua obra-mor foi dedicada, D. Sebastião. Trabalhamos essa característica na representação camoniana. Segundo Carlos Nejar, Camões fala por toda a nação portuguesa, é coletivo, metonímico, onde parte da voz de *Os Lusiadas* (1572) se torna a voz do próprio povo, ele é um poeta cívico:

> E chegou ao ponto no sentido mais originário como poeta público ou cívico, porque alcançou a história, cujo pretexto à acção humana, façanha de um povo. Impôs a fatalidade entre a ordem e a força das coisas, uma fatalidade que chamou Adamastor e a consciência crítica, o Velho do Restelo. (COLÓQUIO-LETRAS, n. 74, p. 69)

Nosso trabalho acadêmico demonstra como Portugal o utilizou e se beneficiou do seu gênio: essa nação e sua língua não seriam as mesmas, se não houvesse Camões. E a colaboração que as revistas do nosso *corpus* tiveram na reconstrução dele é relevante para o entendimento adequado do tema. Ao demonstramos esse uso, alcançamos objetivos tangenciais, como o resgate de alguns arquétipos e mitologias, a exemplo do Milagre de Ouriques e da tensão entre o Norte e o Sul de Portugal.

Utilizamos, sempre que possível, a História segundo José Manuel Tengarrinha, José Miguel Sardica, Antonio Sardinha, a Iconologia de Erwin Panofsky e o conceito de narrativa fotográfica de Boris Kossoy, a Sociologia de William Graham Sumner, a Psicanálise de Jung, por lidar com arquétipos, assim como a Mitologia de Joseph Campbell. Trazemos o dialogismo e a ideologia para o estudo, segundo Mikhail Bakhtin, revelando assim o panorama crítico-social em que se insere e damos espaço para as vozes que se levantaram contra a utilização da obra camoniana na formação do *ethos*, pois o diálogo faz parte da nossa forma de construir o conhecimento, as respostas responsáveis do eu e do outro compõem o enunciado. Nosso trabalho contribui para o estudo da área ao analisar em perspectiva duas revistas de estilos diferentes, abordando a mesma questão. Ao reler o uso de Camões para além da literatura, acrescentamos o olhar dialógico sobre um tema antigo, repaginando-o.

CAPÍTULO 1 *O OCCIDENTE – REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO* (1878-1915)

> *"Com o seu Camões começa realmente o processo de autognose de Portugal que terminará com Mensagem. Não é por acaso que no começo e no fim do processo nós encontramos o primeiro e o último dos grandes intertextos da nossa moderna literatura, textos-diálogos nos quais se refaz, com míticos textos alheios (em ambos os casos, Os Lusíadas, a lenda camoniana ou o discurso místico-ocultista), a trama inteira do percurso nacional enquanto aventura rematada por desastres de essência redentora na memória que os evoca ou no messianismo que deles se alimenta".*
>
> *(Eduardo Lourenço)*

1.1 A delimitação do *ethos*

A questão da definição e delimitação do *ethos*, ou seja, o seu entendimento dentro do contexto do nosso trabalho, torna-se particularmente importante para evitar as ambiguidades, uma vez que o termo é apreciado por Charaudeau & Mangueneau[12] de uma forma, aplicada ao discurso e pela sociologia de outra, definida por Sumner em *Folkways: A Study of Mores, Manners, Customs and Morals* (2012), justamente o conceito com o qual trabalhamos.

A análise do sociólogo não existe em nossa língua, portanto, tivemos que traduzi-la, o que acrescentou essa voz inédita à nossa pesquisa. A obra supracitada é pedagógica, estruturada em verbetes claros para uma objetiva aplicabilidade. Por ser contemporânea às revistas que estudamos, que trabalharam a reconstrução do *ethos* com a toada camoniana, os ensinamentos do doutor Sumner aplicam-se sincronicamente à visão veiculada em nosso *corpus* e, dessa forma, colabora para que nossa interpretação se afaste da indesejada leitura anacrônica.

O conceito de *ethos* é percebido ao lado da história e da tradição, pois ele é relativo e o seu conteúdo é reorientado conforme o tempo e as condições sociais se modificam. Por isso mesmo, no fim do século XIX, houve esse processo em Portugal, que demonstraremos no decorrer do nosso estudo.

[12] Dicionário de Análise do Discurso, p. 220

Sumner, ao explicar o modelo de origem dos costumes, orientado pela antropologia e pela etnografia dos homens e da sociedade primitiva, revela que ele se orienta para a sobrevivência nos seguintes termos:

> [...] Men begin with acts, not with thoughts. Every moment brings necessities which must be satisfied at once. Need was the first experience, and it was followed at oncey by a blundering effort to satisfy it. It is generally taken for granted that men inherited some guidind instincts from their beast ancestry, and it may be true, although it has never been proved. If there were such inheritances, they controlled and aided the first efforts to satisfy needs. Analogy makes it easy to assume that the ways of beasts had produced channels of habit and predisposition along which dexterities and other psychopysical activities would run easily. Experiments with newborn animals show that in the absence of any experience of the relation of means to ends, efforts to satisfy needs are clumsy and blundering. The method is that of trial and failure, which produces repeated pain, loss, and disappointments. Nevertheless, it is a method of rude experimente and selection. The earliest efforts of men were of this kind. Need was the impelling force. (SUMNER, 2012)

O professor postula que “a habilidade para distinguir entre prazer e dor é a única força psíquica que deve ser presumida” (SUMNER, 2012). Assim, as pessoas selecionam os modos de fazer de acordo com as dificuldades e objetivos, os que requerem menos esforço são escolhidos e, com o tempo, tornam-se hábitos. Tal aprendizado é um produto social:

> The earliest efforts of men were of this kind. Need was the impelling force. Pleasure and pain, on the one side and the other, were the rude constraints which defined the line on which efforts must proceed. The ability to distinguish between pleasure and pain is the only psychical power which is to be assumed. Thus ways of doing things were selected, which were expediente. They answered the purpose better than other ways, or with less toil and pain. Along the course on which efforts were compelled to go, habit, routine, and skill were developed. The struggle to maintain existence was carried on, not individually, but in groups. Each profited by the other’s experience; hence there was concurrence towards that which proved to be most expedient. All at last adopted the same way for the same purpose; hence the ways turned into custom and became mass phenomena. Instincts were developed in connection with them. In this way folkways arise. The Young learn them by tradition, imitation, and authority. The folkways, at a time, provide for all the needs fo life then and there. They are uniform, universal in the group, imperative, and invariable. As time goes on, the folkways become more and more arbitrary, primitive people always answer that it is because they and their ancestors always have done so. A sanction also arises from ghost fear. The ghosts of ancestors would be angry if the living should chane the ancient folkways. (SUMNER, 2012)

Façamos uma intervenção para citarmos o aclamado crítico Antonio José Saraiva, na obra *A Cultura em Portugal: Teoria e História* (1994): “Os mitos históricos

são uma força de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo" (SARAIVA, 1994, p. 112). Encontraremos essa forma de pensar não somente nele, como na geração estudada nessa pesquisa acadêmica, no pensamento de Eduardo Lourenço, no Saudosismo Metafísico e em vários outros, que não cabe aqui citarmos.

Veremos com nitidez a questão da tradição manifestada no pensamento veiculado durante a comemoração do Tricentenário de Camões (O Occidente – Revista Literária de Portugal e do Estrangeiro) e nas páginas d*A Águia,* sob a direção de Teixeira de Pascoaes.

Para fecharmos a nossa delimitação, nós apresentamos duas características importantes do *ethos*: ele é uma *força social* e é *constituído inconscientemente*.

Da primeira afirmação, pensemos no hábito e no interesse, a necessidade de algo para um grupo. Quando ele é importante para alguém, torna-se um hábito e, se esse algo for interessante para o grupo, esse hábito individual será repetido dentro dele e incorporado.

> [...] It produces habit in the individual and custom in the group. It is, therefore, in the highest degree original and primitive. By habit and custom it exerts a strain on every individual within its range; therefore it rises to a societal force to which great classes of societal phenomena are due. Its earliest stages, its course, and laws may be studied; also its influence on individuals and their reactions on it. It is our presente purpose so to study it. We have to recognize it as one of the chief forces by which a society is made to be what it is. (SUMNER, 2012)

Da segunda, levamos em consideração que, das necessidades recorrentes, surgem os hábitos para o indivíduo e os costumes para o grupo, mas esses resultados são consequências, que não foram conscientes e nunca previstas.

> [...] They are not noticed until they have long existed, and it is still longer before they are appreciated. Another long time must pass, and a higher stage of mental development must be reached, before they can be used as a basis from which to deduce rules for meeting, in the future, problems whose pressure can be foreseen. (SUMNER, 2012)

Dessa forma, entendemos que os homens desenvolvem inconscientemente, por meio da experiência, o que o estudioso chamou de adaptação máxima a um interesse, que é transmitido pela tradição. O *ethos*, os costumes, as leis e a moral são produtos da interação social humana.

> [...] From this it results that all the life of human beings, in all ages and stages of culture, is primarily controlled by a vast mass of folkways handed down from the earliest existence of the race, having the nature of the ways of other animals, only the topmost layer of which are subject to change and control, and have been somewhat modifed by human philosophy, ethics, and religion, or by other acts of intelligent reflection. We are told of savages that "It is difficult to exhaust the customs and small ceremonial usages of a savage people. Custom regulates the whole of a man's actions, - his bathing, whashing, cutting his hair, eating, drinking, and fasting. From his cradle to his grave he is the save of ancients usage. In his life there is nothing free, nothing original, nothing spontaneous, no progress towards a higher and better life, and no attempt to improve his condition, mentally, morally, or spiritually". All men act in this way with only a little wider margin of voluntary variaton. (SUMNER, 2012)

1.2 Antecedentes históricos

Em 1851, a configuração social do liberalismo estava assentada em terras portuguesas. Apesar de se manifestar de forma diferente de outras regiões fora da Ibéria, essa doutrina foi a que permitiu o caminho da modernização na terra de Camões.

> A configuração social do liberalismo português apresenta-nos um remanescente de recorrências históricas que iludem os pressupostos de modernização e de ruptura que seria legítimo esperar. Pesava sobre o país uma *forma mentis* e um trilho de hábitos comportamentais que só a interiorização de valores burgueses avançados, solidariamente firmados na livre iniciativa empresária, poderiam transformar. Mas essa modificação de conteúdos de consciência e de práticas de ação não foi alcançada. É certo que a compra de "bens nacionais" pela nova burguesia ascendente poderia teoricamente fornecer-lhe os meios materiais adequados à profunda reformulação da realidade social. Contudo, este novo estrato hegemônico estabilizará o seu querer em concordância com modelos caducos. (...) O que o liberalismo significou, no exterior, de libertação de forças produtivas, cristalizou, em Portugal, no modesto cadinho de uma simples transferência de título de propriedade. Desta maneira, a triunfante sociedade liberal sedimentou-se ao redor de nobilitados burgueses, na maior parte dos casos de fresca data, os quais ambicionaram para si e para os seus descendentes um nicho seguro e garantido no exército dos servidores do Estado. Alheios a qualquer tradição de iniciativa econômica particular e molecularmente refratários ao risco dos negócios, estes usufrutuários do conservadorismo cartista procuraram as posições mais confortáveis no pequeno mundo da administração pública. Fizeram-se caciques e "notáveis locais" em razão de sua comprovada incapacidade de se fazerem empresários capitalistas de vistas largas. (HOMEM, 2000, p.270)

A Regeneração foi um movimento que propiciou a experiência do capitalismo, mas uma experiência ímpar, diferente daquela que houve nos demais países europeus, pois a economia portuguesa essencialmente ruralista levou a uma necessidade de intervenção estatal em infraestrutura, comprometendo, assim, os investimentos particulares. É justamente nesse setor que se traduziu a política de Antonio Maria de Fontes Pereira de Melo (08 set 1819 – 22 jan 1887), filho do Governador de Cabo Verde, proeminente político da segunda metade do século XIX, a qual ficou conhecida como "fontismo": melhoramentos materiais e obras públicas.

> [...] Foi com libras esterlinas pedidas de empréstimo à praça de Londres que se supriu a rarefação dos meios creditícios nacionais. Assim, a obra de fomento liberal originou o crescimento incontrolável da dívida pública e o desequilíbrio crônico da balança de pagamentos. O serviço da dívida, aliado à pressão dos credores externos, ditará os gravosos termos da política

> tributária levada a efeito pelos sucessivos governos regeneradores. A correlação que forçosamente se estabeleceu entre o volume dos empréstimos e a carga interna dos impostos explica a próxima eclosão de crises sociais, que vitimarão sobretudo os estratos populacionais de rendimentos mais débeis. A filosofia da tributação dos governos regeneradores seguiu os trilhos da ortodoxia liberal, uma vez que recorreu à gama dos impostos indiretos, incidentes sobre o consumo e evitou onerar os rendimentos gerados pelos capitais privados. Ficou para a história o juízo emitido por Fontes Pereira de Melo, quando o confrontaram com as reclamações dos setores sociais mais fragilizados pelo agravamento tributário: “O povo pode e deve pagar mais”. (HOMEM, 2000, p. 271)

Anos mais tarde, na década de 70, um pequeno número de glebas políticas estabeleceu-se em Lisboa, em Coimbra e no Porto. Dessas cidades irradiaria o Republicanismo, em duas fontes principais: o Federalismo, defendido por Teixeira Bastos, Teófilo Braga e outros políticos; e o Unitarismo Democrático, de José Elias Garcia e Bernardino Pinheiro.

Em um primeiro momento, o Federalismo foi o regente dessa orquestra política portuguesa, tendo como andamentos principais a desconcentração da riqueza privada e da descentralização administrativa e territorial. A derrocada da Comuna de Paris interferiu na política portuguesa, favorecendo a corrente Unitária, que manteve o compasso socializante do Federalismo, adicionando à melodia a chefia coletiva do Estado, a descentralização do poder, a ampliação do sufrágio e dos direitos democráticos, liberdades e garantias individuais.

> (...) A novidade trazida pelo republicanismo ao liberalismo português oitocentista será a de lhe aditar a nota democrática consubstanciada na reclamação do sufrágio universal. A ideologia republicana não pretendeu mudar a natureza econômica do liberalismo. Contentou-se em preconizar que a ortodoxia censitária do sistema evoluísse politicamente num sentido demoliberal. É isto que explica a vocação eleitoralista da primeira propaganda republicana. Os centros do republicanismo unitário apresentavam-se como verdadeiras escolas de civismo eleitoral, insistindo no aspecto pedagógico da propaganda a ser realizada. Convictos da sua expressão minoritária e urbana, os republicanos desta geração pretenderam ensinar aos seus destinatários os rudimentares valores e as básicas noções da sua crença matricial. Fizeram-no cientes da esmagadora expressão do analfabetismo popular, o qual atingia porcentagens escandalosas nos meios rurais. Era um ideal demopédico que se encontrava sempre presente nos comícios, nas conferências proferidas em associações populares, nos folhetos de divulgação e até nos préstitos comemorativos – como o que se realizou, por exemplo, na festividade do tricentenário de Camões, celebrado em 1880. A intenção de difundir às massas ignaras rudimentos de cultura político-social suficientemente acessíveis, deu origem a brochuras redigidas em linguagem ingênua. Estão neste caso da Cartilha do Povo, de José Falcão, e o Catecismo Republicano, de autoria de Carrilho Videira e de Teixeira Bastos. (HOMEM, 2000, p. 273)

O Republicanismo tinha ainda por mentalidade a “Lei dos três estados”, de Augusto Comte, segundo a qual “a humanidade transitaria de um estado inicial teológico para um definido estado mental positivo ou científico, por meio da mediação provisória de um estado metafísco”. (HOMEM, 2000, p.273)

Essa perspectiva positivista tratou de se aliar ao caráter pedagógico do ideário republicano, supracitado, massificando a política. O Tricentenário de Camões foi utilizado para levar ao público noções de cidadania, assim como as revistas da época, inclusive as contempladas nessa tese, vincularam a mesma ideologia, como veremos no decorrer do nosso estudo.

1.3 O projeto de nação

> *"Um Estado funda-se, pode começar a existir de um momento para outro, mas uma nação brota lentamente, reúne aos poucos os seus elementos constituintes, passa por fases mais ou menos claras, pode até sofrer avanços e retrocessos. Portanto, não se funda, vai-se formando".*
>
> *(José Mattoso)*

A revista *O Occidente* estreou em 1878, no afã das publicações visuais, que atingiram um público maior daquele que costumeiramente atingiam os periódicos da época, devido ao seu caráter didático e arte chamativa, além do fato de a revista ser internacionalizada. Tinha como objetivo claro a expressão da arte portuguesa e a vida nacional, como consta no prefácio da primeira edição.

> O empreendimento d'uma publicação illustrada que exprima justamente o estado da Arte em Portugal e seja exclusivamente nossa; que caracterize o espírito público nacional e corresponda à necessidade que teem hoje todos os povos de affirmar a sua individualidade moral e o seu modo de ser no concerto da civilização, não pode ser apenas uma obra d'interesse particular: é um dever impreterível d'interesse público. // A vida portuguesa não está de tudo extincta. É preciso affirmal-o com documentos incontestáveis que sejam reconhecidos nas chancellarias do progresso: que provem termos saído da vida histórica da tradição para a existência positiva dos factos e das ideias contemporâneas da arte: que demonstrem não termos no mundo moderno ficado parados à porta, absortos, extacticos, como um conviva estranho que não se atreve a entrar por julgar o seu lugar occupado, sem ter a coragem de reivindica-lo, no interesse da sua dignidade despresada. // O Occidente servirá a ideia civilisadora de trazer para a evidência da luz, a vida nacional que palpita no mundo obscuro do esquecimento público. (O OCCIDENTE, 1877, p.01)

Atentemo-nos para a última frase do fragmento acima: a revista evidenciará "a vida nacional" como ideia "civilizadora", que se encontra esquecida do povo. Ou seja, é uma força motriz da portugalidade, da nacionalidade: na ideia da divulgação do nacional, o Occidente foi um veículo de sua promoção.

> De facto, o projecto alicerçou-se na criação de um atelier de formação de gravadores, porque com os que então existiam não era possível assegurar a actualidade imagética que se pretendia imprimir à publicação, nem tão pouco a reprodução de obra de arte nacionais, as recreações históricas, etc., que faziam parte de seu programa. Contratá-los no estrangeiro estava fora de questão, pois O Occidente fazia questão de ser, tanto quanto possível, um produto 100% nacional. // Montou-se, pois, o atelier de gravura na Rua do Loreto, em Lisboa, sob a direcção do mestre Caetano Alberto. E, quando a

> revista saiu do prelo pela primeira vez, contava com uma equipa de 7 artistas gravadores: Rosalino Cândido Feijó, Manuel Diogo Netto, Domingos Casellas Branco, Jorge dos Reis, José Augusto d'Oliveira, José Antônio Kjolner e A. Francisco Villaça. Em 1903, quando a publicação celebrou os seus 25 anos de vida, os últimos três já haviam falecido. Possivelmente, nem foram substituídos, porque, entretanto, a fotografia ia batendo a ilustração, mercê da sua versatilidade, custo e promessa de veracidade. Sinal dos tempos, que O Occidente procurou acompanhar, chamando às suas páginas os "clichés, (fotografias) de Alberto Lima, Ciríaco Tavares da Silva, Benoliel, Rocchini, Carlos Relvas, Carlos Vieira, Coutinho, Menezes, Santos, J. Azevedo, F. G. Marques, Manoel Abreu, António P.A. Leite, além dos produzidos por amadores atentos e prevenidos, ou comprados a empresas nacionais e estrangeiras. (CORREIA, 2008, Disponível em hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Ocidente.pdf Consulta em 29 dez 2017)

Não somente um veículo para a divulgação daquilo que é nacional, como também um órgão cuja produção de conteúdo seja feita, em sua maioria, por portugueses em Portugal.

Esse aspecto tem particular importância, pois é um ponto de contato ideológico com a outra revista do nosso *corpus*, *A Águia*[13].

A ideia de nação aproximava-se da concepção de Manuel Murias, famoso político e jornalista ligado ao Integralismo Lusitano:

> (...) A nação tomada como sinônimo de civitas ou de pátria é a mais alta unidade social natural - <por oposição aos erros individualistas> que o bem comum é <mais divino>, como dizem Aristóteles e Santo Tomás, do que o bem particular -, sendo-nos prescrito pela lei natural (e pelo quarto mandamento) amar o bem da pátria mais do que os nossos interesses privados. (Nação Portuguesa, 4ª Série, Tomo I, pp.333-4)

Dessa época, outras duas revistas foram importantes na questão do nacionalismo, a supracitada, Nação Portuguesa (1914) e Ideia Nacional (1915). Citamos apenas para referenciar o contexto d*'A Águia*.

O Occidente é um periódico anterior (1878), que liga o tema abordado ao aspecto da abertura ao estrangeiro. O historiador João Medina observou que a internacionalização foi um instrumento de sobrevivência política, uma vez que Portugal se encontrava decadente em relação à Europa. Encontramos essa mesma ideia no trabalho de Alda Santos, *Occidente: Imagens e Representações da Europa.*

---

[13] Ambas possuíram a ideologia nacional como componente de sua orientação ideológica, só que na *Águia* ela estava mais acentuada, potencializada, inclusive, a revista buscava uma transformação social, uma reconstrução da nacionalidade, pois era um "órgão a serviço da Renascença Portuguesa", como se evidencia pelo subtítulo do periódico. Ainda em comparação com *A Águia*, observamos uma nuance diferente da abordagem nacionalista, que trataremos com detalhes, de forma mais oportuna, no capítulo referente ao periódico dirigido por Pascoaes. N*O Occidente*, uma teorização democrática daria a toante, principalmente por meio da internacionalização da cultura portuguesa e da coluna de Guilherme d'Azevedo, enquanto n*A Águia* existiria uma perspectiva de profunda reformulação "da alma" portuguesa, colada à uma ideia que flerta com o Integralismo.

> As ideias e os princípios por que se bateram, a mundividência que se estruturou a sua intervenção cívica, cultural, ética, e política continuam a balizar a nossa modernidade, sobretudo quando analisamos conceitos como os de <revolução> e de <europeísmo>. (MEDINA, 1999, p.08)

Esse pensamento toma volume, quando compreendemos de forma mais abrangente, levando em consideração o nacionalismo, já apontado, e a ligação íntima que a revista tinha com os intelectuais que participaram dela, conectados à Geração de 70, como Guilherme de Azevedo, Ramalho Ortigão e Jaime Batalha Reis. O objetivo de ambas era a transformação sócio-política da nação.

A grande questão era contrapor a revolução ao passado, do atraso em que Portugal estava para uma inovação que recolocaria o país "na Europa", o progresso técnico e a renovação social eram necessários e, para tanto, eles acreditavam que era prioritária uma reeducação da população, uma mudança na mentalidade da burguesia e da classe política. As revistas seriam os veículos disseminadores dessa nova mundivisão. Trata-se da *democraticidade educativa*. (MESQUITA, 2004). Foi essa geração que implantou novas políticas e trouxe ideias econômicas e culturais que preconizaram uma reforma na estrutura e no pensamento da burguesia lusitana. Marx, Engels, Proudhon e tantos outros reverberavam nas vozes dos jovens de 70.

Dessa geração, temos dois grandes exemplos de escritores, que utilizaram a imagem de Camões para ressignificar e criticar a realidade da época: Eça de Queirós, amigo íntimo de Antero de Quental e Ramalho Ortigão, que foi, inclusive, diretor da *Revista Renascença*, na qual colaborou Teófilo Braga, um dos 12 signatários das *Conferências Democráticas do Casino Lisbonense*, sociólogo, positivista e republicano, que se tornou o primeiro chefe de Estado em exercício durante o Governo Provisório da República, precedendo Manuel de Arriaga, que, após a Revolta de 14 de Maio de 1915, foi obrigado a renunciar, sendo também sucedido pelo próprio Teófilo em 29 de Maio de 1915. Ele, por sinal, foi um dos organizadores, ao lado de Ramalho Ortigão, do Tricentenário de Camões (1880), que comentaremos no item 1.5 da presente tese.

Há um forte aspecto ideológico aqui. A revista *O Occidente* claramente explicitou a sua verve positivista no prefácio do volume *Specimen*: "É preciso affirmal-o com documentos incontestáveis, que sejam reconhecidos nas chancelarias do progresso. Que provem termos saído da vida histórica, da tradição, para a existência

positiva dos fatos e das ideias contemporâneas”. (O OCCIDENTE, 1878, s/n). Como percebemos, a toante é o presente, que visa o progresso, superando o passado, representado pela tradição. E quem mais representativo para alegorizá-la, que o poeta de *Os Lusíadas*? Coerentemente, Eça de Queirós o utiliza para criar uma imagem dicotômica, que foi explicitada no prefácio em questão, entre o passado e o presente, quando, em *Os Maias* (1888), utiliza a estátua de Camões como representação do passado glorioso em contraposição ao presente contestável. Teófilo Braga teceu todo um pensamento filosófico em cima da imagem de Camões e de Portugal. Nesse capítulo, apenas nos é suficiente a ressalva, para que entendamos, por exemplo, o motivo pelo qual a revista, que apontou como objetivo sair da tradição para caminhar no presente positivista, dará tanto destaque àquele que justamente representaria o que ela não tem por objetivo incentivar: o passado, Camões, aquilo que está na tradição. Ela o faz primeiramente pela perspectiva crítica, como fez Eça de Queirós, pois a realidade do país se apresenta de forma pessimista e conturbada, as últimas décadas do século XIX foram significativas em Portugal; e ela o faz, em segundo lugar, por motivos cívicos, transformações importantes aconteceram antes da instauração da chamada Primeira República em 1910. A recomposição do *ethos* e a crítica ao presente, utilizando o passado (a figura e o tempo de Camões) como paradigma contrapositor.

As ideias políticas ferventavam as mentes dos intelectuais da época, dentre os quais estavam os integrantes da conhecida Geração de 70. Por um lado, havia a necessidade de recompor a *alma lusitana*, o seu *ethos* e, para isso, a imprensa teve papel importante. Por outro, a economia demonstrava-se arcaica e em decadência, como nos mostra o historiador Tengarrinha:

> Na economia, por seu turno, continuava a insistir-se nos produtos tradicionais – os cereais, o vinho, o azeite, a cortiça – com técnicas ultrapassadas e com formas de comercialização já de há muito exploradas. Não era fácil, por seu turno, conseguir uma modificação de mercados externos. E todo o comércio com o estrangeiro girava em torno das relações com a Grã-Bretanha e das facilidades, até de transporte, que aquele país proporcionava. O peso esmagador da Grã-Bretanha na vida portuguesa não se limitava, evidentemente, ao comércio externo nem à economia em geral. Por via deles condicionava toda a política externa – e, às vezes, até a interna – subordinando-se aos seus desejos, interesses e objetivos. Era impensável trilhar um caminho independente, afastado da aliança e da proteção britânicas, que assim se revelavam um pesado fator de estabilidade na diplomacia de Portugal. (TENGARRINHA, 2000, p. 286-87)

É nesse contexto histórico que se insere o periódico *O Occidente – Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878 – 1915). A revista começou apostando em ilustradores, os chamados grafadores, que representavam, por meio de imagens desenhadas, a história nacional, a arte, a arquitetura etc. Eles foram muito importantes, tanto é que dois dos principais investidores da revista foram Caetano Alberto da Silva e Manoel de Macedo, notórios ilustradores daquela época.

Outro aspecto importante na composição da nacionalidade portuguesa, facilmente identificável na literatura e com forte presença em ambas as revistas do nosso *corpus*, é o conceito de saudade. Desde Sá de Miranda, passando por Camões, Vieira, Manuel Alegre e Pessoa, a saudade se manifesta como um modo de ser, que conecta o homem português ao seu solo, à sua terra, à sua cultura. Portanto, ela ultrapassa o sentido de nostalgia pelo passado, entrando na perspectiva da formação do ethos. Já escreveu Clara Rocha em sua tese:

> A partida sempre foi um desejo e uma necessidade do português, equilibrada pela saudade do chão de origem. Muito se tem comentado e mesmo criado sobre estas duas forças opostas e complementares da nossa personalidade colectiva, desde a já clássica obra de Eduardo Lourenço O Labirinto da Saudade até ao trabalho musical do grupo de rock <Heróis do Mar>. É dessa saudade, entendida aqui não como nostalgia do passado, mas como nostalgia dum espaço de partida, que ainda hoje temos uma imagem viva quando, por exemplo, o emigrante português parte da grande cidade europeia ou americana para vir conhecer ou recordar a aldeia beirã ou trasmontana donde saiu ou donde saíram os seus antepassados. (ROCHA, 1985, p. 224)

É por essa perspectiva saudosista que a revista *O Occidente* procura preencher a demanda de uma cultura tipicamente portuguesa, ao mesmo tempo em que a leva para outros lugares, por meio da internacionalização do periódico. A revista deixa claro, já no prefácio, que ela

> (...) não *pretende rivalizar em magnificência com as publicações estrangeiras do mesmo gênero, deseja todavia ser portuguesa pelas forças que a hão de produzir, sendo, ao mesmo tempo universal pelo espírito que a há de dominar.* (O OCCIDENTE, 1877, p.01)

Isso se manifesta com clareza em vários momentos, já na primeira edição, como comprovamos pelos trechos que seguem, em que os cronistas retratam paisagens tipicamente portuguesas:

> (...) Eis um enterro: o carro mortuário, conduzido por um cocheiro coberto com um portentoso chapeu de general, vae ornado de vinhetas lacrimosas, cyprestes, mausoléus, tíbias em cruz. Um garoto não se desvia entretido com um grito, que conduz n'uma gaiola lilliputiana. – O grilo representa uma das paixões e uma das superstições do povo de Lisboa: vendem-se às centenas nos mercados, todos inquietos, cantando em grandes caixas, entre as folhas d'alface que lhes servem d'alimento. Há gaiolas d'um ou dois andares para um ou dois grilos: os operarios penduram-nas nas officinas, ou pregam-nas por cima da porta. // Mas a rua do Ouro, ou a da Prata, não é verdadeiramente a rua original de Lisboa. Em certos bairros aristocratas e menos frequentados, encontram-se casas revestidas exteriormente d'azulejo, com varandas gradeadas; em outros bairros, principalmente na cidade velha, agrupada em volta da cathedral, tropeça-se com o estilo arabe em toda a fealdade e selvageria. Ali abundam as vielas hediondas, as escadarias viçosas, os buracos prolongando-se na sombra e na miséria os farrapos cruéis, conjunctamente com interminaveis bandos de gatos amarelados, magros, sem orelhas. Este lado de Lisboa é muito triste, e como que para lhe completar o aspecto, um incidente lúgubre me esperava na vasta egreja de S. Vicente. Apenas entrei apontou-me um dos meus companheiros uma banca de pedra à direita. <Repare n'aquella boneca> disse-me elle. A boneca era uma creança morta. Parece que as mães pobres teem ainda o costume de expor os filhos mortos, para que sejam enterrados à custa de egreja. Fazem-se todas as diligências para o cohibir, mas se as tristes chegam com o pequenino cadaver occulto debaixo do capote, espreitam o momento em que a tudo está só e fogem depois. (O OCCIDENTE, 1878, p.7)

Ao descrever as ruas de Lisboa, o narrador traz ao leitor a imagem de um garoto, segurando uma gaiola com um grilo, o que seria uma cena típica para um lisboeta. Nós percebemos a intenção do autor e a consequente função da descrição, quando o narrador explica o motivo pelo qual aquele inseto é comum: o *grilo representa uma das paixões e uma das superstições do povo de Lisboa*. Essa informação não é relevante para um morador de Lisboa, visto que, segundo a informação da própria crônica, é algo corriqueiro, mas não é supérflua para quem leia esse texto em outras regiões ou em outros países. Tal preocupação, de tornar acessível o texto a quem não vive a realidade local, percorre boa parte das crônicas dessa edição. Observe que o narrador emplaca outra peculiaridade cultural logo após a dos grilos: a da *creança morta* que é exposta como se fosse uma boneca, a fim de que seja enterrada *à custa da egreja*. Aqui, além de uma descrição que revela um comportamento sócio-cultural, há uma crítica implícita: se uma família tem esse comportamento com uma filha, é porque a situação econômica dela não é suficientemente boa para que ofereçam um enterro digno.

É assim que a revista *O Occidente* faz a maior parte das críticas na literatura: de forma indireta, pela via da sugestão, utilizando a arte para revelar as mazelas do

povo português. Não é somente elogios que encontramos na revista. Observe esse outro trecho, agora do texto de Pinheiro Chagas, ainda na mesma edição:

> _ Ah! Ainda bem! Isso mostra o estado florescente da Hespanha. Estão altos os fundos, não? // _ Não! A Hespanha é possível que faça o que deve, mas com toda a certeza, deve o que faz e nem ao menos dá bilhetes gratuitos de ida e de volta aos possuidores de fundos hespanhoes, para irem vêr em Madrid, nos fogos de artifício, arder o seu dinheiro. // _ É singular. E Portugal? // Uma rajada de ar frio penetrou pela fisga de uma porta, e o ano de 1877 foi salteiado por um longo acesso de tosse. Ainda ele tossia, quando o relógio do tempo deu meia noite. 1877 desapareceu por um alçapão, e 1878, pálido e atrapalhado, fez a sua entrada na cena do mundo. (O OCCIDENTE, 1878, p.3)

É digno de nota a forma como Chagas infere um mau tempo na passagem de 1877 para 1878. De forma poética, ele compara as atitudes do governo espanhol ao português, sem, no entanto, revelar explicitamente quais eram. Ele deixa a cargo da fria rajada de vento, que impõe o silêncio, a falta da resposta, e a tosse que finda o ciclo e prenuncia o próximo, *pálido e atrapalhado*.

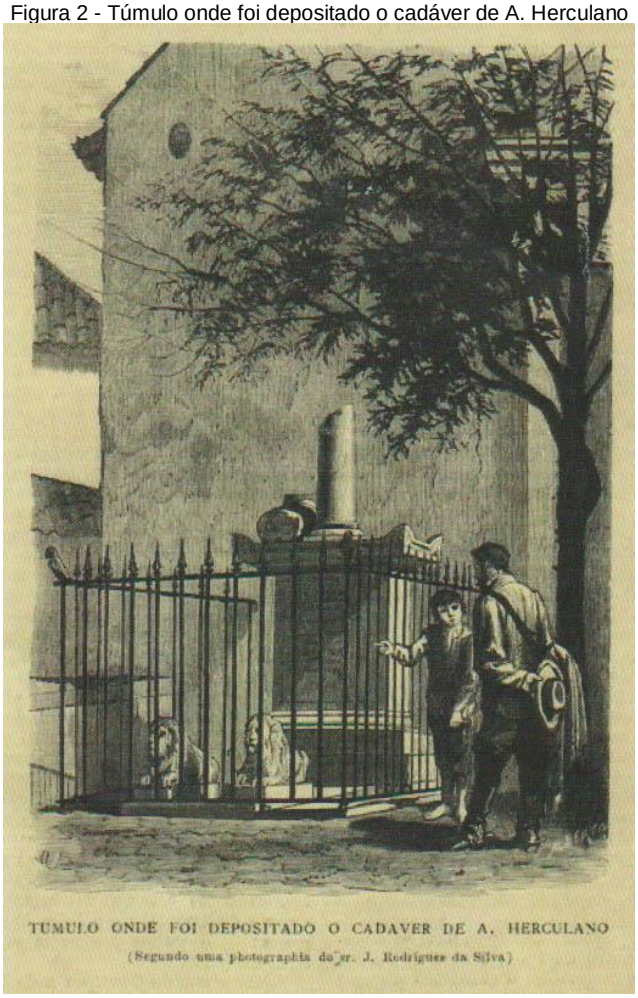
Citamos os trechos acima para comprovar as nossas postulações: a construção da nacionalidade também por meio da crítica social. Como se demonstrou, a descrição, dentro das crônicas, foi além da mera ornamentação, ela, além de revelar aspectos da vida daquela sociedade, trouxe à tona também a perspectiva crítica. A revista não ignora a realidade a fim de construir um sentimento ufanista, até mesmo quando ela utiliza a figura icônica de Camões, como observamos no trecho a seguir, para criticar o descaso que os portugueses têm com os seus símbolos nacionais. Tal como aconteceu com o autor *dOs Lusíadas,* que morreu na miséria e alcançou a glória no *post mortem*, somente por uma obra registrada, como Antonio Ennes escreveu, uma *collecção* garantiria a adequada memória do ilustre Herculano, pois a indiferença pública a jogaria no esquecimento:

> Há mais de tres mezes que publica, que Alexandre Herculano trocou o seu primeiro jazigo, Valle de Lobos, pelo mais cerrado e humilde da Azoia, e a indifferença publica, que ele requestou vivo, ainda não ousou guardar-lhe o nome n'esse arquivo, verdadeiro limbo, das glorias nacionais, que os portugueses não mostram conhecer senão quando o inculcam, mais por jactância do que estimação consciente, a algum visitador estrangeiro. Ainda se fala d'elle; por exceção arrefeceu mais depressa o seu cadáver do que as lagrimas que o banharam: o luto excedeu o prazo da pragmática do self-respect; porfia-se em disputar o grande homem no silencio e aniquilamento da morte, retratam-n'o os lápis e buris, os biógrafos refazem-lhe a vida, os críticos desprendem-lhe a alma dos livros, e d'este lavor da admiração e da saude vae felizmente surdindo um monumento, o único digno d'elle. Os monumentos consagrados ao gênio devem ser feitos do espírito. O mais

> crescido e perdurável pedestal de Camões é a collecção camoniana. O estudo dos pôsteres sobre os escriptos e os feitos dos varões ilustres é o que os conserva vivos e alevantados das suas cinzas. Não deixemos, pois, nós, discípulos, parar a vida póstuma que começou para o mestre, suspender-se a obra do templo que lhe vae crescendo sobre a sepultura. (O OCCIDENTE, 1878, p.2)

Preservar a memória faz parte da reconstrução do *ethos* e a revista trabalha com essa questão já desde a primeira crônica, da qual foi retirado o excerto acima. Para reforçar, temos ainda, dentro do texto de Guilherme d'Azevedo, uma imagem produzida especialmente para visualizar o local em que existe o túmulo de Alexandre Herculano (O OCCIDENTE, 1878, p. 08).

Figura 2 - Túmulo onde foi depositado o cadáver de A. Herculano



Fonte: *O Occidente*, 1º. Anno, Volume I, n.1, p.08

1.4 Iberismo e alteridade: a internacionalização da revista

> *"Este sentimento de fragilidade ôntica relativo à existência pátria durante todo o século XIX, a consciência de uma permanente ameaça, atingiram proporções que hoje nos parecem absurdas, descabeladas (românticas, no sentido desorbitado da expressão), mas as suas ondas de choque vão contaminar quase todas as grandes manifestações literárias capitais do século, de Garrett a Pascoaes, passando pelo poema antiespanhol em primeiro grau de Tomás Ribeiro, até à Catástrofe do nosso ironista-mor que nela abdicou de toda ironia... Nesta estrutura de pânico anímico se inscrevem autores tão diversos como Garrett, Herculano, Antero, Eça, Oliveira Martins, mas igualmente Nobre, Junqueiro, Sampaio Bruno".*
>
> *(Eduardo Lourenço)*

Ao lado da questão nacionalista e intrinsecamente relacionado a ela, a ponto do conceito ser tomado como uma expressão do próprio nacionalismo (Hipólito de la Torre Gomez), o Iberismo teve amplitude significativa na política, "uma reflexão acerca do percurso histórico nacional, do carácter dos Portugueses e dos recursos e dificuldades que Portugal enfrentou na segunda metade do século XIX" (MATOS, 2007).

Assim o definimos, em sua acepção geral:

> (...) aspiração à integração às nações peninsulares numa unidade política e econômica mais vasta, ibérica, sob a forma unitária federal, monárquica ou republicana. Mas, para além da dimensão política, existe um iberismo cultural – o propósito da aproximação entre as tão diversas culturas ibéricas – e um iberismo que sustentou tão só a vantagem de incentivar as relações econômicas entre Portugal e Espanha. A apologia da supressão das tarifas alfandegárias nos intercâmbios comerciais entre os dois países, numa atitude livre-cambista, marcou a posição de alguns iberistas. E a defesa da aliança entre os estados peninsulares andou, não raro, a par de uma posição crítica em relação à tradicional aliança luso-britânica. (MATOS, 2007, p. 170)

A situação na Europa, por volta de 1860, era essa: com o advento da Revolução Industrial, o Noroeste do continente foi modernizado, por meio de ferrovias,

principalmente, que melhoraram o escoamento das mercadorias, intercâmbio de pessoas e, com isso, de culturas e tecnologias, auxiliada pela navegação e pelo telégrafo. A Itália e a Alemanha começaram a se unificar e antigos poderes regionais deixaram de existir. O processo de construção dos países europeus, como as nações que hoje conhecemos, estava em pleno curso. Inclusive, as movimentações na Europa repercutiram para fora dela. Portugal e Espanha foram particularmente afetados, pois várias nações sul-americanas, que, à época, eram colônias, deram voz aos insurgentes, proclamando-se independentes, já desde o começo daquele século, agravando a situação econômica da Ibéria. Ao lado disso, Inglaterra e França eram vistas como potências, o que ajudou na divulgação dessa consciência a favor do iberismo, pois era necessário retirar as nações da situação de fragilidade e coloca-las em nível de competição: a unificação teoricamente seria um caminho.

Dissemos que havia estudiosos que acreditavam que o iberismo seria uma forma de nacionalismo, no entanto, nós não pactuamos com ela. Uma vez que, em nossa tese, estamos analisando a questão do *ethos* português e a importância de Camões e das revistas de nosso *corpus* na construção dele, seria incongruente pensarmos que a unificação de Portugal e Espanha teria um caráter nacionalista, pelo contrário, ela, ao aproximar econômica e politicamente esses países, destituiria parte desse *ethos*.

O periódico *O Occidente - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1909)*, como já observamos no prefácio da edição *Specimen*, tinha como orientação a internacionalização da cultura portuguesa, exprimindo o espírito público nacional em caráter de “interesse publico”. Ou seja, a questão não é ibérica.

Não foi à toa que um de seus grandes colaboradores, Pinheiro Chagas, tornou-se o primeiro a postular negativamente o termo “Ibéria”.

> Posteriormente (1879), Pinheiro Chagas fixou pela primeira vez num dicionário o nome Ibéria num sentido negativo, identificando-o com uma utopia partidária “que só tem adeptos em Espanha e que desejaria que os dois povos da península hispânica se fundissem numa só nação com este nome de Ibéria”. Pinheiro Chagas estava longe de ser rigoroso: de facto, por essa época, o iberismo ainda tinha alguns adeptos em Portugal, sobretudo simpatizantes do federalismo. A ideia destes não era, de todo em todo, a de fundir numa só as nações peninsulares. Ao invés, pretendiam precisamente a afirmação da nação portuguesa no contexto das outras nações peninsulares (Catalunha, País Basco, Galiza, Castela), como meio de resistência em relação a uma possível absorção hispânica. Alguns acreditavam até que Portugal tinha a missão histórica de ser a nação hegemônica no seio da futura federação ibérica (caso de Horácio Esk Ferrari e de Teófilo Braga). Quase três décadas depois dos intensos debates da

> chamada questão ibérica, o nome Ibéria e o adjectivo ibérico continuavam a ser registrados de um modo parcial, para fins de propaganda política. (MATOS, 2007, p. 172)

Teófilo Braga era um adepto do federalismo republicano (que acabou por acontecer em 1910). Para ele, o iberismo significaria a absorção de Portugal pela Espanha, transformando-o em uma espécie de província e condicionando o *ethos* português ao do país vizinho. Assim, pensar em iberismo seria pensar em traição à pátria. Foi justamente nesse sentido que, segundo Matos, Oliveira Martins e Antero de Quental foram acusados de iberistas por conta de um artigo publicado em 1875 na *Revista Ocidental*, sendo que, no caso do primeiro, nitidamente ocorreu um equívoco, pois Oliveira Martins pregou um Portugal independente e que caminhasse para o futuro, criticando de forma ácida o saudosismo improdutivo e a realeza ultrapassada, como podemos claramente evidenciar em um dos textos que analisaremos em 1.5 – Tricentenário de Camões, intitulado *Camões e D. Sebastião* (O OCCIDENTE, 1880, p. 98-99). O que acontece é que Martins filosofou sobre a "civilização ibérica", fazendo apologia a uma unidade espiritual da Ibéria, por meio de uma federação em escala peninsular, no entanto, era evidente em seu pensamento a separação dos dois países. Fernando Pessoa, mais tarde, resgatou o conceito de ibericidade do historiador e vale a pena lembrar que esse aspecto existiu também no pensamento de Antonio Sergio (PESSOA, 1980, p. 159-95). Antero, por outro lado, realmente chegou a pleitear a negação da nacionalidade em prol de "uma utopia iberista":

> Ambos chegaram de fato a simpatizar com um republicanismo federal. Antero traçava um diagnóstico muito negativo da situação portuguesa da Regeneração, adoptando uma retórica em que abundavam as imagens de uma nação decadente e moribunda. Entusiasmado com a revolução espanhola de 1868, em nome de um ideal democrático e republicano-federalista, proclamou até que se devia renegar a nacionalidade (esta não passaria dum instrumento dos poderosos, um "obstáculo desgraçado, resto das hostilidades fatais de séculos bárbaros"). A sua adesão à utopia iberista duraria largos anos: numa carta ao seu tradutor alemão (Wilhelm Storck), em 1887, diria "era uma grande ilusão, da qual, porém, desisti [...] à força de golpes brutais e repetidos da experiência. Tanto custa a corrigir um certo falso idealismo nas coisas da sociedade". (MATOS, 2007, p. 174)

Apesar das semelhanças culturais entre os povos da Península Ibérica e do discurso iberista que existia por parte de alguns intelectuais da época, isso não foi suficiente para abalar as vozes que tentavam reconstruir o nacionalismo português, uma vez que as grandes transformações pelas quais passava o país durante o século

XIX, tais como as revoluções liberais e a Revolução Industrial, exigiam essa revisitação étnica.

Ambos os periódicos, que estudamos, trouxeram a questão da fundamentação do *ethos* português, passando pelo nacionalismo e, nessa construção, utilizaram o pensamento camoniano. A tese de Pascoaes, o Saudosismo Metafísico, aproxima-se da ideia de Antonio Sardinha, proeminente político e historiador da primeira República, que afirmou: “Sem raça, nem território e de psicologia coletiva: Por que é que vivemos? Não somos mais que um improviso – somos apenas erro das circunstâncias” (SARDINHA, 1916, p. 28). As ideias do território (geografia) e da raça estão presentes em ambos, sendo que Sardinha é comumente conhecido como um teórico do Integralismo Lusitano, que principiou os ideários fascistas-catedráticos do Estado Novo (1933-1974).

Ao lado de *Arquivo Popular, Museu Pitoresco* e *Revista Universal Lisbonense*, a revista *O Occidente* inseriu-se no contexto da democratização de Portugal como um “veículo de civilização”. Essa ideologia, como explicitada no prefácio, significava “ser portuguesa pelas forças que a hão de produzir, sendo ao mesmo tempo universal pelo espírito que a há de dominar” (O OCCIDENTE, *Specimen*, 1878, p. 04). Civilizar compreende, portanto, ser portuguesa – revisitar e reconstruir o *ethos*.

Desde a sua fundação com Guilherme d’Azevedo, as gravuras, construídas por Caetano Alberto e os desenhos de Manuel de Macedo, principais nomes do ateliê do periódico, eram acompanhadas de textos de alto nível, não somente dos cronistas (Guilherme de Azevedo, Gervasio Lopes, João da Câmara, João Prudêncio, Antônio Cobeira), como também de vários colaboradores, cujos pensamentos eram formadores de opinião: Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Antonio Ennes, Teófilo Braga, dentre outros. Não é necessário muito esforço para perceber que boa parte do pensamento, vinculado nela, tinha origem socialista e revolucionária, calcada na Geração de 70. Inclusive, o próprio Azevedo defendera a Comuna de Paris e a ideologia universalizante, que tinha na colonização de África um forte argumento, durante o Tricentenário de Camões, convencido pelos republicanos de que o tempo da Monarquia estava no fim. Em agosto desse ano, antes de se afastar da direção, ele lamentou o isolamento de Antero, Teófilo e Junqueiro. A Revolução nunca veio.

A revista, por meio dos seus articulistas, divulgava o discurso nacionalista, colonialista e eurocêntrico, “celebrando o facto de Portugal ter entrado no grande

movimento científico, artístico e industrial da Europa trabalhadora, agitada e laboriosa" (SANTOS, 2009, p.40), defendendo o sistema liberal e parlamentar e os heróis do liberalismo, que apoiavam D. Pedro Saldanha, considerado uma das referências militares no continente. O discurso nacionalista, por vezes, destoa da ideia dos Federalistas, que pretendiam uma espécie de supra-nação, trocando a pátria portuguesa por uma Ibéria.

> O iberismo e o federalismo, correntes doutrinárias intrínsecas ao debate europeu, estão presentes com intensidade variável nas tendências democráticas portuguesas da segunda metade do século XIX. Depois da união dos dois Estados, o projecto sustentado pelos democráticos incluía a Federação Universal, pelo aumento do cosmopolitismo e abolição das pátrias. Como refere Antônio Martins da Silva, diversos autores oitocentistas reflectiram sobre a situação e o destino da Europa e projetaram soluções para o reequilíbrio e a inserção dos povos peninsulares numa nova moldura geoestratégica europeia, das quais se destaca a defesa da União Ibérica pela via do federalismo, como etapa preliminar ou como exemplo ou forma de associação a seguir para outras nações e conjuntos histórico-culturais e geopolíticos. (SANTOS, 2009, p. 40)

Se lêssemos anacronicamente, perceberíamos até a ideia de globalização dentro dessa Federação Universal. O sentido da abolição de pátria contraria frontalmente o nacionalismo e isso se refletia nas páginas do *Occidente*. Se, por um lado, articulavam-se posições a favor do iberismo, afastando o medo da anexação sob o pretexto de sanar a crise político-econômica da península, por outro, o periódico argumentava que tal ideologia favorecia a Espanha, era expressão de seu imperialismo e desejo de usurpação das terras portuguesas (SANTOS, 2009, p.41).

Essa questão territorial teve particular importância na década de 90 por conta do ultimato inglês. Em janeiro de 1890, o ministro Lord Salisburg entregou ao Governo Português um documento, que exigia a retirada das forças militares, chefiadas por Serpa Pinto, do território entre Moçambique e Angola. Como já postulamos, o discurso colonialista fez parte da apologia republicana, que encontrava ressonância no *Occidente.* Obviamente, ao ceder às exigências britânicas, o governo do rei D. Carlos I foi duramente criticado, perdendo apoio e caindo. Serpa foi nomeado ministro. A título de curiosidade, esse episódio histórico serviu de inspiração para o hino nacional português e foi a partir dele que se desencadearam os acontecimentos que levariam à derrocada da Monarquia e instauração da República em 1910. A questão de África ainda repercutiu durante o Salazarismo, somente se desfazendo, a muito custo, pela

política dos três “D”s – desenvolver, democratizar, descolonizar – quase um século depois na Revolução dos Cravos (1974).

Observe como o periódico se posicionou em sua coluna crítica pela pena de Gervásio Lobato:

> Tem continuado felizmente com o mesmo enthusiasmo e com a mesma perseverança o movimento de reacção contra a Inglaterra, de rejuvenescimento do grande sentimento da Pátria. // As manifestações ruidosas das ruas terminaram e era bem que terminassem; o seu papel estava acabado. // Em resposta ao insulto do ultimatum o paiz ergueu-se em massa e protestou: como era do seu direito, como era do seu dever. // Agora depois desse prottesto, o paiz calou-se e passou a trabalhar: passou das palavras às acções, e é preciso, é necessário que trabalhe muito, e bem, sem tréguas na restauração de todas as suas forças, nos preparativos da sua defesa, para estar precavido contra as futuras surprezas da política colonial da Inglaterra e de qualquer outra nação para estar preparada não a ir-se metter em aventuras, a ir combater na casa alheia, mas a defender a sua casa, a fazer respeitar o seu direito. (O OCCIDENTE, n.400, p.5, 1890)

É inevitável recuperarmos aqui o discurso camoniano, particularmente na fala do Velho do Restelo, quando ele faz as mesmas críticas à política expansionista (também colonizadora), não por ela em si, mas pelo exato fato de despovoar Portugal e o fazer vulnerável em sua própria casa, buscando aventuras e guerreando em terras alheias.

> 101
> Deixais criar às portas o inimigo,
> Por ires buscar outro de tão longe,
> Por quem se despovoe o reino antigo,
> Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
> Buscas o incerto e incógnito perigo
> Porque a fama te exalte e te lisonje
> Chamando-te senhor, com larga cópia,
> Da Índia, Pérsia, Arábia e Etiópia.
> (CAMÕES, 1980, p.315)

Mais adiante, encontramos esse interessante posicionamento:

> Aquelles são cegos, porque as paixões partidárias lhes obsecam a vista; estes são cegos porque a indiferença lhes fecha os olhos, e francamente não é com essas cegueiras que um paiz se governa, que uma nação prospera, que um povo engrandece, que uma nacionalidade se affirma. // Dado este nosso modo de ser que ninguém pode contestar, o resultado não podia deixar de ser esse a que chegamos. // Do paiz ninguém trata: os políticos tratam do seu partido, os indiferentes tratam da sua vida particular; os políticos dizem de todos – “Tão bons são uns como os outros” – e por uma indolência muito peninsular, muito nossa, não tratam de fazer vingar uns que sejam melhores, e vão deixando correr o marfim, e vão cuidando apenas de chegar a brasa à sua sardinha. // Chegar a brasa à sua sardinha é há muitos annos o lemma da nossa vida política. // Cada qual trata de si, ou individualmente como

> homem, ou colletivamente como partido: - da pátria é que ninguém tem tratado. (O OCCIDENTE, n.400, p.5, 1890)

Ao lermos tal pensamento, não há como negarmos que o país estava em reconstrução, a qual passava pela busca da identidade por meio da nacionalidade ("não é com essas cegueiras que um paiz se governa, que uma nação prospera, que um povo engrandece, que uma nacionalidade se afirma"), sendo essa questão agora uma das principais. E explicita bem qual política a revista apoia: republicana, sim, mas não com os políticos que estão se aproveitando disso por motivos pessoais. Sob essa ótica, a orientação política daqueles que deixavam de lado os interesses da nação pelos próprios eram consideradas apátridas.

No começo dessa década, como parte da política de internacionalização da economia portuguesa, houve o tratado de simplificação aduaneira entre Portugal e Espanha, que, para boa parte da imprensa, traria benefícios para ambos, assim como uma aproximação política. (SANTOS, 2009, p.43) No entanto, *O Occidente* não acreditava em uma aproximação, não pactuava com o rompimento das fronteiras, mas aceitava mudanças legais que promovessem o comércio.

Por meio da coluna *Revista Política*, escrita por João Verdades, um pseudônimo de Alfredo de Mesquita Pimentel, diretor literário da publicação, bem como redator do *Jornal do Comércio* e do *Diário de Notícias*, escritor, diplomata e aristocrata, encontramos a orientação do periódico, escrita em 1893, ou seja, já quando Verdades era maçom:

> Effectivamente é das coisas mais difíceis uma nação atrasada celebrar tratados de commercio com quaisquer potências que não sejam Marrocos ou Quejandas, porque não há equivalências possíveis para equilibrar a reciprocidade de concessões, e n'estes casos ou não se podem celebrar tratados, ou a balança há de forçosamente pender para um dos lados. // Alcançar vantagens para as industrias mais importantes do paiz, em troca de outras vantagens concedidas à nação com que se trata e que não nos possam prejudicar em absoluto, eis toda a sciencia d'estes negócios, sciencia que não é fácil. // Ora é justamente isto que se teve em vista no tratado agora celebrado com a nação visinha. // Quanto ao Zolverin em que se fallou, notícia publicada em alguns jornaes portugueses, não passou de pura invenção de quem tem maiores olhos que barriga, sendo muito possível que isso fosse o desejo dos nossos visinhos, pelas suas velhas aspirações a que a comunidade portugueza e a comunidade hespanhola seja uma só. // Mas não pode ser. "Amigos amigos negócios à parte", é coisa muito sabida. Assim ficamos todos muito melhor, com a necessária independência das nossas alfandegas e sem complicações de contas. (O OCCIDENTE, n. 515, p.88, 1893)

O espaço, em que observamos os posicionamentos políticos da revista, como esses que apresentamos até agora, é chamado *Chronica Occidental*.

1.5 *Chronica Occidental*, o território crítico de Guilherme d'Azevedo

> *"Meu amigo, este livro parece-me um pouco do nosso tempo. Sorrindo ou combatendo, fala da Humanidade e da Justiça, inspirando-se no mundo que nos rodeia".*
> *(Guilherme d'Azevedo)*

Ao estudarmos *O Occidente*, percebemos que é uma revista diversificada, que atinge públicos de gostos distintos, divulgando conteúdos que vão da ciência às artes, da política ao entretenimento. Dentro das 08 páginas que compunham o periódico (edições normais), assuntos sobre economia e comércio, artes, história, questões sociais e arquitetônicas, estudos científicos, apresentações de novidades da modernidade, como o telefone, até mesmo eventos de incursão em África, das "expedições de caráter geográfico" e "enigmas" (jogos) tinham espaço. Toda essa vasta gama de assuntos, muito bem escrita e acompanhada de fotos e ilustrações de impecável valor estético, era um dos pontos fortes e diferenciais da revista, diga-se de passagem. Dentro do espaço crítico, o principal chamava-se *Chronica Occidental*. Por meio dela, conseguimos verificar a ideologia federalista e conservadora do periódico, particularmente depois da saída de Guilherme de Azevedo, por exemplo. (SANTOS, 2009, p. 85)

Assumiram como cronistas os diretores literários, a saber: Guilherme de Azevedo (1872-1880); Gervásio Lobato (1880-1895); João da Câmara (1895-1907); Alfredo de Mesquita/João Prudêncio – pseudônimo (1908-1912) e Antonio Cobeira (1913-1915).

Observando a indexação (Anexo 1), percebemos que a produção de peso foi a do Tricentenário na coluna *Chronica Occidental*, a qual ficou sob a responsabilidade de Guilherme Avelino de Azevedo Chaves, o então diretor do periódico, que era natural de Santarém, nasceu em 30 de novembro de 1839, filho de Felício José Chaves, funcionário público, frequentou o Liceu, onde concluiu o curso de Humanidades em 1864. A partir de então, começou a carreira literária e jornalística.

Em 1865, publicou textos na *Revolução de Setembro*, dirigida por Júlio César Machado; em 1867, edita *Aparições*; em 1871, fundou, em Santarém, o jornal *O Alfageme – Publicações de Radiações da Noite*; em 1872, fundou o *Espectro de Juvenal* e, em 1874, publicou *Alma Nova*, obra que dedicou a Antero de Quental; em

1875, quando se mudou para Lisboa, começou a colaborar com os periódicos *Lanterna Mágica*, *Gazeta do Dia* e *Diário da Manhã*. Em 1878, assumiu a direção d*O Occidente*, criando a coluna *Chronica Occidental*, na qual escreveu até se mudar para Paris em 1880.

O apelido Diabo Coxo, que ao mesmo tempo se referia a uma deficiência física, oriunda de uma doença de infância, a qual, inclusive, acabou por ser a causa de seu falecimento, e ao seu "espírito satânico", veio por conta das crônicas satíricas que ele escreveu no jornal que fundou em Santarém, O *Alfageme*, durante a sua curta existência, de 06 de Agosto de 1871 a 19 de Outubro do mesmo ano. Foi ali que ele teceu elogios à Comuna de Paris e à Insurreição, composta por socialistas e operários, custando-lhe a retaliação por parte da burguesia portuguesa, por meio do cancelamento das assinaturas que mantinham o *Alfageme*, o que ocasionou a falência dele. Esse fato praticamente isolou Azevedo em Santarém, mas abriu caminho para a aceitação dele pelos escritores da Geração de 70. Nessa época, em torno dos seus 35 anos, por uma imposição do pai, ele trabalhava como escrivão da Fazenda, cargo herdado do seu genitor. Esse fato colaborou para que ele pedisse demissão do emprego e, com as economias conseguidas, empreendesse sua carreira de escritor, mudando-se para Lisboa, cidade na qual, ao lado de ícones como Antero de Quental (sua principal fonte inspiradora), Oliveira Martins, Eça de Queirós, Adolfo Coelho, Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão, dentre outros, participaria, anos depois, do seleto Grupo Cultural do Cenáculo, responsável pelas famosas Conferências do Casino.

Esse breve relato da trajetória do primeiro editor d*O Occidente* é suficiente para que percebamos os motivos pelos quais ele foi escolhido: sobrava-lhe experiência na área, apesar do pouco tempo de suas empreitas, e sua verve crítico-satírica seria um diferencial para esta empresa inovadora. Inclusive, foi Azevedo quem nomeou a revista e criou a coluna sobre a qual escrevemos nesse capítulo. Ele esteve ligado à Geração e, tal como Antero de Quental, era um defensor da Comuna de Paris, o que deixou evidente em várias crônicas.

> Os dois primeiros anos do periódico são marcados pela presença de Guilherme de Azevedo (1840-1882). Poeta e jornalista, perfeitamente a par do movimento intelectual da chamada geração de 70, discípulo de Antero e um dos participantes do Cenáculo. Segundo Maria das Graças Moreira de Sá, "deste convívio resultou a renovação as suas leituras, o conhecimento das ideias caracterizadoras do momento histórico que então se vivia e a

> preocupação com a transformação social, moral e política dos povos". O verniz de civilização possibilitado pelo liberalismo escondia o verdadeiro Portugal: conservador, pouco desenvolvido, a evoluir lentamente na periferia da Europa como a vizinha Espanha. Mas, esta era uma época em que a imprensa assumia ainda um caráter literário e doutrinal e se reconheciam os poetas como agentes dinâmicos das transformações sociais. Guilherme de Azevedo era conhecido pelo seu lirismo social e democrático. Defensor da Comuna de Paris (1871) talvez, por isso, tivesse preferência pelo socialismo como uma das vias da Revolução social. O seu espírito "revolucionário e combativo" rapidamente o torna o cronista mais popular de Lisboa. De bigode curto e negro, o diabo coxo, alcunha retirada da obra de Lesage, agitava com as suas críticas um país estagnado, uma sociedade tradicionalista, esquecida das promessas liberais de 1820, entorpecida pelo estafado rotativismo político e quase invisível para a Europa. (SANTOS, 2009, p.31)

Azevedo, segundo a historiadora Alda Santos, "defendia a transformação social, moral e política do país através da crítica e do debate democrático de ideias" (SANTOS, 2009, p.32). E foram muitos debates por parte dele. Só nessa revista e na coluna abordada nesse capítulo da nossa tese, foram 64 textos públicos de janeiro de 1878 a agosto de 1880 – muitos deles como uma extensão do pensamento de 70, no qual ele se encontrava intelectualmente. Azevedo não poupava a sociedade lisboeta, o clero e tão menos os políticos – e sua monarquia constitucional. Ele usava o espaço de forma combativa, exercendo o jornalismo engajado.

> (...) Atento à mutação da sociedade europeia e inconformado com a aparente imobilidade do país, Guilherme de Azevedo assumia na provocação do discurso a sua faceta de revolucionário. Ideologicamente, não escondia o seu apoio aos ideais democráticos de 1822 reiterando críticas à Carta Constitucional e assumindo uma postura anticlerical. Defendia que a regeneração de Portugal passava pela aproximação aos modelos políticos e culturais europeus e o progresso só poderia ser alcançado através de um regime mais livre e democrático. (SANTOS, 2009, p.32)

A democracia era a ideologia de Azevedo que, como podemos verificar pelo pensamento acima, seguia a linha dos maçons e dos republicanos, os quais defendiam a europeização de Portugal por meio da internacionalização do país. O que é interessante observar, pois ele foi um notório socialista e defensor da Comuna de Paris. No entanto, é inegável a sua posição na *Chronica Occidental*. Tal europeização passa necessariamente por França, país que ele próprio considerava como modelo de civilização e no qual veio a falecer. No entanto, ele não fechava os olhos para o aspecto negativo da influência estrangeira que, em alguns casos, significaria aculturação, o que violaria frontalmente os princípios do Renascimento. Em alguns casos, significaria uma servidão desnecessária àquele país.

Em 1880, Azevedo deixou a coluna para residir em Paris e quem assumiu foi Gervásio Lobato. Curiosamente, isso aconteceu no ano do Tricentenário de Camões e, assim que ela saiu de sua responsabilidade, nenhuma crítica daquele ano, que trazia problematizações sobre as comemorações, foi publicada.

A seguir, analisaremos os textos do Tricentenário de Camões, nos quais existem vários escritos pela pena dele, na coluna que ele criou.

1.6 Tricentenário de Camões

Falar do Tricentenário de Morte de Camões sem falar da participação e intenção de Teófilo Braga é inócuo. Ele foi um dos principais promotores do evento, que aconteceu em Lisboa no dia 10 de junho de 1880. Foi Teófilo quem articulou a Comissão Executiva, organizada pelo jornalista Latino Coelho[14], e conseguiu apoio do deputado governista, Simões Dias[15], o qual apresentou o projeto para que a festividade tivesse caráter oficial e nacional.

A ascensão das ideias republicanas acontecia, inclusive, a comissão citada no parágrafo anterior, era majoritariamente composta de republicanos, exceto por Pinheiro Chagas[16], monarquista, que era um dos colaboradores d*O Occidente*.

O programa foi idealizado por Ramalho Ortigão, que basicamente constituiu na encenação das conquistas portuguesas (BRAGA, 1982, p. 419). O Diário de Notícias registrou os foguetes, os navios do cotejo no Tejo e cerca de 150 mil pessoas (o que, para a população da época, era um número alto). Levando em consideração esse fator, o evento foi um achado publicitário para a divulgação da ideologia republicana, usando a figura de Camões. Assim comenta Carlos Cunha, da Universidade do Minho:

> O Camões das comemorações, mantendo a mitologia romântica, aparece com uma carga ideológica muito forte, que faz emergir o lado épico da história pátria para melhor acentuar o contraste com a decadência do presente, o que

[14] "Militar, professor, jornalista, crítico, historiador e romancista, José Latino Coelho, personagem versátil do Romantismo português, nasceu a 29 de novembro de 1825, em Lisboa, oriundo de uma família de militares. Com apenas dezanove anos, conquistou uma cátedra na Escola Politécnica de Lisboa (Mineralogia e Geologia). Começou por destacar-se como historiógrafo, publicando entre 1874 e 1891 os três volumes da História Política e Militar de Portugal desde os Fins do XVIII Século até 1814, seguidos de uma série de biografias históricas, como as de Luís de Camões (1884) e Vasco da Gama (1884). O seu principal legado para a história literária situa-se no âmbito da crítica, tendo deixado uma imensa colaboração repartida por periódicos como O Panorama (1837-1868), A Época (1848-1849), Revista Contemporânea de Portugal e Brasil (1859-1865), Artes e Letras (1872-1875) e A Semana (1850-1852), de que foi fundador. Neste jornal apontou novos rumos para o Partido Regenerador, ao qual esteve ligado por muito tempo. Foi-lhe atribuída a categoria de Par do Reino e, em 1868, o Marquês de Sá da Bandeira convidou-o para integrar o ministério, empossando a pasta da Marinha e Ultramar. A sua ação ficou marcada pelo decreto de 23 de fevereiro de 1869, que promulgou a supressão da escravatura em todos os territórios portugueses. Depois desta passagem pelo poder, Latino Coelho ainda se distinguiu no ataque ao governo do duque de Ávila. Acabou por se afastar progressivamente da política, tendo abandonado o Partido Regenerador e começado a dedicar-se à escrita, ao ensino e às funções de secretário perpétuo da Academia das Ciências de Lisboa. Ainda que com reduzido protagonismo, chegou a filiar-se no Partido Republicano nascente. Faleceu em Sintra, a 29 de agosto de 1891. Muita da sua atividade crítica e de teorização literária viria a ser recolhida nos volumes póstumos Garrett e Castilho (1917), Arte e Natureza (1923) e Literatura e História (1925), da mesma forma que a colaboração dispersa pela imprensa não literária deu origem à antologia Tipos Nacionais (1919)". (Fonte: Infopedia - Editora Porto)

[15] Foi ele quem primeiramente propôs que o dia 10 de Junho se tornasse o "dia de gala nacional" em 1879. (Fonte: http://www.benfeita.net/ebooks/fgesso/bio.htm)

[16] "Escritor português nascido a 12 de novembro de 1842, em Lisboa, e falecido a 8 de abril de 1895, na mesma cidade, Manuel Joaquim Pinheiro Chagas foi também um célebre polígrafo da segunda metade do século XIX, jornalista, poeta, novelista, historiador, dramaturgo, crítico literário e tradutor (de Ponson du Terrail, Alexandre Dumas, Octave Feuillet, Alfred de Vigny e Jules Verne, entre outros autores). Interessou-se pela política, tendo-se notabilizado como orador e tendo exercido os cargos de deputado pelo Partido Regenerador e de ministro da Marinha, em 1883. Ocupou, entre várias funções, o cargo de professor no Curso Superior de Letras, para o qual concorreu com Teófilo Braga. Em 1865, publicou o *Poema da Mocidade*, cujo posfácio, assinado por António Feliciano de Castilho, seu amigo, viria a suscitar a Questão Coimbrã, na qual Pinheiro Chagas tomou parte, com o opúsculo *Bom senso e bom gosto*. (...) Pinheiro Chagas deixou-nos livros magníficos, onde demonstra as suas imensas faculdades intelectuais, de entre os quais ressaltam títulos como *A Flor Seca*, *Os Guerrilheiros da Morte*, *O Terramoto de Lisboa* e *A Mantilha de Beatriz*". (Fonte: Infopedia - Editora Porto)

> o *Ultimatum* e a questão colonial (*the scramble for Africa*) vieram reforçar. É que o Camões das comemorações aparece, nas palavras de Teófilo Braga, "symbolizando todas as aspirações da nacionalidade portugueza, as suas glorias e os seus desastres". (1880:16) Transforma-se assim num militante forçado da causa republicana. // Ao elaborar a *História das Ideias Republicanas em Portugal*, Teófilo Braga considera o 10 de Junho de 1880 "o começo de uma era nova" da "democracia portuguesa". Nas circulares da comissão executiva da imprensa para as comemorações, Teófilo definia as comemorações camonianas como um "começo para uma éra nova" e afirma que "todos unanimemente sentem que se entra na aurora de uma época nova de revivificação" (1891: 275), que "para Portugal inteiro é o começo de uma éra nova, o da revivescência da nacionalidade". (id.: 277-8) Camões, comemorado enquanto mito nacional e representação simbólica colectiva torna-se assim um paradigma da nação e da sua "idade heroica", de forma a incentivar os portugueses à regeneração. (CUNHA, 2011)

Como se evidencia, o autor de *Os Lusíadas* é aqui elevado à condição de mito por Teófilo Braga, para que seja usado como arma ideológica contra a Monarquia, por parte dos republicanos, que veem nele a expressão mais alta da nacionalidade.

Realmente as palavras do acadêmico português fazem sentido, ainda mais quando pensamos, a exemplo de Teófilo Braga, que a obra maior de Camões, *Os Lusíadas* (1572), foi usada como peça de resistência ao domínio espanhol e fonte de inspiração para o renascimento da nação, devido ao seu caráter agregador da história e da moral portuguesa, por duas vezes antes: em 1640, em 1820 e, posteriormente, ainda seria em 1910. Esse momento do Tricentenário prenuncia a República.

Vale ressaltar que *Os Lusíadas* (1572) são uma grande fonte para a conservação da memória da nação portuguesa, por meio da história real em que uma das narrativas acontece[17], além do fato de nela encontrarmos os valores que ajudaram essa civilização a se tornar independente de Castela. Entrando na cultura portuguesa pela porta da frente, a obra épica de Camões é parte de uma tradição, que progride na construção do *ethos*. Bakhtin dissertou sobre a memória do objeto, que podemos usar para entender como esse livro de Camões conseguiu ser o que Teófilo Braga chamou de "Bíblia Lusitana"[18].

> As tradições culturais e literárias (inclusive as mais antigas) se conservam e vivem não na memória individual e subjetiva de um homem isolado ou em algum "psiquismo" coletivo, mas nas formas objetivas da própria cultura (inclusive nas formas linguísticas e verbais), e nesse sentido elas são intersubjetivas e interindividuais (consequentemente, também sociais); daí elas chegam às obras literárias, às vezes quase passando por cima da memória individual subjetiva dos autores (BAKHTIN, 2002, p. 354).

[17] Há dois planos narrativos n*Os Lusíadas*, um histórico e outro mitológico. Dentro do plano histórico, temos a viagem do Gama que, na narrativa, é o acontecimento que faz progredir a ação, e a narração dos eventos históricos de Portugal. São esses os que nos referimos como "história real".
[18] Apud CUNHA, 2002, p. 407

A obra sobreviveu graças a essa qualidade da memória em forma de expressão linguística, que revela ideologias, empregadas para construir realidades, em uma construção dialógica, entre os indivíduos. A obra literária é ideologicamente construída, traduzindo uma dimensão do real por meio do enunciado, sendo composta por signos.

> Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, concreto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (BAKHTIN, 2014, p. 32)

A consciência do autor (construção ideológica individual) passa a ser social por meio da obra, pois é na interação dialógica que a expressão se realiza, em um determinado momento, em uma cultura em particular. Dessa forma, “enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 122)

A questão da ideologia é importante, uma vez que a obra se atualiza por ela e, dessa forma, é utilizada socialmente. Voloshinov acrescenta:

> (...) Enquanto a consciência permanece fechada na cabeça do ser consciente, com uma expressão embrionária sob a forma de discurso interior, o seu estado é apenas de esboço, o seu raio de ação ainda limitado. Mas assim que passou por todas as etapas de objetivação social, que entrou no poderoso sistema da ciência, da arte, da moral e do direito, a consciência torna-se uma força real, capaz mesmo de exercer em retorno uma ação sobre as bases econômicas da vida social. Certo, essa força materializa-se em organizações sociais determinadas, reforça-se por uma expressão ideológica sólida (a ciência, a arte, etc) mas, mesmo sob a forma original confusa do pensamento que acaba de nascer, pode-se já falar de fato social e não de ato individual interior. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p. 122)

A obra épica de Camões, em sua releitura republicana, ajuda a reconstruir a memória nacional, aliada a um calendário de festas cívicas, que resgata valores tradicionalmente caros àquela sociedade, como o nacionalismo, a posição de referência perante o outro (e também dialógica, como mostrou Eduardo Lourenço em *Imagem e Miragem da Lusofonia*) e de independência em relação aos demais países europeus, principalmente Espanha, como veremos nos textos que seguem.

> (...) A obra estabelece assim vínculos com o conteúdo total da consciência dos indivíduos receptores e só é apreendida no contexto dessa consciência que lhe é contemporânea. A obra é interpretada no espírito desse conteúdo da consciência (os indivíduos receptores) e recebe dela uma nova luz. É isso que reside a vida da obra ideológica. Em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada. É apenas na medida em que a obra é capaz de estabelecer um vínculo orgânico e ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nesta época (é claro, nos limites de um grupo social determinado). Rompido esse vínculo, ela cessa de existir, pois deixa de ser apreendia como ideologicamente significante. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2014, p. 123-24)

1.6.1 *O Tricentenário de Camões*, 10 de junho de 1880 (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 90)

O texto introdutório do Tricentenário, pela revista *O Occidente* é, como a lógica nos revelaria, a *Chronica Occidental*, assinada por Guilherme d'Azevedo. Como nós já fizemos uma breve orientação de leitura nesse capítulo, podemos, aos poucos, orientarmo-nos por ela, comprovando aquilo que foi dito. E já assim fazemos nos primeiros parágrafos desse texto. Observe que o crítico utiliza a mesma expressão que Teófilo Braga usou a se referir a*Os Lusíadas*, que a obra encerra a "bíblia de nossas glórias" e, tal qual o político, percebe a importância dela na construção do *ethos*.

> A celebração do terceiro centenário de Camões, ainda que não produzisse – pela impressão exterior das pompas com que se adorna, outro resultado senão concentrar a attenção do povo na sublime epopêa que resume a bíblia das nossas glórias, ficaria em todo o caso assignalado como uma data memorável e como um documento que enobrece a geração que soube inspirar-se n'um alto sentimento de justiça para honrar o nome que symbolisa a idéa da nacionalidade com as suas tradicções gloriosas e as suas aspirações futuras. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90)

Segundo Azevedo, falta na população contemporânea dele essa consciência, que Camões traz em sua obra, sem a qual "os povos não passam de cadáveres que os interesses políticos e diplomáticos contam às vezes no número de vivos" (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90). Então, ele constrói uma passagem crítica forte, que revela a realidade em que Portugal se encontrava perante seus vizinhos europeus:

> N’este instante a Europa lembra-se de nós e festeja o nome portuguez sybolisado ao nome de Camões, não pelas conquistas feitas pelos reis mas simplesmente pelas estrophes feitas pelo poeta, e coisa estranha! do nosso domínio universal resta-nos uma sombra; das nossas glórias passadas um livro; sem o livro o mundo moderno tomar-nos-ia por um conviva. Nos conflictos e nas luctas d’interesses de civilisação actual a epopêa de Camões é a nossa carta d’admissão. E, se por ventura um grande genio, nol-a tivesse negado, o nosso logar, hoje, no convívio das nações seria à mesa do festim: seria simplesmente à porta. // N’este momento, Vasco da Gama e o seu cantor repousam ambos a par sob as abobadas dos Jeronymos, - que é a epopéa da glória d’ambos traduzida em pedra, e depois de tres seculos d’esquecimento juntam-se na terra, da mesma forma que já estavam juntos na immortalidade. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90)

Observe que o cronista traz uma informação, aparentemente sem caráter jornalístico e que serviria para entronizar poeticamente Camões e Vasco da Gama. Sim, o aspecto poético realmente faz isso, no entanto, a informação é também jornalística e dialógica. “N’este momento” é exatamente no momento da escritura, em 1880, ”Vasco da Gama e o seu cantor repousam ambos a par sob as abobadas dos Jeronymos”. Por quê? Qual a importância desse dado? Antes eles não repousavam? Exatamente, antes eles não repousavam. Foi nessa época que os restos mortais de Camões foram trasladados para o Mosteiro dos Jerônimos. O diretor d*O Occidente* faz uma referência histórica significativa nessa passagem e nos remete a essa imagem:

Figura 03 - Lisboa, Jeronimos, Tumulos de Luiz de Camões e Vasco da Gama

Fonte: http://p4.storage.canalblog.com/41/71/63130/21307675_m.jpg

O corpo de Camões estava sepultado na Igreja de Sant’Anna. É de notório saber que ele foi enterrado como um indigente, o poeta morreu na pobreza e,

justamente por esse motivo, não havia como confirmar se ele estava realmente enterrado do lado esquerdo da entrada principal do edifício ou se ele fora depositado na fossa da igreja. Ademais, houve um terremoto de grande proporção em 1755, que destroçou a igreja, tornando praticamente impossível resgatar os restos mortais do poeta com precisão. Àquela época, soma-se o fato de que não havia exames de DNA. Por esse motivo, o estudioso Aguiar e Silva aponta para a possibilidade de que os restos mortais, que descansam nos Jerônimos, não são de Camões. O que é, convenhamos, de uma lógica irrefutável.

A construção, que é ao mesmo tempo real e simbólica, a qual observamos na foto anteriormente apresentada e na citação de Azevedo, interpreta-se corretamente, portanto, dentro do contexto republicano em fins do século XIX. Foi em 1854, que o então Ministro do Reino, Rodrigo da Fonseca, nomeou uma comissão, que ficou responsável por encontrar as ossadas de Camões e leva-la até os Jerônimos. Esse foi um ato simbólico, com o intuito de reerguer a moral nacional, por meio da exaltação do poeta que, finalmente, teve um lugar de honra ao lado de um herói já entronizado, Vasco da Gama. Azevedo percebe isso, ao dizer que "pelo facto de se lhe lançarem dentro duas ossadas não se transforma n'um túmulo. Ao contrario, transforma-se n'um baluarte por se lhe abrigarem dentro dois immortaes". (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90)

Outra característica de importante ressalva nesse texto vai de encontro com a perspectiva ideológica da revista, que visa a internacionalização da cultura portuguesa, dentro de um contexto europeu. De certa forma, pactua com a ideia francesa (e também dos maçons) de uma cultura mais abrangente, que permeia os povos, ultrapassando a fronteira. É necessário afirmar a nacionalidade, como também coloca-la dentro dessa conjuntura maior, chamada Europa: o espírito português é também europeu.

> O tricentenário de Camões vem resgatar o fio de solidariedade nacional e fazer-nos comprehender o valor da nossa força, dando-nos ao mesmo tempo a comprehensão dos nossos destinos, ensinando ao povo como é que, pela eloquencia sublime dos <Lusíadas>, entramos hoje na corrente do espírito europeu. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90)

É expressa, sem abrir margem à dúvida, a ideia de que "Camoes symbolisa o nome portuguez, é a expressão do nosso modo de ser, a synthese da nossa individualidade", o que nos permite afirmar a nossa tese: a revista está colaborando

na reconstrução do *ethos* português, utilizando a figura e obra de Camões em uma releitura, como já nos mostrou Bakhtin e Voloshinóv, quando dissertaram sobre a atualização da obra em seus aspectos ideológicos.

Por fim, essa característica da construção moral do ser português, sua edificação que vai além da questão física, algo pré-pessoano, nós podemos comprovar nos três últimos parágrafos que finalizam esse número de *Chronica Occidental*:

> Em fim, hade chegar um dia em que os nossos templos se diluam, as nossas fortalezas se desmoronem, em que a evolução natural da matéria e do pensamento transformem o aspecto da civilisação em que n'este momento se agitam os nossos interesses e se cumprem os nossos destinos. As columnas talhadas em pedra e as ameias fundidas em bronze, sobreviverá entretanto uma coisa que em vez de ser moldada em mármore ou batida em aço, é simplesmente forjada d'idéal – os <Lusíadas>. // O canhão mais monstruoso dos tempos modernos pôde enviar uma bala a cinco, dez kilometros de distancia. Um simples livro manda nosso nome à posteridade! Eis em simples palavras o motivo por que a data que hoje celebramos é a mais gloriosa e deve ser a mais santificada do nosso calendário e por que rasão depois d'extinctas as romarias catholicas que eram a apoteose dos martyres, deve passar entre os humnos triumphaes o cortejo cívico que é a afirmação da consciência nacional. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90)

1.6.2 *Camões e Natércia* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 90)

O texto versa sobre o amor de Camões por Dona Catarina de Athayde[19]. Inclusive, esse texto entende que Natércia seria um anagrama de "Caterina". Assim, o autor responde a uma pergunta que ele mesmo faz a respeito do amor que o poeta nutria pela referida dama:

> Amou Catharina de Athayde, dedicou-lhe versos requebrados, trovas apaixonadas, dirigiu-lhe debaixo das janelas do paço de Cintra, em noites de luar e em noite de nevoeiro, muito por egual suspiros e espirros. Muitas vezes parece que chegaram à falla, e que Luiz de Camões apertou ao peito, com todas as regras de fino amante, a formosa mão da donzela; soube-lhe bem o contacto, e parece que procurou meio de tornar o amor menos platônico. Poeta da Renascença, essa época da reabilitação da carne, Camões imitava Petrarcha em tudo... menos na abstinência. Catharina ou era honesta e entendia que na gramatica amorosa o primeiro verbo da primeira conjugação deve ser <casar> e não <amar>, <como rezam por ahi umas gramaticas incitadoras de culposos pensamentos; ou não quiz perder a moradia do Paço por causa de tolices apaixonadas; mas o que é certo é que Luiz de Camões

[19] Essa matéria se trata de jornalismo literário e não investigativo, uma vez que a questão sobre Natércia é meramente propositiva e não corresponde a aspectos históricos.

> foi repellido com perda, a notícia do atrevimento correu no paço e, como el-rei D. João III era muito severo... (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90)

Pinheiro Chagas escreve que Camões, ao não ter correspondido seu amor, fora aventurar-se pelo mundo, pois seguiu carreira militar e depois procurou fortuna.

O crítico afirma que Camões amou, "isso amou elle e com fartura, mas as Natércias eram de sítios diversos e de diversas cores". Até aqui o leitor entende que Chagas está priorizando o lado carnal do poeta, apenas como um contraponto ao lado romantizado, mas não é somente isso, tal característica pertence ao *ethos* português: esse amar em diversos sítios e pessoas de diversas cores nada mais é que levar a "raça" portuguesa para quase todos os continentes: do europeu para o asiático, africano e sul-americano, principalmente. Essa desconstrução da figura platônica de Camões tradicional, de "loiro e lyra" para representar um poeta mundano, com o qual o povo se identifica, serve para trazê-lo de volta à realidade pela pessoa que ele foi e não pela arte que ele versou.

> Que Luiz de Camões conservou sempre uma recordação suave da mulher que primeiro amara é incontestável. O celebre soneto "Alma minha gentil" revela um sentimento profundo e uma dor verdadeira: mas o que não podemos admitir é que nos transformassem o nosso Camões ardente, apaixonado, fogoso e buliçoso, alegre e folgazão, soldado e marinheiro, instruído como poucos, n'um vate sentimental que andava chorando por todos os mares do Oriente a perda da sua Catharina de Athayde. Fez-me mal aos nervos este Camões tradicional, de loiro e lyra. Loiro nunca elle o apanhou. Apanhou uma pensão por muito favor, e adina assim com a atenuante de lh'a não pagarem, e lyra, se elle a tivesse, com toda a certeza que lhe ficava empenhada em Moçambique. Dêem-me um Camões verdadeiro e não esse Camões convencionalíssimo que a gente pode suppôr capaz de descer do seu pedestal, para ir recitar ao piano, n'um primeiro andar do Loreto. // "Alma minha gentil que te partiste". (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, 1880, p. 90)

1.6.3 *A Camões, A salvação dos Lusíadas*[20], de Jaime Vitor (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

Trata-se de um soneto de um soneto decassílabo na tradição de Petrarca, que possui a famosa "chave de ouro" na última estrofe, como bem praticou o próprio Camões no *Parnaso*.

[20] Trata-se, novamente, de jornalismo literário, pois não há fundamento histórico no salvamento d*Os Lusíadas*, essa construção colabora de forma importante na formação do *ethos*, mas é construída para esse uso.

O autor, Jaime Vitor, utiliza os mesmos artifícios do poeta a quem dedicou a poesia: a rima, as figuras mitológicas (como Oceano e Mécon) e o conteúdo trata de um assunto mitificado na literatura: o fatídico naufrágio do navio em que Camões estava.

Esse episódio, como falaremos adiante, está repleto de simbolismo e mais se aproxima de uma representação arquetípica, que de um fato real, tal qual a névoa que encobre o Desejado, o viés interpretativo passa pela metaforização.

É enevoada a informação a respeito do naufrágio. Acrescenta-se ao fato da carga poetizada, que o episódio traz, dramatizar a um ponto aquém do que seria realisticamente aceitável, circundando-o dessa neblina épica que nos sugere uma leitura simbólica (significativa, porém simbólica), cuja aplicação seria, justamente, a construção da ideia de superação e nobreza humana no *ethos* português. Exemplo dessa significação temos nessa própria edição e d*O Occidente*: a obra *Camões salvando Os Lusíadas do naufrágio*.

Eis o soneto:

> A Camões
> A salvação dos Lusíadas
>
> Para medir teu esforço mais humano,
> Como se a terra inteira não bastasse,
> Tu mediste a estatura, face a face,
> Com a grandeza indomável do Occeano.
>
> Tinhas com sangue escripto um livro eterno,
> E era acanhado o mar para absorvel-o,
> Que elle era a História, a Arte, a Sciencia, o Bello
> E era o <pregão do ninho teu paterno>.
>
> Arrancaste-o às águas de Mécon,
> E, porque eras vidente e grande e bom,
> Lançaste-o ao povo - este Occeano ardente -
>
> Que, como o mar que tem no seio a terra,
> No seio imenso a tua gloria encerra
> E o teu poema abriga eternamente.
>
> Jayme Victor
> (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

Por fim, observemos que interessante diálogo ideológico há implícito entre o pensamento de Cortesão e aquele que Teixeira de Pascoaes formatará definitivamente no livro *A Arte de Ser Português* (1915), e que aparece em formação

nas páginas do nosso trabalho, pois ele utilizou a revista *A Águia* a serviço dessa visão.

A estrofe dois liberta duas concepções que vão ao encontro do Saudosismo Metafísico: o sentimento de sofrimento, cuja verve cristã Pascoaes não esconde na Saudade e a herança étnica e histórica, como já observamos em Sumner[21], constituinte do *ethos* pela perspectiva sociológica.

Essa poesia publicada n*O Occidente*, portanto, está em sintonia com uma ideia que existe à época em que foi escrita e caminha até os tempos d*A Águia* (como *Órgão da Renascença Portuguesa*), a outra revista do nosso *corpus*, estabelecendo um ponto de contato, pelo viés ideológico.

1.6.4 *Retrato de Camões,* desenhado por Manuel de Faria e Sousa (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

Rodrigo V. D'Almeida abre espaço para comentar um desenho ignorado na iconografia camoniana, portanto, esse texto é um resgate de um elemento caracterizador do poeta. Diz ele que são conhecidos os retratos de Camões de Gaspar de Faria Severino (EVORA, 1624) e o de Pedro de Villafranca (MADRID, 1639), mas que ignoram o que existe na Biblioteca Real d'Ajuda, feito por Faria e Sousa. Ei-lo:

Figura 04 - LUIZ DE CAMÕES –
Fac-simile do Retrato à pena por Manuel de Faria e Souza (1639)

Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 10 jun. 1880, p. 91

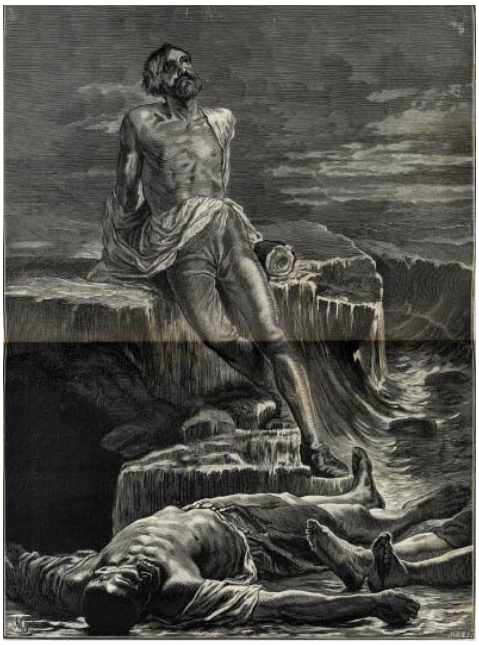
[21] Vide 1.1 A delimitação do *ethos*

O autor problematiza sobre quais dos retratos, entre os vários exemplares disponíveis, seria o do autor. Por fim, revela o motivo pelo qual isso seria relevante: ele é o original mais antigo entre os retratos existentes do autor de *Os Lusíadas*.

1.6.5 *Camões salvando Os Lusíadas do Naufrágio* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

Guilherme d'Azevedo explica a principal ilustração que acompanha a presente edição (suplemento) de *O Occidente*: o quadro de Slingeneyer[22], cujo desenho é de Manuel de Macedo e a gravura de Alberto. Lembremo-nos que o periódico valoriza a lusitanidade e procura afirmar Portugal em relação aos outros, por isso, a expressão do pintor belga é via Macedo, sendo o português "o filtro". Diz o diretor da revista que eles obtiveram a "permissão para reproduzir tão notório trabalho", e que ficaram honrados, tanto pelo conteúdo do quadro, quanto pela arte expressa nele pelo pintor da Academia de Bellas-Artes de Bruxelas.

Figura 5 – Camões Salvando *Os Lusíadas* do Naufrágio



Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 1880, p. 96

[22] Estudou com Gustave Wappers, um pintor de retratos, também pintor de cenas históricas. Ele realizou várias viagens à França, Alemanha, Itália, Holanda, Argélia e Egito. Em Paris, frequentou as oficinas de Delaroche, Robert-Fleury e Scheffer1. Mais tarde, ele deu aulas no Atelier Libre Saint-Luc em Bruxelas. Em 1894, foi membro do comitê de admissão para a exposição de arte na Feira Mundial de 1894 em Antuérpia. Foi deputado de Bruxelas de 1884 a 1892. (Fonte: http://balat.kikirpa.be/peintres/Detail_notice.php?id=4785)

Ademais, a descrição do autor e da obra:

> Slingeneyer, o auctor de tantos trabalhos notáveis, que tantas destincções lhe teem merecido na Europa culta, tomando para assumpto da sua tela este episodio tocante da vida de Camões, concorre para a glorificação do poeta prestando a homenagem do seu talento ao cantor dos "Lusíadas", que n'este momento obtem a apoteose d'uma civilização inteira. // A tela do notável artista mede três metros e treze centímetros d'alto por dois e quarenta e quatro centímetros de largura. Da maestria com que está tratado o assunto, do poder com que está executado todo o grupo de figuras d'este drama terrível é ocioso fallar, Silingeneyer, compreendeu perfeitamente a personalidade de Camões e o seu trabalho ficará d'esde hoje assignalado como uma das mais notáveis obras d'arte inspiradas pela grande epopea marítima do século XIX. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

1.6.6 *A Camões*, de Francisco de Menezes (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

A homenagem de Francisco de Menezes a Camões faz uma leitura poética do amor não correspondido do poeta por D. Catharina, aproximando a vida nômade de soldado e marinheiro ao fazer estético dele, tornando-a assim a musa inspiradora, pois era, segundo o lírico, "a concepção ideal dos teus cantares", conforme apreciamos abaixo:

> A CAMÕES[23]
>
> Teu grande coração amado e amante
> Mais duro do que um bronze florentino,
> Como a haste de um lyrio tenro e fino,
> De saudades tombou, morreu distante!
> Sereno como as nuvens do levante,
> Crusavas pelo ceu do teu destino;
> Mas um anjo de rosto peregrino
> Sustem-te um dia o passo trimphante!
> Porque pouco durou a tua ventura,
> Foste por longas terras, longos mares,
> Buscando em toda a parte a sepultura!
> Na praia morre, de íntimos pesares,
> A doce Catharina, a imagem pura,
> E concepção ideal de teus cantares!
>
> Francisco de Menezes
> (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

[23] Poema romântico à lá Almeida Garrett.

1.6.7 *Camões lendo Os Lusíadas a D. Sebastião na Penha Verde, em Cintra* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

> CAMÕES
> LENDO OS LUSÍADAS A D. SEBASTIÃO
> NA PENHA VERDE, EM CINTRA
>
> Estavam d'altas arvores à sombra,
> De aveludada relva em fresco assento.
> Attento o jovem rei fitava ancioso
> O guerreiro cantor que o nobre aspeito
> Tinha como de gloria resplendente,
> E na divina inspiração acceso.
> Qual deveras o imita, qual fingindo;
> Mas todos se compõem do rei a exemplo.
>
> Garrett – Camões c. 7º. XII.
> (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91)

Esses versos garrettianos constroem a ideia de que Camões colabora "moralmente" na empreitada de D. Sebastião em África, que a revista sugere ao lado da imagem dele, recitando os versos d*Os Lusíadas* ao Rei Menino e da crônica *Camões e D. Sebastião,* de *Oliveira Martins.*

O Occidente construiu um dialogismo significativo ao colocar esses textos em perspectiva e, dessa forma, potencializou a carga semântica de cada um.

1.6.8 *Camões e D. Sebastião* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98)

Esse texto é de autoria do consagrado Oliveira Martins. Ele introduz a matéria da crônica ao escrever sobre o nascimento de D. Sebastião em 1554, repleto de esperança do povo que "tinha creado em volta do rei uma nuvem de milagres". Após narrar o nascimento do monarca em tom de fabulação, o historiador introduz na crítica, deixando mostrar a nítida diferença social entre os dois, o poeta "pobre, triste, dorido dos açoites do infortúnio". (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98)

> O poeta que d'este modo nomeava o rei, chegou, como dissemos, a Lisboa, de volta do Oriente, no sono da peste grande. Vinha pobre, triste, dorido dos açoites do infortúnio. Via por seus olhos o desconjurar do império portuguez. A India, onde vivera, era "um cahos escuro de confusão", era Babylonia, onde "o mal se afina, o bem se damna". Mais podia lá, que a honra, a tyrannia. O cyclo das façanhas terminára, os heroes mortos não tinham legado descendencia. A historia da nação prolongara-se, para o poeta, no Ultramar;

> e desde que os portuguezes tinham montado o Cabo, Portugal mudára os penates para o Oriente. Agora, convencido da ruina irremediável da India, regressando ao reino, era o momento de vêr se uma nova fonte de acções heroicas podia continuar a antiga historia e restaurar a fortuna perdida. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98)

O lado histórico manifesta-se na expressão escrita, quando Oliveira Martins traz ao interlocutor a medida real da situação de Portugal: os ingleses, que usurpavam o ouro e a prata do país; o dinheiro das Índias, que se esfarelou e o povo, que teve um terço do valor da moeda reduzido pelo rei em 1568, ano que antecedeu a grande peste. Morriam dezenas de pessoas por dia em Lisboa e no dia 10 de julho daquele ano, houve um terremoto de alta magnitude. “O Castello, o Carmo e Almada correriam a juntar-se, entulhando o Tejo. O terror da catástrofe e o da peste despovoaram Lisboa”. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98)

Então o historiador supõe a intenção de ambos, tanto de Camões quanto de D. Sebastião, para o futuro de Portugal. A “encomenda” de *Os Lusíadas* (1572), aliada ao fascínio de Camões pelo rei (e pelo povo), serviria para restaurar os ânimos dele, pois, naquela ocasião, Portugal encontrava-se em ruínas.

> Camões e o povo portuguez, - não os grandes, os sábios, os ricos, sensatos e prudentes, - punham os olhos na milagrosa creança, fascinados pela temeridade dos seus actos, pela desvairada loucura do seu proceder. A positiva doidice do rei individualizava o estado moral da nação. Um grande milagre ou uma grande catástrofe; qualquer coisa inaudita, eis o desejo, o desespero de todos. Outro Virgílio, também o nosso poeta, chamou, ao rei, Marcello:
> Rei bemaventurado em quem parece[24]
> Aquella alta esperança já cumprida
> De quanto o céu e a terra te offerece!
> .....
> Por Deus na mão do rei a vara alçada
> Para guia do povo errado e cego...
> Não é difícil de descobrir, nos versos de Camões e nas histórias do rei, qual era a intenção, o plano, de ambos para restaurar a nação agonizante e o povo errado e cego.
> O poeta desiludido dos fumos orientaes, aconselhava:
> Africa esconde em si luzentes veias
> Morava-vos já sequer riqueza tanta
> Pois mover-vos não pôde a casa Santa
> .....
> Vedel-o duro inglez que se nomeia
> Rei da velha e santíssima cidade
> Que o torpe ismaelita senhoreia
> (Quem viu honra tão longe da verdade?)
> (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98)

[24] São versos atribuídos a Camões, contidos nas *Obras Suppostas ou Attribuidas a Luis de Camões* em Tercetos – A El Rei Dom Sebastiam. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=6Bx3w8dTnj0C Consulta em: 12 fev. 2018

Segundo Oliveira Martins, “era uma renascença do gênio das cruzadas nos dois espíritos do rei e do poeta” (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98). Quando pensamos nessa suposição e buscamos subsídios concretos para entende-la, nós os encontramos. Além do óbvio motivo de poetizar a história de Portugal e de suas conquistas bélicas, a própria vida de Camões estava inserida no contexto da guerra: ele era um soldado. Conquistar outras terras, impor o Império, levar Portugal para além-mar, o que ele cantava em decassílabos era o que ele vivia como soldado, os infortúnios que ele imortalizou tinham autoridade de fala: ele vivenciara.

Assim descreveu o cronista essa aproximação entre os dois:

> Tal era o estado de espírito do poeta e do rei, quando a sorte aproximou um do outro. Em ambos o mesmo pensamento; em ambos egual idéa, para resolver a crise lúgubre em que viam o reino. Camões e D. Sebastião ouviram-se, comprehenderam-se. O louco arrebatamento do ultimo exprimia de um modo temerário, desvairado, o pensamento do primeiro. Ambos olhavam para a historia; e em frente do roído cadáver do império ultramarino, apelavam para a política africana esquecida por elle, inspirando-se nas tradições heroicas da nação. Um cantava-as no seu poema. O outro ia em pessoa vêr os túmulos dos avós, e venerar, compenetrado, a pessoa de D. João II, cujo cadáver mandou erguer do tumulo, de pé, com a espada em punho. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98)

No ano de 1574, D. Sebastião viajou para Cintra. Foi em Sagres buscar recursos financeiros para a guerra e depois partiu para Tanger. Não conseguiu colocar em prática a empreita, pois o inverno chegou. Quando os navios voltaram a Lisboa, faltava a embarcação do rei que, devido ao tempo ruim, desviou-se para Madeira. Trágica e coincidentemente, era um dia de Finados.

E assim começaram a afastar D. Sebastião de Camões:

> O revez acirrou-lhe o desejo. Contra os sábios conselheiros de quem escarnecia, tinha por si o papa lhe mandara uma das settas do santo do seu nome; e Camões que, incitando-o mais que nunca, positivamente lhe dizia:
> Tomae também a setta veneranda
> Que a vós o successor de Pedro manda
> ... Sereis o braço forte e soberano
> Contra o soberbo gladio maruitano
> Que farão, rei, as vossas (settas) que têm liga
> Com a que já tocou Sebastião?
> .....
> No sangue serraceno as tingireis.
> Mas a mesma gente por todos os modos buscava affastar o rei da sua empreza, de certo pelos mesmos motivos buscava, - e conseguia – affastar o rei do poeta. Em 1572 apenas lhe deram por três anos, a tença de 15$000 réis que, valendo então o trigo a 85 réis o alqueire, equivale a 100$000 réis hoje. E agora conseguiam que Bernardes usurpasse o lugar do cantor da empreza, - da empreza que era tanto de Camões, como do rei. A côrte era um covil de intrigas, os cortezãos um bando de miseráveis, cacheticos, ou

> doidos, ou enfesados. Uns eram os aventureiros do bando d'el-rei; outros os moles pintalegretes alfanados, que entravam nas sallas, encostados ao hombro das pagens, arrastando o corpo, arrastando a falla, parecendo mulheres doentes de requinte; outros finalmente, os conselheiros velhos, miseráveis, como Martim Affonso de Sousa, o mais descarado de todos os condottiere da ìndia, e d. Josão de Mascarenhas, o herói de Diu, que vendeu Portugal como um Judas. Como haviam de perceber a heroica doidice do rei? Como haviam de sentir na fase o ar quente do louco patriotismo de Camões? (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98-99)

A palavra de Oliveira Martins é mais que realística, ela chega a ser pessimista; ele termina a crônica afirmando a diferença entre o épico camoniano, que seria um epitáfio, e o poema-modelo de Virgílio, a Eneida, que seria uma apoteose. Além disso, culpabiliza ambos, D. Sebastião e Camões, pelo destino fatídico de Portugal.

Transcrevemos o trecho:

> Acabavam ao mesmo tempo, com a pátria portugueza, os dois homens que nas agonias della tinham encarnado em si, e n'uma ciúmera, o plano da ressureição. N'esse tumulo que encerrava os três cadáveres havia dois epitáphios: um foi o sonho sebastianista; o outro foi, é, o poema dos "Lusíadas". A Patria fugira da terra para a região aeria da poesia e dos mythos. Na terra via-se apenas o cardeal rei, cachetico, pendurado como uma creança, a mamar nos peitos da Maria da Motta. E havia quem pedisse ao papa que o deixasse casar para ter successão o reino! A successão estava preparada a favor de Filippe que comprara tudo, e diante de quem todos reverentes caíam de rastos. // Tem a crítica notado a affinidade litteraria do poema de Camões e do de Virgilio: registremos nós uma differença. Os "Lusíadas" cantam um passado, e são um epitáphio. A "Eneida" era uma apoteose, cantando os "aurea scecula", a edade presente, de Augusto Cesar, filho dos deuses. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

1.6.9 *Os Lusíadas,* de João de Deus (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

> Os "Lusíadas" estão como na hora;
> Três séculos, e nada...
> Nem uma letra única apagada!
> Porque a gente decora
> E nem os vermes comem,
> Não traçam, não consomem
> Uma obra inspirada.
> Os dons da Divindade
> _ A Beleza, a Verdade,
> Essa glória de Deus, como do homem,
> Raiam e ficam em perenne aurora!
> João de Deus
> (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

O eu lírico alude à imortalidade da obra camoniana, assim como à sua imutabilidade (“nem uma letra única apagada”), imprimindo uma qualidade de perfeição a ela, pela justaposição da ideia platônica divina (Beleza e Verdade) em comparação glorificadora.

Pensamento apropriado para as comemorações do Tricentenário, curto, objetivo, cuja expressão é particularmente bem-vinda.

1.6.10 *Restos de Luiz de Camões, Convento de Sant’Anna, Mosteiro dos Jerônimos em Belem* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

Brito Rebello usa uma boa extensão do texto, 11 parágrafos, antes de entrar no assunto propriamente dito, que faz referência ao título. Isso porque ele resgata o ideal representativo daquele que está no túmulo, uma validação da ideia da proposição da nossa tese, exaltando o valor da Pátria, a qual ele pertenceu.

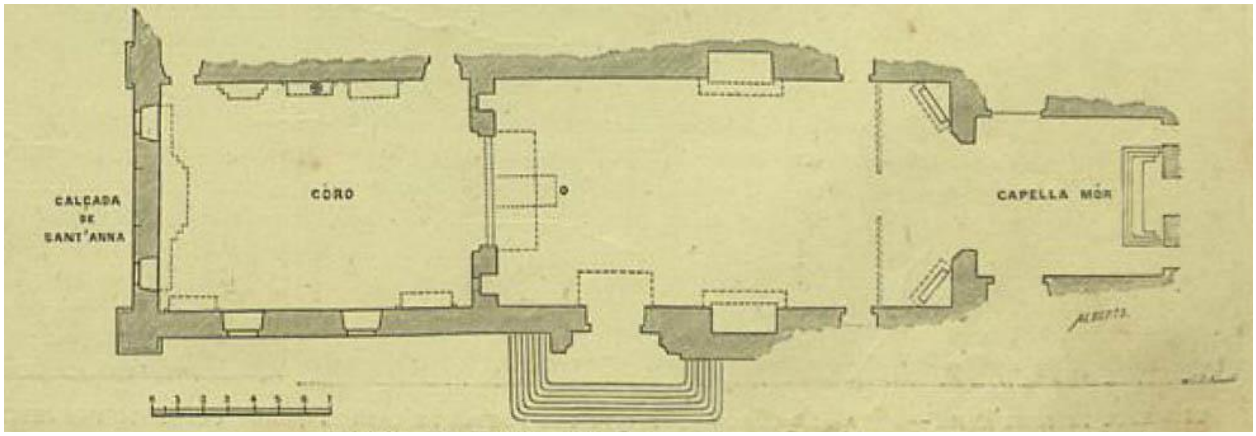
Observe:

> Vae longe a grande época em que este pequeno recanto do universo, extendeu à sua gloria mais ainda que Roma ou Grecia, e hoje ao magico influxo de um nome a nação agita-se, rejuvenesce, e sente pulsar em si os antigos brios. // Portugal, como poucas nações, conta nos seus annaes nomes que ficaram e ficarão perduráveis na historia da humanidade. // Desde Gil Eannes, até Serpa Pinto, desde Affonso Henriques até ao marechal Saldanha, desde D. Diniz até Almeida-Garrett, desde Fernão Lopes até Alexandre Herculano, quantas glorias quantos nomes imperecedouros? // O mar que beija as vastas costas de Portugal, convida seus filhos a lustral-o. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

Do heroísmo que “estendeu a sua glória mais ainda que Roma e Grécia”, surgiu, segundo o cronista, o gênio e ele “arrancou do mármore e do ouro os monumentos da Batalha e dos Jeronymos, a custódia de Belém e do cérebro de João de Barros e de Luiz de Camões as “Decadas” e os “Lusíadas”. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

Claramente nós percebemos a ligação explícita de Camões com o gênio português, o que vai de encontro com nosso estudo, a revista está investindo nessa ideia para refundar o *ethos*, em um sentido enobrecedor, que passa, inclusive, por uma perspectiva histórica, mantendo-se nela por meio da arte, que sobrevive à morte do corpo do poeta. Este, que sepultaram no Convento de Sant’Anna, conforme planta:

Figura 6 – “Planta da egreja do Convento de Sant’Anna”



Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 10 jun. 1880, p. 99

> O sagrado deposito, o paládio portuguez foi encerrado na egreja do convento de Sant’Anna, em lugar tão humilde, que passados quinze anos custou a amigos o deparal-o. // Trasladados ou deixados na mesma sepultura, mandou D. Gonçalo Coutinho cobrir-lhe os ossos com uma lapide, onde fez gravar uma singela inscripção, seguida de outra latina, com que o quis honrar Martim Gonçalves da Camara, ficando a sepultura à esquerda da porta de entrada da egreja do convento, por cima da qual Miguel Leitão d’Andrade mandou assentar na parede uma menoria de azulejo. // Assim permaneceu a sepultura até que pelos annos de 1729, as freiras quiseram acrescentar e mudar o côro, o qual foi erecto na parte baixa da egreja, tapando-se para isso a porta principal, que se cobriu com um altar, assoalhando-se de sobrado essa parte da egreja, para o que se levantaram as campas. // Debaixo do novo côro parece ter ficado a sepultura de Camões. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

Há uma discórdia em relação ao local em que os restos mortais do poeta estão sepultados. A primeira pessoa a fazê-la, em 1835 ou 1836, foi o poeta Castilho. Dessa forma:

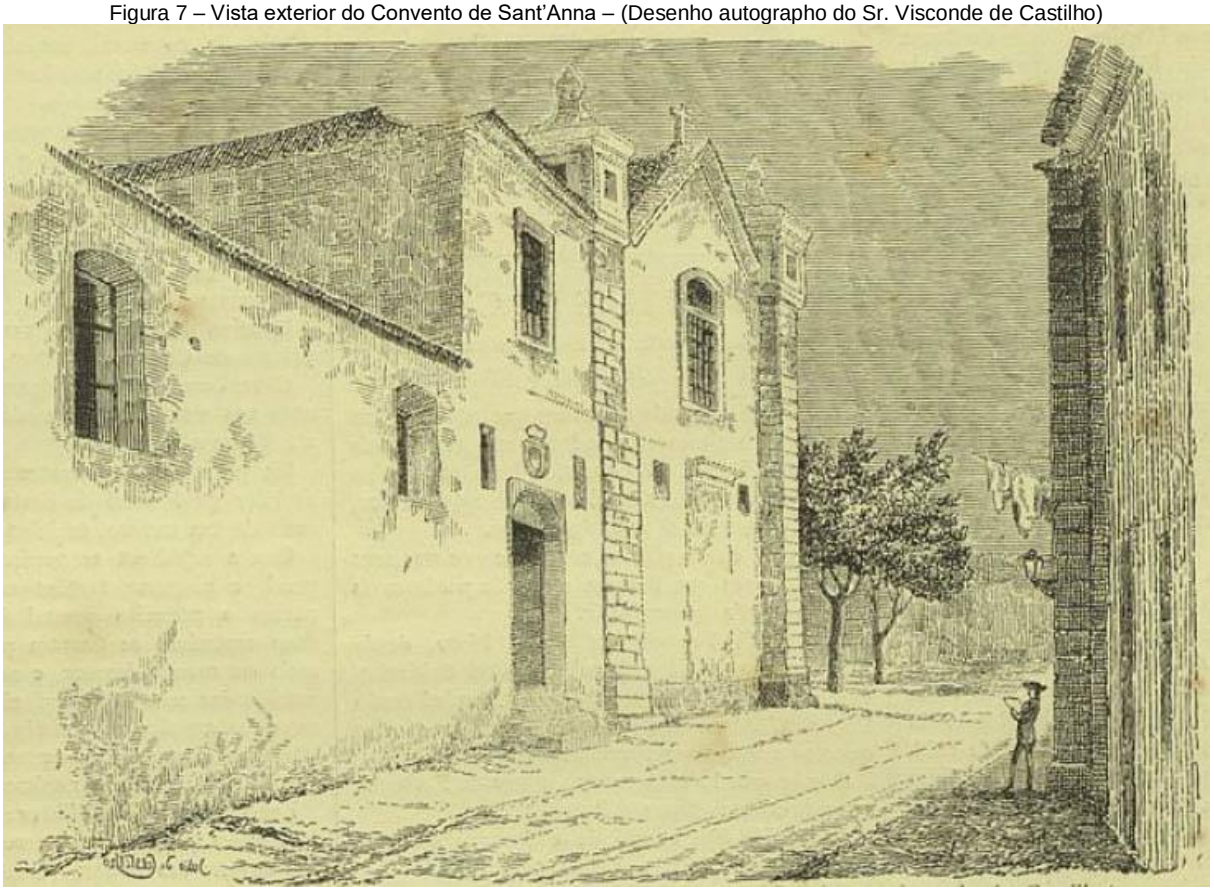
> Nomeou-se uma commissão composta de Castilho, do professor de esculptura Assiz Rodrigues, e do engenheiro o ex.mo sr. Feijó, aos quaes se aggregaram Augusto Frederico de Castilho, o morgado de Assentis e Gonçalo Vaz de Carvalho, literatos, artistas e homens de vasta instrucção. // Começou a comissão os seus trabalhos a 7 de setembro de 1836, abrindo a pedido de Castilho, uma sepultura onde se encontraram dois esqueletos dentro d’uma cesta de vime. // Naturalmente, Castilho, ainda moço, guiado por Faria e Sousa, julgára poder encontrar alli os restos do grande épico. Como, infelizmente a Castilho faltava a vista, é provável ter julgado a ser actual a entrada da egreja de Sant’Anna, a que sempre houvera, mas depois, em vista do testemunho dos historiadores, começaram as pesquisas no côro de baixo, à parte esquerda da primitiva entrada, reunindo-se ahi a comissão uma ou duas vezes. // Succedendo por esses dias a revolução politica d’esse mez, e vendo o ex.mo Sr. Feijó, que dirigia os trabalhos de exploração, e de quem houvemos todos estes esclarecimentos, que apesar de algumas instancias a comissão não tornava a reunir-se, concertou e repoz no seu lugar, o que se havia removido, e cessou de todo com as pesquisas. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99)

Após a morte de Garrett, outra comissão foi nomeada, com o ilustre Visconde de Monção, Sr. Feijó, Visconde de Juromenha, Carlos da Silva Maia, Dr. Cicouro e do Sr. José Tavares de Macedo, o secretário da expedição. O resultado foi esse:

> Dos trabalhos d'esta comissão, que assegura ter encontrado os ossos de Camões, sabe-se o pouco que deixa perceber o secco e insufficiente relatório, que ha poucos mezes foi publicado. Documento parcissimo de um trabalho de tal magnitude, ainda assim, mais exíguo se tornou pelo extravio que houve, no ministério do reino, dos desenhos que o acompanhavam e de que a redacção d'este periódico requereu para tirar copia que por esse motivo não poude obter. (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 100)

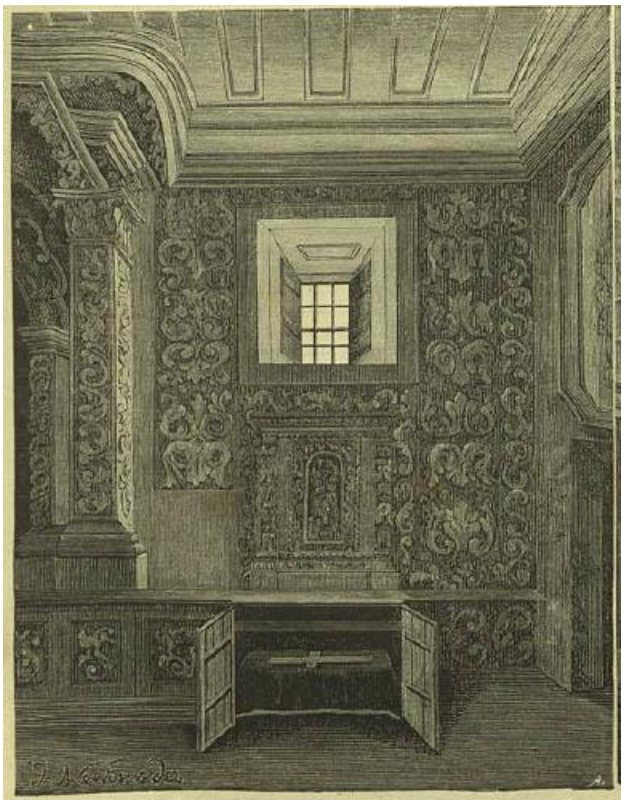
Para suprir as necessidades de dados pela falta do documento extraviado, o cronista utiliza três imagens de apoio. Um desenho da parte externa da Igreja de Sant'Anna, o altar, onde os restos de Camões permaneceram até 1856 e uma ilustração da Capela do Presepio no Templo de Santa Maria de Belém, para onde os restos mortais de Camões foram trasladados, que reproduzimos abaixo.

Figura 7 – Vista exterior do Convento de Sant'Anna – (Desenho autographo do Sr. Visconde de Castilho)



Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 10 jun. 1880, p. 100.

Figura 8 – Convento de Sant'Anna – Altar do Côro – Depósito dos Restos de Camões



Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 10 jun. 1880, p. 100

Figura 9 – Convento dos Jeronymos – Capella do Presepio – Jazigo dos Camões e do Vasco da Gama

Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 10 jun. 1880, p. 100

1.6.11 *Chronica Occidental* (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

Azevedo dedica essa crônica ao relato da trasladação dos restos mortais de Camões. Diz ele que o evento pelo Tejo até Belém foi épico.

> É ocioso descrevel-o por que todo o Portugal, segundo penso, assistiu a elle; e se não assistiu, é bom que o não adivinhe se quer, para não morrer de raiva, desesperado pela impossibilidade de tornar a gosar outro semelhante, pois que a triste verdade é a seguinte: Os Vascos da Gama e os Camões não se improvisam com facilidade, e sepultados uma vez definitivamente, é diffícil achar um pretexto para os passeiar de novo em triumpho! // Nós quaise que devemos agradecer ao passado a sua ingratidão por que foi a esta providencial ingratidão que Portugal deve, nos tempos modernos, o seu maior dia de glória, e a nossa geração a sua victoria mais assignalada. A três séculos de esquecimento corresponderam três belos dias de apoteose. Ah! Se o passado tivesse sido justo nem ao menos nos seriam dados três dias para deixarmos de ser pequenos!... // N'aquella grande multidão accumulada à margem do Tejo, a passagem d'aquela immensa esquadrilha evocava de certo, nos espíritos a memoria das nossas antigas grandezas, a recordação dos nossos extraordinários feitos marítimos e o povo recebia um baptismo de ideal de que tanto necessitava, compenetrando-se d'um sentimento de dignidade incapaz de lhe ser transmittida pelos processos ordinários de que vulgarmente só servem os governos constituídos. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

Evidencia-se com franqueza, pelo discurso do cronista, a necessidade desse evento, como observamos no parágrafo final do texto supracitado, "o povo recebia um baptismo de ideal de que tanto necessitava".

Azevedo traz a informação de que o cotejo foi grande e o impacto social na mesma proporção. Já sabemos que ele teve um aspecto fortemente politizado, como dissemos na introdução desse capítulo, devido ao trabalho de Teófilo Braga, aspecto que Azevedo condenará nas próximas críticas. Isso pactuava com a política portuguesa daquele momento, que queria um renascimento do espírito português, o qual orientasse o país rumo a uma reforma. Não é por acaso que a revista *A Águia* terá como subtítulo a frase "Órgão da Renascença Portuguesa". Aqui, algumas décadas antes, no Tricentenário, a ideia de renovação, de renascimento da Pátria já fervia fortemente nas mentes de muitos formadores de opinião, correligionários de Teófilo e também oriundos da Geração de 70.

> Na procissão cívica não se manifestou só uma grande tendência de renascimento e um grande symptoma de vitalidade latente: manifestaram-se bellas disposições artísticas, excelentes dedicações individuaes. O povo não ter ficado ainda muito certo de quem seja Camões, entretanto no seu espírito entrou a noção nova de que o trabalho moderno tem uns ídolos tão dignos de

> respeito, pelo menos, como os dos velhos dogmas, e sobretudo muito mais comprehensiveis – e em muito melhor estado de conservação. Sob este ponto de vista a procissão cívica é um dos factos mais profundamente revolucionários que em Portugal se tem realisado. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

Continua o crítico descrevendo os carros alegóricos do passeio cívico: o carro das Colônias, da Agricultura, do Comércio e Indústria e da Imprensa. Como acontece com frequência nos textos do Diabo Coxo, suas palavras ácidas em relação ao governo tomam evidência:

> As festas do Centenario ainda que não tivessem outras vantagens e representassem outras afirmações, afirmavam pelo menos o seguinte: a inutilidade dos poderes constituídos em face da iniciativa particular. Pode affoitamente sustentar-se que se o grande cortejo cívico do dia 10 de junho fosse organizado pelo estado, o estado, à maneira do que lhe sucede com o estado de S. Jorge, ainda a estas horas andaria embrulhado com elle por essas ruas, perguntando, aos moradores da rua Augusta se davam notícia de carro de Industria e deixando extraviar completamente o carro das Colonias – como lhe está succedendo com as próprias colônias. // Portugal, aparte o louro nos canos das espingardas, viu pela vez primeira um programma cumprido à risca: um programma que muitos suppunham mais inexequível do que a maior parte dos programmas governamentaes; um programma fantasista como os homens cordatos lhe chamavam. Temia-se o ridículo e houve lagrimas de comoção: receiavam-se os motejos dos estranhos e toda a Europa está fallando d'elle com admiração. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

Percebe-se que o crítico é a favor do controle das colônias em África, pois ele faz uma aproximação dos carros da festividade cívica, o da Indústria e o das Colônias, com situação real do Governo. Vale ressaltar que, após a Primeira República, essa política colonial tornou-se um dos pilares da ditadura salazarista.

Conscientemente, mas sem citar de forma explícita o nome de Teófilo Braga e de outros republicanos, Guilherme d'Azevedo revela que havia um receio em relação ao evento, o de ser usado para dar um Golpe de Estado, o que não se concretizou naquela ocasião. Percebemos a situação histórica delicada ressoando na *Chronica Occidental,* uma situação que nem sempre é percebida pelos livros de história nessa configuração "pungente". Era um temor que o próprio cronista tinha, e que tantos outros provavelmente também sentiam, mas que não necessariamente revelavam no cotidiano da prática jornalística.

> Depois, no seio das famílias, corria o boato sinistro d'uma revolta sanguinária! Recciava-se que os radicaes portuguezes se aproveitassem do ensejo de star armada a tribuna no Terreiro do Paço para proclamarem d'ali a republica. No

> recinto da praça, como medida preventiva, além da força em armas, chegou-se mesmo a suprimir uma bandeira levada por uma corporação de trabalhadores, bandeira que patentearia aos olhos da cidade absorta o dístico subversivo: _ Não mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres! (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

Contemplamos a mente do erudito diretor d*O Occidente*, em sua sensata admiração e apoio à festividade de Camões, mas contra o verdadeiro intuito político do cotejo, que se manifesta nas entrelinhas do evento e nos bastidores do mesmo.

> Devemos por isso perdoar ao tricentenário que elle fosse pretexto para as pequeninas industrias de ocasião ao patentearem n'uma serie de manifestações pitorescas, desde o comestível até ao estofo. // A estatura do grande épico não diminue na immortalidade pela circunstancia dos confeiteiros o porém em ovos nas vitrines, ou pelo facto de, gravada em lenço, nos servir para as constipações depois de nos servir para a gloria. // A geração actual pagou uma divida de três séculos com a moeda da sinceridade e da dedicação, e pode desde hoje affirmar-se que uma divida de tal natureza ainda nenhum povo a pagou mais dignamente e com melhor vontade. // Para a direção dos festejos ser um tudo acertada bastou unicamente uma coisa: - que não se mettessem n'ella as classes directoras. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

1.6.12 *Chronica Occidental* (O OCCIDENTE, nº 61, 1880, p. 110)

> Das festas do centenário ainda se escutam uns derradeiros echos, mas estes echos, devemos dizel-o em abono da verdade, não são da natureza d'aquelles que mais afagam os ouvidos. // Toda a gente sabe qual a obra verdadeiramente prodigiosa levada a cabo pela commissão de imprensa. Em primeiro lugar teve de proceder a uma obra de titães. O espírito publico dormia ha cerca de meio século e ella teve de o acordar. Posto em pé, ainda estremunhado, foi preciso convencel-o da magnitude do facto que se pretentida commemorar. Elle estava blasée e foi necessário comunicar-lhe a scentelha do enthusiasmo. Durante sessenta dias e sessenta noites a commissão da imprensa lidou tenazmente no empenho de fazer d'um sceptico um iluminado, e quando chegou a véspera do dia 10 de junho ainda, todavia, se dava o seguinte facto: - havia muita gente que soltava bravos ao emprehendimento, mas que no seu íntimo soltava apenas gargalhadas. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 110)

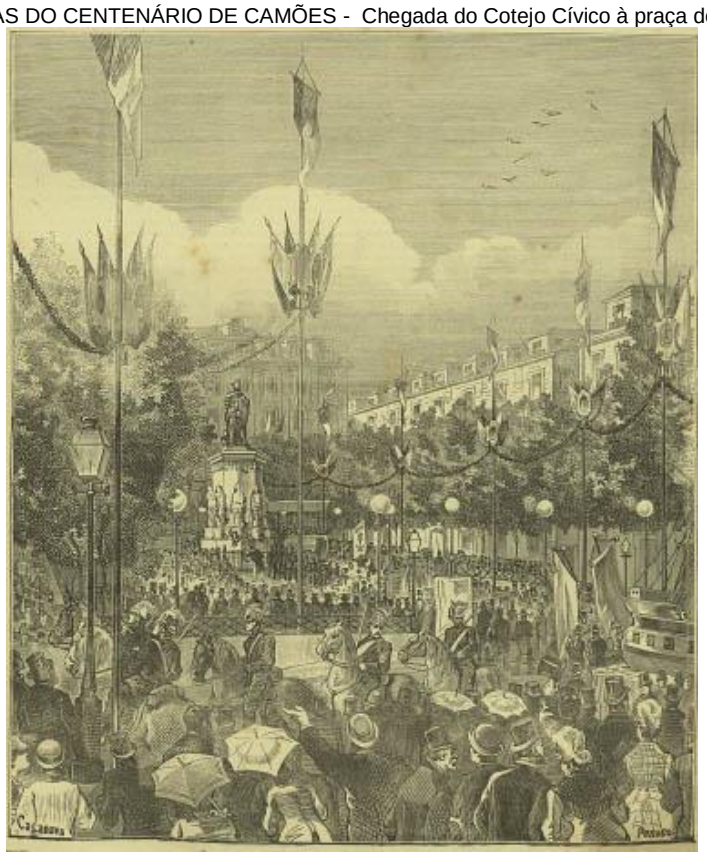
Assim Azevedo começa a primeira crítica pós-Tricentenário camoniano: ironicamente. Ele reitera aquela ideia da crônica anterior, que era necessário resgatar o passado glorioso para alimentar o entusiasmo do povo, que estava apático devido a conjuntura desfavorável pela qual o país atravessava naquele momento histórico-político. A parte irônica é que "muita gente (que) saltava bravos ao emprehendimento" estava, na verdade, soltando gargalhadas. Entendemos que ele próprio, Azevedo, era

uma dessas pessoas, pois ele entendia as intenções por trás do cotejo e toda a manobra política feita por Teófilo Braga e os republicanos. Ademais, a surrealidade apoteótica de uma comemoração que apontava para o passado, estando o presente em frangalhos, é vista, por olhos críticos, pela via do humor negro.

Guilherme d'Azevedo não deixa espaço para uma dupla interpretação: ele é direto, as comemorações do Tricentenário foram um sucesso e a organização conseguiu o que pleiteou: elevar a autoestima da população e mostrar que havia um caminho para restaurar a grandeza de Portugal. A República tomava a voz.

> E a procissão cívica subiu do Terreiro do Paço saudada de começo por um disfarçado sorriso de desdém – dos primeiros andares, e chegou a praça de Camões aclamada pela comoção d'uma população inteira! A comoção da imprensa tinha realisado a obra cívica mais prodigiosa dos nossos dias. D'um povo indifferente fizera um povo enthusiasta. Communicara a chamma sagrada a duzentas mil almas. Ordenara o cahos no Terreiro do Paço, por intervenção da polícia. Fizera a admiração dos estrangeiros e insuflara no espírito público a oonvicção de que os povos ainda são susceptíveis de fazer alguma coisa mais digna do que eleições. // A commissão da imprensa estabelecera definitivamente na consciência popular a supremacia de Camões sobre a do regedor de parochia. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 110)

Figura 10 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES - Chegada do Cotejo Cívico à praça de Luiz de Camões



Fonte: O OCCIDENTE, n. 61, 1880, p. 109

O cronista faz uma grave crítica aos políticos que estão no poder, contrastando o sucesso do evento com a política de governo, “porque lhe faltam para isso vários predicados sendo um dos primeiros – ideias” (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 110). É uma crise de estagnação, de falta de planejamento, de colapso da máquina perante a ineficiência de um governo incompetente.

Ao escrever sobre o livro que a comissão de imprensa publicará em registro ao Tricentenário, deixa bem clara a sua posição contrária à atitude da imprensa, caracterizando como uma “descompostura” o uso político da imagem de Camões. Comprove:

> Enfim a commissão da imprensa dispõe-se a publicar o Livro do Tricentenário. Será preciso que essa obra seja composta com uma grande serenidade e tenha o caráter d’um documento legado ao futuro. A Comissão da Imprensa saberá de certo fazer o uso conveniente d’essa arma terrível, destribuindo justiça a quem a tiver, desde os artistas que se serviram da madeira para executar nos carros triumphaes algumas obras primas, até à imprensa governamental que se serviu do pau para fazer sarilho em frente dos organizadores da festa. // Um dos jornaes d’essa rara imprensa anunciava há dias que no caso do livro em questão se referir aos actos do governo, a imprensa progressista publicará um livro por sua conta e offerecerá uma coroa ao grande épico! // Vejam como a apotheose derradeira de Camões está dependente d’uma descompostura! (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 110)

Após fazer breves considerações sobre a cena artística de Lisboa, o cronista fecha o texto voltando ao assunto da comemoração, ao resultado dela: o futuro bairro Camões e a exposição que pretendem realizar em caráter de inauguração dele, no ano de 1882. Ele apoia tal empreita e também acredita que é necessário valorizar esse passado, representado na figura de Camões, o que o irrita é o uso político dela. Um pensamento é de particular relevância para nós: a informação de que a representação de Camões “influencia directamente na realidade portuguesa” e a sua memória “o século XIX começa a inscrever no seu *flos sanctorum*”.

> - Falla-se em que no futuro bairro Camões, teremos no futuro anno de 1882 uma exposição que alguns querem que seja nacional, outros peninsular, outros universal. // Seja como for, d’uma festa de tal natureza pode sempre vir mais bem do que mal: portanto, em principio, devemos todos gritar, _ Faça-se a exposição. E se a idea foi provocada pela inauguração do bairro, e a inauguração do tricentenário de Camões, qual aqui temos nós já um milagre feito por intervenção d’um destes canonizados que o século XIX começa a inscrever no seu Flos sanctorum. // Em todo o caso deveria antes de tudo pensar-se no seguinte. A intentarmos numa festa de tal natureza não a deveríamos antes realisar à beira do Tejo, de preferencia a realisal-a nos socalcos d’um monte circundado de casebres mais ou menos venerandos?... // É preciso que, d’uma vez para sempre, nos convençamos do seguinte:

> qualquer que seja a porção de calumnias que a antiga poesia lyrica lançasse sobre esse rio benemérito, o que é certo é que supprimindo agora a Carta, por exemplo, Portugal ficava tal qual é, supprimindo o Tejo não nos ficava coisa nenhuma! (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 110)

Figura 11 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Iluminação da Praça de D. Pedro

Fonte: O OCCIDENTE, n. 61, 1880, p. 113

1.6.13 *Chronica Occidental* (O OCCIDENTE, nº 62, 1880, p. 118)

Guilherme d'Azevedo volta ao assunto camoniano, que é o recorte que nos interessa, na segunda parte dessa crônica, dando ênfase à recepção do Tricentenário no Brasil. Escreve ele:

> - Os jornaes do Brazil aonde o terceiro centenário de Camões foi celebrado com pompa, dedicaram também números especiaes à glória do grande poeta. Tal qual succedou entre nós muitas d'essas inspirações d'occasião parecem geradas como se as esmagasse o peso d'um gigante entretanto entre ellas vejo algumas tocadas d'uma esquisita e graciosa originalidade que o leitor de certo apreciará. // Machado d'Assis, um primoroso cinzelador entre vários sonetos modela este aonde transparece evidentemente uma inspiração genial.
>
> Quando, transporta a lúgubre morada
> Dos castigos, acende o florentino
> À região onde o clarão divino
> Enche d'intensa luz a alma nublada,
>
> A saudosa Beatriz, a antiga amada,
> A mão lhe estende e guia o peregrino,
> E aquelle olhar ethereo e crystallino
> Rompe agora de pálpebra sagrada.
>
> Tu, que também o purgatório andaste,
> Tu, que rompeste os círculos do inferno

Camões, se o teu amor fugir deixaste,

Ora o tens, como um guia alto e superno:
Que a Natercia da vida que choraste
Chama-se Gloria e tem um amor eterno.

Valentim Magalhães, subscreve um valente soneto: a Vingança de Camões.

Como um leão soberbo e mal ferido
Atravessando um areal ardente,
Dos temperaes sabáticos zurzido,
Devorado do sol incandescente,

N'um torvo desespero enraivecido
Aceita à natureza o prelo ingente
E vae tombar por fim desfallecido
N'um oásis sombrio e sorridente:

Assim Camões out'ora. Honrado e forte
Da desventura ao rijo temporal
A's vis perseguições d'imiga sorte,

A vida foi pedir-te, ó Portugal:
Ó pátria que elle amou, des-te-lhe a morte
E elle vingou-se assim: fez-te imortal!...

Mas como espécimen da poesia parnasiana, aquecida e vivificada pelo sol dos trópicos, ahi vae um estranho soneto, bizarro e original de Luiz Delfino.

Como um leão, que volta, e vem do firmamento
Tinta a boca de luz dos astros immortaes,
E que na fulva garra – ouzado e famulento –
Mette o dente... e revoa em procura de mais...

Sacudindo a crina, e azas d'oiro ao vento,
Como as girafas dos seus pátrios areáes,
Das estrelas no collo – indômito e violento –
Noite o dente... e revoa em procura de mais...

Sou genio assim – Leão alada da harmonia –
Roubava as ideiaes estrelas da poesia,
Pendurando-as da pátria aos múltiplos florões...

Quem não ouve o fremer dos mundos fulgorosos,
Nos hombros carregando os versos sonoros
Do canto secular, que nos legou Camões!...

(O OCCIDENTE, nº 62, 1880, p. 118)

As incursões poéticas acima, além de homenagearem Camões, trazem aspectos da vida dele, como o sofrimento e as desventuras amorosas, que podemos inferir, quando Machado de Assis aproxima Beatriz (de Dante Alighieri) de Natércia para construir uma imagem de superação sobre-humana; ao lado de elementos que transmitem a grandeza e a posição privilegiada dele em relação aos outros, como o leão, tanto em Valentim Magalhães, quanto em Luiz Delfino.

1.6.14 Aspectos teóricos: para uma apropriada análise iconográfica.

Analisaremos no subcapítulo a seguir as imagens contidas nas edições do Tricentenário, selecionadas n*O Occidente* e, para tanto, utilizaremos o método de análise iconográfico de Elwin Panofsky, que é consagrado nessa área, assim como Boris Kossoy, que o adaptou ao universo da fotografia, pois nossa base de imagens é um meio termo entre fotografia e pintura, como é característico desse periódico. Ainda damos voz ao dialogismo do russo Mikhail Bakhtin. Dessa forma, conseguimos, por meio desse arcabouço teórico, fornecer interpretações satisfatórias desse material iconográfico.

Portanto, façamos algumas postulações. Teoricamente, existe uma diferenciação entre iconologia e análise iconográfica, a saber:

> ICONOLOGIA (...) interpretação que advém da síntese mais do que da análise. Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica. (PANOFSKY, 2011, p. 54)

A análise iconográfica é a investigação do objeto em um momento histórico específico, em que ele é produzido, circunscrito em uma estética com uma simbologia possíveis e acessíveis a ele (KOSSOY, 2001, p.96).

Partindo dessas ideias, resgatemos rapidamente o conceito histórico da produção que analisamos para tecermos os comentários apropriados.

O período dessa produção é de instabilidade política, ainda refletindo consequências do *Ultimatum*, a monarquia fraqueja, a repressão à expressão aumenta, enquanto os republicanos ganham terreno.

> O tema da Nação, em Portugal, está viciado por um século de leituras a preto e branco, em que nação funcionou como o pólo catártico de exaltações alternadamente positivas e negativas, conotadas ora com a direita, ora com a esquerda. Foi em 1890, com a crise provocada pelo que atribuía a Portugal territórios reivindicados pelo império inglês, que a nação surge, personificada na Pátria, como a bandeira dos republicanos, tornando-se o motor de um movimento revolucionário que terminará com o regicídio de 1908 e o derrube da monarquia em 1910. Dois homens contribuem para formar essa dupla, a nação-pátria, o conceito abstracto e a entidade física: Oliveira Martins e Guerra Junqueiro. Martins opõe a nação e o interesse nacional à dinastia do Braganças, reinante desde a Restauração da independência, em 1640; Junqueiro, nos seus poemas “Finis Patriae” e “Pátria” dá forma épica a essa

> visão de historiador deformada pelas lentes do positivismo, ao apresentar a pátria como uma figura agonizando que só a "Mocidade das escolas" poderá redimir, lutando contra a inércia do povo e a indiferença do Rei. O triunfo da República vai dar forma a essa visão no hino, herdado na crise do Ultimatum, que fala dos "Herois do mar, nobre povo,/ Nação valente e imortal", numa fórmula que acrescenta à dupla nação/pátria um protagonista masculino: o povo. (JUDICE, 1996, p. 323)

Durante os anos anteriores ao Tricentenário, Teófilo Braga, que era um dos líderes republicanos, construiu um caminho ideológico para a reconstrução do governo português e da nacionalidade, que tinha na República a sua bandeira e em Camões a sua alma. Esse evento foi uma oportunidade de ouro para que ele e seus correligionários expusessem com veemência e grande alcance midiático essas ideologias. E tal data se tornou tão importante a ponto de hoje a conhecermos como o dia da lusitanidade (ou lusofonia) por excelência. 10 de junho é o feriado nacional em que os portugueses celebram o "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas", efeméride que teve início justamente com o evento que analisamos nesse capítulo. O Dia de Camões foi unificado à comemoração em 1977 definitivamente pelo Governo português e permanece assim até hoje.

Pelo que estudamos nos textos do Dr. Carlos Cunha, da Universidade do Minho, percebemos justamente em Teófilo Braga o grande catalisador dessa ideologia, que coloca Camões como reconstrutor do *ethos*. A análise iconográfica, que fazemos nesse trabalho acadêmico, comprova a dimensão que tal pensamento alcançou nas comemorações. Foi Braga, inclusive, quem conectou etnicamente Camões à Pátria portuguesa, por meio de seus textos biográficos de verve positivista, a partir de 1872, conforme nos ensina o professor:

> "E o poeta, que no seu temperamento e caracter individual encarnou a feição typica da raça lusitana, fortificou o ideal da Patria pela Tradição e deu o máximo relêvo artístico, fazendo vibrar o *ethos* da nacionalidade". (1907: 5)[25] // A biografia funciona mesmo para Teófilo como um processo de psicologia científica, como uma aplicação da ciência positiva à vida humana. Assim, por exemplo, o facto de Camões ter dado continuidade à tradição lírica galaico-portuguesa é explicado por ter tido antepassados galegos (1881: 191). Por outro lado, a genealogia materna, com ascendência nos Gamas, explicaria o seu gênio épico. Este determinismo hereditário é que teria impedido Camões de ter sido afectado pela erudição clássica, pela decadência do seu tempo, e pela nevrose hereditária da sua ascendência, apoiando-se Teófilo, para o afirmar, na *Pathologia do Espírito*, de Mudaley, que concluía que o temperamento resulta sobretudo da hereditariedade, apesar de influências da educação e do meio (1914: 490)[26] (CUNHA, 2011)

[25] BRAGA, Teófilo. *Camões, Epoca e Vida*. Porto: 1907
[26] Idem. *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa – II – Renascença*. Porto: 1914.

Teófilo apresentou um Camões símbolo da identidade nacional, dessa forma, ele representaria a síntese do "carácter português". Ora, que símbolo melhor para a República, que um ente histórico com essa característica notória? Ao lado de Oliveira Martins, que escreveu para *O Occidente*, essa construção foi pensada e colocada em prática.

> No entanto, é em relação à épica que Fidelino de Figueiredo enfrenta o alto nível filosófico a que Teófilo, em conjunto com Oliveira Martins, alçou o estudo d'*Os Lusíadas* (1987: 469). Com efeito, é em relação à épica e à sua interpretação histórica que Teófilo, à luz da sua ideologia republicana e do culto "positivista" da personalidade dos "grandes homens, politiza a obra camoniana e transforma Camões no símbolo por excelência da identidade nacional. Deste modo, é consagrado como "herói" nacional na celebração do Tricentenário da sua morte, em 1880, promovida sobretudo por Teófilo Braga, que o considerava a figura mais representativa do gênio nacional, a síntese do carácter português. (CUNHA, 2011)

Aqui nós percebemos um ponto de contato entre os dois periódicos que compõem o nosso *corpus*. Mais adiante, quando apreciarmos o pensamento de Teixeira de Pascoaes, ficará evidente que ele buscou em Camões (e, no caso dele, na lírica camoniana com destaque) essa mesma aproximação que Teófilo e Oliveira Martins construíram, explicitadas nessa cobertura do Tricentenário. Ambas as revistas, tanto *O Occidente*, quanto *A Águia* (sob a direção de Pascoaes) trouxeram, em momentos distintos, pensamentos construtores de uma mesma ideologia, civicamente atrelada à reconstrução do *ethos* por meio da Pátria/Camões.

Como salientamos no começo do capítulo, havia uma motivação política (republicana, no caso, capitaneada por Teófilo Braga) pulsando por trás do Tricentenário de Camões e essa se torna evidente e veemente a ponto de causar apreensão em parte da mídia. Alguns acreditavam que os republicanos aproveitariam a festividade para dar um golpe de Estado. E esse temor ficou registrado, inclusive, nas páginas d*O Occidente*[27].

As comemorações encenavam partes da história de Portugal e os caros eram divididos de forma temática, como o "carro da agricultura", "do commercio e da indústria". Azevedo consegue, por meio de sua *Chronica Occidental*, descrever com maestria o cenário, que nos evoca até mesmo uma espécie de desfile carnavalesco

[27] O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102

com alegorias similares às que vemos hoje, e com uma visão de águia, também focaliza a população que aprecia o evento e infere suas emoções[28].

> Via-se que a curiosiodade publica era muito mais digna e mais concentrada quando passava, por exemplo, o carro da Arte sobrepujado pela aeria e elegante estatueta do Genio[29] moldada por Simões d'Almeida, do que se por ventura passasse o cortejo de S. Jorge com o seu pagemsinho tremeticando em cima do seu cavalinho branco. // Os olhos do povo compraziam-se evidentemente n'este espectaculo singular, inteiramente novo para ele, coitado, que nunca vira nada com que as suas vistas se deliciassem sem que o obrigassem a ajoelhar e a tirar o chapéu. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

Os Lusíadas (1572) fizeram um resgate parecido, por meio da narrativa histórica que compõe a obra, essa dimensão gloriosa, a fim de exaltar o espírito lusitano, reverberou nela; o que vai em sentido oposto à expressão da Geração de 70, realística e crítica por excelência. Essa buscava a reconstrução por uma visão direta e analítica, enfrentando a situação, negando-se a criar uma realidade vaidosa de si, ufana, hipertrofiada, míope, em que os republicanos apostaram.

Sob essa ótica, percebemos que Camões foi usado como instrumento de manipulação de massa, diferentemente de como ele é usado em Eça de Queirós, por exemplo[30], foi uma construção objetivada para a implantação da República e o Tricentenário, registrado nos textos e nas imagens d*Occidente*, era somente o primeiro passo dado por esse novo poder político.

Historicamente estamos no período após a Regeneração e antes da Renascença do século XX (essa fará parte d*A Águia)*. A Regeneração começou em 1º de maio de 1851 com a derrocada de Costa Cabral e os Setembristas até a Revolta da Janeirinha[31], que levou o Partido Reformista ao poder.

Já nessa época, os jornais e, por extensão, as revistas e outros meios de comunicação, tornavam-se agentes de transformação social e essa mudança acontecia como consequência dos 17 anos da Regeneração, pois um dos pilares ideológicos dela era o crescimento econômico, centralizado na infraestrutura dos

---

[28] Idem.
[29] Refere-se ao poeta Luís Vaz de Camões.
[30] Episódio da estátua de Camões em *Os Maias.*
[31] "Movimento que derruba o governo da fusão, liderado pelo conde de Peniche, ocorrido em 1 de Janeiro de 1868. Insurge-se contra o regulamento do imposto de consumo de 17 de Dezembro de 1867, firmado pelo ministro da fazenda, Fontes Pereira de Melo. O movimento teve o apoio das associações comerciais de Lisboa e do Porto e foi sustentado pelos clubes patrióticos da esquerda que circulavam em torno dos liberais-progresistas ou penicheiros. Havia um clima de insatisfação face à crise das subsistências, com aumento dos preços dos géneros alimentícios e reacções açambarcadoras". (Fonte: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa)

transportes e das comunicações, o que favorecia, obviamente, os liberais, as relações comerciais e os banqueiros, pois havia necessidade de altos investimentos.

> Os textos aqui selecionados surgem exatamente neste período, o da Regeneração, quando se restabelece a liberdade de imprensa e cresce a importância do jornal como instrumento de cultura coletiva. De lembrar que o jornalismo emerge nesta fase como um poderoso agente na construção de uma nova comunidade preocupada com as questões públicas (Espejo, 2011, p. 198).

> Por todos estes motivos, no Portugal de 1899, havia mais de 500 publicações periódicas (Santos, 1988, p. 30) (BALEIRO, RIBEIRO, 2013, p. 327)

As crônicas são excelentes para encontrarmos indícios dessas ocorrências históricas e a pena de Guilherme d'Azevedo não deixou por menos, ele revela, com um ironia e beleza singulares, a situação econômica da monarquia e o favorecimento desta em relação aos banqueiros liberais:

> Ha uns poucos d'annos que Lisboa vie da promessa do Alviella[32] para agosto proximo. O agosto porem passa e só o Alviella não desliza pela garganta secca dos contadores affeitos já agora e viveram d'uma esperança como os possuidores dos títulos do empréstimo de D. Miguel. // Entretanto, n'este momento estas esperanças estão a ponto de se transformarem n'uma doce realidade. O desejado rio já murmura não muito longe da cidade, confundindo os seus suspiros canalisados com os queixumes das viagens sequiosas, e os portadores do empréstimo começam a triumphar, pelo menos nos telegramas da agenda Havas. Basta simplesmente que as coisas toquem os limites da evidência proporcionando-nos a companhia das águas, pela parte que lhe diz respeito, uma porção d'Alviella dentro a um copo, e o governo constitucional reconhecendo os direitos dos banqueiros do direito divino até ao ponto de lhes transformar definitivamente as suas queridas ilusões em libras. (O OCCIDENTE, nº 60, 1880, p. 102)

1.6.15 Análise iconográfica, relativa a Camões, das edições do Tricentenário.

A primeira imagem, em análise nessa parte do nosso estudo, é aquela que ilustra a capa do Supplemento *ao nº 59*, publicado em 10 de junho de 1880.

[32] A nascente do rio Alviella era uma das principais fontes de abastecimento de água de Lisboa e essencial para a subsistência do comércio local.

Trata-se de um busto de Camões, esculpido por Simões d'Almeida[33] e, segundo consta na revista, sob encomenda do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. O registro fotográfico é de Henrique Nunes[34].

A face do poeta está virada à esquerda daquele que a vê, laureada e com as roupas tradicionais da nobreza, de barba, caolho, com uma expressão fechada, séria.

Uma escultura, que expressa a autoridade daquele que é entoado como o suprassumo da Literatura Portuguesa. Na forma de um busco, que é uma representação esculpida se limitando à cabeça, ao pescoço e parte do torso e ombros, como a imagem-fonte orienta, recriando-a em mármore, reforça a ideia de nobreza. Ou seja: o artista, a arte, o material e o local, todos colaboram nessa direção semântica.

Eis a reprodução:

Figura 12 - LUIZ DE CAMÕES – Escultura por Simões D'Almeida para o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 1880, p. 89

[33] José Simões de Almeida (Figueiró dos Vinhos, 1844 - 13 de Dezembro de 1926), também referido como José Simões de Almeida (Tio), para o distinguir do sobrinho homônimo, José Simões de Almeida (Sobrinho), e que foi um escultor português tal como ele. Tem uma biblioteca com o seu nome em Figueiró dos Vinhos. Conhecido como mestre Simões, foi o principal orientador artístico de várias gerações com discípulos famosos pela qualidade das suas obras.

[34] Henrique Nunes foi um conceituado fotógrafo português no fim do século XIX, um dos participantes da Exposição Internacional do Porto em 1865. Participou da Comuna de Paris em 1969 e, ao regressar em Portugal, em 1874, comprou o antigo ateliê de Joseph Plessix. Colaborou com várias revistas literárias e ficou conhecido por suas fotos panorâmicas de surpreendente qualidade, exibidas na revista dirigida por Gervásio Lobato, *O Contemporâneo.* (Fonte: Associação Portuguesa de Photografia).

Segundo o autor da crônica, *Retrato de Camões desenhado por Manuel de Faria e Sousa* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91), a qual o desenho em questão se refere, é a representação original mais antiga que se tem preservada de Camões, datada de 1639.

Percebemos configuração similar à da análise anterior, o que indica que ela se refere a um período da vida de Camões, em que ele já perdera a visão. Apesar de, em um primeiro momento, ficarmos em dúvida se é um olho caolho ou não, pois a imagem não tem uma resolução boa, quando nos atentamos aos detalhes, nós vemos que na cavidade ocular esquerda não há pupila (existe apenas um borrão). Obviamente o desenhista ilustrou a ausência do órgão ali. A pálpebra caída colabora para essa conclusão.

O padrão iconográfico representativo do poeta é esse: roupas da nobreza, com barba, coroa de louros, de perfil e sem a visão. O que, na nossa opinião, é uma imagética satisfatória para entendermos a construção arquetípica que dele fizemos em nossas mentes, além de ser realística. Sabemos que Camões esteve ligado à Corte Portuguesa (SARAIVA, LOPES, 2001, p. 311), o que aproxima a vestimenta de uma realidade vivida e não de uma artificialidade imaginativa para uma construção artística apenas; a barba e o olho são fatos históricos.

A imagem ainda traz um epíteto, disposto em circunferência ao seu redor: “Luís de Camoens, Príncipe de los Poetas”, seguido da data.

Figura 13 - LUIZ DE CAMÕES – Fac-simile do Retrato à pena por Manuel de Faria e Souza (1639)

Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 10 jun. 1880, p. 91

A composição de Manoel de Macedo[35], *Camões lendo Os Lusíadas a D. Sebastião na Penha Verde em Cintra*, ao mesmo tempo em que faz "um resgate histórico" pelo registro do episódio, serve para criar no imaginário popular a importância desse acontecimento e insinua uma proximidade do poeta com o rei.

Macedo constrói a cena, colocando Camões em frente ao rei menino, recitando para ele e sua corte os versos da epopeia recém escrita. Eles estão centralizados no plano da tela e, ao redor, os nobres que acompanham o encontro. Em várias expressões deles, percebemos que estão compenetrados nos cantos épicos que ecoam no ambiente, proferidos pela voz do próprio autor, como se observa no homem atrás da árvore em que está D. Sebastião, cuja mão, que segura o queixo, autoriza-nos essa dedução; naquele que, sentado, olha diretamente para Camões e nos dois que conversam ao lado direito, em uma aparente indagação sobre a história, que estão ouvindo ali.

Esse episódio ilustra bem a poesia *Camões lendo Os Lusíadas a D. Sebastião na Penha Verde, em Cintra* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91), um recorte de Garrett, assim como a ideia que Oliveira Martins trouxe na crônica *Camões e D. Sebastião* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59), o primeiro texto após essa composição. Apesar de não explicitar a relação de cumplicidade ideológica entre eles de forma direta, faz uma conexão, quando interpretamos de forma a relacionar a pintura, com a poesia, com a crônica, de forma dialógica, oferecendo-nos essa possiblidade interpretativa.

Escreve o historiador:

> (...) O enthusiasmo mystico era em Camões, porém, a necessidade de acção de um temperamento forte, e não o desvario de uma imaginação dolente. Partidos de um mesmo estado de espírito, Loyola chegava à visão, Cervantes ao bom-senso e Camões, nem santo, nem sceptico, à doutrina da ação positiva: // *Não se aprende, Senhor, na fantasia // Sonhando, imaginando ou estudando // Senão vendo, tratando e pelejando*. Tal era o estado de espírito do poeta e do rei, quando a sorte approximou um do outro. Em ambos o mesmo pensamento; em ambos egual idea, para resolver a crise lugubre em que viam o reino. Camões e D. Sebastião ouviram-se, comprehenderam-se. O louco arrebatamento do último exprimia de um modo temerário, desvairado, o pensamento do primeiro. Ambos olhavam para a história: e em frente do roído cadáver do império ultramarino, apelavam para a política africana

[35] Manuel de Macedo Pereira Coutinho Vasques da Cunha Portugal e Meneses foi um proeminente pintor, cenógrafo, escritor e ilustrador português. Foi cofundador da revista *O Occidente – Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e colaborou no jornal "A Lanterna Mágica" (1875). Também foi curador do Museu de Belas Artes.

> esquecida por ele, inspirando-se nas tradições heroicas da nação. Um cantava-as no seu poema. O outro ia em pessoa vêr os túmulos dos avós, e venerar, compenetrado, a pessoa de D. João II, cujo cadáver mandou erguer do tumulo, de pé, com a espada em punho. (O OCCIDENTE, Supplemento ao n. 59, 1880, p. 98)

Pensando na composição de Manoel de Macedo, pelo número de pessoas presente (e quem são essas pessoas), a forma como muitas delas se comportam, o que já evidenciamos, não se trata tão somente de uma banalidade ou coincidência: Camões está, por seu canto, "comunicando" ao rei a importância da guerra e, com isso, sendo "cúmplice" dele – o ponto que Oliveira Martins alfineta em sua crônica.

Há base para essa interpretação. Sabemos que *Os Lusíadas* (1572) seguem a estrutura do épico, da mesma forma que é de conhecimento notório as liberdades que Camões teve em relação à rigidez do estilo, que levou muitos à incompreensão estética de sua obra, não percebendo de forma positiva as inovações que o escritor introduziu. Atentemo-nos para a estrutura da obra épica, em que o poeta se dirige diretamente ao rei menino[36]. Existe nela a seguinte passagem:

> 8
> Vós poderoso rei, cujo alto império
> O sol, logo em nascendo, vê primeiro;
> Vê-o também no meio do hemisfério,
> E quando dece o deixa derradeiro;
> Vós, que esperamos juga e vitupério
> Do torpe ismaelita cavaleiro,
> Do turco oriental e do gentio
> Que inda bebe o licor do santo rio.
>
> 9
> Inclinai por um pouco a majestade
> Que nesse tenro gesto vos contemplo
> Que já se mostra qual na inteira idade,
> Quando subindo ireis ao eterno templo;
> Os olhos da real benignidade
> Ponde no chão: vereis um novo exemplo
> De amor dos pátrio feitos valerosos,
> Em versos devulgado numerosos.
>
> 10
> Vereis amor da pátria, não movido
> De prêmio vil, mas alto e quase eterno;
> Que não é prêmio vil ser conhecido
> Por um pregão do ninho meu paterno.
> Ouvi: vereis o nome engrandecido
> Daqueles de quem sois senhor supremo,
> E julgareis qual é mais excelente,

[36] No caso, referimo-nos à Dedicatória, que é uma parte acessória, por ser passível de supressão, precedida da Proposição, em que o assunto do canto épico é apresentado e pela Invocação, em que o poeta pede aos desses e às musas, no caso, as Tágides, as ninfas do rio Tejo, inspiração, engenho e arte para a escritura.
.

Se ser do mudo rei, se de tal gente.

11
Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantástica, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

12
Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço
Um Egas e um Dom Fuas que de Homero
A cítara par'eles só cobiço.
Pois polos Dozes Pares dar-vos quero
Os Doze da Inglaterra e o seu Magriço.
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

13
Pois, se a troco de Carlos, rei de França,
Ou de César, quereis igual memória:
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória,
E aquele que a seu reino a segurança
Deixou, com a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro,
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

14
Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que, nos reinos lá da Aurora,
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terríbil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

15
E, em quanto eu estes cantos e a vós não posso,
Sublime rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do reino vosso,
Dareis matéria a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o peso grosso
(Que polo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.

16
Em vós os olhos tem o mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver o bárbaro gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tétis todo o cerúleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado;
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,

Deseja de comprar-vos para genro.

17
Em vós, se vem, da olímpica morada,
Dos dous avôs as almas cá famosas;
Üa, na paz angélica dourada,
Outra, polas batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos tem lugar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

18
Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam;
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

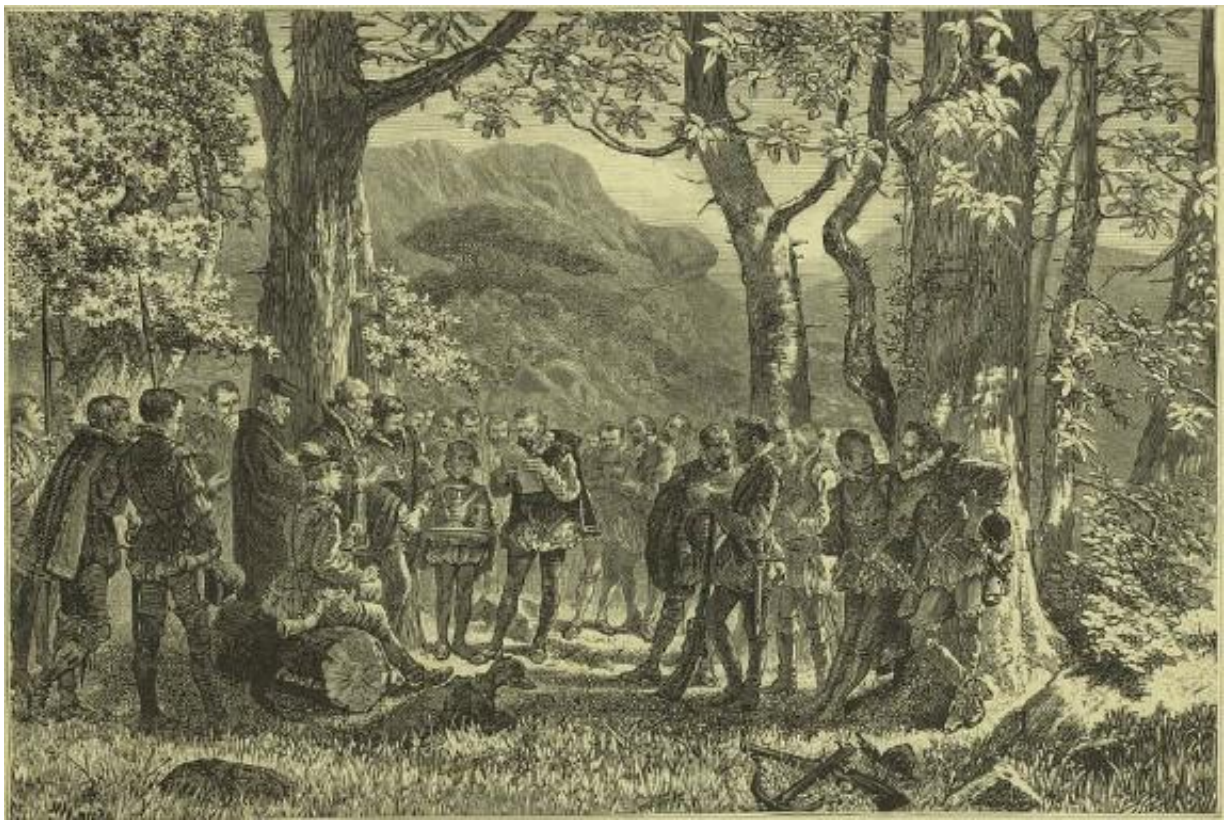
(CAMÓES, 1980, p. 78-83)

Evidentemente que há toda uma estrutura épica exortativa na Dedicatória e uma rígida norma a seguir, mas caberia aqui uma pequena observação, a fim de explicarmos o que nos interessa no momento, que é o ponto de vista de Oliveira Martins. Conseguimos entende-lo ao ler os versos acima, pois Camões coloca no rei a missão de renovar a memória do passado português, pelas figuras metonímicas de seus dois avós: “Em vós, se vem, da olímpica morada, // Dos dous avôs as almas cá famosas; // Üa, na paz angélica dourada, // Outra, polas batalhas sanguinosas. // Em vós esperam ver-se renovada // Sua memória e obras valerosas; // E lá vos tem lugar, no fim da idade, // No templo da suprema eternidade” (CAMÕES, 1980, p. 83).

Observe que Camões realmente incita o rei menino à guerra, pois ele vai além de um simples elogio, ao colocar no inimigo – real – de Portugal (o “bárbaro gentio”), um temor que não existia: “Em vós os olhos tem o mouro frio, // Em quem vê seu exício afigurado; // Só com vos ver o bárbaro gentio // Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;” (CAMÕES, 1980, p. 82) ou ainda “E, em quanto eu estes canto e a vós não posso, // Sublime rei, que não me atrevo a tanto, // Tomai as rédeas vós do reino vosso, // Dareis matéria a nunca ouvido canto: // Comecem a sentir o peso grosso // (Que polo mundo todo faça espanto) // De exércitos e feitos singulares // De África as terras e do Oriente os mares” (CAMÕES, 1980, p. 82) e antecipa uma glória futura, aproximando assim algo ainda não concretizado, uma realidade apenas desejada de um fato encarado como iminente: “e acostumai-vos já a ser invocado” (CAMÕES, 1980, p.

1980). Percebemos como a leitura do historiador é plausível e, sob essa ótica, ela se valida[37], torna-se uma interpretação possível.

Figura 14 – Camões lendo os "Lusíadas" a D. Sebastião na Penha Verde em Cintra



Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 1880, p. 92

A próxima imagem se intitula *Camões salvando Os Lusíadas do naufrágio*[38] é um desenho de Manuel de Macedo, grafador d*O Occidente*, baseado em uma fotografia do quadro de Slingeneyer. Ou seja, é uma intervenção artística, que resgata e reinterpreta a essência de um olhar estrangeiro pela perspectiva de um português.

Nossa análise revela uma posição de destaque dessa imagem na edição que é reproduzida, por utilizar praticamente a totalidade da página. O resgate histórico do naufrágio, que aconteceu com o navio em que o poeta estava na costa da África, é o mote dessa arte, a qual faz o diálogo com os versos de Jaime Vitor, publicados na mesma edição[39], e com os versos camonianos, que transcrevemos a seguir:

[37] Oliveira Martins estava atrelado ao pensamento de Antero de Quental, assim como a Geração de 70.
[38] O episódio icônico do naufrágio é relatado pela primeira vez em publicação datada de 1735, de autoria de Bernardo Gomes de Brito, intitulada "Historia tragico-maritima : em que se escrevem chronologicamente os naufragios que tiveraõ as naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a navegaçaõ da India", disponível em https://archive.org/details/historiatragicom02brituoft Consulta em 09 set 2017.
[39] .5.3 A Camões, *A salvação dos Lusíadas* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91).

> Este[40] receberá, plácido e brando,
> No seu regaço o Canto que molhado
> Vem do naufrágio triste e miserando,
> Dos procelosos baxos escapado,
> Das fomes, dos perigos grandes, quando
> Será o injusto mando executado
> Naquele cuja lira sonorosa
> Será mais afanada que ditosa.
> (CAMÕES, 1980, p. 634)

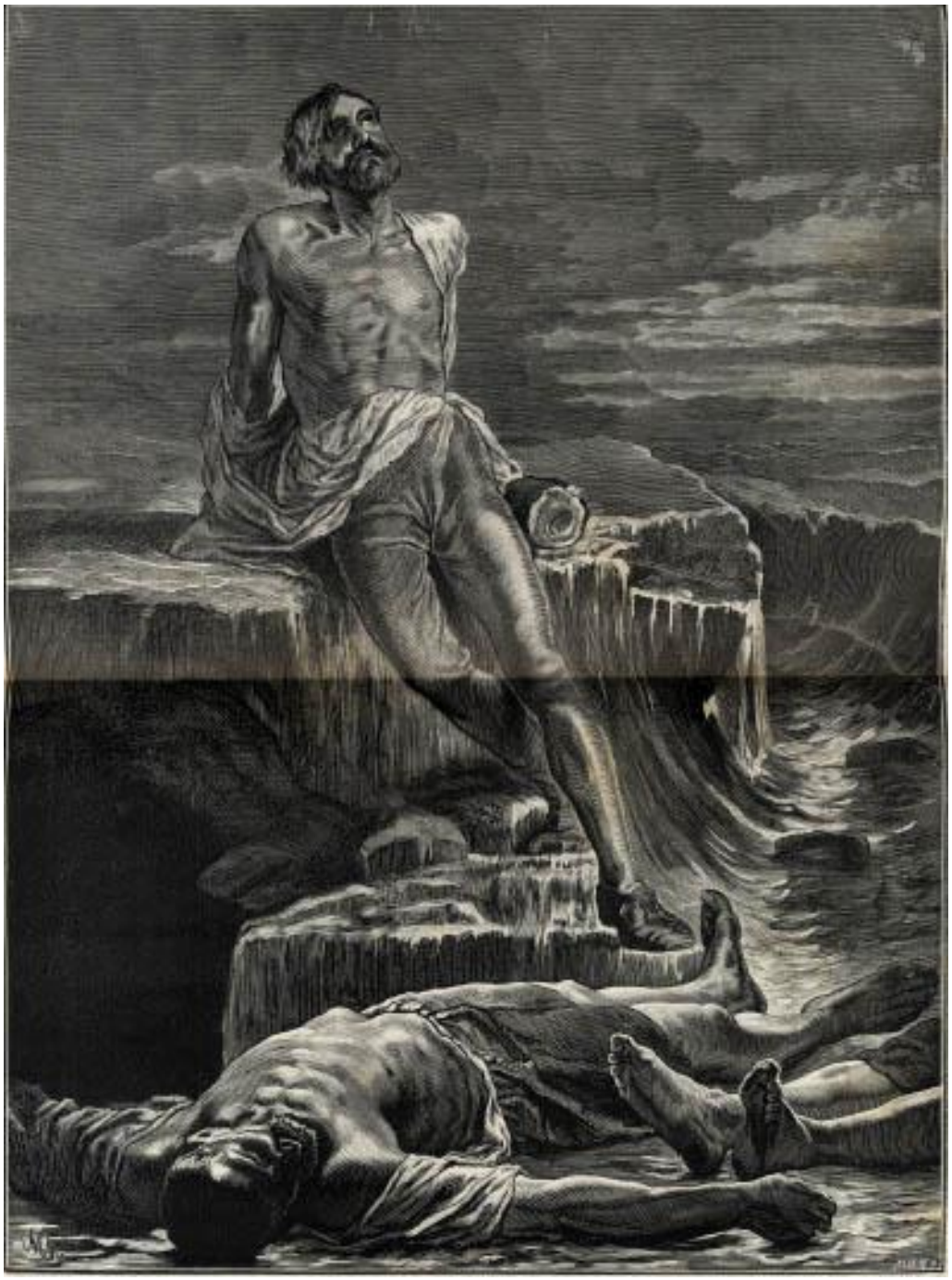
Reforçamos a ideia de que esse é um ótimo exemplo de construção dialógica, realizada pel*O Occidente*, pois percebemos uma construção interdependente entre o quadro pintado por Slingeneyer, o desenho de Manuel de Macedo, a poesia escrita à época por Jaime Vitor, a escrita anteriormente por Camões e o registro histórico. Todas essas vozes, compondo uma significação exaltativa do *ethos* português a serviço dos republicanos.

O quadro tem uma noção de profundidade, que traz o mar ao fundo com toda a carga semântica referente, que nos remete àqueles arquétipos da tradição portuguesa, que serão reiterados em Pessoa, evidenciados na *Introdução* do nosso trabalho e aprofundados mais à frente. O mar é parte do *ethos* português e ele dá significado à *Saudade*, tanto a tradicionalmente encontrada em Garrett, por exemplo, como bem observou Antonio Sergio em discussão com Teixeira de Pascoaes, que veremos posteriormente, quanto como essência constitutiva, como quis caracterizar o diretor d*A Águia.*

Esse oceano abre um caminho de água por onde deposita os corpos dos marinheiros mortos. Em um plano mais elevado, está o poeta com os manuscritos ao seu lado, vivo, olhando para o céu. A roupa rasgada denota a batalha contra a fúria do mar bravio e o peito aberto afronta o poder superior, que não foi capaz de mata-lo; dessa forma, ele o venceu, tal qual os portugueses o fizeram, ele é um "homem superior" em relação aos outros, que sucumbiram (essa ideia também existe no prefácio da primeira edição da Revista *A Águia* e a simbologia, pela mesma perspectiva psicanalítica do animal-símbolo da revista, a figura que guia a alma em ocasiões de iniciação e transição, é observada nesse Camões aqui representado)[41]. Metaforicamente, ao salvar os manuscritos d*Os Lusíadas* nesse fatídico naufrágio, Camões salva "a alma lusitana", triunfando onde os outros fracassaram.

[40] Este: o rio Mecom; Canto: Os Lusíadas.
[41] Vide 2.2 Perspectivas ideológicas: *A Águia* como simbolismo (revisitando o editorial da primeira edição)

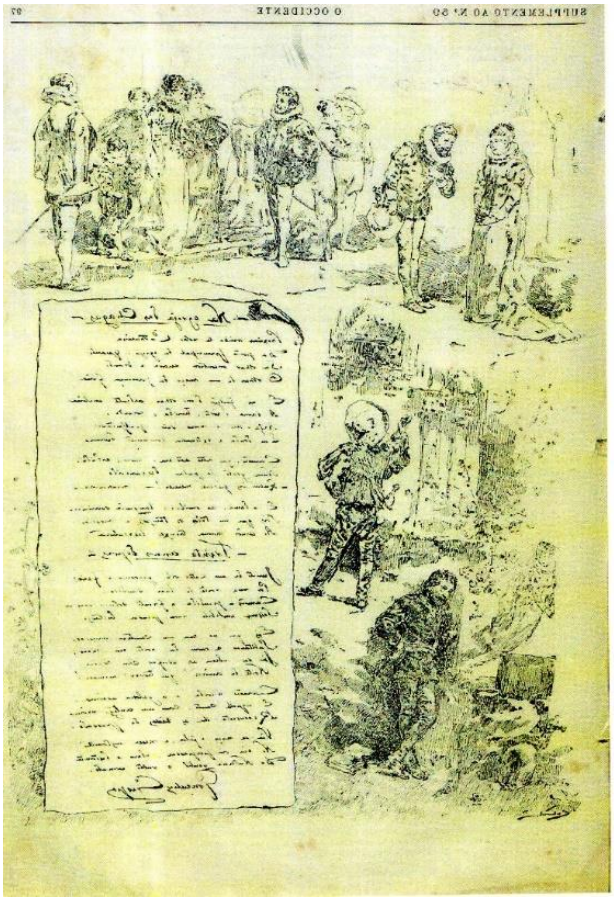
Figura 15 - Camões salvando *Os Lusíadas* do Naufrágio



Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 1880, p. 96

A imagem, que acompanha as poesias *Na Egreja das Chagas e Trinta annos separas de Gonçalves Crespo*, é uma composição que dialoga com momentos biográficos da vida do poeta, representados literariamente nos versos, como o relacionamento dele com D. Catarina. Esse estilo de gravura é comum na imprensa jornalística da época (TENGARRINHA, 1965) e funciona eficientemente em casos como esse, sendo formas de situações narradas no texto, transformadas em imagem.

Figura 16 – Gravuras ilustrativas de episódios com temática camoniana



Fonte: O OCCIDENTE, Suplemento ao n. 59, 10 jun. 1880, p. 97

Um dos acontecimentos mais importantes nesse período da história de Portugal foi a trasladação dos restos mortais de Camões do Convento de Sant'Anna para o Mosteiro dos Jerônimos. Inclusive, essa foi uma atitude política, idealizada pelos republicanos, que teve mais um sentido conotativo de exaltação da "glória portuguesa" pela manutenção da memória, pois o autor d*Os Lusíadas* carrega essa aura em torno do seu nome e, por conseguinte, dos seus restos mortais. Há de se destacar que existe a possibilidade de que os restos mortais que estão hoje no túmulo dos Jerônimos não sejam realmente de Camões[42].

Essa possibilidade é plausível, pois já em 1880, segundo o texto de Brito Rebello (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 99), as dificuldades das comissões nomeadas para encontrar o local da sepultura do poeta e sua ossada e as imprecisões

[42] Além da matéria da nossa revista, *Restos de Luiz de Camões, Convento de Sant'Anna, Mosteiro dos Jerônimos em Belem*, que nos levanta dúvidas a respeito da autenticidade dos restos mortais depositados nos Jerônimos, temos a opinião do camonista Vitor Aguiar e Silva nesse sentido, cujas ideias estão na reportagem *Tumulo nos Jerónimos não conterá as ossadas de Camões*, disponível em https://www.dn.pt/portugal/interior/tumulo-nos-jeronimos-nao-contera-as-ossadas-de-camoes-1874430.html

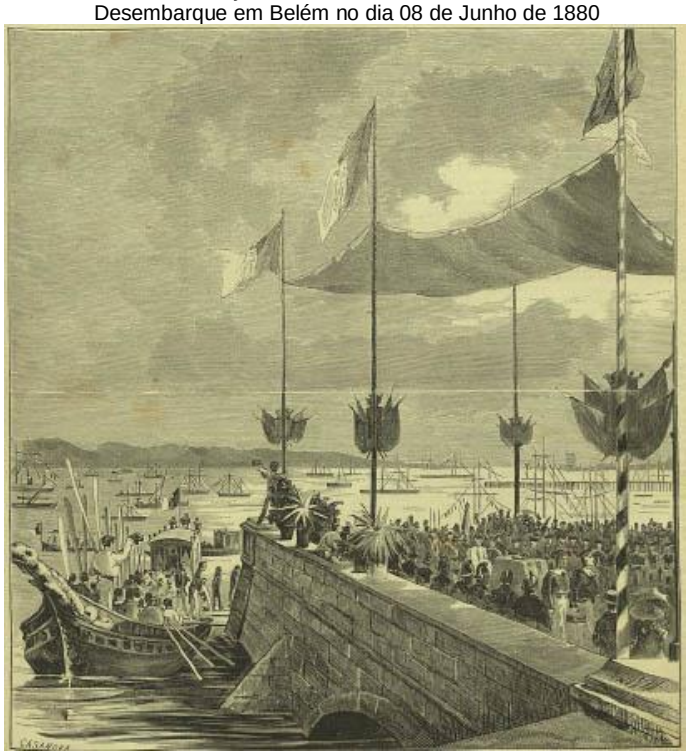
históricas para tal empreita são evidenciadas no relato. Aqui observamos que a importância real é a reconstrução do *ethos* português e que esta foi feita politicamente, mesmo que o corpo não corresponda aos restos verdadeiros de Camões.

Em relação à imagem *Transladação dos restos de Camões e de Vasco da Gama – Desembarque em Belém no dia 08 de junho de 1880* de Casanova, observamos muitas embarcações no porto, com a barca em que as ossadas estavam em destaque à esquerda, no canto inferior, atracando.

Havia uma preparação no local, pelo que mostra a imagem, digna de celebridades: com mastros e bandeiras, corneteiros e tropas da guarda. O artista não deixa um único espaço na multidão, o que significa que a quantidade de pessoas no local era grande, preenchia a capacidade de lotação daquele cais.

Essa foto-imagem ilustra a capa da edição de 16 de junho de 1880.

FIGURA 17 – Transladação dos Restos de Camões e Vasco da Gama – Desembarque em Belém no dia 08 de Junho de 1880



Fonte: O OCCIDENTE, n. 60, 1880, p. 101

Festas do Centenário de Camões – Chegada do Cotejo cívico à praça Luís de Camões de Casanova estabelece uma relação narrativa com a ilustração acima. Em outras palavras, a capa da edição nº 60 traz o barco com os restos mortais de Camões e do Gama, sendo recepcionado no cais nessa cena, logo após eles estão na praça –

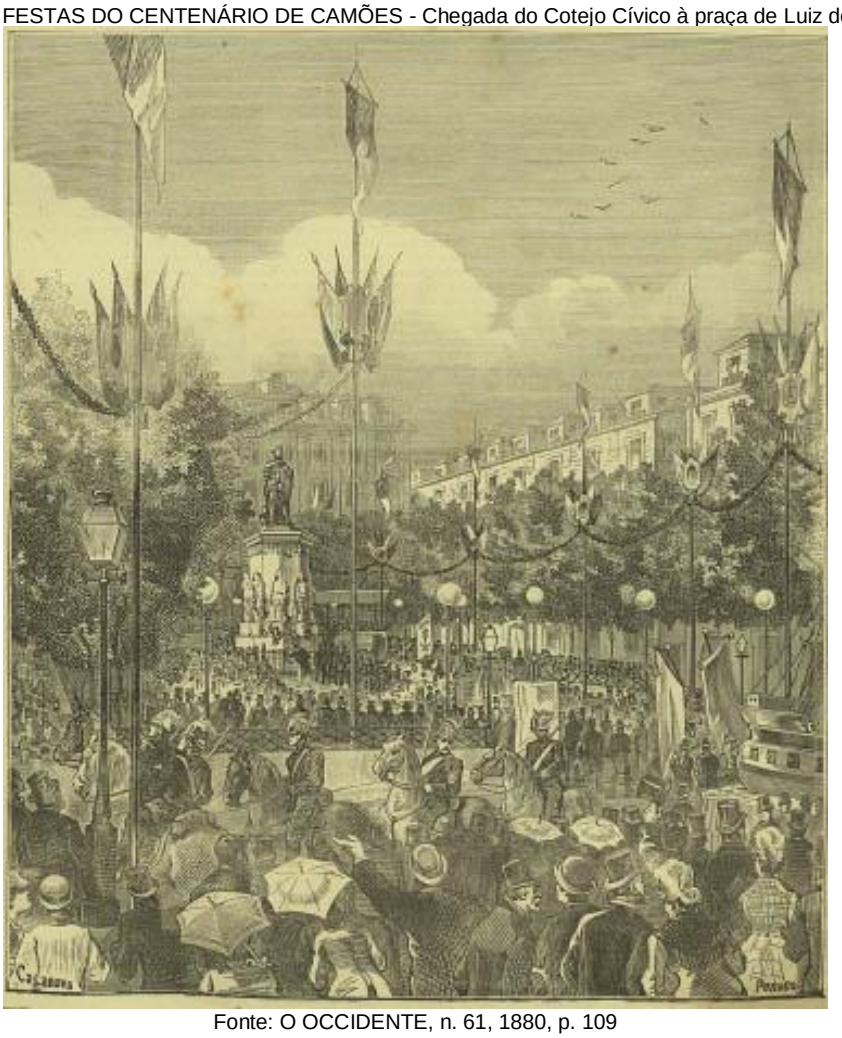
avançamos no tempo e mudamos de espaço e de ambiente – e o cotejo cívico já se encontrava em progresso.

Obviamente aqui observamos um cuidadoso trabalho do editor d*O Occidente*, que buscou transmitir ao leitor por meio da arte, o diferencial da revista, a sensação próxima do real, jornalística dos episódios históricos que o periódico registrava.

Alguns motivos retornam nessa composição: o grande número de pessoas no evento, os mastros com as bandeiras e a guarda que, dessa vez, possui uma cavalaria bem destacada.

Esse espaço é icônico, ele é representado em vários momentos na mídia portuguesa e sua escolha, para ser capturado pelo desenho, dialoga com o simbolismo da exaltação da Pátria: além de toda a tradição cívica, que emana da composição, existe a famosa estátua de Camões que, se observarmos atentamente, está em um plano mais elevado que o das demais pessoas, recebendo destaque das linhas horizontais do prédio à direita e dos mastros, em que as flâmulas se balançam.

Figura 18 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES - Chegada do Cotejo Cívico à praça de Luiz de Camões



Fonte: O OCCIDENTE, n. 61, 1880, p. 109

Seguindo a história, contada pelas foto-imagens, o próximo desenho, que também é de Casanova, intitulado *Festas do Centenário de Camões – O Pavilhão na Praça do Commercio na Occasião de ser assignado o auto do cortejo cívico* nos oferece uma visão mais paisagística do evento, demonstrando que ele teve proporções espetaculares. Isso ratifica as passagens das *Chronicas Occidentais*, publicadas nessas edições comemorativas, que versaram sobre a boa adesão da população lisboeta.

Figura 19 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES –
O pavilhão da Praça do Commercio na ocasião de ser assignado o auto do cortejo cívico

Fonte: O OCCIDENTE, n. 61, 1880, p. 111

Baseando-se na gravura de Alberto, Casanova compõe *A procissão cívica em Lisboa no Centenário de Camões – 1º* de junho de 1886, que ilustra a passeata com os carros alegóricos assim dispostos: Carro Triumphal do Commercio e da Indústria; Carros de Flores e Coroas; Carro Triumphal da Agricultura; Carro Triumphal das Colônias; Carro Triumphal da Arte; Carro Triumphal Militar; Carro dos Estudantes de Infantaria e da Cavalleria; Carro Triumphal da Imprensa.

A *Chronica Occidental* encarrega-se de confeccionar com palavras o tecido da narrativa iconográfica, complementando a experiência estética que *O Occidente* oferece ao seu leitor.

Figura 20 – A procissão cívica em Lisboa no Centenário de Camões – 10 de Junho de 1880

Fonte: O OCCIDENTE, n. 61, 1880, p. 112

O trabalho abaixo traz um panorama da festividade em tributo a Camões durante o período noturno. Também proveniente da paleta de Casanova, intitulado *Iluminação da Praça de D. Pedro*. Os tradicionais enfeites de comemoração cívica repetem-se e a multidão se mostra, como nas outras representações, numerosa. No centro, há a estátua do rei e os fogos de artifício explodem no céu. A cosmovisão é complementada pela imagem que está páginas depois, *Iluminação na Rua Adrea*, cuja focalização destaca, como o título orienta, a beleza das luzes daquela via da cidade durante os festejos cívicos.

Figura 21 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Iluminação da Praça de D. Pedro

Fonte: O OCCIDENTE, n. 61, 1880, p. 113

A vivacidade da imagem transmite uma velocidade à composição, que garante ao leitor da revista a impressão realística da festa, representada ali.

Figura 22 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Iluminação da Rua Aurea

Fonte: O OCCIDENTE, n. 61, 1880, p. 116

A próxima composição ilustra a capa da edição nº 62, 8º anno, Volume III d*O Occidente*, datada de 16 de julho de 1880, um desenho de Casanova em ideia de Alberto.

O banquete oferecido à comissão executiva da imprensa e da Câmara Municipal de Lisboa no dia 4 de julho de 1880 traz várias pessoas da cena política e do meio jornalístico em confraternização, dentro de um salão de festas que, pela perspectiva da imagem, é alto, aberto, de grande dimensão, capaz de conter várias mesas de festa e dezenas de pessoas ao mesmo tempo. A decoração é suntuosa: há castiçais, candelabros, estátuas na porta, vasos gregos etc. Uma comemoração de alto nível.

Figura 23 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES –
O banquete oferecido à Comissão Executiva da Imprensa e Câmara Municipal

Fonte: O OCCIDENTE, n. 62, 1880, p. 117

A mesma edição traz ainda três outras composições, sendo uma do Porto e duas de Lisboa. Na página 120, temos *Iluminação e fogo de artifício no Palácio de Cristal do Porto*, um trabalho de H. Ponsão. Essa arte é mais comedida na representação do número de pessoas, que participaram do evento, pois percebemos vários espaços vazios entre os agrupamentos humanos, o que não verificamos nas imagens de Lisboa até agora, no entanto, a proeminência de fogos é soberba, que explode em uma chuva de luz acima do Palácio, parecendo até uma fonte de jardim a jorrar pólvora prateada, carvão e nitrato de potássio, ao invés de água.

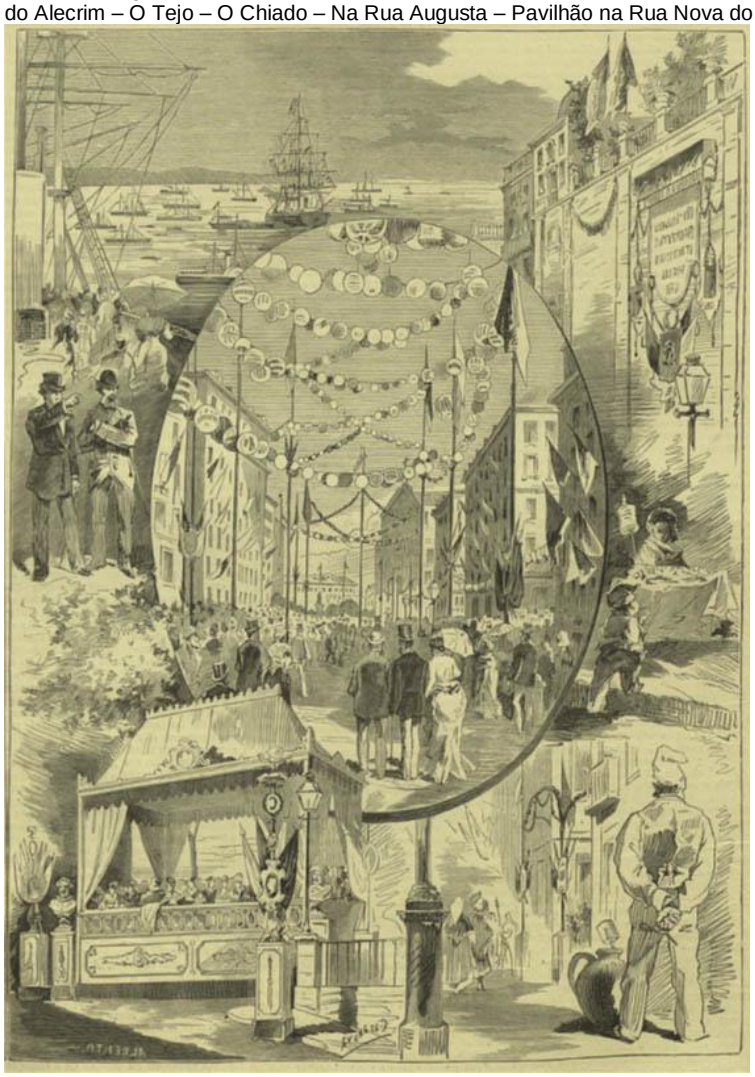
FIGURA 24 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES –
Iluminação de fogo de artifício no Palacio de Crystal do Porto

Fonte: O OCCIDENTE, n. 62, 1880, p. 120

Novamente temos Lisboa com a parceria Casanova-Alberto em *Festas do Centenário de Camões – na Rua do Alecrim – O Tejo – O Chiado – Na Rua Augusta – Pavilhão na Rua Nova do Almada.*

São vários registros amalgamados em uma imagem, que formam um todo: prédio governamental, navios e caravela no Tejo, pessoas trabalhando e participando da festividade no Chiado, na Rua Augusta e no Pavilhão da Almada. Cenas que registram momentos de festividade como se fossem fotografias dos jornais de atualmente, sem a perspectiva fortemente artística dada pela forma como foi elaborada.

Figura 25 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES –
Na Rua do Alecrim – O Tejo – O Chiado – Na Rua Augusta – Pavilhão na Rua Nova do Almada

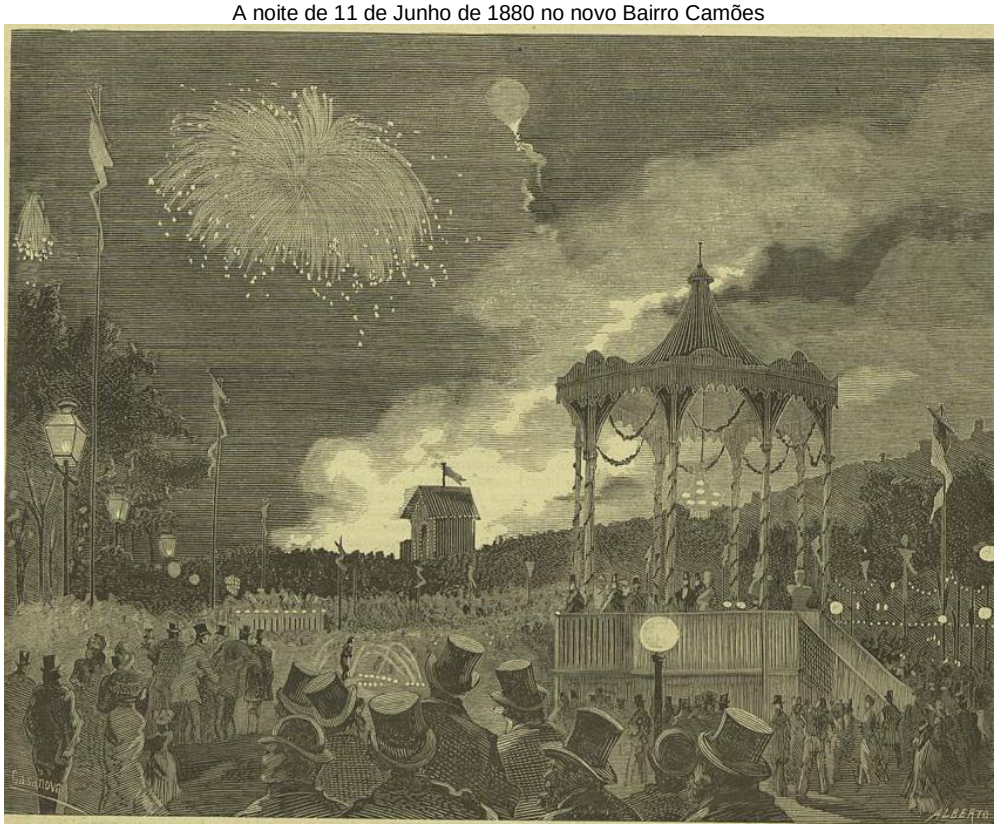


Fonte: O OCCIDENTE, n. 62, 1880, p. 121)

Em *A noite de 11 de junho de 1880 no novo Bairro Camões* (Casanova/Alberto), bairro esse que foi comentado nas *Chronicas Occidentais* dessa edição e aqui é

visivelmente apresentado, existe o tradicional show de fogos no céu, com um balão e nuvens densas. Destacam-se um coreto em primeiro plano, paisagem tipicamente lisboeta, e a presença massiva da população, inferindo à imagem, uma vez mais, o sentido da importância de tal comemoração cívica com a participação dos cidadãos.

Figura 26 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES –
A noite de 11 de Junho de 1880 no novo Bairro Camões



Fonte: O OCCIDENTE, n. 62, 1880, p. 124

Na última edição d*O Occidente*[43], que compõe o nosso *corpus*, a capa é ilustrada por um *Cartão do Centro Artístico do Porto*, exibido na exposição camoniana no Palácio de Cristal (segundo desenho de M. Guimarães).

Trata-se de uma edificação com uma porta triunfal no estilo manuelino, onde Camões está no lugar da passagem (das três portas, a única que se encontra passível para tal empreita).

Assim se compõe a significação: no primeiro corpo da fachada, as figuras proeminentes da literatura nacional; em baixo relevo, as duas vistas de Coimbra e de Lisboa, representando a pátria ideal de Camões; no primeiro friso de medalhões está a representação do Humanismo; sobre Camões, os medalhões da Infanta D. Maria e

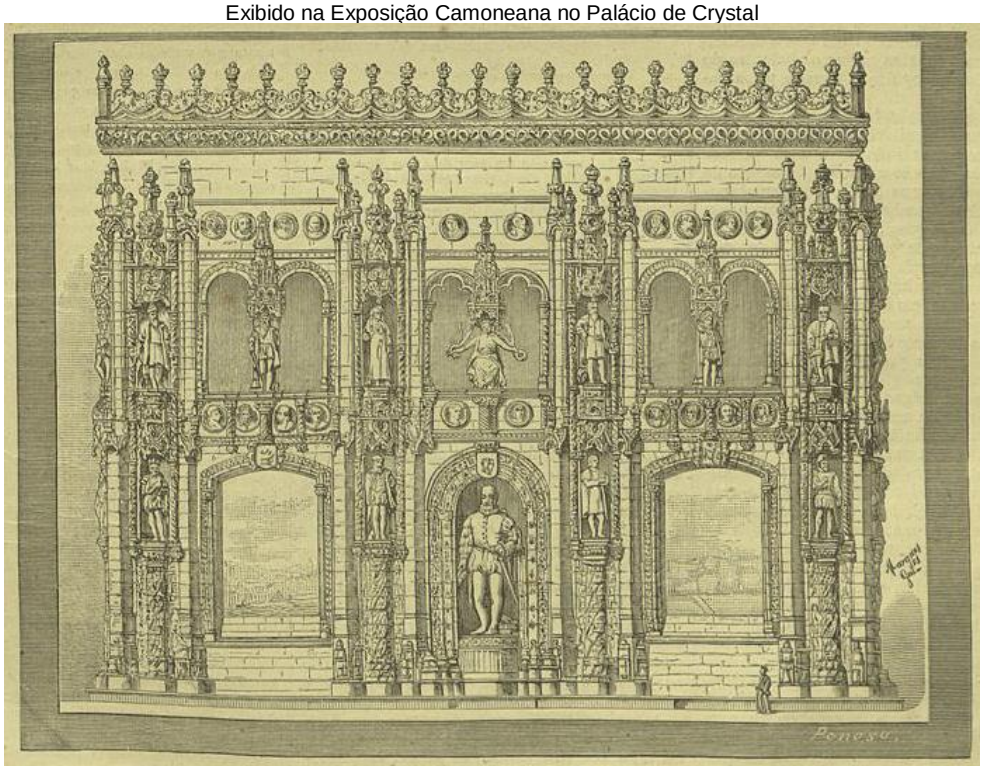
[43] nº 63, 3º anno, volume III de 1º de agosto de 1880

Luiza Sigea, simbolizando o gênio feminino que inspirou o poeta e na parte superior, retribuindo o esforço dele, está a deusa Fortuna.

As estátuas do 2º corpo estão ligadas a*Os Lusíadas*, lembrando os grandes heróis da navegação, da guerra, da administração e da diplomacia. O segundo friso de medalhões pertence a Astronomia e a História (ao centro) e, ao lado, a Filosofia, a Arqueologia, a Indústria e o Comércio.

Segundo as informações do periódico, essa obra foi produzida em três dias e tinha 2,70 cm de largura e 3,10 cm de comprimento, portanto, um tamanho respeitável.

Figura 27 - APOTHEOSE DE CAMÕES – Cartão do Centro Artístico do Porto
Exibido na Exposição Camoneana no Palácio de Crystal

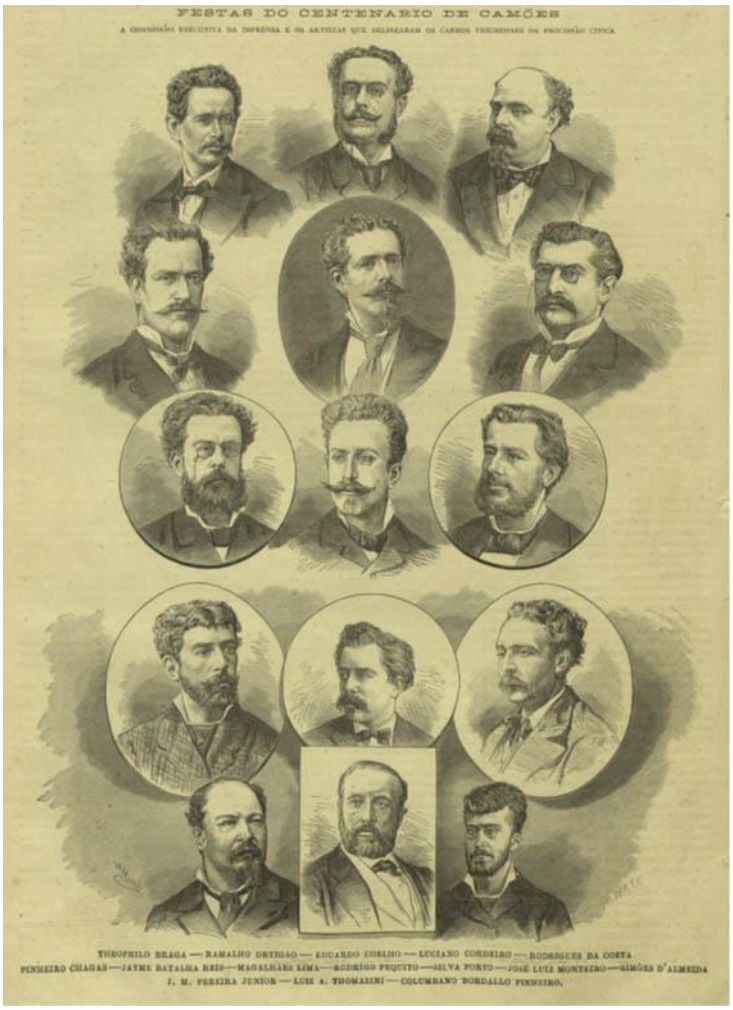


Fonte: O OCCIDENTE, n. 63, 1880, p. 126

Segue-se a apresentação em retrato composto da *Comissão executiva da imprensa e os artistas que delinearam os carros triumphaes da procissão cívica*, a saber: Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Jaime Batalha Reis, Magalhães Lima, Rodrigo Pequito, Silva Porto, José Luiz Monteiro, Simões d'Almeida, J. M. Ferreira Junior, Luiz A. Thomazini, Columbano Bordalo Pinheiro[44].

[44] José Luiz Monteiro delineou o carro da Imprensa; José Maria Pereira o do Comércio e Indústria; Simões d'Almeida o da Arte; o paisagista Silva Porto foi o responsável pelo carro da Guerra; Thomazini fez o Galeão do século XVI e o carro das Colônias, o pintor Columbano Bordalo.

Figura 28 – Comissão Executiva da Imprensa e os artistas da procissão cívica



Fonte: O OCCIDENTE, n. 63, 1880, p. 128

A última imagem, que integra a nossa análise, é uma fotografia de Victor Telles, intitulada *A regata do dia 13 de junho na Bahia de Botafogo*, da mesma edição do cartão, que traz uma cena das comemorações no Brasil, demonstrando para a população a abrangência internacional da festividade.

Além dessa exposição, temos a questão da integração de Camões ao Brasil por meio da Língua Portuguesa, que é comum a ambos os países, o que justificaria a comemoração do Tricentenário também em terras brasileiras. Afirmamos com base nas palavras do próprio imperador D. Pedro II:

> Representante da Nação Brasileira, e amigo das letras e de seus cultores, não hesito em anuir ao pedido de colocar o meu nome entre os dos meus patrícios, que, na grinalda de versos consagrada a Camões, o maior gênio da língua falada por dois povos irmãos, cantor das maravilhas da navegação, a que devemos o nosso Brasil, conseguiram simbolizar os mais generosos sentimentos, imitando a exuberância viçosa e bela de um solo, cujas admiradas riquezas oferecemos cordialmente ao espírito industrioso de todas as outras nações. Estas palavras, escritas ao correr da pena, cingirão a

> formosa grinalda, ao menos, como laço de simpatia. (REVISTA BRASILEIRA, v. 4, 1880, p.357)

A revista informa que a ornamentação da prova era magnífica, havia música e muita gente, a iluminação noturna era belíssima e o que mais impressionava era a regata, registrada nessa fotografia.

Figura 29 - FESTAS DO CENTENÁRIO DE CAMÕES – Brazil – A regata do dia 13 de Junho na Bahia do Botafogo

Fonte: O OCCIDENTE, n. 63, 1880, p. 132

1.7 Aspectos gerais da característica cívica da representação de Camões.

A representação de Camões no inconsciente coletivo dos portugueses, e particularmente da sua obra épica maior, *Os Lusíadas* (1572), torna esse escritor uma espécie de entidade, que ultrapassa a esfera literária, entrando na cívica: é em Camões que Portugal enxerga a sua própria genialidade e é nele que respira o espírito da nacionalidade, apesar de ser Camões, na realidade quem pessoaliza a Pátria, como nos ensinou Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade* (2013). Não é gratuito o uso de Camões em episódios importantes da História Portuguesa.

Pelas análises que já fizemos d*O Occidente*, passando pelo pensamento de vários formadores de opinião, principalmente o de Teófilo Braga, não há dúvida acerca das intenções aquém da Literatura, quando falamos em Camões. Todas as ideologias, a questão da exaltação da pátria, do povo português, o que estava em sua obra foi retrabalhado nas revistas e na política em um resgate, em uma atualização naquele contexto novo.

Para entendermos com mais clareza o motivo pelo qual a figura do vate é tão icônica no *ethos*[45] português, elencamos alguns aspectos de *Os Lusíadas* (1572) que, com o passar do tempo, tornaram-se uma espécie de mantra nessa sociedade, sempre se repetindo. São eles: o Messianismo, o mar e a coletividade[46].

O fato é que Camões inseriu a perspectiva do Messianismo (que chamamos Sebastianismo em semente) na obra dele[47]. O mito do Desejado seria o messianismo precedente, O Encoberto seria a lenda, na qual *Os Lusíadas* têm importância fundamental. No nosso trabalho, temos dois textos em que podemos nos apoiar para afirmar essa construção: tanto Oliveira Martins, em *Camões e D. Sebastião* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98), como Antonio Sergio em *Interpretação do Sebastianismo – A propósito da Evolução do Sebastianismo do srn. J. Lúcio de Azevedo* (A Águia nº 65 e 66, mai/jun de 1917, p. 179-84), ambos perceberam como os fatos históricos ajudaram Camões a construir esse mito, dialogando com o messianismo que o precedera. Ademais, como verificamos na crônica de Oliveira

[45] Entendemos como *ethos* os traços característicos, que moldam uma sociedade, ou seja, a identidade social dela.
[46] Esse é um Norte em nosso trabalho, pois como veremos ao estudar *A Águia* no segundo capitulo, tais características continuarão presentes em muitos textos veiculados por ela. A construção do *ethos* é um processo gradual e constantemente renovado e ressignificado.
[47] Segundo a interpretação da Geração de 70, notadamente a de Oliveira Martins.

Martins, citada acima, existia uma cumplicidade entre o poeta e o rei menino, que orientou nessa construção primordial.

Observe o trecho do épico camoniano:

> Mas, em quanto este tempo passa lento
> De regerdes os povos que o desejam,
> Dai vós favor ao novo atrevimento,
> Para que estes meus versos vossos sejam;
> E verei ir cortando o salso argento
> Os vossos Argonautas, porque vejam
> Que são vistos de vós ao mar irado
> E costumai-vos já a ser invocado.
> (CAMÕES, 1980, p. 83)

Revelador o último verso da estrofe acima: “e costumai-vos já a ser invocado”[48]. Trata-se de uma invocação que ultrapassa a mera exigência da retórica na Dedicatória a D. Sebastião, segundo as palavras do poeta. Tanto é assim que, no *Dicionário de Luís de Camões,* encontramos o seguinte pensamento:

> A presença de D. Sebastião n’Os Lusíadas é avassaladora: ele não é apenas o dedicatário do poema, ele é o rei e o herói predestinado para quem a epopeia foi escrita, com quem o poeta fala, a quem interpela e para quem apela, ele é o herdeiro e a culminação da História do Povo Português. (AGUIAR E SILVA, 2011, p. 129)

O mar é outro símbolo riquíssimo no *ethos* português, muito bem utilizado por Camões. A epopeia lusitana acontece tanto em mar, quanto em terra, mas é justamente no mar o lugar em que os marinheiros enfrentarão o maior desafio: o gigante Adamastor[49]. As principais significações são a viagem pelo oceano e a vitória sobre a personificação do Cabo das Tormentas.

---

[48] Sabemos também que uma segunda edição, uma espécie de continuação d*Os Lusíadas*, fora aprovada pela mesa censora, o que, ao menos em teoria, indicaria uma nova epopeia, cantando a vitória do Rei Dom Sebastião, o que não se concretizou.

[49] Na mitologia grega, ele é um dos filhos de Gaia, um dos rebeldes que se voltou contra Zeus e foi fulminado por este, ficando reduzido a promontórios e ilhas. O primeiro a cita-lo é Sidónio Apolinário. Mais tarde, aparece em Rabelais (Gargantua e Pantagruel). Virgílio descreve o gigante Polifemo como *monstrum horrendum, informe, ingens* (monstro terrível, horroroso, enorme), a quem Camões se inspirou para a passagem de Adamastor (“mas ia por diante o monstro horrendo”). Além disso, em Virgílio, é o Gigante quem interpela os marinheiros (Estrangeiros, quem sois vós? Donde navegastes por caminhos aquosos? - Canto IX, v. 252), já n*Os Lusíadas*, o sujeito ativo, o que toma a iniciativa e se coloca como protagonista, é Vasco da Gama (*"Ó Potestade (disse) sublimada: Que ameaço divino ou que segredo// Este clima e este mar nos apresenta, // Que mor cousa parece que tormenta?" - Canto V, Estrofe 39). Adamastor, a exemplo do Velho do Restelo, é um dos opositores à campanha marítima, ele se atrela, portanto, à ideologia anti-expansionista. Além da fonte grega, Adamastor aparece em um soneto de Bocage, em Voltare no *Essai sur la poésie épique*, em Victor Hugo em *Os Miseráveis* (Tomo II, Marius, Cap. III), em Lamartine (*Les Feuillles d’automne*, cap. IX), Dumas em *O Conde de Monte Cristo* (cap. XXXI), Vinte anos depois (cap. LXXVII), *Georges* (cap. I), *Bontekoe, Les drames de la mer* (cap. XXXI), *Causeries* (cap. IX) e *Mes Mémoires* (cap. CCXVIII), aparece também em Saramago em *Intermitências da Morte* e *Memorial do Convento*, além de Fernando Pessoa, na figura do Monstrengo de *Mensagem*. Ele é a personificação do Cabo das Tormentas, cujo nome faz justiça ao ambiente criado pelo Gigante na obra de Camões, hoje conhecido por Cabo da Boa Esperança. Dentro da mundividência camoniana, Adamastor representa o opositor em figuração épica (o Velho do Restelo é uma oposição humana, essa é divina), grandiosa e que desafia a coragem dos portugueses, predizendo a história trágico-marítima das naus. (Fontes: *Dicionário de Camões* de Vitor Manuel Aguiar e Silva e Fontes d*Os Lusíadas* de José Maria Rodrigues)

Evidentemente, não podemos desconsiderar a força da perspectiva histórica da viagem do Gama. Devemos lembrar-nos, por outro lado, que estamos abordando um texto literário e, como tal, está repleto de elementos imaginativos e subjetivados. Trata-se de um arquétipo: o mar é a representação do infinito e do desconhecido para aquela sociedade. No contexto camoniano, viajar por ele e vencê-lo representaria a força do espírito corajoso e aventureiro do ser português, representado ali metonimicamente pelos marinheiros. Há, portanto, uma ideia intrínseca de valorização da nacionalidade nessa empreitada marítima, é o povo português o escolhido. Hegel, em sua obra *Introdução à Filosofia da História*, percebera essa função do mar na construção de Portugal e a importância daquelas viagens marítimas.

> (...) Creio que Hegel, na sua Introdução à Filosofia da História, referindo-se precisamente aos portugueses, define de um modo brilhante as implicações da nossa relação, enquanto povo, com o oceano: (...) O mar engendra, em geral, uma forma própria de viver. Este elemento indeterminado fornece-nos a representação do ilimitado e do infinito; e, ao sentir-se nesta infinitude, o homem sente o impulso para transcender o ilimitado. (...) É por essa razão que a navegação marítima fomenta no indivíduo a consciência da maior liberdade, mais independência. Assim, a ganância e a indústria são como que sublimados e transformados em algo valoroso e nobre. (RAMOS; BRAGA, 2001, p. 15-6)

Ao imortalizar as navegações em sua obra-mor, Camões exalta os valores percebidos posteriormente por Hegel, transformando esse fato histórico em um catalizador do espírito português, em um valor de nobreza que reina até hoje em seu *ethos*[50].

Esses três elementos da estética camoniana (o Sebastianismo em semente, o mar e a coletividade), foram incorporados a Portugal, ou seja, são indissociáveis do ser português, parte constituinte do seu *ethos*, cuja origem é Luís Vaz de Camões[51].

> Se a construção nacional devia resultar de uma genealogia histórica, que se estabelecia na eleição e na sucessão das nações possíveis, pensar o poeta português como precursor da alma nacional sugere alguma reflexão sobre os maiores referenciais para se construir o passado, o presente e o futuro da nação. (VENÂNCIO, 2012, p. 287)

A importância do aspecto cívico de Camões tornou-se potencialmente maior a partir do século XIX. Foram os românticos e, posteriormente, a Geração de 70, que o

[50] Pois o *ethos* é social e, sendo assim, como a linguagem, ele é vivo e em transformação constante. A herança camoniana ainda habita nele.
[51] Todos esses elementos são percebidos facilmente nas edições *dO Occidente,* que trouxemos a esse estudo.

releram e o mitificaram: Almeida Garrett, Antero de Quental, Oliveira Martins, Teófilo Braga, principalmente, como nos ensinou Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade* (2013).

Camões (1825), de Garrett, é considerada uma das primeiras obras do Romantismo Português, cujo tema é dedicado à vida e à obra de Luís Vaz de Camões, particularmente a*Os Lusíadas*. E o vate não foi apenas lembrado por Garrett. Como dissemos, é quase um mantra a recuperação de Camões, não somente na literatura, como também nos momentos históricos e políticos importantes da nação. Posteriormente Fernando Pessoa recuperará a essência de *Os Lusíadas* (1572) em sua obra *Mensagem* (1934) e tantos outros escritores o citarão, transformando a pessoa histórica em uma metaforização literária, como é o caso de Eça de Queirós, que cita Camões em várias oportunidades, mesmo como forma de contrapor as condições atuais do país àquilo que é representado na epopeia.

O que mais se apresenta nos resgates é o aspecto cívico, ou seja, a imagem ideológica camoniana associada à nacionalidade portuguesa. O período histórico em que Eça de Queirós vivia era de instabilidade, o da Regeneração[52], que antecedeu a Proclamação da República Portuguesa, fato ocorrido em 05 de outubro de 1910. A presença da imagem de Camões servirá também como um contraponto à situação daquela realidade em que Eça se inseria. A estátua de Camões, por exemplo, que é citada na narrativa de Eça, interpretamos como um símbolo da decadência de Portugal, pois, ao vermos a imponência e a magnitude daquele símbolo e compararmos à realidade daquele povo, percebemos o tamanho da queda de Ícaro que, inclusive, foi um dos "avisos" que Camões deixou em *Os Lusíadas*[53]. Interessante ressaltar que, como veremos posteriormente, várias personalidades que estão retratadas na base da estátua são homens das Letras, ou seja, pessoas responsáveis por narrar a História, por cuidar da "Memória" do povo. Talvez Eça estivesse atento a essa significação e trouxesse para a sua cosmovisão essa simbologia. O que é fato incontestável: Camões, ideologicamente, ainda influenciava aquelas personalidades, como Eça de Queirós influenciou séculos depois. Ele ainda era uma força expressiva

[52] Indicamos assistir ao vídeo do Professor José Hermano Saraiva, *História de Portugal - Da Regeneração à República 5 (1851-1910)*, disponível em https://youtu.be/zvloit09Piw (Consulta em 15 Dez 2017).

[53] "103 // Trouxe o filho de Jápeto do céu // O fogo que ajuntou ao peito humano, // Fogo que o mundo em armas acendeu, // Em mortes, em desonras. Grande engano! // Quanto melhor nos fora, Prometeu, // E quanto pera o mundo menos dano, // Que a tua estátua ilustre não tivera // Fogo de altos desejos que a movera! // 104 // Não cometera o moço miserando // O carro alto do pai, nem ora vazio // O grande arquitector co filho, dando // Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio. // Nenhum cometimento alto e nefando, // Por fogo, ferro, água, calma e frio, // Deixa intentado a humana geração! //Mísera sorte! Estranha condição!" (*Os Lusíadas,* Canto IV, 103-104).

e utilizada, mesmo que a serviço da crítica. Comprove no trecho que segue, retirado da obra *O crime do Padre Amaro*, o uso a que nos referimos[54]:

> E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país, - ali ao pé daquele pedestal, sob o frio olhar de bronze do velho poeta, ereto e nobre, com os seus largos ombros de cavaleiro forte, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercado dos cronistas e dos poetas heroicos da antiga pátria – pátria para sempre passada, memória quase perdida! (QUEIRÓS, 2007, p. 255)

A simbologia camoniana foi consolidada no Tricentenário da morte do poeta em 1880[55]. Naquela época, Portugal passava por uma instabilidade política e uma decadência econômica, como observamos pelas palavras de Guilherme d'Azevedo na *Chronica Occidental*, o que fez se levantarem vozes republicanas que alardeavam um novo caminho. Foi nesse contexto que Camões foi evocado[56], reafirmando os valores portugueses, enobrecendo os espíritos e agregando a sociedade. O próprio diretor *dO Occidente* observou isso, nas edições 60 e 61. Foi justamente pela veia cívica, orientada em *Os Lusíadas*, que isso foi possível. Como bem nos explicou Hernani Cidade:

> N'Os Lusíadas, porém, a eficácia é reconhecida quanto ao avivamento do sentimento da nacionalidade – estímulo dinamizador de energias que, servindo a Pátria, podem ser notável contributo em serviço da Humanidade. O espanhol Juan Valera, que no século XIX viveu em Lisboa em atividade diplomática, afirmava que o Poema valia mais para zelar a nossa autonomia do que todos os castelos que eriçavam a fronteira. (CIDADE, 1962, p. 67)

A comissão organizadora do Tricentenário era formada por pessoas da corrente republicana, que usaram a imagem de Camões como um símbolo político, aqueles valores heroicos e nobres dos argonautas de *Os Lusíadas* inspiravam a mente dos portugueses.

Anos antes, em 1867, preparava-se o terreno para essa comemoração. Foi construída uma estátua, parte do Monumento a Camões, em Lisboa. A escultura é

54 É interessante observamos que tal acontecimento só está presente a partir da segunda edição do livro.
55 A abrangência do evento foi tamanha, que ele repercutiu no Brasil. Há muitos registros nos jornais sobre ele. O famoso pensador Vitor Hugo até escreveu uma carta em homenagem ao poeta.
56 Cesário Verde também participou com seu poema *O sentimento dum Ocidental.* Palavras do autor, sobre a recepção de seu texto: "Ah! Quanto eu ia indisposto contra tudo e contra todos! Uma poesia minha, recente, publicada numa folha bem impressa, limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação. Ninguém escreveu, ninguém falou, nem um noticiário, nem uma conversa comigo, ninguém disse bem, ninguém disse mal! Apenas um crítico espanhol chamava às chatezas dos seus patrícios e dos meus colegas – pérolas – e afirmava – fanfarrão! – que os meus versos *hacen malisima figura em aquellas paginas impregnadas de noble spiritu nacional*" (SERRÃO, 1957, p. 210-211)

imponente, feita em bronze, com 4 metros de altura em uma base de mármore de 7,5 metros, onde foram esculpidas as representações de grandes personalidades portuguesas, a saber: Fernão Lopes, Azurara, João de Barros, Castanheda, Pedro Nunes, Quevedo, Corte-Real e Sá de Miranda.

A idealização altiva do poeta, vestido como nobre, segurando um livro e com uma coroa de louros na cabeça, e sua posição acima dos outros, é deveras significativa, como observamos na foto a seguir:

Figura 30 – Monumento a Camões em Lisboa

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_a_Camões

Exatamente esse sentido, décadas depois, foi exaltado pela ditadura de Salazar, o chamado Estado Novo. O poeta foi usado como uma fonte iconográfica para a consolidação dos valores daquela corrente política, a ponto de seu significado ser incorporado ao espírito daquele Portugal.

Foi durante o Salazarismo que o dia 10 de junho, dedicado a Camões, passou a ser comemorado nacionalmente. O regime ditatorial apropriou-se também de outras personalidades, com o mesmo intuito de exaltar a nacionalidade portuguesa.

Por fim, a derradeira coroação de Camões veio logo após a Revolução de Abril de 1974[57], conhecida por Revolução dos Cravos. A partir de então, 10 de junho ficou conhecido como o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas, o que nos revela, que o sentido cívico nele contido extrapolou a fronteira daquela nação.

A estátua de Camões, como comprovamos pelas análises d*O Occidente*, que fizemos nesse capítulo, é um símbolo icônico dessa ideologia transformadora, que influenciou a vida política portuguesa em fins do século XIX e começo do século XX. Essa corrente foi combatida por nomes como Alexandre Herculano, Eça de Queirós, Antero de Quental, Ramalho Ortigão, dentre outros[58].

[57] Também conhecida como Revolução dos Cravos, "foi o movimento que derrubou o regime salazarista em Portugal, em 1974, de forma a estabelecer as liberdades democráticas promovendo transformações sociais no país. Após o golpe militar de 1926, foi estabelecida uma ditadura no país. No ano de 1932, Antônio de Oliveira Salazar tornou-se primeiro-ministro das finanças e virtual ditador. Salazar instalou um regime inspirado no fascismo italiano. As liberdades de reunião, de organização e de expressão foram suprimidas com a Constituição de 1933". (Fonte: História do Mundo, Rainer Gonçalves)

[58] Ressaltamos a importância de leitura de *As Farpas* (1871 – 1882) de Ramalho Ortigão e *Uma Campanha Alegre* (1890 – 1891) e *Novos Factores da Política Portuguesa* (1880) de Eça de Queirós.

1.8 Imagens camonianas pré-republicanas em fins do século XIX

As últimas décadas do século XIX foram significativas em Portugal. Transformações importantes aconteceram antes da instauração da chamada Primeira República em 1910, ano de fundação *dA Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932).

As ideias políticas ferventavam as mentes dos intelectuais da época, dentre os quais estavam os integrantes da conhecida Geração de 70[59]. Por um lado, havia a necessidade de recompor a *alma lusitana*, o seu *ethos* e, para isso, a imprensa teve papel importante. Como percebemos pelas análises até aqui, a questão da reconstrução do ethos passava pela imagem camoniana. Por outro, a economia demonstrava-se arcaica e em decadência, como nos mostra o historiador Tengarrinha:

> Na economia, por seu turno, continuava a insistir-se nos produtos tradicionais – os cereais, o vinho, o azeite, a cortiça – com técnicas ultrapassadas e com formas de comercialização já de há muito exploradas. Não era fácil, por seu turno, conseguir uma modificação de mercados externos. E todo o comércio com o estrangeiro girava em torno das relações com a Grã-Bretanha e das facilidades, até de transporte, que aquele país proporcionava. O peso esmagador da Grã-Bretanha na vida portuguesa não se limitava, evidentemente, ao comércio externo nem à economia em geral. Por via deles condicionava toda a política externa – e, às vezes, até a interna – subordinando-se aos seus desejos, interesses e objetivos. Era impensável trilhar um caminho independente, afastado da aliança e da proteção britânicas, que assim se revelavam um pesado fator de estabilidade na diplomacia de Portugal. (TENGARRINHA, 2000, p. 286-87)

Guilherme d'Azevedo possui um texto realista que, em determinadas situações, chega ser implacável. Ele é o principal e mais profícuo crítico que encontramos nos exemplares do Tricentenário de Camões, publicados em 1880 (Suplemento ao número 59 até o número 63), justamente escrevendo na coluna *Chronica Occidental*, citada anteriormente.

Azevedo tece longas análises no decorrer das mencionadas edições. Já no número que abre as comemorações, ele escreve:

---

[59] Assim se designa o grupo de intelectuais portugueses que, primeiro em Coimbra e depois em Lisboa, manifestaram um descontentamento com o estado da cultura e das instituições nacionais. O grupo fez-se notar em 1865, tendo Antero de Quental como figura de proa e de maior profundidade reflexiva, e integrando ainda literatos como Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis e Guilherme de Azevedo. Juntos ou, como sucedeu mais tarde, trilhando caminhos de certa forma divergentes, estes homens marcaram a cultura portuguesa até ao virar do século (se não mesmo até a República), na literatura e na crítica literária, na historiografia, no ensaísmo e na política. (Fonte: Infopédia, Editora Porto).

> A celebração do terceiro centenário de Camões ainda que não produzisse – pela impressão exterior das pompas com que se adorna, outro resultado senão concentrar a atenção do povo na sublime epopeia que resume a bíblia das nossas glorias, ficaria em todo o caso assignalado como uma data memorável e como um documento que enobrece a geração que soube inspirar-se n'um alto sentimento de justiça para honrar o nome que symbolisa a ideia da nacionalidade com as suas tradições gloriosas e as suas aspirações futuras. (OCCIDENTE, 1880, p. 90)

Percebemos com nitidez que o crítico afirma a importância de Camões para a ideia da nacionalidade pela expressão "o nome que symbolisa a ideia da nacionalidade". Esse é um fato que acontecerá em outras revistas e com outros pensadores também. Anos mais tarde, por exemplo, um dos editores d*A Águia*, Teixeira de Pascoaes, postulará a sua teoria do Saudosismo Metafísico e Fernando Pessoa tecerá a sua visão do Supra-Camões[60].

A importância do autor de *Os Lusíadas* nessa questão é, para Azevedo, a expressão do próprio nome português, como ele cita mais adiante:

> A França, a Hespanha, a Allemanha, o Brasil, a Bélgica, celebram n'este momento o nome de Camões; a Europa culta evoca-o da imortalidade e cobre-o de flores. Ora Camões symbolisa o nome portuguez, é a expressão do nosso modo de ser a synthese da nossa individualidade, de maneira que a soberania do seu gênio devemos o seguinte: // Que o pensamento moderno em vez de nos dar o esquecimento nos dê coroa de rosas! (OCCIDENTE, 1880, p. 90)

Interessante ressaltar que Guilherme d'Azevedo sabia que boa parte do povo era néscio a respeito das comemorações que aconteciam naquele ano, sobretudo em um país em que os índices de alfabetização e de letramento, à época, eram pífios, 79,4% da população maior de 6 anos de idade era analfabeta (RAMOS, 2015, p.1067), mesmo assim, ele valorizava o civismo que acontecia, colocando Camões no espírito "popular", ainda que de forma imprecisa. Veja:

> Na procissão cívica não se manifestou só uma grande tendência de renascimento e um grande symploma de vitalidade latente: manifestaram-se belas disposições artísticas, excelentes dedicações individuaes. O povo pode não ter ficado ainda muito certo de quem seja Camões, entretanto no seu espírito entrou a noção nova de que o trabalho moderno tem uns ídolos tão dignos de respeito, pelo menos, como os dos velhas dogmas, e sobretudo muito mais comprehensiveis – e em muito melhor estado de conservação. Sob este ponto de vista a procissão cívica é um dos factos

[60] Vide Capítulo 2.4 *O percurso da saudade: Teixeira de Pascoaes e a tentativa de reconstrução do ethos português (nascimento do Saudosismo Metafísico)* e 2.*6 Fernando Pessoa e A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada (a gênese de Mensagem).*

> mais profundamente revolucionários que em Portugal se tem realizado. (OCCIDENTE, 1880, p. 102)

Aos poucos, conforme as críticas evoluem, o autor explicita o seu posicionamento político contra o Estado.

> As festas do Centenario ainda que não tivessem outras vantagens e representassem outras afirmações, afirmavam pelo menos o seguinte: a inutilidade dos poderes constituídos em face da iniciativa particular. Pode afoitamente sustentar-se que o grande cortejo cívico do dia 10 de junho fosse organisado pelo estado, o estado, à maneira do que lhe succede com o estado de S. Jorge, ainda a estas horas andaria embrulhado com elle por essas ruas, preguntando aos moradores da rua Augusta se davam notícia do carro da Indústria e deixando extraviar completamente o carro das Colonias – como lhe está succendendo com as próprias colônias. (OCCIDENTE, 1880, p. 102).

A construção acima foi muito feliz, Azevedo utilizou uma imagem da passeata cívica para fazer uma crítica à política portuguesa em relação às colônias, aproximando os carros alegóricos dos países colonizados.

A condução da economia portuguesa estava desgovernada, analogamente ao Carro das Colônias. Como verificamos, a posição de Azevedo, em relação à política de Estado e o Governo em si, é oposicionista. Assim também é a do famoso historiador Oliveira Martins, que defendia o republicanismo democrático e era contra a Monarquia nessa época[61].

A visão de Martins sobre Camões descontrói a imagética sublime apoteótica e quase inatingível do vate, construída por aqueles que querem utiliza-la como ferramenta de ocultação da realidade. Ele não nega a importância de Camões para a nação portuguesa, pelo contrário, ele a reafirma. Porém, a forma como ele vê a relação do Poeta com o rei e os motivos norteadores são os diferenciais. A imagem mais crua da realeza, aquilo que ela representava sem floreios para o povo.

A realidade de Portugal, à época da escritura de *Os Lusíadas*, é expressa por meio dessa imagem:

> O poeta que d'este modo nomeava o rei chegou como dissemos a Lisboa, de volta do Oriente, no anno da peste grande. Vinha pobre, triste, dorido dos açoites do infortúnio. Via por seus olhos o desconjuntar do império portuguez.

[61] Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845 – 1894) foi um dos maiores expoentes da historiografia portuguesa. Influenciou o pensamento de Antonio Sergio, Antonio Sardinha e Eduardo Lourenço. O ideário de Oliveira Martins é como um rio que corre, sendo influenciado pela geografia local: ele muda, conforme o historiador vai lendo a realidade. Monárquico em um momento, republicano em outro; anarquista proudhoniano e liberal; socialista e proto-fascista. Oliveira Martins é uma metamorfose constante, precisamos lê-lo necessariamente com o contexto em mente.

> A Índia, onde vivera, era “um cahos escuro de confusão; era Babylonia, onde o mal se afina, o bem se damna”. Mais podia lá, que a honra, a tyrannia. O cyclo das façanhas terminara, os heroes mortos não tinham legado descendência. A historia da nação prolongara-se, para o poeta, no Ultramar; e desde que os portuguezes tinham montado o Cabo, Portugal mudara os penates para o Oriente. Agora, convencido da raiva irremediável da Índia, regressando ao reino, era o momento de vêr se uma nova fonte de acções heroicas podia continuar a antiga historia e restaurar a fortuna perdida. (OCCIDENTE, 1880, p. 98)

Lembremo-nos que tais palavras foram escritas em uma edição comemorativa do Tricentenário do autor, o que navega, indubitavelmente, contra a maré exaltativa da festividade.

O resgate da fortuna perdida viria por meio de uma obra de arte que cantasse os feitos históricos dessa gente “predestinada”, representada em uma viagem icônica e histórica, realizada por uma figura bem conhecida: Vasco da Gama. Na realidade, a esperança residia na figura emblemática de uma criança real: D. Sebastião, que Camões habilmente trouxe para a sua arte e colaborou na criação desse mito. Inclusive, *Os Lusíadas* são dedicados a ele.

O mito do Sebastianismo estava nascendo e Camões teve importante colaboração para a sua construção. O vate, a serviço de D. Sebastião, pregou a “aventura desesperada” de uma nação em busca de si mesma: a exaltação da nacionalidade e do valor do ser português não são gratuitos, são uma tentativa de resgatar a pátria, que se encontrava à beira da derrocada. Maquiar a realidade era uma necessidade que, tanto o rei, quanto o Poeta, percebiam com nitidez[62].

A empreita do rei em África, como é fato notório e histórico, acabou em ruínas. O rei menino faleceu e seu corpo nunca fora encontrado. Camões, da mesma forma, arruinou-se: ele viu cair por terra as esperanças de reconstrução de sua pátria e o realizar “profético” das palavras da sua mais contundente criação, o Velho do Restelo: “a que novos desastres determinas de levar estes reinos e esta gente?” (CAMÕES, 1980, p. 97)

Essa visão dura e crítica da história portuguesa se coloca justamente como o oposto da imagem que está em *A Salvação dos Lusíadas*[63], que nos revela o escapismo e o heroísmo atribuídos a Camões. O poeta-soldado é o único em pé, todas as outras pessoas sucumbiram, foram mortas pelas águas bravias do oceano. Ao seu lado, um rolo de papel, que representa *Os Lusíadas*.

---

[62] OCCIDENTE, 1880, p. 98.
[63] Consulte 1.6.15 Análise iconográfica, relativa a Camões, das edições do Tricentenário.

O desenho de Manuel de Macedo, cuja fonte é o quadro de Slingeneyer, mostra claramente o episódio fantástico em que Camões salvou o grande épico, quando aconteceu o naufrágio do navio em que o poeta se encontrava. Como demonstramos em nosso trabalho, havia os pensadores, escritores, políticos e jornalistas que estavam reconstruindo o *ethos* português. Essa imagem dialoga com esse ofício deles.

Para ajudar nessa construção romântica, há um soneto, escrito por Jaime Victor, intitulado *A Camões, A salvação dos Lusíadas*, nessa mesma edição.[64]

As hipérboles (“esforço mais que humano”, “grandeza indomável” etc) e a utilização da mitologia na semântica da composição (Mécon) dialogam com o épico. E, na mesma proporção, distanciam-se da realidade. Vale ressaltar que não há nenhum registro histórico de tal feito (o resgate da epopeia). Sabemos do naufrágio, o resgate dos manuscritos veio por conta de cartas e registros não oficiais, não por meio da Marinha Portuguesa. Trata-se de uma sugestão e não de uma comprovação fatual, ou seja, é uma invenção, que foi tomada propositalmente como uma verdade para a construção desse *ethos*. A narrativa ”romantizada” desse episódio é ficcional.

Resgatamos essa passagem para demonstrar que era assim que trabalhava boa parte da imprensa e nesse momento de Portugal, a ascensão da mídia e seu poder de construir “verdades”, a informação jornalística e a efervescência de ideologias, muitas oriundas além das fronteiras (de França, principalmente), transformavam o país. Eça de Queirós foi um grande decodificador dela e deixou em sua obra, inclusive na literária, marcantes e emblemáticas passagens representativas de momentos históricos.

Como Sardica escreveu: “Tudo isto era testemunho real de que o ornatismo se tornara, efectivamente, um poder sociocultural novo, um negócio rendoso, que esgotava rapidamente as gazetas vespertinas e noturnas”. (SARDICA, 2009, p. 17)

Em fins do século XIX, um modesto grupo de intelectuais, no qual Eça se destacava, almejava transformar a sociedade e a política, mostrando a realidade às pessoas, construindo assim uma mentalidade consciente, menos escapista e mais democrática e igualitária. A história chamou esses jovens de a “intelligentsia lisboeta”. (SARDICA, 2009, p. 18)

[64] Retome a análise dessa poesia em 1.6.3 *A Camões, A Salvação de Os Lusíadas,* de Jaime Vitor (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 91), caso queira mais riqueza argumentativa.

Escreve Sardica em seu estudo intitulado *O jornalismo e a intelligentsia portuguesa nos finais da Monarquia Constitucional*, publicado em formato digital pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa em 2009:

> Nas últimas décadas do século XIX e nos primeiros anos do século XX, a imprensa tornou-se o meio por excelência para a reorganização sociocultural da nação, e os jornalistas os grandes agentes construtores, intérpretes e porta-vozes desse novo Portugal acordado para uma maior consciência cívica, para uma participação mais exigente e para um renovado desejo de europeização cultural. Consequentemente, esse foi também o tempo em que o jornalismo mais se modernizou – no estilo, nos conteúdos e até no grafismo –, atingindo um volume de tiragens, vendas e influência na vida social e nos centros decisores da política que se prolongaria até ao final da I República, e que permanece até hoje inigualado. (SARDICA, 2009, p. 18)

Em pareceria com Ramalho Ortigão, Eça imprimiu um diálogo realista e contundente, que logo lhe daria a reputação de respeitado teórico e escritor intelectualizado, quando os textos de *As Farpas* vieram a público[65].

> A situação é esta. Uma parte importante da Nação perdeu totalmente a fé (com razão ou sem razão) no parlamentarismo, e nas classes governamentais ou burocráticas que o encarnam; e tende, por um impulso que irresistivelmente a trabalha, a substituí-las por *outra coisa*, que ela ainda não definiu bem a si própria. Qual pode ser *essa outra coisa?* Que soluções se apresentam? // Por um lado a República não pode deixar de inquietar o espírito de todos os patriotas. Ela seria a confusão, a anarquia, a bancarrota. Além disso (é de urgente patriotismo falar com franqueza) a República entre nós não é uma *questão de política interna, mas de política externa.* Um movimento insurreccional em Lisboa, triunfante ou semi-triunfante, seria no dia seguinte um exército de intervenção marchando sobre nós da fronteira monárquica da Espanha. E se a Espanha, pela morte da criancinha inocente que é rei, se convertesse numa república conservadora - um movimento paralelo em Portugal, apoiado por ela e coroado de êxito, seria o fim da nossa autonomia, da nossa civilização própria, da nossa nacionalidade, da nossa história, da nossa língua, de tudo aquilo que nos é tão caro como a própria vida, e por que temos, durante séculos, derramado sangue e tesouros. // Por outro lado uma «revolução feita de cima», uma concentração de força na Coroa (que a muitos espíritos superiores, e que vêem claro, se apresenta como a nossa salvação), concentração, que, apoiada na parte mais inteligente e mais pura das classes conservadoras, procedesse às grandes reformas que a consciência pública reclama, não seria compreendida pela Nação irremediavelmente impregnada de liberalismo e que nessa concentração de força só veria uma restauração do absolutismo e do poder pessoal. (QUEIRÓS, 1890, p. 541)

Enquanto Eça tecia ideias mais socializadas e era monarquista, Oliveira Martins trabalhava para levar ideias democráticas e republicanas com o *Jornal da Democracia*

[65] Nesse sentido, Eça estava localizado no espectro político oposto ao dos idealizadores do Tricentenário de Camões.

Portuguesa. Ideias contrastantes, divulgadas em jornais e periódicos, pois ambos sabiam o poder que essa nova imprensa trazia.

> Em Janeiro de 1867, com 21 anos, o futuro escritor chegou a Évora para ser o faz-tudo num pequeno jornal de oposição, o Distrito de Évora. O editorial do n.º 1 deu o mote para a forma como a geração do segundo liberalismo encarava a nova imprensa, ao mesmo tempo que desenhava uma protodeontologia para essa renovada actividade. «O jornalismo» – começava Eça – «na sua justa e verdadeira atitude, seria a intervenção permanente do país na sua própria vida política, moral, religiosa, literária e industrial». Com que objectivos? «Fazer conhecer o estado das coisas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os actos culposos, velar pelo poder interior da pátria [...] pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.» A atividade do jornalismo nunca devia ter repouso ou abrandamento, porque era necessário «todos os dias falar, discutir, convencer [...] revolver todas as coisas», em ordem a «fazer triunfar o bem». Por isso os jornais eram simultaneamente «o arquivo da opinião moderna, a repercussão de uma impressão geral, o motor dos espíritos», que «ensina», «professa» e «alumia» como «grande construidor do futuro». (SARDICA, 2009, p.20)

Tanto em seus textos jornalísticos, quanto nos artísticos, Eça trazia a crítica social e, com ela, uma "educação", no sentido de fazer o leitor observar e pensar a respeito da situação descrita. Observe um trecho de *Os Maias,* em que ele usa o local em que se encontra a estátua de Camões de forma inusitada:

> Estavam no Loreto; e Carlos parara, olhando, reentrando na intimidade daquele velho coração da capital. Nada mudara. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendiam nas portas das duas igrejas. O Hotel Aliança conservava o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo Sol dourava o lajedo; batedores de chapéu à faia fustigavam as pilecas; três varinas, de canastra à cabeça, meneavam os quadris, fortes e ágeis na plena luz, A uma esquina, vadios em farrapos fumavam; e na esquina defronte, na Havanesa, fumavam também outros vadios, de sobrecasaca, politicando. // - Isto é horrível, quando se vem de fora! - exclamou Carlos. - Não é a cidade, é a gente. Uma gente feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada!... (QUEIRÓS, 1888, p. 280)

Exímio na descrição e perito em figuras de linguagem, Eça de Queirós constrói, sutil e ironicamente, a sua opinião, quando introduz um adjetivo próprio de seres vivos a um objeto sem vida, a "estátua *triste* de Camões". Estátuas não possuem sentimentos, homens sim. Trata-se de uma prosopopeia, metodicamente colocada no trecho citado, para transmitir a realidade histórica em que Portugal se encontrava. Uma vez que Camões representa Portugal e o sentimento de tristeza (humano) é

atribuído à estátua que o simboliza, entendemos que o próprio Camões está triste e, dessa forma, o país, incluindo nele o autor. Ademais, a inércia descrita na cena traduz-se pela estagnação secular de uma nação, que se colocou em atraso em relação ao resto da Europa. Camões representa o passado glorioso, que não existe mais. O tempo pedia mudança e o grito da República acontecia na imprensa portuguesa.

Como verificamos nesse capítulo, a utilização de Camões como expressão de realidade e como instrumento de construção (e desconstrução, no caso de Eça) foi largamente utilizado em fins do século XIX e começo do século XX. Difundiu-se a ideia, principalmente, por meio do novo jornalismo, esse, que levado à população pela imprensa, fez o papel que *Os Lusíadas* fizeram no século XVI: divulgar uma ideologia nacionalista para construir o *ethos* português. Aqueles novos "Velhos do Restelo", críticos e realistas em relação à economia e política, bradavam para os navegantes, representantes oficiais do Governo, alertando-os. Tanto republicanos democratas, quanto monarquistas socializados nas ideias *proudhonianas*, queriam mudanças e ambos criticavam os políticos e a decadência da nação, utilizando a imprensa. As imagens camonianas, ora usadas para o propósito de maquiar a realidade, ora como um contraponto semântico para demonstrar a realidade, fizeram parte dessa história. Como bem escreveu Eça de Queirós, a política, se usada como arma, pode causar desgraças. E causou.

> A política é uma arma, em todos os pontos revolta pelas vontades contraditórias; ali dominam as más paixões; ali luta-se pela avidez do ganho ou pelo gozo da vaidade; ali há a postergação dos princípios e o desprezo dos sentimentos; ali há a abdicação de tudo o que o homem tem na alma de nobre, de generoso, de grande, de racional e de justo; em volta daquela arena enxameiam os aventureiros inteligentes, os grandes vaidosos, os especuladores ásperos; há a tristeza e a miséria; dentro há a corrupção, o patrono, o privilégio. A refrega é dura; combate-se, atraiçoa-se, brada-se, foge-se, destrói-se, corrompe-se. Todos os desperdícios, todas as violências, todas as indignações se entrechocam ali com dor e com raiva. (LAGO, 1867, p. 135-36)

O escritor sabe que os ânimos se embrenham em luta pelo poder. A perspicácia de Eça de Queirós é extraordinária. Sua capacidade analítica nos impressiona ao observar a realidade e as movimentações político-ideológicas. Guilherme d'Azevedo, nas páginas d*O Occidente*[66] , percebera que a presença do Exército era perigosa nas Comemorações do Tricentenário e que a República, ao menos em possibilidade, viria

[66] Vide Capítulo 1.5 *Chronica Occidental,* o território crítico de Guilherme d'Azevedo.

por um golpe militar. Não aconteceu em 1910, foi em 1926. Da mesma forma, ao perceber essa aproximação do Partido Republicano com a força militar, o escritor de *A Cidade e as Serras* (1901) agiu como um verdadeiro Oráculo. Eis suas palavras:

> (...) Ora o facto incontestável (e que seria antipatriótico disfarçar) é que o Partido Republicano procura atrair o exército; e que, forçado a defender-se, o regímen constituído apela por seu turno para o concurso leal do exército, decerto inabalável na sua lealdade. // Mas pelo simples facto do exército ser a força essencial com que conta o regímen constituído, e com que conta o partido de revolução, ele toma fatalmente uma preponderância inesperada nos nossos destinos políticos. Dele parece depender tudo, e portanto ele torna-se tudo. Assim como em Inglaterra, e já agora em França, o boletim de voto é tudo, e sobre ele se exerce ardentemente a propaganda dos partidos, assim entre nós parece desenhar-se o momento em que a espada do exército será tudo, e sobre ela, e só sobre ela, se concentrará a acção e a influência dos que legitimamente possuem, ou que subversivamente pretendem, o poder. // Isto, se não nos enganamos, pode importar proximamente no advento do militarismo. Dirão (e dizem) os optimistas que o exército em Portugal nunca sairá da sua devida submissão ao poder civil. Assim o supomos. Mas nunca se deve basear um sistema de acção política no optimismo, na hipotética perfeição dos homens e das coisas, e em frases. O exército não é composto de entidades abstractas, e impessoais como princípios: é composto de homens de carne e osso, susceptíveis de todas as fraquezas e de todas as tentações humanas. Ora desde que uma classe sente que só ela é a força única, e que tudo gravita em torno dela, pode, mesmo mau grado seu, e pelo irresistível impulso da sua própria força, ser levada a tudo querer dominar, e fazer prevalecer, como superior a todos, o seu interesse de classe. Pode-o mesmo fazer por uma nobre ilusão patriótica, considerando que, desde que tudo em torno dela é fraco e impotente, e está morrendo dessa impotência e dessa fraqueza, no predomínio da sua força reside a salvação da pátria. (QUEIRÓS, 1890, p. 540)

Antes das Forças Armadas tomarem o poder em Portugal, o que aconteceria em 1926, os trabalhos de reconstrução do *ethos*, durante a Primeira República, continuariam. Dessa feita, trazemos o periódico *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* e suas importantes colaborações ao nosso estudo.

CAPÍTULO 2 *A ÁGUIA*: ÓRGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA (1910-1932).

> *"Camões é um pilar incontornável que se projeta objetivamente, em relação paragramática intertextual ou por diversos modos de assimilação, na criação literária de Pascoaes. Por alusões próximas, por reflexos concretos e discretos, por uma linha de continuidade ideológica: o paragramatismo lusíada".*
>
> *(Maria Luísa de Castro Soares)*

A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932) foi um dos periódicos mais profícuos no período de sua existência. O primeiro exemplar, cuja publicação data de dezembro de 1910, descreve a publicação como quinzenal e o diretor sendo Álvaro Pinto. A periodicidade permanece assim até março de 1911, depois dessa edição, a revista torna-se mensal.

É importante ressaltar que o surgimento d*A Águia* não é obra do acaso. O ano de 1910 é particularmente sintomático. Com a Proclamação da República, a maior parte da mídia, que simpatizava com a Monarquia, foi extinta.

> Assim, em Lisboa, extinguiram-se, logo em Outubro, o Correio da Noite, o Novidades, o Diário Popular, o Notícias de Lisboa, o Diário Illustrado e O Portugal. Nos fins de 1910 e primeiros meses de 1911 suspenderam a publicação de O Liberal, O Imparcial, o Correio da Manhã – este sofrera já interrupção, de 4 a 27 de Outubro – e O Dia. Este último voltou, no entanto, à liça, um mês mais tarde (2 de Fevereiro de 1911), ficando a ser o único jornal monárquico de importância, já que A Nação, porta-voz dos legitimistas, pouca audiência alcançava. O efêmero O Popular, vespertino monárquico criado por Carneiro de Moura no último dia do ano de 1911, duraria apenas três meses, até 30 de Março de 1912. (MARQUES, 1981, p. 26)

De forma inversamente proporcional, a imprensa diária republicana nascia e se multiplicava.

> Em compensação surgiram, no campo dos triunfadores: A República Portugueza, diário republicano radical da manhã, dirigido por Luís de Câmara Reis entre outubro de 1910 e Janeiro de 1911; O Intransigente, em 12 de Novembro de 1910, dirigido por Machado Santos, que foi também órgão oficioso da Carbonária até Fevereiro de 1911, para depois se converter em diário "radical"; A Democracia, de Feio Terenas, matutino que durou pouco, de 15 de Novembro de 1910 a 28 de Janeiro de 1911; Republica (em 15 de Janeiro de 1911), órgão de Antonio José de Almeida e dos seus futuros evolucionistas; O Tempo, de Antonio Macieira, diário da manhã afecto ao grupo de Afonso Costa, o qual poucos meses durou (de 16 de Março a 31 de

> Maio de 1911); e A Patria, vespertino dirigido por Ramada Curto, que surgiu como o primeiro diário oficialmente “democrático”, embora de curta duração: de 2 de Dezembro de 1911 a 10 de Agosto de 1912. Extinguiu-se, em contrapartida, a Vanguarda, em 5 de Março de 1911. (MARQUES, 1981, p. 26)

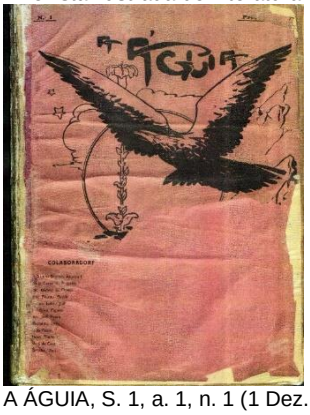
Essa onda de dominação republicana das mídias impressas aconteceu em todas as cidades portuguesas. Temos a inequívoca convicção de que a imprensa, após a Monarquia ruir, foi a grande voz de solidificação do sistema político. E *A Águia* se insere perfeitamente nesse cenário, ainda mais a partir da segunda série.

O cadastro do periódico na Biblioteca Nacional de Portugal traz como subtítulo *Revista Quinzenal Ilustrada de Literatura e Crítica*. Como se evidencia em nossa tese, consta *Órgão da Renascença Portuguesa*. Cabe agora explicarmos o motivo da nossa preferência. Seus diretores foram Álvaro Pinto, Teixeira de Pascoaes, Antonio Carneiro, Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, Hernâni Cidade, Casais Monteiro, Sant’Anna Dionísio, Aarão de Lacerda e Delfim Santos.

A revista divide-se em 5 séries, a saber: S. 1, a. 1, n. 1 (1 Dez. 1910)-s. 1, a. 1, n. 10 (Jul. 1911); s. 2, vol. 1, n. 1 (Jan. 1912)-s. 2, n. 118/120 (Ag./Out. 1921); s. 3, vol. 1, n. 1 (Jul. 1922)-[s. 3, vol. 10, n. 60 (Dez. 1927)]; s. 4, vol. 1, n. 1/2 (Jan./Abr. 1928)-[s. 4, n. 12 (Dez. 1929)]; s. 5, a. 20 (Jan./Fev. 1932)-[s. 5, a. 20, n.o 3 (Maio/Jun. 1932)].[67]

Apesar dos ideários da Renascença já estarem presentes no prefácio da primeira edição*, e*m 1912, ela foi comprada pelo grupo, após a realização de uma reunião em agosto e setembro de 1911 com Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Álvaro Pinto e Teixeira de Pascoaes, esse último, que assumiu a direção do periódico, inaugurando a segunda série em Janeiro de 1912.

Figura 31 - Capa da primeira edição da Revista
A Águia – Revista Ilustrada de Literatura e Crítica



Fonte: A ÁGUIA, S. 1, a. 1, n. 1 (1 Dez. 1910)

[67] Para detalhes complementares, consulte o Anexo 2.

Figura 32 - Capa da primeira edição da segunda série da Revista
A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa

Fonte: A AGUIA, s. 2, vol. 1, n. 1 (Jan. 1912)

É por esse motivo que utilizamos o subtítulo da segunda série, pois ele está atrelado à reconstrução do *ethos* português, no qual Camões teve importante colaboração. Foi, ainda, pela direção de Pascoaes que a revista entrou com força nessa reconstrução, exercendo uma influência decisiva nas mentalidades da época até o Salazarismo[68]. Inclusive, *A Águia* foi a revista diretamente responsável pelo nascimento de duas famosas teorias: o *Saudosismo Metafísico* de Pascoaes e a *Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada*, de ninguém menos que Fernando Pessoa.

Essa voz da Saudade, característica tão cara ao ser português que, vale lembrar, dialoga também com o pensamento pessoano, ao Simbolismo de Mário Beirão[69], ao Neo-Garrettismo[70] de Jaime Cortesão e até mesmo ao Racionalismo[71] de Antonio Sérgio que, ao se desentender publicamente com Pascoaes, deixará de escrever para a revista, fundando a *Seara Nova*, em 1921, ao lado de Raul Brandão, Raul Proença e do próprio Cortesão. Essa rusga entre os dois pensadores faz parte da nossa tese e será analisada posteriormente em capítulo próprio.

[68] Segundo estudos do Dr. Paulo Motta Oliveira, apresentados no trabalho da Dra. Raquel dos Santos Madanêlo Souza, após a saída de Pascoaes, essas questões diluíram-se consideravelmente. (SOUZA, 2008, p.30)
[69] Poeta português nascido a 1 de maio de 1890, em Beja, e falecido a 19 de fevereiro de 1965, em Lisboa. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, exerceu a função de conservador num Registo Civil. Colaborou em *A Águia* e *Portucale*, tendo uma parte substancial da sua obra poética (Cintra, O Último Lusíada, Ausente, Lusitania e Pastorais) sido publicada pelas edições da Renascença Portuguesa, sociedade constituída, após a instauração da República, com o objetivo de promover o ressurgimento cultural nacional. (Fonte: Infopédia - Editora Porto)
[70] Movimento revivalista que, no final do século XIX, reitera os ideais defendidos pelo escritor Almeida Garrett (1799-1854), nomeadamente a promoção e a salvaguarda do património cultural português, nacionalismo literário. (Fonte: Infopédia - Editora Porto)
[71] Doutrina filosófica segundo a qual só na razão devemos confiar e não admitir nos dogmas religiosos senão o que ela reconhece como lógico. (Fonte: Infopédia - Editora Porto)

A revista possui uma característica peculiar, diríamos até “democrática”, no sentido de que se ouviam vozes de correntes diversas, apesar de ela ser explicitamente um órgão de uma vertente em específico: a Renascença Portuense. Nesse sentido, *A Águia* é como uma espécie de termômetro do pensamento da época, pois ela não cerceia o contraditório, ela abre espaço para que ele se manifeste e enfrente a outra voz: foi exatamente o que aconteceu entre Pascoaes e Sérgio.

O esforço nacionalista, que o periódico carregou durante 22 anos, até mesmo antes de ser um órgão da Renascença Portuguesa, ainda teve uma sobrevida na revista *Portucale*[72], lançada em janeiro de 1928, sob a direção de Augusto Martins, Cláudio Basto e Pedro Vitorino. Inclusive, alguns colaboradores d*A Águia*, como Mário Beirão e Leonardo Coimbra, também publicaram no *Portucale*. Em 1951, houve uma homenagem, a terceira série da publicação convidaria nomes ilustres, incluindo Antonio Sérgio, para escrever um volume seguindo as linhas estético-ideológicas da Renascença Portuense.

Ainda mais posteriormente, em 25 de abril de 1980, uma nova incursão aconteceria: lançou-se a revista *Nova Renascença*, nos moldes da série de Pascoaes, que acreditava na “mesma consciência de despertar dum <sonho letal>, a mesma busca duma identidade portuguesa num espaço geográfico de origem (o Porto) e através duma conjuração do passado cultural e do presente” (ROCHA, 1985, p.269). Nas próprias palavras do editorial:

> De que se renasce, senão de um sono letal? Ao renascermos nós assim, neste lugar originário de uma língua e de uma pátria sem fronteiras, religando os fios da tradição e da modernidade, que um momento aqui se entreteceram, na esperança auroral de um século que o seria de crepúsculo prolongado, temos a consciência de que havemos de renascer outros. (NOVA RENASCENÇA, n. 1, p. 5)

[72] “Revista lançada em janeiro de 1928, sob a direção de Augusto Martins, Cláudio Basto e Pedro Vitorino. Acolhera a colaboração, nas rubricas de crítica literária, criação, inéditos e autógrafos, linguagem, In Memoriam, bibliografia, vida académica e estudos históricos, de Leite de Vasconcelos, Fausto Guedes Teixeira, Afonso Duarte, Augusto César Pires de Lima, Lopes de Mendonça, Jaime Magalhães Lima, Leonardo Coimbra, Mário Beirão, Adolfo Casais Monteiro, António Correia de Oliveira, João de Castro Osório, Leonardo Coimbra, D. João de Castro, Raul Brandão, José Régio, António Botto, Luís Amaro, António Navarro, entre muitos outros. Em 1946, inicia uma "Nova Série" que publicará autores de várias tendências, em cujo n.° 1 enuncia como objetivo "dar o panorama de todas as correntes sadias que sulcam o pensamento humano" e de "todas as atividades do espírito" como "As humanidades clássicas e modernas; as ciências experimentais, e técnicas; o mundo da natureza e o mundo homem; o papel social da ciência". Dos colaboradores desta segunda série destacam-se, entre muitos outros, Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, Papiniano Carlos, António de Sousa, Castelo Branco Chaves, Fernando Guedes, José-Augusto França, José Fernandes Fafe, Júlio Pomar ou Mário Dionísio. A terceira série, encetada em 1951, procurará fazer renascer as linhas estéticas e ideológicas da "Renascença Portuguesa", no quadragésimo aniversário do lançamento da revista *Águia*, apelando para a colaboração de autores como Jaime Cortesão, António de Sousa, Augusto Casimiro, Afonso Duarte, Leonardo Coimbra e António Sérgio”. (Fonte: Infopédia - Editora Porto)

A indexação (Anexo 2) serve de base para os comentários que teceremos posteriormente no Capítulo 2.3 - Inserções críticas sobre textos selecionados *dA Águia*.

2.1 Perspectivas ideológicas: o projeto de nação, segundo a ótica da Renascença Portuguesa do século XX.

A Revista *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932) está vinculada a uma ideologia política bem explícita: o Republicanismo, que tem na Renascença a sua maior bandeira, a qual, oficialmente, surgiu como movimento cultural em 1912 e possui como defensor Teixeira de Pascoaes, que foi diretor da revista que estudamos aqui, a principal ferramenta para divulgação dessa ideologia.

A ideia de uma República, no entanto, era anterior. Segundo o historiador José Miguel Sardica, professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, depois da Revolução Liberal de 1820, ela reapareceu com força em vários momentos de tensão anti-monárquica por todo o século XIX (como observamos também n*O Occidente*, quando analisamos o Tricentenário, por exemplo) ou em crises sociais.

O Partido Republicano Português (PRP) foi criado em 1876 e foi justamente o Tricentenário de Camões, como já foi demonstrado nessa tese, pelas manobras de Teófilo Braga[73], principalmente, quem alavancou os ideários republicanos. Como veremos no próximo capítulo, um dos objetivos da Renascença era a educação do povo e essa passaria necessariamente por uma educação política nas escolas. Um povo analfabeto não recebia a ideologia, veiculada pelas mídias impressas, o que dificultava a sua inserção.

> A revolução fez-se e a República proclamou-se. Há, porém, ainda uma grande revolução a fazer, uma revolução de que dependerá a consolidação definitiva da República e o futuro ridente de Portugal. Quero referir-me à revolução que os humildes obreiros do progresso – os professores primários – têm a fazer nas suas escolas. (GRAÇA, 1911, p.11)

A base do Partido Republicano, que tinha em Lisboa a sua sede, era composta pelas

> (...) classes média e baixa dos sectores terciário e secundário (serviços e indústria) que estavam a crescer no final do século XIX. Os leitores dos jornais

[73] Foi Teófilo também quem redigiu o programa do partido, em 11 de janeiro de 1891, com o título de Manifesto do Partido Republicano", como consta em *Discursos sobre a constituição política da República Portugueza*, pp. 73-86, como nos informa Oliveira Marques (MARQUES, 1981, p. 116)

> republicanos, frequentadores dos seus comícios, os militantes dos centros eleitorais eram a vasta camada de pequenos funcionários públicos, advogados, médicos, lojistas, militares de baixa patente, engenheiros, professores, estudantes, sindicalistas, operários, etc. Com líderes dinâmicos, campanhas agressivas na imprensa, publicação de panfletos, reuniões e atividades de rua, o Partido Republicano foi, desde o Ultimato até ao fim da Primeira República (em 1926), o mais eficaz partido político existente em Portugal ou, dito outra forma, o primeiro grupo político a conseguir uma larga penetração e mobilização das novas camadas do eleitorado urbano, a que os partidos "de notáveis" da monarquia só dificilmente conseguiam chegar. (SARDICA, 2012, III – A Ideologia Republicana, posição 233-34 de 3569)

Em resumo: era popular. A força dos republicanos estava no povo.

Ainda segundo Sardica, havia uma rusga dentro do PRP. Era a respeito do método para chegar no objetivo almejado: uns acreditavam que o caminho era pela reforma da mentalidade e consequente vitória eleitoral e o outro, pela revolução armada, ou seja, o Golpe de Estado. O golpe acabou acontecendo, mais tarde, após o declínio da Primeira República Portuguesa, a partir de 1918.

2.2 Perspectivas ideológicas: *A Águia* como simbolismo (revisitando o editorial da primeira edição)

Existem alguns símbolos que notoriamente são fortes a ponto de, em qualquer cultura, encontrarem significações similares: a cruz e a espada, o sol e a lua, o elmo, o escudo, as estrelas, o leme e também alguns animais, como o lobo, o leão, o cavalo, o dragão (animal místico), o falcão e a águia, só para citar alguns.

A escolha do símbolo para representar um produto, uma empresa ou uma mídia qualquer é um fator significativo. Se bem escolhido, alavanca a marca e a consolida, em alguns casos, acaba até por se transformar no produto vendido pela empresa, como aconteceu com a Gillette, por exemplo. Do palhaço do McDonald's à suástica nazista, da cruz do Cristianismo ao Olho de Hórus maçônico, os símbolos atuam de forma expressiva na sociedade e, muitos deles, são escolhidos devido às suas cargas míticas, que acessam a psique humana, evocando sentimentos e ideias esperados por aqueles que os escolheram.

A simbologia da águia é deveras elucidadora das intenções que a movem. O senso comum permite-nos vislumbrar uma significação, mas esse senso não dará conta da grandeza do símbolo, no caso do nosso estudo, pois ele se traduz como "a expressão metafórica duma crença entendida como elevação, como comunhão com o Alto" (ROCHA, 1985, p. 272). Não é tão somente "voar, erguer-se, estar por cima", que é a natureza do animal, é Alto, com letra maiúscula, referindo-se a uma extensão oracular, profética, espiritual, divinizante. Nesse sentido, a *Águia* voa para dentro da alma portuguesa, ela remete o ser a um estado metafísico, tal qual na teoria de Pascoaes. A natureza da metáfora é assim, inclusive, como já nos ensinou o respeitado professor Joseph Campbell:

> MOYERS: O que é metáfora?
> CAMPBELL: Metáfora é uma imagem que sugere alguma outra coisa. Por exemplo: se eu digo a alguém "Você é uma víbora", não estou sugerindo que a pessoa seja literalmente uma víbora. "Víbora" é uma metáfora. Nas tradições religiosas, a metáfora remete a algo transcendente, que não é literalmente alguma coisa. Aceitar a metáfora como auto-referente equivale a ir ao restaurante, pedir o cardápio e, deparando ali com a palavra "bife", começar a comer o cardápio. // Por exemplo, Jesus não ascendeu ao Paraíso. A denotação seria de que alguém subiu ao céu, é isso literalmente o que está sendo dito. Mas se fosse de fato esse o sentido da mensagem, então teríamos de jogá-la fora, porque não teria havido nenhum lugar como esse onde Jesus literalmente pudesse ir. Sabemos que Jesus não podia ter ascendido ao Paraíso pois não existe nenhum paraíso físico em qualquer

> parte do universo. Mesmo que ascendesse à velocidade da luz, Jesus ainda estaria na galáxia. A astronomia e a física simplesmente eliminaram isso como possibilidade física, literal. Mas se você ler "Jesus ascendeu ao Paraíso" em termos de sua conotação metafórica, entenderá que ele foi para dentro – não para o espaço exterior, mas para o espaço interior, para o lugar de que provém todas as coisas, para a consciência que é a fonte de todas as coisas, para o reino do paraíso interior. As imagens estão aí fora, mas seu reflexo é interior. O fato é que nós poderíamos ascender com ele, caminhando para dentro. É a imagem do retorno à fonte, alfa e ômega, deixando para trás a fixação do corpo e caminhando na direção da fonte dinâmica do corpo.
> MOYERS: Você não está minando uma das grandes doutrinas tradicionais da fé cristã clássica – a de que o sepultamento e a ressurreição de Jesus prefiguram o nosso próprio sepultamento e ressurreição?
> CAMPBELL: Isso seria um erro de leitura do símbolo. Seria ler as palavras em termos de prosa e não em termos de poesia, ler a metáfora em termos de denotação e não de conotação.
> MOYERS: E a poesia atinge a realidade invisível.
> CAMPBELL: Aquilo que está além do próprio conceito de realidade, que transcende todo pensamento. O mito coloca você lá, o tempo todo, fornece um canal de comunicação com o mistério que você é.
> (CAMPBELL, 2012, p. 59)

É por esse caminho apresentado pelo mitólogo, o da expressão poética, que entendemos o símbolo do periódico. Ademais, essa interpretação se sustenta pela via da Poesia no editorial da primeira edição. Ainda nessa orientação, a pesquisadora Clara Rocha escreve:

> A par da imagem da elevação, surge n'*Águia* a imagem *oracular* para designar a atitude poética. Teixeira de Pascoaes, o "guia espiritual" do grupo, é visto assim por Jaime Cortesão, que insiste nos dons mediúnicos e visionários do poeta de Gatão: "E Teixeira de Pascoaes que, a cada passo, arrebatado pela sua visão cósmica, deixou a Terra numa abalada pelo Infinito: ele que fugindo ao que é transitório e vão, nos põe em contacto com a verdade íntima das coisas, que consegue levar-nos a um País onde só há Sombras, Fantasmas e Aparições, libertando-se de todos os vínculos que nos prendem à Carne e à Terra, numa visionação de Alma, abrasada em Amor infinito, é esse mesmo que se refere continuamente e em palavras enternecidas, ao seu Tâmega, às suas árvores, ao seu Marão". (ROCHA, 1985, p. 272)

Em todas as significações orientadas por esse viés, a águia encontrará penetração no ideário da Renascença Portuense e na consequente busca pela reconstrução do *ethos* português. Na Heráldica, por exemplo, ela é tomada como o símbolo do líder, daquele que traz a vitória ao seu povo, não é gratuito o uso dela nos estandartes romanos de Júlio Cesar. Ela representa a força, o poder, a autoridade –

trata-se do pássaro-rei, o animal de Zeus[74]. Nesse sentido, dialogamos com o trabalho da Doutora Raquel dos Santos Madanêlo Souza, que nos orienta:

> A designação dada a essa grande ave de rapina, simbolicamente representativa de força, superioridade e ascese, foi a escolhida para intitular uma publicação periódica que surgiu em Portugal no ano de 1910[1]. A 2ª série da revista *A Águia*, que passa as ser um órgão da *Renascença Portuguesa*[2], mantém o título a pedido de seu secretário e administrador. Segundo Álvaro Pinto: "Queriam alguns que se desse o nome da revista de Renascença". Defendi o nome de "Águia", já porque dela é que tinha partido o movimento, já porque esse nome era um símbolo nada para se deprezar (...)". // É sob a égide desse signo, que evoca a elevação e o poder, que se passa a editar uma das mais importantes publicações periódicas portuguesas. (SOUZA, 2008, p. 28-9)

Na teoria junguiana, a águia é o símbolo maior da regeneração espiritual, pois é um animal psicopompo.

> PSICOPOMPO
> A figura que guia a alma em ocasiões de INICIAÇÃO e transição: uma função tradicionalmente atribuída a Hermes no MITO grego, pois ele acompanhava as almas dos mortos e era capaz de transitar entre as polaridades (não somente a morte e a vida, mas também a noite e o dia, o céu e a terra). No mundo humano, o sacerdote, xamã, feiticeiro, e médico são alguns que foram reconhecidos como capazes de preencher a necessidade de orientação e mediação espirituais entre mundos sagrados e seculares. Jung não alterava o significado da palavra, porém a usava para descrever a função da ANIMA E ANIMUS em conectar uma pessoa a um sentimento de seu propósito último, sua decisiva vocação o destino; em termos psicológicos, atuando como um intermediário ligando o EGO e o INCONSCIENTE (ver SELF). Ver PERSONALIDADE MANA. (SAMUELS, SHORTER, PLAUT, 1988, p. 88)

Na acepção acima, *a Águia* reconecta o português à sua essência, talvez adormecida, recupera a memória, educa o espírito, sendo capaz de "preencher a necessidade de orientação e mediação espirituais entre os mundos sagrados e seculares". Ela se propõe a visitar o passado, resgatando a essência dele para recoloca-la no "ânimo das pessoas", a fim construir um futuro no qual o povo possa voar novamente.

É por esse motivo que a *Águia*, sob a tutela de Pascoaes, trata "os artistas como vozes oraculares, porque acredita que eles são cristalizações artísticas da exaltação sentimental de sua época" (ROCHA, 1985, p. 273). Nessa perspectiva elevada, Pascoaes crava Camões no âmago português e aí nós imbricamos o autor

[74] A aproximação é sugestiva a outros movimentos nacionalistas que, àquela época, circulavam e que causaram terríveis danos à Europa, como o fascismo italiano e o Integralismo, esse último com ramificações no Brasil.

de *Os Lusíadas* ao Saudosismo Metafísico e à reconstrução do *ethos* pela Renascença. Camões é a Pátria por analogia.

> [...] “Camões é uma divindade portuguesa; a Divindade tutelar da nossa Pátria. Portugal tem vivido à sombra do épico imortal: é o único país cuja autonomia se tem firmado sobre o nome dum Poeta”, escreve Teixeira de Pascoaes. A mesma imagem oracular do Poeta/Esfinge reaparece, de resto, na Nova Renascença: “Seria na verdade tentador ver na poesia camoniana, como o faz por exemplo Fidelino de Figueiredo, um sibilino verbo oracular, a que vamos, como um povo, pedir nacionalmente <conselho>, nos nossos momentos de crise. E isso explicaria a multiplicidade de respostas (ou de silêncios) de que o Vate nos deixa suspensos, como a Esfinge, suscitando ao longo dos tempos as mais diversas interpretações, ou recuperações, ao sabor dos exegetas do mito. (...) // Um exemplo privilegiado, que permite surpreender o caráter obsessional de Camões no imaginário mítico-poético nacional, é o da visão que, logo após a viragem da Monarquia para a República, dele tiveram os dois maiores poetas portugueses deste século, que por um momento, nas páginas de *A Águia* e no espaço de coexistência dos opostos da Renascença Portuguesa, fizeram do Poeta, em sentidos convergentes e divergentes, o polo de referência da sua assunção da pátria e da poesia. Falamos de Teixeira de Pascoaes e de Fernando Pessoa, cujo já se terá adivinhado” (ROCHA, 1985, p. 273)

Em capítulo vindouro, ao estudarmos a questão da Saudade, veremos como essa relação expressa, interliga todos esses grandes poetas, e é, segundo essa teoria, veiculada no periódico em foco, o que individualiza a alma nacional, ou seja, o principal fator que faz o português, um português. *Os Lusíadas* (1572) foram utilizados como uma peça de resistência ao domínio espanhol, pois esse poema épico carrega a essência dessa alma que, na relação Portugal e os outros, nesse caso, os espanhóis, permitiu que o povo se mantivesse íntegro, não se aniquilasse perante o domínio da Espanha: eles nunca foram espanhóis, apesar de muitos iberistas (até mesmo nos dias de hoje) acreditarem em uma só nação ibérica.

No texto introdutório da primeira edição da revista, intitulado *Os homens superiores na selecção natural,* nós encontramos a definição de quem seriam esses homens: os líderes, que conseguem olhar para a frente. “Na verdade, é assim: o homem superior está para além do seu tempo. Por isso, é superior”. (A ÁGUIA, 01 dez 1910, n.1, p. 2)

Lembrando o nosso animal símbolo, é aquele que consegue enxergar como a águia e mergulhar em um tempo outro, à frente do espírito da geração em que se encontra.

> O seu tempo é formado por uma synthese de ideias, por um conjunto de sentimentos, a que se poderia chamar “a alma das maiorias”. O homem

> superior, estando para além do seu tempo, para além das opinioens do seu tempo, sente que a sua razão paira muito acima da razão das maiorias. // As maiorias são a mediocridade, o typo médio d'uma dada época. O homem superior, sendo o esboço, o embryão, a synthese individual, d'uma época futura, não pode furtar-se, de quando em quando pelo menos, a um sentimento de despreso pelos homens, pela massa commum da humanidade, pelas maiorias em summa. (A ÁGUIA, 01 dez 1910, n.1, p. 1)

Como observamos claramente, a superioridade não está em uma raça, no sentido determinista que criou tanta desgraça na Europa daquele tempo até a década de 50, pelo menos, pois ele se aplica a uma visão de mundo, ou melhor, a uma capacidade de conduzir um embrião a uma síntese futura, ou seja, mesmo contra o senso comum, plantar algo que, no futuro, frutificará. De certo, essa analogia tem como significação o que a Renascença Portuense tenta fazer no momento da escritura daquele texto, passa pela regeneração de uma sociedade em decadência. Apesar de haver uma aproximação com ideia de evolução nesse texto, percebemos com bastante nitidez que o matiz é ideológico.

> Como em todas as espécies, o sentido da evolução é esboçado por alguns typos isolados mais aptos, mais perfeitos. Na espécie humana esses typos são representados pelos homens superiores[75]. O homem superior é o intérprete de certas tendências dispersas e latentes na massa commum dos homens, como o typo isolado, que esboça a variação útil d'uma dada espécie, é o interprete de muitos caracteres latentes d'essa espécie. Esses "typos de vanguarda", chamemos-lhe assim, são uma synthese necessária, um poderoso processo de selecção natural para fixar novos caracteres. (A ÁGUIA, 01 dez 1910, n.1, p. 1)

Essa minoria, no entanto, como o texto deixa claro, não quer dizer elite. Trata-se de um grupo notadamente composto de certas qualidades (intelectuais), selecionadas pela evolução, para que sejam capazes de interpretar "certas tendências dispersas e latentes na massa commum dos homens". Os poetas, por exemplo, são capazes de tal empreita.

Há duas forças nessa construção: a primeira, da massa numerosa, que puxa para o passado; a segunda, dos "homens superiores", que aponta para o futuro. Esse conflito social entre o conservadorismo e o vanguardismo tende a criar fissuras que, posteriormente, servirão para plantar as sementes.

> E entre estas duas forças: uma no sentido do futuro, outra no sentido do passado; uma que impele para diante, outra que pucha para traz; a maioria

[75] É importante observarmos que ecoa, nessa ideia, o darwinismo social e, portanto, devemos lê-la contextualmente, circunscrita no tempo dela.

> representa a força conservadora, a que estabelece e garante o equilíbrio social. // E, como não há nada capaz de destruir uma verdade, a minoria progressiva irá conquistando a maioria, irá absorvendo-a e transformando-a no sentido de futuro. A maioria deixar-se-á transformar lentamente, sem ondulaçoens bruscas e penosas, porque esse é o sentido do seu bem-estar. // A natureza, na sua inconsciência, parece mais sábia do que certos philosophos que julgam possível o triumpho da verdade e da Justiça sem lucta. Deixae que as minorias progressivas sejam vencidas no conflito! O triumpho das maiorias sobre ellas é aparente. No futuro triumpham sempre as minorias; a minoria progressiva nas sociedades que avanam e vivem, a minoria regressiva nas sociedades que recuam e morrem. (A ÁGUIA, 01 dez 1910, n.1, p. 2)

Ainda pensando nesse sentido dos "seres superiores" e do simbolismo d*A Águia*, o que Portugal teria como representação maior de sua potência, para que servisse de molde a uma alma revisitada? Evidentemente nós pensaríamos, assim como pensou o autor de *A arte de ser português* (1915), a história de Portugal com as navegações, a época dos Descobrimentos, cantada por Camões no gênero apropriado para exaltar o ápice de um povo: a epopeia. Assim como os portugueses se divinizaram no épico, o próprio autor divinizou-se na vida real para seus seguidores. Teixeira de Pascoaes é o grande responsável por conectar essa essência camoniana à alma portuguesa, por meio da Saudade, e foi também nessa revista, *A Águia*, que tal fato aconteceu. Segue o texto integral citado por Clara Rocha em seu livro *Revistas* Literárias *do Século XX em Portugal* (1985), no qual não deixa dúvida sobre o significado de Camões para o editor da revista *A Águia.*

> Camões é uma divindade portuguesa; a Divindade tutelar da nossa Patria. Portugal tem vivido à sombra do épico imortal: é o único paiz cuja autonomia se tem firmado sobre o nome d'um Poeta. // A sombra de Camões vigia as nossas fronteiras e ampara as nossas Colonias. É uma fortaleza espiritual e por isso indestrutível. // Camões é ainda o nosso ponto de contacto com a Humanidade, com a vida eterna, porque ele foi o supremo interprete do gênio aventureiro e descobridor de Vasco da Gama, transfigurado em sonho, eis o Poeta dos Luzíadas, esse poema feito de ondas, espumas, nevoas, tempestades... Neptuno reencarnou em Camões para escrever em verso heroico a sua auto-biografia. Os Luzíadas são os Evangelhos do Mar. O Mar é o nosso Livro dÓrações. Lêr os Lusíadas é resar o Mar... (A ÁGUIA, n. 6, 2ª Série, 1912, p. 173).

A Águia teve 5 séries. A primeira, sob a direção de Álvaro Pinto, durou apenas um ano. A seguir, a Dra. Raquel dos Santos Madanêlo Souza nos ensina:

> Ao analisar os 20 volumes correspondentes a essa série, Oliveira busca verificar quais as principais imagens de Portugal presentes no mensário lusitano. Trabalhando com este periódico é possível perceber que os três primeiros volumes (18 números) têm no Saudosismo a principal maneira de

> interpretar/pensar a nação: “Como pudemos notar em nossa leitura destes três volumes, o Saudosismo é neles a forma mais recorrente e sistemática de análise do país”[1]. // Na realidade, já a partir do 3º volume é possível perceber que há uma diminuição no número de artigos publicados que tem nessa doutrina defendida, principalmente, por Teixeira de Pascoaes, como principal forma de pensar a situação nacional. // Do quarto ao sexto volume, desenvolve-se a famosa polêmica entre Antônio Sérgio e o poeta de *Maranus*, diretor literário da publicação do Porto. Nesse momento, ao polemizar acerca das ideias defendidas por Pascoaes, Sérgio acaba contribuindo para uma sobrevida na revista dessa forma de interpretar Portugal, centrada na ideia da Saudade. // Como observa Paulo Motta Oliveira, uma grande diluição nas questões nacionais, até que chega ao fim o “sonho saudosista” culminando na saída do poeta da direção do periódico. (SOUZA, 2008, P. 30-1)

No capítulo a seguir, inserimos as análises críticas dos artigos selecionados d*A Águia,* que versam a construção do *ethos* português pelo viés camoniano.

2.3 Inserções críticas sobre textos selecionados d*A Águia*

> *"Na Poesia aparece a alma de um Povo, no que ela tem de mais profundo e misterioso. É por intermédio dos poetas que o gênio popular se vai fixando em figura viva, cada vez mais perfeita. O poeta é o escultor espiritual da Pátria, o revelador-criador do seu carácter em mármore eterno de harmonia".*
>
> *(Teixeira de Pascoaes)*

A Revista *A Águia* é muito frutífera em vários aspectos, inclusive naqueles particulares ao nosso Poeta[76]. Encontramos textos que tratam de assuntos intrínsecos à estética de Camões, como *As estrelas na poesia de Camões*, um estudo grandioso de Luciano Pereira da Silva, que levou três edições para chegar à conclusão, em que ele aborda até mesmo aspectos astronômicos da obra; *Paródias dOs Lusíadas*, de Alberto Pimentel, que trata de textos que se inspiraram no épico ou ainda apreciações da obra que não estejam diretamente relacionadas com as questões abordadas em nossa tese, não fazem parte do nosso *corpus*[77].

Precisamos do recorte e, por esse motivo, após a leitura de todos os textos do periódico, nossa triagem trouxe apenas os que foram úteis para a questão da formação e reconstrução do *ethos* português por meio do pensamento camoniano. Também trouxemos à leitura as produções literárias integrais que aludiam a isso, como a de Antonio Corrêa Oliveira, *A Luiz de Camões*.

Pelo fato da discussão entre Teixeira de Pascoaes e Antonio Sérgio ser algo importante na história da revista, pois dela acontecerá a ruptura do pedagogo, que colaborará na criação da *Seara Nova*, abrimos um capítulo especialmente para a troca de carta entre os pensadores.

Portanto, os textos e comentários que seguem são a respeito de assuntos caros ao nosso recorte, como o Sebastianismo, a questão literária que colabora na formação da *alma portuguesa*, os textos que conversam com Camões por esse viés, passagens d*Os Lusíadas*, como a do Velho do Restelo, que estão politicamente engajadas, questões que suscitem a "lusitanidade" e as respectivas inserções poéticas.

---

[76] Camonistas costumam grafar a palavra Poeta (com P maiúsculo) como epíteto de Camões.
[77] Consulte a base de dados (indexação) para encontrar outros textos do nosso projeto.

2.3.1 *O Saudosismo e a Renascença – A Raul Proença*, de Teixeira de Pascoaes (A ÁGUIA nº 10, outubro de 1912, p. 113-15)

Nesse texto, Pascoaes reitera, em carta aberta a Raul Proença[78], o reconhecimento, por parte dos órgãos públicos e privados da cidade do Porto, mais especificamente "A Câmara e o Centro Comercial", o apoio que a Renascença Portuense encontra no sentido de "acordar as energias da Raça", trazendo uma edificação por meio da "Democracia Lusitana".

Como observamos na parte histórica do começo da nossa tese, esse período também é de reconstrução política, uma vez que ele transita entre a queda da monarquia, acontecida em 1910, a qual já principiava desde o *Ultimatum*[79], e a instauração da Primeira República.

> Nestes últimos meses, a cidade do Porto, que representa o norte do paiz, tem manifestado verdadeira simpatia pela nossa sociedade devido ao entusiasmo de algumas almas que sonham estimular e orientar, n'um sentido superior e definido, as acordadas energias da Raça. // E este movimento de simpatia a favor da "Renascença"" revela as qualidades organisadoras do norte. Será o norte, portanto, que edificará, sobre as ruínas da monarchia que o sul gloriosamente derruiu, a Democracia Lusitana. Por isso, o Porto é o berço da "Renascença", o logar carinhoso e natal onde ella desabrochou para crear raízes em toda a terra portuguesa. // As manifestações da Câmara municipal e do Centro comercial mostram bem o que acabamos de affirmar: a plena identificação do Porto com a Renascença e o seu programa. (A ÁGUIA nº 10, outubro de 1912, p. 113)

Se os planos pretendidos pela sociedade criada em 1911, cuja ideologia a revista *A Águia* tornou-se veículo de massa, conseguiu êxito ou não, tal fato não nos cabe avalizar nesse estudo.

---

[78] Raul Sangreman Proença (Caldas da Rainha, 10 de Maio de 1884 — Porto, 20 de Maio de 1941), mais conhecido por Raul Proença, foi um escritor, jornalista e intelectual português, membro do grupo que fundou a revista *Seara Nova*. Tem uma escola secundária com o seu nome nas Caldas da Rainha.

[79] O Ultimato consistiu num telegrama enviado ao governo português pelas autoridades inglesas, a 11 de janeiro de 1890. A missiva exigia a retirada imediata das forças militares portuguesas mobilizadas nos territórios entre Angola e Moçambique. Esses territórios correspondem aos atuais Zimbabwe e Malawi. Caso a exigência não fosse acatada por Portugal, a Inglaterra avançaria com uma intervenção militar. Na segunda metade do século XIX, a Europa conheceu um elevado crescimento económico. Esta situação exigiria novos mercados e novas fontes de matéria-prima. Daí o forte expansionismo europeu em África durante este período. A Conferência de Berlim (1884-85) criara um novo ordenamento jurídico baseado na ocupação efetiva; ou seja, as pretensões portuguesas baseadas no direito histórico só se tornariam válidas se Portugal se apoiasse numa autoridade que fizesse respeitar os direitos adquiridos e a liberdade de comércio e trânsito. Fonte: Infopédia (Editora Porto)

O interessante a ressaltar é que tal apoio, escrito por Pascoaes nessa carta, realmente aconteceu e que os esforços, produzidos por tal empreita, alcançaram valorização, inclusive, décadas depois.

Comprovamos pela homenagem que segue:

Figura 33 - Placa em homenagem a revista *A Águia* e a *Renascença Portuguesa* - Afixada no prédio da Câmara Municipal do Porto

Fonte: https://www.infopedia.pt/$renascenca-portuguesa

Percebemos que o intuito do diretor d*A Águia*, ao escolher o seu destinatário, é retomar questões teóricas discordantes, que havia entre os membros da Renascença Portuense:

> O meu desejo é referir-me a alguns novos dotados das mais belas faculdades de inteligência e coração, que discordam sinceramente com a luz orientadora da "Renascença", como Raul Proença, Antonio Sergio e outros. // Estes dois homens ilustres pertencem ao numero dos fundadores da "Renascença", que muitíssimo lhes deve, e da qual se separaram depois por um mal entendido, creio eu. // Sim, entre Raul Proença, por exemplo, e o "Saudosismo" parece-me haver um mal entendido apenas". (A ÁGUIA nº 10, outubro de 1912, p. 114)

Como veremos no Capítulo 2.5, o embate entre Sérgio e Pascoaes é muito "fervoroso", repleto de ironias inteligentes e até mesmo maldosas. Ambos, dois grandes pensadores, poetas, ícones desse movimento que resolveram não se entender. Suas rusgas ficaram marcadas na história do periódico.

Em uma tentativa de "desfazer o mal-entendido", Pascoaes toma duas atitudes. A primeira, definir novamente o que é o Saudosismo:

> A verdade é que o Saudosismo representa o culto da alma portuguesa no que ela encerra de novo credo religioso e de nova emoção poética, em virtude da sua ascendência étnica. Sendo ela a perfeita resultante espiritual da fusão dos sangues semita e romano creadores do christianismo e do paganismo, contém fatalmente uma nova concepção de vida, o que é para nós, portugueses, inexgotável fonte de beleza divina, de religiosa arte puramente lusitana, tão precisa à fonte de belêsa divina, de religiosa arte puramente lusitana, tão precisa à independência moral da nossa Pátria. A alma lusitana, que se revela como síntese do princípio sensual e do princípio espiritual pela sua creação da "Saudade", que é a velha Lembrança gerando o novo Desejo, torna-se assim a propria alma da "Renascença" respondendo, em linguagem portuguesa, a este despertar da alma que se nota nos mais adeantados povos europeus, e é o grande signal dos tempos... (A ÁGUIA nº 10, outubro de 1912, p. 114)

A segunda, descreditar, por meio de um *post scriptum*, a alcunha de "chefe da Renascença": "P.S. Alguns jornaes consideram-me o chefe da "Renascença". Devo declarar que não há chefes na "Renascença". A sua organisação é democrática. O meu logar é ao lado dos meus companheiros" (A Águia nº 10, outubro de 1912, p. 114)

Para complementar esse assunto, Teixeira de Pascoaes acrescenta, no número seguinte, sob o título de *Ainda o Saudosismo e a "Renascença"*, outra missiva, essa destinada a Antonio Sérgio. Como trataremos desse assunto em capítulo posterior, seremos concisos na expressão, que segue.

Os dois principais objetivos desse texto são:

1- Explicar o motivo da dissidência de Antonio Sergio, que seria "imaginar" que o Saudosismo era uma imposição de Pascoaes ao grupo e discordar da interpretação dele para o vocábulo "Saudade", aproveitando esse gancho para cravar suas definições sobre a teoria da Saudade;
2- Agindo como diretor, demonstrar que a revista está aberta ao diálogo, o que realmente é uma característica dela, percebemos por nossos estudos que *A Águia* é um veículo de imprensa que publica ideias próprias e também abre espaço para o contraditório (o próprio episódio de Sergio é prova cabal disso) e para o fato concreto de que o periódico respeita a individualidade dos integrantes do movimento portuense. Escreve Pascoaes:

> À nossa Sociedade serão bem vindos todos os homens de bôa fé e bôa vontade. A "Aguia" receberá todas as opiniões, por que tudo o que fôr pensamento sincero e sentimento vivo servirá a causa que nós servimos. // De resto, a "Aguia" nunca publicou artigos da "Renascença"; mas somente artigos individuaes e assinados. A ideia que encerrar alguma verdade, viverá, e as ideias inanimadas desaparecerão, por fim. (A ÁGUIA nº 12, dezembro de 1912, p. 187)

2.3.2 *Camões e a Cantiga Popular*, de Teixeira de Pascoaes (A ÁGUIA nº 18, Junho de 1913, p. 177-78)

Ao estudarmos a teoria do Saudosismo Metafísico, cuja presença se mostrou forte na revista *A Águia*, perceberemos que ela está intrinsecamente relacionada com a tradição popular, as leis, as expressões culturais, à linguagem, à religiosidade e também ao Sebastianismo e a Camões. É por esse motivo que a teoria e a revista *A Águia* se mostram tão produtivas em nossa tese.

No presente texto, Pascoaes demonstra como o pensamento camoniano está próximo do lirismo popular, expressando sinonimicamente aspectos que são caros à alma portuguesa.

> Conforme a alma portuguesa se vai definindo e revelando em alto critério religioso e filosófico, assim a obra de Camões nos vai mostrando, a uma luz cada vez mais viva, novas faces ignoradas, novas riquezas espirituais, ensombradas regiões que se iluminam e desenham em inéditas paisagens de maravilha. (...) Direi mais ainda: só agora Camões principia a ser verdadeiramente compreendido, e a sua colossal estatura só à luz d'este seculo XX, nos aparece em toda a nitidez. (A ÁGUIA nº 18, junho de 1913, p. 177)

A ideia da raça e elevação do poeta ao expoente decodificador da alma portuguesa são exaltadas da mesma forma:

> O poeta épico, o poeta objectivo dos grandes bens feitos marítimos e o poeta enamorado da Mulher, desdobram-se agora n'um outro poeta misterioso e mais profundo, sobrenatural, feito de relâmpagos que se crusam ao acaso, mas à luz dos quaes nós vêmos, presentemente, encarnar em perfeitas formas de belêsa, a alma do nosso Povo, o gênio da Raça. (A ÁGUIA nº 18, junho de 1913, p. 178)

Por fim, ele estabelece a comparação entre o Cancioneiro e Camões e fecha o argumento.

> O nosso Cancioneiro popular não é uma obra apenas amorosa e satírica como tem sido considerado; é, antes de tudo e sobre tudo religiosa: contem a essência d'um novo Crêdo: uma nova síntese divina do Universo. // Assim, em Camões, para além do épico e do lírico, na parte inconsciente e profunda da sua obra, brilhas as mesmas luzes percursôras d'uma nova Consciência Moral, d'uma nova atitude da alma humana perante Deus e a Vida. (A ÁGUIA nº 18, junho de 1913, p. 178)

2.3.3 *A Luiz de Camões*, de Antonio Corrêa Oliveira (A ÁGUIA nº 18, Junho de 1913, p. 183)

"Dae-me uma fúria grande e sonorosa"
Luziadas
"Porque Amor, sobre o impossível,
Amostra que pode mais"
Redondilhas

Meu nobre Camarada de Além-Morte:
Quando passaste n'esta escura vida
Encheste da Nossa Alma, engrandecida,
Um brônzeo livro universal e forte.

Mas, se vivêras hoje, que outra sorte,
Amigo, anda tua arte! Amortecida,
Vae-se a Nossa Alma heroica, foragida
Como nevoa da tarde ao vento norte

Foi grande a vida que viveste; e grande
Tua eterna epopeia, onde se expande
A Patria antiga, o mar das maravilhas.

Fechaste a Raça num poema. E o Amor?
Sendo o Infinito e Deus, o Bem e a Dôr,
Onde te coube? Em duas redondilhas!

A composição acima introduz, de forma dialógica, alguns excertos de versos camonianos e suas vozes intrínsecas ao texto de Oliveira: uma passagem d*Os Lusíadas*, que nos remete à ideia da força sobre-humana necessária à realização de uma epopeia, que é um pedido do Poeta às musas inspiradoras, e um trecho das Redondilhas, as quais nos brindam com um pensamento platônico: o Amor – em letra maiúscula, pois está no plano das ideias – é Perfeito e, por isso, Divino; eis a razão de tudo ser possível. Justapondo essas ideias, é como se, pelo Amor, o eu lírico trouxesse a tonitruante voz épica camoniana de volta para o seu poema para dialogar com ela.

Nessa mistura de estilos, mesclando uma característica da prosa à lírica, o que a aproxima do épico, pois a narração é própria dele também, o eu lírico dirige-se ao "Meu nobre Camarada de Além-Morte". A mensagem compara os tempos de Camões com os contemporâneos (1913), demonstrando uma desilusão por meio da decadência da "alma heroica" portuguesa, "foragida como névoa da tarde ao vento norte".

Esse diálogo com a tradição resgata a memória dos tempos áureos, cantada e preservada n*Os Lusíadas*, componente do *ethos*, pela contraposição à realidade do país durante o Tricentenário. Assim, funciona para valorizar a obra camoniana, recolocando-a naquele presente de forma ressignificada, por meio de uma imagem poética que serve muito bem a esse ideário, com o qual a revista trabalha.

O eu lírico finaliza essa mundividência, explicitando que Camões fechou "a Raça num poema" e entrega a aproximação platônica que aludimos parágrafos antes, estabelecida pelas citações introdutórias: "Deus, Bem e a Dor", essa última, também componente da filosofia de Pascoaes.

2.3.4 *A idealização legendária do Povo Português*, de Jaime Cortesão (A ÁGUIA nº 28, Abril de 1914 – p. 116-20 e A ÁGUIA nº 29, maio de 1914, p. 141-46)

Nesse texto, Jaime Cortesão escreve sobre a criação das lendas do povo português e a importância disso para a sociedade.

> O Povo, no seu idealismo ingênuo mas vidente, não só esquece o muito que a historia tem de sombrio e crudelíssimo para a memoria, mas transforma os factos, isola as virtudes dos homens e elege, dentre todos, aqueles que mais correspondam aos seus indistinctos anseios por um processo em que a imaginação fielmente obedece ao seu gênio colectivo. // Assim se criaram as legendas históricas, algumas das quais iremos estudar, e em que a verdade scientificamente histórica foi concluída ou dilatada ao sabor duma inspiração poética anônima que nesses estreitos moldes humanos vasou à riqueza espiritual de todo um povo. (A ÁGUIA nº 28, abril de 1914, p. 116)

Ele cita povos gregos e romanos para sustentar a sua ideia da criação de lendas históricas e o surgimento de ícones, que se tornam, com o tempo, grandes metonímias dessa história.

> A legenda é uma auréola rimbando de uma santidade as criaturas eleitas, mais explendida a cada século, que nos distancia dela, e frisada diferentemente, conforme o fundo luminoso de grande alma colectiva que generosamente a iluminou. Cada povo, pois, tem o seu sistema de legendas históricas, enaltecendo sempre os heróis, visto ser o heroísmo a mais necessária das virtudes à conservação do agregado, mais enaltecendo nas suas perfeiçõis, segundo a própria moralidade, aquela ou aquelas virtudes que os tornam particularmente épicos. (A ÁGUIA nº 28, abril de 1914, p. 117)

A essa altura do texto, o escritor diferencia Portugal dos outros países europeus e utiliza a Alemanha como paradigma. Usando Michelet[80] como fundamento teórico, ele postula que Portugal tem não somente as legendas históricas, como também as encarnações patrióticas. Nesse sentido, observe como as palavras do médico e pai da esposa de Murilo Mendes se encaixam tão bem no nosso estudo:

> A própria Alemanha, o país mais rico em legendas, não tem, segundo a sua opinião, nenhuma que valha como verdadeira poesia e fé nacional. É certo que a Alemanha, não obstante possuir legendas poéticas duma maravilhosa beleza, ao invés do que afirma Michelet, como as de Siguefredo e Tanhauser, que deram assunto a Wagner pra criações de genio, nenhuma conta que enalteça algum dos seus gênios nacionais à altura de encarnação patriótica. // O mesmo se não pode afirmar de Portugal. Não só temos a legenda idealisadora dos heróis que encarnam o pensamento pátrio na sua sede de indenpendência, mas possuímos egualmente as legendas do heroísmo ou do amôr bem nacionais, sem por isso deixarem de ser também representativas dum ideal profundamente humano. // A lealdade, a fidelidade, a constância nos sentimentos, fundamento de todos os firmes caracteres, eis a intima virtualidade lusitana, expressa nas nossas legendas. (A ÁGUIA nº 28, abril de 1914, p. 117)

Em seguida, o famoso literato utiliza um trecho do respeitado historiador Alexandre Herculano[81] sobre Ega Moniz, que “foi da tradição popular que se colheu a

[80] Historiador francês, professor na École Normale, na Sorbonne e no Collège de France, foi autor de Histoire de la Révolution Française (1847-1853) e Histoire de France (1833-1867). Nessas obras maiores da historiografia romântica, assim como em L'Oiseau (1856), L'Insecte (1857), L'Amour (1858), La Femme (1859) e La Sorcière (1862), entre outras, Michelet combina a exigência científica do estudo da História com a visão apaixonada dos acontecimentos, marcada pela imaginação poética e pelo estilo vibrante, deixando transparecer as suas convicções democráticas e populistas. A conceção da libertação progressiva da humanidade ao longo da História, elaborada por Michelet (que começa a ser traduzido e divulgado em Portugal na década de sessenta) a partir de leituras de Vico e Herder, influenciaria de forma determinante a Geração Coimbrã, depois Geração de 70, marcando a poesia das Odes Modernas (1865), de Antero de Quental,e sendo um dos autores citados na "Nota (sobre a missão revolucionária da poesia)" e na "Carta autobiográfica dirigida ao Professor Wilhelm Storck" (1887), onde Antero aponta as suas grandes influências. As teses de Michelet manifestam-se igualmente nas coletâneas de poesia filosófica de Teófilo Braga, Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras (1864), sendo ele um dos autores convocados na "Generalização da história da poesia" apensa à primeira, e nos livros do seu amigo e discípulo Teixeira Bastos, Rumores Vulcânicos (1879) e Vibrações do Século (1882). Também a historiografia de Oliveira Martins denota a marca de Michelet, desde o estudo Os Lusíadas "Ensaio sobre Camões e a sua Obra" (1872; 2ª ed., 1891). (Fonte: Infopédia - Editora Porto)

[81] Poeta, romancista, historiador e ensaísta português, Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo nasceu a 28 de março de 1810, em Lisboa, e morreu a 18 de setembro de 1877, em Santarém. Em 1831, envolvido numa conspiração contra o regime miguelista, foi obrigado a exilar-se, primeiro em Inglaterra (Plymouth) e depois em França (Rennes). No exílio, aperfeiçoou o estudo da história, familiarizando-se com as obras de historiadores como Thierry e Thiers, e leu os que viriam a ser os seus modelos literários: Chateaubriand, Lamennais, Klopstock e Walter Scott. Em 1832, participou no desembarque das tropas liberais em Mindelo e na defesa do Porto, onde foi nomeado segundo-bibliotecário e encarregue de organizar os arquivos da biblioteca. Entre 1834 e 1835, publicou importantes artigos de teorização literária na revista *Repositório Literário*, do Porto. Em 1836, por discordâncias com o governo setembrista, demitiu-se do seu cargo de bibliotecário e publicou o folheto *A Voz do Profeta*. Em Lisboa, dirigiu a mais importante revista literária do Romantismo português, *O Panorama*, para que contribuiria com diversos artigos, narrativas e traduções, nem sempre assinados. Em 1839, aceitou o convite de D. Fernando para dirigir as bibliotecas reais da Ajuda e das Necessidades, prosseguindo os seus trabalhos de investigação histórica, que viriam a concretizar-se nos quatro volumes da *História de Portugal*, publicados no decurso das duas décadas seguintes. Foi precisamente por essa altura que se envolveu numa polémica com o clero, ao questionar o milagre de Ourique, polémica que daria origem aos opúsculos *Eu e o Clero* e *Solemnia Verba*. Eleito deputado pelo Partido Cartista em 1840, demitiu-se no ano seguinte, desiludido com a atividade parlamentar. Voltou à política em 1851, fundou o jornal *O País*, mas logo se desiludiu com a Regeneração, manifestando o seu desagrado pela conceção meramente material de progresso de Fontes Pereira de Melo. Em 1853, fundou o jornal *O Português*, e dois anos depois foi nomeado vice-presidente da Academia Real das Ciências e incumbido pelos seus consórcios da recolha dos documentos históricos anteriores ao século XV - tarefa que viria a traduzir-se na publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica*, iniciada em 1856. Neste mesmo ano tornou-se um dos fundadores do partido progressista histórico e em 1857 atacou a Concordata com a Santa Sé. Em 1858, recusou a cátedra de História no Curso Superior de Letras. Entre 1860 e 1865, envolveu-se em nova polémica com o clero, quando, ao participar na redação do primeiro *Código Civil Português*, defendeu o casamento civil. Em 1865, fruto das suas reflexões, saíram os *Estudos sobre o Casamento Civil*. Em 1867, desgostoso com a

façanha" (A ÁGUIA, no. 2, abril de 1914, p.118), a fim de mostrar que o fato histórico pode ir além da mera documentação, embasando-se também em interpretações oriundas de obras de arte e de tradições culturais, orais ou escritas. Posto isso, ele parte para demonstrar que Camões é o grande intérprete da alma portuguesa. O fato histórico é cantado pelo Poeta, em outras palavras, a literatura também é histórica. A passagem é extensa, no entanto, consideramo-la necessária. Comprove:

> "Depois de alguma resistência, vendo que as suas forças não bastavam para repetir os cercadores, os barõis e cavaleiros encerrados nos muros de Guimarães declararam em nome do moço Afonso que ele se consideraria de futuro vassalo da corda leonesa. Egas Moniz, poderoso fidalgo, cujos senhorios se dilatavam pelas margens do alto Douro e que, talvez mais que nenhum, gosava a reputação de homem leal, ficou por fiador da promessa. O rei de Leão levantou o cerco e, depois de reduzir à obediência D. Tereza, retirou-se para Galiza. Quando, porém os sucessos de 1128 entregaram Portugal nas mãos do filho do conde Henrique, ele esqueceu as promessas de Guimarães, e com ele as esqueceram os barõis portugueses. Só Egas Moniz se lembrou do que jurára. Seguido de mulher e filhos dirige-se à corte do monarca e, apresentando-se perante ele descalço e com uma corda ao pescoço, pediu para resgatar com a morte a sua palavra nunca traída. Era grande a cólera de Afonso VII; mas venceu-o aquela inaudita façanha de lealdade. Deixou-o partir solto e livre, e, o que era mais para o nobre cavaleiro, sem a tacha de deslealdade". // Camõis, o mais alto intérprete da alma portugueza, canta a façanha em verso intimamente reveladores do seu aspecto dramático e sublime:
>
> E com seus filhos e mulher se parte
> A a alevantar com eles a fiança,
> Descalços e despidos de tal arte
> Que mais move, é piedade que é vingança.
> "Se pretendes Rei alto, de vingar-te
> Da minha temerária confiança
> _ Dizia: _ eis aqui venho, oferecido
> A te pagar co a vida o prometido.
>
> Eis, aqui trago as vidas inocentes
> Dos filhos, sem pecado, e da consorte;
> Se a peitos generosos e excelentes
> Dos fracos satisfaz a fera morte,
> Eis aqui as mãos e a língua delinquentes,
> Nelas sós experimenta toda a sorte,
> De tormentos, de mortes, pelo estilo
> De Scinis, e do touro de Perilo".
>
> Qual, diante do algoz, o condenado,
> Que já na vida a morte tem bebido,
> Põe no copo a garganta, e já entregado,
> Tal, diante do príncipe, indinado,
> Egas estava, a tudo oferecido;

morte precoce de D. Pedro V, rei em quem depositava muitas esperanças, e desiludido com a vida pública, retirou-se para a sua quinta em Vale de Lobos (comprada com o produto da venda das suas obras), onde se dedicaria quase exclusivamente à vida rural, casando com D. Maria Hermínia Meira, sua namorada da juventude. Apesar deste novo e voluntário exílio, continuou a trabalhar nos *Portugaliae Monumenta Historica*, interveio em 1871 contra o encerramento das Conferências do Casino, orientou em 1872 a publicação do primeiro volume dos *Opúsculos* e manteve correspondência com várias figuras da vida política e literária. Morreu de pneumonia aos 67 anos, originando manifestações nacionais de luto. (Fonte: Infopédia - Editora Porto)

> Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
> Mais pôde em fim que a ira piedade”
>
> E, num ímpeto de inspiração e vidência aponta em Egas Moniz o símbolo nacional:
>
> “Oh! Grão fidelidade Portuguesa,
> De vassalo que a tanto se obrigava!”
>
> A história de Martim de Freitas é porventura mais legendária e não menos teatral, mas Herculano aceita-a e refere-a na sua História de Portugal não só como símbolo da lealdade que amparou Sancho II, mas como expressão poética das virtualidades generosas da alma popular. (A ÁGUIA nº 28, abril de 1914, p. 118-19)

O que nos é interessante nessa primeira parte do estudo é a forma como Cortesão mostra a história, a qual se entende também como expressão popular.

A segunda parte continua mostrando as legendas portuguesas, inclusive, ele utiliza o mesmo procedimento de mostrar a história de Portugal por meio da tradição popular, no caso, uma cantiga ao “Gram-Condestabre Nunalves Pereira”.

Então ele chega em Dom Sebastião:

> Mas o ciclo das legendas épicas não terminava aqui. Quando o último Rei-heroi morria em Alcacerquibir e com ele todo um passado magnifico, então é todo um Povo, que ergue a própria lealdade a uma religião nacional – o Sebastianismo. Podem-lhe dar o Cardeal-rei, os Filipes ou os Braganças que o povo lealíssimo, fiel à sua tradição épica, continua apenas a ter um rei-D. Sebastião, refugia-se na sua misteriosa saudade, que durante séculos resume para ele o clarão vacilante, mas nunca extinto, da consciência nacional, o alento embalador a meio do seu angustioso naufrágio e a esperança resistente e maravilhosa dum Quinto Império, fundado pelo Encoberto, duma nova Era de heroísmo e beleza lusitana. (A ÁGUIA nº 29, maio de 1914, p. 142-43)

Como veremos ao estudarmos as cartas de Pascoaes a Sergio, há uma mentalidade que permeia os poetas e os inserem em uma tradição (Bandarra/Camões/Vieira/Garrett/Pessoa) e em Jaime Cortesão, nesse texto, ela se manifesta. Ao apontar aspectos estrangeiros na cultura portuguesa, Sérgio interpreta como um espírito europeu, já Pascoaes procura nessa expressão uma forma particular que traria em si o gérmen português, a sua alma. Isso ficará bem claro, quando os dois icônicos renascentistas abordarem a questão franciscana[82]. Percebemos aqui que o pensamento de Cortesão caminha para a tradição camoniana, existente em Pascoaes. Comprove:

[82] 2.5 Rusgas: a posição de combate de Antonio Sergio e a defesa de Pascoaes.

> Lá está o profeta português, o sapateiro Bandarra, em cujo coração se enraizaram as mais nobres e sérias esperanças dum Povo, para anunciar inspiradamente:
>
> Augural, gentes vindouras,
> Que o rei que daqui há de ir,
> Vos há de tornar a vir
> Passadas trinta tesouras.
>
> Este sonho que sonhei,
> É verdade muita certa,
> Que lá da Ilha Encoberta
> Vos hade chegar este rei.
>
> Pouco importa que o nosso Gonçalo Annes Bandarra se identifique com o profeta Merlim e D. Sebastião com o Rei Artur, provando origens célticas à legenda sebastianista, como pretende Teófilo Braga e Oliveira Martins, que assim seja, não é menos profundo o valor instrínseco da legenda, em que firmemente se radica o espírito, a vitalidade e a unidade moral do Povo português. Um povo que durante três séculos (as trinta tesouras do Bandarra...) se mantem fiel à sua esperança criadora e dela faz uma religião, não obstante quantos esforços se tentaram para o desnacionalizar, mau grado o abandono a que o votaram e os angustiosos sofrimentos que curtiu, revela a tenacidade de caracter, uma lealdade nos sentimentos e um tal desejo de viva e gloriosa continuidade historica, que esse facto é para nós a maior certeza e o mais certo e sólido argumento contra todos as elegias dos pessimistas e scépticos nacionais. (A ÁGUIA nº 29, maio de 1914, p. 143, grifo nosso)

Por fim, há um terceiro pensamento importante para nós nesse artigo de um dos fundadores d*A Águia* e da *Renascença Portuguesa*, que compreende: “a idealização (...) é o processo de eleição dos momentos mais altos da Vida” (A ÁGUIA nº 29, 1914, p. 146) e, sem dúvida, reverbera Camões nessa eleição de momentos, ao observamos a narrativa histórica versada em *Os Lusíadas*.

2.3.5 *Aos Lusíadas*, de Teixeira de Pascoaes (A ÁGUIA nº 56 e 57, ago/set de 1916, p. 57-61)

O texto, que segue, é uma codificação poética do Saudosismo Metafísico. Nós encontramos nele o trabalho artístico que expressa a teoria de Pascoaes, a qual está presente, de forma dispersa, no corpo do nosso trabalho. Por esse motivo, lembramos que é interessante a leitura do texto *O Saudosismo Metafísico de Teixeira de Pascoaes (A Arte de Ser Português)*, como material de apoio que ajudará na compreensão dessa visão expressa pelo diretor d*A Águia*, ressaltando a importância

do perigo iminente às ideologias de ódio que existiam naquele contexto histórico. Vamos ao texto:

Portugal, ó terra do meu berço,
Do meu corpo e da minha sepultura,
Quizera-te cantar em alto verso!

Cantar novas proezas da Aventura.
Grandes feitos de nova Tentação,
Que te elevem, ó Patria, a imensa altura!

Trêmulo de divina comoção
E de divino orgulho, eu bem quizera
Ver a espada fulgir na tua mão!

Eu ouço a voz da França que te espera,
A do Belga e a do Sérvio destemido
Que por luctar, de novo, desespera!

Eu ouço, ao longe, um trágico ruído,
Sinto tremer a terra e vejo o ceu
N'um constante relâmpago incendido!

Olha a guerra que o Bárbaro acendeu,
Égrio de raiva e de ódio destruidor,
Monstruoso Satan que endoideceu!

Quer apagar, no mundo, a luz do Amor,
A Justiça, a Piedade, a Liberdade:
A Beleza conforme à nossa dôr...

O sonho secular da Humanidade,
A civilisação de nossos Paes,
A herança que já vem da velha edade;

Sentimentos profundos, ancestraes,
Que nascem da Verdade natural
E são íntimos de Alma, essenciaes.

Ah, por isso, ele odeia Portugal!
Odeia aquele espirito latino
Que Deus ergueu na terra contra o Mal:

E é, sim, o próprio espírito divino;
S. Francisco rezando as Creaturas
N'uma voz virginal de Deus Menino:

Quixote, esse deus trágico, às escuras,
Entre escárenos, gritando, seja a luz!
Hugo, Camões de oceânicas lunduras.

Tolstoi pregando a ideia de Jesus,
E a Saudade que sonha, soffre e reza,
Florescendo de amor a negra Cruz...

E eis tudo quanto o Barbaro despreza,
Tentando edificar um mundo novo,
Contrario ao sonho nosso de Beleza!

Ah, quão profundamente me comovo,
Sentindo a bruta ameaça dirigida
À nossa patria terra e ao nosso povo!

Oferecei à Patria a vossa vida!
Sede hoje como fostes no Passado:
Alma de sacrifício não vencida![83]

Aquele forte braço às armas dado:
Cavaleiro amoroso e sem temor,
A grande estatua em bronze do soldado!

Nova acção ide dar a um novo amor!
Que a nossa Patria escura de tristeza,
Em nós se exalte e cubra de explendor!

Nossa voz que ainda sonha, canta e reza,
O nosso Verbo místico e saudoso,
Queixa de Deus, sorrir da Natureza....

Esta aleluia em vago ceu brumoso,
Este sonho encoberto e madrugante,
Notei que esconde um sol misterioso;

O sêr antes de ser... phantasma errante:
Alma perdida em longes de anciedade,
Crepusculo de luzes murmurante,

Que nos lábios febris da Mocidade,
Seja um grito de viva exaltação,
L'ardetn desir, a flama, a heroicidade!

Chegue o instante da grande creação!
Volte a ser Viriato e Castro, o forte,
O fantástico rei Sebastião!

Ide, encarae, sem medo, a própria Sorte!
Subi àquela altura transcendente,
Em que a nossa alma, a rir, contempla a morte.

Dae ao nosso desejo um corpo ardente;
No seu divino objetcto condensae-o,
A fim de que ele viva eternamente!

Acorda, Portugal, do teu desmaio!

[83] Existe aqui um jogo semântico, que aproxima dois povos e duas épocas: a de Camões, com os "bárbaros" sendo os "mouros", contra os quais Portugal guerreou, e a contemporânea ao texto, pois na propaganda dos ingleses, aliados dos portugueses, os alemães eram ridicularizados como "bárbaros". "Em 1914, com exceção da Etiópia, da Libéria e da União Sul Africana, que eram independentes, da Líbia e de Marrocos que não tinham sido ainda "formalmente conquistados", o resto do continente africano encontrava-se ocupado e dividido entre o Reino Unido, França, Portugal, Alemanha, Espanha, Itália e Bélgica. A Grã-Bretanha detinha o maior império em África, controlando cerca de 4/5 do comércio na região a Sul do Sahara. A Alemanha, por sua vez, dando continuidade à política iniciada por Bismark no final do século XIX, detinha um pequeno império, mas estrategicamente posicionado, estendendo-se de Madagáscar até à entrada do Mar Vermelho. Ambos os impérios faziam fronteira com territórios sob administração portuguesa, cujo domínio tinham começado a disputar no palco internacional. A posição geo-estratégica dos territórios portugueses em África, aliada à dimensão periférica, económica e financeiramente frágil da metrópole, suscitou, logo a seguir ao assassinato de Sarajevo, a imediata e particular atenção da República portuguesa. A 21 de Agosto de 1914, o Presidente do Ministério, Bernardino Machado, decretou a organização e o envio de dois destacamentos mistos (artilharia de montanha, cavalaria, infantaria e metralhadoras) com destino a Angola e Moçambique. Entre 1914 e 1918 Portugal mobilizou cerca de 30 000 homens para combater em Angola e em Moçambique. Grande parte dos militares que integraram estas expedições chegaram a África já doentes, incapazes de resistir às terríveis condições de higiene vividas durante a viagem". (ARRIFES, 2004, p.167)

Que o nevoeiro da Lenda matutina,
Escureça, ribombe e gêre o raio!

Christo de Ourique, Apparição divina!
De novo, aos nossos olhos te revela
E uma nova coragem nos ensina!

Ó Deus da minha Pátria, olhae por ela!
Dae à sua bandeira nova gloria,
Pregae, nas suas dobras, uma estrela!

Dae sobrehumna vida à nossa Historia!
Nos longes do Passado eternizada,
Mas fria, a face extática e marmórea!

Ah, que ela ressuscite, aureolada,
Sacundindo a poeira dos vestidos,
A penumbra das eras, consagrada.

Que ela reviva os séculos perdidos,
Mas grandes, novos feitos cometendo,
Dignos de ser em mármore esculpidos!

Ó Templo dos Jeronimos, erguendo
Flexas de alma, no Azul, em ti, murmura
Negro sermão de exéquias, descrevendo

A derrota de Alcacer! Noite escura
Que sobre nós desceu e em nós ficou,
E é a nossa propria sombra de amargura.

Desânimo que assim nos transformou
Em falecidos vultos espectraes
Queimados dum incêndio que passou...

Que pelas tuas naves, aureoraes,
Novos himnos de glória, n'um espanto,
Varram as velhas sombras sepulcraes!

Ó Deus de Ourique, ouvi meu pobre canto,
Embora numa voz que já perdeu
A unção divina, a graça, o etéreo encanto!

Portugal, esse grande mausoléu,
Deslumbrae-o, fazei-o estremecer,
Quebrae-lhe a fria tampa, à luz do ceu!

Que à nossa pobre sobre a padecer,
Phantasma secular, emfim, regresse
O Dom Sebastião do nosso sêr!

Abraza-te, Esperança! Em nós, floresce!
Dá-nos o sonho em fogo, a febre de alma
Em que, hoje, toda a França resplandece!

Irmãos, senti o Amaro que tudo inflama!
Subi à imensa Cruz! Sacriface-vos!
Lançae-vos, sem temer, à grande chama!

Que o vosso sangue brilhe em rubros laivos!

> Correi à Guerra Santa, heroica gente!
> Sêde novos heroes! Santificae-vos!
>
> Vivei na pura gloria eternamente!
> (A ÁGUIA nº 56 e 57, ago/set de 1916, p. 57-61)

A introdução do desejo de cantar é atrelada ao local de nascimento, “Portugal, ó terra do meu berço”, ao lado da saudade como memória, revigorada pela revisitação: “Cantar novas proezas da Aventura // Grandes feitos da nova Tentação, // Que te elevem, ó Pátria, a imensa altura” (A ÁGUIA nº 56 e 57, ago/set de 1916, p. 57).

Em seguida, o eu lírico contextualiza os versos, ao evocar a realidade da Primeira Guerra Mundial: “Olha a guerra que o Bárbaro[84] acendeu”, aludindo ao perigo alemão, que trazia ideologias supremacistas frontalmente contrárias aos ideários democráticos da Revolução Francesa[85] e aos econômicos do Liberalismo franco-inglês[86] (“Quer apagar no mundo, a luz do Amor // A Justiça, a Piedade, a Liberdade // A Beleza conforme à nossa dor”) e representava um perigo à autonomia de Portugal, sendo um inimigo declarado: “Ah, quão profundamente me comovo // Sentindo a bruta ameaça dirigida // À nossa pátria terra e ao nosso povo!”.

Apesar de, ao lermos *A Arte de Ser Português* (1915) e encontrarmos nesse livro fortes características do integralismo lusitano[87], tais como a nacionalidade exacerbada e a religiosidade decodificada em dogmas e preceitos morais, contendo até o ideário expresso na introdução d*Os Lusíadas* (1572) e isso também ocorre na revista *A Águia*, nós percebemos que a índole de Pascoaes não é essa que resultou em terríveis danos sociais na Europa em duas grandes guerras. Pascoaes era uma alma da pena e não da espada. No entanto, isso não invalida o perigo que essas teorias possuem em suas essências e sempre devemos lidar com elas de forma cautelosa, contextualizada e crítica. Nesse recorte, estamos observando como ela se manifesta no pensamento do poeta, com um objetivo específico: reconstruir o *ethos*, que é a proposta do nosso estudo.

Ao tomar a posição de oposição no discurso, assumindo a responsabilidade em sua resposta (BAKHTIN, 2012), contrapondo-se à ameaça alemã, o eu lírico expressa

[84] Alemanha pré-nazista, *Deustsches Reich*, governada pela Casa de Hohenzollern.
[85] Liberdade, Igualdade, Fraternidade.
[86] Livre mercado, independência do capital em relação ao Estado.
[87] Movimento de verve fascista, oficialmente atuante de 1914 a 1932, pautado no tradicionalismo e contra a República, favorecendo o nacional sindicalismo e a Igreja Católica. “O que se nos impõe é restituir à Pátria o sentimento da sua grandeza, - não duma grandeza retórica ou enfática, mas naturalmente, da grandeza que se desprende da vocação superior que a Portugal pertence dentro do plano providencial de Deus, como nação ungida para a dilatação da Fé e do Império. Dilatar a Fé e o Império equivale a sustentar o guião despedaçado da Civilização. Os motivos de luta e de apostolado que outrora nos levavam à Cruzada e à Navegação, esses motivos subsistem" (SARDINHA, 1959, p. 14).

poeticamente algumas das principais características do Saudosismo Metafísico: a religiosidade e a tradição.

> E é, sim, o próprio espírito divino;
> S. Francisco rezando as Creaturas
> N'uma voz virginal de Deus Menino:
>
> Quixote, esse deus trágico, às escuras,
> Entre escárenos, gritando, seja a luz!
> Hugo, Camões de oceânicas lunduras.
>
> Tolstoi pregando a ideia de Jesus,
> E a Saudade que sonha, soffre e reza,
> Florescendo de amor a negra Cruz...
> (A ÁGUIA nº 56 e 57, ago/set de 1916, p. 58)

Alguns assuntos, que veremos Pascoaes abordar em *Rusgas: a posição de combate de Antonio Sérgio e a defesa de Pascoaes*, verificamos aqui, para retomarmos naquele capítulo posteriormente: a questão da Saudade como força motriz, criadora de um novo presente, "Nova acção ide dar a um novo amor!" e a característica pagã inerente ao Cristianismo, no caso, o manifestado em terras portuguesas: "O nosso Verbo místico e saudoso // Queixa de Deus, sorrir da Natureza..."

O Sebastianismo, mito que tem base religiosa e foi sistematizado por João de Castro[88], é evocado poucos versos após, como uma remanescência criadora, "Chegue o instante da grande creação! // Volte a ser Viriato e Castro, o forte // O fantástico rei Sebastião!", com o "Christo de Ourique, Apparição divina".

Essa ideia de renovação, por meio de um amálgama entre a história e o mito, é reforçada até o fim da poesia – a tradição que alimenta o presente, um ideal da Renascença Portuense sob o signo da Saudade, que reconstrói o *ethos* português.

2.3.6 *Interpretação do Sebastianismo – A propósito da Evolução do Sebastianismo do srn. J. Lúcio de Azevedo*, de Antonio Sérgio (A ÁGUIA nº 65 e 66, mai/jun de 1917, p. 179-84)

Com a sua característica ironia, Antonio Sergio se propõe a fazer uma crítica ao trabalho de Lucio de Azevedo, *A Evolução do Sebastianismo*.

[88] Segundo Jaqueline Hermann em *No Reino do Desejado (São Paulo, 1998).*

> O Sebastianismo! Quanta nubivaga retórica não tem êle inspirado à literatura dos nossos dias! Mas deixemos em paz a literatice, e não tentemos, também, discutir questões de erudição histórica, senão que, a propósito do livro do snr. Azevedo e inundados nêle, procuremos quais as inferências de carácter histórico-social a que, licitamente, os factos estudados por Sua Exa. poderão abrir margem, reunindo elementos com que esclarecer o nosso espírito colectivo, já no passado, já no presente. (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 179)

O termo “literatice” evidencia o menosprezo que o pedagogo tem pela tradição sebástica e nos autoriza a entender que ele vê nela uma influência negativa na evolução social do povo português[89], o que consequentemente colabora para construção irônica que esse texto possui. Ele não poupa nem o conceituado historiador Oliveira Martins:

> É sabido que Oliveira Martins esteve o mais longe que é possível daquele ideal de objectividade, e, organicista místico, desenhador caprichoso de formosíssimos painéis, imitador de Michelet, de Quinet e de Renan, viu no sebastianismo “uma manifestação do gênio natural íntimo da raça”, um “sentimento inconsciente”, um “pensamento natural orgânico”, a provas que “o elemento primitivamente dominante nas populações é, em Portugal, o celta”. Em resumo, a fantasia do romântico e frágil historiador deu isto: a nação portuguesa é, fazei conta, uma friga, levada pela juxtaposição inatural de três elementos rácicos diversos: ao meio o Lusitano ou Celta; ao norte o Galego, impando de sangue suevo; e ao sul os Turdetanos, com o sangue adubado por glóbulos berberes. Do caso de a haverem jungido com o Galego e o Turdetano ao mesmo carro político resultou que a raça céltica não pôde construir na Lusitânia uma história, instituições e religião próprias do seu gênio, como na Irlanda, na Escócia ou na Bretanha. Mas pôde criar o sebastianismo, característico produto do dito gênio; e a alma colectiva “por um mistério vedado à razão”, encarnou, como não podia deixar de ser, em dois puros Lusitanos, um de Penamacôr, o outro da Ericeia. (...) “A raça é uma vertigem”, disse Frederich Müller; e Nietzche: “quanta hipocrisia e amor da trampolina não são necessários para levantar a questão das raças no embroglio da Europa moderna (supondo-se sobretudo que se não é originário de Hornéu ou de Bornéu)! Maxima; evitar todo trato com criaturas que se tenham metido no vicioso negocio das raças”. Parelham frisantemente o misticismo da raça e o recurso àquele “mistério vedado à razão” com que Oliveira Martins nos vai brindando. (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 179-80)

Ainda munido de uma ironia ácida, caracterizando Oliveira Martins e os que acreditam em sua teoria como devaneadores, Antonio Sergio conclui que o sebastianismo

[89] A questão da tradição, muitas vezes, liga-se às ideologias de extrema-direita, contrárias ao Liberalismo, como o Fascismo e o Integralismo, o que torna a visão de Sérgio coerente ao validar a tradição somente pelo viés objetivo e que realmente seja racionalizável.

> (...) foi um dos componentes ou fatores da imaginação portuguesa da decadência, graças ao encontro de ideias alheias com factos históricos supervenientes. As principais dessas ideas alheias são as do puro messianismo hebraico, expresso em trovas do Bandarra inspiradas pela Bíblia, - sendo de notar que quem se interessa por essas trovas, as copia e as divulga são Hebreus cristãos-novos, aferrados no íntimo, a religião da sua estirpe. A existência do cristão-novo, comprimido, ansioso de redenção, é a primeira causa do desenvolvimento do messianismo em Portugal: o pôvo propriamente português (celta ou não celta, mas enfim, não-judeu) parece extranho a esse fenômemo, até ao momento em que desgraças estupendas, o perigo da perda da independência, o desaparecimento de um monarca, vêem dar relevo especial aos versos do sapateiro. (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 180)

Antonio Sergio está à frente de seu tempo ao perceber o engano que é teorizar "raças" e a influência do Cristianismo no messianismo português. Ele explica que Bandarra retira da bíblia a essência da mitologia do Encoberto e cita a passagem que segue, em que o próprio poeta ratifica a ideia do crítico:

> Muitos podem responder
> E dizer:
> Com que prova o sapateiro
> Fazer isto verdadeiro
> Ou como isto pode ser?
> Logo quero responder
> Se me deter:
> Se lerdes as profecias
> De Daniel e Isaías
> Por Esdras o pode ver.
> (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 181)

"Copiando Isaías, profetiza que um rei virá que há de assegurar definitivamente o direito e a justiça: o messias que os judeus esperavam e o divino e último império anunciado por Daniel" (p. 181). Com esse pensamento, o pedagogo crava o judaísmo no coração da doutrina sebástica, que contém o Quinto Império. São histórias análogas, passíveis de aproximação, devido à composição arquetípica, que explora significações sinonímicas. Então ele acrescenta a influência da tradição céltica, que viria por meio da Espanha. Inclusive, ele cita Frei João de Rocacelsa, o Aragonês[90], como exemplo para autenticar a sua tese.

> As puras profecias bíblicas agrega-se logo de começo a ideia do Encoberto, não oriunda também esta do pôvo português, mas importada de Castela. Cerca de 1520 começaram a divulgar-se na Espanha textos proféticos, uns exumados de escritos atribuídos a Santo Isidoro, outros de Merlim que andariam tradicionais, outros porventura inventados na ocasião. O personagem incarnou em 1532 num Judeu que capitaneou durante dois anos

[90] Da ordem de São Bento, trovador e sebastianista.

> os sublevados de Valencia. “Los de Xativa le seguian como a su Redender, llamandole el Encubierto, y que Dios lo enbiava para remediar los pueblos”. Em 1597 escrevia D. João de Castro: “Correm em Portugal e em Castela umas profecias de Santo Isidoro... prometem quasi todas um grande príncipe e senhor, ao qual não nomeiam senão pelo Encoberto”. O caudilho de Valencia morreu no patíbulo, mas teve sucessores, cada um dos quais se dizia o próprio Encoberto redivivo. ¿ Pois não é já então, e em Espanha, o caso de Penacôr e da Ericeira? o “celtismo” lusitano em Valencia, com a vantagem da prioridade? (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 181)

A próxima conjectura histórico-social que o articulista realiza é ligar as profecias judaico-cristãs ao fato histórico do desaparecimento do Rei-Salvador, D. Sebastião, em Alcácer-Quibir:

> Acentuemos este facto de uma transmissão de ideias, de uma influencia intelectual, psicológica, social, das aspirações do Judeu sôbre a alma portuguesa; acentuemos logo depois que nem de encomenda se poderia realizar melhor caso para a aplicação de tais ideas do que o grande desastre de Alcacer-Kibir e o desaparecimento do rei cujo destino se ignorava. (...) O rei desaparecido foi a matéria que encheu a forma do Encoberto anteriormente preparada. O messianismo bíblico-bandarrista fornou-se então sebastianismo: mas por enquanto as esperanças messianistas teem um elemento de plausibilidade, não são simples busaranhos, por não ser um impossível a existência do monarca. (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 182)

Sabiamente, Antonio Sérgio lembra o leitor que, uma vez o mito sebastianista inserido e adaptado ao ideário português, ele deixa pertencer a alguém e passa a fazer parte do povo. Essa é uma perspectiva sociológica aceita no trabalho do Dr. Sumner[91]. Alerta para o fato de que, segundo ele, o bandarrismo de 1640 “não é sebastianismo no sentido estrito da palavra, não se espera por nenhuma personagem milagrosa, mas procura-se uma solução das profecias que não é a sebastianista, e que em parte se realizou na restauração” (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 183)

O pedagogo termina o texto, refutando frontalmente a psicologia racial adotada por Oliveira Martins, enaltecendo as causas histórico-sociais, que ele apresentou nesse estudo.

> Em resumo, a interpretação que vos proponho é a seguinte: o messianismo português (de que o sebastianismo, a partir de 1640, é a forma pateta) originou-se de condições sociais semelhantes às dos Judeus, e impregnadas das ideias messianistas dos Judeus: essas condições sociais poderão designar-se por uma consciência de “queda” (independência: à persistência dessas condições sociais corresponde a persistência da tradição bandarrista). Vejo-lhe pois causas históricas e sociais, em contrário das teorias de psicologia racial, universalmente adoptadas desde que Oliveira Martins as enunciou. Em primeiro logar, a acção espiritual (ou educativa, no

[91] *Folkways: A Study of Mores, Manners, Customs and Morals*, vide Referências.

> sentido largo da palavra) do Cristão-novo e da Bíblia, (a que se junta a idea do Encoberto proveniente de Castela) divulga no país o pensamento messianista, sendo de notar que a situação do Judeu na nossa terra reforçava naturalmente a aspiração a um Messias. A catástrofe de Alcacer-Kibir e o desaparecimento do rei; depois, a pregação dos jesuítas e a apologia de D. João VI; e, com isto, até hoje, o facto de a situação do país não satisfazer as aspirações de verdadeira independência, explicam a perduração do sonho messiânico num pôvo deshabituado da iniciativa e do *self-government*[92], - uma vez que se constituiu, intensificou e generalizou a doturina, por causas especiais que deixamos apontadas. (A ÁGUIA nº 65, mai/jun de 1967, p. 184)

2.3.7 *O valor social do português*, de A. A. Mendes Corrêa (A ÁGUIA nº 85 a 87, jan/mar 1919, p. 63-72)

Trata-se de um extenso estudo de Mendes Corrêa (1888-1960), icônico representante da Escola de Antropologia do Porto, que abordará a questão pela perspectiva mais ampla que a de Georges Vacher de Lapouge (1854-1936), também antropólogo e teórico da eugenia francesa, a qual, para o autor do texto, é simplista, por caracterizar os três elementos sociais hierarquizantes: ariano (dólico-loiro do Norte), braquicéfalo e mediterrâneo.

O crítico expande o valor do português, socialmente falando, para além daquela visão que os demais povos europeus têm dele. Ao elogiar as virtudes dos lusitanos, relembra que a origem do povo português, tal qual Camões cravou n*Os Lusíadas*, era a etnia lusa.

> As virtudes bem conhecidas dos velhos Lusitanos, o seu valor indômito, os seus costumes guerreiros, a sua altivez heroica, o seu sentimento ardente d'independência, a sua resistência contra as influências extrangeiras, são factos estabelecidos pelos textos históricos mais fidedignos e constituem o mais remoto padrão da epopeia nacional. O gênio guerreiro de Viriato simbolisa as primeiras manifestações de vida duma Patria. Não pode atribuir-se a lendas de patriotas entusiastas o que é documentado por investigações arqueológicas e pelos depoimentos imparciaes de historiadores antigos que não eram Lusitanos. (A ÁGUIA nº 85, jan/mar 1919, p. 64)

Em seguida, ele acrescenta os aspectos raciais. É importante aqui fazermos uma observação: nós não validamos análises desse tipo, até porque, para nós, elas estão superadas e sabemos quão perniciosas foram, além do que se trata de um crime de racismo. No entanto, essa eugenia aparece aqui no pensamento de Corrêa e nos que ele referencia e isso não podemos ignorar, como pesquisadores, é nosso dever

[92] Observe a verve liberal de Antonio Sergio na construção do pensamento.

cita-la, mesmo que a contragosto, porque ela existiu, foi publicada e assim se manifestou. No pensamento dialógico bakhtiniano há o contraditório e observando sincronicamente a história, essa voz veio ao público. Diacronicamente, nós a descartamos, pois evoluímos e hoje temos posse de conhecimentos que, à época, eles não tinham.

> Em vários caracteres e índices somatológicos (capacidade craniana, índice sagrado, algumas proporções do corpo, etc.) apresenta o português condições de superioridade antropológica, que lhe dão um logar de modo algum secundário no grupo das raças europeias em que se filia pelo conjunto da sua caracterisação morfológica. Os coeficientes de robustez física de Piguet que calculamos sobre os resultados d'abservações feitas nos alunos do Liceu de Coimbra não se afastam sensivelmente dos padrões estabelecidos em França por Lucien Mayet e quaisquer pequenas diferenças podem atribuir-se ao facto dêste adoptar o perímetro torácico mamilar e não o xifo-esternal adoptado em Coimbra; esse coeficiente era nos rapazes de Coimbra, em média, de 42,7 dos 10 para os 11 anos, 25,3 dos 19 para os 20, e 24,9 dos 20 para os 21, enquanto que Mayet dá as médias de 42-43 aos 10 anos, e cerca de 23 aos 20. (A ÁGUIA nº 85, jan/mar 1919, p. 65)

Ele explica, em nota, que o coeficiente de Piguet é obtido na relação estatura, peso e perímetro torácico. O estudo prossegue nesse sentido de "mostrar biologicamente" a força da raça portuguesa, elencando fatores que vão desde taxas de natalidade até demografia. Reiteramos o aspecto errôneo desses estudos, pois hoje, de posse do conhecimento genético mitocondrial[93], sabemos ser falacioso. Nossa tese tramita na questão da formação do *ethos* pelo viés ideológico e literário, não rácico no sentido biológico.

Ao entrar no assunto emigração, o articulista afirma que o português, que sai de sua terra, acaba por se desnaturalizar. No entanto, "a língua e o espírito associativo" resistem. E agora sim o texto se aproxima com o sentido da nossa tese, pois ele discorre sobre língua, espírito, identidade. Essa força da língua, que em Pessoa acaba por se concretizar em império de uma pátria metafísica, íntima, aparece

[93] O DNA mitocondrial (mtDna) é um marcador genético, pois apresenta mais de 5 mil cópias numa única célula. A análise desse tipo de DNA é excepcional no estudo de tecidos antigos e até arqueológicos, como nossos dentes e ossos. A herança genética transmitida pelo óvulo está armazenada no núcleo da célula. Porém, uma parte desse DNA está presente nas mitocôndrias. Tal DNA apresenta um padrão de herança materno, ou seja, é idêntico para todos os familiares por parte de mãe nos dando uma identidade direta com nossos irmãos e parentes. Essa informação é muito importante à identificação de um indivíduo e a evolução da espécie visto que sua integridade genética é totalmente mantida (a não ser pelas mutações). Umas das características importantes é que esse possui caráter monoclonal, sendo que, praticamente, todo o mtDNA de um indivíduo apresenta a mesma sequência. Claro, há aqueles casos em que um mesmo indivíduo pode conter mais de uma herança materna, a qual denomina-se de heteroplasmia. Investigadores usaram estudos do mtDNA para traçar ancestrais humanos, contando como o fato de que o mtDNA é matrilinear. Assim, formaram uma árvore evolutiva e, nesta, todas as ramificações da árvore se juntam em um tronco rapidamente. Usando uma taxa assumida para as mutações no mtDNA, todos os indivíduos testados poderiam ser considerados tendo uma mãe comum africana em um passado evolutivo recente. Em seus estudos, concluíram: "todos estes mtDNAs partiram de uma única mulher, que se postula ter vivido provavelmente na África. Todas as populações examinadas, exceto a população africana, têm origens múltiplas, implicando que cada área foi colonizada repetidamente". Para este ancestral africano, ficou conhecida como Eva Mitocondrial. Fonte: Robson Diego Calixto (Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais - CESCAGE)

com frequência nos textos, que buscam a reconstrução do *ethos* português. Uma curiosidade: o autor critica a emigração, mas faz um meio termo em relação ao Brasil, apesar de não esclarecer o motivo. Veja:

> (...) É curioso que a tolerância é uma virtude que só nasce no coração português longe da Pátria. Infelizmente a falta de cultura gera nesses emigrantes uma tendência desnacionalizadora, a que só a língua e o espírito associativo resistem bastante. Pena é também que os portugueses emigrem para paizes estranhos que vão valorisar, em vez d'emigrarem para as colônias ou de valorizarem a própria terra. É certo, entretanto, que a emigração para o Brazil, tendo inconvenientes, algumas vantagens apresenta também. (A ÁGUIA nº 85, jan/mar 1919, p. 66)

Corrêa observa o caráter civilizado do povo português, por ele definido no "estudo da criminalidade" como uma virtude, correlacionando-o com as condições sociais em que ele se insere. Sustenta seu argumento, embasando-o em citações do Dr. Ferraz de Macedo, que escreveu o estudo *Emigração Portuguesa* (1917) e do historiador polonês Raczynski. Eis o trecho:

> Dadas as más condições econômicas da população portuguesa, a sua desorganização familiar, jurídica e política, e o mau ambiente educativo em que ela respira, seria d'esperar uma delinquência mais desenvolvida. Apenas nas rebeliões políticas o nosso povo obedece as previsões que um tal condicionalismo sugere. (...) // O dr. Ferraz de Macedo definiu-o: "é muito inteligente, mas tem pouca iniciativa, tenacidade e persistência; instável na observação e na pesquiza como na opinião formulada, mas imitador primoroso; é um impulsivo bom, fatalista e resignado com a pobreza, incauto e imprevidente, poucas vezes traiçoeiro e poltrão". // Raczynski considera o povo português "inteligente, laborioso, moderado, de caracter bom, doce e alegre". Imaginava-o ainda amante do trono e da religião. (A Águia nº 85, jan/mar 1919, p. 66-67)

O pensamento que segue encaixa-se no ideário renascentista, porque a Renascença Portuense era a favor do investimento em infraestrutura, sendo a Educação uma premissa para combater os males da sociedade portuguesa.

> Os números são talvez mais eloquentes do que todos os retratos, nalguns dos quaes o amor pátrio pode turvar a imparcialidade do observador. Mas esses mesmos conduzem às conclusões gratas que rapidamente sumariámos. "A população portuguesa, escreveu Silva Teles, é vigorosa, mas faltam-lhe neste momento instituições sociaes que favoreçam o seu crescimento". A raça é forte, dizemos nós, mas há no seu modo de ser psíquico um defeito estructural, que é a causa primária dos males portugueses. (A ÁGUIA nº 85, jan/mar 1919, p. 67)

Visto que Corrêa introduz essa questão da situação social de Portugal, ele acrescenta o quadro econômico e o liga ao político. Interpreta a economia pautada na agricultura (cana-de-açúcar) como decadente, ao lado da energia hidrelétrica e da balança comercial desfavorável, em que as importações superam as exportações, o que leva ao aumento da dívida "em progressão geométrica". No começo da nossa tese, nós demos um pequeno panorama histórico do país. É sobre esse contexto decadente (o qual a Primeira República não conseguiu mudar) que o articulista escreve aqui.

> Este quadro pessimista da economia e finanças de Portugal tem um desolador paralelo na situação política. Esta apavora. Após a calma transitória do ultimo quartel do seculo passado, volvemos à agitação desorientada e aterradora do seu segundo quartel, com a agravante de se estar também em presença dum movimento de caráter social, que, se reflecte as greves revolucionarias do extrangeiro e a revolução russa, espelha também um deplorável mal estar interno, agravado naturalmente pelo conflicto europeu. Inconsequentes, versáteis, apaixonados, os políticos portuguêses são os tristes méneurs de multidões, que, tendo os defeitos de todas as multidões, ainda teem a mais os que são peculiares às turbas portuguesas. Vive-se no regimen da inconstância, da desorientação, da indisciplina. Há um alto ideal da Patria, servido por uma consciência educada e nobre? Não. Há interesses de seita, a que uns chamam ideal monárquico, e que outros chama ideal republicano. // Tudo em Portugal tem hoje uma feição anárquica. É a anarquia nos espíritos e nas ruas, nas elites e nos iletrados, nos serviços públicos, no governo, na economia do paiz. É uma incoordenação, uma ataxia social. (A ÁGUIA nº 85, jan/mar 1919, p. 68)

Tal ataxia é fruto da falta de caráter, segundo o autor. Ele explica:

> O caracter é a chave de todos os êxitos, de todas as victórias duradouras. Sem ele, toda a hegemonia é efêmera. Ninguém recusa ao português a capacidade para um feito de sublimada grandeza, do que se duvida é que desse feito ele saiba extrair perenes e fecundas consequências. // Se a raça fôsse um bloco intransformável e rígido, a constatação feita deixar-nos-ia a mais desoladora mágua: estaríamos em face do irremediável. Mas não é assim. A raça é a tradução plástica dum passado mesológico. Crie-se-lhe um novo ambiente, ela transformar-se-ha. (A Águia nº 85, jan/mar 1919, p. 69)

O assunto, caro à nossa tese, é abordado na questão da individualidade portuguesa, na qual *Os Lusíadas* fulguram como essência refratora e refratária, bem sedimentada, diferenciando o povo de Luso do de Castela. Independência étnica e histórica.

> Aliança não quer dizer nem federação nem fusão. Tranquilisem-se os patriotas. Já mostrámos que uma admirável homogeneidade étnica, a honrosa filiação lusitana, oito séculos d'história e uma epopeia grandiosa nos

> dão individualidade e direitos. A autonomia portuguesa é um axioma formidável. Se uma veleidade absorvente, que nela parece não existir, dictasse à Espanha qualquer atentado contra a nossa independência e se a catástrofe se consumasse, nunca mais os governantes de Castela dormiriam uma só hora com socego. No maior abastardamento de caracteres que fosse possível imaginar, surgiriam por uma necessidade histórica, por uma fatalidade inexorável, os netos dos soldados de Valverde e d'Aljubarrota. (A ÁGUIA nº 85, jan/mar 1919, p. 70)

Nessa ideia, enxergamos um pouco do pensamento de Pascoaes, que busca regatar as qualidades da raça portuguesa, diferenciando-a da espanhola, mas sem negar a influência – a expressão nacional do povo, da literatura, da lei, do caráter, da religião, ele é bem amplo ao soberanizar o povo português. As alianças, segundo essa visão, têm que ser recíprocas e não subservientes, desfavorecendo Portugal, como era praxe acontecer com Espanha e Inglaterra.

> O maior perigo para Portugal não está em sermos amigos dos espanhoes; está em subordinarmo-nos a nações extranhas, d'interesses diversos dos nossos e de diferente estirpe étnica, que, quando nos não deixem expoliar, nos expoliem elas próprias! // Quando estas linhas vão a caminho da tipografia, mais uma vez irmãos se batem nesta desgraçada terra portuguesa. Todos são culpados: os que com os seus erros preparam a tragédia, os que a desencadearam num instante crítico da vida internacional, as próprias que a consentiram com sua inercia. (A ÁGUIA nº 85, jan/mar 1919, p. 71)

2.3.8 *O Velho do Restelo – carta aberta ao ilustre srn. Professor Fidelino de Figueiredo*, de Afrânio Peixoto (A ÁGUIA nº 109 a 111, jan/jul 1921, p. 29-34)

A carta disserta sobre o trabalho de Wilhelm Storck[94] e Carolina Michaelis[95], que Afrânio Peixoto[96] ganhou do professor Figueiredo[97], destinatário da missiva.

Ele assim elogia o texto que tem em mãos:

---

[94] Filólogo alemão, aluno de Franz Bopp, Moriz Haupt e Karl Mullenhoff, tornou-se professor da Universidade de Münster em 1859, assumindo a cadeira em 1868. É o principal responsável por traduzir a obra de Camões para a Língua Alemã. Fonte: Dicionário de Camões (Vitor Manuel de Aguiar e Silva)

[95] Romancista, filóloga e historiadora da literatura portuguesa, nascida em 1851, em Berlim, e falecida em 1925, no Porto. Foi basicamente autodidata, pois no seu tempo não era permitido às mulheres frequentar os ensinos médio e superior. Publicou trabalhos na área da língua e literaturas italiana e espanhola com apenas 16 anos e cedo se tornou conhecida nos meios intelectuais europeus. Apaixonou-se pela cultura, língua e literatura portuguesas, tendo-se interessado especialmente por assuntos românicos, trocando correspondência com alguns membros da Geração de 70, como Teófilo Braga e Joaquim de Vasconcelos, com quem viria a casar, adquirindo nacionalidade portuguesa. Foi a primeira mulher a lecionar numa universidade portuguesa, mais concretamente na Universidade de Coimbra, desenvolvendo o seu trabalho de investigação no âmbito da cultura portuguesa medieval e quinhentista. Fonte: Infopédia (Editora Porto)

[96] Médico, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista e historiador brasileiro.

[97] Professor emérito, escritor, historiador e crítico de literatura, Fidelino de Sousa Figueiredo nasceu em 1889, em Lisboa, e morreu em 1967. Terminou em 1910 os seus estudos universitários, em Ciências Histórico-Geográficas, no Curso Superior de Letras. Veio a desempenhar funções no Ministério da Educação Nacional e foi por duas vezes nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa, entre 1918-19 e em 1927, mas a docência universitária levou-o a viver cerca de década e meia no estrangeiro, nomeadamente no Brasil. Fonte: Infopédia (Editora Porto)

> Li-as, aquelas paginas, muitas vezes a algumas tenho relido, e sempre e em tudo aprendo na vasta erudição do autor, do qual, por mais que se pode dizer já foi dito, por quem podia: “elucidando o texto em comentários judiciosos, propõe correcções em geral dignas de aplauso, dos passos duvidosos” (Os Lusíadas, ed. De Carolina Michaelis, Heiz, Strasburgo, faz. 51-52 verso de pag. Final 108, assinada G. M. de V.) (A ÁGUIA nº 109, jan/jul 1921, p. 29)

Posto isso, o autor faz uma metatextualidade entre a passagem do Velho do Restelo com Barros e esse com Castanheda:

> (...) É sabido, e citado, que a descrição do embarque do Gama, colheu-a Camões, em Barros, e este em Castanheda; a figura do velho do Restelo, fantasia poética de Camões, terá talvez parecido por demais episódios nosso partida para a grande empresa. Ela tem, porém, um caracter simbólico e filosófico, que não é possível esquecer, e parece que as fontes dela se acham tanto em Barros, como em Castanheda, e não, exclusivamente, na imaginação de Camões: até nas imagens poéticas, se não dispensam os textos daqueles historiadores, como fontes dos *Lusíadas.* (A ÁGUIA nº 109, jan/jul 1921, p. 29)

As relações dialógicas servem como exemplificação da força histórica da passagem literariamente expressa por Camões no épico, não por meio de uma citação direta e sim por uma alusão. Afrânio Peixoto aproxima a descrição de Castanheda com o episódio d*Os Lusíadas* (1572). Como dissermos, a alusão do histórico no literário, em outras palavras:

> Castanheda
> (...) em Restelo, que será hua plegoa de Liboa, hum sabado oyto dias de julho do anno de mil e ccccxcci (1497)... E ao embarcar sayrão todos em procissam de nosso senhor de Belém: que he agora hum mosteiro da ordem de sam Hieronimo, e yão em pelote e círios acesos nas mãos e os frades rezando: e ya coeles a maior parte da gente de Lisboa e a mas dela chorava com piedade dos que se vão embarcar crendo que avião todos de morrer.
> A desesperação e o frio medo
> De já nos não tornar a ver tão cedo.
> Em tão longo caminho e duvidoso
> Por perdidos as gentes nos julgarão.
> (A ÁGUIA nº 109, jan/jul 1921, p. 30-31)

A próxima interferência analítica acontece com Asia de João de Barros[98], o Tito Lívio Português, *Dos fatos que os Portugueses fizeram no descobrimento e na conquista dos mares e terras do Oriente* (1552), capítulo IV, publicado em Lisboa, com a passagem a seguir de Camões:

[98] É possível consultar esse valioso trabalho pela Biblioteca Nacional de Portugal gratuitamente, acessando a hiperligação http://purl.pt/7030/3/

> É oportuno ir, a passo, lembrando os versos dos *Lusíadas*, que se podem opor ao texto de Barros:
>
> A que novos desastres determinas
> De levar estes reinos e esta gente? (c. 07, V. 1-2)
> .....
> Ó maldito o primeiro no mundo
> Nas ondas veia pôs em secco lenho (c. 102, v. 102)
>
> Seguem-se imprecações contra ousadias semelhantes.
>
> Que promessas, de reinos e de minas
> De ouro, que lhe farás tão facilmente
> Que famas lhe prometterás, que histórias
> Que triumphos, que palmas, que victorias? (c. 97, v 5-8)
> (A ÁGUIA nº 109, jan/jul 1921, p. 31)

E as referências continuam em quantidade impressionante: c. 101, v. 5-8; c. 100, v. 5-6; c. 100, v. 2; c. 100, v. 7-8; c. 101, v. 1-2; c. 101, v. 3-4; c. 07, v. 3-4; todas devidamente referendadas em Barros.

O crítico mostra o caminho de Castanheda a Camões, passando por Barros, ao analisar as fontes históricas do épico, transformando, pelas mãos do poeta, o sentimento do povo em um símbolo icônico: o Velho do Restelo. Há, portanto, segundo essa visão, uma transmutação do sentimento coletivo a uma entidade personificada, em um indivíduo daquele povo, que ganha a voz. E ainda mais: a corrente ideológica, que Camões veicula, vem, segundo Peixoto, de Barros, nesses termos:

> Atenda-se bem, a censura apenas sentimental de Castanheda transfere-se a Barros e aí não só se colore de razões políticas e econômicas, como ao cabo se transforma em uma verdadeira doutrina nacionalista. Passando a Camões, - o sentimento de parentes e amigos saudosos, narrado pelo primeiro historiador, - o bom senso popular, interesseiro e precavido, referido pelo outro, formam uma amplitude magnífica: já não é a gente que chora ou que murmura, o Poeta compõe um symbolo e dá um corpo e uma alma à sensibilidade e ao juízo da multidão, é “hum velho de aspeito venerando”, “eum saber só de experiências feito”, e o que ele diz toma também o geito universal de censura que castiga a vaidade e a cubiça dos que governam e lançam os povos no morticínio das guerras, e das explorações de ruina e escravidão. Essas duas estâncias, 95 e 96, as primeiras de vociferação do honrado velho: “Ó glória de mandar! ó vã cobiça”... e “Dura inquietação da alma e da vida” – são uma sublime lição de filosofia da história, a propósito de restricto caso nacional. (A ÁGUIA nº 109, jan/jul 1921, p. 33)

Essa voz do velho nos leva a um outro pensamento, valioso no sentido sociológico de elucidar a realidade de Portugal à época da escritura, que Afrânio Peixoto acaba por atualizar em seu discurso, trazido à nossa tese. O Velho do Restelo representa o Portugal oprimido pela política imperialista.

> Além de tocar nesta questão interessante de filosofia da historia, há a stricto sensu, uma outra de sociologia regional: em Portugal não ha dois Portugaes, um ao norte, e continental, prospero, agrícola, conservador, terrestre por isso, e outro ao sul, e litorâneo, trabalhado, industrioso, aventureiro, marítimo portanto? O velho do Restelo, contra este, que sobrepujava no momento, encarnando as tendências imperialistas ou universalistas de D. Henrique, representava o outro, como Portugal de hoje, "com um saber de experiências feito" veio a sentir o seu regionalismo, ou se querem, numa palavra mais formosa, o seu actual nacionalismo. (A ÁGUIA nº 109, jan/jul 1921, p. 34)

2.3.9 *Ode a Camões*, de Angelo César (A ÁGUIA nº 23 e 24, mai/jun de 1924, p. 156-58)

Ode a Camões

Vozes do Mar, ó vagas marulhantes,
Ecoai na minha lira!
Terras da Índia, praias tão distantes,
Sêde a paisagem de alma que me inspira.

Ó chagas de Jesus! ó velhas quinas,
Trazei-me inspiração!
_ Ó minhas cinco estrêlas pequeninas,
Alumiando toda a escuridão.

Ó voz nocturna e cava do Oceano,
Que bates nos rochedos!
Traz ao meu sonho um canto sôbre-humano,
Desvenda à minha alma os teus segredos!

Ó ventania errante e sem destino,
Ó voz das tempestades!
_ Faz do meu sonho um canto tão divino
Que o possam mesmo ouvir as divindades!

E tu, Saudade, triste e doce exílio
Que ficas no meu peito,
Ve-me ensinar estrofes de Vergílio,
Claras águas que deixem ver o leito...

Vozes dos passarinhos matinais,
– Primeira luz do dia –
Ensinai-me as canções que vós cantais
Com essa humilde e pura melodia.

Deitam a vossa bênção ao meu canto,
Almas de Portugal!
Para que eu possa erguê-lo, puro e santo,
Como na missa o Cális do S. Graal.

Camões é a luz divina e esplendorosa
Que descobriu o Mar da Eternidade;
Camões é a voz das águas tormentosa,
A clamoroza voz da tempestade.

> Camões é a frauta alegre e harmoniosa
> Que nos recorda a paz da antiga idade;
> Camões é a lira simples e amorosa
> Posta nas mãos de neve da Saudade.
>
> Camões é a voz baixinha do sossego
> "Destes saudosos campos do Mondego"
> E das saudosas lágrimas de Inês.
>
> Camões é a voz eterna do meu Povo,
> Um cântico profundo e sempre novo,
> Todo o esplendor do gênio Português.

Essa ode, que é um tributo ao gênio camoniano, carrega em si as características que norteiam a reconstrução do *ethos* português, as quais também estão presentes no Saudosismo Metafísico de Pascoaes: o livro-mor de Camões, como inspiração da "alma portuguesa", por sua história e tudo o que ele condensa (estrofe 1); a religiosidade, no caso, a cristã (estrofe 2); a natureza e o paganismo (estrofes 6 e 3, respectivamente), também observável pelo emprego dos mitos, não somente por questões estéticas e formais que o gênero exigiria; a Saudade (estrofe 5) e a personificação de Camões como *o "*exemplo de ser português*"* (estrofes 8, 9, 10 e 11).

2.3.10 *O Sebastianismo na iconografia popular*, de Pedro Vitoriano (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, set/out 1924, p. 113-129)

Pedro Vitoriano esclarece que os estudos sobre o sebastianismo pecam na parte iconográfica. Ele cita dois bons escritos, que justamente são falhos nesse aspecto: *O Encoberto* (1904), de Bruno e *A Evolução do Sebastianismo* (1918) de J. Lúcio de Azevedo.

O trecho, que selecionamos a seguir, mostra com precisão a importância da doutrina sebástica no *ethos* português, bem como do uso político que deram a ela, a exemplo de Camões no Tricentenário.

> A lenda de D. Sebastião foi sem dúvida aquela que mais impressionou o espírito popular. Enraizando num fundo patriótico teve a alimenta-la todas as doutrinas da nacionalidade, na ânsia sagrada duma sua maior grandeza. // Da obstinação resultou a seita. Aproveitada para fins políticos de intuitos patrióticos, ao sabor dos acontecimentos, pelos anos fora, subsistiu como uma visionação deslumbradora, tão destituída de critério como eivada de fantasia. (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 113)

O autor faz algumas conjecturas históricas até chegar à parte iconográfica. O primeiro símbolo analisado é a estampa das armas nacionais, publicada no livro *Paráphrase e Concordância* (1603), revelando, segundo ele, um nacionalismo patente, por conter ao redor do símbolo a seguinte inscrição: *Dom Sebastiam por graça de Deos, Rey de Portugal, apparecido e profetizado.*

Figura 34 – Estampa das Armas Nacionais

Fonte: A ÁGUIA nº 15-16/135-136, set/out 1923, p. 116

Vitoriano atenta para a possibilidade de que, à época, o rei menino pudesse realmente estar vivo e abre espaço no estudo à voz do historiador Oliveira Martins:

> Oliveira Martins ao interpretar como teoria histórica a lenda, diz: "O povo cristalizava os seus ideais, transfigurando o homem num símbolo das suas esperanças e desejos". // Esses rumores causaram uma certa agitação entre os portugueses, o que depois foi aproveitado por alguns patriotas para promover a restauração da nacionalidade. A seita dos sebastianistas datara logo do ano seguinte ao da batalha e "nascera da incredulidade do povo". (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 116-17)

Em seguida, o autor traz a informação de que a Igreja Católica, baseando-se em fatos noticiados, é a favor do Sebastianismo.

> Deve notar-se que em face das publicações do tempo é flagrante o entendimento do clero com os sebastianistas. Sem as influências religiosas e a voz das profecias asseguradas do triunfo, bastantes fidalgos não teriam abraçado a causa da revolução, sendo decisiva a acção do púlpito e do confessionário por se afirmar a intenção milagrosa afiançada em Ourique a

> Alonso I, intervenção que devia tranquiliza-los como fiadora do futuro. (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 117)

Outro ponto interessante para o nosso estudo, acontece quando Pedro Vitoriano finalmente analisa a iconografia referente a D. Sebastião.

> Comecemos pelo retrato de D. Sebastião (fig. 1), magnífico desenho de Vieira Lusitano gravado por Debrie (1737). Adornam-o duas das parcas da fábula, Cloto e Laquesis, achando-se omissa Átropos, que cortava o fio da existência; para o artista, por vontade ou insinuação, a terceira não tinha aí lugar. Valeu-se dela quando aludiu ao passamento de seu irmão numa bela gravura a água forte; este sim, que o sabia morto com certeza. A legenda completa a intenção: é um verso da Eneida, de Vergílio, referente ao encontro de Eneias com Andrómaque, em que esta estupefacta ante a sua prodigiosa aparição, num arrepio, balbucia: _ Sois vós próprio, que eu vejo, filho de uma deusa? Vindes enviado a mim? Estais ainda vivo? A que êle responde com comoção e embaraço: _ Sim, eu vivo, e arrasto no meio dos revezes uma existência dolorosa: VIVO EQVIDEM, VITAM QVE EXTREMA PER OMNIA DVCO. (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 120-21)

FIGURA 35 - Retrato de D. Sebastião

Fonte: A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 120

A próxima imagem é de 1774 e reimpressa em 1809, na qual existe “uma quadra do livro *Anacephateoses da Monarquia Lusitana* pelo Doutor Manuel Bacarra Frances”, que segue:

Figura 36 – Imagem de 1774

Fonte: A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 122

A quadra é esta:
Na mesma confuzão e nos tumultos
Deixa q. por teu Rey Victorias cantem
Que de quanto o Sol vê Netuno a barca
Será contigo Universal Monarcha.
(A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 121)

Essa construção imagética expressa, de forma incontestável, a divinização do rei juvenil: o Sol, símbolo dos deuses, que renasce, como Hórus no Egito e Apolo na Roma Antiga, aqui seria o Cristo e seu anjo segura a mão do Encoberto. As nuvens ao fundo, o povo e as guerras abaixo completam o quadro, potencializado pela legenda: “O bom português ou verdadeiro sebastianista / Ama a Virtude, espera a felicidade da sua Patria”. (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 122).

Como percebemos claramente, o credo no Encoberto é conectado ao Cristianismo e também ao nacionalismo, pois a condição para ser um bom português é esperar a felicidade da sua Pátria, sendo o bom português sinônimo de sebastianista e estando presente, na economia dessa arte, a guerra. Assim o autor interpreta:

> He Reprezentado em hum Genio Guerreiro, tendo a cabeça coberta com o elmo da Fé: no seu peito a letra (V) que significa verdade: a Caridade sentada

> aos seus pés mostra q. faz a baze das Virtudes deste Grande Genio: o Anjo tutelar o guia dos seguros pazos, no terraço se vem Riquezas, q. este genio dedica a defesa / da sua Pátria; no Ar se vem as Quinas Portuguezas, metidas em um Círculo, para mostrar que são o centro de seus liaes disvellos: o ornato deste Circulo he hua Cobre, cimbulo da immortalidade q. he o mesmo / q. dizer nunca serão vencidas. (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 121)

A próxima imagem analisada é *Epocas Principaes da monarchia lusitana* de Manuel Gonçalves.

Figura 37 - *Epocas Principaes da monarchia lusitana* de Manuel Gonçalves

Fonte: A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 121

Assim se dá a análise:

> Idêntica aura de ideal reflecte a estampa intitulada *Epocas principaes da monarchia lusitana* (fig. 3) assinada com as iniciais M. G. (Manuel Gonçalves). O sub-titulo “um Santo Hermitão predis a D. Affonso Henriques as futuras prosperidades e desastres da Monarchia” sugere-nos logo, o livro manuscrito encontrado na biblioteca do convento de S. Francisco de Estombar, datado de 1810, de que dá notícia o Sr. Paula Rocha na Revista de História, 1914. Dir-se-há ser a gravura adequada no livro, tão talhante está para êle. Uma e outro, traduzem sentimentos comuns no tempo. // Reza o manuscrito: “Afonso Henriques afirmou, sob juramento, que lhe fora um velho eremita, o qual lhe dissera que seria atenuada a sua 16ª geração; foi-o na pessoa de D. Sebastião porque este rei se viu vencido, humilhado, abatido, fora do trono com a corôa caída da cabeça e o scetro das mãos e via perdia a sua herança e êle mesmo se viu inteiramente perdido. D. Sebastião, por conseqüência será o pastor que conduzirá as ovelhas perdidas ao aprisco, por outras palavras, será o primeiro imperador do referido império” (português). (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 121-23)

Novamente há o reforço da ideia que une o Sebastianismo ao nacionalismo, o que nos indica uma tendência a fazer o uso do mito de forma política. Somos capazes

de afirmar esse pensamento, embasando-nos na ideia, que o texto explicita, de que os sebastianistas são "*os mais bravos defensores da pátria, como mostrou na sublevação contra os franceses. Não há português afrancesado que seja sebastianista"*. (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 123)

Outras figuras são apresentadas, mas não receberam análises profícuas, devido à simplicidade de suas concepções.

Pedro Vitoriano possui um texto fácil de ler e objetivo. O leitor não fica com dúvidas, quando o recebe. Perceba como ele mostra o intuito dos sebastianistas, ligando-os ao Cristianismo e a outro mito, o Milagre de Ouriques, com primorosa clareza:

> Miravam os sebastianistas um império português que durasse até ao fim do mundo, afirmando a propósito "Cristo disse a Afonso Henriques: _ Eu sou o fundador e distribuidor dos reinos e dos impérios e quero que em ti e em teus descendentes fundar para mim um império por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais remotas". (...) Rematarei o grupo, com uma composição alusiva à Restauração de 1640 (fig 9). Formam-na dois recortes duma estampa sebastiânica (que infelizmente na integridade desconheço) ligados a um escudo português com a corôa da Casa de Bragança. Uma das figuras, por certo um vidente, tem a legenda IN DECIMA "SEXTA" GENERATIONEM, achando-se a outra, que representa a justiça assim etiquetada: ET JUSTITIA DE COELO PROSPEXIT; ao lado D. Afonso Henriques de joelhos perante o Crucificado que lhe dirige estas palavras: RESPICIAM ET VIDEBO. Esta composição, obra singular de algum patriota, está colocada no verso dum retrato de D. João IV. (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 125)

Aqui percebemos com nitidez o motivo pelo qual Camões, na proposição d*Os Lusíadas* (1572), escreveu que um dos objetivos do *Novo Reino* é dilatar *a Fé, o Império*. Facilmente identificamos, nessa toada, o Padre Antonio Vieira e seu Quinto Império no Brasil, sua missão catequizadora cravada no Cristo de Ourique*: "Eu sou o fundador e distribuidor dos reinos e dos impérios e quero que em ti e em teus descendentes fundar para mim um império por cujo meio seja meu nome publicado entre as nações mais remotas"* (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 125). Como veremos mais à frente nesse trabalho, Pascoaes ligará sua teoria da Saudade à religião cristã (não necessariamente romana, é verdade, ele buscará um cristianismo próprio de Portugal) e, dessa forma, ela também entra nesse grupo do mito de Ouriques, de Camões e de Vieira.

O autor termina o estudo, informando que o sebastianismo foi revitalizado no presente dele e, apesar de não citar diretamente Teixeira de Pascoaes, faz uma nota,

creditando a frase a Afonso Lopes Vieira, de seu texto publicado no Diário de Notícias em 28 de abril de 1920, intitulado *Literatura de ontem, de hoje e de amanhã.*

> "Ninguém acredita já que D. Sebastião, pondera o Snr. Lúcio de Azevedo, venha a ressuscitar; mas poder-se há dizer que desapareceu de todo o sebastianismo? Nascido da dôr, nutrindo-se da esperança, êle é na história o que é na poesia a saudade, uma feição inseparável da alma portuguesa". // Mesmo um ilustre poeta contemporâneo afirma "que se restabeleceu em Portugal o culto do Encoberto, - a aspiração que significa, não o amor parado do passado, mas exalta na sua expressão mística a *Eterna Esperança*". (A ÁGUIA nº 15-16/135-136, p. 128-29)

2.3.11 *O lirismo de Camões*, de Hernani Cidade (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 83-103)

Hernani Cidade, um dos camonistas mais famosos e respeitados, procura mostrar, nesse texto, que a obra lírica de Camões é uma grandiosa representação humana de sua época e também a voz portuguesa por excelência. Palavras dele:

> A obra épica de Luís de Camões tem feito esquecer a sua obra lírica. E o interêsse erudito de conhecer o homem tem prejudicado, na leitura indagadora da sua poesia, o gôzo espiritual que ela faculta. // Ora eu desejava mostrar-lhes hoje, sobretudo através da sua obra lírica, que Camões é um dos mais perfeitos representantes da humanidade numa das épocas mais fecundas da evolução desta. Que, simultaneamente, é do côro lírico luso-galaico a voz mais pura e mais alta – dir-se-ia a voz que ensaiassem as que cantaram antes e pela qual as mais belas que depois se ergueram procurassem afinar-se. E também que nenhuma obra é, mais que a sua, o íntimo documento duma vida, a vibração imortal duma alma que continua convivendo comnôsco. Obra humana, ao mesmo tempo que lusitaníssima e, entanto, inconfundivelmente pessoal. (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 84)

Essa ideia é similar àquela que Pascoaes desenvolveu em sua teoria: Camões seria a voz representativa não só *do coro lírico luso-galaico*, como também da própria alma dessa gente.

O crítico lança nas páginas d*A Águia* um produtivo discurso sobre o Renascimento, o Humanismo e o Cristinianismo, contextualizando o Poeta e sua representação da realidade, além de suas características estéticas, intrinsecamente relacionadas às tensões criadas pelas contradições, como o sagrado e o profano, o divino e o humano, tão presentes nele, as quais, inclusive, prenunciam o Barroco e dão ao vate um quê maneirista.

Porque Camões transitava entre o universal e o nacional, segundo Cidade, ele foi perfeitamente capaz de se expressar pela tradição petrarquista, sem que isso significasse um prejuízo à sua representação simbólica de alma nacional. O que para alguns seria um indício de contaminação estrangeira na literatura camoniana (no caso, italiana) é, para o crítico, uma capacidade do autor de *Os Lusíadas* (1572) ser polivalente.

> Se na obra épica de Camões é, em sua beleza e verdade, surpreendida a Natureza e nos empolga o drama do homem de acção em luta para a dominar, na sua lírica admirável surpreendemos o homem íntimo. // Êste homem íntimo revelou-no-lo o poeta. Ninguém antes dele nos tinha assim encarado uma alma profunda e rica. Ninguém depois dele soube emprestar mais harmoniosa voz àqueles rumores das nossas intimas inquietações, que em balde anseiam por claramente exprimir-se. // ¿Como havia de sentir o amor um poeta como Camões, mais que nenhum daquela linhagem luso-galaica que tão vivo acento de sinceridade pôs nas coitas do amor trovadoresco; mais que nenhum amassado da carne e do sangue duma raça para a qual o amor foi sempre tão grave e absorvente realidade? Sentiu-o, naturalmente, um pouco ao modo por que o havia cantado Petrarca, o herdeiro da tradição do amor cortês dos poetas provençais quási contemporâneos. (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 86-7)

Hernani Cidade escreve um extenso discurso sobre a imitação de Petrarca, nesse sentido exposto por nós, como parte universalizante do fazer estético de Camões, que contém aspectos ideológicos, utilizando vários exemplos comparativos entre as composições de ambos. Da parte ideológica, a que se destaca é o Platonismo. Reproduzimos aqui integralmente esse trecho, apesar de ser extenso, pois ele é de uma clareza tão bela, tão bem escrito e produtivo para o entendimento da alegoria da Caverna de Platão, que chega a ser didático. O leitor poderá (caso seja professor), se quiser, reproduzi-lo em sala de aula como explicação aos seus alunos.

> Conhecem V. Ex.as a alegoria da Caverna? // Na parede duma caverna perpetuamente empenumbrada, projectam-se e movem-se as sombras dos corpos que se deslocam banhados na plena luz exterior. O mundo sensível é a caverna onde as pretendidas realidades são apenas as projecções deformadas das verdadeiras realidades – as ideias universais, supra sensíveis, eternas que existem numa esfera superior – a esfera inteligível. Assim os homens seriam materializações parciais e transitórias da ideia universal e eterna do Homem. Existiriam mulheres belas, porque nelas se projectaria a ideia universal e eterna do Belo. Tais ideias com existência substancial – e não meros conceitos abstratos – hierarquizam-se numa ordem de universalidade e imaterialidade crescentes, tendo o sistema como cúpula a ideia do Bem – Deus – ideia da qual todas as outras trariam o princípio da sua essência, existência e perfeição. E eis, em pálido esquema, a interpretação platônica do mundo. // Quanto à alma humana, afirmava o filósofo que no principio lhe decorria a existência na esfera superior das ideias. Um dia, porém, porque se alimentasse das impurezas do vício, foi

> exilada para o mundo sensível, onde a castiga a sua união com o corpo. Aqui é a dialéctica que lhe aviva a reminiscência da vida anterior – conhecer é relembrar-se – e é o amor que a vai libertando para a gradual ascenção à esfera de onde foi expulsa. Como? Impelindo-a a procurar ligar-se, para se garantir de imortalidade, às criaturas a quem a ideia da Beleza imprimiu seu beijo aformoseador. Como as coisas belas o são apenas pelo seu acôrdo como a ideia do Bem Supremo, o amor é o desejo que leva cada um a procurar unir-se inseparavelmente a êste. // Desejo perpetuamente propulsionador de ascenção. Porque, realizada a união amorosa, ou seja a união com a beleza material, logo a aspiração se ergue à beleza mais alta das coisas espirituais – das leis e dos deveres, por exemplo. E daqui n ovo e mais alto vôo para a beleza universal, de que tôdas as outras são reflexos. E finalmente o vôo para a ideia do Bem, fóco supremo de luz intelectual, vértice da espiral luminosa. (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 94-5)

A última colaboração desse artigo, pertinente à nossa tese, acontece quando Cidade mostra, em uma boa seleção de textos de Camões, por meio de análises expressivas, características tão caras à expressão portuguesa. Ele tratou da expressão universal, preconizando a influência de Petrarca, e agora focalizou na representação particular da poesia como expressão do ser português.

> Em Camões, porém, verifica-se, além do elemento petrarquista e platônico, um elemento lusitano inconfundivelmente diferenciado. Lembremos que o poeta foi dos raros quinhentistas que, a-pesar do prestígio da escola italiana, amorosamente empresa o encanto da sua voz ao lirismo tradicional. As suas redondilhas são portuguesíssimas, em geral; têm a graça ingênua de flôres campestres, quando não são faülhamentos de graça palaciana. Mas lembremos outras poesias que ritmam profundos abalos emotivos e que nada devem à inspiração de Platão ou Petrarca, antes promanam das amis profundas intimidades da sua alma, daquelas a que não chegou a impregnação superficial da cultura. (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 97)

> Outra nota bem lusitana de Camões – o sentimento da saudade. Petrarca andara por França e Itália, colhendo os louros duma glória esplêndida, que foi dos poucos a gozar em vida. O poeta português, nos seus longos e vários errores, fez apenas colheita de espinhos. Bem parece no seu caso verificar-se o que D. Francisco Manuel de Melo nos diz da saüdade: // *Amar e ausência são os pais da saüdade, e como nosso natural é entre mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências, de aí vem que donde se acham muito amor e ausência larga, as saüdades sejam mais certas e esta foi sem falta a razão por que entre nós habitavam como em seu natural centro.* // Ninguém, em verdade, mais do que Luís de Camões sofreu de ausência – e da ausência sob a sua forma mais dolorosa, pois ninguém mais do que êle foi *ausente em longas esperanças degredado*. (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 98-9)

> Meus senhores, na sucessão das gerações e na tumultuária torrente que as arrasta, diferenciando-as em gôsto, costumes, aspirações, creio que há gênios incumbidos da missão de, pela eternidade da sua linguagem divina, manter, a-pesar de tudo, a unidade e estreitar a solidariedade da nossa espécie. Camões é um dêsses génios. Criou algumas das mais formosas expressões dessa linguagem perpetuamente inteligível. Fixou no céu, para

> vivamente arderem e brilharem, estrêlas que só se apagarão com o último lampejo da consciência dos homens. E fê-las da íntima substância lusitana, dando-lhes forma na língua que nossa mães nos ensinaram e nossos filhos já balbuciam. Por mais esta razão, por tôdas as razões – Glória eterna a Camões! (A ÁGUIA nº 58/178, abril/jun de 1927, p. 102-3, grifo nosso)

2.4 O percurso da Saudade: Teixeira de Pascoaes e a tentativa de reconstrução do *ethos* português (nascimento do Saudosismo Metafísico)

> *"Implantemos a alma portuguêsa na terra portuguêsa, para que Portugal exista como Patria, porque uma patria é de uma naturêsa puramente espiritual, e as únicas forças invencíveis são as forças do Espírito".*
>
> *(Teixeira de Pascoaes)*

Quando assumiu definitivamente a direção da Revista *A Águia* em janeiro de 1912, passando a ser propriedade da Renascença Portuguesa, Pascoaes tomou como primeira providência a delimitação da atuação principal do grupo, a reconstrução do *ethos* português, explicando do que se tratava a sociedade. São dois textos especificamente relacionados a essa questão: o primeiro, uma espécie de "prefácio introdutório da nova direção", chamado *Renascença*, e o outro, *Renascença (o espírito da nossa raça)*. Neles, o diretor resgatou o conteúdo já explanado na primeira série. O conteúdo desse texto será sistematizado no seu livro *A Arte de ser português* (1915). Até a publicação em livro, ocorrerão várias discussões n*A Águia,* em outros periódicos e em palestras do escritor.

Diz ele que o objetivo da revista é "dar um sentido às energias intelectuais que a nossa Raça possue"[99] (A ÁGUIA, n.1, S.2, 1912, p. 01) a fim de "ressuscitar a Pátria Portuguesa". Em que lugar ele buscará essa alma? Em Camões. E ele buscou onde? Segundo Pascoaes, na Saudade[100]. Antes de explicar como ele a define e como ela se divide, o filósofo trata de ligar a Renascença Portuense com esse regresso saudosista. Observe:

---

[99] Sempre é conveniente avisarmos que fazemos uma leitura sincrônica, isso é, uma teoria, que se apresentou na revista do nosso *corpus*, *A Águia*, a qual está vinculada a outras obras e questões transversais, sendo aqui lida e interpretada. Não pactuamos em nenhuma hipótese com a ideia ultrapassada de raça, utilizando-nos de um olhar diacrônico, com os conhecimentos que temos hoje, e embasados em nossos princípios éticos.

[100] Podemos afirmar que a "saudade" compõe o *ethos* português não por causa do Saudosismo, e sim porque ela existia, já na época de Pascoaes, na tradição e na cultura portuguesa como expressão dessa identidade, tanto como lembrança quanto sentimento de ausência. Garrett, como veremos em discussão posterior entre Pascoes e Antonio Sérgio (Capítulo 2.5) será objeto dessa discussão. Camões, ao recontar a história portuguesa de uma forma enaltecedora, usa um estilo grandíloco e saudoso. Ademais, até mesmo nos dias atuais, pesquisas apontam para a particularidade no uso da palavra "saudade" em Língua Portuguesa (excepcionalmente pelos portugueses), o que nos autoriza a dizer que, mesmo se ela não for uma palavra em que haja uma expressão de vivência singular, pela tradição ela se mitificou como. Um exemplo de um estudo moderno em que aparece a palavra "saudade" como de uso particular da Língua Portuguesa é o estudo realizado pelo Doutor Tim Lomas da Universidade do Leste de Londres, publicado em 2016 no periódico *Journal of Positive*. Deixamos a hiperligação desse trabalho nas Referências e aqui uma reportagem da BBC, que o divulga: http://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-39311897?ocid=wsbrasil.social.sponsored-post.facebook.Round1.17-Words-IN.Male.QuotationAd.mktg

> Por isso, a Sociedade a que me referi, se intitula “Renascença Portuguesa”. Mas não imagine o leitor que a palavra Renascença significa simples regresso ao Passado. Não! Renascer é regressar às fontes originárias da vida, mas para crear uma nova vida. // Renascer é dar a um antigo corpo uma nova alma fraterna, em harmonia com ele. O Passado é indestrutível; é o abysmo a treva onde o homem mergulha as raízes do seu sêr, para dar à nova luz do futuro a sua flôr espiritual. (...) É preciso, portanto, chamar a nossa Raça desperta à sua própria realidade essencial, ao sentido da sua própria vida, para que ela saiba quem é e o que deseja. E então poderá realisar a sua obra de perfeição social, de amor e de justiça, e poderá gritar entre os povos: Renasci! (A ÁGUIA, n.1, S.2, 1912, p. 01)

Apesar de insistir no arquétipo da Saudade como uma noção metafísica, o que é perfeitamente compreensível, ele sugere que a origem é extrínseca, ou seja, é uma saudade que brota do solo, da terra, do local, pois no ensejo de “adorar o espírito português”, ele necessita plantar “na nossa terra que é santa porque gerou a Saudade, como os desertos trovejantes da Palestina crearam Jéovah, e os viçosos, harmoniosos vales gregos crearam Orfeu e Apólo” (A ÁGUIA, n.1, S.2, 1912, p. 34). Esse pensamento é deveras interessante, pois liga um substantivo concreto (a terra) com um abstrato (saudade) de uma forma indissociável, em uma figura muito próxima ao yin-yang, a terra dentro da saudade, a saudade dentro da terra; o amor carnal espiritualizado e o amor espiritual materializado.

> A alma da Raça é a Saudade. E o que é a Saudade? // Não me cansarei de affirmar que a Saudade é, em sua ultima e profunda análise, o amor carnal espiritualisado pela Dôr ou o amor espiritual materialisado pelo Desejo; é Venus e a Virgem Maria n’uma só Mulher. É a síntese do Céu e da Terra; o ponto onde todas as forças cósmicas se cruzam; o centro do Universo; a alma da Naturêsa. A Saudade é a personalidade eterna da nossa Raça; a fisionomia característica, o corpo original com que ela há de aparecer entre os Povos. A Saudade é a eterna Renascença, não realisada pelo artifício das Artes, como aconteceu na Itália, mas vivida, dia a dia, hora a hora, pelo instincto emotivo d’um Povo. A Saudade é a manhã de nevoeiro; a Primavera perpetua “a leda e triste madrugada” do soneto de Camões. É um estado de alma latente que amanhã será Consciência e Civilisação Portuguesa... (A ÁGUIA, n.1, S.2, 1912, p. 34)

Pela passagem acima, percebemos como o Saudosismo Metafísico, já nas orientações basilares, publicadas nas páginas d*A Águia*, conecta a “raça”, à “saudade”, à Renascença Portuguesa e a Camões. Aqui ele correlaciona o cerne do Saudosismo com a esperança do ressurgimento de Portugal, que é um objetivo republicano.

Vale ressaltar que inteligentemente a pesquisadora portuguesa Clara Rocha percebeu a ligação da Saudade com a terra, no entanto, ao invés dela resgatar o texto original de Teixeira de Pascoaes, ela interpretou a questão pelo viés sociológico.

> A partida sempre foi um desejo e uma necessidade do português, equilibrada pela saudade do chão de origem. Muito se tem comentado e mesmo criado sobre estas duas forças opostas e complementares da nossa personalidade colectiva, desde a já clássica obra de Eduardo Lourenço *O Labirinto da Saudade* até ao trabalho musical do grupo rock "Herois do Mar". É dessa saudade, entendida aqui não como nostalgia dum espaço de partida, que ainda hoje temos uma imagem viva quando, por exemplo, o emigrante português parte da grande cidade europeia ou americana para vir conhecer ou recordar a aldeia beirã ou transmontana donde saiu ou donde saíram os seus antepassados. // Estes dois aspectos que temos vindo a referir – aventura/saudade, viagem/regresso – encontram ecos no conjunto das publicações periódicas que constituem o objeto do nosso estudo. Nas revistas do século XX, é possível detectar duas grandes linhas de força antagônicas, ainda que conciliadas por vezes sob o tecto do mesmo título, e que consistem respectivamente numa tendência para a abertura a horizontes estrangeiros e numa orientação de regresso a um espaço cultural de origem. (ROCHA, 1985, p.224)

Percebemos com nitidez a presença da questão metafísica na construção do Saudosismo, que, inclusive, ao dialogar com a história e com Camões, adquire nuances sebastianistas, um dos motivos que levará Antonio Sérgio a confrontar Pascoaes, que chamará o culto a D. Sebastião de "forma patética" de messianismo[101].

É por esse caminho que a ideia acaba por ressoar na consciência de Pessoa, cuja teoria também analisaremos em nossa tese, uma vez que ela foi publicada originalmente n*A Águia*, em capítulo posterior: a crença no Supra-Portugal é o credo em uma pátria que está além das fronteiras físicas do país, pois se trata de uma introspecção, uma subjetivação espiritual.

> O Saudosismo reclama-se duma proposta de ressurgimento nacional com base na "construção espiritual da nossa pátria", pois concebe a Pátria como ser vivo e ser espiritual. Daí a crença num supra-Portugal, num "futuro glorioso que espera a Pátria Portuguesa". (...) Linguagem religiosa esta, como se pôde ver ("fé", "milagre", "ressuscita", "cântico"). De resto, repetidas vezes Pascoaes define a Saudade como uma Religião, uma Filosofia e uma Política. Ela é "o sentimento-ideia, a emoção-reflectida, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essência religiosa" – escreve ainda o poeta de Marânus, que assim considera a Saudade como o alfa-ômega e como prefiguração do Uno inerente ao divino. (ROCHA, 1985, p. 276-77)

[101] (A ÁGUIA nº 65-66, Série 2, p. 183)

A *Arte de Ser Português* (1915) condensa a filosofia do Saudosismo Metafísico apresentado n*A Águia*. Como já identificamos no nosso trabalho, ele repete lá no livro que

> O fim desta Arte é a renascença de Portugal, tentada pela reintegração dos portugueses no carácter que por tradição e herança lhes pertence, para que eles ganhem uma nova atividade moral e social, subordinada a um objectivo comum superior. Em duas palavras: colocar a nossa Pátria em frente do seu Destino. (PASCOAES, 1993, p. 09)

Apesar do Saudosimo ser um ponto de contato entre a *Águia*, sob a direção de Pascoaes, e o livro supracitado, essa obra não faz parte do nosso *corpus,* portanto, trouxemos apenas alguns pensamentos congruentes em critério completivo e dialógico. Na primeira edição *dA Águia sob* sua tutela, Pascoaes afirma que a alma da "raça" é a "Saudade" e, logo após, divide-a em dois grandes períodos, a saber:

> O primeiro período foi o instinctivo e activo: produziu Camões e Benardim, Vasco da Gama e Albuquerque. O segundo período, o actual, é o período consciente e contemplativo, em que, por assim dizer, a lama portuguêsa abre, pela primeira vez, os olhos sobre si própria: e está produzindo a mais admirável das gerações poéticas[102]. // O que é o prenuncio de que a alma portuguêsa vae entrar no seu terceiro período que será o período consciente e activo, por isso mesmo que o sonho precede a acção. // E então creará Portugal, no campo das realidades tangíveis, a sonhada e ardentemente desejada obra civilizadora. (A ÁGUIA, 2ª Série, Vol. 1, n. 1, 1912)

Não é difícil percebermos a essência da ideia de Pessoa nas palavras de Pascoaes, que espiritualiza a Pátria e a Língua. O "Supra-Camões" não é uma criação individual, que surgiu sem uma base filosófica anterior. Está tudo conectado.

Para Pascoaes, antecipando o que Eduardo Lourenço chamará de psicanálise mítica de Portugal (ou autognose portuguesa), o país só será reconstruído, se antes ele fizer um encontro consigo mesmo, ou seja, refizer a "sua alma" e, para tanto, deverá mergulhar nas raízes do passado e resgatar os valores que os tornavam (teoricamente) portugueses. Diferentemente de Antero, esse sim um "vencido da vida", uma pessoa que buscou "quebrar resolutamente com o passado" (QUENTAL, 1942, p.140), o autor de *Senhora da Noite* (1909) acreditava no diálogo com a tradição e avesso a tudo o que pudesse deslegitimar essa nacionalidade tão arduamente almejada: o estrangeiro. Ele não ignorava a decadência, era lúcido em relação às

[102] Veremos, ao estudarmos a teoria de Pessoa em 2.6 *Fernando Pessoa e a Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada,* que ele se insere nessa linha de pensamento pascoaeana, postulando que o período em que vive é exatamente aquele em que surgirá o "Shakepeare lusitano", ou "Supra-Camões", devido a essa admirável proficuidade poético-sociológica.

mazelas do país. Inclusive, ele teve sérias rixas com a Igreja Católica, pois, segundo o seu pensamento, ela era uma das responsáveis por “desnacionalizar” o país. Essa visão ele demonstra ao trocar cartas com Antonio Sergio na própria *Águia*[103].

Apesar de notarmos uma clara influência do Cristianismo em vários momentos do Saudosismo, sabemos que Pascoaes não pactua com a influência romana na “alma portuguesa”. Isso parece um contrassenso, no entanto, quando nos aprofundamos na leitura da teoria, percebemos que ele acredita na transformação da religião pelo Saudosismo, ou seja, nesse caso, não é a religião que molda o ser português e sim a Saudade que lhe impõe sua condição.

Essa ideia, de que a religião é “moldada” não é exclusividade de Pascoaes. Antero de Quental, um pensador que muito se distancia dessa teoria, chegando até a antagoniza-la, se pensarmos no quesito religião, tem posicionamento similar sobre a capacidade do povo ibérico em transforma-la conforme a sua necessidade.

> (...) Os povos peninsulares são naturalmente religiosos: são-no até d’uma maneira ardente, exaltada e exclusiva, e é esse um dos seus caracteres mais pronunciados. Mas são ao mesmo tempo inventivos e independentes: adoram com paixão: mas só adoram aquilo que êles mesmos criam, não aquilo que lhes impõe. Fazem a religião, não a aceitam feita. (QUENTAL, 1942, P.99)

Há um consenso entre os historiadores que a formação do reino de Portugal não foi obra de uma condição geográfica, de uma colonização ou de uma divisão meramente fronteiriça: foi produto do desejo de um povo, orientado por seus líderes, que formaram a nação. Entre Portugal, Galiza e Espanha não há uma barreira geográfica que auxilie na separação dos países, tampouco há uma grande diferença linguística ou sanguínea entre eles, visto que aqueles em quem Portugal considera como povo ancestral, os Lusitanos, não ocupavam toda a extensão do território português, pois existiam também povos celtibéricos e galegos na região. Pascoaes entende que a Saudade, esse ente espiritual que forma a Pátria, é a força motriz que, desde Afonso Henriques, mantém o povo unido. A Saudade é a origem mantenedora, segundo Pascoaes.

> Não existe também nenhuma coincidência, nem sequer aproximada, do território dos Lusitanos com o actual território português. Mantendo a nossa ideia de que os Lusitanos ocupavam terras da Beira Interior mas também da actual província espanhola de Extremadura, não julgamos oportuno

[103] Capítulo 2.5 Rusgas a posição de combate de Antonio Sergio e a defesa de Pascoaes

> reproduzir aqui os argumentos com que sustentamos tal tese. Mas não se nos afigura inútil discutirmos se os Lusitanos eram ou não uma etnia – no sentido que hoje damos ao termo, um povo, que tem consciência de si mesmo como um nós, isto é, que tem o sentido da sua identidade e da sua diferença e distância relativamente a outros povos, que trata como outros. (ALARCÃO, 2007, p.11)

> Excluindo uma eventual explicação das fronteiras de Portugal a partir de uma identidade étnica pré-romana que se teria mantido, eventualmente adormecida, durante o longo período da dominação romana, teremos de concluir que tinha razão Amorim Girão quando pressentia "factos derivados da vontade dos homens... devem ter exercido a sua influência no traçado da fronteira luso-espanhola". Tais homens não terão sido apenas os reis; terão sido também bispos, mestres de ordens militares como a dos Templários, fidalgos que com alguma autonomia conquistaram terras ou as povoaram (no sentido medieval do termo). Sem queremos entrar abusivamente em tempos da Idade Média que não são os da nossa especialidade, parece-nos que D. João Peculiar, arcebispo de Braga, exigindo a sujeição dos bispos portugueses à sua tutela, contra os interesses e pretensões do arcebispo de Santiago de Compostela, é exemplo de homem que contribuiu consideravelmente para a criação de uma identidade. (ALARCÃO, 2007, p.12)

Por falarmos na influência dos dogmas cristãos (ou pagãos cristianizados, pois, segundo a teoria, a Saudade é formada por sangue semita – judaico-cristão e ariano – pagão)[104] na construção da família, torna-se imperativo o casamento religioso, pois ele seria o elemento "estabilizador". Acreditava-se que a religião tomava uma forma particularizada nos povos ibéricos, sendo eles os orientadores dela.

Há duas ressalvas importantes a fazer sobre isso: a primeira, é que ele deixa explícita a condição da Tradição (que vem dos avós) orientando a manifestação religiosa: "Dentro da casa paira a divindade da Família. A velha lareira é um Santuário com as imagens dos Avós. A Lembrança prende-nos às suas almas, e a Deus, por intermédio delas".[105] (PASCOAES, 1993, p. 40) A segunda é a afirmação de que Jesus interveio na fundação de Portugal. Aqui existe a Tradição manifestada em forma de lenda[106].

O *Cristo de Ourique* é peça da fundação de Portugal. O grande historiador e romancista Alexandre Herculano, do qual essa geração Renascentista e a anterior têm em alta estima, inclusive, sendo ele o homenageado na primeira edição da revista

[104] Antonio Sergio ironiza essa ideia, vide 2.3.6 *Interpretação do Sebastianismo – A propósito da Evolução do Sebastianismo do srn. J. Lúcio de Azevedo*

[105] Observando extrinsecamente, percebemos dois fatores transversais: essa relação da família com os santos domésticos é tipicamente pagã, apesar de Pascoaes discursar na esteira do Cristianismo e essa ideia de família foi basilar no Fascismo e no Integralismo (a família cristã heteronormativa).

[106] A Tradição é componente do *ethos*.

O Occidente pela pena de Antonio Ennes, escreveu um texto, baseado na *Crônica Gothorum*, que data do século XII, considerada a única fonte legítima do assunto.

> Os chronicons mais remotos, escriptos em latim bárbaro, são na verdade uma especie de resumos da historia geral do paiz; mas começam as suas narrativas, como as chronicas especiaes, com os princípios do seculo XII, e apenas aludem rapidamente aos sucessos posteriores à invasão dos godos, que é para eles uma especie de génesis histórico. (HERCULANO, 1875, p. 28-29)

> Foi ganhada essa batalha, que tão memorável se tornou com o correr dos tempos. Não consta, porém, ao certo, quais fossem consequências dela. (...) As circunstâncias peculiares que neste ocorreram, sendo o primeiro tentado pelos portugueses além do Tejo e conduzido pelo próprio infante no sertão do Gharb, aonde nunca ou raramente os cristãos haviam chegado, contribuíram, acaso, para que a tradição engradecesse pouco a pouco o sucesso, a ponto de o tornar maravilhoso até o absurdo. A inclinação aos encarecimentos chegou a elevar o número dos vencidos a quatro centos mil sarracenos e a fazer intervir na tentativa do próprio Deus. (HERCULANO, 1875, p. 173)

Inclusive, há uma interessante "carta de refutação" à opinião de Alexandre Herculano, que segue, por parte da Igreja Católica, cujo original está na Universidade de Toronto[107].

A historiadora Verônica Castanheira Machado trabalha essa leitura da construção da identidade portuguesa, em sua monografia de conclusão de curso pelo Centro Universitário Metodista Bennett/UniBennett, chamada *O Milagre de Ourique e a Construção da Identidade Nacional Portuguesa*: um estudo sobre a Mitologia Política. Dessa empreita, extraímos a seguinte opinião:

> Na ausência de uma documentação que comprove as narrativas construídas pelos clérigos, tempos depois, Herculano expõe, pela primeira vez na historiografia portuguesa, algumas hipóteses que contestam tal versão mítica da história, afirmando ainda que "se acreditarmos os cronistas antigos e ainda os historiadores modernos a batalha de Ourique foi a pedra angular da monarquia portuguesa". (...) // A primeira questão levantada por Herculano aponta o fato de que a aclamação de Afonso Henriques como o rei de Portugal, pelos cavaleiros, após a batalha, foi uma conseqüência da vitória e não algo resultante de uma intervenção divina. A falta de documentos originais deste período leva a crer, para ele, que o retorno de Afonso Henriques tenha ocasionado o fim do pacto com Castela e iniciado uma guerra entre as fronteiras de Portugal e da Galícia, que teve fim apenas em 1140, com a vitória dos portugueses. Mas este fato não significou a independência de Portugal, já que foram muitos os confrontos políticos com os reinos de Castela e Leão para que Afonso Henriques conseguisse, por fim, fundar o reino de Portugal. Somente no ano de 1143, o imperador das

[107] É possível fazer uma consulta pública dessa carta em https://archive.org/stream/examehistoricoem00acph/examehistoricoem00acph_djvu.txt

> Hespanhas D. Afonso VII reconhece o título de rei de Afonso Henriques, sendo assim, a separação de Portugal “um fato materialmente consumado e completo, fosse qual fosse a dependência nominal em que o seu príncipe ficasse do imperador”. Desta forma a versão da história narrada por Herculano difere completamente daquelas que foram escritas pelos clérigos ao longo dos séculos. Mesmo que a fonte que serviu para ambos tenha sido a Crónica Gothorum - o único documento original do século XII –, torna-se evidente o posicionamento crítico do historiador diante do documento. (MACHADO, 2008, p. 07)

Sem muito esforço, percebemos que a construção da história portuguesa também é uma questão política, da qual Pascoaes não escapa, a exemplo de Herculano, a fim de inserir Portugal (e seu passado) no contexto europeu, no qual, por motivos de atrasos tecno-econômicos, à época, ainda era um país predominantemente rural e de mentalidade colonialista. Por um lado, Herculano contesta a validade histórica de tal documento, retirando a questão religiosa do milagre, na tentativa de coloca-la dentro de uma realização militar apenas; por outro lado, Pascoaes mergulha na essência do mito, que utiliza em seu Saudosismo Metafísico. O que liga os dois é o patriotismo, ambos buscam, pelo bem maior (o país), rever e atualizar a história portuguesa, até mesmo essa mitologia política de caráter messiânico, que esteve presente em D. Afonso Henriques, voltou em D. Sebastião, dando origem ao Sebastianismo que, por meio dos poetas e demais escritores, nos quais estão Camões, Padre Antonio Vieira e, posteriormente, Fernando Pessoa, garantiram a sobrevivência dele.

Como em uma corrente, cujos elos se entrelaçam, assim Pascoaes construiu a sua teoria. A questão do patriotismo, presente em Camões, manifesta-se também no diretor d*A Águia*.

Aquela voz mítico-patriótica de *Os Lusíadas* retorna com força, não somente nos textos de Pascoaes, como em muitos outros de sua época.

> Eu acredito na grandeza do momento actual, porque só agora é que a Raça portuguesa, representada pelos seus Poetas que são a sua florescência, principia a sentir-se verdadeiramente revelada. Só agora ela sabe quem é: porque só agora a Saudade lhe falou, dizendo-lhe o seu antigo segredo. // E, por tudo isto, Portugal não morreria nem uma Patria morre no instante em que encontra o seu espírito. Portugal não morrerá e creará a sua nova Civilisação, porque vê que a sua alma é inconfundível, que encerra em si um novo sentido de vida, um novo Canto, um novo Verbo, uma nova Acção. // Sim: a alma portuguesa existe, e o seu perfil é eterno e original. // Revelê-mo-la agora a todos os portugueses, ou sua maior parte afastados d’ela, pelas más influencias literárias, políticas e religiosas vindas do estrangeiro. // Revelêmo-la a todos os portugueses, para que todos comunguem o seu próprio espírito, e possam cumprir o destino que por natureza, nascimento e sangue lhes pertence. // E então um novo Portugal, mas português, surgirá à

> luz do dia, e a civilização do mundo sentir-se-á mais dilatada. (A ÁGUIA, n. 1, já. 1912, p. 02-3)

Pascoaes exalta a figura do Poeta como catalisador do espírito da Pátria e aglutina todos eles a essa essência da Saudade, da qual emana a "energia da raça", sendo Camões o genitor. Segue um pensamento, publicado originalmente na edição nº 18 da revista, 2ª série:

> Conforme a alma portuguesa se vai definindo e revelando em alto critério religioso e filosófico, assim a obra de Camões nos vai mostrando, a uma luz cada vez mais viva, novas faces ignoradas, novas riquezas espirituais, ensombradas regiões que se iluminam e desenham em inéditas paisagens de maravilha. (A ÁGUIA, n. 18, 2ª Série, 1913, p.177)

Em seguida, argumentando o valor prosaico, no sentido latino de simples, comum, dos versos que ele utiliza como exemplo, afirma que o valor de Camões somente à época começa a ser compreendido e, dessa forma, percebe-se a sua colossal estatura. O exemplo citado no periódico é esse:

> Não tiram o dôce somno as lembranças
> Importunas do bem ou mal futuro...
>
> Sabe que em vão nasceste,
> Que para desfazer-se a nevoa escura,
> De meus olhos importa estar presente
> Outro sol, outra aurora, outro oriente.
>
> E sendo morto já, vive o sentido,
> Porque sinta que n'alma despedida
> Pode em meu mal unir-se
> O ficar e o partir-se, a morte e a vida!
>
> Estes ventos da voz importunados,
> Parece que se enfreiam...
>
> Os pássaros que cantam
> Meus espíritos são que a voz levantam.
>
> Um não sei que suave respirando,
> Causava um admirável, novo espanto,
> Que as cousas insensíveis o sentiam...
>
> Tudo se alegra em vós alegraes tudo...
>
> (A ÁGUIA, n. 18, 2ª Série, 1913, p.177)[108]

Pascoaes então explica:

[108] Temos aqui uma curiosa construção feita de versos camonianos.

> O conflito matrimonial entre o Espírito e a Natureza transparece nestes versos e em muitos outros do lirismo camoniano que é o primeiro vagido sublime da Saudade. Camões, n'*Os Lusíadas* obedecendo ao instinto da sua raça, não hesitou em casar as Divindades do Olimpo e Jesus Cristo. Parece que Almeida Garrett não quis perceber a lógica daquele aparente contra-senso... // Camões respondeu em português ao movimento da Renascença italiana. Foi muito espontaneamente ao seu encontro, fazendo ouvir, em todo o mundo, o canto imortal d'*Os Lusíadas*. // O poeta épico dos grandes feitos marítimos, o poeta enamorado da mulher, desdobra-se agora num outro, misterioso e sobrenatural, feito de relâmpagos que se cruzam ao acaso, mas à luz dos quais nós vemos encarar o gênio do Povo que também canta (A ÁGUIA, n. 18, 2ª Série, 1913, p.177)

Dois aspectos importantes nós percebemos na fala de Pascoaes: o primeiro revela-se na explicitação de reforço, pois ele já deixou evidente em outras oportunidades, a respeito da importância de Camões como consciência criadora do *ethos* português, a obra camoniana "que é o primeiro vagido sublime da Saudade", é a pedra basilar, reforçada pelo pensamento original da revista, em que afirma que em Camões, "para além do épico e do lírico, na parte inconsciente e profunda da sua obra, brilham as mesmas luzes cursoras d'uma Consciência moral, d'uma nova atitude da alma humana perante Deus e a Vida" (A Águia, n. 18, 2ª Série, 1913, p. 178); a segunda questão é a influência da vertente italiana, corretamente informada no trecho acima, uma vez que o nosso Poeta escreveu sob as rédeas do *dolce stil nuovo* também. Vale ressaltar que, para Oliveira Martins, essa característica da obra age contra ele, quando pensamos em alguém que represente a "lusitanidade". É um dos pontos divergentes com a teoria de Pascoaes.

Por fim, observamos a questão da dor, que é premissa do Saudosismo, presente, segundo Pascoaes, no Sebastianismo e, tal como não poderia deixar de ser, a promessa de alimentar o futuro de Portugal, que muitos acreditavam vir por meio da Primeira República, como vimos no capítulo anterior, porém, ela durou pouco tempo, ela se perdeu, ironicamente, em promessas que ela própria não conseguiu cumprir, a exemplo da Monarquia, que tanto combatera. Portugal – e, consequentemente, o ser português – ainda estavam por se realizar, como diria o poeta de *Mensagem* (1934). Compreendemos que o Portugal lido aqui não é o real, aquele que Antero de Quental e tantos outros escreveram. Não porque o gênio de Pascoaes não teria a capacidade de concretizar tal empreita e sim porque ele não intencionou isso: ao falar de algo que está dentro de si, era preciso trazer esse algo para o campo do mito e escrever filosoficamente. De Camões a Pascoaes, a construção desse ser ainda titubeava.

Será Fernando Pessoa quem resolverá esse problema pela pátria interna e sem fronteiras de sua ideologia.

2.5 Rusgas: a posição de combate de Antonio Sérgio e a defesa de Pascoaes

> *"Eu sei que a vida é restrita ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão. Há pessoas que lhe apreendem apenas a forma carnal, há outras que atingem a sua expressão espiritual e eterna. Com as primeiras, não se pode discutir. São criaturas no sentido restrito da palavra, enclausuradas, mortas dentro das suas próprias ideias sem alcance. Meteram-lhe em cabeça que o mundo é feito de pedras... E ei-las, para todo o sempre, empedernidas! Que lástima!"*
>
> *(Teixeira de Pascoaes)*

Antonio Sérgio de Sousa Júnior nasceu em Damão, na Índia Portuguesa, em 03 de setembro de 1883 e faleceu em Lisboa em 24 de janeiro de 1969. Ele foi um conceituado pedagogo e político português. Inclusive, há vários textos sobre ensino e educação publicados na revista *A Águia*, cuja autoria é de Antonio Sérgio. Fez parte do movimento da Unidade Democrática, era um cosmopolita. De mente combativa, travou uma discussão com os Saudosistas da Renascença Portuense, movimento em que tinha parte desde 1910, pois era um assíduo colaborador das revistas que pertenciam aos renascentistas. Veio, por conta disso, em rota de colisão com o então diretor d*A Águia*, como demonstraremos nesse capítulo da nossa tese. O pensamento de Sérgio foi muito importante para Portugal, a ponto de Eduardo Lourenço, em seu icônico trabalho *O Labirinto da Saudade* (1978), abrir um capítulo para dedicar suas palavras ao gênio de Antonio Sérgio, intitulado *Sérgio como mito cultural* (LOURENÇO, 2013, p. 158-72). Colocou-se na trincheira contra Teixeira de Pascoaes e Jaime Cortesão, defendendo o ponto de vista dos reformistas, inspirados em modelos capitalistas ingleses, de corrente neoliberal, como Alexandre Herculano, Mouzinho de Albuquerque e Oliveira Martins. Escreve o autor de *A nau de Ícaro*:

> O importante ou o decisivo, contudo, não é a verificação de um "polêmico" que ao fim e ao cabo poderá ser culpa também dos que Sérgio impugnou. As acusações de "polemismo" são sempre reversíveis e de pura forma. Polêmico é sempre o vizinho. O decisivo, para bem compreender o original perfil cultural de António Sérgio, é descobrir os motivos de um tal polemismo, realmente visível a olho nu. Poderá até dar-se o caso de ser tal polemismo apenas a forma veemente de uma atitude intelectual estruturalmente serena. Em suma: é o polemismo de Sérgio uma simples manifestação um pouco

> patológica da “vontade de ter razão”, ou pelo menos da convicção reiterada de que o comum dos mortais não a tem, ou é apenas a extrínseca expressão um pouco exasperada daquele dever de amor que a verdade suscita naqueles que julgam possuí-la ou conhece-la? (LOURENÇO, 2013, p. 159)

A opinião de Lourenço é muito lúcida, nós percebemos que é uma característica de Antonio Sérgio querer “ser o dono da verdade” e que, pela forma como se dá o seu texto (no caso nosso, irônica e combativamente), agride e provoca no interlocutor uma resposta. Resposta essa quase sempre pouco amigável. Tal característica, ao que tudo indica, parece fazer parte da índole do crítico, pois ela se manifestou por toda a vida dele. Pascoaes, inclusive, como veremos, em determinada altura do diálogo, apontará para essa qualidade do seu amigo.

Ainda mais pelo fato de que as análises de Antonio Sérgio jamais seguiriam a tônica das de Pascoaes, ambos sabiam desse fato perfeitamente e confessaram isso na troca de missivas. Com sua mente racional e analítica, o espaço para o lado, digamos, metafórico da linguagem, no sentido espiritual, era como água no óleo. Eduardo Lourenço também constata essa nuance de Sérgio em sua análise, considerando que, na opinião dele, a “insensibilidade literária” seria, na verdade, uma leitura por meio da “realidade inteligível”:

> Alguns pensaram que as análises literárias de Sérgio – as que mais discutidas foram, sobretudo as de Junqueiro e Nobre – sofrem do que se poderia chamar de “insensibilidade literária”. Não é exactamente a nossa opinião. António Sérgio abordou de facto a poesia sobretudo enquanto “realidade inteligível” e por isso foi mais sensível às “ideias” de Camões do que à sua “mítica”, mas não foi insensível a ela como homem extremamente cultivado que era. Simplesmente, tudo forma sistema nas suas interpretações e o que cai fora dele, niilismo ou desespero de Antero, como sensualidade camoniana, é “apagado” para deixar apenas o que a seus olhos é a essência ideal (e idealista) dos dois poetas. É bem menos daquilo que Max Scheler chamava “cegueira para os valores” (aqui estéticos) que se trata, do que de Ceticismo literário, por sua vez reflexo do seu místico, e sobretudo, dualista racionalismo, cuja presença atinge o máximo de acuidade e de coerência no domínio das ideias propriamente dito, como é notório na sua refutação do bergsonismo. (LOURENÇO, 2013, P. 165)

Essa pequena introdução, orientada pelas opiniões do saudoso Eduardo Lourenço, parece-nos suficientemente apropriadas para abordarmos a problemática da discussão que tratamos nesse capítulo, em um vislumbre do desenlace que ela terá.

Quando lemos a carta inicial de Antonio Sérgio, nós nos surpreendemos com o teor e a forma combativa com que ele se manifestou na revista. Foi um impacto para

nós e acreditamos que assim o foi também para os leitores daquela época. O começo da polêmica acontece no número 21, de 1913, com o título *Epístolas aos Saudosistas*. Nela, o pedagogo procura desconstruir a teoria de Pascoaes por meio de uma ironia ímpar. O texto de Sérgio é bem estruturado e racional, sua escritura é clara, porém falta-lhe aquela argumentação que compreenda o assunto para refuta-lo, levando assim a um conhecimento "corretivo" e, sobretudo, falta um respeito pelo interlocutor, pois ele está explícito, trata-se de uma epístola (não é um qualquer, que desconheça a teoria criticada).

Vamos ao parágrafo introdutório:

> Deixando de lado os devaneios secundários e adjacentes, três pontos de vista na saudade importaria esclarecer, atinentes ao préstimo possível que ela tivesse para vós outros: // 1º. Que é realmente a saudade; // 2º. Que representou ela nas nossas letras; // 3º. Que poderia ela representar hoje. // Como não sejam os longos dizeres os adequados a leves temas, telegraficamente me explicarei sobre cada um destes três pontos. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 97)

Há um fator importante a ressaltar nesse trecho: apesar do caráter racionalista, evidenciado na divisão estrutural sistemática do pensamento, separando-se inclusive numericamente para análise sequencial, o autor provoca os destinatários da epístola, o que contraria o teor racional, imprimindo ao texto um caráter belicoso por conta da galhofa, ao enunciar que existem "devaneios" no pensamento deles. Essa observação é intencional, pois o crítico inverte a ordem normal da frase, colocando a oração em gerúndio como destaque do tópico frasal, ou seja, prioriza tal dado. Ademais, ele repetirá posteriormente essa ideia.

Percebemos com clareza a posição de combate e chacota do famoso pensador já por esse primeiro parágrafo. Não será difícil entendermos, dessa forma, que Sérgio selecionará cuidadosamente suas palavras, elencando os aspectos que o convêm, ignorando aqueles que, em teoria, confrontariam a sua "tese". Ele apagará qualquer detalhe de sua argumentação, que não favoreça, de alguma forma, o seu próprio pensamento. Lembremo-nos das palavras de Eduardo Lourenço.

Outro aspecto a ser apontado é que a crítica abandona a noção do amanhã. Como estudamos no capítulo anterior, a questão da Saudade em Pascoaes conecta o passado ao futuro. O item 3º da proposta de análise de Antonio Sérgio é o último e ele para no hoje.

Após essa apresentação, ele explica os três pontos. O primeiro: “que é realmente saudade”. Colocando dessa forma, compreendemos que não é apenas o entendimento dele sobre a “saudade”, é a versão única e válida, pois o “realmente” nos permite ler dessa forma. É a tal “vontade de ter razão”, que “apaga” o que não lhe é útil, que Eduardo Lourenço genialmente percebeu, uma característica não só dessa troca de correspondências, como do próprio Antonio Sérgio. Palavras dele:

> A saudade contém, como todo o estado de consciência, um elemento representativo e um elemento volicional. Mas não são esses que caracterizam a saudade: o que caracteriza a saudade é um certo quê de sentimento. Porisso, Garrett, o poeta, a definiu bem, e Duarte Nunes, o jurista, a definiu mal... // (Não perdeis nada, ó neo-lusos, abandonando este papá, que Cristovão de Moura comprou para seu amo Filipe II). // O Saudosismo porém sustenta que a verdadeira definição não é a de Garrett, mas sim a do jurista: “lembrança de alguma cousa com desejo dela”, e Pascoais propõe esta: “a velha lembrança gerando o novo desejo”. // Ora, repito, que sendo a saudade uma nuança de sentimento, muito bem a definiram Garrett e D. Francisco Manuel em termos de sentimento, - e que foi maravilha de espantar que Duarte Nunes e Pascoais se lembrassem de a definir em termos de vontade e representação. **O resultado é que estes definiram, não a saudade, não uma característica humana, quanto mais portuguesa, mas um rude facto geral de toda a animalidade.** Exemplificando: // Um sujeito vê um dia um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias o nosso homem passa outra vez perto do cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalíssimo de sentir a carne do agressor comprimida entre os seus caninos e... zás, então daí vocês a vêr a scena. Que se passara na consciência do animal? Nada de extraordinário: uma velha lembrança, gerando um novo desejo: a saudade (definição de Pascoais). // Suponha-se agora o dono do cão a comer uma iguaria nova e ao lado dele o seu cachorro. O dono estende-lhe um petisco, e o focinho duvidoso aproxima-se, fareja, estende a dentuça, mastiga incerto, engole. Gostou. Passam-se dias. O cão vê o dono a comer o tal petisco, e logo se aproxima, de venta ávida. Que foi? A lembrança de uma coisa com o desejo dela, - a saudade (definição de Eduardo Nunes). (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 97-98)

A transcrição foi extensa, porém necessária, pois assim não quebramos a linha de pensamento de Antonio Sérgio. Segundo ele, “o que caracteriza a saudade é um certo quê de sentimento”. Obviamente percebemos a seleção de uma informação, não podemos negar que há essa possibilidade interpretativa em Garrett, no entanto, ela não é a única, representando uma totalidade significativa. A obra dele é bem variada, as significações são plurissignificativas e, sobretudo, atreladas a uma realidade complicada, pois assim foi o século em que o poeta viveu. A obra garrettiana só adquire uma complexidade e força de expressão como reflexão de um povo em um tempo, se ela for lida dentro desse contexto étnico-histórico. Garrett, por exemplo, conecta Camões a Portugal, como faz o Saudosismo. Duarte Nunes e Teixeira de

Pascoaes concordam com a visão de Garrett, o que acontece é que eles a interpretam de forma metonímica, ela é uma parte de um todo, de algo maior, todo esse que contém significações além daquelas conseguidas pelo poeta, e que contém as que ele pensou. Ele está inserido, não é negado. O próprio autor de *Marânus* (1911) escreve que Garrett "não quis perceber a lógica daquele aparente contra-senso"[109], que era unir as divindades do Olimpo e Jesus Cristo na mesma narrativa, o que Saraiva, posteriormente, e de forma muito inteligente, resolverá em uma das suas críticas, publicadas na revista *Colóquio-Letras*, intitulada *Função e significado do maravilhoso nOs Lusíadas*[110]. Saraiva entende o uso dos deuses mitológicos como ornamentação retórica apenas, separando a narração divina da narração histórica, subordinando uma à outra. Essa construção de Camões garantiu que ele conseguisse usar os deuses (não como deuses religiosos, e sim como figuras alegóricas), escrevendo uma epopeia em que o herói (Vasco da Gama) não seguia a religião dos deuses que interagiam com ele. Era uma forma de escrever nacionalmente, usando um estilo estrangeiro, inspirado no grego, que era a epopeia, tão cara aos renascentistas.

> O conflito matrimonial entre o Espírito e a Natureza transparece nestes versos e em muitos outros do lirismo camoniano que é o primeiro vagido sublime da Saudade. Camões, n*Os Lusíadas*, obedecendo o instinto da sua raça, não hesitou em casar as Divindades do Olimpo e Jesus Cristo. Parece que Almeida Garrett não quis perceber a lógica aparente daquele contra-senso... Camões respondeu em português ao movimento da Renascença Italiana. Foi muito espontaneamente ao seu encontro, fazendo ouvir, em todo o mundo, o canto imortal d'*Os Lusíadas*. (PASCOAES, 1993, p. 110)

Ora, não é essa a questão discordante, que Antonio Sergio traz à tona, contrapondo a expressão garrettiana à da Saudade a uma "nuança de sentimento". A expressão garrettiana não é tão exata assim em sua definição, como já nos ensinou Eduardo Lourenço:

> Nenhum itinerário romântico é, entre nós, mais interessante a esse respeito que o de Garrett. Ele é o primeiro de uma longa e ainda não acabada linhagem de Ulisses intelectual em busca de uma pátria que todos temos sem poder ajustar nela o sonho plausível que nos pede e a realidade amarga que nos decepciona. A sua intervenção reformuladora em quase todos os sectores culturais do tempo nem foi fruto de diletantismo superior nem de ambição inconsequente. Foi a tradução adequada e genial dessa nova relação de consciência literária que já não pode conceber-se apenas como

[109] (PASCOAES, 1993, p. 110)
[110] (Colóquio-Letras, 1987, nº 100, p. 42-50)

> criadora de obras abstractamente valiosas no âmbito ocidental dos beaux-esprits, mas que se apercebe que *a sua realidade e destino de autor* estão ligados à maior ou menor *consistência de inédita forma histórico-espiritual que é a pátria, uma pátria a ser feita e não apenas já feita*. (LOURENÇO, 2013, p. 83-84, grifo nosso)

Perceba a conexão com a teoria de Pascoaes, por meio do nosso grifo. Se lermos Garrett de uma forma ampla e contextualizada, observando a pluralidade e o alcance da sua visão literária, chegaremos ao postulado de Eduardo Lourenço, o que nos saltará a vista as relações utilizadas pelos saudosistas.

Eis a questão: Garrett, tal como Pascoaes e futuramente Pessoa, concebe uma pátria de forma "histórico-espiritual", que está no porvir, ligada à tradição, que é passado, ou seja, "uma pátria a ser feita e não apenas já feita". É um processo de construção, que passa pelo diálogo e pela introspecção, pois esse é o caminho do Espírito, nesse sentido apresentado. E isso se enquadra nos ideários renascentistas: é esse reestruturar pátrio, tanto externo quanto interno, que passa pelo resgate dos "valores portugueses", a educação, a moral e a ética, a valorização do que é nacional, que promoveria a prosperidade. A saudade de Garrett contém o porvir, tal qual as de Camões, Pascoaes e Pessoa, em sua autognose de *Mensagem* (1934).

Percebemos com nitidez que Antonio Sérgio reduz a Saudade a uma realidade física e cotidiana e, dessa forma, foge do conceito metafísico proposto por Pascoaes e saudosistas, que é mais amplo. Destaquemos o exemplo:

> Um sujeito vê um dia um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias o nosso homem passa outra vez perto do cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalíssimo de sentir a carne do agressor comprimida entre os seus caninos e... zás, então daí vocês a vêr a scena. Que se passara na consciência do animal? Nada de extraordinário: uma velha lembrança, gerando um novo desejo: a saudade (definição de Pascoais). (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 97)

Não, essa saudade não é a definição de Pascoaes. Não integralmente, é um recorte. Como nós estudamos no capítulo anterior, o diretor d*A Águia* liga a memória aos antepassados em um sentimento que estaria aquém da percepção física comum – é também a noção explicada na tese de Clara Rocha, trazida por nós como uma voz auxiliar dentro do nosso trabalho. Aqui ele se refere a uma memória vivida de curto prazo apenas, a de Pascoaes e dos outros poetas, que ele cita como colaboradores na criação da Saudade, trata-se de uma espécie de memória que está além da reflexão episódica-semântica, portanto, Sérgio alude a algo menor (experiência

meramente individual e corriqueira), excluindo a questão coletiva, espiritual e cultural, mais abrangente.

> Houve com efeito muita saudade na literatura portuguesa; mas teve ela suas causas nas condições sociais dos idos tempos. Assentemos isso: tinha a sua razão de ser em condições que já passaram. Vocês teimam em ressuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecados pela idea absurda de que certa maneira de certa época é uma maneira absoluta, a que nos teremos de sujeitar *per omnia secula seculorum*. // A saudade não era, como agora, premeditada: não foi um programa literário, uma combinação entre poetas, um *mot d'ordre*, uma mania, uma taboleta, um artifício. Não houve mote decretado, para que os discípulos obedientemente e uniformemente glosassem. Repito que teve, meus amigos, suas causas sociais, as quais hoje já não existem. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 98)

Antonio Sérgio atenta para o anacronismo, que ele acredita haver na teoria dos saudosistas. Ressalta que a saudade é fruto de "verdadeiros apartamentos", resultante do afastamento da pátria por causa das colonizações e viagens marítimas, sem que "ninguém havia previamente combinado a escrever assim", o que é uma interpretação adequada, diga-se de passagem, esse tipo de saudade é peculiar ao ser português e àqueles que se aventuraram além-mar. Já o Saudosismo, para ele, não seria natural, como essa saudade da terra é, pois ele fora "fabricado":

> Mas vocês juraram agora fabricar a saudade artificialmente, sem os ingredientes necessários: sem o rei absoluto e o pai tirano, sem o Convento e sem o Gato. É impossível, meus santinhos, é absurdo. A culpa não é minha, nem dos meus colegas estrangeirados: não fomos nós que destruímos essas coisas pavorosas. "A humanidade avança", diz um dos Cardiais do snr. Dantas. Pena, é, - mas que querem vocês que eu faça? (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 98)

Antonio Sérgio atrela-se ideologicamente a uma vertente política que deseja abrir Portugal para a influência da economia externa. Como nós observamos na primeira parte da nossa tese, há essa questão da internacionalização de Portugal, no sentido de reinseri-lo em uma Europa Moderna. O progresso, traduzido aqui pelo avanço do sistema capitalista importado da Inglaterra, significaria o ressurgimento da nação, segundo essa ótica, inclusive moralmente falando, como ele explicará posteriormente.

Uma vez orientada a Saudade como distanciamento físico, ele cita exemplos de produções feitas no exílio, contrapondo-as às produções feitas em terra nacional, assumindo, dessa forma, um sentido único para a saudade: aquela que advém da

distância territorial exclusivamente, invalidando assim a produção dos saudosistas, feita em Portugal, que conecta o poeta à sua herança literário-cultural. Observe:

> Modernamente um Herculano escreveu versos que inspiraram o Desterrado, de Soares dos Reis. Mas há duas circunstâncias que peço licença para lembrar: Herculano poetou realmente no exílio; Soares dos Reis esculpiu na Italia o Desterrado, e foram ambos pelas circunstâncias da vida, solitários. // Porém vocês, meus amigos, criaturas alegres e sociáveis; pacatamente instalados na pátria amada, donde ninguém vos tira e onde vos amam todos; felicissimamente casados com as eleitas das vossas almas, ou em vias de matrimonio sem estorvos de maior; vocês proprietários uns, professores ou filhos-famílias outros, vivendo todos uma vida sem grandes lutas nem paixões, - de que raio teem saudades vocês todos, santo Deus? (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 99)

Logo em seguida, Antonio Sergio reitera que o espírito saudosista é anacrônico e explica que os tempos, nos quais vivem, são conectados pelo "mobilismo, o avanço, a tendência para diante, o desejo de acção e a vida ascensional". Exprime a imobilidade do conceito, o que contraria o *zeitgeist*[111], para então criticar os saudosistas em um tom provocativo:

> Quem é que vive principalmente na saudade? Os velhos, e os desgraçados a quem a morte levou uma pessoa muito querida. Ora, em ambos esses casos se nota, acompanhando sempre a saudade, - o horror do novo, o ódio ao movimento, um protesto contra a lei da mobilidade e do devir. Para o velho só merecem estimação as coisas do seu tempo, - a juventude do seu tempo, os costumes do seu tempo, as cantoras do seu tempo. Toda a variação foi uma queda, e todo o mobilismo o indispõe. A mãe que vive na saudade do filho morto quantas vezes lhe ouvimos nós, mostrando-nos um quarto ou gabinete:- "*Está tudo exactamente como ele deixou. Não consenti que se movesse uma pena!*" // Se a Camões lhe perguntásseis o que a saudade lhe pedia, ele decerto vos dissera que fixar, indefinidamente, o seu encontro com Natercia. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 99)

É relativamente fácil o leitor perceber que o crítico entende saudade como distanciamento temporal da coisa amada (os velhos) e ausência física (luto, no caso dos "desgraçados"). Circunscreve, como é de praxe em sua argumentação, um sentido, para depois validar ou desvalidar um outro.

Ele valida o entendimento de que houve realmente a questão da saudade na Literatura Portuguesa, mas congela essa característica em um passado que os

[111] "É um termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O *Zeitgeist* significa, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo. O conceito de espírito de época remonta a Johann Gottfried Herder e outros românticos alemães, mas ficou melhor conhecido pela obra de Hegel, *Filosofia da História*. Em 1769, Herder escreveu uma crítica ao trabalho *Genius seculi* do filólogo Christian Adolph Klotz, introduzindo a palavra *Zeitgeist* como uma tradução de *genius*". (Fonte: Hermann Joseph Hiery: *Zur Einleitung: Der Historiker und der Zeitgeist*)

saudosistas “teimam em ressuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecados pela ideia absurda de que certa maneira de época é uma maneira absoluta, a que nós teremos de sujeitar *per omnia secula seculorum*”. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 98)

Desse prisma, conseguimos notar como Sérgio descarta a transformação natural dos processos artísticos, até mesmo da forma dialógica que notadamente acontece em Literatura, pois ele seleciona de forma metódica os pontos de sua argumentação, como comentamos na introdução desse texto. É evidente que uma inteligência do porte de Antonio Sérgio conhece bem os meandros da criação literária, sendo ele próprio um grande poeta e crítico, no entanto, ele tem que ignorar essa relação, pois ela agiria contra a argumentação dele. Peguemos, como exemplo do que falamos, a releitura feita em *Ulisses* por James Joice. Nos tempos de hoje, conhecemos a chamada meta-ficção, o que dizermos de *Maldito seja Dostoièvski* (2011)[112] sem existir as ideologias de *Crime e Castigo* (1866)? As vozes sociais das obras de outrora influenciam as obras do presente e, consequentemente, as mentes, as sociedades, as formas de pensar. Quando fazemos uma leitura do passado no presente, ela é atualizada. Com a revolução dos meios de comunicação em massa, tornou-se explícita tal ressignificação: as atualizações d*Os Maias* (1888), de Eça de Queirós, no cinema e em minisséries, versões d*Os Lusíadas* (1572) em História em Quadrinhos, teatro e até mesmo versões futurísticas. Obras de Monteiro Lobato, como o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* (1920-1947), cujas revisitações acabam por incorporar questões humanas (a crítica ao racismo, questões de identidade e gênero) ou mesmo objetos e cenários dos tempos atuais (uma sala de computação, um smartphone etc). Sabemos que Sérgio não tinha essa perspectiva naquela época, trazida pelos meios de comunicação em massa, no entanto, a questão da herança literária já era bem sabida e muitos versaram sobre ela, como é o caso de T.S. Elliot no famoso texto *Tradição e Talento Individual*[113]*.* O passado pulsa no presente, o que seria de Pessoa, se ele ignorasse Camões? Como construir um pensamento do nada absoluto?

Ele lembra uma vez mais de Garrett em outra passagem descontextualizada, porém muito útil para a argumentação, Sérgio usa esse argumento de autoridade: a saudade é “o gosto do Passado e a amargura da mudança”, o que vai perfeitamente de encontro à ideia dos velhos e desgraçados, fechando com chave de ouro a missiva.

[112] Meta-ficção escrita pelo franco-afegão Atiq Rahimi, tendo como cenário o Afeganistão dos anos 90 em dialogismo com a obra Crime e Castigo, do escritor russo Fiodor Dostoièvski.
[113] ELIOT, T. S. Tradição e Talento Individual. *In; Ensaios*. São Paulo: Art Editora, 1989.

A segunda parte dela trata da refutação a um postulado de Teixeira de Pascoaes sobre o espírito lusitano:

> O nosso querido Poeta e chefe do Saudosismo, entre as afirmações da sua encíclica sobre o *espírito lusitano*, não se esqueceu de dar o dogma que serve de base a todos os outros. // "Nós somos, na verdade, o único povo que pode dizer que na sua língua existe uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva. A alma lusitana concentrou-se numa só palavra, e nela existe e vive, como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra saudade é intraduzível. O único povo que sente a Saudade é o povo português, incluindo talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela... (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 100)

Seguindo o mesmo estilo racionalista da carta anterior, somando-se a isso uma ironia afiada, que por meio dos superlativos desdenha e provoca o riso, digna das mais caras genialidades, Antonio Sergio afirma que "o dogma do privilégio exclusivo da palavra é muito velho: o do privilégio exclusivo do sentimento, claro está, é novíssimo. Novíssimo e naturalíssimo". (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 100)

Em seguida, ele resgata Garrett em outra intervenção metodicamente colocada no argumento, a fim de desmoralizar a teoria de Pascoaes. Dessa vez, uma interessante noção de saudade e a separação que o poeta faz entre o significante e o significado, como se isso fosse possível, uma vez que o signo é arbitrário e não se trata de uma onomatopeia, para que possamos vincular o significante ao significado. Acreditamos que o poeta separou os dois para expressar que a Língua Portuguesa é a única que conseguiu uma imagem acústica exata para expressar uma ideia que há também em outros povos. Atentemo-nos, porém, para dois fatos: o primeiro, Garrett, como já falamos, tem uma noção parcial da exposta por Pascoaes e, o segundo, o próprio Antonio Sérgio, no fim da carta, contrariará as palavras de Garrett, pois defenderá que existem palavras que expressam com exatidão semântica a saudade em outra língua, no caso, no islandês. Eis o trecho:

> Antes agora de se converter em dogma, a crença na palavra exclusiva já vinha de D. Duarte até Garrett. // "A palavra saudade – escreveu este, por mil oitocentos e vinte e tantos – é por ventura o mais doce expressivo e delicado termo na nossa língua. A idea, o sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não sei outra nenhuma linguagem senão da portuguesa"... // Em mil oitocentos e vinte e tantos, Garrett claro está que não julgava o sentimento da saudade exclusivamente português. Para Garrett o estrangeiro existia, e era gente. Mas julgava ainda só portuguesa a palavra. De 1825 a 1913 o universo caminhou – por muito contrário que isso seja aos sentimentos do saudosismo. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 100)

Em seguida, Sérgio elenca uma série de vocábulos, em que a saudade, como o significado primário de Garrett, o mesmo que ele explorou na carta anterior, possui tradução, refutando o que Pascoaes afirmara, que era intraduzível.

> Com efeito, muito ao contrário do que Pascoais afirma, a palavra saudade é traduzível. Várias nações a representam por um termo especial: o galego tem *soledades, soedades, saudades*; o catalão, *anyoransa, anyoramento*; o italiano, *desio, disio*; o romeno, *doru*, ou *dor*; o sueco, *saknad*; o dinamarquês, *Sava*; e o islandês, *saknaor*... Eles, porém, menos iluminados que nós outros, apesar de terem Ibsens, Ardigos, Höfidings, não se lembraram de construir a filosofia definitiva e suprema do *anyoransismo*, do *deslismo*, do *doruismo*, do *saknadismo*, do *savnismo*, do *saknaorismo*... *Saknaorismo* é catita! Meus queridos amigos, meus confrades, meus irmãos da Renascença: é o que vocês são em islandês: *saknaoristas*! (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 101)

Antonio Sérgio é realmente um exímio pesquisador, ele busca várias fontes para justificar a sua posição, incluindo um trecho do trabalho de George Marsh nas *Lectures on the English Language* (1868, p. 55), em que afirma que *saknaor, sakad, e Savn*, palavras islandesas, possuem a mesma significação de saudade em Língua Portuguesa.

Por fim, demonstra o motivo pelo qual tentou aproximar as cosmovisões de outros povos com a portuguesa, por meio da conclusão:

> Concluo pois de tudo isto que não há motivo para desesperar de que os bárbaros estrangeiros atinjam a nossa civilização. Pelo menos, os italianos, os suecos, os noruegueses e os dinamarqueses. Eles teem a asuade, teem a palavra correlativa; eles produziram ultimamente Ardigos, Mossos, Ferreros, Ferris, Garotalos, Teslas, Lucianis, Marconis, Lombrosos, Croces, Ibsens, Bjoernsons, Brandes, Nobels, Strindbergs, Hoelidings, e outros espíritos que, sem grande exagero, podemos considerar civililzados. Não desanimar, caramba! Não desanimar! Com mais algum esforço chegarão ao *saudosismo*. É o que de coração lhes deseja o vosso Antonio Sérgio. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 103)

Na revista número 22, 2ª Série, de 1913, acontece a resposta de Pascoaes. Assim começa a carta:

> Vejamos a primeira carta do ilustre escritor, onde palavras de belicoso gênio galhofeiro se enfileiraram contra a Saudade... Invulnerável como as criaturas sobre-humanas, em cujas veias corre divino sangue. // Antonio Sergio não admite a definição de Duarte Nunes para tecer os seus louvores às de Garrett. Ora, a verdade é que a d'este não contradiz a d'aquele: somente a de Garrett é menos completa que a de Duarte Nunes, e, por isso, preferimos a primeira. Duarte diz que a Saudade é a lembrança de alguma cousa com desejo d'ela; Garrett diz que a saudade é um delicioso pungir, um gôsto amargo... Gôsto

> amargo implica a fusão do prazer e da dôr. A grande síntese para que tende o espírito humano, como veremos adeante, está estabelecida, ainda que d'um modo vago... (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 104)

Como já demonstramos nesse capítulo, por motivo de seleção semântica, Antonio Sérgio contrapôs uma ideia à outra, ao invés de buscar as semelhanças entre elas, usando um argumento de autoridade para desvalidar o pensamento de Duarte Nunes e, como vemos pela passagem acima, "onde palavras do belicoso gênio galhofeiro", comprovamos que a avaliação de Eduardo Lourenço, sobre o espírito aguerrido às discussões de Antonio Sérgio, também é percebido por alguém do seu convívio de Renascença em tempo real, o que aponta para a retidão da nossa leitura.

Logo no começo da carta, o diretor d*A Águia* discute a questão do *quid*, suscitada pelo estudioso, afirmando que ela está contida na definição do Saudosismo, assim como a ideia de Garrett está contida na de Duarte Nunes.

> Antonio Sergio confessa todavia que o que caracterisa a Saudade é um certo *quid* de sentimento. Perfeitamente. É n'esse guia que existe a sua essência original, representativa d'uma Raça autônoma. Pois saiba o ilustre escritor que esse *quid* se contem na definição de Duarte Nunes e na minha. Consideramos a Saudade um sentimento-síntese, um sentimento-símbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois princípios do Universo e da Vida que, desde a Origem, se degladiam: Espírito e Matéria, Desejo e Lembrança, Dôr e Alegria, Treva e Luz, Vida e Morte. // Antonio Sergio não quiz compreender assim, e afirma erradamente que nós não definimos a Saudade, mas um rude facto geral de toda a animalidade. E como prova, apresenta uma chalaça canina que pode fazer arreganhar os dentes... só para rir, é claro. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 104)

Usando uma ironia que, oculta em uma possível irritação, o autor de *A Beira num Relâmpago* (1916) escreve que "conhece alguns cães bem mais capazes de sentirem a saudade que certos seres da espécie humana" (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 104). Apesar da indefinição do interlocutor, obviamente percebemos que é uma "alfinetada" em Antonio Sérgio, sugerindo uma insensibilidade literária do crítico. Percebemos que o poeta atentou para esse fato, que também é objeto da análise de Eduardo Lourenço, o qual nos permite circunscrever novamente a índole do grande pedagogo. Pascoaes acaba por ser até um pouco indelicado nessa passagem, talvez como "pagamento" pelas "agressões" de seu interlocutor na "Carta aos Saudosistas".

Após esse curioso episódio, Pascoaes explica como ele e, consequentemente, os adeptos do Saudosismo, por ele liderados, entendem a Saudade:

> A Saudade, como todos os sentimentos, é susceptível de gruas inferiores e superiores. Há a saudade rudimentar acessível talvez às próprias árvores; e entre esta e a *saudade lusíada*, há outros graus decerto não só comuns a todos os Povos, mas também a todos os seres vivos... A saudade d'um belo almoço em dias de fome, d'uma esposa, d'um filho, etc, evidentemente que é um sentimento comum de todos. Pretender o contrário seria infinitamente ridículo.
> A Saudade de que eu falo, a Saudade profundamente nossa, a Saudade que nos interessa, é aquela que o Povo cantou n'esta quadra:
>
> De qualquer forma que existas
> E's a mesma Divindade;
> Ventura quando te vejo,
> Se te não vejo, Saudade.
>
> E a de Camões:
>
> ... a Saudade
> D'aquela santa cidade
> D'onde est'alma descendeu.
>
> Não há grande Poeta português que não viva dramaticamente esta Saudade. É ela a dolorosa essência metafísica da nossa autêntica literatura, incluindo a Poesia popular. (...) Eis a Saudade que é só nossa, que é intraduzível, que é da nossa raça, porque é colectiva (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 105)

Como é possível observamos pela passagem acima, ele crava o sentimento no âmago do povo português, que o expressa por meio da literatura. A fonte da Saudade é popular. Ao lado do Cancioneiro, há Camões. Nessa construção, cuja base é coletiva e camoniana – está para Pascoaes o gênio português e a semente da nacionalidade. Camões é tido, nesse contexto, como expressão de uma coletividade, tal como o seu herói em *Os Lusíadas* (1572), sendo citado juntamente com o *Cancioneiro*. Se pegarmos as delicadas poesias escritas na medida velha, veremos uma faceta de Camões, cuja expressão popular é pungente. Há, nesse poeta, tanto o lado caro às manifestações do amor da donzela à beira do riacho, como das grandes musas platonizadas e inatingíveis. Para o Saudosismo, o gênio vem do coletivo; Antonio Sérgio credita isso ao talento individual que, por motivos específicos, como a distância da Pátria, cria a saudade, sendo, portanto, uma circunstância expressa por um *eu*.

Em seguida, Pascoaes ratifica a exclusividade da Saudade na perspectiva dele, como a força motriz do espírito (metafísica) e portuguesa. Posto isso, ele prepara a refutação para o segundo argumento de Sérgio: que a teoria vive do passado, estagnando no presente, sem mobilidade, retrógrada.

> Também erra, meu caro amigo, quando afirma que a Saudade é retrógrada e paralítica, o que, aliás, se depreende do já exposto. Não resulta ela da combinação activa e amorosa dos dois princípios da Vida? Na saudade, o

> desejo e a lembrança perpetuamente se casam e se fecundam, porque ela é o símbolo da Naturesa, desenhado pelo nosso espírito lusíada... D'Aqui tirou Leonardo Coimbra a sua filosofia criacionista, a filosofia da maior mobilidade, anti-cousista por excelência, que só vê no Universo o seu constante devenir, a sua eterna creação espiritual. // Sim: a Saudade é a grande creadôra do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada, não consegue um Futuro de geração expontanea, ou caído miraculosamente das estrelas. // Ela constroe o Futuro com a matéria do Passado. O meu querido camarada parece querer eliminar o Passado. O passado é indestrutível, d'ele murmura a fonte onde bebemos as novas energias. Ai de nós se não tivermos Passado! Ai, da arvore, sem profunda terra onde mergulhar as raízes! Não pode fructificar. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 106)

Pascoaes começa, então, a refutar a segunda carta.

> (...) Mas eu jamais afirmei que a concepção estética, filosófica ou religiosa compreendidas na Saudade sejam absolutas, verdadeiras, definitivas. Seria contradizer a própria essência do nosso divino Sentimento. Saudade é creação, perpetuo casamento fecundo da Lembrança com o Desejo, do Mal com o Bem, da Vida com a Morte... De resto, deixe-me dizer-lhe: verdadeiro é tudo aquilo que o espírito concebe. Uma ideia, enquanto vive, é verdadeira. Ora nós, em Portugal, precisamos d'uma *Verdade* que seja a nossa razão de ser. Concorda? (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 106-107)

Assim, a questão do entendimento da saudade, segundo Garrett, é interpretativa. É evidente que, circunscrita em contexto, como o fez Antonio Sérgio, ela produzirá um sentido, colocada em outro contexto, intertextualmente, relativizando-a com a tradição, que é o caso de Pascoaes, um segundo resultado, diferente. Não se trata aqui, na nossa forma de entender essa questão, de "verdades" e sim de "leituras", enviesadas por posicionamentos ideológicos: apenas formas diferentes como ambos enxergam o mesmo pensamento, segundo as ideologias, contextos e intenções que lhe são afins. Isso salta aos olhos, quando lemos a explicação de Pascoaes, cuja interpretação difere radicalmente da de seu interlocutor:

> Apresenta, como prova, o que diz Garrett e que eu transcrevo aqui para comodidade do leitor: "é, porventura, o mais dôce, expressivo e delicado termo da nossa língua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os paizes o sentem, mas que haja vocábulo especial para o designar, não sei de outra linguagem senão da portuguesa." Quem ler sem preocupações anti-saudosistas, estas palavras do genial auctor do "Frei Luiz de Souza" nota que ele admite (pudera não!) que um francês, inglês ou sueco ou cafre ou chinês exilado, sinta nostalgias da pátria ou chore a perda d'uma cousa ou pessoa querida; mas *julga* a palavra *intraduzível*.... Acredita, portanto, que este sentimento, creando, entre nós, uma palavra própria, adquiriu uma alma portuguêsa, uma feição original, o tal *quid* de que Antonio Sergio falou na sua primeira carta. Garrett caiu n'uma certa contradição... // Todas as línguas têm as suas palavras intraduzíveis. São elas que mostram o que há de original e característico na alma d'um Povo. Que quer dizer uma palavra intraduzível? Quer dizer que o seu sentido é a propriedade exclusiva

> dos que falam a língua de que faz parte tal palavra. Para Garrett, existe, portanto, na Saudade qualquer cousa que só pertence aos portugueses. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 107)

Sobre o sinônimo para saudade em islandês, sueco e dinamarquês, Pascoaes, a exemplo do que Antonio Sérgio fez, também usa uma fonte referencial como argumento de autoridade, no caso, Ribera y Rovira:

> Afirmei isto na minha segunda conferencia – "o genio português" depois de ter lido o "Portugal litterati" e o "Atlantiques" do eminente escritor catalão Ribera Y Rovira; ele mesmo afirma que *Anyorança* é a única tradução que existe de Saudade, e que este sentimento só é próprio de catalães e portugueses. Exclue, portanto, os outros povos. Não falo na Galisa, porque a Galisa é ainda Portugal. // De resto, na 2ª quadra que cita de Rosalia de Castro, vê-se que a ilustre poetisa adoptou o nosso vocábulo, e não se pode confundir soledade com saudade. Nós também temos as duas palavras. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 106-107)

Realmente, é um fato, "*soledade*" existe no nosso idioma, está no Aurélio: "s.f. Solidão, tristeza de quem se acha só; melancolia, saudade que acompanha o indivíduo que se sente só. Lugar ermo, solitário". (Disponível em: https://www.dicio.com.br/soledade/ Consulta em: 04 dez 2016). Genericamente, a acepção vincula o sentimento à ausência, sendo *soledade* um sinônimo geral para solidão e não saudade. Ou, pelo menos, podermos interpretar assim, segundo o Aurélio[114]. Após essa refutação, o diretor d*A Águia* parte para um juízo sobre as intenções de seu interlocutor: um amante da "chalaça" com "suas palavras modernistas" que "pairam sobre as coisas, sem pousar". "O meu caro Antonio Sérgio ama a chalaça; a Europa deu-lhe septismo de mistura com eletricidade e carvão de pedra". (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 108)

Por fim, ele aponta para o caráter discordante entre ambos: Sérgio acredita que a crise é, principalmente, econômico-educacional; Pascoaes vê uma crise moral, no sentido de *mores* (costumes)[115], que principia todas as outras.

> O comercio, a indústria, a sciencia, a navegação, etc, devem estar ao serviço da Alma, como as pernas e os braços do homem estão ao serviço do seu pensamento e da sua vontade. // A nossa crise é, sobretudo, de naturesa moral. Resolvida ela, o resto nos será dado em excesso. É preciso que o português se torne um sêr animado, que ressurja d'esta mortal apatia, por meio d'uma saudável educação de acordo com o genio da sua Raça. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 109)

[114] O Aulete traz o mesmo sentido par o vocábulo (http://www.aulete.com.br/soledade)
[115] Segundo Sumner.

Depois, aponta para o espírito daquela época que, também em outros países, busca a recriação ou reavivamento de uma alma nacional:

> Veja, meu caro, na Belgica, as grandes questões literárias sobre se há ou não uma *alma belga!* // Veja, na França, a orientação dos novos. Veja o culto que eles prestam à velha e heroica alma francesa! // Leu o discurso de Poincaré na casa do comercio, de Londres? Ele afirmou ahi que um Povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procurá-las ao seu Passado. // E o meu caro amigo deseja eliminar Camões! Que loucura! Uma Pátria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos séculos. Do contrario, será uma sombra apagada, um *ninguém*, n'este mundo. Para *agir*, é preciso *ser* antes de tudo. (A ÁGUIA, 1913, n.22, p. 109)

Em *Regeneração e Tradição Moral e Economia*, publicado na revista em 25 de janeiro de 1914, temos a resposta de Antonio Sergio. Um fato importante acontece: agora os destinatários não são mais os Saudosistas e sim "Teixeira de Pascoaes. Meu querido e ilustre amigo". É exatamente sobre essa mudança de interlocutor, que Sergio comenta na introdução:

> E, à sua frente, gladio em punho, pusemos o Pascoais. – Isto me escrevia há dois meses e meio, anunciando-me o seu artigo que recebi hontem, o nosso Augusto Casimiro. Fiquei sabendo dessa forma que me enviava o saudosismo o seu Aquiles; contra mim, que não sou Heitor de gente alguma, - o saudosismo arrojava não somente o seu Aquiles, mas o seu cabeça e o seu chefe: o próprio Agamemnon, o rei dos reis; e não só o rei dos reis, mas o Mago, o Sacerdote, a Pìtonisa! (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 01)

Ao que tudo indica, pelo fato de essa missiva também ser dividida, no caso, em 5 partes numeradas em algarismos romanos, essa primeira é destinada a ironizar o estilo e o credo de Pascoaes, destacando a diferença dos pensamentos por meio desse artifício. Observe como genialmente o pedagogo simula a escrita com a forma de pensamento do editor d*A Águia*:

> O seu pensar é encantador e feiticeiro. As suas palavras teem a doçura e a substância do vôo espiritual dum silfo: e se fosse possível conceber a claridade dum raio de lua, numa noite de nevoeiro místico, ao beijar o mais fundo do oceano, - eu diria que a sua alma é alguma coisa ainda de mais delicada e de mais tênue, de mais ultramundano e de mais puro. Com que sentido vislumbrar a subtilidade de seu Verbo? Ele é, para o meu espírito, o perfume de uma rosa à distância de mil sonhos... (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 01)

Então estabelece os seus lugares de fala: ele, um peixe (voluntarista-intelectualista); Pascoaes, um rouxinol (divino salgueiro que se debruça nas águas lentas do puro sonho), instaurando-se a dicotomia por meio da metáfora.

> Mas a diferença (o seu artigo mo demonstra) é maior ainda e mais profunda. Não somos dois homens muito diferentes: somos substâncias incomunicáveis; somos, pelo menos, duas espécies diversíssimas; somos como um Rouxinol e como um Peixe. – V. é o rouxinol e eu o peixe. // Peguei na pena para desfiar os seus comentários, e desisti. Os peixes compreenderão imediatamente porque assim foi: os rouxinóis dirão mais uma vez que o saudosismo é "invulnerável como as criaturas sobre-humanas, em cujas veias corre divino sangue". Seria atacar o próprio hálito duma deusa... (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 02)

A parte II dessa carta é uma espécie de "receita de erros", curiosamente "atacando o hálito da deusa", pois elenca, de forma sistemática, 29 ocorrências de discordância em um único parágrafo de 66 linhas! De forma irônica, aponta o que ele acredita ser algumas incoerências de Pascoaes, incluindo argumentos de textos que não faziam parte da missiva anterior, como *O Espírito Português* e *O Gênio Português*, demonstrando, dessa forma, que ele conhecia bem (e, consequentemente, estaria autorizado a criticar) o pensamento de seu "amigo opositor".

Ademais, ele elege essas passagens para exemplificar a diferença entre os rouxinóis e os peixes. Os primeiros, racionalistas, os segundos, metafísicos.

> E no meio de frases que me deliram, eu encontro-me a pensar num mundo fantástico e seráfico onde as montanhas são de mel, e os rios são de leite, e os pássaros dão flor, e das ginjeiras brotam homens, como das nossas brotam ginjas... // Por que é isso, santo Deus, donde veio? Será sempre essa a nossa terra a dos Espectros e Sonâmbulos? Ah, Pascoais, Pascoais, meu querido amigo: V. é um puro, excelso e nobilíssimo poeta, mas uma vítima também desse ambiente social, como nós todos: desse horrível Isolamento que V. louva e eu maldigo; do assassino trabalho secular da Purificação. V. adora e bemdiz a Purificação e o Isolamento, como os Moabitas adoravam o Moloch devorador: - esse devorador de crianças que é a figura da nossa escola, como as chamas do seu ventre são imagem da Inquisição! (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 04-5)

Escreve Sergio que deixará de lado o Saudosismo ("invulnerável como as criaturas sobre-humanas") para tratar de "duas matérias importantes: o valor tonificante do culto do passado, e as relações do ruído da Matéria", da "eletricidade e do carvão de pedra" com os grandes "surtos da Alma".

Nesse ponto, o missivista traz uma informação interessante que, talvez, estivesse oculta até mesmo do leitor da época, que não tivesse posse da ideologia

com a qual Pascoaes se identificava, evidentemente. Ao introduzir *Amarante* e a questão da Revolução Inglesa, antes de sua análise do culto ao passado, Antonio Sergio revela que, em essência, não se trata de um embate entre ele e Pascoaes, e sim entre as ideologias que os compõem, entre o Conservadorismo e o Capitalismo Comercial, entre o "grupo de Castilho e o grupo de Antero de Quental". Observe:

> A Europa, o mundo civilizado da eletricidade, não é tão suja, bronca, aceptica, encarvoada, como lhe parece Amarante; e não é comnosco (ai de nós!) que a Inglaterra manufactureira aprenderá o idealismo... // Mas revertamos ao passado: // O culto do passado, meu poeta, é um efeito e não a causa das energias atuais. Se o Poincaré em Londres sustentou "que um povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procura-las ao passado", - disse o Poincaré uma vacuidade diplomática, uma simples retórica de brilho político. Ou por outra: criou um mito que lhe é útil para os seus fins presidenciais. Não se grangeiam energias no passado: é esse um erro de cronologia e uma reversão a ordem lógica: as energias veem primeiro do presente: e quando sentimos energias novas criamos um Deus ou herói propício à nossa imagem e semelhança; criamos um mito projectado no passado ou na eternidade, onde as energias atuais se transpõem heroicizadas... (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 05-6)

E, nesse ponto, ao afirmar que "não são as energias do passado que suscitam as do presente, mas as energias do presente que ressuscitam as do passado", ele crava na discussão o ponto principal de atrito. Nessa ideia da força do presente na metonímia da locomotiva, que puxa "a carcaça do passado" em vagão-reboque, Antonio Sergio, recorrendo "ao mesmo método, mas cintando autores" nacionais, traz as vozes de Alexandre Herculano e Antero de Quental ao seu discurso:

> Herculano:
> Que são essas palavras retumbantes de regeneração pelas tradições, senão sons ocos, que não correspondem a nenhuma idea? Suponhamos, porém, que todas essas recordações chegavam ao povo. Podem elas servir-lhe de exemplo, e de lição para as suas necessidades atuais? Num país onde a riqueza passageira destruiu os hábitos do trabalho e da economia, entorpeceu pela miséria, resultado infalível da prosperidade fictícia, a energia do coração, que faz lutar o homem com a adversidade e vencê-la, de que serve estar de contínuo a pregar ao povo: - Teus avós levaram o terror do seu nome aos confins do mundo, saquearam e queimaram empórios opulentos em plagas remotas, meteram a pique poderosas armadas, derribaram os templos alheios, violaram as mulheres extranhas, passaram à espada os que eram menos valorosos que eles, abriram caminho aos engrandecimento dos outros povos da Europa, e afeitos a gosos fáceis, depuseram aos pés do absolutismo as suas velhas franquias, beijaram os grilhões que lhes deitavam os pulsos porque eram dourados, e ternaram-se lubríbio do mundo? (Opusculos, tomo II, 111-112.)
> Antero de Quental:
> Que é pois necessário para readquirirmos o nosso logar na civilização? Quebrar resolutamente com o passado... A nossa fatalidade é a nossa

> história (Causas da decadência dos povos peninsulares). (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 06)

Trazendo essas vozes, Antonio Sergio mostra o que nós já inferimos: não se trata tão somente de uma discussão entre ele e o defensor-mor do Saudosismo, é algo entre duas ideologias, cujas vozes vão além das deles próprios. Ele ainda cita mais dois autores estrangeiros, cujas orientações ideológicas sustentam a noção de um futuro que avança sem referencial antigo: Guizot e Gabriel Tande, esse último, que postula sobre o gênio coletivo, citado por Pascoaes, ser uma função impessoal e não um fator dos gênios individuais. “A estes gênios colectivos, entidades ou ídolos metafísicos, atribuía-se outrora uma originalidade imaginária, aliás muito mal definida”. (TANDE, Les Los Sociales, p. 43)

Antonio Sergio domina as técnicas da argumentação como poucos. Esse texto é excelente para percebermos como ele é um exímio argumentador. Já escreveu no estilo do outro, usou e abusou do argumento de autoridade, demonstrou inteligência e racionalidade ao usar as citações e referências, também foi irônico e se fez de humilde (afinal, ele é só “um peixe”), usando um dos princípios da retórica de Quintiliano, comover para convencer, e a humildade é uma ótima emoção para tal empreita, diga-se de passagem, e agora ele utiliza a velha retórica do lugar original, o qual é impossível sabermos. A ideia original será sempre uma incógnita. Ele sabe que Pascoaes não encontrará a resposta, pois não há registro burocrático disso e nem poderia haver. Veja:

> (...) Como se formaram Patrias novas sem as energias necessárias de um passado inexistente? Serão as Patrias como as pescadas, que antes de o serem já o eram? Vá que nos seja necessário firmar no Portugal de D. Manuel; mas ao Portugal de Aljubarrota falecia esse bordão. Poderia comtudo abordoar-se no Portugal de D. Diniz. Muito bem: e o Portugal de Afonso Henriques? Foi do passado de Portugal que o Portugal de Afonso Henriques arrancou as energias? (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 07)

Observe que interessante, como em uma fórmula matemática, cujas somas dos primeiros termos são resultados previsíveis e matemáticos do segundo, Antonio Sergio, por pura lógica, antecipa a vinda do Supra-Camões, chamado de Supra-Dito, em consequência da ideologia em que Pascoaes insere o Saudosismo:

> Não sei se estes assertos, e alguns outros semelhantes, o justificam de me atribuir certos intuitos pavorosos, como o de “pretender eliminar Camões”. Caramba! Pois eu pretendo realmente eliminar Camões? Dir-se-ia que fui eu

> quem lhe previu o caimento – para breve (muito breve!) – quando aparecesse o Super-Dito, matematicamente anunciado. Qual de nós todos será ele, bom amigo, qual será? Eu cá não sou: palavra de honra que não sou! (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 07)

Na parte V da carta, ele ressalta a diferença entre os dois, ao relembrar o que Pascoaes escreveu: "o progresso espiritual" como precursor, confrontando com o dele, em que a moral do povo está ligada ao progresso econômico.

O pedadogo atrela a moral ao poder aquisitivo, o que, a nosso ver, é uma conexão tênue. Basta verificarmos os meandros da política: cidadãos que enriqueceram e não necessariamente se tornaram uma pessoa "moralmente boa" e outros que já eram ricos e, da mesma forma, não são símbolos de moralidade. O anjo caído de Camilo que o diga![116] Evidentemente que, de acordo com o ambiente social em que a pessoa cresce, é possível que se trabalhe melhor esse ou aquele aspecto, sendo nós seres sociais, estamos sujeitos ao nosso exterior, ao que nos cerca, inclusive biologicamente. Mas não é uma condição *sine qua non*, eis o ponto para que uma mentalidade se molde. Aqui o que importa é problematizar o Saudosismo por meio do contraponto, portanto, nessa função, circunscrita no discurso de Antonio Sérgio, esse argumento funciona muito bem. Fora dele, temos que fazer as ressalvas.

> (...) O nosso péssimo estado moral é consequência, como já disse algures, da economia parasitaria. Já pensou, Pascoais no que seria o seu espírito se tivesse nascido na miséria, e sido obrigado de criancinha a trabalhar espasmodicamente? // A estatística é uma invenção de Satanás; e tão satânica, que revelou uma relação de dependência entre a moralidade feminina e o preço do trigo. Nos anos em que sobe a economia, diminue a prostituição; nos anos de mau "mercantilismo", querido poeta idealista, não cante versos às raparigas se não quer ter desilusões... // Para que a moral vá sucessivamente ganhando as mais baixas camadas das sociedades, cumpre que as condições econômicas vão permitindo esse resultado. Cada melhoria do material da grande massa da população é uma base para o desenvolvimento da sua vida espiritual e porisso as virtudes democráticas florescem sobre um desafogo suficientemente generalizado, sobre a distribuição equilibrada da riqueza. Os alicerces da democracia política são abertos na economia: a humanidade ergue seus templos, como os gregos, no alto da sua solidez dos promontórios de granito. (1) As reformas livre-cambistas reclamadas no *Rebate* seriam um prólogo de primeira ordem para a acção moralizante. (A ÁGUIA, 1914, n.25, p. 08)

Para finalizar, Sérgio afirma que o ceticismo dele não provém da Europa e sim de "determinadas coisas" que vêm "de Portugal e dos portugueses". As principais,

[116] Calisto Elói, protagonista do romance *A Queda de um Anjo*, de Camilo Castelo Branco.

pelo que estudamos, são justamente esse aspecto econômico retrógrado da nação e a questão da baixa qualidade da educação, cuja área de atuação lhe é peculiar.

Ele ainda menciona “uma carta particular”, enviada a Pascoaes, juntamente com essa carta aberta. Em 17 de novembro de 2016, nós entramos em contato com a Biblioteca Nacional de Portugal, a respeito dessa missiva particular de Antonio Sergio e a diretora da Área de Reproduções, Ana Sabido, informou-nos que não há registro público dela. Tudo o que chega em domínio público passa por esse setor e é digitalizado. Acreditamos que, infelizmente, o teor dessa carta se perdeu em espólios particulares e não seremos capazes de ter posse dela.

A tréplica de Pascoaes vem em um tom de lamúria no número 26 de fevereiro de 1914. Ele identifica o pensamento positivista de Antonio Sergio como algo cerceador:

> Você é um poeta! V. é um rouxinol! V. vive a sonhar, ignora a realidade, o sítio onde se deve pôr os pés, etc., etc.! // É com identicas palavras que os indivíduos que fazem profissão de prosa, n’esta vida, pretendem lapidar os outros de mais vastos e fundos desejos, inconformaveis com um mundo asfixiado entre as quatro paredes sem buracos do Positivismo. // É com tristeza, meu caro amigo, que o vejo tomar essa atitude, hirta e deserta, perante a Vida. // Eu sei que a Vida é restricta ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão. Há pessoas que lhe apreendem apenas a forma carnal; há outras que atingem a sua expressão espiritual e eterna. Com as primeiras não se pode discutir. São creaturas no sentido restricto da palavra, enclausuradas, mortas dentro das suas próprias ideias sem alcance. Meteram-lhe em cabeça que o Mundo é só feito de pedra... e ei-las, para todo o sempre, empedernidas! Que lástima! // Não imagina, meu querido amigo, quanto me custa vê-lo enfileirar-se ao lado de semelhante gente! (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 33)

O curioso é que, apesar da lamentação, Pascoaes diz conhecer “o espírito” de Sergio e, dessa forma, vê o amigo como “egualmente um rouxinol que se mascarou de peixe para meter medo no Saudosismo”. Ele entende que sua argumentação não foi validamente refutada, pelo fato do uso da galhofa, desviando-se do foco principal, o que em vários momentos provocou o riso e isso significaria um “sim”, ou seja, uma concordância indireta.

> A sua última carta, publicada n’esta revista, permite-me tal afirmação. Que fez o meu amigo, n’essa carta? Riu-se! À minha sinfonia de Beethoven responde com um sorriso. E que é um sorriso? // Um sorriso equivale a um sim... // Mas deixemos o sim. Que ele finja de não, em harmonia com o seu desejo. // O meu querido amigo abandonou o seu ataque à originalidade da Saudade, ponto principal da questão, assim como ao seu poético e filosófico significado que torna a alma portuguesa creadora d’uma concepção formosíssima do Universo e da Vida, a qual deve orientar superiormente a

> nossa actividade social. Eis o que ficou de pé; diria mesmo intangível, se eu pretendesse a intangibilidade para alguma cousa. // Como eu já disse, o meu amigo limitou-se a rir, o que é muito agradável, pois se a beleza é o esplendor da Verdade, o riso é o esplendor d'uma alma. (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 33)

Pascoaes aponta as suas críticas ao pensamento de Sérgio, bem como suas observações discordantes:

> E considera o Dante christianíssimo! O Dante é profundamente catholico. A Divina Comédia é o grande poema do catholicismo, essa degenerescência pagã do Christianismo. // Que é o Inferno, sendo a suprema plastisação da Dôr, a materia do Christianismo roubada a Jesus e entregue a um Deus Pan, nocturno e trágico? (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 34)

Refuta a interpretação de Sérgio sobre o sentido das palavras:

> Estranha também que eu considere intraduzível o sentido íntimo de palavras, como silencio, lúgubre, nevoeiro, medo, oculto... Ora leia este período de Miguel de Unamuno: "Saudades, soturno, luar, nevoeiro, magoa, noivado... cuya alma és intraducible". // Ahi está o que afirma no seu livro "Por tierras de Portugal y de Hespaña" aquele escritor, um dos maiores da Peninsula e um dos que melhor conhece a raça portuguesa. (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 35)

Assim como refuta a forma como o pedagogo recebeu a ideia dele sobre a República e a Igreja:

> Imagina ainda o meu bom amigo que eu desejo uma republica puramente rural. Eu já lhe disse que o Saudosimo não é inimigo do Futuro. Pelo contrario, ele pretende firmar-se no Passado e no Futuro – o que resulta da sua própria essência de lembrança e desejo. // E julga também que a Egreja lusitana de que eu falei nas minhas conferências, é a egreja da Inquisição!! Essa Egreja que eu admiro, morreu às mãos do primeiro rei de Portugal que a subordinou a Roma, tirando-lhe a sua independência reveladora do espírito original e livre da raça portuguesa. E o meu bom amigo a rodeá-la tragicamente de fogueiras! Tudo isso para que? Para vêr se queima o Saudosismo! Ela é invulnerável como já disse: invulnerável e incombustível, acrescentarei. (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 35)

Por fim, refuta a autoria do próprio Saudosismo:

> Afirma ainda que eu considero o Saudosismo como creação do meu espírito, capaz de dar à Humanidade um novo sol espiritual. O Saudosimo é uma creação da Raça. Basta ler a Poesia popular e Camões! Nunca, jamais, em tempo algum, o considerei como obra minha! (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 35)

Ao argumentar os referenciais autorais de Sergio, Pascoaes revela o motivo pelo qual ele não apreciava (ou valorizava) as influências dos países europeus, como

Itália e França, posição contrária a do seu interlocutor, que era favorável à abertura de relações com a Europa em todos os níveis, principalmente no que se referia à economia que, por sua verve positivista, acreditava no progresso pelo entendimento britânico. Percebemos que esse ponto é imutável na mente de Pascoaes, pois ele chega a chamar "essa gente" oriunda de uma estirpe assassina. Comprove:

> O meu amigo coloca-me ainda violentamente a encontrões demagógicos, no meio de jesuítas, entre Verney e Pina Manique. E vae, depois, muito lépido, enfileirar-se ao lado de pedreiros livres[117] e dos franceses. Conhece, por ventura, a origem d'essa gente? Olhe que ela descende d'aqueles bons lusitanos que, por dinheiro romano, assassinaram Viriato, o ultimo heroe digno dos tempos homéricos, segundo a opinião de Mommsen, esse estupendo historiador em cujos miolos palpitaram sete séculos de vida romana! // Sim, Viriato é o Isolamento, quer dizer, a Cultura do Povo, firmada nas suas qualidades rácicas. A outra, a sua, de que serve? (...) Sim: Viriato é o isolamento e os seus assassinos (perdoe a violência do termo) são esses homens mascarados de romanos, hespanhoes e agora de franceses que têm vindo atravez da nossa historia, em guerra aceza contra a Sombra do homérico montanhez da Beira, que há-de, apezar de tudo, tomar novamente corpo vivo e alma heroica. (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 36)

Pascoaes refere-se aqui àquele que é considerado um dos precursores da "raça portuguesa", consensualmente pelos historiadores e sociólogos. Viriato (181 a.C. a 139 a.C.) era o líder dos lusitanos, a tribo que habitava a região central de Portugal, contra os romanos, os quais derrotou de forma definitiva em 140 a.C., ao dominar o exército do Cônsul Quinto Fábio Máximo Serviliano. Esse, para não ter a vida ceifada, prometeu autonomia aos vencedores, mas Roma recebeu essa notícia como ofensiva ao seu poder e o Senado romano decretou outra guerra. A nova empreitada também não surtiu efeito, pois a superioridade militar de Viriato permanecia, o que forçaria o império a um tratado de paz. No entanto, Roma subornou três de seus generais, que o assassinaram.

Assim como acontece na narração de *Os Lusíadas* (1572), os aspectos históricos se misturam aos míticos, criando uma aura divinizante no rei-pastor. Esse arquétipo do pastor é essencialmente genitor em várias culturas, o próprio Pascoaes cita a questão dele na construção do pensamento saudosista. Ser pastor é liderar o rebanho, caminhar com seu cajado abrindo mares, é fundar cidades, como Rômulo fez, ser responsável por um povo inteiro; o Agamenón, "pastor de povos" lusitano, foi Viriato.

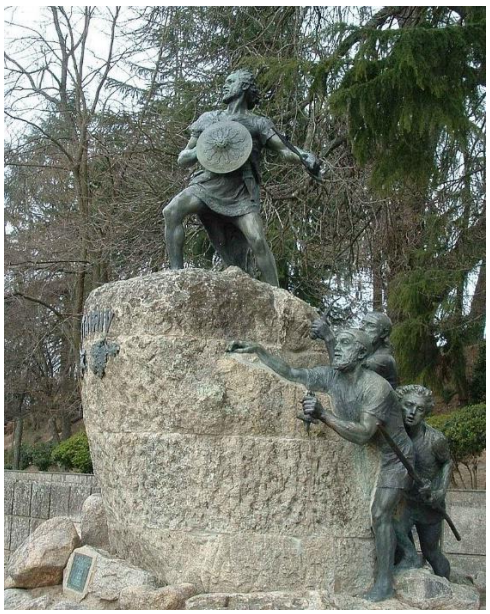
[117] Maçonaria primitiva.

Por ser uma expressão do *ethos* português, nós conseguimos encontrar essa ideologia presente no nosso poeta referencial. Na estância 6, Canto VIII do Poema Nacional, Camões poetiza:

> 6
> Assi o gentio diz. Responde o Gama:
> _ Este que vês, pastor já foi de gado;
> Viriato sabemos que se chama,
> Destro na lança mais que no cajado.
> Injuriada tem de Roma a fama.
> Vencedor invencibil, afamado.
> Não tem co ele, não, nem ter puderam
> O primor que com Pirro já tiveram.
>
> 7
> Com força, não; com manha vergonhosa
> A vida lhe tiraram que os espanta:
> Que o grande aperto, em gente inda que honrosa,
> Às vezes leis magnânimas quebranta.
> Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
> Degradado, com nosco se alevanta.
> Escolheu bem com quem se alevantasse
> Pera que eternamente se ilustrasse
> (CAMÕES, 1980, p. 473-74)

Pascoaes não fala ao léu, sem fonte, sem embasamento. A História, a Sociologia, a memória cultural e até mesmo a literária, por meio de Camões, trazem a voz de Viriato na fundação do povo português, os neo-lusos. Ele revitaliza a tradição no presente, a qual está registrada em pedra, como nos mostra a imagem a seguir:

Figura 38: Monumento a Viriato em Viseu, Portugal.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Viriato#/media/File:Nt-Viriato_Viseu.jpg

Não podemos precisar matematicamente a origem do povo português, no entanto, inequivocamente, Viriato oferece-nos uma data histórica e também simbólica satisfatória. É um marco consensual, com o qual Camões e Pascoaes trabalharam.

Após comentar suas impressões sobre a Inglaterra, o poeta saudosista ressalta o ponto delicado da carta de Sergio, em que ele derruba o sentido utilizado por Pascoaes sobre o gênio coletivo. O autor de *Jesús e Pan* (1903) reitera o seu entendimento e, concomitantemente, explica a questão do nascimento da nação, afinal, ele acabara de citar Viriato, sem, no entanto, fornecer dados exatos e científicos, o que, como Sérgio saberia, não seria possível comprovar.

> O meu caro amigo não crê no gênio dos povos: creio eu. Sim: eu creio que um homem de gênio que aprece num Povo, é um enviado d'esse Povo, uma sua síntese individual. Todo o Povo está n'elle; e, por intermédio d'ele, cria as suas novas aspirações e o processo de as realisar. **Há momentos em que um só homem é um povo: Camões.** // O genio collectivo, encarnando, torna-se fator dos gênios indivuais que, por sua vez, influem sobre o meio rácico, imprimindo-lhe novas feições dependentes das antigas, como um filho depende do pae. E, assim, um Povo vae definindo, fixando a sua personalidade, cada vez mais profunda e concentradora de potentes energias... // D'aqui resulta o grande valor do Passado, da Lembrança... // Uma patria de recente formação é uma figura apenas esboçada, hesitante... Veja o meu amigo os Estados Unidos, por exemplo, que apezar de serem uma nacionalidade riquíssima e valorosa, é ainda uma Patria informe. Com o andar dos séculos, puderá crear a sua imagem, emfim a sua alma, a sua fisionomia moral. // Portugal primitivo também era uma pátria apagada que, por fim, se definiu em claro e alto relevo... (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 37)

A última questão relevante, abordada por Pascoaes nessa carta, é sobre o preceder da força espiritual como gnose necessária ao trabalho. Ele diz que Antonio Sergio confunde a moral burguesa com o conceito "moralina" de Nietzsche.

> Sim: a alma é que molda o corpo e lhe dá actividade. E do trabalho é que resulta a riqueza. Mas antes de tudo, é preciso saber trabalhar. Primeiro o saber, isto é, o progresso espiritual que cria as competências. // Mas o meu bom amigo acaba por confundir progresso espiritual com a moral burguesa, com a moralina, como lhe chamou Nietzche. (...) Eu amo também a Economia, mas não assim, com essa feroz paixão exclusivista, que vê no sol uma peça de outro, na lua cinco tostões em prata e na terra um pataco de cobre com verdete! Sabe o que aconteceu ao Deus Midas? Cuidado! (A ÁGUIA, 1914, n.26, p. 38)

Antes da nova resposta a Pascoaes, há um texto de Antonio Sergio, chamado *Pela pedagogia do trabalho*[118], em que ele reitera a questão do atraso de Portugal.

[118] (A ÁGUIA, 1914, n.27, p. 95-6)

O pedagogo escreve que os portugueses se fecharam para a Europa, “fixados num tipo social obsoleto por longuíssimos anos” e, por isso, “não conseguiu ainda adaptar-se ao ambiente industrial da moderna civilização”.

Esse texto é relativamente curto, no entanto, ele é interessante, porque se trata de um dos assuntos que Sergio introduziu na discussão com Pascoaes. Aqui, de forma objetiva em uma espécie de escrita monológica, pois é ele, expressando as ideologias dele, sem espaço para o contraditório, o crítico demonstra o pensamento dele com mais acuidade, o qual é assim resumido:

> A antiga estrutura parasitaria da sociedade tem preocupado manter-se de mil formas diversíssimas, que todas elas se revelam na insistência purificadora, ou isoladora, na má vontade instintiva à cultura do estrangeiro. A educação, a literatura, a retorica patrioteira das glorias depredadoras concordam perfeitamente com este caracter social; e, o que mais é, os próprios homens de iniciativa e de trabalho não lograram eximir-se à ancestral xenofobia. De José Ferreira Pinto Basto, o industrial, escreveu José Estevão no seu elogio histórico: “As viagens pareceram-lhe sempre ingratidão ao país; a crença no poder estrangeiro um insulto ao nosso pundonor; a confiança da inferioridade das nossas coisas um insulto imperdoável”. Isto explica a verdade destas palavras, que um amável correspondente me dirigia há pouco tempo: “Tenho vivido meses na Alemanha, na França, na Belgica, na Holanda, alguns dias na Inglaterra, na Italia, e sempre que de lá volto sofro a sensação de entrar num outro planeta, onde a vida é ainda rudimentar e acanhada”. // A causa e a consequencia de tudo isto é a nossa ignorancia do trabalho, possibilitada por condições históricas especialíssimas:- e o que se deduz desta verdade historica é que *a nossa futura pedagogia deverá ser, essencialmente, uma pedagogia do trabalho e da organização social do trabalho*. (A ÁGUIA, 1914, n.27, p. 96)

Antonio Sergio publica, na sequência, *Despedida de Julieta*, em abril de 1914, começando o texto pela explicitação do objetivo dele com aquela discussão, a intencionalidade:

> A tudo, querido amigo, se pode responder, e são todas as discussões por sua natureza eternizáveis; da minha parte, porém, está dito o indispensável, que era mostrar a outra estrada aos jovens leitores da “Águia” e da “Vida Portuguesa”: a estrada não-saudosista, não-isoladôra, ou não-purificadôra. Que cada um deles decida agora: uma leva a Coimbra, à boa retórica, ao curso jurídico, ao comunarismo de Estado, à Secretaria e, talvez a S. Bento; a outra à independência, às profissões usuais, ao desejo de uma patria forte, digna, moderna e sábia, ao culto da acção criadora e das ideas sólidas, ao apreço da educação que fez da Inglaterra, Patria da lei, senhora da justiça; nação mais adiantada na evolução econômica, na justiça social, na expansão pacífica, e na dignidade inviolável do cidadão. Só desejo por isso apontar no seu artigo os capitais erros de facto que poderiam desorientar, a meu respeito, esses jovens lusitanos. (A ÁGUIA, 1914, n.28, p. 109)

Os tais erros capitais, citados acima, traduzem-se em três aspectos:

1º. “(...) a sua concepção (de Pascoaes) simplista, poeticamente ingênua, de que pretendo (Sergio) limitar a realidade” (p. 110);
2º. “O segundo dos erros de facto é essa pretendida mascara, com que diz desfigurado; e basta citar-lhe as palavras do nosso Jaime Cortesão na “Vida Portuguesa”, a respeito do meu exemplo”. (p. 111);
3º. “Está o terceiro dos erros na velha anedota do inglês, (...) para quem todos os franceses eram ladrões: anedota essa não aplicável à minha pessoa, mas à sua, porque da sua parte estão os juízos categóricos, universais e exclusivistas”. (p. 111)

Ele termina “a despedida” afirmando que apenas cuida “de prevenir algumas deturpações” daquilo que ele escreveu e que não pretendeu “convencer saudosistas natos” a pactuar com ele. Acontece que, no texto original, ele não faz essa ressalva, pois o título é endereçado de forma genérica, *Epístolas aos Saudosistas*, não faz diferenciação entre “saudosista nato” e “saudosista não nato”. Estamos entendo essa questão do “nato” como “criador”, ou seja, os grandes nomes dessa filosofia; é como se ele escrevesse uma “epístola aos cristãos” e deixasse de fora os arcebispos, cardeais e Papa. Essa justificativa de restrição de interlocutor, feita aqui por Antonio Sergio, aponta, na nossa forma de interpretar o discurso, em uma tentativa de amenizar a discussão entre eles, para que ela tivesse um fim, pois se trata de uma “despedida”. No entanto, Pascoaes entende de forma diferente e navega em direção oposta. Em tempo: vale lembrar que a despedida de Julieta foi um evento trágico.

Na revista nº 29 de maio de 1914, Pascoaes percebe que ele teve uma pequena vantagem sobre o seu interlocutor, que tentou finalizar a discussão, atenuando a forma de expressão. Ele desabafa, dizendo que Sergio o está perseguindo “de martelo em punho” e que a última carta dele é uma das coisas mais cruéis do mundo. Aqui percebemos que o diretor d*A Águia* realmente se magoou com as palavras de Antonio Sergio.

> Há cousas cruéis n’este mundo! O meu caro Antonio Sergio desde longos mezes me persegue de martelo em punho, encarvoada bluza de ferreiro, os grandes olhos negros faiscantes de metálicos brilhos, a faca talhada em fumarentas expressões, todo n’um arremesso destruidor contra o meu pensamento saudosista, contra a frágil e trêmula Saudade, pobre e delicada Virgem, branca de pânico, sob a lança dos judeus! (...) // Sim: ha cousas cruéis n’este mundo! E a mais cruel de todas é a sua ultima carta! Ah, meu caro Antonio Sergio, então, é no momento em que o seu feio vulto plutônico, vibrando contra mim os raios forjados para exclusivo uso de Jupiter, - despe miraculosamente o tenebroso habito infernal, deixando chegar aos meus olhos encantados a figura de Julieta, onde a beleza feminina atinge aquela altura que já fica além dos astros; - então, é n’um momento assim que me

> foge e diz adeus?! // Por isso, não me canço de pregar contra o culto exclusivo e mesquinho das pequenas realidades próximas! Veja o leitor como este culto endurece o coração e lhe dá requintes de maldade! (A ÁGUIA, 1914, n.29, p. 129)

Ele reforça a ideia da "crueldade" de Antonio Sergio, quando começa a analisar as controvérsias. Segue a passagem:

> O meu caro Antonio Sergio, na sua carta de despedida, principia por declarar que o Saudosismo leva a Coimbra, à boa retorica, ao curso jurídico, ao comunismo do Estado, à Secretaria e talvez a S. Bento! Como? E porque? Não percebo! Esta sua informação é grave, cruelmente injusta, de quem finge desconhecer, por completo, as minhas ideias! (A ÁGUIA, 1914, n.29, p. 130, grifo nosso)

Outro aspecto refutado com veemência é a questão do Catolicismo. Pascoaes explica que ele não apoia o cristianismo subordinado a Roma, imposto por D. Afonso Henriques, como religião que traduza os valores espirituais nacionais.

> (...) De resto, há vários modos de ser grande, para além do Comércio, da Navegação e da Industria... // Diz também que não devo odiar o Catolicismo e que o espírito da nova França é católico. Porisso mesmo, é que eu não quero o Catolicismo. Eu só quero o que, por natureza, nos pertence. As velhas tradições religiosas da nossa Raça não são católicas. A primeira egreja lusitana viveu independente de Roma durante muitos séculos. Nós chamávamos ao Papa o bispo de Roma. Foi Affonso Henriques que a subordinou à Curia, por interesses políticos. (A ÁGUIA, 1914, n.29, p. 132)

Ainda outro fator destacado por Pascoaes é o valor nacional atribuído por Sérgio ao movimento religioso oriundo de São Francisco de Assis. Assim explica:

> Em seguida, o meu caro amigo insiste em dar um valor nacional ao movimento místico italiano do século XIII. Toda a alma d'esse movimento foi um homem excepcional, o maior depois de Cristo. De resto, a sua influência atingiu várias raças, porque era divina... Mas esse movimento místico não foi nacional, nascido da alma d'um Povo. Obra de um homem sublime, com ele baixou à sepultura. Morto S. Francisco de Assis, as suas cristãs comunidades logo se deixaram absorver pelo catolicismo romano. O Franciscanismo passou pela Italia, como o Christianismo pela Judeia. Aquele regressou ao catolicismo pagão – ao Vaticano, e este, à sua velha Lei de Moysés – à Sinagoga. (A ÁGUIA, 1914, n.29, p. 133-34)

Pascoaes então abaixa o tom para tecer elogios ao seu interlocutor e finalizar a carta aberta, pois ele tem interesse explícito em continuar recebendo colaborações de um pensador do naipe de Antonio Sergio. Ele retoma os agrados, não abrindo mão

da ressalva de saber que o pedagogo é antissaudosista, no *post scriptum* dessa carta. Assim escreve:

> Peço-lhe, com o maior interesse, que não abandone o logar que tanto honrou e distinguiu n'esta revista. Continue ahi a expor as suas ideias que, da minha parte, encontrará sempre o mais amigo e admirador adversário. E deixe-me dizer-lhe alegremente que nos encontramos, em um guerreiro convívio, no ódio ao bacharelismo. N'esta palavra se resume toda a nossa doença nacional. Mas quem criou semelhante specimen foi a decadência do caráter português, o estrangeirismo, que nos tornou amorfos, indecisa matéria inerte. O bacharel é composto de umas teorias jurídico-sociaes importadas pelo correio, ignorante completo da tradição espiritual da sua raça, que ele não pode amar, porque a não conhece. (A ÁGUIA, 1914, n.29, p. 134)

O teor mais ameno da discussão acaba por se romper em *Explicações necessária do Homem da espada de pau ao Arcanjo dum relâmpago* (A Águia, 1914, n. 30, p. 170-175).

Além de Sérgio descartar a possibilidade de continuar publicando na revista, ao tentar finalizar a discussão, ele intensifica a diferença entre os dois: de rouxinol e peixe a arcanjo e homem, respectivamente. Rouxinol e peixe, apesar de seus habitats diferentes, um do ar e outro da água, e de suas qualidades, um cantante e outro mudo, ambos são mortais, são criaturas do mesmo planeta, da mesma realidade, o que não se verifica entre arcanjo e homem, um mortal, pecador, errôneo, com o pé na terra, o outro divino, irrepreensível e íntegro, com as asas nas nuvens.

Comprove:

> A sua Carta põe os pontos nos ii duma duvida velha: não somos um rouxinol e um peixe, como julgara: somos um homem e um Arcanjo, como insinua o meu amigo. Vá lá isso! // Pois bondoso e arcangelical amigo: contra todos os meus projectos tenho de voltar às nossas cartas, por haver, entre os seus caprichos de imaginação, alguns que deixados sem resposta poderiam dificultar a compreensão do que vou expor na última parte (dessa Águia e das futuras) sobre os sistemas de educação que proponho ao nosso povo. Tomarei por ideal o estilo telegráfico. (A ÁGUIA, 1914, n. 30, p. 170)

Na primeira incursão contra o pensamento saudosista desse turno, explica porque ele leva ao "bacharelismo, à secretaria, ao comunarismo":

> (...) A educação sentimental só permite quatro estradas: a fortuna herdada, o casório rico, as profissões liberais, o funcionalismo. Em tudo um sentimental puro é um contemplativo, um devaneador, ou um palrador e remexido, como a mosca de Lafontaine: nunca um disciplinador, concentrador e canalisador de energias uteis; pode revolucionar e abater muita coisa, mas nunca constrói coisa de geito. (A ÁGUIA, 1914, n. 30, p. 170)

Ele cita para a compreensão da base do seu pensamento, que Pascoaes leia Edmundo Demolins e Paulo Descamps. Na carta anterior, mais especificamente no *post scriptum*, Pascoaes comenta sobre a conferência proferida no Rio de Janeiro, *O problema da cultura e isolamento dos povos peninsulares* e, como de praxe, critica negativamente a parte em que ele descredencia o Saudosismo, usando a mesma ideia. Ou seja, é alta a probabilidade dele conhecer os pensamentos de Demolins e Descamps. Inclusive, é do primeiro texto dessa conferência que trazemos o seguinte trecho:

> Diz Edmundo Demolins que o poder criado pelo comércio e navegação só tem solidez quando exercido por um povo em que predomina a influência de agricultores; só a agricultura proporciona estabilidade; é preciso que Neptuno se case com Ceres, e que governe esta no ménage; a população agrícola forma uma reserva de sobriedade, energia e ardor o trabalho necessário para renovar constantemente a população urbana, física e moralmente anemiada. Compare-se isto com a lamentação dum nosso escritor do século XVI: "A conquista da Índia não nos deu campos em que semeássemos nem em que apascentássemos gado, antes nos tira os que nisso nos haviam de servir." Razão tinha ele: só coloniza quem faz trabalho de colono. (SÉRGIO, 2008, p. 22)

Trata-se de uma crítica aos resultados da colonização, em cujo povo predomina o atraso em referência à industrialização inglesa, influência de uma maioria agricultora – Portugal, segundo esse pensamento, não fez um trabalho de colono, fez de explorador – a questão que percorre o pensamento de Lourenço (*Labirinto da Saudade*, *A nau de Ìcaro*) e de Manuel de Oliveira (*Non ou a Vã glória de mandar*): "o que está em nosso poder, mas não é nosso", já existia aqui.

A iniciativa e a energia produtora dessas ideologias são comerciais e apontam para as relações internacionais. Vale ressaltar que a Maçonaria era grande defensora desse posicionamento político-econômico: é por esse motivo que Antonio Sergio enxerga o progresso no incentivo à indústria e ao comércio, pulando etapas da construção social do sujeito, que se tornará o trabalhador, em uma educação voltada à produtividade para um mercado de trabalho essencialmente mecanizado. Por esse lado, o respeitado pedagogo é um liberal. Ele entende a influência do Estado como prejudicial:

> (...) Vejo-me obrigado a chamar para isto a atenção dos meus leitores, porque a absorção da sociedade pelo Estado é um dos males a combater na nossa terra. Aliás, por ser muito ruim a minha prosa, o facto de lê-la sem atenção demonstra, pelo menos, o bom gosto do meu amigo. Pelo que toca ao resto

> da sua frase, todos sabem que a venda aos camponeses das terras da nobreza emigrada foi um expediente imposto pelas circunstâncias, e que não teve nada a vêr com os sonhos dos escritores. A sua fantasia de poeta, quando escreve sobre historia, é que é uma gentil criancinha que dorme e sonha:- sonhos maravilhosos de criancinha... (A ÁGUIA, 1914, n. 30, p. 172)

Nessa toada de desencontros, que se tornou a troca de missiva desses dois grandes ícones da Renascença Portuguesa, mais três tópicos são problematizados. A questão do sistema jurídico-legislativo inglês sobre as terras e a peculiaridade de, para ele, "os mesmos erros sociais" produzirem "em todos os povos os mesmos efeitos" (A ÁGUIA nº 30, 1914, p. 172), o que, para Pascoaes, dependendo das circunstâncias locais, haveria resultados díspares, não necessariamente iguais. Escreve:

> (...) Os mesmos erros sociais produzem em todos os povos os mesmos efeitos; mais depressa nos de menos força resistente; mais devagar nos organismos sociais mais robustos:- o mesmo sucede com os indivíduos. Para remediar os efeitos dêste mal, de que a Inglaterra agora sofre como outrora sofreu a França, é que Lloyd George hoje em dia empreendeu a sua legislação sobre a terra: o que ele hoje pretende fazer a bem da Inglaterra é aquilo mesmo que já fez bem à França, pois o que hoje faz mal à Inglaterra é aquilo mesmo que já fez mal à França. Em resumo: até ao fim do século XVIII em diante reciprocam-se os papeis: a França dá-se bem com o antigo bom processo da Inglaterra, a Inglaterra dá-se mal tomando o mau processo da França antiga. (A ÁGUIA, 1914, n. 30, p. 172)

Os outros dois pontos se referem ao Franciscanismo: São Francisco de Assis não seria a origem do movimento místico italiano, que levou o seu nome, e sim o "ponto de chegada dele" e que, pelo fato de outros países chamarem o Papa de Bispo de Roma, isso invalidaria o Saudosismo a pensar em um cristianismo não católico em solo nacional. Aqui ele aproveita para criticar a posição, no entendimento dele, de que Pascoaes credita a decadência de Portugal ao estrangeirismo:

> (...) sobre o "estranjeirismo" e o meu discurso eu o elucido num momento: diz o meu amigo que o que caracteriza a nossa decadência é o "estranjeirismo", e o meu discurso demonstra que, pelo contrário, a nossa decadência se caracteriza pelo furioso horror ao "estranjeirsmo", enquanto o período de ascenção foi fecundo pela assimilação da cultura estranjeira. Aqui, como sempre, as afirmações saudosistas são precisamente o contrário da realidade. (A ÁGUIA, 1914, n. 30, p. 174)

Antonio Sergio tenta encerrar a discussão pela segunda vez, usando o seu costumeiro tom irônico, ao retomar a metáfora da espada angelical contra a de pau:

> Esgrima contra ele a sua “espada de Arcanjo, feita dum relâmpago”, que eu já meto dentro do saco o meu “pau”. Quanto à retórica de que uso, que a seu ver se substitue ao pensamento (só um saudosista me diria isto, rapazes!) tenho-a empregado com algum êxito cá fora, onde verdadeiros homens de sciencia me teem dito... Adiante: nada de imodéstias! Não são as leis sociais, mas as definições de retórica que variam com as latitudes, ou melhor com as declinações e ascensões rectas, visto que o meu amigo é do céu – e felizmente da terra também, para ventura de todos aqueles que, com eu, o estimam e o veneram, como homem e como poeta. (A ÁGUIA, 1914, n. 30, p. 175)

Mas a tentativa foi em vão, quem deu o ponto final foi Pascoaes com *Mais palavras ao Homem da espada de pau* (A Águia, 1914, n. 31, p. 01-05).

Não sabemos se houve um erro gráfico nessa última missiva, o fato é que ela não possui uma saudação, ela vai direto do título ao assunto e, se isso for proposital, sugere-nos um desapego, por parte de Pascoaes, às formalidades, devido a todos os desprazeres ocorridos pelas cartas anteriores.

> Meu caro Antonio Sergio abandonou os pontos essenciaes da questão (originalidade da Saudade, e o seu significado transcendente) e entretem-se a discutir comigo a revolução francesa, S. Francisco de Assis, a propriedade rural em Inglaterra, etc. Tenho pena de o não poder acompanhar nesse campo, pois outros assuntos, de mais valor para mim, me solicitam. Não tenho tempo de folhear livros, nem o meu espirito se contenta com essa bisbilhotice intelectual que trata de saber o que os outros dizem. (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 01)

Como é possível constatarmos acima, Pascoaes lembra que Antonio Sergio desviou-se do assunto principal e ele também se sente “sem tempo” para discussões. Um pouco mais à frente, utilizará a mesma técnica da humildade, a qual Sergio usou nas suas correspondências, renegando os epítetos de rouxinol e arcanjo e criando um novo para o estudioso: o mocho[119] da ciência.

> Eu não sou o rouxinol nem o archanjo de que fala o seu sorriso... amável. Mas o meu caro amigo é, com certeza, o môcho, o môcho da sciencia! // Ante os seus pios eruditos, emudeço; e, boquiaberto, sinto passar, por cima de mim, esse temporal de nomes, datas, citações! Depois, tremulo ainda, observo-me, a ver se escapei, se pertenço ainda a este mundo... Vejo que, mais uma vez, nada sofri. // Perdoe-me, querido mestre, a minha pobre ignorância, tal arrojo e desabafo. Se ela encara assim, frente a frente, a grave sisudez da sua sapientíssima pessoa, é que é uma creança, como lisonjeiramente diz. Na verdade é uma creança, e eu gosto d’este papel de menino entre os Doutores. A sabedoria tem seus caprichos muitas vezes – e sem graça... Gosta, por exemplo, de aparecer disfarçada n’um sorriso infantil,

[119] O mocho-galego (Athene noctua) é uma espécie de *ave* estrigiforme, que pertence à família Strigidae. Muito parecido com a coruja, é o animal mitológico de Athena, símbolo da sabedoria. Conhecido por produzir um som estridente, que faz lembrar um latido, muito forte e de hábitos noturnos. (Fonte: https://archive.org/stream/glossaryofgreekb00thomrich#page/46/mode/2up)

> às taciturnas frontes que o estudo macera, embasbacando-as! (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 01-02)

Logo em seguida, o diretor d*A Águia* nos brinda com uma grata criação metafórica: a questão do empírico, da vivência, daquele saber que escapa dos livros – mas que existe no momento; o conhecimento não catedrático, que habita na canção do povo, na cultura e não no livro do doutor da academia.

> Uma cantiga de Coimbra (de Coimbra, se bem me recordo) afirma que há mais sciencia n'um beijo de amor que nos livros dos doutores. Atravez da aria irreverente, meu caro amigo, transluz uma grande verdade! É que o beijo cria vida, dilata a creação, acende novas almas, e a sciencia não faz mais do que machucar as pobres rimas, para ver como ellas foram feitas... Também há ingenuidade, infantilidade, nos sábios, meu caro Antonio Sergio... // Eu voto pela cantiga de Coimbra... Desconfio que a Cotovia sabe alguma coisa do Sol... Talvez mais do que os astrônomos... Que dirá a este argumento alado, cantante, matutino, o bisonho môcho nocturno que sabe, que estuda, que profunda as cousas? Pia... pia... sinistramente um riso amarelo sobre a poeira dos sepulcros. A sua cátedra é o cipreste. (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 02)

Apesar de dizer, na introdução, que ele não consegue "acompanhar" Antonio Sergio naqueles assuntos extras, pois outros mais importantes o "solicitam", Pascoaes volta sim à questão do franciscanismo e reafirma o seu posicionamento de o movimento espiritual ser obra de um indivíduo especial, o próprio santo,

> [...] não destruindo esta affirmação o facto de haver existido, antes d'ele, os taes frades de que fala, pois é certo que a palavra originalidade nunca pode ter, n'este mundo, um valor absoluto. Também os apóstolos de Christo eram judeus e, todavia, o christianismo não foi um movimento judaico. [...] (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 02)

Sobre a questão Estado-França-Inglaterra, Pascoaes escreve dois tópicos frasais, que circunscrevem e explicam o que ele pensou. Ei-los:

> Tópico 1
> Quanto à identificação da sociedade com o estado, declaro que não tomei a palavra identificação como significando absorpção, mas como traduzindo harmonia, concordia entre as duas entidades, o contrario do que se dá em França, onde o corpo político está contrariando as aspirações patrióticas do povo francês. (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 03)

> Tópico 2
> Eu afirmei (e muito bem, d'acôrdo com Pascal) que o que é verdadeiro n'um paiz pode ser mentira n'outro; e afirmei que a Grã Bretanha deve a sua grandeza colonial à constituição da grande propriedade, ao morgadio. Vá lá! (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 03)

Pascoaes é veemente em sua postura, quando o assunto é o “cristianismo português”. No pensamento dele, por ser expressão popular, tal como os de Gil Vicente, do *Cancioneiro* e de Camões também, subordinar essa espiritualidade a Roma é algo inaceitável, violento até:

> Também o meu querido amigo decreta que no princípio todas as egrejas viveram separadas de Roma. E eu digo-lhe que a egreja portuguesa conservou até muito tarde a sua autonomia, creando um rito, pontos de fé especiaes, etc. Ela encarnava, enfim, uma forma sua do Christianismo. E, por isso perdeu a autonomia violentamente, pela força da vontade d’um rei e não por expontanea adaptação à Curia. // Leia Gil Vicente, o Cancioneiro Popular... e verá que o nosso sentimento religioso não é romano. Camões não colocou Jesus Christo ao lado dos Deuses do Olympo? Se elle fosse católico, não praticaria tal sacrilégio, por mais que o seduzisse a literatura greco-romana. Nas suas próprias líricas, como o lirismo popular, ha um sentimento panteísta e nosso, anti-catolico. (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 04)

Finalizando a carta, ele reitera o Saudosismo como meio viável para a reestruturação moral e força orientadora de trabalho de Portugal, apoiando o progresso em uma educação sentimental, que oriente o laboro na produção de riquezas não só materiais, como espirituais.

Despede-se em um curto parágrafo, sem nenhum clichê de despedida, como aconteceu em cartas anteriores, nesses termos:

> E agora, meu caro Antonio Sergio, creia sempre na minha amisade e admiração. E, se tiver a estopada de responder a esta carta, não estranhe o eu demorar a minha resposta. Tenho muito que fazer durante os mezes mais próximos. Teixeira de Pascoaes. (A ÁGUIA, 1914, n.31, p. 05)

Reproduzimos a íntegra dessa discussão entre esses dois grandes nomes da Renascença Portuense, por meio das missivas publicadas n*A Águia*, como anexo, pois acreditamos que a nossa leitura mediada é uma voz diferente da leitura feita diretamente nas cartas. Essa pluralidade de vozes é, segundo *Bakhtin*, essencial para a construção do conhecimento e assim será em nosso trabalho. Trata-se de uma experiência interessante.

Não quis o Destino, se pensarmos como Pascoaes, que eles chegassem a um meio termo, o que, no final das contas, acabou por comprovar a afirmação de Antonio Sergio: os dois eram realmente “substâncias incomunicáveis”.

Uma vez que oferecemos justo espaço ao contraditório, aos peixes e aos homens de pau, voltemos aos rouxinóis e aos arcanjos, pois navegar é preciso: que os mares argumentativos se abram para o Supra-Camões.

2.6 Fernando Pessoa e a *Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada* (a gênese de Mensagem)

> *"É ela de ordem a coincidir absolutamente com aquelas intuições proféticas do poeta Teixeira de Pascoaes sobre a futura civilização lusitana, sobre o futuro glorioso que espera a Pátria Portuguesa. Tudo isso, que a fé e a intuição dos místicos deu a Teixeira de Pascoaes, vai o nosso raciocínio matematicamente confirmar".*
>
> *(Fernando Pessoa)*

Fernando Pessoa é o nome contemporâneo principal com o qual a teoria e a poesia de Pascoaes encontram ressonância pelo viés camoniano. Podemos dizer que, no percurso da formação do *ethos* português pela literatura, começando em Camões, que possui influência de Bandarra, passando por Vieira e seu quinto império (físico), Garrett e Pascoaes, Pessoa é a linha de chegada, o que nos remete a uma analogia da arte contida no passaporte português, que mostramos na Introdução do nosso trabalho. E a revista *A Águia* teve crucial importância nessa história, pois é o veículo no qual o poeta divulgou a sua teoria.

A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada é publicada no número 04, Série II, em abril de 1912. Observando que necessitava de uma complementação, outros textos foram publicados no decorrer do ano: *Reincindindo* n*A Águia*, Série II, nº 05, maio de 1912; *A Nova Poesia Considerada no seu Aspecto Psicológico*, partes I, II e II no nº 09, IV e V no nº 11 e VI, VII e VIII no nº 12.

Nesse capítulo, ao analisarmos *A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada*, evidenciamos a citada conexão. Fernando Pessoa, por meio de estudos das escolas literárias da Inglaterra e da França, bem como de seus poetas representativos, deduz o surgimento de um Supra-Camões na geração a qual ele pertence. Inclusive, o poeta Teixeira de Pascoaes e a metafísica são, para ele, aspectos constituintes desse processo e representativos da alma portuguesa.

Os críticos, postumamente, concederão a Pessoa o título do poeta que ele previu a ascensão, no entanto, no caso da obra, *Os Lusíadas* (1572) continuarão a ser considerados como a expressão máxima da poesia lusitana, apesar de em

Mensagem (1934) existir uma alta simbologia da alma portuguesa, bem como aspectos tradicionais dessa representação e suas ideologias, citando, como exemplo, o Sebastianismo.

Segundo o autor de *Mensagem* (1934), a opinião pública não compreendeu o presente movimento literário, porque ela é composta por gente acima de 30 anos ("incompreendedores natos"), ou por academicismo, ou por baixa espiritualização da raça ou por absorção política, que compromete o entendimento da metafísica iminente à poesia, a qual constrói a personalidade portuguesa (o que percebemos no pensamento de Antonio Sergio, por exemplo). Há ainda uma parcela de novos poetas e literatos, que não adquiriram maturidade suficiente para ter uma consciência de si, das ideias e do "sentimento racial". Portanto, ele entende como uma necessidade urgente a compreensão desse movimento português e vê na análise sociológica o caminho para um entendimento lógico e significativo dele.

O primeiro ponto que Pessoa evidencia é sobre a corrente literária, a qual deve ser sociologicamente representativa da época referente, expressando "um conceito geral do mundo e da vida, e um modo de exprimir esse conceito" (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 101). Essa questão é importante para a posteridade e, para os contemporâneos, torna-se um "indicador sociológico" para "nos informar do estado de vitalidade e exuberância de vida em que se encontra uma nação ou época, para que, pela literatura simplesmente, possamos prever ou concluir o que espera o paiz em que essa literatura é actual" (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 102).

A essa altura, o poeta sente a necessidade de esclarecer alguns termos, para que a análise seja entendida de forma satisfatória. A primeira incursão é a priorização dos aspectos subjetivos da nação sobre os físicos:

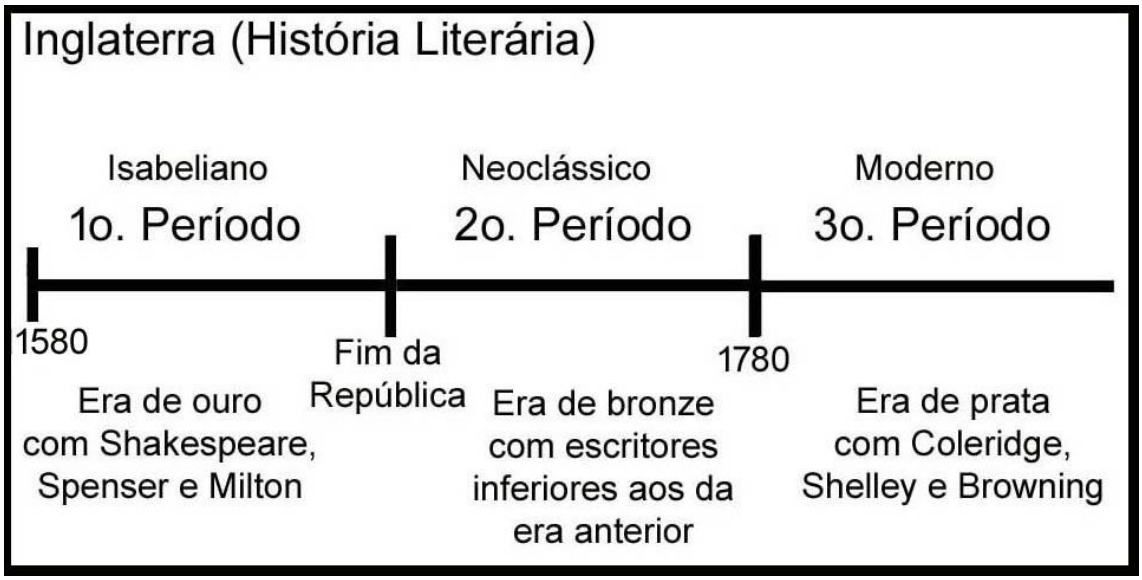
> Por vitalidade de uma nação não se pode entender nem a sua força militar, nem a sua prosperidade commercial, cousas secundarias e por assim dizer physicas nas nações; tem de se entender a sua exuberância de alma, isto é, a sua capacidade de crear, não já simples sciencia, o que é restricto e mecânico, mas novos moldes, novas ideas geraes, para o movimento civilizacional a que pertence. É por isso que ninguem compara a grandza ruidosa de Roma à super-grandeza da Grecia. A Grecia creou uma civilização, que Roma simplesmente espalhou, distribuiu. Roma é, salvo o que sobremorre nas formulas invitaes dos códigos, uma memoria de uma gloria: a Grecia sobrevive-se nos nossos ideaes e nos nossos sentimentos. (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 102)

Sem muito esforço, percebemos como essa ideia de Pessoa contraria o postulado de Antonio Sérgio, de que o avanço comercial e enriquecimento monetário

da nação sejam um imperativo para uma evolução espiritual, pois ele a encara de forma secundária, priorizando, como na teoria de Pascoaes, os aspectos internos, morais e espirituais, que formam um povo.

A análise estrutura-se em uma analogia com dois grandes países, pois eles têm "uma unidade nacional, uma continuidade de vida e uma influência civilizacional acentuada" (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 102). Posto isso, ele toma dois grandes períodos literários importantes desses países para a sua conjectura. Objetivando facilitar a compreensão do pensamento de Fernando Pessoa, transformamos o texto em duas linhas temporais, acompanhadas das devidas conclusões, que seguem:

Figura 39 – Organograma da História Literária da Inglaterra segundo Fernando Pessoa



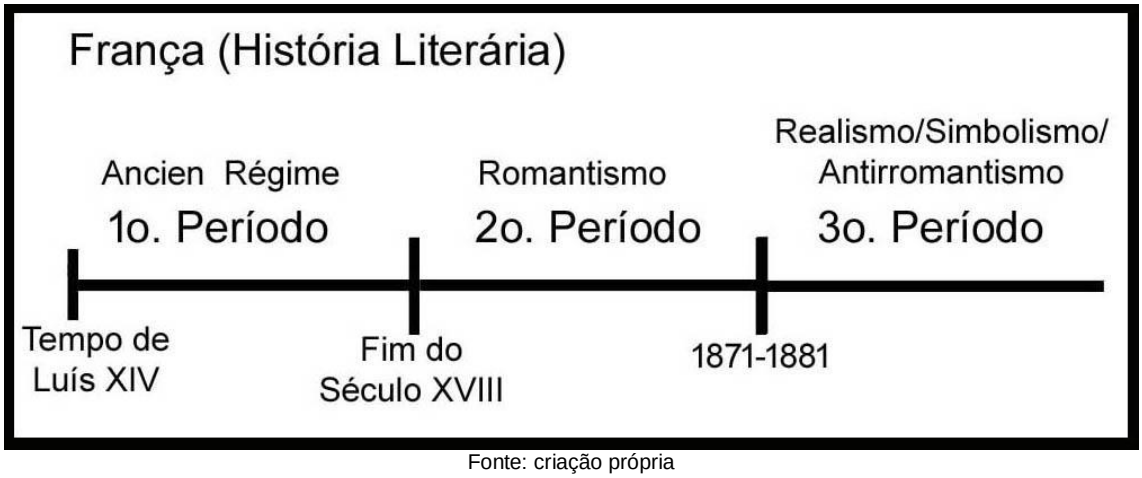
Fonte: criação própria

Aspectos histórico-sociológicos da história literária da Inglaterra:

> Vejamos agora a que períodos políticos estas épocas litterarias correspondem. A época isabelliana corresponde ao período da vida ingleza cuja realisação foi feita pela Republica e na pessoa, preeminentemente, de Cromwell. Foi um período creador; n'elle deu a Inglaterra ao mundo moderno um dos grandes princípios civilizacionaes que lhe são peculiares – o de governo popular, principio que depois a Revolução Franceza, parcamente creadora, simplesmente transformou no de democracia republicana. – O segundo período da vida política ingleza, o que vem desde a queda da República, culmina na revolução, de mera substituição dynastica, de 1688, e vem morrer por 1780 nas almas, e de facto com a reforma eleitoral de 1832, é absolutamente nullo e estéril para a Inglaterra; n'elle ella nada creou, nem mesmo a sua própria grandeza, visto que a hegemonia social na Europa era então da França. N'este segundo período a Inglaterra não fez senão ir realisando, apathica e frouxamente, o principio de governo popular que havia creado. – Também no terceiro período a Inglaterra nada creou de civilizacional; creou a sua propria grandeza e nada mais – visto que a

> hegemonia europeia tem sido mais sua do que d'outra nação no seculo dezenove, conforme o vincaram para a historia Nelson em Trafalgar e Wellington em Waterloo. (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 103)

Figura 40 - Organograma da História Literária da França segundo Fernando Pessoa



Fonte: criação própria

Aspectos histórico-sociológicos da história literária da França:

> Vejamos agora como se nos mostram os correspondentes períodos políticos. O primeiro, ancien régime, foi um período em que a França nada creou para a civilização, visto que creou apenas a sua própria grandeza e a correspondente hegemonia social européa, cujo reflexo longínquo e fraquejante é a influencia de que ainda gosa. O segundo período é aquelle que, precipitando-se na prematura Revolução Franceza, se vae reallisando só depois, nas almas, de 1848 a 1870, pouco mais ou menos, e é n'este período que a França cria para a civilização a idéa de democracia republicana. Não a cria, é claro, tão creadoramente como a Inglaterra de Cromwell, que a origina no mundo moderno: torna-a porém mais intensa e é nítida, desenvolve-a – o que é também, ainda que secundariamente, uma creação. Finalmente, no terceiro período, o de 1870 para cá, a França nada cria para a civilização, nem mesmo a sua propria grandeza cria, visto que decabe em valor européo: vae vivendo, como a Inglaterra no segundo período, e realisando, aparthica – e despiciendamente, o princípio de democracia republicana que em anterior período creára. (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 104)

As análises análogas, em termos sociais, que a mente pessoana produz, são essas: primeiro período francês com o terceiro período inglês; o segundo período francês com o primeiro inglês; o terceiro francês com o segundo inglês. "Tão perfeita é a analogia social e civilizacional como a analogia litteraria" (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 104), escreve ele. O auge das literaturas é alcançado no segundo francês e no primeiro (inglês). A conclusão é essa:

> (...) Vemos, pois, que o valor dos creadores literários corresponde ao valor creador das épocas a que correspondem de modo que a litreratura não só

> traduz as idéas da sua época mas – e é, isto que importa que fizemos – o valor da litteratura, perante a historia litteraria, corresponde ao valor da epoca, perante a história da civilização. (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 104)

A análise focaliza agora nas questões interiores das correntes literárias. Pessoa observa que o segundo período inglês e o terceiro francês não criaram nada e colaboraram espiritualmente para uma "desnacionalização da literatura". Segundo ele, "as correntes literárias do terceiro período inglês e primeiro francês" equilibram "o espírito nacional" e as influências estrangeiras, sendo tempos de grandeza social, mas não em termos de civilização. Os períodos criadores foram o primeiro inglês e o segundo da França, ou seja, a era de ouro de Shakespeare e o Romantismo de Victor Hugo.

Os nomes icônicos desse período são, para Fernando Pessoa, os representantes das almas daqueles povos, como facilmente comprovamos pelo trecho, que segue:

> (...) temos na litteratura o espírito nacional patente e dominante, absorvendo e absolutamente eliminando qualquer influencia estrangeira que haja. Assim, nada mais francez do que Victor Hugo com a sua rhetorica, a sua pseudo-profundeza, a sua lucidez epigrammatica em pleno seio do lyrismo, onde não está bem. E Spenser, Shakespeare e Milton – mas Spenser e Shakespeare mais do que Milton – são ingleses inconfundivelmente. (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 105)

Paradigmaticamente, o autor de Tabacaria deduz que a Literatura Portuguesa contemporânea a ele é

> (...) absolutamente nacional, e não só nacional com a inevitabilidade bruta de um canto popular, mas nacional com idéas especiaes, sentimentos especiaes, modos de expressão especiaes e distinctivos de um movimento litterario completamente portuguez: e, de resto, se fosse menos, não seria um movimento litterario, mas uma especie de traje psychico nacional, relegável da categoria de movimento de arte para este caso sociológico nulla, de um mero costume característico. (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 105-06)

A segunda conclusão é que os autores portugueses desse período possuem alto valor literário, mas não são gênios imortais (comparativamente a Shakespeare, segundo a citação).

Outra observação ressaltada é sobre os aspectos sócio-políticos: "(...) um período de pobre e deprimida vida social, de mesquinha política, de difficuldades e de obstáculos de toda a espécie". (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 106)

A conclusão pungente de Fernando Pessoa, sobre o período literário da geração de poetas contemporânea a ele, é que Portugal vive o tempo de Shakespeare, ou a época romântica francesa, em outras palavras, uma era de ouro.

> Vistos estes elementos sociológicos do problema, salta aos olhos a inevitável conclusão. É ella a mais extraordinária, a mais consoladora, a mais estonteante que se pode ousar esperar. É ella da ordem a coincidir absolutamente com aquellas intuições propheticas do poeta Teixeira de Pascoaes sobre a futura civilização lusitana, sobre o futuro glorioso que espera a Patria Portugueza. Tudo isso, que a fé e a intuição dos mysticos deu a Teixeira de Pascoaes, vae o nosso raciocínio matematicamente comprovar. (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 106)

Posto isso, Pessoa enumera duas “notas principais”:

1ª: o movimento tem como característica principal a novidade e o nacionalismo;

2ª: os poetas possuem um inegável valor, só que, pelo fato de a corrente literária ser nova, o “Shakespeare lusitano” ainda não apareceu.

> (...) E isto leva a crêr que deve estar para muito breve o inevitável apparecimento do poeta ou poetas supremos d’esta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões. Quem sabe se não estará para um futuro muito próximo a ruidosa confirmação d’este deduzidíssimo asserto? (A ÁGUIA, 1912, 2ª série, n. 4, p. 106)

Então fomos apresentados à ideia do Supra-Camões. Vale ressaltar que o valor de Camões é fundamental no sentido da gênese do *ethos* e isso poeta algum poderá usurpar do autor de *Os Lusíadas* (1572).

CONCLUSÃO

> *"De Portugal enquanto realidade presente não espera Pessoa nada. De Portugal como nauta de si mesmo, como história-profecia de que Mensagem interroga os anúncios e signos sucessivos, tudo. Sem Poder e Sem Renome, Portugal não pode ser outra coisa senão teatro de uma "epopeia da alma".*
>
> *(Eduardo Lourenço)*

Chegamos no momento de conclusão do nosso trabalho acadêmico e temos subsídios suficientes para afirmarmos que as duas revistas do nosso *corpus, O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (1878-1915) e *A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa* (1910-1932), colaboraram de forma efetiva na reconstrução do *ethos* português por meio da expressão camoniana. Como conclusão secundária, evidenciamos o uso da pessoa-mito Camões pelo viés político, cívico, principalmente durante as comemorações do Tricentenário, metonimicamente aqui representadas no *Capítulo 1* do presente estudo.

O momento histórico em que a Renascença Portuense aconteceu, propiciou, como bem observou Pessoa em sua teoria apresentada no capítulo anterior, as condições sociais para o ressurgimento da alma nacional, que se encontrava à margem da Europa, oprimida por um atraso visível e amplamente divulgado nas mídias da época, um analfabetismo alto e uma subserviência aos ingleses, em que o *Ultimatum* foi uma consequência iminente. As ações da Primeira República para combater o analfabetismo, criando escolas e incentivando a educação de base, atuou nesse sentido[120]. A voz de Guilherme d'Azevedo, em sua *Chronica Occidental,* em vários momentos, comparativamente a Paris, revelou parte desse problema sócio-político. Dessas interações político-econômicos resultariam duas grandes correntes, das quais Pascoaes e Sergio servem como exemplos: uma voltada para si, para Portugal em relação aos seus valores tradicionais; a outra voltada para a Europa, Portugal em relação aos outros, aos moldes ingleses e internacionalizado.

[120] "Mas outra questão irrompe deste desfiar de números: como era possível pensar-se uma "República", e quando se fala da 1ª República entende-se por isso uma "coisa pública", com níveis de alfabetização para a população de mais de dez anos, que só em 1930 é que chegam aos 40%? Não se trata apenas do problema da legitimação de um regime pelo voto popular, questão que mais à frente será discutida, mas da impossibilidade de conceber espaços políticos modernos, quer se trate de ditaduras mas sobretudo de democracias, sem que estes estejam apoiados por um tipo de comunicação e por uma estrutura de acção política que na modernidade pressupõem uma massificação da cultura letrada". (CANDEIAS, 2003, p. 171-72)

O projeto de nação, que vem com a ideia civilizadora, atrela-se ao Republicanismo, o qual, utilizando-se do Tricentenário de Camões (principalmente devido às articulações de Teófilo Braga) e a inerente aura cívica que dele emana, alavanca a sua posição majoritária em relação aos imperialistas, encontrando na população e em setores da burguesia, o que era necessário para derrocar o rei. O próprio Braga torna-se o comandante do executivo da República Portuguesa em 05 de Outubro de 1910, ano em que a revista *A Águia* foi criada, chefiando o Governo Provisório, que teria como primeiro presidente eleito, Manuel José de Arriaga Brum da Silveira e Peyrelongue, na data de 24 de agosto de 1911, ano em que Portugal recebeu a sua Constituição Republicana. Arriaga é sucedido novamente por Teófilo Braga em 29 de maio de 1915, ano em que findam as publicações d*O Occidente*.

Esse periódico, em fins do século XIX, trouxe consigo a forte opinião de que era necessário valorizar o que era nacional e, por esse motivo, até mesmo obras de artistas estrangeiros eram reproduzidas por mãos de artistas nacionais. Essa “ideia civilisadora de trazer para a evidência da luz a vida nacional que palpita no mundo obscuro do esquecimento público” (O OCCIDENTE, 1877, p.01 - Specimen), como o prefácio explicita, dialoga com a vontade de Pascoaes e dos Saudosistas Renascentistas em recuperar e valorizar o que é genuinamente português, ideologia que *A Águia*, décadas depois, traria consigo, evidenciando um ponto de contato ideológico entre as duas publicações.

A questão da internacionalização de Portugal, cara à revista dirigida por Guilherme d’Azevedo, encontra eco na fala de Antonio Sergio, tanto em seus textos pedagógicos, questão que vem à tona com força na notória discussão com Pascoaes, aqui referenciada, a qual o leva a romper com a Renascença Portuense. Dessa feita nascerá outro importante periódico, *Seara Nova*, fundado em 1921 por Raul Proença, com os dissidentes do movimento renascentista. Tal periódico foi extenso e frutífero e, devido a sua longevidade, tornou-se impossível acrescentá-lo ao nosso *corpus*.

O Occidente deixa clara a sua posição nacionalista, expansionista (a favor das colônias e em prol da internacionalização de Portugal) e positivista – que visa o progresso por meio do enriquecimento monetário do país, aliado à industrialização, desde o seu editorial da primeira edição até a última. Azevedo, um dos seus principais pensadores, como vimos, tinha um pé em França e não raras vezes criticou o atraso de Portugal.

A Saudade, como percebemos pela tese de Clara Rocha, uma voz que trouxemos para dentro da nossa, bem como da Doutora Raquel dos Santos Madanelo Souza, manifesta-se nos dois periódicos, pelo fato de que essa "saudade, entendida aqui não como nostalgia do passado, mas como nostalgia dum espaço de partida, que ainda hoje temos uma imagem viva" (ROCHA, 1986, p. 244) faz parte do *ethos* português: participa da cosmovisão camoniana, cuja metafísica de Pascoaes decodificou no Saudosismo. A revista *A Águia* sistematiza, portanto, algo que já estava na alma portuguesa.

A cobertura feita pel*O Occidente* do Tricentenário de Camões, incluindo nela a coluna *Chronica Occidental,* fornece-nos subsídios para comprovarmos o uso inegável do evento para reconstruir o *ethos* português, exaltar a nacionalidade, elevar o ânimo do povo e dar um empurrão definitivo na ideia republicana. Nessa cobertura, houve espaço para o contraditório, expresso pelo pensamento de Oliveira Martins no texto *Camões e D. Sebastião* (O OCCIDENTE, Supplemento ao nº 59, p. 98). Ainda que em menor intensidade que n*A Águia*, percebemos uma democracia intelectual na publicação, ressaltada pelo fato de que tal texto, de caráter ácido e ironizante, foi inserido nesse contexto de exaltação, imposto pela festividade. A releitura republicana de Camões, pela perspectiva nacionalista e cívica, estabeleceu vínculos ideológicos que ajudaram nas transformações que posteriormente aconteceram: pelo lado positivo, reviver o passado glorioso de Portugal foi importante para construir o apoio moral que instauraria uma república democrática[121] (que durou pouco tempo); pelo lado negativo, abriria caminho para o Salazarismo[122].

A reconstrução da identidade portuguesa, segundo essência camoniana, foi mais contundente n*A Águia*, até porque o periódico estava a serviço da Renascença Portuense e, sobretudo, sob as rédeas de Teixeira de Pascoaes, cujo objetivo era explicitamente essa revisitação. Resgatemos:

[121] Apesar de haver controvérsia nesse tema, pois a Geração de 70, principalmente sob a orientação de Ramalho Ortigão e de Eça de Queirós, era contrária à ideia dessa república democrática, justamente por acreditar que ela era falha, como observamos pelo trecho escrito por Ortigão n*As Farpas*, que segue: "O problema mudaria inteiramente de aspeto se os republicanos portugueses tivessem tratado de organizar uma democracia antes de proclamarem uma república, para sobre essa república edificarem depois uma democracia. A democracia é a coluna de que, nem sempre, mas algumas vezes, a república é o capitel. Os republicanos, por um lamentável erro de construção, fizeram uma república com os capitéis para baixo, e tratam agora de lhe pôr as bases em cima".

[122] A Primeira República compreende o período entre 5 de outubro de 1910 a 28 de maio de 1926, sendo sucedida pela Ditadura Militar e, posteriormente, pelo Estado Novo, caracterizado por conflitos entre o Governo e a Igreja Católica, maçons e pela Carbonária, sociedade de origem italiana, criada em 1810, que se assentava em valores patrióticos, liberais e anticlericais. Em Portugal, foi reorganizada em 1896 por Luiz de Almeida.

> Conforme a alma portuguesa se vai definindo e revelando em alto critério religioso e filosófico, assim a obra de Camões nos vai mostrando, a uma luz cada vez mais viva, novas faces ignoradas, novas riquezas espirituais, ensombradas regiões que se iluminam e desenham em inéditas paisagens de maravilha. (A ÁGUIA, nº 18, jun. 1913, P. 177)

Em *Camões e a Cantiga Popular* (trecho acima), Pascoaes entende a poesia de Camões como expressão de um povo e usa o termo "feito de um relâmpago" que, inclusive, Antonio Sergio aproveitou em suas cartas para ironiza-lo, as quais também estudamos aqui.

> O poeta épico, o poeta objectivo dos grandes feitos marítimos e o poeta enamorado da Mulher, desdobram-se agora n'um outro poeta misterioso e mais profundo, sobrenatural, feito de relâmpagos que se crusam ao acaso, mas à luz dos quaes nós vêmos, presentemente, encarnar as perfeitas formas de belêsa, a alma do nosso Povo, o genio da Raça. // Eis o que se dá com a obra de Camões e com o Lirismo Popular. // As humildes cantigas das esfolhadas e dos bailes campestres e das almas solitárias que regressam à lareira na hora do crepúsculo e das almas perdidas na cerração dos pinhaes ao luar das horas mortas – ressuscitam das colecções impressas em que fôram enclausuradas, radiosas de nova vida, novo sentido de alma, porque. chegou, emfim, o momento da plena compreensão. // O nosso Cancioneiro popular não é uma obra apenas amorosa e satírica como tem sido considerado; é, antes de tudo e sobre tudo, religiosa, contém a essência d'um novo Crédo; uma nova síntese divina do Universo. // Assim, em Camões, para além do épico e do lírico, na parte inconsciente e profunda da sua obra, brilham as mesmas luzes percursôras d'uma nova Consciência moral, d'uma nova atitude da alma humana perante Deus e a Vida. (A ÁGUIA, nº 18, jun. 1913, P. 177)

No percurso do nosso estudo, acompanhamos posicionamentos variados sobre o mesmo tema: desde as ácidas críticas de Oliveira Martins n*O Occidente*, ao verbo translúcido e quase etéreo de Pascoaes n*A Águia* – conjunções, diálogos, disjunções, discussões, trouxemos as vozes, assim como elas se apresentaram. Daquele primeiro evento, o *Tricentenário de Camões* (1880), cuja cobertura analisamos no *Capítulo 1*, até o pensamento primordial de Fernando Pessoa, publicado n*A Águia*, sob a direção de Pascoaes, em 1912, tecemos as relações dialógicas e mostramos a importância de Camões nessa reconstrução daquilo que o arauto do Saudosismo Metafísico chamou de "alma nacional". Ele, elogiado pelo próprio Pessoa nas páginas da revista supracitada, com o qual, segundo Eduardo Lourenço, o autor de *Mensagem* (1934) ligou-se para então superá-lo.

> Foi esta síntese poderosa de visionário romântico de inspiração neoplatônica e gnóstica – o único puro que possuímos – que a consciência poética e crítica de Pessoa submetem à prova de fogo. Mas o fogo não será posto apenas pela sua mão. Era de uma visão incandescente e afim que ele mesmo partia

> – leitor consciencioso da linhagem romântica inglesa e do platonismo que a banha ou transfigura – quando entra em contacto com a poesia de Pascoaes, lugar sumo da transubstanciação da experiência lusíada despida dos seus aspectos anedóticos. Como já acontecera em relação a outros, a realeza poética e como que profética que goza Pascoaes em 1912 constituirá para o jovem Pessoa um desafio. A sua resposta que parece desvairada e de uma pretensão paranoica foi, num primeiro momento, de ordem simbólica. (LOURENÇO, 2013, p. 105)

Há uma onda a embalar as caravelas, em que se encontram a Geração de 70, Pascoaes e Pessoa, aproximando-os e afastando-os ao mesmo tempo. Nessa tentativa de reconstrução do *ethos*, nosso trabalho demonstrou que a Geração de 70 colaborou com a revista *O Occidente*, vide seu próprio diretor, Guilherme d'Azevedo, trazendo uma visão realística e, dessa forma, enfrentava objetivamente o problema, visualizando as mazelas, o atraso, a conjuntura recessiva, a fim de encontrar soluções que se orientassem de forma racional (a onda joga a caravela para a frente); o movimento republicano de Teófilo Braga com as comemorações do Tricentenário e o posterior idealismo saudosista de Teixeira de Pascoaes n*A Águia*, que buscavam elevar o espírito português e reconstruir o *ethos*, por isso, dialogavam com os pensadores do Casino; contradizia-os por buscar tal empreita pela utopia, pelo nacionalismo ufanista, no caso de Pascoaes, pela metafísica. O que ficou evidente, quando trouxemos a discussão entre Pascoaes e Sérgio (a onda joga agora a caravela para trás). Existiam forças discordantes, orientadas em sentidos diferentes com objetivos comuns, do embate delas, surgiu *Seara Nova*. O próximo movimento da onda leva a caravela de Fernando Pessoa para a frente. Como o próprio escreveu na revista *A Águia*, ele percebeu o valor simbólico da alma portuguesa na poesia saudosista e ao dialogar com a essência metafísica daquele *ethos* pascoaeano, ligado à tradição e à terra, ligou-se a ele ao mesmo tempo em que o dissolveu, superando-o, retirando a visão nacional, restrita à nação como espaço geográfico para dilui-la em um mar salgado, em um mundo linguístico, sem fronteiras físicas, como nos ensinou Eduardo Lourenço:

> (...) O anúncio do Super-Camões significa apenas que a visão simbólica de Pascoaes e do saudosismo devia ser superado por uma outra, e superada à maneira de Hegel (tão citado no seu ensaio crítico-profético), quer dizer, elevando-a à consciência de si mesma, conservando-lhe a intuição de base, o núcleo neoplatônico. Mas significava também que a futura poesia era colocada por Pessoa sob o signo de uma mutação desconhecida e superior dessa *pátria que tivera em Camões o cantor da sua realidade histórica arquetípica*. Se a Geração de 70 com o país representa um momento de perturbação excepcional, com Pessoa irá reconhecer uma outra, mas de

> configuração oposta, embora religada com ela dialecticamente. (LOURENÇO, 2013, P. 105).

Por meio da nossa pesquisa, evidenciamos as expressões literárias, sociais e ideológicas, que usaram Camões para ressignificar a identidade portuguesa. Arquétipos e características que atravessaram os séculos, chegando até a época das revistas aqui utilizadas, movendo a roda da história para manter no inconsciente popular o que, para aquele povo, era o mais valioso. Sua época de glória passou, mas no espírito lusitano a chama camoniana a manteve acesa. E, por meio dela, as transformações se efetivaram. Camões para *além do épico e do lírico*, Camões para além da Literatura: Camões mítico, dialógico, que conversou com o Padre Vieira, com Garrett, com Pascoaes e com Fernando Pessoa. Camões-Portugal.

REFERÊNCIAS

A ÁGUIA: ÓRGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA. Porto: Tércio Miranda, S.1, n. 01 – S.5, n.03, Ano XX. 1910-1932.

ABDALA JÚNIOR. Benjamin; PASCHOALIN, M. Aparecida. *História social da literatura portuguesa.* São Paulo: Ática: 1982.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manoel de. *Dicionário de Luís de Camões*. Alfragide: Editorial Caminho, 2011.

_____. *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa: Cotovia, 1994.

_____. *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa. Coimbra*. Centro de Estudos românicos, 1971.

ALMEIDA, Justino Mendes de. Quatro Nótulas Camonianas. *Revista da Faculdade de Letras,* 5ª série, Lisboa, n.13-14, 1990.

ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática,1984. (Ensaios, 105).

APARÍCIO, Dina. *A saudade e os mitos pessoanos:* repensar a ilusão.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso – Introdução à filosofia da linguagem.* São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ARRIFES, Marco Fortunato. *A primeira Guerra Mundial na África Portuguesa. Angola e Moçambique (1914-1918)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2004.

ARQUIVOS do Centro Cultural Português. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

ARQUIVOS do Centro Cultural Português. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

_____. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980. (separata V).

AZEVEDO FILHO, Leodegário de. *Lírica de Camões:* história, metodologia, corpus. Lisboa: IN-CM, 1984.

_____. *Camões e o desconcerto do mundo e a estética da utopia*. Rio de Janeiro: 1995.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal.* 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

_____. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação* seguido de *A palavra na vida e na poesia - Introdução ao problema da poética sociológica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável.* São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Problemas da Poética de Dostoièvski.* 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.* São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. M., VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem.* 16. ed. São Paulo: HUCITEC , 2014.

BALEIRO, R., RIBEIRO, F.P. *A fundação de periódicos literários no terceiro quartel do século XIX: em defesa da literatura ou em prol da política e da educação?* Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. 39, n. 2, p. 323-343, jul/dez 2013.

BAR, F. A propos d'épopée. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

BARROS, A.J.P. LEHFELD, N.A.S. *Projeto de pesquisa:* propostas metodológica*s.* Petrópolis: Vozes, 1991.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade.* Petrópolis: Vozes, 1976.

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Cátedra Padre Vieira, Instituto Camões, 2000.

BOLETIM da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Lisboa, n.8, 1980.

BORGES, França. *A imprensa em Portugal, notas de um jornalista*. Porto: Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, 1900.

BRAGA, Teófilo. *Bibliographia Camoniana.* Lisboa: Livraria Castro e Silva, 1880.

_____. *Camões e o sentimento nacional.* Porto: Porto E. Chardon, Lugan & Genelioux , 1891.

_____. *História de Camões*. Porto: Porto Imprensa Portuguesa, 1873.

_____. *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas.* Porto: Ty. de A. J. da Silva Teixeira, 1884.

BRAIT, Beth. *Bakhtin, Dialogismo e construção do sentido.* Campinas: Unicamp, 1997.

BUESCU, Leonor C. Luís de Camões: a convenção e a vivência. A obra épica do lírico e a obra lírica do épico. In: REIS, Carlos. (Direção). *Literatura portuguesa clássica.* Lisboa: Universidade Aberta, 1992. p. 127-154.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto, 1979.

_____. *Os Lusíadas (edição comentada).* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

_____. *Os Lusíadas (edição comentada por Augusto Epiphanio da Silva Dias)*. 2 ed. Porto: Companhia Portuguesa Editorial, 1916.

_____. *Obra completa de Luís de Camões*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDEIAS, António. *A primeira República Portuguesa (1910 – 1926): educação, ruptura e continuidade, um balanço crítico.* Encontros Ibéricos de História da Educação. 5º Encontro. 2003, p. 161-192. Consulta em 04 dez 2017. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?docex=1&url=http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15055.pdf

CIDADE, Hernani. *Luís de Camões: o épico*. 5.ed. Lisboa: Bertrand, 1968.

_____. *Luís de Camões: o lírico*. 3.ed. Lisboa: Bertrand, 1967.

_____. Permanência de Camões*. Colóquio-Letras* n. 8, Jul. 1972, p. 67-8

COELHO, J. M. Latino. *Luís de Camões*. Porto: Lello & Irmão, 1985

COELHO, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa: Ática, 1961.

_____. *A letra e o leitor*. Lisboa: Ática, 1969.

_____. *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Lisboa: Europa-América, 1983.

_____. Celebrar Camões. *Colóquio-Letras* n. 55, Mai. 1980, p. 05-6

COLÓQUIO Presença de Portugal no Mundo. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1982.

COLLISON, Robert. *Índices e indexação*. Trad. Antônio A. B. de Lemos. São Paulo: Polígono, 1972.

CORREIA, Rita. *Occidente (O). Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro.* Disponível em hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Ocidente.pdf Consulta em 29 dez 2017.

COUTINHO, B. Xavier. *Camões no Mundo do Espaço Cultural*. *Actas do Colóquio Presença de Portugal no Mundo*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1982.

_____. *Ensaios* varia camoniana. Porto: Lopes da Silva, 1941.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais.* Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Carlos Manoel Ferreira. *III Centenário da morte de Camões (1880)*. Universidade do Minho, Repositorium. 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/17069/4/III%20Centenário%20da%20morte%20de%20Camões%20(1880).pdf> . Acesso em: 26 set. 2016.

_____. *A Construção do Discurso da História Literária do Século XIX*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho, 2002.

CUNHA, P. J. F. *A Renascença Portuguesa: aspectos do seu legado jurídico-político*. Notandum, n. 31, jan/abr 2013. Disponível em: <http://docplayer.com.br/14518697-A-renascenca-portuguesa-aspetos-do-seu-legado-juridico-politico.html> Acesso em: 07 nov. 2016.

DELILE, Maria Manuela Gouveia; MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. *A recepção do teatro de Schiler em Portugal no século XIX. I – O drama Die Rauber.* Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra,1980.

DIMAS, Antônio. *Tempos eufóricos:* análise da revista *Kosmos*, 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaios, 88).

EAGLETON, T. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
ELIOT, T. S. *Ensaios de Doutrina Crítica*. Trad. Fernando de Mello Moser. 2 ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

ELIOT, T. S. Tradição e Talento Individual. *In; Ensaios*. São Paulo: Art Editora, 1989.

ESPEJO, Carmen. *European communication networks in the early modern age: A new framework of interpretation for the birth of journalism.* Media History, v. 17, n.2, p. 189-202, 2011.

ESTEFÂNIO, Abel. *O pacto sucessório revisitado: o texto e o contexto.* Medievalista online, n. 10, jul/dez 2011. Disponível em : <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/estefanio1002.html >. Acesso em: 05 abr. 2016.

FIALHO, Irene. *Geração de 70 – República antes da república.* Convergência Lusíada, n. 28, jul/dez 2012. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/pdf/1875.pdf > .Acesso em: 10 maio 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice, NORONHA, Jovita Marinha Gerhem. *Identidade nacional e identidade cultural.* Disponível em: <https://view.officeapps.live.com/op/view.aspx?src=http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/dados/obras/identidade%20nacional%20e%20identidade%20cultural.doc >. Acesso em : 26 jul. 2016.

FREIRE, Antonio. *Humanismo clássico*. 2. ed. aumentada. Braga: APPACDM, Distrital de Braga, 1996.

FRYE, N. Introdução polêmica. In: _____. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.

FOSKETT, A. C. *A abordagem temática da informação*. Trad. Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1913.

GARCIA DE ORTA, Revista da Junta de Investigação de Ultramar, Lisboa, n. especial comemorativo do IV centenário da publicação de Os Lusíadas, 1972.

GARRETT, Almeida. *Camões*. Porto: Porto, s/d. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/explorar-por-autor.html?aut=1049 >. Acesso em: 19 out. 2016.

GONÇALVES, Maria Madalena. *O Camões garrettiano.* Jornada de Estudos Garretianos. Oxford, 26 Nov. 1999. Disponível em: <http://purl.pt/96/1/programa/jornada_est_garretianos03.html> Aceso em: 19 Out. 2016.

GRAÇA, Aranha. O grande problema. *A Escola Nova*, Ano I, nº 2, 17 Dez 1911, p.11.

HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal: desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Affonso III*. Lisboa: 1875. Disponivel em: <http://purl.pt/325> Acesso em: 12 out. 2016.

HERMAN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWN, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

HOMEM, Amadeu Carvalho. *A ideia republicana em Portugal: O contributo de Teófilo Braga.* Coimbra: Livraria Minerva, 1989.

_____. Jacobinos, liberais e democratas na edificação do Portugal contemporâneo. In: *História de Portugal.* São Paulo: UNESP, 2000.

HUE, Sheila Moura. *Camões entre seus contemporâneos, Sobre a Recepção da Obra Camoniana no Século XVI.* Rio de Janeiro: PUC, 2002.

JANEIRA, Armando Martins. *Camões na literatura mundial*. Garcia de Orla, Revista da Junta de Investigação de Ultramar, Lisboa, n. especial comemorativo do IV centenário da publicação de Os Lusíadas, 1972.

JUDICE, Nuno. *A ideia nacional no período modernista português. Revista da Faculdade de Ciências Sociais Humanas*, n. 9, Lisboa, Edições Colibri, 1996, pp. 323-333.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica.* São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Luís Costa (org*.) A literatura o leitor:* textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LINTON, G. *A pesquisa bibliográfica em nível universitário*. Trad. Terezine A. Ferraz. São Paulo: McGraw do Brasil, 1975.

LOMAS, T. (2016). The magic of ‘untranslatable’ words: Building a positive cross-cultural lexicography. Scientific American, 12 July. Disponível em: https://www.drtimlomas.com/blank-1 Consulta em: 08 mai 2017.

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O labirinto da saudade*. 9. ed. Lisboa: Gradiva, 2013.

_____. *Poesia e metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

LUKÁCS, Georg. Epopéia do romance. In*: _____. Teoria do romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, 1962. p. 61-76.

MACEDO, Helder. *Camões e a viagem iniciática*. Lisboa: Moraes, 1980.

MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACHADO, Verônica Castanheira. *Um debate no oitocentos: Alexandre Herculano e a polêmica em torno do milagre de Ourique.* In: Caderno de resumos & Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo. Tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008. Disponível em <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/veron.pdf >. Acesso em 12 out. 2016.

MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.) Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

MARQUES, A. H. O. *História de Portugal.* São Paulo: UNESP, 2000.

_____ *Guia de História da 1ª. República Portuguesa.* Lisboa: Editorial Estampa, 1981.

_____, Gentil. *Lendas de Portugal.* Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.

MARTINS, António Coimbra. *Esperanças de abril*. Lisboa: Perspectivas e realidades, 1981.

MARTINS, J.P.O. *Camões: Os Lusíadas e a renascença em Portugal*. 3. ed. Lisboa: Guimarães, 1962.

MARTINS, M.H. (Org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: Editora do SENAC/Itaú Cultural, 2000.

MARTINS OLIVEIRA. *Camões, Os Lusíadas e a Renascença em Portugal.* Lisboa: Guimarães Editores, 1952.

_____. *História de Portugal.* Lisboa: Guimarães Editores, 2010.

_____. *Portugal e o Socialismo – Exame constitucional da sociedade portuguesa e sua reorganização pelo socialismo.* 2. ed. Guimarães Editores, 1953.

MATOS, M. Vitalina Leal de. *A lírica de Luís de Camões.* (apres. crít., sel., notas e sugestões para análise). Lisboa: Editorial Comunicação, 1979.

MATOS, S. C. Conceitos de Iberismo em Portugal. *Revista de História das Ideias*. Coimbra, v. 28, Portugal, p. 169-192, 2007.

MATTOSO, José. *História de Portugal: a* formação da nacionalidade. São Paulo: EDUSC/UNESP, 2000.

MEDINA, João. *A geração de 70:* uma geração revolucionária e europeísta*.* Cascais: Instituto de Cultura e Estudos Sociais, 1999.

_____. *Os penhascos e a serpente e outros ensaios camonianos*. Lisboa: Quetzal, 1987.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa.* 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

MOLINA, Lucas Giehl. *Da prática à teoria: o método iconológico de Erwin Panofksy (1921, 1939, 1955)*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

NAÇÃO PORTUGUESA. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, *I Série nº 1.* 1914-1938.

NEJAR, Carlos. Camões e a épica de um povo. In: *Revista Colóquio-Letras. Notas e comentários,* nº 74, Jul. 1983, p. 67-69.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo.* Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

O OCCIDENTE: REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO. Lisboa: Manuel de Macedo Atelier de Gravura, n.01 - n.1315. 1878-1915.

ORPHEU: Edição Facsimilada., 2. ed., Janeiro de 1994. Lisboa: Contexto, 1994.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho. *A renascença e Os Lusíadas*. São Paulo: Escola de Comércio “Álvares Penteado”, 1941.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais.* São Paulo: Perspectiva, 2011.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Camoens en France. *Estudos sobre a projecção de Camões em Culturas e literaturas estrangeiras*. Lisboa: Acad. das Ciências de Lisboa, 1984.

_____. *Imagens de Portugal na cultura francesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

PASCOAES, Teixeira de. *A arte de ser português.* 2 ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

_____. *A era lusíada*. Porto, Renascença Portuguesa, 1914.

_____. *O espírito lusitano ou o saudosismo. filosofia da saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

PEREIRA, V.L.C. As muitas vidas de Camões: ressonâncias biográficas camonianas na literatura luso-brasileira oitocentista. 2015. 299f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

PEREIRA, Victor. *A ditadura de Salazar e a emigração.* Lisboa: Universidade Industrial da Maia, 2014.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 1998.

_____. *Ultimatum e páginas de sociologia política*. Lisboa: Editora Ática Lisboa, 1980.

PIMENTEL, Manuel Cândido. O mito de Portugal em suas raízes culturais. In: MATOS, Artur Teodoro de; LAGES, Mário Ferreira (coord.). *Portugal: percursos da interculturalidade*. Lisboa: Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural, 2008., v. 3, p. 7-52.

PIMPÃO, Álvaro J. da Costa. *Escritos diversos*. Coimbra: 1972.

PIRES, A. M. B. M. *Os Lusíadas, A Mensagem e As Comemorações Camonianas.* Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/572/1/AntonioMachadoPires_p41-58.pdf Consulta em: 08 jun 2017

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea.* São Paulo: Contexto, 2016.

QUEIROZ, Eça de. *O crime de padre Amaro: cenas da vida devota.* Porto: Lello & Irmão, 1976. v.1 (Obras de Eça de Queiroz).

QUEIRÓS, Eça de. *Novos Factores da Política Portuguesa*. Revista de Portugal. Volume II. Abril de 1890, p. 526-541.

_____. *Os Maias*. https://www.livros-digitais.com/eca-de-queiros/os-maias/1 Consulta em 23 dez. 2017.

QUEIRÓS, Luís Miguel. *O regresso de Luíz Vaz*. *Público*, Porto, n. 2228, 16 abr. 1996.

QUENTAL, Antero de. *Causas da decadência dos povos peninsulares.* Rio de Janeiro: Edições Livros de Portugal, 1942.

RAMALHO, Américo da Costa. *Estudos camonianos*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1975.

REIS, Carlos; PIRES, Maria da Natividade. *História crítica da literatura portuguesa: Humanismo e Renascimento; Maneirismo e Barroco*. Lisboa: Verbo, 2002. v. 2-3.

REIS, Carlos. (direção). *História da literatura portuguesa: Renascimento e Maneirismo*. Lisboa: Alfa, 2002. v.2

Reunião Internacional de Camonistas, 5., 1987, São Paulo. *Actas...* São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992.

REVISTA BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, v. 4, p. 357, 1880. O mesmo suplemento comemorativo encontra-se integralmente reproduzido em: MONTORO, R. C. O centenário de Camões no Brasil – Portugal em 1580 – o Brasil em 1880. 2. ed. Rio de Janeiro: Antônio José Gomes Brandão, 1880.

REVISTA CAMONIANA. São Paulo, Instituto de Estudos Portugueses, 1982-1987.

_____. São Paulo: USP, n.01-03, 1964-1971.

_____. São Paulo: USP, n.01-14, 1978-2003.

RICHARDSON, R.J. *Pesquisa social: método e técnicas.* São Paulo: Atlas, 1989.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: IN-CM, 1985.

RODRIGUES, José Maria. *Fontes d'Os Lusíadas*. 2. ed. Lisboa: Atlântida 1979.

ROIG, Adrian. *Echanges Littéraires entre le Portugal et la France sur le thème de Inês de Castro. Les Rapports Culturels entre le Portugal et la France.* Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983.

SAAVEDRA, Miguel Cervantes. *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Porto: Imprensa da Companhia Literária, 1878. v.2

SAMUELS, Andrew, SHORTER, Bani, PLAUT, Alfred. *Dicionário crítico de análise Junguiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

SANDMANN, M. C. *As comemorações do Tricentenário de Camões no Brasil.* Revista Letras, Curitiba, n. 59, p. 197-205, jan/jun 2003.

SANTOS, Alda. Occidente, imagens e representações da Europa. (Mestrado em História). Coimbra, 2009. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/13384 > .Acesso em: 26 jul. 2016.

SANTOS, Eugênio dos. Algumas reflexões sobre a imprensa em Portugal no século XIX. In: *AAVV (Eds) Jornalismo e literatura. Actas do II Encontro Afro-Luso-Brasileiro.* 1986. Porto. Lisboa: Veja, 1988. P. 28-32.

SARAIVA, A. J. LOPES, Ó. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto, 2001.

_____. As épocas da Cultura Portuguesa. In: *A Cultura em Portugal: Teoria e História, I*. Lisboa: Gradiva, 1994. p. 112.

SARAIVA, António José. *História da cultura em Portugal*. Lisboa: Jornal do Foro,1962. v.3.

_____. *Função e significado do maravilhoso n'Os Lusíadas*. Lisboa: Porto Editora, 1987.

_____. *Estudos sobre a arte d'Os Lusíadas*. Lisboa: Gradiva, 1996.

SARAIVA, Hermano José. *Historia concisa de Portugal*. 20. ed. Lisboa: Europa-América, 2000.

SALOMON, P. A actualidade portuguesa em França no século XVIII. *Biblos*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, v.4, 1928.

SARDICA, José Miguel. *O jornalismo e a intelligentsia portuguesa nos finais da Monarquia Constitucional*. *Comunicação & Cultura*, n. 7, 2009, p. 17-38

_____. *O século XX português*. Alfragide: Texto Editores, 2012. (versão digital).

SARDINHA, Antonio. A princípio era o verbo. Lisboa: Editorial Restauração, 1959.

_____. O território e a Raça. In: *A questão ibérica.* Lisboa, 1916. pp 28-31.

SENA, Jorge de. *A estrutura de Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI.* Lisboa: Portugália, 1970.

_____. *Trinta anos de Camões*. Lisboa: Edições 70, 1980. v.1

SERGIO, Antonio. O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares. In: _____. *Ensaios sobre educação.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008.

SERRÃO, Joel (org.). *Cesario Verde: interpretação, poesias dispersas e cartas*. Lisboa: Editorial Minerva, 1957.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico.* 11. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOARES, Maria Luísa de Castro. *Profetismo e Espiritualidade: de Camões a Pascoaes*. Coimbra: [s.n.]. ISBN 978-989-26-0478-7 (PDF).

SOUSA, Jorge Pedro (org). *O pensamento jornalístico português:* das origens a abril de 1974. Covilhã: LabCom Books, 2010.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro – Um Tema Português na Europa*. Viseu: Edições 70, 1987.

SOUZA, Raquel dos Santos Madanêlo. *Convergências e divergências:* revistas literárias e perspectiva*.* São Paulo: USP, 2008.

STIERLE, Karlheinz. *Que significa a recepção dos textos ficcionais?* In: LIMA, Luís Costa (org.). *A literatura o leitor:* textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SUMNER, William Graham. *Folkways: A Study of Mores, Manners, Customs and Morals*. Alexandria: Library of Alexandria, 2012. [Kindle Version]. ASIN: B006L877S8

TENGARRINHA, José (org). *História de Portugal*. São Paulo: UNESP, 2000.

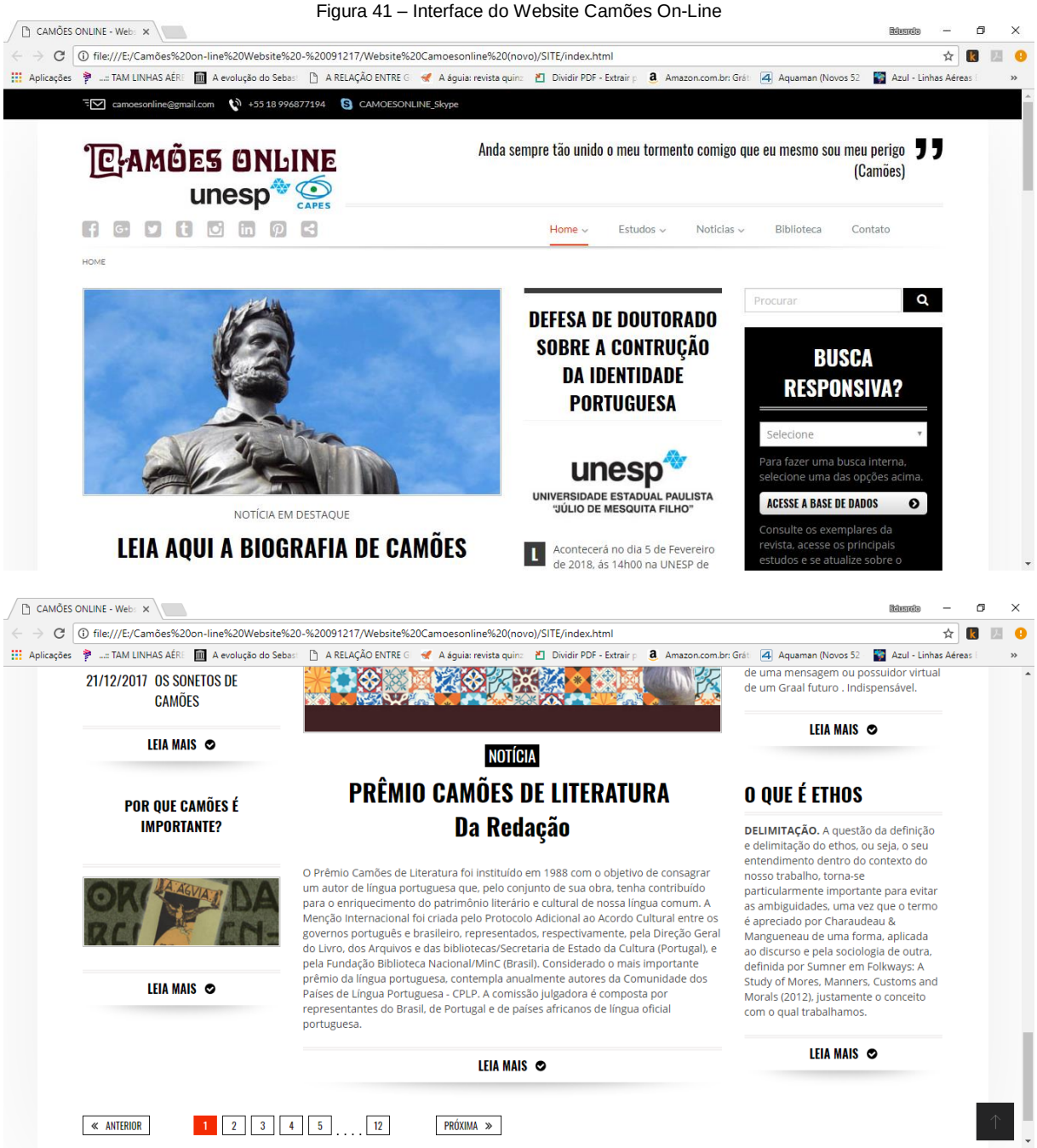
UNFRIED, Rosana Aparecida Reineri. *O peso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina*. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/O%20USO%20DA%20ICONOGRAFIA%20E%20DA%20ICONOLOGIA.pdf> Acesso em 11 jun 2017.

VENÂNCIO, G. M. Comemorar Camões e repensar a nação: o discurso de Joaquim Nabuco na festa do tricentenário de morte de Camões no Rio de Janeiro (1880). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v33n65/11.pdf> Acesso em 16 out. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 *WEBSITE* DE PESQUISA

Figura 41 – Interface do Website Camões On-Line



Fonte: www.camoesonline.com

Usamos a base HTML e interações em A.S.P. Utilizamos o *Dreamweaver* para a programação e as ferramentas da Adobe, como o *Photoshop*, para construirmos o *design* do *website*. O *Dreamweaver* é um poderoso editor visual que gerencia sites de páginas *Web*, oferecendo ferramentas avançadas de desenho e *layout*, facilitando até a utilização de HTML (HyperText Markup Language) para seu melhor aproveitamento.

Fizemos um esquema CSS, dividido em um frame fixo e os demais, variáveis. A página principal possui o menu de opções fixo que, à escolha do internauta, libera o conteúdo solicitado em frames variáveis. Essa página, devido à forma como os *robots* buscam informações na *Web*, é denominada index (.html).

Essas são as características técnicas da ferramenta que desenvolvemos no local de hospedagem em que escolhemos (www.camoesonline.com):

- Linguagens para Linux: PHP 7, 5.6, 5.5 e 5.4, Suporte a CGI;
- Banco de dados: MySQL 5.6, Administração via PHPMyAdmin para MySQL;
- E-mail: RoundCube, Horde 4.3.11, SquirrelMail, Redirecionamento de e-mail, Alias de e-mail
- Painel de controle: cPanel v60, Certificado SSL dedicado Let's Encrypt, Gerenciamento de recursos, Agendador de tarefas, Múltiplos usuários para FTP e gerenciamento de sites, Gerenciador com permissionamento para arquivos e pastas, Estatísticas de acesso aos sites por webalizer e awstats, Estatísticas de uso do espaço web;
- Data Center certificado ISAE 3402: A segurança e a qualidade do data center são garantidas pela International Auditing and Assurance Standards Board, que atesta os controles e gestão dos serviços da Locaweb. Os testes de eficácia seguem as recomendações e padronizações internacionais estabelecidas pelo ISAE (International Standard on Assurance Engagements) 3402.

Mantivemos a *Biblioteca*, fruto da pesquisa de Mestrado, *A recepção de Camões na internet (sites em Língua Portuguesa) e em periódicos literários (revista Colóquio-Letras): sites e textos críticos em banco de dados*, fomentada pela FAPESP.

Figura 42 – Interface principal da Biblioteca Camões On-Line

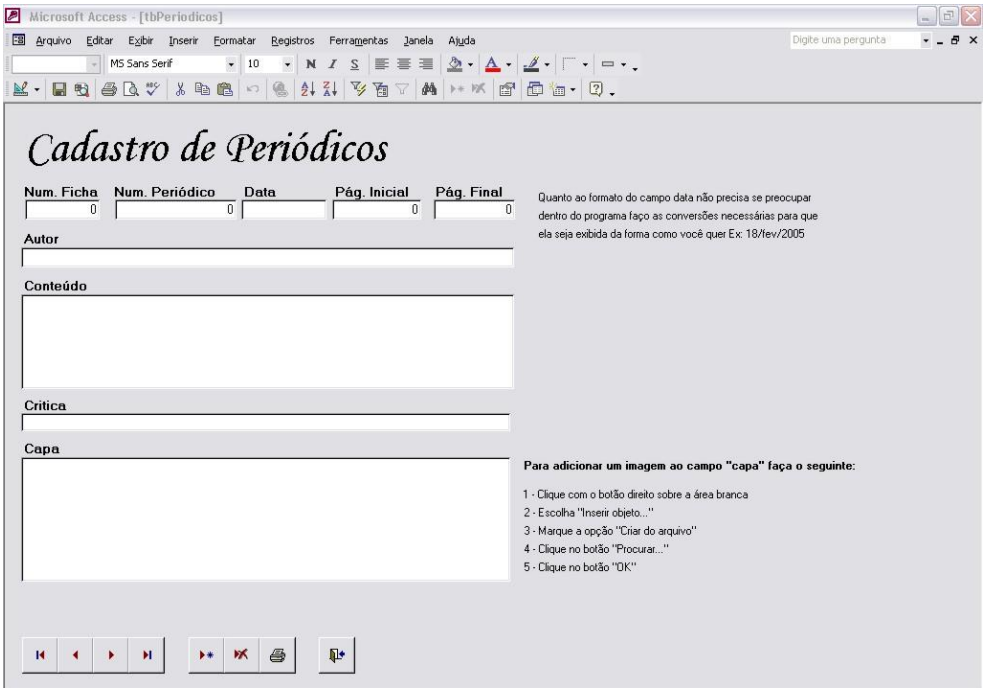
Fonte: www.camoesonline.com

Figura 42 – Interface Secundária da Biblioteca Camons On-Line

Fonte: www.camoesonline.com

Por fim, disponibilizamos um banco de dados para cadastro de periódicos, desenvolvido em Access, distribuído gratuitamente no *website Camões On-Line*. Segue a figura ilustrativa para o novo banco de dados:

Figura 43 – Interface do Banco de Dados



Por meio dos botões adicionar e remover, o usuário pode, conforme seu critério, cadastrar o conteúdo do *website*, acatando as sugestões feitas pela pesquisa, bem como adicionando a sua própria pesquisa, o que potencializa o conteúdo do mesmo.

O *Website de Pesquisa*, seu conteúdo e suas ferramentas estarão disponíveis para utilização pública após a defesa de Doutorado, que ocorrerá em 05 de fevereiro de 2018, mediante a aprovação dos doutores que compõem a banca de exame.

ANEXOS

ANEXO 1 O OCCIDENTE: REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO (INDEX)

TABELA DO CORPUS
FOLHA:01
REVISTA: O Occidente – Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro
DATA DE FUNDAÇÃO: 01 de janeiro de 1878
DATA DE TÉRMINO: 10 de julho de 1915
FORMATO: 35 cm (45 x 35)
NÚMEROS PUBLICADOS: n. specimen (1877), do nº 01 ao nº 1315; Suplemento ao nº 59 – Tricentenário de Camões (1880)
PERIODICIDADE: Quinzenal (01/01/1878 a 01/01/1881); Trimestral (até 10/07/1915).
PREÇO: EXEMPLAR Nº 01 (em réis) – Portugal e Colônias – Anual (24 n.): 2600; Semestral (12 n.): 1300; Trimestral (6 n.): 65; Avulso: 120 – Estrangeiro (União Geral dos Correios) – Anual (24 n.): 3000; Semestral (12 n.): 1500. EXEMPLAR Nº 1296 (último disponível para consulta na Hemeroteca de Lisboa) – Portugal – Anual (30 n.) 3800; Semestral (18 n): 1900; Trimestral (9 n.): 950; Avulso: 150 – Posses ultramarinas – Anual: 4000; Semestral: 2000 – Estrangeiro e Índia - Anual: 5000; Semestral: 2500.
CLIENTELA: diversificada, que incluía ambos os gêneros; público heterogêneo, capaz de ler em vários idiomas (francês, inglês, italiano e espanhol); público interessado em literatura, arte, notícias sobre celebridades e festividades.
ASSUNTOS PRINCIPAIS VEICULADOS: Artes; Literatura; História; Política; Opinião; Entretenimento.
SEÇÕES: Sumario; Chronica Occidental (seção fixa); As nossas gravuras; Notas Soltas; Publicações; Enigma; Espaço para publicidade.
ABRANGÊNCIA DA PUBLICAÇÃO: Portugal; Colônias Portuguesas; Índia; Possibilidade de envio para todos os países da União Geral dos Correios.
COLABORADORES NOTÓRIOS: Guerra Junqueiro; Maria Amália Vaz de Carvalho; Pinheiro Chagas; Cesário Verde; Luciano Cordeiro; Jaime Batalha Reis; Cândido de Figueiredo; Gonçalves Crespo; Ribeiro Artur; Brito Aranha; Ciríaco Tavares da Silva; Gervásio Lobato; João da Câmara; Macedo de Mesquita (João Prudêncio) e Antonio Cobeira.
DIRETORES: Gulherme de Azevedo (Diretor Literário); Manuel de Macedo (Diretor Artístico); Caetano Alberto (Diretor Artístico); Gervásio Lobato; Alfredo Mesquita (João Prudêncio); João da Câmara; Antonio Cobeira.
BIOGRAFIA DOS DIRETORES: **GUILHERME DE AZEVEDO** Poeta, dramaturgo e jornalista: 1839 - 1882 1839: Em 30 de Novembro, nasce em Santarém Guilherme Avelino de Azevedo Chaves, que virá a adoptar o nome literário de Guilherme de Azevedo. Na sua cidade natal, frequenta o liceu e conclui o curso de Humanidades. 1864: Assinando G. Chaves, publica Almanaque de Lembranças, colectânea dos seus primeiros versos. Começa a sair colaboração sua no Comércio de Lisboa. 1865:

Publica textos na Revolução de Setembro, dirigida por Júlio César Machado. 1867: Com um prefácio de Ernesto Marecos, edita Aparições. 1871: Vivendo ainda em Santarém, funda o jornal O Alfageme. Publicação de Radiações da Noite. 1872: Com Jaime de Magalhães Lima funda o Espectro de Juvenal, que se publica até ao ano seguinte. 1874: Primeira edição de Alma Nova, que dedica a Antero de Quental. Fixa residência em Lisboa. 1875: Começa a colaborar regularmente na Lanterna Mágica, na Gazeta do Dia e no Diário da Manhã, onde publica as suas Cartas de Um Birmã. 1878: Assume a direcção da revista Ocidente, cargo que ocupa até partir para França. Estreia-se no Teatro D. Maria II a sua peça em 4 actos Rosalino. É correspondente literário do jornal A Luta, publicado no Porto sob a direcção de Urbano Loureiro. 1879: De parceria com Guerra Junqueiro e sob o pseudónimo colectivo de «comendador» Gil Vaz, sobe à cena no Teatro do Ginásio em 17 de Janeiro e é depois publicada a «revista do ano», ou, como lhe chama, o «relatório em 4 actos, Viagem à Roda da Parvónia. Ramalho Ortigão considera esta peça uma «fiel pintura dos costumes constitucionais». Funda com Rafael Bordalo Pinheiro o António Maria. 1880/81: Em O Primeiro de Janeiro, publicado no Porto, sai semanalmente um folhetim de sua autoria. No Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, assina uma crónica quinzenal. Rafael Bordalo Pinheiro lança o seu Álbum das Glórias, ficando a parte literária a cargo de Guilherme de Azevedo que, sob o pseudónimo de João Rialto, assina as biografias das personalidades caricaturadas por Bordalo (vindo após a sua ida para Paris a ser substituído nessa tarefa por Ramalho Ortigão). A Gazeta de Notícias, jornal do Rio de Janeiro, oferece-lhe o lugar de correspondente em Paris, cargo que Guilherme de Azevedo aceita e que desempenha até à sua morte. Colabora na Gazeta do Dia e em O Pimpão. 1882: Em Março, como sequela da sua doença de infância, é acometido por uma síncope que o deixa muito diminuído, vindo a morrer em 6 de Abril numa casa de saúde de Paris.
Fonte: http://www.vidaslusofonas.pt/biografia.php?id=ykAEzuwWmhB

Manuel de Macedo

Manuel Maria de Macedo Pereira Coutinho Vasques da Cunha Portugal e Menezes, (Verride, 1839 – Lisboa, 1915), foi conservador do Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia e do Museu Nacional de Arte Antiga, a partir de 1911. Professor na Escola de Belas Artes de Lisboa, dedicou-se a várias áreas artísticas. De 1864 a 1883 foi o cenógrafo de vários teatros lisboetas. Editou o Albúm de Costumes Portugueses, em 1888, em conjunto com Rafael Bordalo Pinheiro e Roque Gameiro. Foi aguarelista e caricaturista da sociedade burguesa lisboeta, tradutor e ilustrador de vários romances. Participou, como Director Artístico, na fundação da revista Ocidente, em 1878, publicada até ao ano da sua morte.

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4720933

Alberto, Caetano
(1843-1924)

Colaborador artístico em:
A imprensa : revista científica, literária e artística

Vargas, Afonso, 1859-?
1885-1891

Jornal do domingo : revista universal
Garrido, Augusto de Sampaio, ca. 18--
1881-1888

O occidente : revista illustrada de Portugal e do estrangeiro
Mercês, Francisco António das
1877-1915
Fonte:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Indice/IndiceAutores/ALBERTO_Caetano.htm

Gervásio Jorge Gonçalves Lobato

(Lisboa, 23 de Maio de 1850 — Lisboa, 26 de Maio de 1895) foi um escritor, dramaturgo,jornalista, comediógrafo, tradutor, romancista[1] e professor de declamação português da viragem do final do século XIX. As suas obras retratam a vida na capital portuguesa nessa época, da qual se destaca "Lisboa em Camisa", passado ao cinema em 1960.

Gervásio Lobato foi segundo oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. Exerceu o cargo de professor de declamação na escola dramática do Conservatório de Lisboa. Com o fim de chegar a diplomata, tirou o Curso Superior de Letras e a cadeira deDireito Internacional da Escola Naval, mas acabou por fazer carreira no campo das letras.
A vocação para a escrita já vinha da juventude: aos 15 anos fundou, com alguns condiscípulos, "A Voz Académica", jornal literário, depois publicou um folhetim no "Diário Popular", foi diretor da revista *O Occidente* (1878-1915) e passou a colaborar noutros periódicos, a saber: *Braz Tizana*, "Gazeta de Portugal", "Gazeta Literária", "Recreio", "Jornal da Noite" (fundado por si, por Teixeira de Vasconcelos e outros), "Diário Ilustrado", "Progresso", "Correio da Noite", "Século", "Diário de Notícias", *O Pantheon* (1880-1881), *Ribaltas e Gambiarras* (1881), *Jornal do domingo* (1881-1883), *A illustração portugueza*[(1884-1890), *A semana de Lisboa* (1893-1895), *Branco e Negro* (1896-1898) e *Brasil-Portugal* (1899-1914) etc. Ainda fundou, com Pinheiro Chagas, "A Discussão", depois "Diário da Manhã" e, mais tarde, "Correio da Manhã" e "O Contemporâneo", com Salvador Marques e Sousa Bastos. Também se encontra colaboração póstuma da sua autoria na *Revista de turismo* iniciada em 1916.

Dedicou-se à escrita dramática e escreveu *O Rapto de um Noivo*, com Maximiliano de Azevedo, comédia em 1 acto que foi representada no Teatro Dona Maria II. Depois foram duas comédias para o Ginásio: *No Campo* e *Debaixo da Máscara* (1873).

Seguiram-se numerosas peças originais ou traduzidas e adaptadas, representadas em todos os teatros portugueses: "As Noivas do Eneias" (1892), "Medicina de Balzac", "Sua Excelência" (1884), "O Comissário de Polícia" (1890), etc.; algumas operetas como "Cocó, Ranheta e Facada" e também novelas. Há quem diga que estas operetas de Gervásio Lobato estão na origem da "revista a portuguesa" com a sua certeira e caustica cronica de costumes.

Por altura da representação d'*O Festim de Baltasar* (1892), com fins caritativos, foi agraciado pelo Rei com o oficialato da Ordem de Santiago. Têm ainda relevância actual as suas novelas e romances: *A Comédia de Lisboa* (1878), "A Primeira Confessada" (1881), Os Invisíveis de Lisboa" (1886-1887), *Os Mistérios do Porto* (1890-1891), *A Comédia do Teatro*, "O Grande Circo" (1893). "Nelas (comédias e farsas) e nos romances que escreveu se faz o processo bem-humorado, mas certeiro, da pequena e média burguesia lisboeta do fim do século, captada nos seus ridículos e manias, na sua vacuidade e mesquinhez de ambições políticas e mundanas".

É ainda célebre (talvez a mais célebre) a sua novela *Lisboa em Camisa* (1890), sobre uma família burguesa de Lisboa. É uma descrição bem-humorada de uma certa classe burguesa que aspira a voos mais altos e se fica invariavelmente pelos negócios comezinhos, pelo "parecer", já que lhe falta a fibra autêntica dos homens dinâmicos.

Casou com Maria das Dores Pereira d'Eça d'Albuquerque e é antepassado do humorista Nuno Markl.

Tem uma rua com o seu nome em Campo de Ourique, Lisboa.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gerv%C3%A1sio_Lobato

Alfredo de Mesquita Pimentel

(Angra do Heroísmo, 16 de Julho de 1871 — Paris, 20 de Maio de 1931), mais conhecido por **Alfredo de Mesquita**, foi um jornalista, escritor,olisipógrafo e diplomata português. Foi redactor do *Jornal do Comércio*, do *Diário de Notícias* e da revista *O Ocidente*. Colaborou, também, nos jornais humorísticos *António Maria* e *Paródia*. Publicou uma extensa obra literária, incluindo biografias, ensaios literários, contos, teatro, literatura de viagens e um romance. Pertenceu à Maçonaria, com iniciação em 1892, na Loja Tolerância, em Lisboa.

Nasceu em Angra, filho do industrial e intelectual João Marcelino de Mesquita Pimentel, fabricante de sabões e pioneiro na indústria açoriana de tabacos.
Começou a sua carreira de jornalista e escritor fundando em 1887, conjuntamente com Joaquim Borges de Menezes, o jornal *Os Binóculos*, publicação mensal de crítica social que se publicou na cidade de Angra do Heroísmo. Ao tempo era ainda estudante do Liceu de Angra do Heroísmo, estabelecimento onde concluiu o ensino secundário.

Terminados os estudos em Angra, partiu para Lisboa, onde se matriculou no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, por onde se diplomou.

Alguns anos depois foi nomeado secretário da Escola Naval, sendo depois transferido para funções na biblioteca daquele estabelecimento de ensino militar. Passou depois para a Biblioteca da Marinha, onde escreveu os primeiros livros.

Em Lisboa, iniciou a sua carreira de publicista na folha semanal *O Crédito*. Passou depois a colaborar nos diários *Democracia Portuguesa*, *Nacional*, *Portugal*, *Correio Nacional*,*Jornal do Comércio*, *Comércio do Porto* e *Diário de Notícias*. Colaborou na revista *O Ocidente*, sob pseudónimo de *João Prudêncio*, mostrando talento na crítica literária. Colaborou nos jornais humorísticos *António Maria* (1879-1899) e *A Paródia* (1900-1907). Foi um dos publicistas portugueses que integrou a redacção do *Portugal na Guerra* (1917-1918). Também colaborou em diversas revistas, nomeadamente no *O*

Occidente (1878-1915), *Branco e Negro* (1896-1898), *Brasil-Portugal* (1899-1914), *Serões* (1901-1911), *Illustração portugueza* (iniciada em 1903), *A republica portugueza* (1910-1911), *Atlântida* (1915-1920) e *Ilustração* [1] (iniciada em 1926). Foi delegado da Associação de Jornalistas de Lisboa em diversos Congressos de Imprensa realizados em Itália, França, Suíça e Estados Unidos da América.

Alfredo Mesquita estreou-se como escritor com um estudo sobre *Júlio César Machado* a que se seguiram inúmeros títulos como *Vida Airada* (1884), *De Cara Alegre*, *Portugal Moribundo*, *Lisboa* (1903), *A Rua do Ouro* (1905), *Memórias de um Fura-vidas* (1905) e *Alfacinhas* (1910). Foi autor, com Teotónio Simão da Câmara Lima (casado com uma sua tia), do libreto da revista *Na Ponta da Unha* que foi representada no Teatro da Rua dos Condes. Como escritor revelou o seu espírito humorístico e crítico profundo.

A partir de 1911, iniciou uma carreira diplomática como cônsul. Prestou serviço em Durban (26 de Maio de 1911), Ourense (15 de Julho a 3 de Outubro de 1911, interino),Melbourne (1 de Novembro de 1911), Constantinopla (Dezembro de 1911 a Dezembro de 1916), Roma (20 de Fevereiro de 1917 a 1918), Nova York (3 de Abril de 1918 a 1919) e Hamburgo (27 de Maio a Dezembro de 1919). De 6 de Dezembro de 1919 a 1922, foi secretário da Legação Portuguesa em Paris. A partir de Março de 1921 prestou serviço na Direcção Geral dos Negócios Comerciais e Consulares em Lisboa, passando à disponibilidade a 14 de Março de 1922. Fixou então residência em Paris, onde geriu um hotel.

Na sua carreira diplomática distinguiu-se durante a sua estadia em Constantinopla (hoje Istambul), para onde foi nomeado a 16 de Outubro de 1911 encarregado de negócios e cônsul-geral de Portugal, ocupando o posto em Dezembro desse mesmo ano.[10] Teve naquele posto consular um papel importante na ajuda aos judeus vítimas do conflito que então opunha otomanos a gregos na Segunda Guerra Balcânica.

Publicou, entre outras monografias, *Portugal Moribundo*, *Memórias de um Fura-Vidas* e *Lisboa*, colecção que a editora lançou sob o título de *Portugal Pitoresco e Ilustrado*. Escreveu uma biografia de João Chagas e o romance *Rua do Ouro*.

Como jornalista, acompanhou a visita régia aos Açores (1901) e a visita régia a França (1906).

Foi secretário da Associação de Jornalistas e Homens de Letras de Lisboa.

Alfredo de Mesquita foi, transição do século XIX para o século XX, um observador privilegiado da vida nos Estados Unidos da América, já que sendo diplomata em Nova Iorque, contactou de perto com a realidade social e política daquele país. Publicou as suas experiências norte-americanas no livro-reportagem intitulado *A América do Norte* (1928), sendo uma das obras portuguesas mais vendidas ao tempo. A obra foi reeditada em 2007.

Foi agraciado com a Ordem Militar de Cristo e a Legião de Honra (França).

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) apoiou recentemente a reedição da obra *A América do Norte* e, em sua homenagem, atribuiu o nome de*Programa Alfredo de Mesquita* a um projecto de apoio à formação de jornalistas açorianos.

Alfredo de Mesquita é lembrado como olisipógrafo na toponímia da cidade de Lisboa.

D. João Gonçalves Zarco da Câmara

(Lisboa, 27 de Dezembro de 1852 - Lisboa, 2 de Janeiro de 1908) foi um dramaturgo português. Foi o primeiro português a ser nomeado para o Prémio Nobel da Literatura, em 1901.

Era filho dos marqueses da Ribeira Grande, D. Francisco de Sales Gonçalves Zarco da Câmara e D. Ana da Piedade de Brígida Senhorinha Francisca Máxima Mascarenhas da Silva. Tornou-se um importante dramaturgo no final do século XIX.

Estudou em Lisboa (Colégio de Campolide) e em Lovaina, na Bélgica, regressando a Portugal com a morte do pai, em 1872. De seguida, estudou na Escola Politécnica e no Instituto Industrial.

Desenvolveu a sua carreira profissional nas obras públicas: construção do ramal de Cáceres e das linhas de Sintra e Cascais e chefiou a Administração Central de Caminhos de Ferro. Posteriormente dedicou-se à escrita, que o tornaria conhecido.

Começou a escrever pequenas peças de um acto ainda no colégio (*O Diabo*, *Nobreza* e *Bernarda no Olimpo*) e outras mais tarde.

Seria, contudo, o drama histórico *D. Afonso VI* que lhe traria o êxito, estreado a 13 de Março de 1890 no Teatro Nacional D. Maria II, com dos melhores actores portugueses do tempo. A peça insere-se na corrente que fez renascer, embora em novos moldes, o drama histórico. De *D. Afonso VI* tem sido notada a "notável fluência dialogal" (REBELLO), apesar do verso dodecassílabo, e a humanidade e o desenho psicológico das personagens, bem como o equilíbrio entre a erudição histórica e capacidade artística. O drama descreve a luta pelo trono em volta do monarca D. Afonso VI.

Alcácer Quibir, outro drama histórico, decorre nas vésperas da batalha que decidiu o destino de Portugal.

A obra-prima de D. João da Câmara é sem dúvida a comédia *Os Velhos*, estreada a 11 de Março de 1893, no mesmo teatro. Não foi bem recebida pelo público e pela crítica de então e só mais tarde teve o reconhecimento merecido. Trata-se um texto de recorte realista, cuja acção decorre no Alto Alentejo, quando se aproximam as obras do caminho-de-ferro. Os Velhos "põem em cena uma animada galeria de criaturas reais, captadas na diversidade dos seus temperamentos, obsessões e afectos" (REBELLO).

Com o texto seguinte, em quatro actos, *O Pântano*, estreado a 10 de Novembro de 1894, já adopta outra corrente literária: o simbolismo, por influência de Maeterlinck.

Escreve mais duas comédias, *A Toutinegra Real* e *O Ganha-Perde*, seguindo-se *A Triste Viuvinha* (1897), também de ambiente alentejano.

Com *Meia-Noite* (1900) funde as vertentes realista e simbolista.

No ano seguinte estreia um folhetim populista, *A Rosa Enjeitada*, oportunidade para uma grande criação da actriz Adelina Abranches. Mais tarde (1929) seria adaptada a opereta por Silva Tavares e Vasco de Macedo.

D. João da Câmara escreveria ainda outras obras de menor valor e ainda várias operetas em colaboração com Gervásio Lobato e Ciríaco Cardoso.

Também colaborou em diversas publicações periódicas, nomeadamente nas revistas *O Occidente* (1878-1915) (como diretor literário), *Jornal do domingo* (1881-1888), *A imprensa*[4] (1885-1891), *A semana de Lisboa* (1893-1895), *A Leitura* (1894-1896), *Branco e Negro*] (1896-1898), *Serões*] (1901-1911), *Revista do Conservatório Real de Lisboa* (1902) e no semanário humorístico *O Casmurro* (1905-1907).

De D. João da Câmara afirmou, em 1903, Raúl Brandão que era um dos maiores dramaturgos portugueses.

Fonte
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Gon%C3%A7alves_Zarco_da_C%C3%A2mara

Ao estudarmos os textos da revista, filtramos os assuntos de acordo com a relevância com o tema da nossa tese, e esse foi o resultado indexado:

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: O tricentenário de Camões – 10 de Junho de 1880
Página: 90
Autor: Guilherme D'Azevedo

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Camões e Natercia
Página: 90
Autor: Pinheiro Chagas

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: A camões – A salvação dos Lusíadas
Página: 91
Autor: Jayme Victor

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Retrato de Camões
Página: 91
Autor: Manuel de Faria e Souza

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Camões – Salvando Os Lusíadas do Naufrágio
Página: 91
Autor: Guilherme D'Azevedo

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: A Camões
Página: 91
Autor: Francisco de Menezes

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Camões lendo Os Lusíadas a D. Sebastião
Página: 91
Autor: Garrett

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Camões e D. Sebastião
Página: 98-99
Autor: João de Deus

Número: 59 - Suplemento
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Restos de Luiz de Camões – Convento de Sant'Anna – Mosteiro dos Jerônimos em Belém
Página: 99-100
Autor: Brito Rebello

Número: 60
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Vasco da Gama
Página: 102-103
Autor: Brito Rebello

Número: 60
Mês: Junho
Ano: 1880
Título: Trasladação dos restos de D. Vasco da Gama
Página: 103
Autor: J.B.

Número: 61
Mês: Julho
Ano: 1880

Título: As nossas gravuras (As festas do Centenário de Camões; Procissão Cívica em Lisboa no Centenário de Camões; Festas do Centenário de Camões)
Página: 112-113
Autor: Casanova; Casanova/Alberto; Casanova

Número: 62
Mês: Julho
Ano: 1880
Título: As nossas gravuras (Festas no Palácio de Cristal do Porto; Festas do Centenário de Camões; O Bairro Camões no 13 de julho de 1880)
Página: 120-121
Autor: J.L.Ponsão; Casanova

Número: 63
Mês: Agosto
Ano: 1880
Título: As nossas gravuras (Aphoteose de Camões; Festas do Centenário de Camões)
Página: 125 e 128
Autor: M. Guimarães; Alberto.

ANEXO 2 A ÁGUIA: ÓRGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA (INDEX)

TABELA DO CORPUS
FOLHA: 02
REVISTA: A Águia – Órgão da Renascença Portuguesa
DATA DE FUNDAÇÃO: 1910
DATA DE TÉRMINO: 1932
FORMATO: 31 cm
NÚMEROS PUBLICADOS: S.1 a 1, nº 1 (Dez 1910) – a 20, nº 3 (Maio/Julho 1932)
PREÇO: 50 réis (nº 01, Ano 1, 1910) – Assinatura: 10 números, 500 réis; 3$00 escudos (n.03, XX ano, mai-jul 1932).
CLIENTELA: intelectualidade portuguesa; classe burguesa do Porto e região; países da Europa, Brasil e Colônias Portuguesas.
ASSUNTOS PRINCIPAIS VEICULADOS: Política, Saudosimo Metafísico (com Teixeira de Pascoaes na direção da revista) e outras teorias sociais; Literatura; Música; Botânica e outras ciências biológicas; História e outras ciências humanas, como a Filosofia; Arte; Matemática e outras ciências exatas.
SEÇÕES: Editorial; Literatura; Sciência; Filosofia e Crítica Social; Arte; Notas e Comentários; Bibliografia; Portugal no Estrangeiro.
ABRANGÊNCIA DA PUBLICAÇÃO: Público lisboeta e portuense (em específico) e público europeu (genericamente). Portugal, Europa e Colônias Portuguesas.
COLABORADORES NOTÓRIOS: Teixeira de Pascoaes; Raul Proença, Antonio Sérgio; Fernando Pessoa; Jaime Cortesão; Raul Brandão; Augusto Casimiro; Mário Beirão; Afonso Lopes Vieira; Antonio Correia de Oliveira; Augusto de Santa-Rita; Ronald de Carvalho; Bento de Oliveira Cardoso e Castro; Visconde de Vila Moura.
DIRETORES: Álvaro Pinto; Tércio de Miranda; Teixeira de Pascoaes; Antonio Carneiro; Leonardo Coimbra; Teixeria Rego; Hernani Cidade; Adolfo Casais Monteiro; Dionísio Sant'Anna, Aarão de Lacerda e Delfim Santos.
BIOGRAFIA DOS DIRETORES: **Álvaro Pinto** http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/Textos/AlvaroPinto.pdf **TEIXERIA DE PASCOAES** Teixeira de Pascoaes, por Maria das Graças Moreira de Sá Uma das figuras mais proeminentes da literatura e da cultura portuguesas do século XX, Teixeira de Pascoaes (Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos) é estruturalmente um poeta-filósofo, mesmo quando se instaura como mentor do Saudosismo ou resvala da poesia para outros géneros literários, cujo hibridismo (de géneros e de linguagem) tem vindo a ser explorado pela crítica moderna. Nascido a 2 de novembro de 1877, em Amarante (Gatão), cursa Direito em Coimbra (1896-1901) e chega a exercer profissão, durante dez anos, no Porto, entregando-se depois, e até à data da sua morte (1952), à escrita, recolhido no solar cujo nome adotou (Pascoaes), no seio da paisagem da sua intimidade – o Marão e o Tâmega,

que eleva, enquanto canto à Terra e à Natureza, em termos míticos e místicos, a uma figura integral do Mundo e do destino humano.

A sua estreia no parnaso português, numa procura de rumo entre as diversas tendências herdadas da viragem do século, não foi brilhante. Em 1895 publica a primeira obra poética, Embriões, que merece a crítica menos favorável de Guerra Junqueiro. Nas obras que imediatamente se seguem, Belo I (1896) e Belo II(1897) e À Minha Alma (1898), transparece já uma vivência original, que toma o Homem como centro e caminho de uma ascensão espiritual crescente, transformando o material em espiritual, a memória em sonho, o Real em Irreal, a presença corpórea em ausência saudosa. As coordenadas do seu universo imaginário, já imbuído do que mais tarde chamaria Saudade, estavam lançadas. Mas a sua consagração só seria alcançada com Sempre (1898), que simboliza o encontro do poeta consigo mesmo. Nesta obra estão já patentes traços que tornarão a sua poesia inconfundível: a fusão do subjetivo e do objetivo; o sentimento religioso das coisas, esse além que, num mesmo instante, se esconde e se revela nas sombras, nos fantasmas e nos espectros; o fascínio pelo mistério e pela substância enigmática de tudo o que o rodeia; a vocação mística, que tudo transforma.

Depois de Sempre, o seu ímpeto de criação parece imparável: surgem Terra Proibida (1900), À Ventura (1901), Jesus e Pã (1903), Para a Luz (1904), Vida Etérea (1906), As Sombras (1907),Senhora da Noite (1909), Marânus (1911) e Regresso ao Paraíso (1912), ou seja, grandes coletâneas de poesia, cuja redação acompanha a reformulação consecutiva da sua obra, em que refunde, amplia e transfere poemas, o que demonstra, contrariamente à visão tradicional que se possuía do poeta, uma atenção extrema pelo aperfeiçoamento formal da sua escrita. Um breve apontamento a algumas destas composições: Para a Luz, dedicado ao irmão que se suicidou, representa, pelos poemas de intuito realista e social que contém, um certo desvio a uma poesia vocacionada para a transcendência; Vida Etérea é, enquanto hino à harmonia cósmica e à procura ansiosa de Absoluto, considerado um dos melhores livros do poeta; As Sombras têm merecido destaque por mais tipicamente desenharem a atmosfera espiritual pascoaesiana; de Senhora da Noite afirma a crítica ter inspirado os dois “finais” de “Ode de Álvaro de Campos”; finalmente, em Jesus e Pã, destaca-se o pendor filosófico do poema, onde estão já presentes os princípios orientadores do Saudosismo como doutrina de restauração nacional, que consubstanciarão também Marânus e Regresso ao Paraíso. De fôlego e estrutura épica, estas duas obras exaltam a Saudade, embora o cunho nacionalista da primeira (a Saudade como deusa portuguesa da redenção) se veja, na segunda, amplificado a uma dimensão universal (a Saudade como valor humano mais perfeito que reconduzirá o Homem ao Paraíso).

Serão estes dois vetores da Saudade – o nacional e o universal – que ditarão a cruzada saudosista do poeta nas páginas d’A Águia, de que é o diretor artístico desde que esta revista se torna órgão da “Renascença Portuguesa” em 1912. Vulto maior desta Associação, transforma-se no teorizador, por excelência, da Saudade, nos seus aspetos políticos, filosóficos e estéticos, entendendo esta como sentimento-ideia caracterizador da fisionomia lusitana e motor do ressurgimento nacional, mas também, enquanto ideia, como criadora de tensões dinâmicas (Lembrança/Esperança, Passado/Futuro, Matéria/Espírito, etc.), nunca abandonadas por completo na sua obra posterior. Desta atividade, a que o seu nome ficou sempre ligado e que obscureceu, durante largos anos, a potencialidade estética da sua escrita, incluem-se textos e conferências como O Espírito Lusitano

e o Saudosismo (1912), O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Poética e Religiosa (1913), A Era Lusíada (1914),Arte de Ser Português (1915) e, já afastado da revista onde se mantém até 1917, Os Poetas Lusíadas (1919). Pela força da sua personalidade e pela grandeza da sua obra, reúne à sua volta, apesar da célebre polémica sobre a Saudade que, nas páginas d' A Águia, o opôs a António Sérgio, uma série de poetas de tendências afins, os chamados poetas saudosistas, de que se salientam aqui António Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Afonso Duarte ou Mário Beirão.

Depois de Elegias (1912) e de O Doido e a Morte (1913), onde, com mais intensidade, a concepção filosófica se une ao lirismo emotivo, a edição de Verbo Escuro (1914) inaugura uma nova via de expressão, a da prosa poética. Prosa e verso passam a coexistir na obra do autor. Citem-se, por exemplo, O Bailado (1921) e O Pobre Tolo(1924), onde os aforismos invadem a tónica lírica da escrita, ou os Cantos Indecisos (1921) e os Cânticos (1925), ou, ainda, a versão, em elegia satírica, de O Pobre Tolo (1930). O acento lírico da prosa e o prosaísmo filosófico do verso tornam-se uma constante na obra de Pascoaes. Desta época, e ainda em verso, são o drama D. Carlos (1925), espécie de contrapanfleto da Pátria de Junqueiro – experiência teatral a que se junta a colaboração com Raul Brandão na tragicomédia Jesus Cristo em Lisboa (1924) –, Painel (1935), curiosa panorâmica de Portugal vislumbrada do Marão, Versos Pobres (1949) e Últimos Versos (1953). A Versos Brancos, de que ainda hoje se não conhece a totalidade das composições, referia-se Pascoaes já como "pensamentos metrificados"

A partir, pois, de 1914, a prosa conquista terreno no panorama literário do autor, com grande variedade de géneros e de interesses, desembocando na redação de grandes biografias que lhe deram renome internacional. A Beira (Num Relâmpago), de 1916, é um livro de viagens que propicia a entrada no mundo imagético do autor – tal como acontece em Duplo Passeio (1942) –onde cada pormenor avistado, paisagem ou gesta humana, é símbolo de uma realidade transcendente, desveladora do sentido mais íntimo das coisas; O Bailado (1921) constitui-se como, nas palavras de Pascoaes, "uma espécie de romaria", viagem pelos "outros" na tentativa de construção de um "eu" simultaneamente individual e universal; O Pobre Tolo, de teor autocaricatural, dá conta do drama da existência humana na sua consciência de Ser e de não Ser ao mesmo tempo; o Livro de Memórias (1927), mais do que um documento histórico preciso, é uma anotação autobiográfica que prima pela reelaboração imposta pela memória, tal como acontece em Uma Fábula (o Advogado e o Poeta), de publicação póstuma em 1978.

Mas é em 1934 que Pascoaes envereda pelas biografias romanceadas que lhe abrem novos caminhos na perscrutação da alma humana. Todos os biografados são figuras relevantes na história espiritual do Homem ou são movidos por sentimentos ou ideias de alcance universal. Irrompem, assim, São Paulo (1934), São Jerónimo (1936), Napoleão (1940), O Penitente: Camilo Castelo Branco (1942) e Santo Agostinho (1945). Porque polémicas (sobretudo a primeira), as biografias contribuíram para chamar, mais uma vez, a atenção do nosso meio cultural para a obra de Pascoaes. Talvez por isso tenha o autor sentido a necessidade de esclarecer quer o seu pensamento poético, o que faz em O Homem Universal (1937), quer o seu conceito religioso, que explicita emA Minha Cartilha, escrita em 1951, mas só editada em 1954.

Duas obras de ficção narrativa marcam ainda a última fase do percurso vivencial do poeta: O Empecido (1950) e Dois Jornalistas (1951), onde, respetivamente, o tema da Saudade e o do Medo são tratados com uma ironia que mais realça o sentido da

dúvida que se pretende inculcar como fonte dinamizadora do sentir e do pensar do Homem.
Herdando, pois, o neogarrettismo e o idealismo finissecular, este antipositivista e antinaturalista por definição (com ecos de Antero, Junqueiro, Gomes Leal, António Nobre e da poética simbolista do Vago e do Indefinido), Teixeira de Pascoaes cria algo de novo na literatura portuguesa com o seu universo imaginário virado para o mistério da alma, para a essência das coisas, para o paradoxo da existência em que tudo e o seu contrário se implicam numa amálgama inesperada, feita de antinomias que, conceptualmente, se harmonizam. Desligando-o do Saudosismo de escola, que, descontextualizado, passou a ser lido como sinónimo de nacionalismo reacionário, a crítica dos últimos vinte anos tem vindo a valorizar, no campo literário e no filosófico, inúmeros aspetos da modernidade de Pascoaes, quer pela conceção filosófica do Homem (ser imaginante e imaginário) como substância mesma da Realidade (Eduardo Lourenço), quer pela virtualidade da sua escrita, com aspetos ainda hoje surpreendentes. A publicação, em curso, da imensa obra de Teixeira de Pascoaes pela Assírio & Alvim, depois de ter ficado incompleto o projeto das suas Obras Completas (ed. de Jacinto do Prado Coelho) pela Livraria Bertrand, os numerosos estudos críticos entretanto surgidos e, até, a recente atenção pela sua obra plástica, revelam o interesse renovado na redescoberta de Pascoaes.
Fonte: http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xx/teixeira-de-pascoaes.html#.Vipz0cWrTIU

Antonio Carneiro

1872-1930
Pintor, ilustrador, poeta e professor
"António Carneiro foi um caso à parte do nosso meio plástico. Nasceu poeta e foi pintor".
(Diogo de Macedo)

António Teixeira Carneiro Júnior nasceu a 16 de Setembro de 1872 em S. Gonçalo de Amarante. Era filho de Francisca Rosa de Jesus, costureira, exposta da Roda, de S. Gonçalo, e de António Teixeira Carneiro.
Teve uma infância difícil. Aos sete anos foi abandonado pelo pai, ficando, pouco depois, órfão de mãe. Sozinho e desamparado, em 1879 foi encaminhado para o internato no Asilo do Barão de Nova Sintra, no Porto. Nesta instituição pertencente à secular Santa Casa da Misericórdia do Porto fez o ensino primário e começou a desenhar, copiando ilustrações de textos religiosos e de periódicos.
O seu talento foi notado de imediato. Por recomendação do professor Adrião Augusto de Sousa Carneiro e do Padre José Marques Dias, bacharel de Direito e director daquele estabelecimento, ingressou, em 1884, na Academia Portuense de Belas Artes, com o apoio da Santa Casa.
Na Academia, o "Mongezinho da Nova Sintra", como era conhecido, fez o curso de Desenho Histórico, entre 1884 e 1890, na qual foi discípulo do mestre Marques de Oliveira.
Nesse ano de 1890 deixou o asilo e começou a frequentar o curso de Escultura, que veio a abandonar depois da morte de Soares dos Reis, em 1889. Deste curso transferiu-se para o de Pintura, onde recebeu ensinamentos de João António Correia.

As letras ainda o inspiravam. Como o inspirariam sempre. Em 1891 editou umaplaquette de poemas. Dois anos depois, em 1893, casou com Rosa Carneiro. Desta união nasceram três filhos: Cláudio (1895-1963), Maria Josefina (1898-1925) e Carlos(1900-1971). O primeiro dos seus descendentes veio a notabilizar-se como músico e compositor, o segundo morreu ainda jovem, vítima de tuberculose, e o mais novo foi pintor.

Em 1895 reencontrou-se com o pai, recém-chegado do Brasil, com quem viajou até Amarante, cidade onde conheceu e fez amizade com o poeta Teixeira de Pascoaes, seu conterrâneo. No ano seguinte terminou o curso de Pintura de História, com a classificação final de dezoito valores.

Pouco depois, em 1897 partiu para Paris após a obtenção de uma bolsa patrocinada pelo Marquês de Praia e Monforte. Na capital francesa instalou-se com a esposa no Boulevard Arago e frequentou a Academia Julien, na qual foi aluno de Jean-Paul Laurens e de Benjamin Constant.

Quando regressou ao Porto foi convidado a leccionar na Academia de Belas Artes do Porto, em 1911, sendo investido na qualidade de Professor de Nomeação Definitiva, responsável pela Cadeira de Desenho de Figura. Corria o ano de 1918.

A par das suas actividades como pintor, professor e poeta, dirigiu a revista portuense Geração Nova e integrou a sociedade Renascença Portuguesa, instituída no Porto em 1911. Para este movimento, promotor da cultura nacional, desenhou o ex-libris, usado em todas as suas edições, nomeadamente na revista A Águia, publicação que dirigiu a partir de 1912 com Teixeira de Pascoaes, sendo o responsável pela coordenação literária e pelas ilustrações.

Durante a sua carreira profissional fez diversas viagens. No Verão de 1899 realizou uma visita de estudo a Itália; em 1912, na companhia da família, voltou a Paris; entre 1914 e 1915 fixou-se no Brasil, ficando hospedado na residência do casal de escritores Júlia e Filinto Lopes de Almeida. Ao Brasil regressaria ainda em 1929.

Em meados do século XX era frequentador das praias de Leça da Palmeira, em Matosinhos, e da Figueira da Foz, e também podia ser visto nas Termas de Melgaço, lugares que retratou exemplarmente em muitas das suas paisagens.

Nos anos que decorreram entre 1893 e 1929, expôs, individual ou colectivamente, em Portugal (no Centro Artístico Portuense, no Ateneu Comercial do Porto, na Santa Casa da Misericórdia do Porto, no Grémio Artístico de Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, na Photografia Guedes e Photografia União, nas sedes da Ilustração Portuguesa e da Renascença, etc.), no Brasil (na Galeria Jorge no Rio de Janeiro, no Prédio Glória em S. Paulo e na Associação Comercial do Panamá em Curitiba) e participou nas exposições universais de Paris (1900), de Saint Louis (1904) e na Exposição Internacional de Barcelona, de 1907.

Este pintor também aplicou a sua arte à ilustração de livros de autores como António Correia de Oliveira (Tentações de São Frei Gil e O Pinheiro Exilado, em 1907, A Minha Terra, em 1915, outras obras em 1916, Virtudes e Heroísmos Lusíadas com Estefânia Cabreira, em 1926, e Canções de Amor, em 1929), João de Deus (Poesias Religiosas, em 1912) e o Visconde de Vila Moura (Doentes da Beleza, em 1913).

Foi homenageado em Amarante com Teixeira de Pascoaes, em 1924, e no Palácio da Bolsa, no centro histórico do Porto, em 1925, ano em que inaugurou o seu atelier na Rua Barros Lima (actual Rua António Carneiro), na zona oriental da cidade, e lhe morreu a filha Josefina, um trágico acontecimento que teve fortes repercussões na sua obra.

Em 1929 foi nomeado director da Academia de Belas Artes do Porto, cargo que não veio a exercer.
A 31 de Março de 1930 morreu no Porto o pintor, poeta, professor António Carneiro, consagrado como o precursor do Simbolismo, uma corrente artística sem continuadores em Portugal. Da sua vasta e singular obra são célebres os retratos de grande densidade psicológica, de companheiros, intelectuais e artistas, como Teixeira de Pascoaes, Correia de Oliveira, Antero de Quental ou Guilhermina Suggia, os múltiplos auto-retratos, realizados em diversos materiais e em diferentes fases da vida, as originais paisagens e as decorações produzidas, por exemplo, para a sala de leitura do Palácio da Bolsa do Porto, sede da Associação Comercial do Porto (Eco, Mensageiro da Linguagem Universal).
Poucos anos depois de morrer, em 1936, foi publicada a sua obra poética Solilóquios: sonetos póstumos, com introdução de Júlio Brandão.
António Carneiro está actualmente representado no Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, em Amarante; na Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão; noMuseu Nacional de Soares dos Reis e na Casa-Oficina António Carneiro, ambos no Porto; naQuinta de Santiago, em Matosinhos; na Casa-Museu Teixeira Lopes, em Vila Nova de Gaia; noCentro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, da Fundação Calouste Gulbenkian e no Museu do Chiado (antigo Museu Nacional de Arte Contemporânea), em Lisboa, e em colecções particulares, como a do Dr. José Manuel Pina Cabral e Nuno Carneiro.
(Universidade Digital / Gestão de Informação, 2008)
Fonte:
https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20ant%C3%B3nio%20carneiro

Leonardo Coimbra

Leonardo José Coimbra (Borba de Godim, Lixa, 30 de Dezembro de 1883 — Porto, 2 de Janeiro de 1936) foi um filósofo, professor epolítico português. Enquanto Ministro da Instrução Pública de um dos governos de Primeira República Portuguesa, lançou as Universidades Populares e a Faculdade de Letras do Porto. Como pensador fundou o movimento Renascença Portuguesa, e evoluiu do criacionismo para um intelectualismo essencialista e idealista, reconhecendo a necessidade de reintegrar o saber das "mais altas disciplinas espirituais", como a metafísica e a religião.
Aos 14 anos Leonardo Coimbra deixou o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel, para se matricular na Escola Naval de Coimbra em 1898. Em 1905 iniciou, na Academia Politécnica do Porto o curso superior de Letras que concluiu em Lisboa quatro anos depois, com média elevada.
Em 1907 fundou e dirigiu, com Jaime Cortesão, Cláudio Basto e Álvaro Pinto, a Nova Silva [1] (1907) (de orientação anarquista), e no ano seguinte fundou a Sociedade dos Amigos do ABC de inspiração huguesca, para combater o analfabetismo. Constitui depois comJaime Cortesão, Rodrigo Solano, Gil Ferreira e Correia de Sousa, o grupo político-literário "Nova Seara", e fundou em 1912 aRenascença Portuguesa, com as suas "Universidades Populares", tendo por órgão a revista A Águia. Em 1913 apresentou a sua tese "Criacionismo" ao concurso de assistente de Filosofia, e no ano seguinte iniciou a sua carreira de político, filiando-se no Partido Republicano Português. Em 1915 leccionou no liceu Gil Vicente, em

Lisboa. Ainda no universo das publicações periódicas, colaborou com a Serões [2] (1901-1911) Atlantida[3] (1915-1920), e Contemporânea[4] ([1915]-1926.
Foi duas vezes ministro de Instrução Pública (1919 e 1923), criou as Escolas Primárias Superiores, reformou a Biblioteca Nacional, fundou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto -- onde foi director e professor --, defendeu, apesar de toda a polémica gerada, a liberdade do ensino religioso nas escolas particulares fiscalizadas pelo Estado.
Foi um dos maiores impulsionadores do Espiritismo em Portugal, tendo feito parte da mesa do I Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa, nos dias 15, 16, 17 e 18 de Maio de 1925.
Incompatibilizando-se com a facção tradicional do seu partido que acabou por abandonar, devido à sua defesa do ensino religioso particular, ingressou na Esquerda Democrática.
Converteu-se ao Catolicismo em 1935, vindo a falecer, pouco depois, num acidente de automóvel.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_Coimbra

HERNANI CIDADE

Ensaísta português, natural do Alentejo. Estudou no Seminário de Évora, prosseguindo estudos no Curso Superior de Letras e doutorando-se em Filologia Românica. Leccionou nos cursos de liceu e, posteriormente, nas Universidades do Porto (1919) e de Lisboa (de 1931 a 1957). Foi mobilizado como oficial miliciano enquanto leccionava em Leiria, e feito prisioneiro em França pelos alemães, aquando da participação do exército português na I Guerra Mundial. Recebeu, posteriormente, a Cruz de Guerra. Durante a sua actividade cultural, colaborou em publicações, como A Águia ou a Seara Nova, e ainda nos jornais O Primeiro de Janeiro, Comércio do Porto e Diário de Notícias. Escreveu ensaios críticos sobre vários escritores portugueses, entre os quais Camões e o padre António Vieira, e dois volumes de Lições de Cultura e Literatura Portuguesa (1956). Fundou com Reynaldo dos Santos e Bernardo Marques a Colóquio —- Revista de Artes e Letras (1959-1970) e, posteriormente, com Jacinto do Prado Coelho, em 1971, a revista Colóquio/Letras. É autor de Ensaio Sobre a Crise Mental do Século XVIII (1929), A Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha, com Um Estudo sobre o Anglo-Germanismo nos Proto-Românticos Portugueses (1930), Luís de Camões. I - O Lírico (1936), Bocage (1936), Padre António Vieira, Estudo Bibliográfico e Crítico (1941), A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina (1943), O Conceito de Poesia Como Expressão de Cultura — Sua Evolução Através da Literatura Portuguesa e Brasileira (1945), Luís de Camões. II – O Épico (1950), Luís de Camões. III – Os Autos e o Teatro do Seu Tempo. As Cartas e Seu Conteúdo Biográfico (1956), Portugal Histórico-Cultural (1957), O Século XIX — A Revolução Cultural em Portugal e Alguns dos Seus Mestres (1957), Lições de Cultura Luso-Brasileira — Épocas e Estilos na Literatura e nas Artes Plásticas (1960), Antero de Quental, A Obra e o Homem (1963), Luís de Camões, A Obra e o Homem (1957), Padre António Vieira, A Obra e o Homem (1964), Bocage, A Obra e o Homem (1965)
Fonte: http://www.escritas.org/pt/biografia/hernani-cidade

Adolfo Casais Monteiro

1908-1972
Poeta, ensaísta e professor

Adolfo Victor Casais Monteiro nasceu no dia 4 de Julho de 1908, na cidade do Porto, freguesia de Massarelos. Filho de Adolfo de Paiva Monteiro e de Victorina de Sousa Casais Monteiro, recebeu uma educação laica que privilegiou os valores da cultura e da intelectualidade, típicos do seu estrato social.
Cinco anos após a implantação da República, Casais Monteiro frequentou, na mesma cidade, o segundo grau do ensino primário no Colégio Almeida Garrett e iniciou os estudos liceais no Liceu Rodrigues de Freitas, ambos no Porto. Em meados dos anos 20, aquando da implantação da ditadura militar, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto para frequentar o curso de Ciências Históricas e Geográficas, acabando por concluir o curso de Ciências Históricas e Filosóficas em 1933.
Nos seus tempos de frequência universitária, no Porto, a acção literária de Casais Monteiro começou a destacar-se quando entrou para a direcção da revista Águia, o que sucedeu no mesmo ano em que publicou a sua primeira poesia, Confusão (1929). Reforçou, então, os laços de amizade com Leonardo Coimbra, de quem recebeu influência. Neste período, iniciou a sua acção política no movimento Renovação Democrática, na secção redactorial. Ao longo da sua vida, fez valer as suas convicções, tornando-se um opositor ao regime do Estado Novo, implantado em 1933, tendo sido detido por diversas vezes.
Em 1931 entrou para a direcção da revista de análise artística e crítica Presença, onde os seus escritos ganharam notoriedade. Até 1940, dirigiu a revista com Gaspar Simões e José Régio, abandonando-a, por essa altura, por dissenções internas que levariam, pouco depois, ao encerramento da revista. Cursou Ciências Pedagógicas em Coimbra, em 1934, realizou Exame de Estado no Liceu Normal, última fase da sua formação pedagógica, e ingressou no Liceu D. Manuel II (anteriormente, Liceu Rodrigues de Freitas, no Porto) como professor. No mesmo ano, casou com Alice Pereira Gomes, irmã de Soeiro Pereira Gomes, de quem viria a separar-se já depois da sua partida para o Brasil. Como aconteceu a muitos intelectuais, opositores ao regime do Estado Novo, Casais Monteiro foi perseguido pelas suas posições políticas, tendo sido afastado compulsivamente do ensino em 1936. Em 1954, viu-se forçado a partir para o exílio, no Brasil.
A sua actividade literária estendeu-se à poesia, ao ensaio, à teorização, ao romance e à crítica. Em 1933, saíram a público as obras Considerações Pessoais (de crítica ensaística) eCorrespondência em Família, em colaboração com o poeta brasileiro Ribeiro Couto. Na década de 40, publicou várias obras de cariz essencialmente poético, destacando-se Canto da Nossa Agonia(1942) e Europa (1946).
Em 1945, participou no MUD (Movimento de Unidade Democrática) e no ano seguinte colaborou no semanário Mundo Literário. Durante o mesmo ano, publicou o seu primeiro romance:Adolescentes. Colaborou, igualmente, em diversas revistas e jornais como a Seara Nova, O Diabo,Animatógrafo. Fez crítica não só literária como de outras áreas (cinema e teatro, por exemplo).
Antes de partir para o Brasil, em 1954, em busca da liberdade de acção que não tinha em Portugal, participou na organização de antologias poéticas e em obras de homenagem a autores brasileiros e estrangeiros.
Após ter emigrado, o seu carácter suavizou do ponto de vista do trato pessoal. Dirigiu cursos sobre temas que lhe interessavam, como a literatura, mas também sobre o romance. No entanto, foi na crítica que Casais mais se destacou. Em 1962,

fixou-se em Araraquara, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras local, Estado de São Paulo.
Na companhia do filho mas não da esposa de quem, entretanto, se tinha separado, permaneceu activo do ponto de vista da produção literária e da colaboração em periódicos como O Globo, Estado de São Paulo ou Portugal Democrático.
Esteve um semestre em Madison, E.U.A., em substituição de Jorge de Sena, seu amigo, como docente. Sendo maior a sua influência no Brasil, publicou, em 1969, a obra Poesias Completas que contém O Estrangeiro Definitivo, que, por sua vez, consagrou a acção literária do autor. Postumamente, em 1984, foi publicada a sua tese de livre docência, intitulada Estrutura e Autenticidade na Teoria e na Crítica Literárias.
Sem que tivesse voltado a Portugal, veio a falecer devido a problemas cardíacos, na sua residência, próxima da do seu filho, em São Paulo, no dia 24 de Julho de 1972.
(Texto de Luís Manuel Gonçalves Pereira, 2008)
Fonte:
https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20adolfo%20casais%20monteiro

Sant'Anna Dionísio
1902-1991
Professor Liceal, Pedagogo e Filósofo

José Augusto de Sant'Anna Dionísio nasceu no Porto, em 23 de Fevereiro de 1902, filho de José de Oliveira Dionísio e de Maria Sant'Anna, realizando o seu percurso escolar como aluno interno em estabelecimentos do ensino particular da cidade. Os estudos primários decorreram no Colégio do Campo, tendo-se apresentado ao Exame de Instrução Primária na Escola de Cedofeita, em 1914; depois, o curso liceal foi completado no Colégio de S. Carlos. No Verão de 1919 obteve a aprovação no respectivo exame liceal, secção de Letras, realizado no Liceu de Alexandre Herculano, Porto, com a classificação de 14 valores. Face ao episódio da "Monarquia do Norte" em inícios desse ano e à subsequente agitação política, afirmou-se como republicano e jacobino, participando nos movimentos juvenis anti-monárquicos, ideário que defendeu ao longo de toda a sua vida.
No ano lectivo de 1919-1920 matriculou-se na recém-inaugurada Faculdade de Letras do Porto, cursando Filologia Românica. A licenciatura foi concluída com 14 valores, a 13 de Novembro de 1924, após a defesa da dissertação "Vida e Pensamento de Nietzsche".
Contudo, o contacto com Leonardo Coimbra e com outros professores da instituição despertaram a sua verdadeira vocação para a especulação filosófica, matriculando-se no curso de Ciências Filosóficas e colaborando na imprensa e na "Renascença Portuguesa" com artigos literários e filosóficos. A 29 de Outubro de 1926 licenciou-se neste segundo curso, obtendo a classificação de 16 valores com a tese "Henri Bergson", uma reflexão pessoal sobre o pensamento filosófico do autor francês.
Colocado como professor contratado de Filosofia no Liceu de Martins Sarmento, em Guimarães, manteve a sua ligação aos antigos professores universitários através do ingresso no corpo directivo das últimas duas séries da revista "A Águia". Nas páginas desta revista, num artigo assinado em 1928, levantou grande polémica ao demonstrar o plágio feito pelo Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, Professor Catedrático

da Faculdade de Letras de Lisboa, ao incluir a versão integral de lições de uma universidade francesa na sua dissertação de doutoramento sobre "Fausto", de Goethe. O teor das acusações contra o futuro Ministro da Instrução Pública resultou na suspensão temporária da revista e na proibição de novos artigos versando tal assunto.

Decidido a ingressar como professor efectivo no ensino liceal público, cursou a Escola Normal Superior de Coimbra e cumpriu o estágio pedagógico no Liceu Normal de José Falcão. No Verão de 1930 realizou em Lisboa o Exame de Estado para o 4.º Grupo liceal (História e Filosofia), defendendo a tese "Didáctica da Filosofia nos Liceus", que lhe mereceu a aprovação aquém das suas expectativas pelo teor controverso de algumas das reflexões. Já como professor liceal efectivo, foi colocado no Liceu do Funchal, sem que tal afastamento inviabilizasse a continuidade da sua produção cultural e acção política através da colaboração na "Seara Nova" e em periódicos continentais, chamando a atenção em conferências proferidas para as necessidades educativas dos arquipélagos insulares.

Desagradado com a classificação obtida no Exame de Estado de profissionalização docente, em 1933, regressou voluntariamente ao Liceu Normal de Lisboa para um novo estágio pedagógico, na qualidade de equiparado a bolseiro no país pela Junta Nacional de Educação. No ano seguinte, realizou novo Exame de Estado com a classificação de 15 valores, obtendo a transferência como professor efectivo para o Liceu de Vila Real, onde viveu entre 1935 e 1940. No Verão de 1935 dirigiu-se à Alemanha para uma visita de estudo, recolhendo, em Berlim e Hamburgo, material para as suas investigações literárias e pedagógicas, em parte relegadas para segundo plano devido à missão empreendida de compilar e difundir a obra do mestre Leonardo Coimbra, após o trágico falecimento deste em inícios de 1936. Esta tarefa saldou-se numa nova polémica com António Sérgio, que desprezara publicamente, em vida, o fundador da 1.ª Faculdade de Letras do Porto, a propósito do reconhecimento da originalidade e relevância do pensamento filosófico do mestre portuense.

Em 1938 dedicou-se à análise do pensamento de Raul Proença, então já gravemente debilitado pela doença, trazendo à ribalta o valor da sua obra "Guia de Portugal". A convite do Estado Novo, ambos reuniram-se para a conclusão dessa obra, trabalhando em conjunto até à morte de Proença, em Maio de 1941. Então, Sant'Anna Dionísio assumiu a direcção do 3.º volume, sendo-lhe concedida uma bolsa de quatro anos pelo Instituto da Alta Cultura. No ano lectivo de 1947-1948 conseguiu a transferência para o Liceu D. João de Castro, em Lisboa, a que se seguiu nova transferência, no ano imediato, para o Liceu de Pedro Nunes, onde fundou a revista "Palestra" (1958).

Apesar de afastado do grupo da "Filosofia Portuguesa", que compreendia parte de antigos colegas dos cursos universitários no Porto, não deixou de aprofundar as suas especulações filosóficas e de reavivar a memória de Leonardo Coimbra, através de artigos publicados na imprensa e da participação em conferências nacionais e internacionais. Desde 1956, e durante dezasseis anos, integrou anualmente o júri dos Exames de Aptidão a Filosofia para a matrícula na Faculdade de Direito de Lisboa.

Em 1969 usufruiu da equiparação a bolseiro no país patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, para poder concluir o 4.º volume do "Guia de Portugal", ao qual se dedicou nos quatros anos seguintes. Com o anúncio da criação da 2.ª Faculdade de Letras do Porto, homologada pelo Decreto-Lei n.º 43 864, de 17 de Agosto de 1961, requereu provas públicas para o lugar de Professor Extraordinário

em Ciências Pedagógicas, perante a indignação dos antigos alunos que não reconheciam a sucessão magistral entre as duas instituições universitárias. Ao concurso, que decorreu em meados de 1962, apresentou a dissertação "Pedagogia Culminante dos Gregos". Reprovado pelo júri do concurso, viu-se obrigado a voltar ao magistério liceal no Liceu de Pedro Nunes.
Regressou ao Porto após a jubilação, em 1972, continuando a sua obra científica e jornalística e intervindo activamente em organismos culturais como a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e integrando a Comissão de Honra da "Nova Renascença". Faleceu aos 89 anos nesta cidade, a 5 de Maio de 1991.
(Universidade Digital / Gestão de Informação, 2008)
Fonte:
https://www.google.com.br/search?q=wikipedia&oq=wikipedia&aqs=chrome..69i57j69i65l3j0l2.1343j0j9&sourceid=chrome&es_sm=0&ie=UTF-8#q=biografia+sant%27anna+dion%C3%ADsio+revista+a+%C3%A1guia

Aarão de Lacerda
Aarão Soeiro Moreira de Lacerda (1890 — 1947) foi escritor e professor na Faculdade de Letras e Escola de Belas Artes do Porto(EBAP).

Aarão de Lacerda acumulou ao longo de sua vida vários títulos e funções. Começou a sua carreira por ser discípulo de Joaquim de Vasconcelos. Com apenas 25 anos, em 1915 organizou a sua primeira exposição de Modernistas e Humoristas, no Porto, juntamente com Diogo de Macedo, João Lebre e Lima e Nuno Simões. Tal exposição foi acompanhada de um programa paralelo de conferências e serões musicais. Nesse mesmo ano publicou a sua obra Da Ironia, do Riso e da Caricatura.
Em 1918, foi nomeado professor efectivo para a regência das cadeiras de História de Arte e Arqueologia artística geral e portuguesa. Também neste ano, foi fundador, juntamente com José Ferreira, Mendes Correia e Luís Viegas da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
No ano de 1924, lança O Fenómeno Religioso e a Simbólica que é um actual e valioso estudo sobre antropologia, arqueologia e história da arte portuguesas, expandindo-se para lá do tema da obra. Em 1929, publicou um estudo fundamental intitulado "História da Arte Portuguesa", inserido na obra História de Portugal, dirigida por Damião Peres.
Em 1939, Aarão de Lacerda foi nomeado director da Escola de Belas Artes do Porto, por portaria de 23 de Outubro. Mais tarde, a 16 de Novembro assume pela primeira vez a presidência do conselho escolar.
Em 1942, publicou o 1º volume da sua mais famosa contribuição literária, História da Arte em Portugal. Era nessa altura professor de História Geral da Arte (8ª cadeira) na EBAP.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aar%C3%A3o_de_Lacerda

Delfim Santos

Delfim Pinto dos Santos (Porto, 1907 — Cascais, 1966) foi um filósofo, pedagogo, escritor e professor universitário português. Como autor cultivou o tratado filosófico, o ensaio, o memorialismo, o diário, a oratória, a crítica (literária e cinematográfica) e acrónica.

Nascido no Porto, começou a trabalhar aos onze anos, ajudando o pai, Arnaldo Pinto, na sua oficina de ourivesaria. Pouco após a morte deste, ocorrida em 1922, quando o filho tinha apenas quinze anos, compreendeu que a sua vocação seria o caminho dos estudos e inscreveu-se no ensino liceal noturno, concluindo em 1927 o Curso Complementar de Ciências e o de Letras. Por essa altura foi um participante empenhado nas atividades culturais e desportivas da Associação Cristã da Mocidade, de caráterprotestante.

Em 1931 licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi aluno de Leonardo Coimbra, de quem se tornou amigo e admirador, embora não discípulo do filósofo do Criacionismo. Teve outros professores como Teixeira Rego, Newton de Macedo, Luís Cardim e Aarão de Lacerda e foram seus condiscípulos Álvaro Ribeiro, Agostinho da Silva,Adolfo Casais Monteiro, Sant'Anna Dionísio e José Marinho, entre outros. Após o curso iniciou estágio no Liceu Nacional José Falcão, em Coimbra (1931-1932), durante o qual se associa aos animadores do grupo da presença - José Régio, João Gaspar Simões e Alberto de Serpa - interrompendo no ano letivo seguinte para completar as cadeiras pedagógicas na Universidade de Coimbra e concluindo o segundo e último ano já em Lisboa, no Liceu Normal de Pedro Nunes (1933-1934), onde em Julho de 1934fez o Exame de Estado para habilitação à docência liceal. Prosseguiu a carreira em Lisboa como Professor Associado no Liceu Gil Vicente até 1935.

Em Outubro de 1935 partiu para Viena por dois anos, como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura para estudar com os filósofosMoritz Schlick, Karl Bühler e Othmar Spann, tendo participado dos seminários do Círculo de Viena. Escreveu então uma obra crítica sobre o Neopositivismo, intitulada Situação Valorativa do Positivismo, que apresentou como relatório final de bolsa de estudo ao IAC. No semestre de Inverno de 1936 partiu para Berlim para um primeiro contato com Nicolai Hartmann e com Eduard Spranger, seguindo depois para o University College de Londres em 1937 para estudar com John Macmurray, e logo após para o Trinity College (Cambridge), para onde se exilara parte do Círculo de Viena, e onde trabalhou com Charlie Dunbar Broad[1] e com George Edward Moore - este último seria substituído em 1939 por Ludwig Wittgenstein, vindo do círculo vienense e acolhido nessa universidade.

Em 1937 regressou a Portugal, para logo partir de novo para a Alemanha como leitor de língua portuguesa na Universidade de Berlim. Aí frequentou de novo os seminários de Nicolai Hartmann e familiarizou-se também com o pensamento de Martin Heidegger, de cuja obra se tornou atento leitor e comentador. Recebeu em 1940 o grau de doutor pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com uma dissertação escrita sob orientação de Hartmann e versando sobre Conhecimento e Realidade, voltando novamente para Berlim até 1942, data em que regressou definitivamente a Portugal.

Após uma breve passagem pelo Liceu Camões, onde foi professor dos futuros escritores José Cardoso Pires e Luiz Pacheco, foi convidado no início de 1943 a integrar o quadro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde ingressou na Seção de Ciências Pedagógicas com a categoria de segundo assistente e iniciou aí uma brilhante carreira de professor; em 1946 concorre a professor extraordinário da mesma Seção com a dissertação Fundamentação Existencial da Pedagogia e em 1950 torna-se o primeiro professor catedrático de Pedagogia em Portugal. Regeu as cadeiras de História da Educação, Organização e Administração Escolar; Moral; e História da Filosofia Antiga (1943-47), bem como, desde 1948, o curso de

Pedagogia e Didática. Também foi professor de Psicologia e Sociologia no Instituto de Altos Estudos Militares em diversos anos letivos entre 1955 e 1962.
Participou em numerosos congressos internacionais de filosofia na Europa e em 1949 integrou a delegação portuguesa ao Congresso Nacional de Filosofia em Mendoza, Argentina; em 1954 tomou parte, com outros intelectuais portugueses, nas comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, que então decorreram na capital paulista, nomeadamente como locutor na sessão plenária inaugural do Congresso Internacional de Filosofia. Idêntica distinção lhe foi conferida no Primeiro Congresso Nacional de Filosofia em Portugal, realizado em Braga em 1955.
Tendo-se destacado pelas suas abordagens científicas e filosóficas aos temas pedagógicos, nomeadamente na psicologia tipológica ou caracterologia fez em 1962 uma proposta à Fundação Calouste Gulbenkian para a criação do Centro de Investigação Pedagógica dessa Fundação, tornando-se seu diretor desde 1963 até à sua morte ocorrida em 1966.
Foi membro efetivo da Academia das Ciências de Lisboa onde ocupou a cadeira n.º 37, precedido por Aquilino Ribeiro e sucedido por Domingos Monteiro e Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE) em 1962.
Entre as primeiras das muitas revistas nas quais viria a colaborar contam-se a Princípio [3] (1930) e a V e última série da revista A Águia, [4] da qual foi diretor (1932).
Em sua homenagem o seu nome foi atribuído a uma escola em Lisboa e a diversas ruas em Portugal, nomeadamente em Lisboa (Telheiras), na Outorela (Carnaxide), em Évora e em Custóias (Matosinhos).

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Delfim_Santos

Ao estudarmos os textos do periódico, observando os textos melhor se relacionavam com as questões abordadas na nossa tese, a triagem resultou na seguinte indexação:

Número: 18
Mês: Junho
Ano: 1913
Título: Camões e a cantiga popular
Página: 177-178
Autor: Teixeira de Pascoaes

Número: 18
Mês: Junho
Ano: 1913
Título: A Luiz de Camões
Página: 183
Autor: Antonio Corrêa Oliveira

Número: 18
Mês: Junho

Ano: 1913
Título: Desenho de Camões de Cristiano Carvalho
Página: 185
Autor: Cristiano Carvalho

Número: 18
Mês: Junho
Ano: 1913
Título: Desenho de Camões de João Augusto Ribeiro
Página: 201
Autor: João Augusto Ribeiro

Número: 25
Mês: Janeiro
Ano: 1914
Título: Regeneração e tradição, moral e economia
Página: 13-23
Autor: Antonio Sergio

Número: 25
Mês: Janeiro
Ano: 1914
Título: Monumentos de Arte considerados como subsídio para a História da Civilização Portuguesa.
Página: 19-27
Autor: Joaquim de Vasconcelos

Número: 26
Mês: Fevereiro
Ano: 1914
Título: Monumentos de Arte considerados como subsídio para a História da Civilização Portuguesa II
Página: 51-54
Autor: Joaquim de Vasconcelos

Número: 27
Mês: Março
Ano: 1014
Título: Monumentos de Arte considerados como subsídio para a História da Civilização Portuguesa III
Página: 87-89
Autor: Joaquim de Vasconcelos

Número: 28
Mês: Abril
Ano: 1914
Título: A idealização legendária no povo português
Página: 116-120
Autor: Jaime Cortesão

Número: 29
Mês: Maio
Ano: 1914
Título: A idealização legendária no povo português (conclusão)
Página: 141-146
Autor: Jaime Cortesão

Número: 29
Mês: Maio
Ano: 1914
Título: O Imperialismo de hoje e o imperialismo peninsular
Página: 159-160
Autor: Antonio Sérgio

Número: 56/57
Mês: Agosto/setembro
Ano: 1914
Título: Aos Lusíadas
Página: 57-63
Autor: Teixeira de Pascoaes

Número: 65/66
Mês: Maio/Junho
Ano: 1917
Título: Interpretação do Sebastianismo
Página: 179-184
Autor: Antonio Sérgio

Número: 79/80/81
Mês: Julho/agosto/setembro
Ano: 1918
Título: As estrelas nas poesias de Camões
Página: 49-58
Autor: Luciano Pereira da Silva

Número: 82/83/84
Mês: Outubro/novembro/dezembro
Ano: 1918
Título: As estrelas nas poesias de Camões II
Página: 87-96
Autor: Luciano Pereira da Silva

Número: 85/86/87
Mês: Janeiro/fevereiro/março
Ano: 1919
Título: As estrelas nas poesias de Camões III
Página: 05-20
Autor: Luciano Pereira da Silva

Número: 85/86/87
Mês: Janeiro/fevereiro/março
Ano: 1916
Título: O valor social do português
Página: 63-72
Autor: A. A. Mendes Corrêa

Número: 106/107/108
Mês: Outubro/novembro/dezembro
Ano: 1920
Título: Paródias aos Lusíadas
Página: 144-150
Autor: Alberto Pimentel

Número: 109/110/111
Mês: Janeiro/fevereiro/março
Ano: 1921
Título: O velho do Restelo – Carta aberta ao ilustre Sr. Professor Fidelino de Figueiredo
Página: 29-34
Autor: Afrânio Peixoto

Número: 106/107/108
Mês: Outubro/novembro/dezembro
Ano: 1920
Título: Luís de Camões (gravura)
Página: 151
Autor: De Columbano

Número: 23-24 (143/144)
Mês: Maio/junho/julho
Ano: 1924
Título: Ode a Camões
Página: 151-153
Autor: Angelo Cesar

Número: 15-16 (135/136)
Mês: Setembro
Ano: 1924
Título: O Sebastianismo na iconografia popular
Página: 113-129
Autor: Pedro Vitoriano

Número: 58 (178)
Mês: abril/maio/junho
Ano: 1927
Título: O lirismo de Camões
Página: 83-103
Autor: Hernani Cidade

Número: 55-56-57
Mês: Janeiro/fevereiro/março
Ano: 1927
Título: Camões lendo Os Lusíadas aos frades de São Domingos (estudo)
Página: 55
Autor: Antonio Carneiro

Número: 59 (179)
Mês: Julho/agosto/setembro
Ano: 1927
Título: A “Ilha dos Amores” Sua situação geográfica
Página: 146-154
Autor: Luís A. Rodrigues Lobo

Número: 59 (179)
Mês: Julho/agosto/setembro
Ano: 1927
Título: Simão Vaz de Camões
Página: 155-162
Autor: Artur de Magalhães Basto

ANEXO 3 – A POLÊMICA ENTRE ANTONIO SERGIO E TEIXEIRA DE PASCOAES NA REVISTA A ÁGUIA.

Troca de cartas entre Pascoaes e Antonio Sergio

1- Epístolas aos saudosistas (Antonio Sérgio) – A Águia nº 22, outubro de 1913, p. 97-103;
2- Os comentários às duas cartas de Antonio Sergio (Teixeira de Pascoaes) – A Águia nº 22, outubro de 1913, p. 104-109;
3- Regeneração e tradição, Moral e economia (Antonio Sergio) – A águia nº 25, janeiro de 1914, p. 01-09;
4- Resposta a Antonio Sergio (Teixeira de Pascoaes) – A Águia nº 26, fevereiro de 1914, p. 33-8;
5- Despedida de Julieta (Antonio Sergio) – A Águia nº 28, abril de 1914, p. 109-112;
6- Última carta? (Teixeira de Pascoaes) – A Águia nº 29, maio de 1914, p. 129-137;
7- Explicações necessárias do Homem da espada de pau ao Arcanjo da espada de um relâmpago (Antonio Sergio) – A Águia nº 30, junho de 1914, p. 170-175;
8- Mais palavras ao Homem da espada de pau (Teixeira de Pascoaes) – A Águia nº 31, julho de 1914, p. 01-05.

LITERATURA

Nº 22 – 1913 Outubro

EPISTOLAS AOS SAUDOSISTAS

I

Deixando de lado os devaneios secundarios e adjacentes, três pontos de vista na saudade importaria esclarecer, atinentes ao prestimo possivel que ela tivesse para vós outros:

1.º Que é realmente a saudade;
2.º Que representou ela nas nossas letras;
3.º Que poderia ela representar hoje.

Como não sejam os longos dizeres os adequados a leves temas, telegraficamente me explicarei sobre cada um destes três pontos.

A saudade contêm, como todo o estado de consciencia, um elemento representativo e um elemento volicional. Mas não são esses que caracterizam a saudade; o que caracteriza a saudade é um certo quê de *sentimento*. Porisso Garrett, o poeta, a definiu bem, e Duarte Nunes, o jurista, a definiu mal...

(Não perdeis nada, ó neo-lusos, abandonando este papá, que Cristovão de Moura comprou para seu amo Filipe II.)

O Saudosismo porêm sustenta que a verdadeira definição não é a de Garrett, mas sim a do jurista: "lembrança de alguma cousa com desejo dela„; e Pascoais propõe esta: "a velha lembrança gerando o novo desejo.„

Ora, repito que sendo a saudade uma nuança de sentimento, muito bem a definiram Garrett e D. Francisco Manuel em termos de sentimento,—e que foi maravilha de espantar que Duarte Nunes e Pascoais se lembrassem de a definir em termos de vontade e representação. O resultado é que estes definiram, não a saudade, não uma caracteristica humana, quanto mais portuguesa, mas um rude facto geral de toda a animalidade. Exemplificando:

Um sujeito vê um dia um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias o nosso homem passa outra vez pelo cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalissimo de sentir a carne do agressôr comprimida entre os seus caninos e... zás, estão daí vocês a vêr a scena. Que se passara na consciencia do animal? Nada de extraordinario: uma velha lembrança gerando um novo desejo:—a saudade (definição de Pascoais.)

Suponha-se agora o dono do cão a comêr uma iguaria nova, e ao lado dele o seu cachorro. O dono estende-lhe um pedaço, e o focinho duvidoso aproxima-se, fareja, estende a dentuça, mastiga

incerto, engole. Gostou. Passam-se dias. O cão vê o dono a comêr o tal petisco, e logo se aproxima, de venta ávida. Que foi? A lembrança de uma coisa com o desejo dela,—a saudade (definição de Duarte Nunes.)

Na vossa obra ha coisas belissimas,—mas não são as *saudosistas*. O *saudosismo* representa, se me permitem a franquêza, uma idea artificial e convencional da literatura. O que vale em arte é o que sai espontaneamente do temperamento do artista e das circunstancias da sua vida...

Houve com efeito muita saudade na literatura portuguesa; mas teve ela suas causas nas condições sociais dos idos tempos. Assentemos isso: tinha a sua razão de ser em condições que já passaram. Vocês teimam em resuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecados pela idea absurda de que certa maneira de certa epoca é uma maneira absoluta, a que nos teremos de sujeitar *per omnia secula seculorum*.

A saudade não era, como agora, premeditada; não foi um programa literario, uma combinação entre poetas, um *mot d'ordre*, uma mania, uma taboleta, um artificio. Não houve mote decretado, para que os discipulos obedientemente e uniformemente glosassem. Repito que teve, meus amigos, suas causas sociais, as quais hoje já não existem.

Ninguem havia previamente combinado escrever assim. A saudade foi resultante de *verdadeiros* apartamentos.

Uns arrastavam-se pelas Indias, "escuro cáos de confusão„: umas Indias infinitamente mais remotas do que as de hoje, não só porque o espirito europeu as não tinha penetrado, mas tambem porque a tornada era um desejo extremamente vago e longinquo, uma travessia muito longa, cheia de perigos e de incertezas...

Para outros era o apartamento amoroso sem saír de Portugal: apartamento resultante das condições sociais daquela epoca. Repito e trerepito, porque não é de mais repeti-lo. Os reis Dons Manueis casaram as *Aonias* aos *Filenos*, deixando o poeta a ver navios, e com as saudades correlativas; as Marias Brandões eram internadas nos Conventos e obrigadas a casar com quem o papá lhes arbitrava. Estes duros casos bem reais impuseram o assunto aos Bernardins. Havia a autoridade absoluta, politica ou familial, que vinha lançar entre os amantes os Luises da Silva e Peros Gatos...

Mas vocês juraram agora fabricar a saudade artificialmente, sem os ingredientes necessarios: sem o rei absoluto e o pai tirano, sem o Convento e sem o Gato. E' impossivel, meus santinhos, é absurdo. A culpa não é minha, nem dos meus colegas estrangeirados: não fomos nós que destruimos essas coisas pavorosas. "A humanidade avança„, diz um dos Cardiais do snr. Dantas. E' pena, é,—mas que querem vocês que lhes eu faça?

O cristão-novo por seu turno era um desterrado na propria terra, quando o não era em terra alheia, como Judas Abarbanel. Membro de uma sociedade cuja maioria o odiava, comprimido,

abafado pela desconfiança e má vontade, vivia na mais falsa e angustiosa das situações morais, com a lusitanante Inquisição a cubiçá-lo, ávida de uma fogueira *purificadora* por via de um naco de toicinho que o desgraçado não comesse...

Modernamente um Herculano escreveu versos que inspiraram o *Desterrado*, de Soares dos Reis. Mas ha duas circumstancias que peço licença para lembrar: Herculano poetou realmente no exilio; Soares dos Reis esculpiu na Italia o *Desterrado*, e foram ambos, pelas circunstancias da sua vida, solitarios.

Porém vocês, meus amigos, criaturas alegres e sociáveis; pacatamente instalados na patria amada, donde ninguem vos tira e onde vos amam todos; felicissimamente casados com as eleitas das vossas almas, ou em vias de matrimonio sem estorvos de maior; vocês, proprietarios uns, professores ou filhos-familias outros, vivendo todos uma vida sem grandes lutas nem paixões,—de que raio teem saudades vocês todos, santo Deus?

Dizem que o saudosismo está de acordo com o espirito contemporâneo. Essa pretenção, como todas as do saudosismo, é precisamente o contrario da verdade. Não poderia ser o desacordo mais perfeito, nem o absurdo mais sensivel.

A afirmação caracteristica e fundamental do espirito contemporaneo é o mobilismo, o avanço, a tendencia para diante, o desejo da acção e da vida ascensional. O pensar do nosso tempo concebe essencialmente a vida como uma marcha para o novo, e mesmo, não raro, como uma carga de cavalaria. Ora a saudade é o contrário de tudo isso: imobilismo, inercia, contemplação do passado, amor de cristalisar ou mumificar o que já foi...

A saudade não fica definida pela "lembrança de uma cousa com o desejo dela„, como quer o Duarte Nunns; ha um certo *quid* sentimental que torna essa lembrança em saudade; mas,—como já disse,—a saudade contém como elemento representativo-volitivo essa lembrança de uma coisa com o correspondente desejo dela,—e por consequencia, o desejo do passado.

Quem é que vive principalmente na saudade? Os velhos, e os desgraçados a quem a morte levou uma pessoa muito querida. Ora, em ambos esses casos se nota, acompanhando sempre a saudade,—o horror do novo, o odio ao movimento, um protesto contra a lei da mobilidade e do dever. Para o velho só merecem estimação as coisas do seu tempo,—a juventude do seu tempo, os costumes do seu tempo, as cantôras do seu tempo. Toda a variação foi uma queda, e todo o mobilismo o indispõe. A' mãe que vive na saudade do filho morto quantas vezes lhe ouvimos nós, mostrando-nos um quarto ou gabinete:—*"Está tudo exactamente como ele deixou. Não consenti que se movesse uma pena!"*

Se a Camões lhe perguntasseis o que a saudade lhe pedia, ele decerto vos dissera que *fixar*, indefinidamente, o seu encontro com Natercia.

Por estes exemplos se vê claro como a saudade contém,

essencialmente, a repugnancia á variação e a negação do mobilismo. A saudade é por isso um gosto amargo, como muito bem afirmou Garrett: o gosto do passado e a amargura da mudança.

Poderia haver maior contradição com todas as tendencias sociais, filosoficas e religiosas do nosso tempo?

II

O nosso querido Poeta e chefe do Saudosismo, entre as afirmações da sua enciclica sobre o *espirito lusitano*, não se esqueceu de dar o dogma que serve de base a todos os outros:

"Nós somos, na verdade, o unico povo que pode dizer que na sua lingua existe uma palavra intraduzivel nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva. A alma lusitana concentrou-se numa só palavra, e nela existe e vive, como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra saudade é intraduzivel. O unico povo que sente a Saudade é o povo português, incluindo *talvez* o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela..."

Ora ahi está, meus amigos: só o povo português sente a saudade, e só o povo português tem para ela uma palavra, palavra magica de que brota a sciencia, a filosofia, a religião... Note-se: as definitivas, verdadeiras, absolutas...

O dogma do privilegio exclusivo da palavra é muito velho; o do privilegio exclusivo do sentimento, claro está, é novissimo. Novissimo e naturalissimo. Como poderia um lusitano do seculo XX conceber que se pudesse ser estrangeiro e sentir saudades? Creio mesmo que somos demasiado generosos em conceber que se possa ser estrangeiro. Como é que diabo se pode ser estrangeiro? Como é que diabo se pode sêr, já não digo persa, mas francês, inglês ou italiano?

Seja como fôr, evidentemente um homem que diz *moonlight* por *luar*, jamais poderá sentir saudades.

Antes de agora se converter em dogma, a crença na palavra exclusiva já vinha de D. Duarte até Garrett.

"A palavra saudade,—escreveu este, por mil oitocentos e vinte e tantos—é porventura o mais doce expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idea, o sentimento por ele representado, certo que em todos os paises o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa..."

Em mil oitocentos e vinte e tantos, Garrett claro está que não julgava o sentimento da saudade exclusivamente português. Para Garrett o estrangeiro existia, e era gente. Mas julgava ainda só portuguêsa a palavra. Em 1913 certamente não creria uma cousa nem outra. De 1825 a 1913 o universo caminhou,—por muito contrario que isso seja aos sentimentos do saudosismo.

Ainda eu não era nascido já o filologo Manuel de Melo refutára decisivamente o futuro dogma da palavra magica.

Com efeito, muito ao contrario do que Pascoais afirma, a palavra saudade é traduzivel. Varias nações a representam por um termo especial: o galego tem *soledades, soedades, saudades;* o catalão, *anyoransa, anyoramento;* o italiano, *desio, disio;* o rumeno, *doru,* ou *dor;* o sueco, *saknad;* o dinamarquês, *Savn;* e o islandês, *saknaor...*

Eles, porém, menos iluminados que nós outros, apesar de terem Ibsens, Ardigos, Höffdings, não se lembraram de construir a filosofia definitiva e suprema do *anyoransismo,* do *desiismo,* do *doruismo,* do *saknadismo,* do *savnismo,* do *saknaorismo*... Saknaorismo é catita! Meus queridos amigos, meus confrades, meus irmãos da Renascença: é o que vocês são em islandês: *saknaoristas!*

Espero que leiam, meus amigos, as *Notas lexicologicas,* de Manuel de Melo, e por isso me limito a pequeninas citações:

Tratando das *doinas,* canções melancolicas dos rumenos, escreve o rumeno Cratiunesco:

> "Le principe de leur inspiration, c'est le *doru,* sentiment qu'il est plus aisé de décrire que de définir. Ce mot semble venir du mot latin *desiderium,* dont il exprime toutes les nuances: le regret d'un bien perdu, le chagrin que cause son absence, l'espérance de le recouvrer, le désir d'un bonheur, que l'on ne connait point encore et l'ivresse qui en accompagne la possession. Le retour ou la mort d'un ami, la complaisance ou l'infidelité d'une maîtresse, le charme ou la tristesse de la nature, la grandeur ou l'abaissement du pays, excitent dans les coeurs roumains ce sentiment étrange, à la fois doux et cruel, et que souvent la mort seule éteint. C'est quand le *doru* le travaille, que le paysan chante ses plaisirs et ses chagrins, ses héros, son histoire: son âme alors est une source intarissable de poésie." (*)

Na tradução francesa de uma composição do poeta Alecandri, *doru* ou *dor* é vertido por "désir mêlé de regret."

Passando á Italia, encontramos o disio-saudade por exemplo em Dante, no oitavo canto do *Purgatorio:*

> Era giá l'ora che volge il disio
> Ai naviganti, e intenerisce il cuore
> Lo di che han detto ai dolci amici addio;
>
> E che lo nuovo peregrin d'amore
> Punge, se ode aquilla di lontano,
> Che peja il giorno pianger che si more.

que Fiorentino traduziu desta forma: "C'était déjà l'heure qui réveille les regrets des navigateurs et attendrit leur âme", etc.

(*) *Le peuple roumain d'après ses chants nationaux,* 2.me éd.. 1874, pg. 64 V. para tudo Manuel de Melo, obra citada.

¿E o galego, que, segundo Pascoais, *talvez* tenha tambem a saudade, não poderá reclamar maiores direitos? Pascoais cita A. A. Cortesão, que ensina ter começado a palavra *saudade* a ser empregada, *com a grafia de soidade*, por D. Dinis ou algum dos trovadores do ciclo dionisiano. O testemunho do egregio erudito é antes perigoso para o *saudosismo*, se o compararmos com uma nota da pagina 59 do artigo *De la poesia popular gallega*, publicado na *Romania*, tomo VI, Paris, 1877, por Milá y Fontanals: "Los Portugueses tienen la palabra *saudades (soledaaes* cast.; *anyoransa*, *anyorament* junto com *anyorar* y *anyorarse*, cat., en ciertos casos *regret* fr., y *desiderium* lat.). De esta palabra han usado y abusado los poetas portugueses modernos. La forma GALLEGA *soidade* se halla ya en el rey Deniz."

Se já em 1877 parecia que abusavamos da *saudade*, genuina invenção portuguesa que teria começado a empregar-se debaixo de uma forma não portuguesa,—que diremos hoje, Pai do Céu!

Soledades, *soedade*, *saudades*, *soidás*, ocorrem vulgarmente nos poetas da Galiza. Repetirei aqui dois exemplos:

Digoch' este adios chorando
Desd' á vairiña do mar.
Non m'olvides queridiña,
Si morro de *soidás*...
Tantas legoas mar adentro.

Ela honesta está escoitando,
Mais con suspiros responde,
Qu'aló guarda non sei donde
Saudades de non sei cando.

(ROSALIA CASTRO. *Cantares galegos).*

Vamos agora ao catalão. Das formas citadas a primeira ocorre na *Cansó del siti* de Frederich Soler:

Yá 'm migrava la anyoransa;
Ya girona, en mitz sod dol,
Non tenia mas consol
Que 'l consol de venjansa.

Da forma *anyorament* dá exemplo a ode *A' lingua catalã* de Marte y Folguesa:

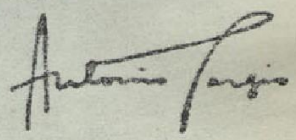
¡Y qu'es dols allá enreza del mar, en llunyras terras,
pe'l catalã que's troba ferit *d'anyorament*,
sentir' la veu amiga que amplena nostras serras
pogué' parlá' una estona sens traduhir l'accent!

E que mais? As proprias gentes do norte, parentes dos homens do *moonlight*, lá teem tambem a sua saudade. E' o que nos ensina George Marsh, nas *Lectures on the English Language*, publicadas por W. Smith, 5.ª edição, 1868, pg. 55, nuns incidentes dizeres que assim traduzo:

"A palavra portuguesa saudade, que exprime um afectuoso, pesaroso anceio (an affectionate, regretful longing) por um objecto amado perdido ou ausente, tem sido julgada por portugueses como peculiar á sua propria lingua, e como não tendo equivalente em nenhum outro idioma europeu. No entanto ocorre uma palavra similar com o mesmo sentido geral, e muitas vezes com a mesma precisa significação, em islandês, sueco e dinamarquês, nas respectivas formas *saknaor*, *saknad* e *Savn*."

Concluo pois de tudo isto que não ha motivo para desesperar de que os bárbaros estrangeiros atinjam á nossa civilização. Pelo menos os italianos, os suecos, os norueguêses e os dinamarquêses. Eles teem a saudade, teem a palavra correlativa; eles produziram ultimamente Ardigos, Mossos, Ferreros, Ferris, Garofalos, Teslas, Lucianis, Marconis, Lombrosos, Croces, Ibsens, Bjoernsons, Brandes, Nobeis, Strindbergs, Hoeffdings, e outros espiritos que, sem grande exagero, podemos considerar civilizados. Não desanimar, caramba! Não desanimar! Com mais algum esforço chegarão ao *saudosismo*.

E' o que do coração lhes deseja o vosso



A HORA DA PRECE

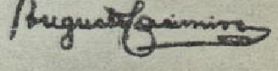
A Vila Moura

Cale-se a voz do mar, durmam as ondas mansas,
Tombem as velas no convês da nau veleira...
Nasça o luar beijando o berço das creanças,
Venha a noite embalar, materna, a terra inteira...

—Vento, pára o corcel, apeia-te! (Descanças
Vendo os astros florir...) O' alva amendoeira,
Noiva,—penteia ao luar tuas nevadas tranças...
(Parece dia, dia claro, á tua beira...)

Astros do ceu—florí,—olhos que o luar desmaia,
Astros, lirios do ceu!... E a noite perfumai-a
De misterio e de Alem... (Cala-se ao longe o Mar...)

"Terra de Portugal..." E ponho as mãos... E' a hora
Das orações... "O' ceu na terra, ó meu Sol fóra!
Patria do Mar, jardim, horto florído, altar!"



Os meus comentarios ás duas cartas de Antonio Sergio

Vejamos a primeira carta do ilustre escritor, onde palavras de belicoso génio galhofeiro, se infileiraram contra a Saudade... invulneravel como as creaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue.

Antonio Sergio não admite a definição de Duarte Nunes para tecer os seus louvores á de Garrett. Ora, a verdade é que a d'este não contradiz a d'aquele; sómente a de Garrett é menos completa que a de Duarte Nunes, e, por isso, preferimos a primeira. Duarte diz que a *Saudade* é a *lembrança* de alguma cousa com *desejo* d'ela; Garrett diz que a Saudade é um delicioso pungir, um gôsto amargo... *Gôsto amargo* implica a fusão do prazer e da dôr. A grande síntese para que tende o espirito humano, como veremos adeante, está estabelecida, ainda que d'um modo vago...

Duarte Nunes foi mais claro; apresenta a lembrança (simbolo do Espirito) e o desejo (simbolo do Animal) como sendo os intimos elementos da Saudade, a qual verdadeiramente interpretada, se torna, portanto, a nova Virgem christianissima e pagã, a celeste harmonia por que anceia a nossa pobre vida moderna, embrutecida de estreito materialismo mercantil, rastejando na baixeza das cousas e dos sentimentos, longe d'essa pura atmosfera espiritual que purifica as almas e lhes dá uma alegria, nova Fé, victorioso esfôrço.

Nada quero saber do caracter de Duarte Nunes. Só me interessa a vida do seu espirito que n'ele, como em todos os sêres, é sempre intangivel e inocente.

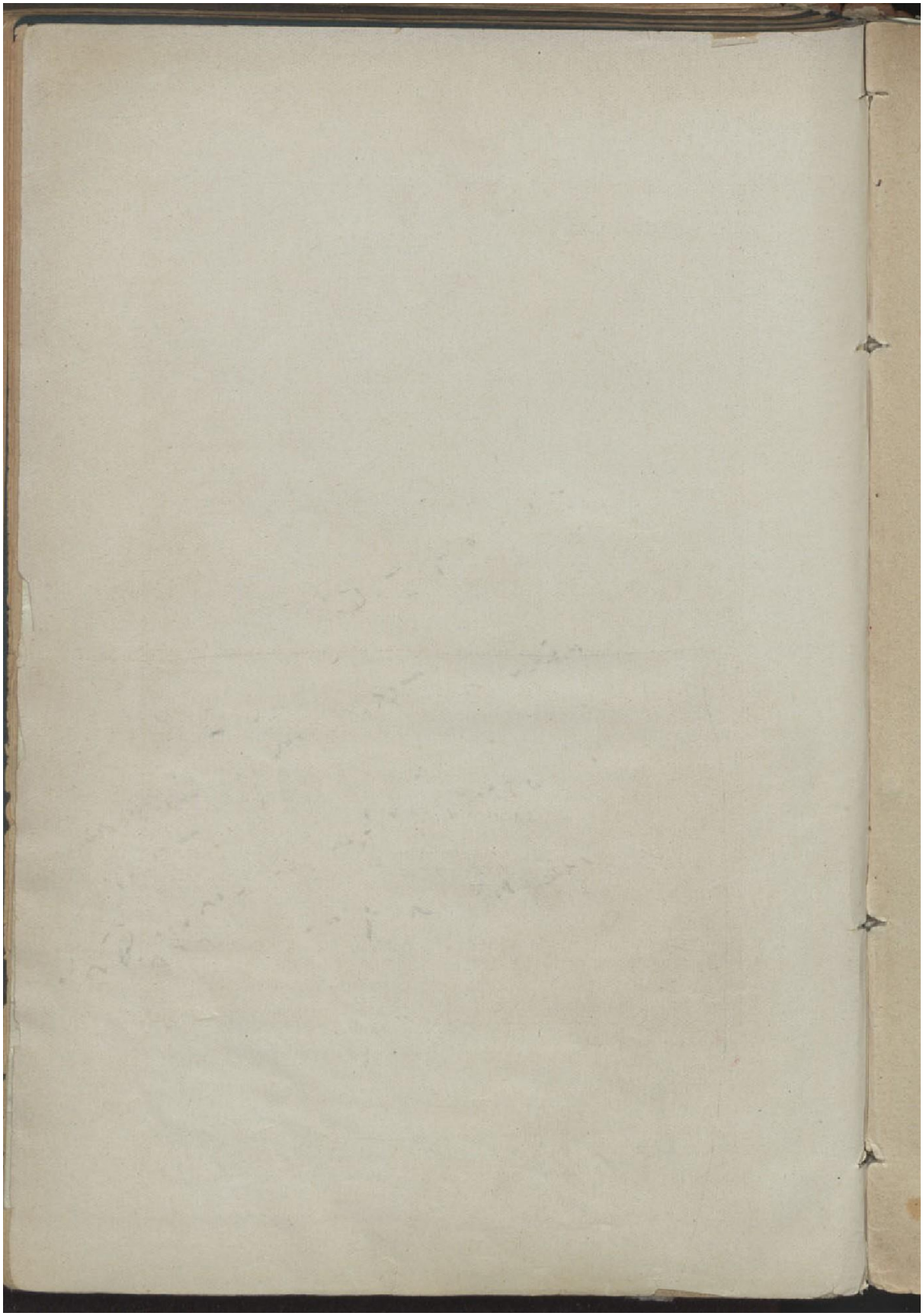
Antonio Sergio confessa todavia que o que caracterisa a Saudade, é um certo *quid* de sentimento. Perfeitamente. E' n'esse *quid* que existe a sua essencia original, representativa d'uma Raça autonoma. Pois saiba o ilustre escritor que esse *quid* se contem na definição de Duarte Nunes e na minha. Consideramos a Saudade um sentimento-síntese, um sentimento-símbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois principios do Universo e da Vida que, desde a Origem, se degladiam: Espirito e Materia, Desejo e Lembrança, Dôr e Alegria, Treva e Luz, Vida e Morte.

Antonio Sergio não quiz compreender assim, e affirma erradamente que nós não definimos a Saudade, mas um rude facto geral de toda a animalidade. E como prova, apresenta uma chalaça canina que pode fazer arreganhar os dentes... só para rir, é claro.

Sim, meu caro amigo, eu conheço alguns cães bem mais capazes de sentirem a saudade que certos sêres da especie humana

ESTUDO PARA O QUADRO "A CEIA"

De António Carneiro



Quanto mais conheço os homens, mais amo os cães, dizia Lamartine.

A Saudade, como todos os sentimentos, é susceptivel de graus inferiores e superiores. Ha a saudade rudimentar acessivel talvez ás proprias arvores; e entre esta e a ***saudade lusiada***, ha outros graus decerto não só comuns a todos os Povos, mas tambem a todos os sêres vivos... A saudade d'um belo almoço em dias de fome, d'uma esposa, d'um filho, etc., evidentemente que é um sentimento comum de todos. Pretender o contrario seria infinitamente ridiculo!

A Saudade de que eu falo, a Saudade profundamente nossa, a Saudade que nos interessa, é aquela que o Povo cantou n'esta quadra:

De qualquer forma que existas
E's a mesma Divindade;
Ventura quando te vejo,
Se te não vejo, Saudade.

E a de Camões:

... a Saudade
D'aquela santa cidade
D'onde est'alma descendeu.

Não ha grande Poeta português que não viva dramaticamente esta *Saudade*. E' ela a dolorosa essencia metafisica da nossa autentica literatura, incluindo a Poesia popular. E' a ***Saudade do céu***, divina sêde de perfeição e Redenção, o eterno Sebastianismo da alma portuguesa e a sua transcendente e poetica atitude perante o Misterio infinito!

Eis a Saudade que é só nossa, que é intraduzivel, que é da nossa Raça, porque é de origem collectiva, e encontra a sua mais alta expressão no Cancioneiro do Povo:

Chamaste-me tua vida,
Eu tua alma quero ser;
A vida acaba com a morte,
A alma não pode morrer...

Byron traduziu para inglez esta quadra, por ser popular, porque lhe revelou o genio transcendente d'uma Nacionalidade.

A Saudade lusiada é religiosa, creadôra de nova vida que deve dar uma finalidade superior á nossa Raça transviada.

Se ela nos antigos poetas (Camões, o Povo, Benardim, Garret, Bocage, Antonio Nobre, etc.) aparece sob a sua forma ainda infantil e instinctiva, é certo que os modernos poetas lhe têm dado consciencia iluminada, e o seu vulto indeciso de outrora, vae-se definindo em perfeita Imagem divina.

Deixe-me frisar ainda o seguinte: o que torna este alto Sentimento extraordinario e nosso, é o haver nascido da alma collectiva do Povo e não do temperamento excepcional de certos individuos.

Que importa que entre os outros Povos, apareça um ou outro individuo que sinta e viva a Saudade?

Eduardo Schurée, por ex., na sua obra "Evolução religiosa da Esphinge ao Christo", chega a conclusões saudosistas. Quer isto dizer que a alma da França seja igual á nossa? De forma alguma. Pode ser maior, mas não irmã.

Em Portugal, o primeiro poeta da Saudade foi, é e será o Povo. Eis a razão porque ela nos pertence exclusivamente. E, por isso, eu não me canço de afirmar que existe na Saudade a luz orientadora do nosso espirito. Compete á geração actual e ás que vierem, dar-lhe uma alta consciencia, convertê-la n'uma força espiritual que nos redima, que leve os portugueses a abrirem com suas proprias mãos, a porta do Futuro.

No campo poetico e mesmo filosofico (vid. Obras de Leonardo Coimbra), alguma cousa se tem feito já. Nas minhas conferencias tentei apenas definir em formas ligeiras e acessiveis, o que poetica e, portanto, dispersivamente, se contém nas obras de alguns modernos escritôres e artistas.

Já vê o meu caro colega que não se trata de *Saudosismo* preconcebido, de codigo literario, de formulas artificiaes ou cousa que se pareça.

Tambem erra, meu caro amigo, quando afirma que a Saudade é retrograda e paralitica, o que, aliás, se depreende do já exposto. Não resulta ela da combinação activa e amorosa dos dois principios da Vida? Na Saudade, o desejo e a lembrança perpetuamente se casam e fecundam, porque ela é o simbolo da Naturesa, desenhado pelo nosso espirito lusiada... D'aqui tirou Leonardo Coimbra a sua filosofia creacionista, a filosofia da maior mobilidade, anti-cousista por excelencia, que só vê no Universo o seu constante devenir, a sua eterna creação espiritual.

Sim: a Saudade é a grande creadôra do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada, não consegue um Futuro de geração expontanea ou caido miraculosamente das estrelas.

Ela construe o Futuro com a materia do Passado. O meu querido camarada parece querer eliminar o Passado. E' apenas um belo gesto quixotesco... O Passado é indestructivel, n'ele murmura a fonte onde bebemos as novas energias. Ai de nós se não tiveramos Passado! Ai, da arvore, sem profunda terra onde mergulhar as raizes! Não pode fructificar.

Agora a segunda carta.

Diz Antonio Sergio que eu considero como absolutas, definitivas, a filosofia, a religião, contidas na Saudade. Se a Saudade é o simbolo da Vida na sua eterna transformação creadôra, emquanto a Vida não mudar de naturesa ou emquanto se não demonstrar que ela é a eterna ausencia de movimento, a eterna inação esteril, é certo que o sentido da Saudade é verdadeiro, definitivo, absoluto, pelo menos, humanamente falando... Mas eu jámais afirmei que a concepção estetica, filosofica ou religiosa compreendidas na Sau-

dade sejam absolutas, verdadeiras, definitivas. Seria contradizer a propria essencia do nosso divino Sentimento. Saudade é creação, perpetuo casamento fecundo da Lembrança com o Desejo, do Mal com o Bem, da Vida com a Morte... De resto, deixe-me dizer-lhe: *verdadeiro* é tudo aquilo que o espirito concebe. Uma ideia, emquanto vive, é verdadeira. Ora nós, em Portugal, precisamos d'uma *Verdade* que seja a nossa razão de ser. Concorda?

Finalmente, o meu bom e admirado colega, quer demonstrar que a Saudade pertence a outros povos, além do português e que ha palavras em outras linguas equivalentes á palavra Saudade.

Apresenta, como prova, o que diz Garrett e que eu transcrevo aqui para comodidade do leitor: "é, porventura, o mais dôce, expressivo e delicado têrmo da nossa lingua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os paizes o sentem, mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa." Quem ler sem preocupações anti-saudosistas, estas palavras do genial auctor do "Frei Luiz de Souza" nota que ele admite (pudera não!) que um francês, inglês ou sueco ou cafre ou chinês exilado, sinta nostalgias da patria ou chore a perda d'uma cousa ou pessoa querida; *mas julga* a palavra *intraduzivel*... Acredita, portanto, que este sentimento, creando, entre nós, uma palavra propria, adquiriu, na alma portuguêsa, uma feição original, o tal *quid* de que Antonio Sergio falou na sua primeira carta. Garrett caiu n'uma certa contradição...

Todas as linguas têm as suas palavras intraduziveis. São elas que mostram o que ha de original e caracteristico na alma d'um Povo. Que quer dizer palavra intraduzivel? Quer dizer que o seu sentido é propriedade exclusiva dos que falam a lingua de que faz parte tal palavra. Para Garrett, existe, portanto, na Saudade qualquer cousa que só pertence aos portugueses.

E' pelos cantos populares que se pode conhecer como vive n'um povo um determinado sentimento. O nosso Cancioneiro é a maior prova da naturêsa essencialmente lusitana da Saudade. Não ha outro povo, além do catalão, que a compreenda e viva como nós. E assim se explica a profunda e já secular simpatia que prende as duas nacionalidades da Iberia.

Afirmei isto na minha segunda conferencia—"O genio português" depois de ter lido o "Portugal litterari" e as "Atlantiques" do eminente escritôr catalão Ribera y Rovira; ele mesmo afirma que *Anyorança* é a unica tradução que existe de Saudade, e que este sentimento só é proprio de catalães e portugueses. Exclue, portanto, os outros povos. Não faló na Galisa, porque a Galisa é ainda Portugal.

De resto, na 2.ª quadra que cita de Rosalia de Castro, vê-se que a ilustre poetisa adoptou o nosso vocabulo, e não se pode confundir soledade com saudade. Nós tambem temos as duas palavras.

Quanto á opinião dos estrangeiros citados, de que em outras

linguas ha palavras que traduzem a Saudade, posso apresentar-lhe outras opiniões em contrario não menos ilustres, como as de Duarte Nunes, Garrett, Ribera y Rovira, Miguel de Unamuno, etc.

De resto, eu sei lá o sentido intimo d'essas palavras arrevesadas, doru, saknad, savn, saknaor, etc.!!! Eu não sei, nem o meu caro amigo! George Marsh gostou da Saudade e quiz presentear com ela os seus irmãos do norte...

Disio, (1) assim como *regret* (2) pouco têm que vêr com a Saudade. Esta nossa divina palavra, não me canço de repeti-lo, contém o sonho da nossa Raça, o seu intimo e transcendente mobil messianico e redemptor; por isso, ela é intraduzivel, *portuguesa*, e explica os nossos grandes acontecimentos historicos, a alma dos nossos grandes homens, e creará o nosso sonho do Futuro, uma Aspiração nacional que una os portugueses d'aquem e d'alem-mar.

Eu creio n'um destino messianico da minha Raça, e sinto, por isso, a Saudade. Que me seja permitido este orgulho nascido da leitura das cantigas do Povo e da contemplação da montanha e do rio e dos outeiros da minha terra natal. Eu sei o que a Saudade encerra, isso que só nos pertence a nós colectivamente:—Um sentido amoroso das cousas e dos sêres, da Vida, emfim, sentido mistico e terreno, que, trabalhado pelas almas eleitas, se tornará a Razão superior da nossa Patria, a sua grandeza futura,—grandeza moral, pelo menos.

A proposito ainda da Saudade, Antonio Sergio atira á minha humilde pessoa, que não é mais n'este mundo (pobre d'ela!) que um vago murmurio de anciedade, com grandes nomes estrangeiros. Não sei porque motivo. Que tem a Saudade que vêr com Homero ou Marconi?

O meu caro Antonio Sergio ama a chalaça; a Europa deu-lhe scepticismo de mistura com electricidade e carvão de pedra...

As suas palavras *modernistas* são aviadoras; pairam, portanto, sobre as cousas, sem pousar...

Desça, desça um pouco á alma da sua Raça,—que o meu amigo é capaz de a sentir admiravelmente. Verá então como ela, dentro do seu caracter original, é capaz de crear uma obra mesmo para além dos tempos de hoje, escuros e dolorosos tempos de transição.

Por maior que seja o ruido da Materia, a Humanidade não pode deixar de ouvir a voz da Alma; tal facto seria o seu suicidio.

Se o mundo é suportavel, meu caro amigo, é porque sobre a

(1) E pronti sono al trapassar del rio
Ché da divina giustezia gli sprana
Si che la tema se volge in *disio*.

Se os vês ter pressa de transpôr o rio
E' que o espinho da culpa cada um sente,
E o seu terror se muda em *desvario*.

Trad. de Domingos Ennes (Inferno, canto III).

(2) ... désir mêlé de regret, la *Saudade*... Philéas Lebesgue (*Mercure*, n.º 339, pag. 645).

sua bruta dureza impassivel, repousa o afago etereo do Sonho divino... gesto de belêsa abençoando a Vida...

O comercio, a industria, a sciencia, a navegação, etc., devem estar ao serviço da Alma, como as pernas e os braços do homem estão ao serviço do seu pensamento e da sua vontade.

A nossa crise é, sobretudo, de naturesa moral. Resolvida ela, o resto nos será dado em excesso. E' preciso que o português se torne um sêr animado, que resurja d'esta mortal apatia, por meio d'uma saudavel educação de acôrdo com o genio da sua Raça.

E' preciso que o Povo, sintetisado n'uma *élite*, encontre n'ela os seus instinctos rácicos convertidos em conscientes ideias definidas orientadoras d'uma nova acção politica e social. E é necessario que d'essa *élite* ou d'esse povo, surja o homem que saiba condensar o sonho em realidade, que saiba transformar a sêde em agua que se beba...

Veja, meu caro, na Belgica, as grandes questões literarias sobre se ha ou não uma *alma belga!*

Veja, na França, a orientação dos novos. Veja o culto que eles prestam á velha e heroica alma francesa!

Leu o discurso de Poincaré na casa do comercio, de Londres? Ele afirmou ahi que um Povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procurá-las ao seu passado.

E o meu caro amigo deseja eliminar Camões! Que loucura! Uma Patria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos seculos. Do contrario, será uma sombra apagada, um *ninguem*, n'este mundo. Para *agir*, é preciso *ser* antes de tudo.

Resumindo: A Saudade, como ela é hoje compreendida, não é mais que a Saudade de Camões, do Povo, de Bernardim, a converter-se em consciencia poetica e filosofica. Representa, portanto, a raça lusitana na sua expressão subjectiva; é o seu intimo perfil eterno e original. O povo português creou um sentimento susceptivel de se tornar um alto criterio orientador. A palavra Saudade não encontra em outras linguas (salva a excepção apontada) um vocabulo correspondente.

A Saudade é nossa, como Apolo é da Grecia, e Jeovah da Palestina.

N'ela e por ela resurgiremos da morte.

Se a *lembrança* é a sua alma, o *desejo*, a *esperança* é a carne e o sangue vivo do seu corpo. Tem uma face voltada para o Passado e outra voltada para o Futuro.

A sombra do que passou, amanhece nos seus olhos: é a luz do novo Dia...

Hotel Mary Castro
17 de setembro

Teixeira de Pascoaes.

A ÁGUIA Revista mensal, órgão da «Renascença Portuguesa»—Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redacção e administrador, Álvaro Pinto—Redacção, administração e tipografia, Praça da República, 160, 161 e 162. Pôrto—Gravuras de Cristiano de Carvalho, Rua de Cedofeita, 95-1.º, Pôrto. V volume—1914.

LITERATURA

REGENERAÇÃO E TRADIÇÃO, MORAL E ECONOMIA

A Teixeira de Pascoaes

Meu querido e ilustre amigo:

Á SUA frente, gladio em punho, pusemos o Pascoais.— Isto me escrevia ha dois meses e meio, anunciando-me o seu artigo que recebi hontem, o nosso Augusto Casimiro. Fiquei sabendo dessa forma que me enviava o saudosismo o seu Aquiles; contra mim, que não sou Heitor de gente alguma,—o saudosismo arrojava não sómente o seu Aquiles, mas o seu cabeça e o seu chefe: o proprio Agamemnon, o rei dos reis; e não só o rei dos reis, mas o Mago, o Sacerdote, a Pitonisa!

Confesso ser este ultimo caracter,—nocturnamente sacerdotal,—que na sua pessoa acima de tudo me aterroriza e me conturba; porêm os seus comentarios foram ainda para mim mais transcendentes e incompreensiveis; são de um espirito celeste que nada tem de comum com a minha humana natureza; pareceu-me que o meu amigo me refutava com uma sonata de Beethoven.

O seu pensar é encantador e feiticeiro. As suas palavras teem a doçura e a insubstancia do vôo espiritual dum silfo: e se fosse possivel conceber a claridade dum raio de lua, numa noute de nevoeiro mistico, ao beijar o mais fundo do oceano,—eu diria que a sua alma é alguma coisa ainda de mais delicado e de mais tenue, de mais ultramundano e de mais puro. Com que sentido vislumbrar a subtilidade do seu Verbo? Ele é, para o meu espirito, o perfume de uma rosa á distancia de mil sonhos...

Eu já sabia, meu amigo, que era infinita a distancia entre um poeta amabilissimo (divino salgueiro que se debruça nas aguas lentas do puro sonho) e um voluntarista-intelectualista, esculpido á custa de machadada num tronco já seco da antiga Helénia; entre um romantico e um classico; entre um elegiaco lusitano da escola de Bernardim, que vai encher um cantaro puro á bica cantante do Amor-Saudade, e um aluno de Albion e da Germania, admirador de Antero e de Herculano, todo atascado, como bem crê, no carvão de pedra da suja Europa; entre um sedentario, finalmente, que se tornou o bardo dum cantinho da doce terra portuguêsa, e uma alma bronca

de cosmopolita, de vida arquejante e por vezes ríspida, operario de uma faina que com dôr se eleva, pioneiro forçado da larga Terra, marujo do oceano que não tem fim...

Mas a diferença (o seu artigo mo demonstra) é maior ainda e mais profunda. Não somos dois homens muito diferentes: somos substancias incomunicaveis; somos, pelo menos, duas especies diversissimas; somos como um Rouxinol e como um Peixe.—V. é o rouxinol e eu o peixe.

II

Peguei na pena para desfiar os seus comentarios, e desisti. Os peixes compreenderão imediatamente porque assim foi: os rouxinois dirão mais uma vez que o saudosismo é « invulneravel como as criaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue. » Seria atacar a bisturi o proprio hálito duma deusa...

Criador de divindades com seu sangue imperituro, V. atira as suas frases humanamente inexplicaveis, quando afirma que o sangue lusitano é uma mistura *em partes iguais* de sangue ariano (?) e sangue semita (1), ou sangue romano e sangue semita (2), donde nasceu a Saudade; que o semita criou o culto do espirito e a *Virgem dolorosa*, e o pobre ária (coitadinho!) só o culto da forma, a beleza objectiva (3); que ter alma e corpo é propriedade exclusiva de alguns dos nossos escriptores (4); que a Turquia foi vencida por se ter germanizado (5); que «pelo desejo a Saudade descende do sangue ariano, e pela dor, do sangue semita» (6); que os dois grandes ramos etnicos (arianos e semitas) deram origem a todos os povos europeus (7); que nós somos a sintese do paganismo e do cristianismo, ao passo que foi « exclusivamente pagão o povo italiano » (8), quer dizer, o que produziu o mais cristão e admiravel de todos os grandes movimentos misticos, a cristianissima comoção *nacional* do seculo XIII, de que S. Francisco de Assis, Arnaldo de Brescia, Joaquim de Flora, etc., são as figuras mais interessantes; que é puramente pagã a arte italiana, quer dizer, a que deu ao mundo a forma cristianissima do sentimento cristão nas pinturas de Giotto e de Fra Angelico, e no poema cristianissimo do Dante (9); que «a Inquisição dos Jesuitas» (assim

(1) *O Espirito lusitano*, p. 8.
(2) *O Genio português*, p. 15.
(3) *O Espirito lusitano*, p. 8.
(4) *O Espirito lusitano*, p. 9. O que se tem achado muito extraordinario nos lusitanos é simplesmente o uso da imagem, processo fundamental de *todos* os poetas, de *todas* as linguas, de *todo* o pensamento.
(5) Já não sei onde.
(6) *O Espirito lusitano*, p. 10.
(7) *O Espirito lusitano*, p. 11.
(8) *O Espirito lusitano*, p. 10.
(9) Bastar-lhe-ia abrir a Enciclopedia mais vulgar no nosso país, a do Larousse, para encontrar frases como estas: «C'est pendant se second séjour à Assise que Giotto, pour glorifier Sain François, peignit quatre fresques allégoriques qui sont une des plus pures inspirations de l'art chrétien. C'est la parfaite exaltation du plus sublime idéal réligieux que le moyen-âge ait connu.» «Transformé en musée en 1867, ce couvent (San Marco, Florença) est un véritable monument consacré par notre

diz) foi um estrangeirismo desnacionalizador, como o constitucionalismo *francês* (1); que as guerras se produzem porque «as patrias mais selvagens atacam as mais civilizadas (2)» (por onde deduzo que os seus lusiadas eram mais selvagens do que o negro, ou do que o indio do Brazil); que «a Saudade é a essencia do Cosmos, o *Fiat*, o Verbo, a Alma do Mundo» (3); que o poeta estrangeiro nunca passou de «interprete deste ou daquele livro de filosofia», sendo que «no panteismo de Hugo, por exemplo, ha sublimes pensamentos, mas que se não encontra a alma do poeta a criar vida» (4); que isso de criar vida é só para os lusitanos, o que se demonstra com um verso de Antonio Nobre que se diria traduzido de Victor Hugo (5); que só depois de Spinosa viu o mundo poetas panteistas (6); que em materia de poesia «o pessimismo nasceu de Schopenhauer» (7); que só em Portugal «a emoção poetica antecede o pensamento filosofico» (8), pois, «lá fóra, o pensamento filosofico gera a emoção poetica, aquele é anterior a esta» (9); que o *novo* verso saudosista é escultural» (10), como se isso de verso escultural não fosse uma velharia francesa, como tantos outros recursos poeticos que nos afirma inovações; que «a palavra *silencio* na nossa lingua não quer dizer simples ausencia de ruido, *como nas outras linguas*» (11); que as palavras *medo, lugubre, oculto, espectro, abismo, fantasma* (quasi todas por sinal eruditas, cheirando a rapé, em oposição ás verdadeiras formas nacionais e populares) «são palavras sagradas da nossa Lingua, representam a feição original do genio lusitano, e não encontram porisso nos outros idiomas vocabulos que lhes correspondam» (12); que um escritor francês chegou «a conclusões saudosistas» porque disse umas frases banais em que entram as palavras *ressouvenir* e *pressentiment*, e pronunciou uma não menor banalidade sobre o principio cristão e o principio luciferiano, como se a saudade tivesse alguma coisa a ver com tudo isso) (13); que nos devemos limitar a ser uma republica rural, em plena Europa do se-

sublime artiste (Fra Angelico) à l'éxaltation mistique du christianisme. C'est un peintre subjectif et spiritualiste au dernier degré . . . Pour lui l'art ne devait servir qu'au triomphe de la réligion. Son unique préocupation fut de fixer l'idéal qu'il portait en lui et d'incarner ses visions célestes. Ses oeuvres réflectent admirablement son âme tendre et rêveuse, la chasteté de son imagination, l'humilité de son caractère, la profondeur de sa foi, la ferveur de sa piété, l'élévation de son espirit et la sainteté de sa vie, vertus qui lui valurent d'être mis au rang des bienheurex (le Beato). On l'a appelé le peintre des rêves séraphiques.»

(1) *O Espirito lusitano*, p. 7 e 11.
(2) *O genio português*, p. 12.
(3) *Idem, idem*, p. 16.
(4) *Idem, idem*, p. 17.
(5) *Idem, idem*, p. 21. «Caí, folhas, caí, tombai, melancolias!»
(6) *Idem, idem*, p. 22.
(7) *Idem, idem*, p. 22.
(8) *Idem, idem*, p. 22.
(9) *Idem, idem*, p. 21.
(10) *Idem, idem*, p. 29.
(11) *Idem, idem*, p. 29.
(12) *Idem, idem*, p. 33.
(13) *Idem, idem*, pag. 44.

culo XX (1); que «o que torna o Sentimento da Saudade *extraordinario* e nosso, é o haver nascido na alma do povo, e não do temperamento excepcional de certos individuos» (2); que «a tendencia da alma portuguêsa para a religiosidade (muito originais somos nós!) é uma forma da saudade» (3); que «é necessaria a fundação definitiva da Igreja lusitana, devendo ela ficar integrada no Estado e por ele superiormente dirigida, sendo o Estado representado, é claro, por autenticos portuguêses de inteligencia e coração» (4); que «a saudade é criação, perpetuo casamento fecundo do Mal com o Bem, da Vida com a Morte» (5); que «Camões é um Neptuno etereo, banhando plagas de estrelas» (6); que «a Nau, em movimento sobre as ondas, descreve o proprio ritmo da Saudade» (7); que «foi a Saudade, transfigurada em Acção e Victoria no corpo de Afonso Henriques, que riscou na Iberia as fronteiras de Portugal» e «a Saudade que venceu em Aljubarrota» (8); que... que...

E para comentario de tudo isto, reboam aos meus ouvidos as palavras do «filosofo do saudosismo», seu comentador e seu discipulo: «Essa obra (a sua, Pascoais) seria uma absoluta metafisica, integral e definitiva. E é-o. (9)

Veja, Pascoais: V. deu ao mundo, não só a metafisica absoluta e definitiva, mas ainda no-la deu integral, completa, inteirinha: nada deixou por fazer á humanidade. Pois não é um absurdo que por esse mundo — em gabinetes, universidades, bibliotecas, — se continue a trabalhar, a discutir e a comentar? Que lhe resta a fazer á humanidade senão gastar dois tostões, e comprar um dos seus livros?

V. mesmo declara que «tão grande é este sonho, que se não atreve a acreditá-lo *em voz alta*»: só em voz alta V. não acredita que o seu saudosismo é «a precursora luzerna matutina do novo sol espiritual que a Humanidade espera...» (10)

E no meio de frases que me deliram, eu encontro-me a pensar num mundo fantastico e serafico onde as montanhas são de mel, e os rios são de leite, e os passaros dão flor, e das gingeiras brotam homens, como das nossas brotam ginjas...

Pois que é isto, santo Deus, donde veio? Será sempre essa

(1) *O Espirito lus.*, p. 17.
(2) *Comentarios* á minha pessoa, «Aguia» n.º 22, p. 105.
(3) *O Espirito lusitano*, p. 14. Todas as originalidades que o meu amigo atribue ao povo português são comuns a todos os povos europeus, ou a todos os povos, ou a toda a animalidade: a *ideia-sentimento*, a festa do S. João, que não é *para o nosso povo* o asceta comedor de raizes, etc. etc.
(4) Essa igreja do Estado, dirigida por autenticos portuguezes inimigos de inovações estrangeiras, existiu já: chamou-se Inquisição. Tambem ela era a *intransigencia no campo religioso* que o meu amigo declarou ser. («Aguia» n.º 10, p. 114) uma das virtudes do saudosismo.
(5) *Comentarios*, «Aguia» n.º 22, p. 107.
(6) *O Espirito lusitano*, p. 9.
(7) *O Genio português*, p. 24.
(8) *O Espirito lusitano*, p. 14.
(9) «A Aguia,» 1 vol. p. 198.
(10) *O Genio português*, p. 46.

nossa terra a dos Espectros e Sonâmbulos? Ah, Pascoais, Pascoais, meu querido amigo: V. é um puro, excelso e nobilissimo poeta, mas uma vitima tambem desse ambiente social, como nós todos: desse horrivel Isolamento que V. louva e eu maldigo; do assassino trabalho secular da Purificação. V. adora e bemdiz a Purificação e o Isolamento, como os Moabitas adoravam o Moloch devorador: — esse devorador de crianças que é a figura da nossa escola, como as chamas do seu ventre são a imagem da Inquisição!

III

Consequente, o meu poeta exclama: «Louvemos o isolamento em que ele (o povo português) tem vivido!» (1) — Como a historia se repete na nossa terra desgraçada! Pois que significa esta palestra, senão um minimo episodio (minimo, decerto, porque eu não sou ninguem) na grande luta portuguêsa entre o Isolamento e a Cultura, entre a Inquisição e o Humanismo, entre os Jesuitas e Verney, entre Pina Manique e os *pedreiros livres*, entre os *rigoristas* e os *francêses*, entre os Ouriquistas e Herculano, entre o grupo de Castilho e Antero de Quental?

IV

Deixo pois a aventesma «invulneravel como as criaturas sobrehumanas», e tratarei ao de leve duas materias importantes: o valor tonificante do culto do passado, e as relações do «ruido da Materia», da «electricidade e do carvão de pedra», com os grandes surtos da Alma, nestes tempos que o meu caro julga «embrutecidos de estreito materialismo mercantil», «escuros e dolorosos», e que eu creio ao contrario os mais luminosos, idealistas e esperançados de toda a historia. É pela leitura de certos poetas que se insinua no meu espirito a escuridão e o desalento, e pela de certos economistas que me alvorecem dentro d'alma os soberbos idealismos. «A Economia Politica, — diz um economista contemporâneo, — é a sciencia das roseas esperanças»...

A Europa, o mundo civilizado da electricidade, não é tão suja, bronca, sceptica, encarvoada, como lhe parece em Amarante; e não é comnosco (ai de nós!) que a Inglaterra manufactureira aprenderá o idealismo...

Mas revertamos ao passado:

O culto do passado, meu poeta, é um efeito e não a causa das energias atuais, — quando ha energias atuais. Se o Poincaré em Londres sustentou «que um povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procurá-las ao passado», — disse o Poincaré uma vacuidade diplomatica, uma simples retórica de brinde politico. Ou por outra: criou um mito que lhe é util para os seus fins presidenciais. Não se grangeiam energias no passado; é esse um erro de cronologia e uma reversão da ordem logica: *as energias veem primeiro do*

(1) *O genio português*, p. 11.

presente; e quando sentimos energias novas criamos um Deus ou heroi propicio á nossa imagem e semelhança; criamos um mito projectado no passado ou na eternidade, onde as energias atuais se transpõem heroicizadas...

Na decadencia nacional ou no esplendor, ha sempre o culto do passado. A nossa historia lho demonstra: onde houve idolatria do passado como no Portugal da decadencia? Nas epocas de fraqueza, porém, esse culto é frio, retórico, bolorento, como a propria alma do presente; e nos tempos de vigor é vivo, forte, ditirambico, como a propria alma que o fabrica. Não são as energias do passado que suscitam as do presente, mas as energias do presente que, ressuscitam as do passado.

O mesmo sucede aos historiadores. Os que «ressuscitam o passado» não são os que estudam mais a fundo: são os que, concentrando em seu espirito bastante vida *do presente,* a fazem estuar diante de nós sob as caraças de outras eras. Puxa a locomotiva pelo vagão? Empurra o vagão a locomotiva? O resultado, para quem vê de fóra, é sempre egual: mas quem entra lá para dentro logo descobre em dois minutos que é do Presente-Locomotiva que toda a força dimanou. A carcassa do passado vem sempre a reboque: quando os diplomatas dizem o contrario, lá sabem eles porque é que o dizem.

Cita-me o presidente de «Paris de França»; deixe-me recorrer ao mesmo metodo, mas citando autores da nossa terra — os dois grandes mestres da nossa terra — portuguêses e não luzitanos, da especie a que chama *estrangeiros.*

Herculano:

«*Que são essas palavras retumbantes de regeneração pelas tradições, senão sons ocos, que não correspondem a nenhuma idea?* Suponhamos, porêm, que todas essas recordações chegavam ao povo. Podem elas servir-lhe de exemplo, e de lição para as suas necessidades atuais? Num país onde a riqueza passageira destruiu os habitos do trabalho e da economia, entorpeceu pela miseria, resultado infalivel da prosperidade ficticia, a energia do coração, que faz lutar o homem com a adversidade e vencê-la, de que serve estar de continuo a prègar ao povo: — Teus avós levaram o terror do seu nome aos confins do mundo, saquearam e queimaram emporios opulentos em plagas remotas, meteram a pique poderosas armadas, derribaram os templos alheios, violaram as mulheres extranhas, passaram á espada os que eram menos valorosos que eles, abriram caminho ao engrandecimento dos outros povos da Europa, e afeitos a gosos faceis, depuseram aos pés do absolutismo as suas velhas franquias, beijaram os grilhões que lhes deitavam aos pulsos porque eram dourados, e ternaram-se lubribio do mundo?» *(Opusculos,* tomo III, 111-112.)

Antero de Quental:

«Que é pois necessario para readquirirmos o nosso logar na civilização? *Quebrar resolutamente com o passado... A nossa fatalidade é a nossa historia*». *(Causas da decadencia dos povos peninsulares).*

Na impossibilidade de citar agora muitos estrangeiros em meu sufragio, limitar-me-ei a Guizot:

«Quando em vez de avançar para o futuro, uma nação não invoca senão lembranças e imagens do passado, é então que a decadencia é verdadeira; pouco importa o tempo que a sociedade leva a cair: desmorona-se com um desabamento incessante». *(Histoire des Origines du Gouvernement Réprésentatif,* 2.e leçon).

E já que estamos em citações, ao seu exemplo dos literatos belgas operei a de um grande sociologo: «E' preciso abrir os olhos á evidencia, e reconhecer que o genio de um povo ou de uma raça, em vez de ser o factor dominante e superior dos genios individuais que se imagina serem os seus productos e manifestações passageiras, é simplesmente o rotulo comodo, a sintese anonima das originalidades individuais, unicas verdadeiras, unicas eficazes e atuantes que estão em fermentação continua em cada sociedade, graças aos seus emprestimos incessantes e á troca fecunda de exemplos com as sociedades vizinhas. O genio colectivo impessoal, é pois *função* e não factor dos genios individuais». (Tarde, *Les lois sociales*, 44-45) «A estes genios colectivos, entidades ou idolos metafisicos, atribuia-se outrora uma originalidade imaginaria, aliás muito mal definida». (Ibid., 43).

«Ai de nós se não tiveramos passado», exclama o Pascoais convictamente: «nele murmura a fonte onde bebemos novas energias!» Em sua opinião «uma Patria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos seculos». Já lhe não falo nessas Patrias que se reformam aos nossos olhos, em oposição ao seu passado: para um puro luzitano um japonês não é gente; mas nada me impede de perguntar: — e antes de as Patrias terem seculos? Como se formaram Patrias novas sem as energias necessarias de um passado inexistente? Serão as Patrias como as pescadas, que antes de o serem já o eram? Vá que nos seja necessario firmar no Portugal de D. Manuel: mas ao Portugal de Aljubarrota falecia esse bordão. Poderia comtudo abordoar-se no Portugal de D. Diniz. Muito bem: e o Portugal de Afonso Henriques? Foi do passado de Portugal que o Portugal de Afonso Henriques arrancou as energias?

Não sei eu se estes assertos, e alguns outros semelhantes, o justificam de me atribuir certos intuitos pavorosos, como o de «pretender eliminar Camões». Caramba! Pois eu pretendo realmente eliminar Camões? Dir-se-ia que fui eu quem lhe previu o caimento — para breve (muito breve!) — quando aparecesse o Super-Dito, matematicamente anunciado. Qual de nós todos será ele, bom amigo, qual será? Eu cá não sou: palavra de honra que não sou!

V

Passemos á materialidade com que me imblema, ao meu scepticismo e carvão de pedra, inoculados pela Europa «nestes tempos embrutecidos de estreito materialismo».

O meu amigo pretende primeiro o progresso espiritual; obtido

ele, «o resto nos será dado em excesso». *Ora a minha tese é que o progresso moral de um povo está dependente do seu progresso economico.* Ainda aqui a sua ordem é invertida pelos factos.

Cada estado de economia determina os limites da moral pública; quer dizer: os limites entre os quaes poderá ser a pregação verdadeiramente operosa. Como sabe, a quantidade maxima de assucar soluvel em dada porção de agua aumenta com a temperatura. Nesta minha comparação, o assucar é a moral, e a temperatura o estado economico: ha para cada grau de temperatura economica um certo grau de saturação moral, que só poderá ser excedido pelo previo levantamento do estado crematistico. Quem visita os países de industria avançada, e porisso mesmo de salario maximo, como a Inglaterra, encontra o operario nobilitado, humano, com o sentimento da dignidade, resolvendo as suas questões pelos processos da discussão pacifica; quem fôr ás regiões de atraso economico, e por isso mesmo de salario minimo, como a Italia meridional, verá um bruto trabalhador, epileptico no proceder e sanguinario, sem caracteristicas racionaes, sem dignidade e sem nobreza. O nosso pessimo estado moral é consequencia, como eu já disse algures, da economia parasitaria. Já pensou, Pascoais no que seria o seu espirito se tivesse nascido na miseria, e sido obrigado de criancinha a trabalhar espasmodicamente?

A estatistica é uma invenção de Satanás; e tão satânica, que revelou uma relação de dependencia entre a moralidade feminina e o preço do trigo. Nos anos em que sobe a economia, diminue a prostituição; nos anos de mau «mercantilismo», querido poeta idealista, não cante versos ás raparigas se não quer ter desilusões...

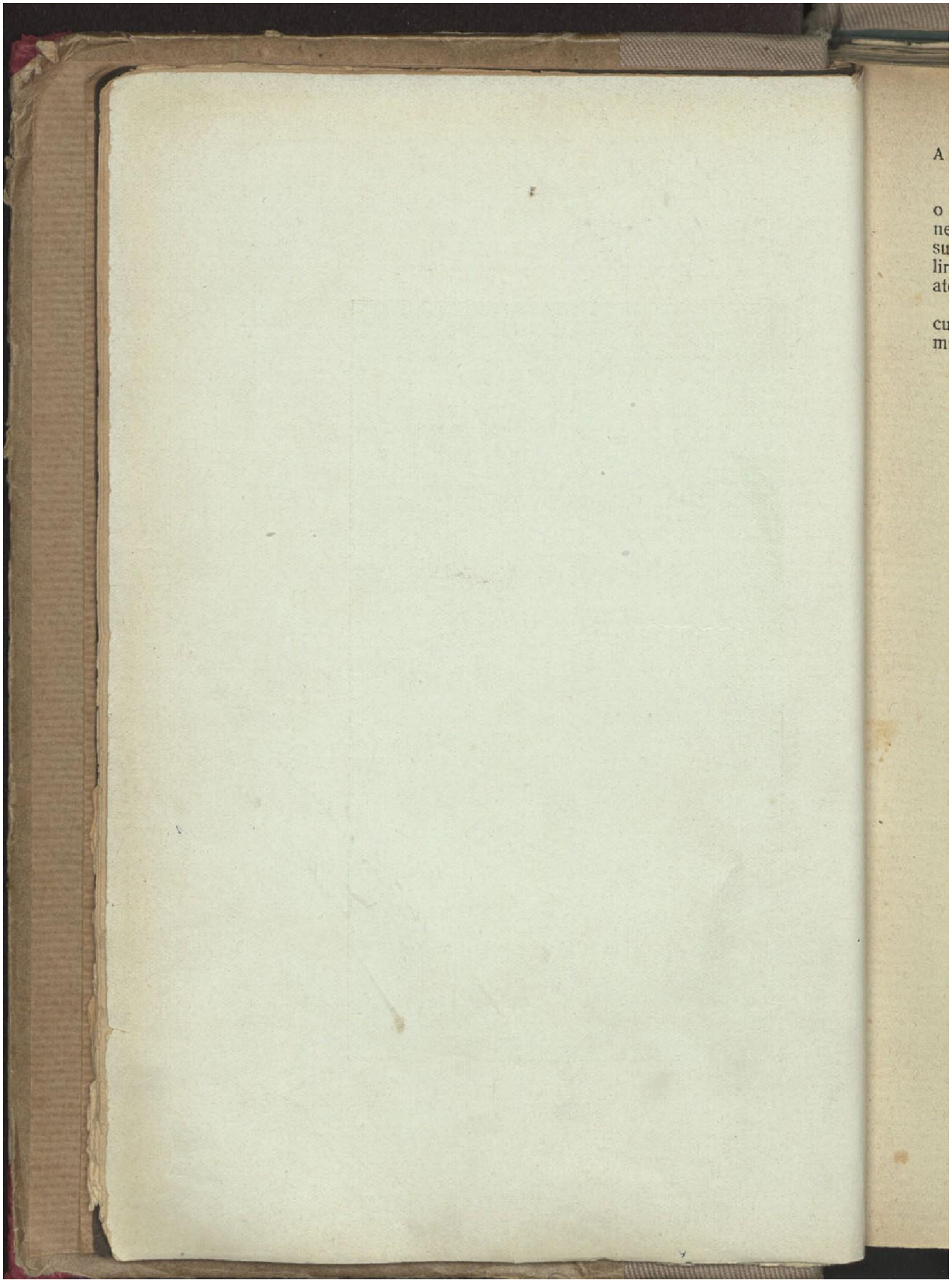
Para que a moral vá sucessivamente ganhando as mais baixas camadas da sociedade, cumpre que as condições economicas vão permitindo esse resultado. Cada melhoria no material da grande massa da população é uma base para o desenvolvimento da sua vida espiritual; porisso as virtudes democraticas florescem sobre um desafogo suficientemente generalisado, sobre a distribuição equilibrada da riqueza. Os alicerces da democracia politica são abertos na economia: a humanidade ergue seus templos, como os gregos, no alto da dura solidez dos promontorios de granito (1).

Para defesa da minha pessoa farei uma pequena observação. Não é da Europa, meu amigo, que me veem horas de scepticismo; é de Portugal e dos portugueses. Depois, sou sceptico em relação a dadas coisas, mas não o sou em relação a outras. Creio na ascenção da humanidade, na possivel regeneração da minha patria; sou sceptico a respeito de muita idea, como as virtudes da saudade e as profecias do Bandarra. Ligo de feito muita importancia aos problemas economicos, mas em circumstancias de me defender com uma frase de Herculano, segundo a qual o bem material de outrem é para nós um caso de ordem moral; e não tendo eu a propensão, nem

(1) As reformas livre-cambistas reclamadas no *Rebate* seriam um prologo de primeira ordem para a acção moralizante.

AO FIM DA TARDE

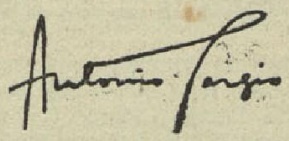
De Júlio Ramos



o gosto, nem a aptidão para o negocio, posso atestar-lhe que me é necessario muito mais esforço, sentimento do dever, — idealismo, em suma, — para tratar quaisquer negocios que para escrever as minhas liricas — literariamente côxas e mesquinhas, bem o vejo, mas que até hoje ningem negou que fossem nobres, idealistas e sinceras.

Numa carta particular, querido amigo, que com esta irá, mais curialmente lhe poderei dizer quanto o estima e o venera o seu muito grato admirador

Rio de Janeiro.



Por falta absoluta de espaço não posso responder, neste número da «Águia», á carta do meu querido e admirado Amigo Antonio Sergio. Ficará para o próximo número. — TEIXEIRA DE PASCOAES.

ILIBISCUS MIRABILIS

(Malva ou Rosa Louca)

A Henrique Wenceslau

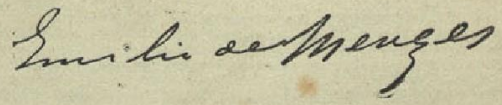
Logo ao alvorecer, a corolla contracta,
Ella, a um raio de luz que em claridade a inunda,
Abre timidamente, esquiva e pudibunda,
Alva como o afflorar da espuma na cascata.

Meio dia. Ao calor que sensual a circunda,
Córa, córa, inda mais, em ancias, timorata.
Ruborisa-se, emfim! e não mais se recata:
— E' a seiva! E' o sangue! E' o sol! E' a vida! Ei-la fecunda!

Desce a tarde. E' a exhastão. E' o deliquio. Fenece.
Volve a empallidecer, mas já não irradia
No primitivo albôr de hostia ou de uma alma em prece.

E' o amarellecer da cêra e da agonia.
E' o desmaiar de quem a gloria e a dôr conhece.
De ser virgem, ser mãe e morrer num só dia!

Rio de Janeiro. 1913.



LITERATURA

Resposta a Antonio Sergio:

Você é um poeta! V. é um rouxinol! V. vive a sonhar, ignora a realidade, o sitio onde se deve pôr os pés, etc., etc.!

É com identicas palavras que os individuos que fazem profissão de prosa, n'esta vida, pretendem lapidar os outros de mais vastos e fundos desejos, inconformaveis com um mundo asfixiado entre as quatro paredes sem buracos do Positivismo.

É com tristeza, meu caro amigo, que o vejo tomar essa atitude, hirta e deserta, perante a Vida.

Eu sei que a Vida é restricta ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão. Ha pessoas que lhe apreendem apenas a forma carnal; ha outras que atingem a sua expressão espiritual e eterna. Com as primeiras não se pode discutir. São creaturas no sentido restricto da palavra, enclausuradas, mortas dentro das suas proprias ideias sem alcance. Meteram-lhe em cabeça que o Mundo é só feito de pedra... e ei-las, para todo o sempre, empedernidas! Que lastima!

Não imagina, meu querido amigo, quanto me custa vê-lo enfileirar-se ao lado de semelhante gente!

É por parentêsco? Não. Eu conheço muito bem o seu espirito; sei o que ele tem de delicado e susceptivel ás altas e belas cousas. O meu amigo é egualmente um rouxinol que se mascarou de peixe para meter mêdo ao Saudosismo...

E em seu louvor direi que a mascara não lhe esconde o rôsto.

A sua ultima carta, publicada n'esta revista, permite-me tal afirmação. Que fez o meu amigo, n'essa carta? Riu-se! Á minha *sinfonia de Beethoven* responde com um sorriso. E que é um sorriso?

Um sorriso equivale a um *sim*...

Mas deixemos o *sim*. Que ele finja de *não*, em harmonia com o seu desejo.

O meu querido amigo abandonou o seu ataque á originalidade da Saudade, ponto principal da questão, assim como ao seu poetico e filosofico significado que torna a alma portuguesa creadora d'uma concepção formosissima do Universo e da Vida, a qual deve orientar superiormente a nossa actividade social. Eis o que ficou de pé; diria mesmo intangivel, se eu pretendesse a intangibilidade para alguma cousa.

Como já disse, o meu amigo limitou-se a rir, o que é muito agradavel, pois se a beleza é o esplendor da Verdade, o riso é o esplendor d'uma alma.

V. limitou-se a rir, e a baralhar, n'uma pagina, algumas frazes minhas, arrancadas ás suas companheiras naturais... Mas isto é ainda uma chalaça. V. gostou de ver as pobres palavras, longe do

seu meio natal, entreolhando-se espantadas e interrogando-se mutuamente: — Quem és tu? D'onde vens? Quem vos trouxe para aqui?

Foi o sr. Antonio Sergio.... mas por simples brincadeira, isento de maus intuitos. Soceguem!

Logo na primeira frase o meu amigo sublinhou as palavras *em partes iguais*... Para quê? Eu desejei apenas notar que, na raça portuguesa, o sangue semita e o aria existem em partes equivalentes, o que se revela pela sua creação da Saudade, onde o principio espiritual e o sensual (lembrança e desejo) se casam e combinam, formando assim uma admiravel sintese de Vida que se reduz, na essencia, áquelles dois principios. Porisso, disse que a Saudade é a alma do Cósmos.

Cita-me Giotto, Fra Angelico e Dante (tres italianos) para demonstrar que o povo italiano não é nada um povo pagão!! Sabe a historia do lord inglez que tinha um criado francez? Conto-l'ha em duas palavras.

Este bom creado serviu o inglez irrepreensivelmente, durante cincoenta annos. Mas, um belo dia, encontrou um charuto no quarto do amo. A tentação do fumo empeceu-lhe, e o bom do homem, já velho e cansado do trabalho, para espalhar a melancolia, acendeu o charuto e fumou-o. O inglez, ao dar pela falta do havano, exclama furioso: «Bem se vê que os francezes são um povo de ladrões!»

A sua longa estada em Londres tornou-o como aquele inglez, meu querido amigo!

E considera o Dante christianissimo! O Dante é profundamente catholico. A Divina Comedia é o grande poema do catholicismo, essa degenerescencia pagã do Christianismo.

Que é o *Inferno,* senão a suprema plastisação da Dôr, a materia do Christianismo roubada a Jesus e entregue a um Deus Pan, nocturno e tragico?

Afirma depois que este verso do Nobre: «Caí, folhas, caí, tombae melancolias!» parece traduzido de V. Hugo!

Eis uma affirmação gratuita, com menos realidade ainda *que o halito duma ninfa.*

Se ha poetas distantes um do outro, são V. Hugo e Nobre. Hugo é o Hercules do Verbo; Nobre, a encantadora creança emotiva.

Classifica de banal (só porque isso lhe convem) um periodo de Eduardo Schurée, que eu transcrevi. Leia a «Evolução Religiosa» d'este belo escritor francez, e verá que esse periodo contem o pensamento principal da obra citada.

Diz tambem que o verso escultural é uma velharia. Eu sei que o verso classico é mais escultural que musical — o que não quer dizer que o verso da nova poesia portuguesa não encontrasse uma forma sua de expressão. O verso classico é seco e rigido. O verso moderno alia á nitidez do ritmo que n'ele predomina, a flexibilidade, a brandura firme de todos os corpos que vivem. De resto, é uma cousa secundaria.

Estranha tambem que eu considere introduzivel o sentido intimo de palavras, como silencio, lugubre, nevoeiro, mêdo, oculto... Ora leia este periodo de Miguel de Unamuno: «Saudades, soturno, luar, nevoeiro, magoa, noivado... cuya alma és intraducible».

Ahi está o que affirma no seu livro «Por tierras de Portugal y de Hespaña» aquele escritor, um dos maiores da Peninsula e um dos que melhor conhece a raça portuguesa.

A proposito: leiu a sua ultima obra «Del sentimiento tragico de la vida en los hombres e los pueblos»? Se não a leu, peço-lhe que a leia. Encontrará, n'essas paginas imortaes, profundas verdades, prenhes de vida eterna e creadora! É um sublime protesto contra a Morte, ou antes, contra a vida *morta*, satisfeita na sua restricta acção puramente material, que o meu amigo finge admirar...

Diz ainda que aquelas palavras são eruditas e cheiram a rapé. Que importa a sua origem e o seu aroma? O que importa, é a alma que o sentir do povo e dos poetas lhes insuflou, acordando-as para uma nova vida. A alma nova galvanisa a antiga carcassa que se veste de mocidade.

Imagina ainda o meu bom amigo que eu desejo uma republica puramente rural. Eu já lhe disse que o Saudosismo não é inimigo do Futuro. Pelo contrario, ele pretende firmar-se no Passado e no Futuro — o que resulta da sua propria essencia de *lembrança* e *desejo*.

E julga tambem que a Egreja lusitana de que eu falei nas minhas conferencias, é a egreja da Inquisição!! Essa Egreja que eu admiro, morreu ás mãos do primeiro rei de Portugal que a subordinou a Roma, tirando-lhe a sua independencia reveladora do espírito original e livre da raça portuguesa. E o meu bom amigo a rodeá-la tragicamente de fogueiras! Tudo isso para que? Para vêr se queima o Saùdosismo! Ele é invulneravel como já disse; invulneravel e incombustivel, acrescentarei.

Afirma ainda que eu considero o Saudosismo como creação do meu espírito, capaz de dar á Humanidade um novo sol espiritual. O Saudosismo é uma creação da Raça. Basta ler a Poesia popular e Camões! Nunca, jamais, em tempo algum, o considerei como obra minha!

O Saudosismo é a alma portugueza atingindo uma clara expres-

são poetica e filosofica. Eu limitei-me a desenhá-la, embora imperfeitamente. Fiz o retrato, mas não a figura retratada . . .

Quanto á minha crença de que o genio lusiada contem uma viva e imortal aspiração do Homem, esse novo Sol por que esperamos, tal crença, no coração d'um portuguez, nada tem de extraordinário, nem de censuravel, creio eu.

Mas o meu bom amigo, no entusiasmo da sua chalaça, lançou-me, sem querer, uma pontinha de ridiculo!

Não pense que tenho medo ao ridiculo. Eu digo como Miguel de Unamuno na segunda obra citada: «Hay que saber poner-se en ridiculo, y no sólo ante los demás, sino ante nosotros mismos . . .

Pues fué poniendo-se en ridiculo como alcançó su immortalidad Don Quijote.»

Depois, o meu querido amigo considera Portugal um paiz de espectros e de somnambulos. O espectro sou eu. Assim seja. Faço-lhe a vontade. Tenho uma simpatia especial por essa condição phantastica . . .

Ah, meu amigo, os espectros vivem! A sua materia de ilusão é mais real e viva que a de muitos corpos humanos, cuja presença é revelada apenas pela sombra que projectam . . .

Ora aqui tem um Phantasma que lhe estende a mão comovida, atravez do oceano, pois, para nós, Phantasmas, não ha distancias, nem tão pouco resentimentos.

O meu amigo coloca-me ainda violentamente a encontrões demagogicos, no meio dos jesuitas, entre Verney e Pina Manique. E vae, depois, muito lepido, enfileirar-se ao lado dos *pedreiros livres* e dos *franceses*. Conhece, por ventura, a origem d'essa gente? Olhe que ela descende d'aqueles *bons* lusitanos que, por dinheiro romano, assassinaram Viriato, o ultimo heroe digno dos tempos homéricos, segundo a opinião de Mommsen, esse estupendo historiador em cujos miolos palpitaram sete seculos de vida romana!

Sim: Viriato é o Isolamento; quer dizer, a Cultura do Povo firmada nas suas qualidades rácicas. A outra, a *sua*, de que serve? Que importa á Civilisação que a França, a Inglaterra, a Allemanha estendam em pequenina nodoa até este cantinho ocidental?

O que importa é que este cantinho affirme a sua independencia espiritual, razão da sua independencia politica, sem cortar, é claro, as relações com o resto da Europa, aproveitando o que ela produza de util no campo industrial, scientifico, etc.

Sim: Viriato é o isolamento e os seus assassinos (perdoe a violencia do termo) são esses homens mascarados de romanos, hespanhoes e agora de francezes que têm vindo atravez da nossa Historia, em guerra aceza contra a Sombra do homerico montanhez da Beira, que ha-de, apezar de tudo, reencarnar, tomar novamente corpo vivo e alma heroica.

O meu amigo é uma víctima simpatica das Cartas Constitucionaes, dos electricos, do *under ground* furando, n'um delírio, o subsolo de Londres, do vapor, do *bico auer,* e oxalá o não seja da viação aérea!

Eu tambem estive em Londres, meu bom amigo! Penetrei-me de sombrio nas escuras celas da tragica Torre!

Passiei, cá fóra, na esplanada, entre os miseros corvos, borrifados de lama, e de spleen, mal representando cada um o seu mitologico papel de Rei Arthur encantado...

Bebi o *fogg* a largos haustos. Vi pastar ovelhinhas nos verdes campos de Hide Parck. Vi os leões de Regent Parck, as pontes sobre o *Tam*isa, esse rio parente do meu *Tam*ega... Vi centenas de canudos fumegantes farruscando um ar já enfarruscado... Fui, por momentos uma gotta de agua n'esse profundo e agitado turbilhão de povo que eu tanto admiro! Sim: eu admiro a Inglaterra, a França, a Allemanha! Amarante já está ligada por caminhos de ferro a todos os grandes centros. Não sabia?

Mas esta admiração não destroe o amor á minha raça capaz de evoluir pelas suas proprias forças originaes e originarias. Portugal creará a sua Cultura. Mais restricta que a dos outros países? Naturalmente, pois não pudemos equivalê-los em riqueza.

Sim, senhor! Eu tambem considero a Economia ou vestida ou despida de roseas esperanças... Eu sei o grande papel que o estomago representa. Mas não posso esquecer aquele versículo da Biblia: «Nem só de pão vive o homem.»

O meu caro amigo não crê no genio dos povos; creio eu. Sim: eu creio que um homem de genio que aparece num Povo, é um *enviado* d'esse Povo, uma sua síntese individual. Todo o Povo está n'elle; e, por intermedio d'ele, cria as suas novas aspirações e o processo de as realisar. Ha momentos em que um só homem é um Povo: Camões.

O genio collectivo, encarnando, torna-se factor dos genios individuaes que, por sua vez, influem sobre o meio racico, imprimindo-lhe novas feições dependentes das antigas, como um filho depende do pae. E, assim, um Povo vae definindo, fixando a sua personalidade, cada vez mais profunda e concentradora de potentes energias.

D'aqui resulta o grande valor do Passado, da Lembrança...

Uma patria de recente formação é uma figura apenas esboçada, hesitante... Veja o meu amigo os Estados-Unidos, por exemplo, que apezar de serem uma nacionalide riquissima e valoroso, é ainda uma Patria informe. Com o andar dos seculos puderá crear a sua lingua, emfim a sua alma, a sua fisionomia moral.

Portugal primitivo tambem era uma patria apagada que, por fim, se definiu em claro e alto relevo...

Não sei quem disse que as Patrias eram feitas de pó de sepulturas...

Fala-me no Japão? Dir-lhe-hei que actualmente se nota n'aquele Povo um desejo de firmar a sua cultura nas tradições do Passado. Os japonezes perceberam o perigo da desnacionalisação. Eles souberam,

por fim, que a tendencia imitativa destroe o genio inventivo, a unica verdadeira força de progresso.

Assimilar sómente é vegetar. Ora, um Povo deve ser mais que uma floresta de homens.

Continuo a affirmar que o progresso espiritual é causa e não effeito do progresso economico. A grande Allemanha industrial e comercial de hoje foi creada pelas Universidades que o filosofo Fichte fundou. Quem criou a França actual prospera e forte? O espírito do seculo XVIII.

Sim: a alma é que molda o corpo e lhe dá actividade. E do trabalho é que resulta a riqueza. Mas antes de tudo, é preciso saber trabalhar. Primeiro o saber, isto é, o progresso espiritual que cria as competencias.

Mas o meu bom amigo acaba por confundir o progresso espiritual com a moral burgueza, com a *moralina,* como lhe chamou Nietzsche.

O meu amigo adora de tal maneira a questão economica, santo Deus, que pretende colocá-la, de gladio em punho, quixotescamente, como guarda vigilante á honra das Donzelas!

O Cid Campeador tornou-se diabolica estatistica!

Mas que fazer? O Ruido e a Velocidade estão na moda. Tambem os *futuristas* converteram o Pégaso, cavalo de carne e osso, em H. P... V. acha que lhe fica bem essa blusa encarvoada de economista. Quando me lembro de si, da alma gentil que murmura nos seus versos, da sua exterior aparencia, e o visiono mascarado de ferreiro, tentando forjar, a golpes de martelo, uma patria nova pelo derradeiro modelo de automoveis, eu fico espantado e afflicto; como que vejo a alma patria camoneana, morta de pallidez, esvaír-se na sombra do tumulo! Ah, meu caro Antonio Sergio, V. é um Romeu *travesti* de Othelo.

Eu amo tambem a Economia, mas não assim, com essa feroz paixão exclusivista, que vê no sol uma peça de ouro, na lua cinco tostões em prata e na terra um pataco de cobre com verdete!

Sabe o que aconteceu ao Deus Midas? Cuidado!

Acalme, bom amigo, essa furia economica investindo contra tudo o que não reluza como ouro. A creatura humana é mais alguma cousa que um armazem de *comes e bebes*... O estomago digére na visinhança d'uma alma que sonha. E entre a digestão e o sonho não ha graus de realidade. O halito da ninfa *existe verdadeiramente,* como a luz, o carvão e o ferro. O canto do rouxinol é essencial á Vida como as barbatanas do peixe... Nada de limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, e a eternidade d'uma alma ás horas do almoço e do jantar! O mundo não é só restaurante, é Egreja tambem. Se o Diabo existe, Deus não é uma chimera...

Finalmente, eu quero Portugal rico de pão e de espirito, um Portugal consciente e acreditando n'um belo destino a cumprir.

Creia na sincera admiração e amizade que lhe dedica o seu camarada

Teixeira de Pascoaes

DESPEDIDA DE JULIETA

A TEIXEIRA DE PASCOAES.

Meu querido e admirado poeta:

NÃO no Brasil, mas em Nice — ou antes, perto de Nice, para onde vim buscar uma pausa á minha actividade «encarvoada» — aqui numa *villa* de repouso me encontrou agora a sua *Resposta:* de maneira que desta feita não precisou de atravessar o oceano a sua «mão comovida» e carinhosa, se bem que tão atrasada me chegasse como se eu estivesse em ultramar.

A tudo, querido amigo, se pode responder, e são todas as discussões por sua natureza eternizaveis; da minha parte, porêm, está dito o indispensavel, que era mostrar *a outra estrada* aos jovens leitores da «Aguia» e da «Vida Portuguêsa»: a estrada não-saudosista, não-isoladôra, ou não-purificadôra. Que cada um deles decida agora: uma leva a Coimbra, á bôa rètórica, ao curso juridico, ao comunarismo de Estado, á Secretaria, e talvez a S. Bento; a outra á independencia, ás profissões usuais, ao desejo de uma patria forte, digna, moderna e sábia, ao culto da acção criadôra e das idéas sólidas, ao apreço da educação que fez da Inglaterra,

Patria da lei, senhora da justiça;

nação mais adiantada na evolução económica, na justiça social, na expansão pacifica, e na dignidade inviolavel do cidadão (1). Só desejo por isso apontar no seu artigo os capitais erros de facto que poderiam desorientar, a meu respeito, esses jovens lusitanos.

(1) «Quem criou a França atual prospera e forte? O espirito do seculo XVIII» pergunta e responde o meu amigo (e admirei-me, eu, de o ver atribuir tão lindas coisas ao espirito do seculo de Cabanis, Helvecio, La Metterie e d'Holbach); a essa pergunta eu responderia: a distribuição pelos camponêses das terras da nobrêsa; está

É o primeiro a sua concepção simplista, poeticamente ingénua, de que pretendo limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, a eternidade duma alma ás horas do almoço, e o mundo, o vasto mundo, finalmente, — a um restaurante! *Sancta simplicitas!* Porque, afinal de contas, sou um pouco mais do que uma besta: com maior justeza falou de mim quando me chamou «modernista», quer dizer: um vulgarissimo bicharoco que horroriza o estado fossil. ¿Será necessario repetir que o meu desejo não é «ver no sol uma peça de ouro, na lua cinco tostões em prata, na terra um pataco de cobre com verdete»; que uma síntese cultural nossa é precisamente o ideal, mas não sintese de vácuo, ou de «poeiras do sepulcro», sendo-nos mister elementos *de hoje,* aprendidos com quem sabe (²); que não são incompativeis as minhas palavras (e os meus actos; não ando tal mascarado, bom amigo!) com a verdadeira poesia; que o particularista anglo-saxão é o povo da energia produtora mas tambem, ao mesmo tempo, o mais rico de poetas em toda a humanidade (³); e

o caso dilucidado por exemplo em Kropotkine, *A Grande Revolução.* O obstáculo a que essa França esteja tão prospera como devia foi precisamente «o espirito do seculo XVIII», com suas ideas de identificação da Sociedade e do Estado, e consequente governação universal pelo Estado. Quanto ao Fichte, mal calcula, Pascoais, como o espirito da minha doutrinação se coaduna, em ultima analise, com o da dele! Cumpre lembrar-lhe, a proposito, que vai mal o seu odio ao catolicismo com a sua citação (artigo anterior) da França que se esboça: o espirito da *nova França* é, senão católico, de educação católica (v. os recentes inqueritos, por ex. dos normalistas). A disciplina católica não fez degenerar o cristianismo: deu-lhe consistencia, pensamento, faculdade dirigente (não responsabilizar a idea catolica pelas aberrações em que a fez cair a corrupção dos homens, e a sua ligação com certa politica; ter os olhos no catolicismo dos Estados-Unidos, em Leão XIII, Ketteler, Manning, Lavigerie e Gibbons; e tambem no católico Herculano.)

(²) Depois, quando estiver seguro o resultado e a velocidade adquirida, poderão vir, da esfera artistica, as reacções nacionalistas que quiserem. A vida intelectual (e a moda) é feita de ondulação, de reacção ao antecedente. O importante é saber a semi-onda que convêm em cada instante. Não falo para o homem abstracto, mas para o português *de hoje.*

(³) Confirma-se isto em que tenho, na minha pequenez (com grandes diferenças, decerto, e perfeita independencia de juizo) a orientação geral de Herculano e de Antero, dois dos máximos poetas portuguêses. ¿Tambem teria sido, cada um deles, «um Romeu *travesti* de Othello»? Aliás a minha prègação é o menos violenta e o mais borrêga que é possivel, sem nada que se assemelhe ao temperamento de Othello: combato exactamente os efeitos da expansão guerreira e desnatural do povo português. (A expansão anglo-saxonica é uma simples consequencia da constituição familial dessa gente). Diz-me que viu em Londres «canudos fumegantes». ¿E a educação inglesa? a familia inglesa? a justiça inglesa? a mentalidade inglesa? Viu-as? A um amante da alma, descurioso da materia, mais devera impressionar isso que as

que, por derradeiro, eu nada tenho a vêr com o positivismo, com a demagogia (raios a levem!) e creio que tambem com a «moral burguêsa»? (4)

O segundo dos erros de facto é essa pretendida mascara, com que me diz desfigurado; e basta citar-lhe as palavras do nosso Jaime Cortesão na «Vida Portuguesa», a respeito do meu exemplo.

Está o terceiro dos erros de facto (dos que vale a pena denunciar) na velha anedota do inglês, que nos conta, para quem todos os francêses eram ladrões: anedota essa não aplicavel á minha pessoa, mas á sua, porque da sua parte estão os juizos categoricos, universais e exclusivistas. Não apresentei Giotto e Fra Angelico «para demonstrar que o *povo* italiano não é nada um povo pagão», frase que não chega a ter sentido; mas para mostrar que *a pintura* italiana não era *exclusivamente* pagã, como o meu amigo dissera; e depois, para demonstrar que o povo italiano (agora é que vem o povo) não era exclusivamente pagão, como tambem o dissera o Pascoais, citei-lhe o exemplo do grande movimento mistico *nacional,* popular, do seculo XIII. (Não foram três italianos: foram milhares de italianos, durante muito tempo). A figura culminante desse movimento foi S. Francisco de Assis.

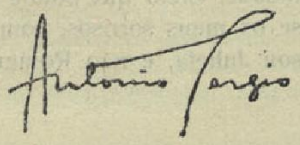
Como vê, apenas cuido de prevenir algumas deturpações dos meus ditos. O resto, e o julgamento, deixo á «perspicácia» e á «paciencia do leitor», e mesmo á *real gana* de cada um, que é quem decide quasi sempre das opiniões e das crenças da maioria da humanidade. Creio que soube desta vez conservar o serio; e, no entanto, se os meus sorrisos, como pretende, significam *sim,* (dir-se-ia que sou Julieta, e não Romeu) eu quisera começar e terminar sorrindo:

pontes e os canudos. Leu no *Times* a secção dos tribunais? Assistiu a un comicio em Trafalgar Square? Aí está uma idea a aproveitar para a *Renascença Portuguesa*: todos os domingos, numa praça do Porto, um comicio. Como sabe, não é preciso mais do que um homem subir a um degrau e desatar a sua arenga: o povo vai afluindo, e tudo está feito. Mas sem maravilhas de Verbo, por amor de Deus: sem maravilhas de Verbo!

(4) Depois de escrita a minha ultima carta li um relatório francês sobre a prostituição, em que se lhe dá como causa geral — a miséria. Como vê, a questão economica continua, quixotescamente, de guarda á honra das donzelas. Conhece o meu amigo o célebre «quinto quarto da jornada» das trabalhadoras? Em certas regiões elas não chegam a ganhar o mínimo essencial á vida; e porisso, acabado o trabalho, vão completar o salario pelas estradas... Eis um caso que para os materialões é pungente, é aflitivo. ¿Como resolve o Eterismo um caso destes? ¿Ou será esta uma preocupação de «moral burguesa»?

para que esta não tivesse o geito da ultima carta de Julieta, dando por acabado o namoro. Saio do logar honroso que me concedeu, e tão desgeitosamente ocupou a minha boçalidade de menino bronco e dessisudo: na ultima pagina, em tipo minúsculo, — como a *charanga* das escolas no ultimo banco, — me exercitarei aplicadamente, até que logre penetrar na Espiritualidade lusitana. Não pretendi convencer saudosistas-natos, porque os sentimentos se não movem pelas alavancas que eu emprego, mas pela Música e pela Facúndia; e porque o Isolamento, se é incombustivel como me diz, é comburente como todos os diabos, o que ficou provado na nossa historia de três seculos. Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsistente, — por uns classificado de idealista e por outros de rètórico, — que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatarios da Cavalaria. Muito e muito grato o abraça (dado que o não enfarrusque) o «assassino» (não só perdôo a violencia do têrmo, mas o aplaudo, porque tambem está na tradição) e «simpatica vitima do bico auer» que é este seu dedicado admirador,

Nice, Saint-Antoine, 14-3-14.



LITERATURA

ULTIMA CARTA?

A Antonio Sergio

Meu querido amigo e camarada:

PRINCIPIAREI por esta affirmação que os homens gostam de repetir, para se darem a ilusão de que tudo o que acontece, dimana do seu querer: *ha cousas crueis n'esta vida!* Quando se dá qualquer facto desagradavel, o homem só o considera como autentico, depois de affirmar, pela palavra ou pela escrita, que ele, na verdade, aconteceu... É esta tendencia humana é uma especie de satisfação que damos a nós proprios das cousas más que nos magoam. E, além d'isso, se puzermos o mal, de alguma forma, sujeito á nossa vontade, fugimos assim, ainda que ilusoriamente, a esse tragico espectro que assustava os proprios Deuses, — o inexoravel Fado!

Ha cousas crueis n'este mundo! O meu caro Antonio Sergio desde longos mezes me persegue de martelo em punho, encarvoada bluza de ferreiro, os grandes olhos negros faiscantes de metalicos brilhos, a face talhada em fumarentas expressões, todo n'um arremesso destruidor contra o meu *pensamento saúdosista,* contra a fragil e trémula Saudade, pobre e delicada Virgem, branca de panico, sob a lança dos judeus!

Ha mezes que vivo assaltado por tão horrivel pesadêlo, e o meu papel protector de S. José, planta-me de brancas a cabeça e, para que elas vicegem, orvalha-me a fronte de suor.

Cousas crueis d'este mundo! Deixe-me affirmar o facto brutal, isto é, autenticá-lo, para que eu tenha, ao menos, esta vaga consolação de o atribuir ao meu livre arbitrio e não á céga e desalmada Fatalidade!

Sim: *ha cousas crueis n'este mundo!* E a mais cruel de todas é a sua ultima carta! Ah, meu caro Antonio Sergio, então, é no momento em que o seu feio vulto plutonico, vibrando contra mim os raios forjados para exclusivo uso de Jupiter, — despe miraculosamente o tenebroso habito infernal, deixando chegar aos meus olhos encantados a figura de Julieta, onde a beleza feminina atinge aquela altura que já fica alem dos astros; — então, é n'um momento assim que me foge e diz adeus?!

Por isso, não me canço de pregar contra o culto exclusivo e mesquinho das pequenas realidades proximas! Veja o leitor como este culto endurece o coração e lhe dá requintes de maldade!

Sim: a sua ultima carta foi a conclusão fatal das anteriores, o dramatico desenlace.

Emquanto o seu vulto era negro e aggressivo, não deixou de me perseguir, a mim e á Saudade...

Agora, chegado o momento da ausencia, transfigura-se em imagem de infinita beleza, a fim de que o alivio que eu deveria sentir, vendo-me em bôa paz e descanso alegre, se transforme em amargo soffrimento!

Mas quem me diz que não serei injusto? Quem sabe, meu caro Antonio Sergio, se o seu anti-saúdosismo deseja converter-se, á ultima hora, em fonte de saudade?

Todavia, o drama subsiste...

Pois Othelo, ao dizer-me adeus, se transfigura.
Seu tragico perfil gravado em noite escura,
De subito, amanhece!
E o monstro, cujo vulto o Olimpo entenebrece,
No momento sem fim da despedida
Quando a noss'alma fecha os olhos, falecida,
De si mesmo renasce, e é lirio a perfumar
E rosa de toucar...
E este meu coração
Reza em voz alta mistica oração;
De medroso se torna confiante,
Enamorado e amante...
E julga que a divina claridade
N'ele se fez (olhae!) por toda a Eternidade!
Mas, ó caso dramatico, sem nome,
Bem peor do que a peste, a guerra e a fome,
Eis que a dôce Figura encantadora,
Apparição da aurora,
Desfeita em frias lagrimas se esvae,
E aos meus pés de rochedo um raio acezo cáe!

Para que apelar n'esta minha desolação? Qual o ultimo recurso? Resta-me a carta, a ultima, em cujas palavras madrugantes dir-se-há que paira a divina presença radiosa de Julieta, a mistica Sombra bem amada...

Vamos lê-la mil e uma vez, até que as lagrimas lhe diluam para sempre as inefaveis palavras que são estrelas... flôres... que sei eu?!

Mas deixemos Romeu, Ofelia e Othelo, essas figuras sempiternas do drama humano.

O meu caro Antonio Sergio, na sua carta de despedida, principia por declarar que o *Saúdosismo leva a Coimbra, á bôa retorica, ao curso juridico, ao comunismo do Estado, á Secretaria e talvez a S. Bento!* Como? E porque? Não percebo! Esta sua affirmação é grave, cruelmente injusta, de quem finge desconhecer, por completo, as minhas ideias!

A cultura do caracter português, a unidade espiritual da Raça, realisando-se n'uma alta aspiração religiosa creadora de todos os

bons sentimentos de sacrificio, heroismo, fraternidade; — o retocar com tintas vivas a imagem delida da Patria; o dar ao Povo a consciencia do seu proprio sêr moral inconfundivel, levando-o a crêr n'um mais alto destino, sem desprezar (o que varias vezes tenho dito) a educação tecnica necessaria ao trabalho que produz riqueza; o desejar, emfim, tornar Portugal um sêr vivo com corpo e alma propria, original Presença entre as outras nações, — tudo isto, segundo o seu criterio, leva o nosso compatriota a bacharel parasitario!!!

Despertar as energias da alma, sem as quaes não ha trabalho fecundo, mesmo do sentido restricto da palavra, é, conforme a sua opinião, provocar o advento da Preguiça, é obra de retorica e de cavalleiros andantes retardatarios...

Essa, meu querido amigo, não lembrava ao Diabo! Mas lembrou-lhe a V. E não queria que lhe chamasse Othelo!

O Antonio Sergio, no seu odio ao *Saüdosismo*, já lhe atribue os males de que Portugal soffre ha muitos annos, como se, acaso, ele fôsse antes de sêr... Olhe que o pobresito mal acaba de sair do bêrço. É ainda uma creança inocente, irresponsavel pelo crime dos maiores.

Ele nasceu para combater tambem os males de que fala o meu bom amigo. A sua espada, como a do Archanjo, é feita d'um relampago, emquanto que a do meu caro Antonio Sergio parece-me de pau. Eu explico, para evitar equivocos. As forças que, antes de tudo, desejo pôr em actividade, são as forças espirituaes, pois entendo que uma realidade só é verdadeira e fecunda, quando proceda d'um sonho bem amado, como o fructo procede da flôr.

Mas, se a realidade quer antepôr-se ao ideal originario, ela resultará uma cousa anemica e mesquinha, semelhante a um pássaro que nascesse d'um ôvo... artificial.

O meu querido amigo é que está com a retorica, e a peor das retoricas, a retorica *sub-verbo*, penetrando a essencia da palavra, a roer-lhe o espirito! Explicarei. Ha duas especies de retorica. Se uma, a epidermica, atinge apenas o vestuario do pensamento; a outra, mais insinuante, tenta substituir-se ao proprio pensamento. É o seu caso, meu caro amigo, e o de todos aqueles que insistem, por qualquer motivo, em considerar unicamente a face proxima e restricta das cousas, fingindo esquecer que todas as realidades, até mesmo as que nos ferem, são longinqua e espiritualmente elaboradas... *É n'esse longe espiritual,* n'esse *Vago amanhecente,* que devemos dar inicio a qualquer obra, se o nosso desejo é penetrá-la de efficacia e duração, torná-la harmonica e fraterna com a existencia viva que é, por natureza, etérea, ondulante, indefinida, inimiga de rectilineos preconceitos e frias regras geometricas.

E o seu erro de considerar o effeito e não a causa, como ponto de partida, leva-o, na 1.ª nota da sua carta, a atribuir a actual prosperidade da França á distribuição pelos camponezes das terras da nobreza, á identificação da sociedade com o Estado, etc., como se tudo isso não fôsse o producto real d'um sonho anterior, — o sonho que animou os escritôres do seculo XVIII.

Já vê que tenho razão. Eu quero, em primeiro logar, imprimir actividade ás energias animicas da Raça, para que ela crie o *seu* sonho redemptor, creadôr d'uma futura e bela Realidade. Claro que este sonho *tem de ser português* (e é sempre o meu caso) e não francês ou allemão... porque só poderá tornar-se util a um Povo o que ele proprio crear, dentro do seu meio, das suas qualidades racicas, tradicções, sentimentos, etc.

O que é verdade em França pode ser mentira em Portugal. Se concorreu a destribuição da terra para a prosperidade francesa, na Grã-Bretanha aconteceu precisamente o contrario. A persistencia do morgadio é considerada a causa primeira do grande desenvolvimento colonial da Inglaterra. Cautela com as imitações! Não nos deixemos fascinar pela grandeza dos outros. De resto, ha varios modos de ser grande, para além do Comercio, da Navegação e da Industria...

Diz tambem que não devo odiar o Catolicismo e que o espirito da nova França é catolico. Porisso mesmo, é que eu não quero o Catolicismo. Eu só quero o que, por natureza, nos pertence. As velhas tradições religiosas da nossa Raça não são catolicas. A primeira egreja lusitana viveu independente de Roma durante muitos seculos. Nós chamavamos ao Papa o bispo de Roma. Foi Affonso Henriques que a subordinou á Curia, por interesses politicos.

A alma portuguesa é livremente religiosa, e a nossa egreja deveria ser livre tambem,—o que daria mais caracter e autonomia moral a Portugal. O Catolicismo é verdadeiramente hespanhol. De resto, eu não odeio o Catolicismo, como não odeio nenhuma religião. Todas representam formas, mais ou menos imperfeitas, d'uma viva tendencia eterna e superior da alma humana.

Na nota 3.ª o meu caro amigo estranha que eu não tivesse reparado na *educação ingleza, na justiça ingleza, na mentalidade ingleza,* etc. E estranha, porque? Pela simples razão de eu me referir na carta anterior, ás pontes sobre o Tamisa, e ás chaminés das fabricas! Eis o que se chama apanhar um argumento pela ponta dos cabelos! Quem lhe disse que eu não admiro, sobre tudo, na Inglaterra, o espirito nacional que soube encontrar a harmonia entre o Passado e o Futuro, a Tradicção e a Evolução?! Oh, se admiro a alma ingleza! alma séria, silenciosa, profunda, nascida d'um raio de luar coado pela nevoa, em vagas scintilações de melancolia, sobre a agua d'um lago assombrado de arvores... Admiro-a e amo-a! sem que este amor destrua ou diminua o mais alto amor que eu dedico ao genio lusitano, esse templo de Tristeza, erguido nos Ermos, com a Saudade, lá dentro, a orar a um Deus Menino!

Ainda a respeito da nota 3.ª, não quero deixar de agradecer-lhe as maravilhas de Verbo que generosamente me atribue. É a primeira pessoa que de tal se lembra! Muito e muito obrigado pelo maior obsequio que tenho recebido em minha vida!

Oh, meu bom amigo! O meu verbo é humilde e... escuro!

É uma simples tunica de linho, mal talhada, esburacada, entremostrando a sinceridade nua do meu pensar.

Maravilhas de Verbo! É bôa!

Refere-se depois o meu admirado e querido confrade á minha concepção *simplista, poeticamente ingenua*, emfim, á celebre *sancta simplicitas,* latina fraze arrancada aos labios magicos do Fausto que que foi o maior ingenuo d'este e do outro mundo!

Não deu ele a alma ao Diabo por uma noite de amor? Eis ahi a Ingenuidade, — o sacrificio do que é eterno por um efémero instante que encerra, dentro do seu relampago fugitivo, isso que vale mais que a Eternidade!

Ser ingenuo . . . ser ingenuo . . . é ser! Eu só conheço uma cousa desiludida — o esqueleto.

Não imagine o meu querido amigo que meia duzia de estatisticas e de nomes e de factos (inclua mesmo toda a sciencia!) metidos na cachimonia, despem a creatura do seu vestuario de inocencia, da fatiota edenica talhada em folhas de hera.

Ilusão! A inocencia é, em nós, profunda, estructural, organica, e tem só como inimigo o Espirito, esse Demonio que se ri de Deus, depois de sondar com a garra adunca as ôcas entranhas da sua obra.

Nem se julgue despido de ingenuidade, quando quixotescamente (o que é sympathico) esgrime com a sua alfangica estatistica contra os Tenorios do planeta!

Sancta simplicitas! Sancta simplicitas! tu és a propria essencia da Vida, o claro espelho fiel onde tudo se reflecte!

A Luz é ingenuidade, e a Côr e o Som! A Virtude é ingenuidade e o Crime é ingenuidade. O mundo é uma esfera de inocencia gravitando atravez da infinita inocencia do Infinito.

No meio da simplicidade que nos cerca, eu só vejo uma face desiludida, êrma de inocencia, cadaverica — e essa face não é a sua, com certeza, meu querido amigo, e ainda bem! — é a face mortal da Lua, essa Caveira fosforescente, radiando o pavor, o medo e a tristeza, a agoreira antevisão do Fim, n'este banquete deslumbrante dos mundos, a que preside o Rei-Sol.

Sim: eu quero ser ingenuo, e mesmo, se possivel fosse, ridiculo, quixotesco, *delirante,* para me servir d'uma frase sua; mas isso é tão dificil! Tal estado só o conseguem os Deuses!

Em seguida, o meu caro amigo insiste em dar um valor nacional ao movimento mistico italiano do seculo XIII. Toda a alma d'esse movimento foi *um homem* excepcional, o maior depois de Cristo. De resto, a sua influencia atingiu varias raças, porque era divina . . . Mas esse movimento mistico não foi nacional, nascido da alma d'um Povo. Obra d'um homem sublime, com ele baixou á sepultura. Morto S. Francisco de Assis, as suas cristãs comunidades logo se deixaram absorver pelo catoliciscmo romano. *O Franciscanismo* passou pela Italia, como o Christianismo pela Judeia. Aquele regressou ao catoli-

cismo pagão—ao Vaticano, e este, á sua velha Lei de Moysés,—á Sinagoga.

Eu não deturpei as suas affirmações. Contestei-as. Nem praticaria tal peccado! Escuso repetir-lhe quanto o estimo e considero e admiro para respeitar (embora delas discorde) as suas ideias nascidas d'um belo e culto espirito que muita honra, não só a Renascença, como o actual meio português a que pertence. É o meu querido amigo um dos mais lidimos caracteres e lucidas inteligencias do nosso tempo e ainda aliados a uma fina sensibilidade poetica, prepositadamente occulta sob ferrea couraça de combatente, contra a qual o meu Saúdosismo esgrime, nas suas horas mahometanas em que Deus tambem comanda exercitos.

Peço-lhe, com o maior interesse, que não abandone o logar que tanto honrou e distinguiu n'esta revista. Continue ahi a expôr as suas ideias, que, da minha parte, encontrará sempre o mais amigo e admirador adversario. E deixe-me dizer-lhe alegremente que nos encontramos, em guerreiro convivio, no odio ao *bacharelismo*. N'esta palavra se resume toda a nossa doença nacional. Mas quem criou semelhante specimen foi a decadencia do caracter português, o *estrangeirismo,* que nos tornou amorfos, indecisa materia inerte. O bacharel é composto de umas teorias juridico-sociaes imporadas pelo correio, ignorante completo da tradição espiritual da sua taça, que ele não pode amar, porque a não conhece. Não sabe d'onde vem nem para onde vae. É celula d'um corpo, mas desligada e resêca, longe da sanguinea corrente que vivifica, insensivel ao Todo de que deveria fazer parte... No meio dia da sua juventude, é já um sêr crepuscular. Passou, quasi insensivelmente, da alegria de viver ao tedio de existir. Intelectualmente, o pessimismo, um pessimismo de origem funebre, é que o salva. O phantasma ri-se... conquista assim uma atitude superior, sem reparar que o seu proprio riso o não toma a sério... Não anda acordado; somnolentamente divaga ao sabor do zéfiro que é, n'este caso, o *influente conterraneo,* um outro bacharel em automovel, que se mexe, e fala—um bacharel com lingua e pernas... mais dentro da zoologia. Ás vezes, o bacharel faz versos sentimentaes... vagas palavras anemicas vagamente enfileiradas. É o odio á Inspiração. Faz-se poeta a ver se destroe a Poesia, porque, sendo ele um sêr destruido, é, por vingança, uma causa destruidora. Chimerico vulto de tedio e pessimismo, ha n'ele uma cousa viva apenas,—o estomago. Ganhar o pão de cada dia impõe-se. Como? Galopinando, que é oficio leve. Sentimentos de sacrificio, o patrio amôr —tudo isso é fumo para a sua alma isolada, apenas individual, sem o menor ponto de contacto vivo com a alma do seu Povo. Eis ahi o mal! O mal é o isolamento, não do resto do mundo, mas da propria terra natal na lembrança do seu passado e no desejo, na esperança, do seu futuro.

É necessario opôr ao bacharel inerte o portuguez activo, ancioso, em sobresalto de alma revelada. Quando ele atingir este grau de vida, de vida humana e lusitana, o resto (trabalho, industria, agricultura, etc.) aparecerá espontaneamente. A questão é que o sol es-

plenda no infinito. Logo as sementes germinam, as flores desabrocham e os fructos amadurecem, como por encanto. Antes de tudo, o sol no espaço e a alma na creatura. A realidade é sonho que se condensa e não é sonho a realidade evaporada. O beijo nupcial é anterior ao filho, a flôr anterior ao fructo, a nevoa anterior á chuva.

Alma! Alma! Alma! é o que nos falta, meu caro Antonio Sergio! Alma que nos eleve da chateza e do vulgar, d'este pantano burguez e bacharelento, d'onde possamos ver, com os nossos olhos lusitanos, mais belos horisontes, vida mais alta, *mais nossa* e mais perfeita.

E, agora, desculpe a estopada d'esta longa missiva, e receba um grande abraço, não de phantasma omnipresente, mas de ser vivo, para quem ha distancias de terra e agua, que ele desejaria percorrer, afim de o abraçar em pessoa, ahi, n'essa formosa cidade suissa . . .

Camarada e amigo,

Teixeira de Pascoaes

Post Scriptum:

Recebi agora a gentil oferta da sua conferencia — O Problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares — proferida na cidade do Rio de Janeiro.

O eu discordar de alguns pontos de vista, não me proíbe reconhecer o seu valor. É, sem duvida, um trabalho honesto e inteligente, e o contrario seria, para nós, uma surpresa.

Tem a sua conferencia um grande valor. N'ela aparece, bem nitido, o seu pensamento anti-saudosista, que eu vejo apoiar-se n'um mal entendido que, entre nós, existia.

Ha na sua conferencia, uma palavra magica, até aqui misteriosa para mim, mas que se revela agora com a maior nitidez.

Refiro-me á palavra *purificação*.

Realmente, eu não podia compreender o odio a esta palavra, emquanto ela significasse, como no meu pensamento, o resurgir da alma patria dentro das suas nativas qualidades ou antes de acordo com a sua propria natureza, a fim de ela assegurar a nossa independencia espiritual, dando á raça o dom creadôr e assimilador em opposição ás deprimentes, siamêscas tendencias imitativas, que constituem a vil degenerescencia d'aquele dom precioso.

Mas, afinal, a palavra — purificação — aparece-me, nas paginas da sua conferencia e nas frases dos autores citados, como significando a guerra do catolicismo intransigente ao livre espirito religioso e scientifico! Na verdade, tal purificação foi realisada pelas fogueiras inquisitoriaes que, tentaram queimar, para sempre, na Iberia, pre-

cisamente esse espirito original, creador e livre, não catolico, nem romano,—esse espirito que é a propria essencia da Saudade e da Anyorança e que tem como terra natal Portugal e a sua irmã Catalunha. Ora, esse espirito melhor ou peor formulado, meu caro Antonio Sergio, é o Saudosismo que eu defendo! e essa purificação sua inimiga, é o seu catolicismo! Vejam lá!

Fala tambem na palavra *isolamento*.

Dá-se a mesma cousa com esta palavra. Na sua conferencia e autores citados, ela traduz o mêdo dos nossos catolicos inquisidores a tudo o que viesse das regiões infestadas de heresia. Mas não odiavam a Europa: odiavam, Erasmo, Lutero, o anglicanismo, Calvino, etc.

Para mim, a palavra Isolamento quer dizer: evitar o nosso espirito de contagios deleterios, que o adoeçam no seu caracter original; mas nunca, de maneira alguma, eu defendi a quebra de relações com o resto do mundo. Cada povo tem as suas qualidades especiaes que mutuamente se estimulam e completam. E estas *qualidades especiaes* é que é preciso conservá-las sempre acezas. D'elas resulta a riqueza, a variedade, o ritmo da Civilisação em geral.

A *purificação e o isolamento de que fala,* nada têm com as minhas ideias. Sim: nós devemos importar o que nos falta agricola, industrial e scientificamente, sobre tudo; isto é, o que constitue o corpo d'uma civilisação...

Alma creadora de novas ideias e sentimentos, temos nós. Revelêmo-la, que ela dará ao mundo, não a materia d'uma civilisação, mas o espirito, a flôr...

A ideia individual, racional, artificial, da *Renascença italiana,* tornou-se, na raça portuguesa, *genio popular, força viva, instinctiva,* capaz, portanto, de definir socialmente, um dia, o que tem sido, desde seculos, isolada e perdida aspiração de algumas almas. O genio portuguez está, como o de nenhum povo, na logica da Renascença italiana (1)—essa promessa imorredoura d'uma nova Civilisação.

Com injustiça o meu caro amigo escreveu o seguinte periodo que vem a pag. 14 da conferencia:

«*Pululam hoje na mocidade os defensores do Isolamento, que querem limitar a certos tons nacionalistas não só a lira dos troveiros (o que não discuto) mas o proprio pensamento e actividade nacional. Significaria isso, sem duvida, insistir no maior erro consciente dos nossos antepassados*».

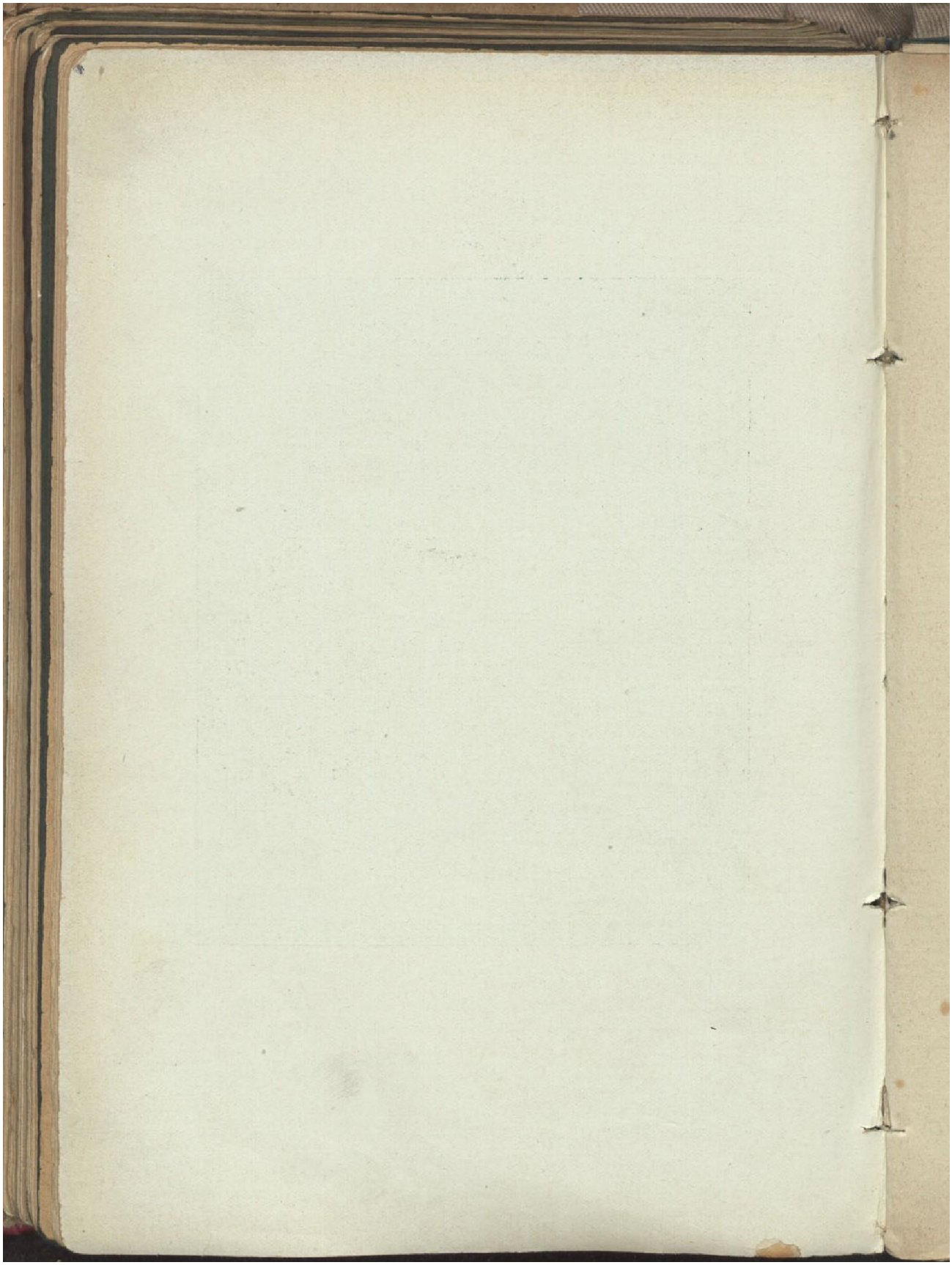
Insistir no que ha de injusto n'estas palavras, torna-se inutil depois do que atraz dissemos, que é, afinal, o que temos dito sempre.

Outras suas affirmações, de menos importancia, poderia contestar, mas esta já vae longa; e, além d'isso, julguei dizer o bastante

(1) A ideia-mãe da Renascença vem desde os tempos mais antigos da Grecia, ora oculta, ora revelando-se nas obras de certos escritores (sobretudo dos escritores modernos) mas só atingiu uma expressão colectiva, popular, na raça portuguesa. D'ahi o grande valor da Saudade, onde encontrou a ideia-mãe da Renascença, o seu corpo de lembrança e desejo, sentimental, activo e creador.

GRUPO DE SANTO ANTÓNIO

De M. Gustavo Bordalo Pinheiro.



ácerca do que é, na verdade, o *pensamento saudosista,* de muito mais alcance social, filosofico e religioso do que esse que o Antonio Sergio lhe quer atribuir.

Peço-lhe, emfim, que acalme um pouco o seu ódio ás Descobertas, ao genio aventureiro. Lembre-se de que o Brazil é hoje e desde muito tempo, a causa principal da nossa existencia. A paisagem portuguesa é muita bela; mas os seus campos são de terra pobre... Pouco valem as machinas, os processos scientificos da cultura, etc., em sêcas terras arenosas, que só as chuvas do ceu fecundam...

As margens dos nossos rios, quasi todas alcantiladas, morrem de sêde á vista da agua, como o Tantalo. A nossa agricultura nunca poderá satisfazer ás nossas proprias necessidades... Temos de emigrar, meu caro caro Antonio Sergio. E esta visão fatal do destino, tornou-se na alma portuguesa em genio de aventura; deu-lhe velas para navegar em busca d'outras regiões mais felizes... Um belo dia, aportamos ao Brazil. E quando Pedro Alvares Cabral póz pé em terra americana, firmou com o tacão da bota a nossa existencia futura. De resto, isso a que Antonio Sergio chama *energia caçadora e aventureira* foi uma forma natural, d'acordo com o tempo, com o instante historico, da actividade europeia. Emquanto nós conquistavamos a India para a vida mundial, os seus inglezes, francezes, holandezes, etc., conquistavam navios mercantes para exclusiva riqueza das suas pessoas...

O desenvolvimento da sciencia, a descoberta do carvão de pedra por um ferreiro de Gand, é que naturalmente converteram a anterior forma de actividade *em trabalho creador,* como lhe chama. Este descende d'aquela... Sejamos razoaveis. Tudo teve a sua época e o seu valor.

Muito teria a dizer ainda ácerca do seu valioso trabalho, mas esta já vae longa, repito, e o direito de massar os outros não faz parte dos *Direitos do Homem.*

T. P.

EXPLICAÇÕES NECESSARIAS DO HOMEM DA ESPADA DE PAU AO ARCANJO DA ESPADA DUM RELAMPAGO

MEU QUERIDO ARCANJO SONHADOR:

A SUA Carta põe os pontos nos *ii* duma duvida velha: não somos um rouxinol e um peixe, como julgara: somos um homem e um Arcanjo, como insinua o meu amigo. Vá lá isso!

Pois, bondoso e arcangelical amigo: contra todos os meus projectos tenho de voltar ás nossas cartas, por haver, entre os seus caprichos de imaginação, alguns que deixados sem resposta poderiam dificultar a compreensão do que vou expôr na ultima parte (desta *Águia* e das futuras) sobre o sistema de educação que proponho ao nosso povo. Tomarei por ideal o estilo telegráfico.

Primeiro ponto: porque levam as tendencias saudosistas (sentimentais, contemplativas, horrorizando a «materia») a mocidade ao bacharelismo, á secretaria, ao comunarismo? Não se faz mister o citar a opinião unânime dos pedagogos: o simples senso vulgar não ignora que a educação sentimental cria o desafecto á iniciativa, aos contratempos e necessidades dos negocios, aos esforços e decisões de todos os instantes que as profissões usuais (1) exigem, principalmente quando exercidas á moderna, anti-rotineiramente. A educação sentimental só permite quatro estradas: a fortuna herdada, o casório rico, as profissões liberais, o funcionalismo. Em tudo um sentimental puro é um contemplativo, um devaneadôr, ou um palrador e remexido, como a mosca de Lafontaine: nunca um disciplinador, concentrador e canalizador de energias uteis; pode revolucionar e abater muita coisa, mas nunca constroi coisa de geito. O bacharelismo é uma má orientação profissional, improdutiva, ligada a uma má educação da vontade: não tem relação alguma com a falta de estudos «lusitanos». Ha bacharelismo na Russia, na Espanha, no Brasil; ha bacharelismo em toda parte onde falta iniciativa e energia *produtora:* o bacharel é mesmo frequentemente patrioteiro e chauvinista. Se quer livros, comece por «A que se prende a superioridade dos Anglo-Saxões», de Edmundo Demolins, «A Educação Nova», do mesmo autor, «As três formas essenciais da educação», de Paulo Descamps. Por emquanto estes bastam.

Sonhou o Pascoais que eu atribui «a atual prosperidade da

(1) Esta expressão opõe-se a profissões *liberais;* designa as da industria (cultura, fabricação) e do comercio.

França á distribuição pelos camponêses das terras da nobrêza (até aqui está certo), *á identificação da sociedade com o Estado,* etc., como se tudo isso não fosse (segundo o meu poeta) o produto real dum sonho anterior, o sonho que animou os escritores do seculo XVIII.» A questão das terras está certa, mas a segunda é precisamente o contrario do que eu disse: apresentei tal identificação como um obstaculo ao progresso, e não como estimulante. Vejo-me obrigado a chamar para isto a atenção dos meus leitores, porque a absorpção da sociedade pelo Estado é um dos males a combater na nossa terra. Aliás, por ser muito ruim a minha prosa, o facto de lê-la sem atenção demonstra, pelo menos, o bom gôsto do meu amigo. Pelo que toca ao resto da sua frase, todos sabem que a venda aos camponêses das terras da nobreza emigrada foi um expediente imposto pelas circunstancias, e que não teve nada a vêr com os sonhos dos escritores. A sua fantasia de poeta, quando escreve sobre historia, é que é uma gentil criancinha que dorme e sonha: — sonhos maravilhosos de criancinha...

Desta forma sonhou que «o que é verdadeiro em França pode ser mentira em Portugal»; que «se concorreu a distribuição da terra para a prosperidade da França, na Grã-Bretanha aconteceu precisamente o contrario». Valha-nos Deus, meu poeta: sempre sonhos, devaneios, caprichos, fantasias... Não, não é nada disso... As leis da economia social teem valor para todos os povos; acreditar o contrario é o mesmo que presumir sêr a higiene individual — o ar livre, a luz, a alimentação natural, o exercicio, etc., — muito util para os Joões e os Franciscos, mas muito perniciosa para os Antonios e os Josés... Desçamos a este mundo. Aqui está o que aconteceu:

A terra era possuida em França por senhôres que andavam na côrte, que a não cultivavam. Exactamente o contrario na Inglaterra: solo possuido pela população rural, que o cultivava, a ponto de fazer dele o maior mimo de cultura que a Europa jamais viu. A aristocracia inglêsa era uma aristocracia rural, não uma aristocracia de salamaleques e de «fieis vassalos»: não se conhecia em Inglaterra o «todos del-rei» tão português. Um dos documentos para esta comparação é a viagem de Young em França, de que Taine se aproveitou nas «Origens da França Contemporanea». Já adivinhou o Pascoais que em França, uma vez possuida a terra pela gente camponêsa, passou ela a sêr cultivada. E' este o ponto capital: terra cultivada ou não cultivada. Tudo que suscita a cultura é bom, e tudo que estorva a cultura é mau, em todos os territorios e todas as nações. Nêste ponto uma citação de Boutmy: «O sistema de grande propriedade aristocratica que se observa *hoje* em Inglaterra não foi de forma alguma herdado da Idade-média: *é uma criação do seculo passado*» (XVIII). («O desenvolvimento da Constituição em Inglaterra», 515). (1)

(1) A leitura desta mesma obra lhe faria saber porque é que o morgadio não produziu na Inglaterra até esse século, acumulação de propriedade. Saíu o livro em 1877: «seculo passado» é pois o XVIII.

Ora esta recente criação foi um mal; não logo tão grande como seria em França, por dois motivos: 1.º, a aristocracia inglêsa não tinha os maus habitos sociais da francêsa; 2.º, a Inglaterra possuia outras terras, onde continuou a agricultar, sustentando a industria da mãi-patria: as colonias. Apesar disto não deixou a novidade de sêr um mal. Os mesmos erros sociais produzem em todos os povos os mesmos efeitos; mais depressa nos de menos força resistente; mais devagar nos organismos sociais mais robustos:—o mesmo sucede com os individuos. Para remediar os efeitos dêste mal, de que a Inglaterra sofre agora como outrora sofreu a França, é que Lloyd George hoje em dia empreendeu a sua legislação sobre a terra: o que ele hoje pretende fazer a bem da Inglaterra é aquilo mesmo que já fez bem á França, pois o que hoje faz mal á Inglaterra é aquilo mesmo que já fez mal á França. Em resumo: até ao fim do seculo XVIII a França esteve num mau sistema, que lhe fez mal; a Inglaterra tinha o sistema contrario, que lhe fez bem; do seculo XVIII em diante reciprocam-se os papeis: a França dá-se bem com o antigo bom processo da Inglaterra, a Inglaterra dá-se mal tomando o mau processo da França antiga. No seculo XX a Inglaterra, com Lloyd George, pensa em voltar ao seu antigo sistema, que lhe fez bem a ela e á vizinha. Foi o meu amigo que escolheu o exemplo, e como vê, ele é eloquente—da eloquencia saudavel das ideas claras, oposta á eloquencia anestesiante dos palavriados obscuros. Se consegui falar tão nitidamente como penso, o proprio Capricho em pessôa concluiria que *a mesma* orientação salutar fez bem *aos dois* países, e *a mesma* orientação viciosa fez mal *aos dois* países; que as regras da economia social são igualmente aplicaveis a todos os povos e sociedades. E' claro que se o meu poeta sonhar agora, por exemplo, que o Lloyd George não existe, que a revolução francêsa foi no seculo III antes de Cristo, que o viajante Young era zarôlho,—lá terei eu de recomeçar a historia em todos os numeros da nossa *Aguia,* para lhe demonstrar que o homenzinho existe, que a revolução francêsa foi no século XVIII, e tudo mais que lhe aprouver.

Ao sonho seguinte evapora-o a simples cronologia. Sonhou o meu poeta que o movimento místico italiano foi obra de um só homem, S. Francisco de Assis; mas eu e os seus leitores sabemos muito bem que S. Francisco não foi o iniciador, não foi o ponto de partida, mas o ponto de chegada dêsse grande movimento; S. Francisco (o mais popular dos santos italianos, como diz Villari, o santo nacional por excelencia) é a flôr, de que a raiz, o tronco, a seiva, é o esto de misticismo italiano *que o precedeu.* Que o precedeu, Pascoais, que o precedeu! (1) Que o precedeu e o suscitou! Muitas faculdades milagreiras lhe atribuem, mas não o efeito rètro-activo; fez milagres mas depois de nascer: antes de nascer, nem o próprio Cristo! Sobre este longo movimento que culminou no santo escreveu

(1) Ainda quando assim não fôra, é sabido que um homem só consegue produzir um grande movimento popular quando vibra em unisono com o sentimento do seu povo.

Gebhart um livro amenissimo que se chama, não «S. Francisco de Assis», mas *A Italia mistica:* aí veria como o povo italiano deu o solo e a atmosfera àquele lírio cristianissimo; o povo italiano que foi para a obra, empregando palavras de Renan, «*l'inspirateur,* le collaborateur, l'apréciateur». (1) «Après le christianisme, diz ainda Renan, le mouvement franciscain est la plus grande *oeuvre populaire* dont l'histoire se souvienne.» (2)

Como sabe, um dos mais célebres historiadores de S. Francisco de Assis é Paulo Sabatier. Vou arrancar á sua «Historia de S. Francisco de Assis» (1894) algumas citações:

«Si l'on cherche les origines de ses idées (de S. Francisco) on les trouve exclusivement parmi le peuple de son temps, et c'est pour cela *qu'il incarne l'âme italienne* au commencement du XIII.ème siècle... Il était du peuple et le peuple se reconnût en lui.» *(Introduction,* IX)

O capitulo IV desta obra, que trata dos factos sucedidos *antes* de «a luz se fazer nas trevas do seu espirito», como dizia S. Francisco, começa desta forma: «les biographies de S. François nous ont conservé un trait qui montre *comment la fermentation réligieuse était grande,* jusque dans la petite ville d'Assis» (p. 60). A fermentação religiosa era grande, até na pequena cidade de Assis, *antes* da crise religiosa de Francisco...

Antes de S. Francisco não houve sòmente uma intensa e prolongada vibração anónima: individualidades eminentes se haviam erguido nessa atmosfera saturada de misticismo, entre as quais Joaquim de Flora, do qual nos diz Sabatier: «Joachin de Flore forme le dernier anneau d'une suite de moines prophètes *qui se succédèrent durant près de quatre cents ans*... Ses idées, repandues ça et là par des disciples enthousiastes, germèrent sans bruit dans les coeurs» (pag. 52). Veja o que fez S. Francisco, durante quatro séculos, *antes de nascêr!*

Como vê, participam da minha «teima» Renan, Villari, Gebhart, Sabatier. Participa toda a gente, menos o Saudosismo, que sonhou e decretou o contrário. Participa a propria cronologia. O Saudosismo, como a personagem de Molière, *a changé tout cela:* decretou que os tempos de *depois* vieram *antes,* que os predecessores e precedentes foram sucessores e consequentes. Todo o Saudosismo é uma série de sonhos decretados pelo meu amigo: o que o caracteriza, ao Saudosismo, é a audacia de olhos puros, o santo descaramento da invenção. *Hay que comprimirse!* Porquê inventar em coisas tão sabidas como a vida de S. Francisco, a revolução francêsa, ou a propriedade rural em Inglaterra?

Eu reconheço que é por virtude, por bondade, por amor á sua terra que o meu amigo tudo inventa. Respeito e admiro a sua paixão; sómente o quisera convencer de que erra supondo as invenções necessárias e prestimosas. Cumpre aceitar a *realidade, inteira,* e estu-

(1) *Nouvelles études d'histoire réligieuse; S. Fr. d'Assise,* pag. 341.
(2) *Ibid.*

dá-la carinhosamente sob *todas* as suas formas; de nada serve mutilá-la:

«Willst du ins Unendliche schreiten,
Geh' nur im Endlichen nach allen Seiten».

Carlyle definiu o heroi «a bringer-back of men to reality» — um que faz voltar os homens á realidade: são esses os herois necessários á nossa terra.

Tambem se sabe que não fomos só nós que chamámos ao Papa o bispo de Roma; que *todas* as igrejas viveram a principio separadas de Roma. (1) Ainda o Saudosismo descobrirá que uma das sublimes originalidades dos portuguêses é ter pernas, tronco, braços e cabeça. Para poder dizer que uma dada qualidade é caracteristica dum povo, faz-se mister estudar os outros povos: simples observação que deveria varrer a «deusa», com todos os seus apendices. Mas não varre, eu bem sei que não varre: cada vez mais vitoriosa, mais deusa, mais tonante! Sobre as conquistas, etc., não respondo, porque o meu caro se limita a requentar uma açôrda que eu já atirei para as quimeras nos meus artigos da *Vida Portuguêsa;* (2) sobre o «estranjeirismo» e o meu discurso eu o elucido num momento: diz o meu amigo que o que caracteriza a nossa decadencia é o «estranjeirismo», e esse discurso demonstra que, pelo contrario, a nossa decadencia se caracteriza pelo furioso horror ao «estranjeirismo», enquanto o periodo de ascenção foi fecundo pela assimilação da cultura estranjeira. Aqui, *como sempre,* as afirmações saudosistas são *precisamente o contrário* da realidade.

Vejo agora diante de mim estes periodos da sua carta:

«Oh! se admiro a alma inglesa! alma séria, silenciosa, profunda, nascida dum raio de luar coado pela névoa, em vagas scintilações de melancolia, sobre a agua de um lago ensombrado de arvores...» «A luz é ingenuidade, e a Côr, e o Som! A virtude é ingenuidade, e o crime é ingenuidade. O mundo é uma esfera de inocencia gravitando através da infinita inocencia do Infinito. No meio da simplicidade que nos cerca, eu só vejo uma face desiludida, êrma de inocencia, cadaverica...— e essa face é a face mortal da Lua, essa Caveira fosforecente, radiando o pavor, o mêdo e a tristeza,

(1) Fala no «meu» catolicismo; já me chamou positivista; parece que me chama agora catolico; devo declarar que não sou uma coisa nem outra, se bem que não tenha sobre o catolicismo as ideas dos livre-pensadores portugueses e do saudosismo. Como muitas das virtudes do catolicismo norte-americano lhe foram transmitidos pela gente norte-americana, muitos dos defeitos do catolicismo português são simplesmente os da gente portuguesa. O mesmo se diria do nosso liberalismo, do nosso positivismo, etc., etc.

(2) É evidente, para quem leu o meu discurso, que eu não condeno as descobertas e a colonização, mas a maneira por que nós entendemos esta ultima. A verdadeira colonização faz-se sob a forma trabalho, e não sob a forma lambada. Ante a sua afirmativa de que navegámos para beneficiar os outros, e os holandêses para exclusivo bem das suas pessôas, pergunto a mim mesmo quem sustentou a teoria do *mare clausum* (mar fechado, só para nós) contra a teoria holandêsa do *mare liberum:*

a agoireira antevisão do Fim, nesse banquête deslumbrante dos mundos a que preside o Rei-Sol.»

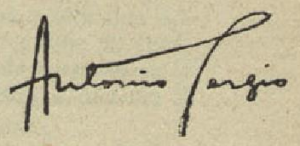
Ah, meu poeta, só agora compreendo o Evangelho de S. João: «No principio era o Verbo, e o Verbo era Deus!» E Deus transmitiu (certamente) aos Arcanjos as suas propriedades de Verbo! Agora sim, meu amigo, que me vejo obrigado a dar homem por mim! Dou o professor de poesia do «Fidalgo aprendiz», o qual, se bem me lembro, se apresenta desta forma:

Ante vossa presença jaz extático
Um culto professor de estudo crítico
A que ousam chamar humor frenético!

Esgrima contra ele a sua «espada de Arcanjo, feita dum relâmpago», que eu já meto dentro do saco o meu «pau.» Quanto á rètorica de que uso, que a seu ver se substitue ao pensamento (só um saudosista me diria isto, rapazes!) tenho-a empregado com algum exito cá fóra, onde verdadeiros homens de sciencia me teem dito... Adiante: nada de imodestias! Não são as leis sociais, mas as definições da retórica que variam com as latitudes, ou melhor com as declinações e ascensões rectas, visto que o meu amigo é do céu — e felizmente da terra tambem, para ventura de todos aqueles que, como eu, o estimam e o veneram, como homem e como poeta.

Camarada e amigo

Genebra, 27 de Maio.



Por absoluta falta de espaço, só poderei responder a esta carta no proximo numero da «Águia».

TEIXEIRA DE PASCOAES.

A ÁGUIA Revista mensal, órgão da «Renascença Portuguesa» — Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redacção e administrador, Álvaro Pinto — Redacção, administração e tipografia, Praça da República, 160, 161 e 162. Pôrto — Gravuras de Cristiano de Carvalho, Rua de Cedofeita, 95-1.º, Pôrto. o o o o o o o o o o o o o o VI volume—1914.

LITERATURA

MAIS PALAVRAS AO HOMEM DA ESPADA DE PAU

O meu caro Antonio Sergio abandonou os pontos essenciaes da questão (originalidade da Saudade, e o seu significado transcendente) e entretem-se a discutir comigo a revolução franceza, S. Francisco de Assis, a propriedade rural em Inglaterra, etc. Tenho pena de o não poder acompanhar nesse campo, pois outros assuntos, de mais valor para mim, me solicitam. Não tenho tempo de folhear livros, nem o meu espirito se contenta com essa *bisbilhotice* intelectual que trata de saber o que os outros dizem.

A paginas tal, diz F., e Cicrano, na obra supra cit. diz isto e aquilo, Vid. Bibliografia, e, sobretudo, a obra de Beltrano, na sua edição de Londres, anno de 1605, etc., etc. — nada disso me interessa. A mim, o que me interessa, é o meu pensamento, embora humilde e obscuro. Creio que está nas minhas obras (em cuja 2.ª edição corrigida trabalho actualmente) melhor ou peor expresso.

Mais que para discutir, eu nasci para affirmar. Nem as grandes verdades se discutem: affirmam-se!

Aqui tem, meu amigo, a attitude de um ignorante ao pé de um sabio. É n'essa attitude que eu desejo conservar-me, assim como desejo vê-lo a si, na sua meza de trabalho, bloqueado de calhamaços, olhando gravemente por cima dos oculos...

Eu não sou o rouxinol nem o archanjo de que fala o seu sorriso... amavel. Mas o meu caro amigo é, com certeza, o môcho, o môcho da sciencia!

Ante os seus pios eruditos, emudeço; e, boquiaberto, sinto passar, por cima de mim, esse temporal de nomes, datas, citações! Depois, tremulo ainda, observo-me, a ver se escapei, se pertenço ainda a este mundo... Vejo que, mais uma vez, nada soffri.

Perdoe, querido mestre, á minha pobre ignorancia, tal arrôjo e desabafo. Se ela encara assim, frente a frente, a grave sizudez da sua sapientissima pessoa, é que é uma creança, como lisongeiramente diz. Na verdade é uma creança, e eu gosto d'este papel de menino entre os Doutores. A sabedoria tem seus caprichos muitas vezes — e tem graça... Gosta, por exemplo, de aparecer disfarçada n'um sor-

riso infantil, ás taciturnas frontes que o estudo macerou, embasbacando-as!

Uma cantiga de Coimbra (de Coimbra, se bem me recordo) afirma que ha mais sciencia n'um beijo de amor que nos livros dos doutores. Atravez da aria irreverente, meu caro amigo, transluz uma grande verdade! É que o beijo cria vida, dilata a creação, acende novas almas, e a sciencia não faz mais do que machucar as pobres almas, para ver como ellas foram feitas... Tambem ha ingenuidade, infantilidade, nos sabios, meu caro Antonio Sergio...

Eu voto pela cantiga de Coimbra... Desconfio que a Cotovia sabe alguma cousa do Sol... talvez mais do que os astronomos... Que dirá a este argumento alado, cantante, matutino, o bisonho *môcho* nocturno que sabe, que estuda, que profunda as cousas? Pia... pia... sinistramente um riso amarelo sobre a poeira dos sepulcros. A sua cátedra é o cipreste...

Já fui rouxinol e archanjo; quero morrer cotovia. Apelemos, portanto, para o Sol, a proposito de S. Francisco de Assis. Com mãos de luz, caro amigo, é que se deve tocar em tão divina figura. Para longe a descarnada mão scientifica, essa mão que definha, mumificante! Apelemos para o Sol. Quem melhor o cantou do que S. Francisco de Assis? Se ele foi a sua propria luz espiritualisada, um seu divino e efemero reflexo que passou pelo mundo, entre a sua pessoa e o astro rei não ha distancias. O que fôr verdadeiro quanto ao Sol, será verdadeiro quanto a S. Francisco de Assis. Leia a seguinte frase, meu caro amigo: *a aurora é causada pelo sol que está para nascer*... e o alvoroço mistico anterior a S. Francisco de Assis... era já S. Francisco de Assis! (Estou vendo o assombro dilatar-lhe os olhos negros...) Mas continuemos: as grandes almas, antes de surgirem individualisadas, dentro dum corpo humano, vivem esparsas e difusas... madrugantes.

A luz percursora duma nova ideia é... essa mesma ideia a caminho da sua condensação, isto é, do nascimento. Se a ideia morre sem haver atingido a forma definida e viva, tambem a sua luz anunciadora se extingue, sem deixar vestigios. É como a promessa duma cousa vaga que jamais se mostra. (Compreende este argumento? Eu, por mim, não me atrevo a dizer que o compreendo, pois o meu caro Antonio Sergio só me concede a faculdade de sonhar... Mas, o que lhe affirmo terminantemente é que *adivinho* a sua verdade!). Continuemos: que seria do movimento mistico italiano sem a alma de S. Francisco de Assis e o seu canto ás creaturas? N'este canto, *obra individual*, é que ele se define, é que ele tomou corpo e vida, é que ele foi *verdadeiramente*.

O *franciscanismo* (até o nome o indica) é obra do individuo Francisco de Assis, não destruindo esta affirmação o facto de haver existido, antes d'ele, os taes frades de que fala, pois é certo que a palavra *originalidade* nunca pode ter, n'este mundo, um valor absoluto. Tambem os apostolos de Christo eram judeus, e, todavia, o christianismo não foi um movimento judaico. De resto, só é proprio

d'um povo, o que n'ele vive e perdura, e o *franciscanismo* não pendurou na Italia. O Vaticano, sim.

Quanto á identificação da sociedade com o estado, declaro que não tomei a palavra identificação como significando absorpção, mas como traduzindo harmonia, concordia entre as duas entidades, o contrario do que se dá em França, onde o corpo politico está contrariando as aspirações patrioticas do povo francez. Mas bemdigo o meu engano e a ignorancia que o causou, pois a eles devo o ser considerado por si, uma *gentil creancinha que dorme e sonha.* Como vê, não resisti a transcrever esta frase lisongeira. Ser gentil creancinha é muitissimo, de dormir tambem foi acusado Homero, e o sonhar, meu bom amigo, é o que nos distingue dos outros animaes.

É pelo sonho e não pela razão, creia, que o homem se destaca dos outros bichos. Este seu argumento contra o saudosismo merece todo o meu respeito. Ah, meu querido e venerando avoengo! Como eu vejo erguer-se das suas palavras encanecidas, pingadas de simonte, o amado e saudoso vulto ancião do meu primeiro mestre!... V. tambem usa aqueles oculos na testa, e a sua visão intelectual, dilatada pelo vidro, restitue carinhosamente á minha pessôa, já afflicta sob as primeiras brancas e as rugas... o *edenico esplendor dos primitivos dias*...

Tal argumento é sagrado para mim. Tocar-lhe, mesmo com uma flor, seria profaná-lo!

Vejamos agora aquelas duas frases (o que é verdade em França pode ser mentira em Portugal. Se concorreu a distribuição das terras para a prosperidade franceza, na Grã Bretanha aconteceu precisamente o contrario) que o meu caro amigo interpretou o seu *bel prazer,* conforme lhe conveio. É humano.

Não lhe direi que sonhou. Quero o exclusivo do sonho, pois é possivel que os *trusts* não estejam na orbita do seu pensamento economico, assim como a grande propriedade.

Eu affirmei (e muito bem, d'acôrdo com Pascal) que o que é verdadeiro n'um paiz pode ser mentira n'outro; e affirmei que a Grã Bretanha deve a sua grandeza colonial á constituição da grande propriedade, ao morgadio. Vá lá! a minha ignorancia vê-se obrigada, embora lhe custe, a confessar que tambem leu a obra d'um economista, na qual se affirma que o morgadio atirou com os filhos segundos para a India, America e Oceania, onde crearam um imenso emporio colonial que é a base da grandeza britanica. E creio que o seu citado Taine diz isto mesmo nas Notas sobre a Inglaterra.

Temos assim, a França enriquecendo com a divisão das terras que principiaram a ser cultivadas, (sim senhor! eu já sabia que, em todas as partes, a cultura da terra é boa e a não cultura, má. E muito antes de mim e de si, já o sabia o meu visinho *Joaquim da porta* que tem 60 annos de trabalho de enxada e é d'uma ignorancia mais perfeita e virginal do que esta que lhe está falando, pois o velho e honesto camponez nunca, em dias da sua vida, sujou a luz dos olhos em tinta de letra impressa.) e temos a Inglaterra enrique-

cendo com a não divisão da propriedade, enviando ao ultramar vigorosos braços que de lá canalisaram para a metropole rios e rios de oiro!

A França prosperou cultivando a propria terra que é bôa e fecunda, e a Inglaterra prosperou cultivando e explorando estranhas terras longinquas, porque o seu proprio solo, menor em aria e muito menos productivo que o francez, por melhor cultivado que fôsse, não poderia crear riqueza que lhe garantisse um tão alto p oderio.

Pensa, portanto, a minha ignorancia (ou antes, sonha, como quiser) que as regras da economia social não possuem os atributos de Deus que o meu apaixonado e ilustre economista lhe atribue. É preciso adaptá-las aos povos, á sua potencia de trabalho e especialidades deste, á natureza dos seus territorios, etc... Mas isto é lá comsigo. Não quero meter, por mais tempo, a fouce em seára alheia.

Fala ainda no sistema de Lloyde George. Interrogue tambem o senhor Balfour que é digno de ser ouvido na materia. E o que resultará para a grandeza britanica das ideias de George, só ao futuro pertence...

Agora diga que eu sonhei que Lloyde George não existe, que a revolução franceza foi no seculo XIII e outras brincadeiras da sua chalaça inofensiva...

Tambem o meu querido amigo decreta que no principio todas as egrejas viveram separadas de Roma. E eu digo-lhe que a egreja portuguesa conservou até muito tarde a sua autonomia, creando um rito, pontos de fé especiaes, etc. Ela encarnava, emfim, uma *forma sua* do Christianismo. E, por isso, perdeu a autonomia violentamente, pela força da vontade d'um rei e não por expontanea adaptação á Curia.

Leia Gil Vicente, o Cancioneiro Popular... e verá que o nosso sentimento religioso não é romano. Camões não colocou Jesus Christo ao lado dos Deuses do Olympo? Se elle fosse catolico, não praticaria tal sacrilegio, por mais que o seduzisse a literatura greco-romana. Nas suas proprias liricas, como no lirismo popular, ha um *sentimento panteista e nosso,* anti-catolico.

Mas vejo que tudo são *afirmações saudosistas* e, *como sempre, precisamente o contrario da verdade.* E o meu caro amigo atribue á minha pessoa *a audacia de olhos puros,* o *santo descaramento da invenção!*

Basta de tanta generosidade! Que se dê o casaco, o chapeu, ainda o relogio, vá! Mas a propria pele?!

Em seguida, o querido amigo (a minha ignorancia não se atreve a chamar-lhe confrade) recorre ao seu processo de misturar trechos meus, truncados, e arrancados á tôa da ultima carta que lhe escrevi. Quer ver se lhes consegue uma atitude caricata. O processo é facil e engenhoso. Para ridicularisar um desgraçado não ha como pintar o seu retrato, pondo-lhe os queixos na testa, as pernas no logar dos braços e os olhos no sitio do nariz! Eis o que fez á minha prosa que,

de maravilhas feita, passou a ser obscura. Ainda bem que o seu sorriso a alumia...

A este proposito, deixe-me dizer-lhe que falei da alma inglesa, vendo-a atravez dos seus poetas. Que a sciencia perdoe á Poesia, mas é n'esta que a alma d'um povo se mostra no seu aspecto superior, eterno e verdadeiro.

Guardo para o fim o principio da sua carta, porque é o mais importante. N'ele afirma, pela decima vez o que eu, pela decima vez, tenho contestado. Mas vá lá. Tornarei a repetir que o Saudosismo tem por alma a Saudade... a lembrança e o desejo, ouça bem! Se um dos seus elementos é espiritual e contemplativo, o outro é material e activo. Se um é alma que sonha, o outro é corpo que trabalha. O Saudosismo traduz a harmonia entre os dois principios. E não devemos desprezar nenhum, se quizermos fazer obra humana, fecunda e deste mundo, onde o homem-machina de certos economistas não passa, afinal, d'um phantasma.

O homem de carne e osso é o unico homem que verdadeiramente existe sobre a terra, conforme disse na sua ultima extraordinaria obra, Miguel de Unamuno.

A educação tem de ser sentimental e pratica, preparando o homem a viver pela alma uma vida superior e, ao mesmo tempo, de trabalho fecundo e livre. O homem é carne e osso, sentimento e inteligencia.

E, no nosso caso nacional, a educação verdadeira será aquela que tornar os portuguezes conscientes da sua Patria e aptos para o trabalho que produz riqueza material e espiritual.

Já disse isto varias vezes; mas o meu caro amigo insiste em considerar as *tendencias saudosistas como sentimentaes, contemplativas, horrorisando a materia (!)* e *levando, portanto, a mocidade ao bacharelismo, á secretaria, ao comunismo.*

E insiste, para que? Para conseguir argumentos contra o Saudosismo! Á Saudade, como a todas as Deusas, não lhe faltam herejes atacados de frenesi! O que só mais prova a sua divindade...

E agora, meu caro Antonio Sergio, creia sempre na minha amisade e admiração. E, se tiver a estopada de responder a esta carta, não estranhe o eu demorar a minha resposta. Tenho muito que fazer durante os mezes mais proximos.

Teixeira de Pascoaes

ANEXO 4 - A NOVA POESIA PORTUGUEZA SOCIOLOGICAMENTE CONSIDERADA

- A Águia nº 04 (2ª Série), abril de 1912, p. 101-107

A Nova Poesia Portugueza Sociologicamente Considerada

I

O movimento litterario representativo e peculiar da nascente geração portugueza tem sido feito pela opinião publiça o favor de o não comprehender. E esse movimento que, sobretudo na poesia, com crescente nitidez accusa a sua individualidade representativa, não tem sido comprehendido, porque uma parte do publico, a que tem mais de trinta annos, está inadaptabilisavel, por já velha, a esse movimento, e consta, perante elle, de incomprehendedores-natos; porque outra parte, ou por circumstancias de bacharelosa especie educativa, ou por descuidada na manutenção espiritual do sentimento de raça, ou ainda por sentimentos de desviado e esteril enthusiasmo gerados por absorpção na intensa e mesquinha vida politica nossa, está collocada n'um estado de pseudo-alma descriptivel como sendo de incomprehendedores-de-occasião; e porque a outra, restante, aquella de quem são os novos poetas e litteratos e os que os acompanham no obscuro sentimento racial que os guia, não tomou ainda consciencia de si como o que realmente é, porquanto o movimento poetico actual é ainda embryão quanto a tendencias, nebulosa quanto a idéas que de si ou de outras cousas tenha.

Urge que — pondo de parte mysticismos de pensamento e de expressão, uteis apenas para despertar pelo ridiculo, que a sua obscuridade para os profanos causa, o interesse alegre do inimigo social — com raciocinios e cingentes analyses se penetre na comprehensão do actual movimento poetico portuguez, se pregunte á alma nacional, n'elle espelhada, o que pretende e a que tende, e se ponha em termos de comprehensibilidade logica o valor e a significação, perante a sociologia, d'esse movimento litterario e artistico.

II

Em primeiro logar, é evidente que aquillo a que se chama uma corrente litteraria deve de algum modo ser representativo do estado social da epoca e do paiz em que apparece. Porque uma corrente litteraria não é senão o *tom* especial que de commum teem os escriptores de determinado periodo, e que representa, postas de parte as inevitaveis peculiaridades individuaes, um conceito geral do mundo e da vida, e um modo de exprimir esse conceito, que, por

ser commum a esses escriptores, deve forçosamente ter raiz no que de commum elles teem, e isso é a epoca e o paiz em que vivem ou em que se integram.

E se a litteratura é fatalmente a expressão do estado social de um periodo politico, *à fortiori* o deve ser, a dentro da litteratura, o genero litterario que mais de perto cinge e mais transparentemente cobre o sentimento e a idéa expressos—e esse genero litterario é a poesia.

Não é isto, porém, que de momento importa. Saber pela litteratura as idéas de uma época só pode ter interesse para a posteridade, que não tem outro meio de a tornar presente ao seu raciocinio. O que nos occupa é saber se a litteratura nos poderá ser um indicador sociologico, se nos pode ser ponteiro para indicar a que horas da civilisação estamos, ou, para fallar clareza, para nos informar do estado de vitalidade e exuberancia de vida em que se encontra uma nação ou época, para que, pela litteratura simplesmente, possamos prever ou concluir o que espera o paiz em que essa litteratura é actual. E é precisamente isto que *à priori* se não pode imaginar. Reportemo-n'os, pois, á evidencia analysada dos factos.

Desbravemos, porém, o terreno, aclarando alguns termos essenciaes, e simplificando, para não sermos longos, as condições da analyse projectada.

Por vitalidade de uma nação não se pode entender nem a sua força militar, nem a sua prosperidade commercial, cousas secundarias e por assim dizer physicas nas nações; tem de se entender a sua exuberancia *de alma*, isto é, a sua capacidade de crear, não já simples sciencia, o que é restricto e mecanico, mas *novos moldes*, *novas idéas geraes*, para o movimento civilizacional a que pertence. E' por isso que ninguem compara a grandeza ruidosa de Roma á super-grandeza da Grecia. A Grecia creou uma civilização, que Roma simplesmente espalhou, distribuiu. Temos ruinas romanas e idéas gregas. Roma é, salvo o que sobremorre nas formulas invitaes dos codigos, uma memoria de uma gloria; a Grecia sobrevive-se nos nossos idéaes e nos nossos sentimentos.

Servir-nos-hão de material para a analyse duas nações apenas —a Inglaterra e a França; e isto porque, tendo essas uma unidade nacional, uma continuidade de vida e uma influencia civilizacional accentuada, o problema se limita simplesmente á analyse que desejamos fazer, sem impôr, como imporia o estudo de qualquér nação ou mais complexa, ou mais affastada no tempo, uma previa analyse differencial. A escassez do material, porém, importa apenas quando é superficial a analyse; porque, se *pour expliquer un brin de paille il faut démonter tout le systéme de l'univers*, ao raciocinador ideal bastaria, visto que o systema do universo se acha logicamente contido no *brin de paille*, analysal-o bem, a elle *brin de paille*, para deduzir o systema do universo.

Tomaremos a Inglaterra e a França para material de analyse. E tomaremos periodos nitidos, pois que o espaço não permitte a co-analyse de periodos litteraria- ou politicamente embryonarios.

III

A historia litteraria da Inglaterra mostra trez periodos distinctos, ainda que subdivisiveis em sub-periodos — o isabelliano, que vae de 1580 approximadamente até a um ponto pouco mais ou menos coincidente com o fim da Republica; o tratavel de "neo-classico„ que, pouco depois começando, occupa quasi todo o seculo dezoito, começando porém a morrer desde 1780, approximadamente; e o moderno, que vem desde então até aos nossos dias. D'estes tres periodos o primeiro impõe-se como por muito o maior, não só por ser mais alto o *tom* poetico geral do periodo, mas tambem porque as suas culminancias poeticas — Spenser, Shakespeare e Milton — põem na sombra quantos nomes illustres os outros dois periodos apresentem. — O segundo periodo é inferior aos outros dois: o tom poetico é aquelle, intoleravel, que a França do *ancien régime* derramou pela Europa de que tinha a hegemonia social. — O terceiro periodo contém figuras que, sem serem supremas, são como Coleridge, Shelley ou Browning, grandes indiscutivelmente.

Vejamos agora a que periodos politicos estas epocas litterarias correspondem. A epoca isabelliana corresponde ao periodo da vida ingleza cuja realisação foi feita pela Republica e na pessoa, preëminentemente, de Cromwell. Foi um periodo *creador;* n'elle deu a Inglaterra ao mundo moderno um dos grandes principios civilizacionaes que lhe são peculiares — o de *governo popular,* principio que depois a Revolução Franceza, parcamente creadora, simplesmente transformou no de *democracia republicana.* — O segundo periodo da vida politica ingleza, o que vem desde a queda da Republica, culmina na revolução, de mera substituição dynastica, de 1688, e vem morrer por 1780 *nas almas,* e *de facto* com a reforma eleitoral de 1832, é absolutamente nullo e esteril para a Inglaterra; n'elle ella nada creou, nem mesmo a sua propria grandeza, visto que a hegemonia social na Europa era então da França. N'este segundo periodo a Inglaterra não fez senão ir realisando, apathica- e frouxamente, o principio de governo popular que havia creado. — Tambem no terceiro periodo a Inglaterra nada creou de civilizacional; creou a sua propria grandeza e nada mais — visto que a hegemonia européa tem sido mais sua do que d'outra nação no seculo dezenove, conforme o vincaram para a historia Nelson em Trafalgar e Wellington em Waterloo.

Virando-nos agora para a França, e desprezando, como já dissémos, o embryonario e informe, vemos egualmente trez periodos, incoincidentes porém, no tempo, com os trez periodos inglezes. O primeiro periodo acompanha o *ancien régime,* culmina no tempo de Luiz XIV, e dura até ao fim do seculo dezoito, emprestando o tom á litteratura européa. O segundo periodo, o romantico, começa depois da queda do *ancien régime* e vae terminando á medida que o republicanismo se vae realisando nas almas, de 1848 a 1870, approximada- mas incorrectamente. De então para cá, em seguida ao periodo (de 1871 a 1881 pouco mais ou menos) de lenta conso-

lidação republicana, vem o terceiro periodo, aquelle a que caracterizam o realismo, o symbolismo e outros anti-romantismos (1).

Vejamos agora como se nos mostram os correspondentes periodos politicos. O primeiro, *ancien régime*, foi um periodo em que a França nada creou *para a civilização*, visto que creou apenas a sua propria grandeza e a correspondente hegemonia social européa, cujo reflexo longinquo e fraquejante é a influencia de que ainda gosa. O segundo periodo é aquelle que, *precipitando-se* na prematura Revolução Franceza, se vae realisando só depois, *nas almas*, de 1848 a 1870, pouco mais ou menos, e é n'este periodo que a França cria para a civilização a idéa de democracia republicana. Não a cria, é claro, tão creadoramente como a Inglaterra de Cromweil, que a *origina* no mundo moderno; torna-a porém mais intensa e nitida, desenvolve-a — o que é tambem, ainda que secundariamente, uma creação. Finalmente, no terceiro periodo, o de 1870 para cá, a França nada cria para a civilização, nem mesmo a sua propria grandeza cria, visto que decahe em valor européo: vae vivendo, como a Inglaterra no segundo periodo, e realisando, apathica- e despiciendamente, o principio de democracia republicana que em anterior periodo creára.

Posto isto, analysemos. Em primeiro logar é evidente a analogia, quanto a valor civilizacional, e, portanto, a vitalidade nacional, entre o primeiro periodo francez e o terceiro inglez, entre o segundo periodo francez e primeiro inglez, e entre o terceiro periodo francez e o segundo da Inglaterra. Tão perfeita é a analogia social e civilizacional como a analogia litteraria. A litteratura ingleza attinge o seu auge no primeiro, a franceza no segundo, periodo. São relativamente ricas, a ingleza no terceiro periodo, a franceza no primeiro. E a ingleza no seu periodo segundo e a franceza no terceiro seu estão no mesmo nivel de abatimento litterario perante os outros periodos. — Vemos, pois, que o valor dos creadores litterarios corresponde ao valor creador das épocas a que correspondem, de modo que a litteratura não só traduz as idéas da sua época mas — e é isto que importa que fixemos — o valor da litteratura, perante a historia litteraria, corresponde ao valor da epoca, perante a historia da civilização.

Avançando na analyse, porém, revela-se-nos que a posição chronologica das litteraturas se dá, relativamente aos correspondentes movimentos sociaes, da modo diverso nos trez periodos. Assim, no primeiro periodo, o creador, da Inglaterra, o movimento litterario que culmina em Shakespeare (entre 1590 e 1610) *precede* o movimento politico, que só começa ao decahir elle. E, em França, o movimento romantico vae decahindo á medida que se vae realisando nos espiritos o correspondente, e socialmente exuberante,

(1) Uma analyse impossivel aqui, por demorada, mostraria como é sociologicamente certa esta divisão, em apparencia anti-historica ao ponto de ser de todo absurda — esta divisão e a que, de periodos politicos, vae a seguir.

movimento politico.—No segundo periodo inglez e terceiro francez, analogos como já vimos, a corrente litteraria *vem depois* da corrente politica que lhe corresponde; como em França se vê pelo apparecimento dos movimentos symbolistas, realista e outros, claramente, nos annos que succedem áquelles em que se consolidou a republica; e em Inglaterra pelo facto de Pope, em quem a corrente litteraria culmina (Dryden, talvez maior, é um poeta de transição, pertencente em parte ainda ao periodo anterior) sêr da geração seguinte á dos consolidadores da nova formula, caracteristica da época, a de monarchia constitucional.—No terceiro periodo inglez e primeiro francez temos a *coincidencia* no tempo entre a corrente e culminancias litterarias e o movimento e culminancias politicos. E' sob Luiz XIV que a vida litteraria é de mais valor, e o movimento reformista inglez (de 1770 a 1832), que involve em si as causas da hegemonia ingleza moderna e inclue as guerras em que ella se fixou, coincide com o romantismo britannico.

Examinemos agora quaes os caracteristicos interiores d'estas correntes litterarias. As correntes litterarias do segundo periodo inglez e o terceiro francez—aquelles periodos em que essas nações nada crearam, nem para os outros nem para si—offerecem como mais importante facto espiritual *a desnacionalisação da litteratura;* visto que a litteratura ingleza do seculo dezoito é vazada em moldes francezes, e a litteratura franceza de 1880 para cá é tudo menos franceza de espirito. Assim, para dar o unico exemplo que o espaço pode admittir, o symbolismo, essencialmente confuso, lyrico e religioso, é absolutamente contrario ao espirito lucido, rhetorico e sceptico do povo francez.—As correntes litterarias do terceiro periodo inglez e primeiro francez—as dos periodos em que os paizes crearam a sua propria grandeza e hegemonia social, mas, de civilizacional, nada—mostram *um equilibrio entre o espirito nacional e a influencia estrangeira:* assim, a influencia allemã é patente mas não dominante no romantismo inglez, e a influencia da antiguidade tão importante como a do espirito nacional na litteratura dos seculos dezesete e dezoito em França.—Finalmente, nos periodos creadores —o primeiro inglez e segundo francez—temos na litteratura *o espirito nacional patente e dominante,* absorvendo e absolutamente eliminando qualquer influencia estrangeira que haja. Assim, nada mais francez do que Victor Hugo com a sua rhetorica, a sua pseudo-profundeza, a sua lucidez epigrammatica em pleno seio do lyrismo, onde não está bem. E Spenser, Shakespeare e Milton—mas Spenser e Shakespeare mais do que Milton—são inglezes inconfundivelmente.

IV

Ainda que rapida, já ha n'esta analyse elementos para a apreciação ponderada da moderna poesia portugueza.

O primeiro facto que se nota é que a actual corrente litteraria portugueza é *absolutamente nacional,* e não só nacional com a

inevitabilidade bruta de um canto popular, mas nacional com *idéas* especiaes, *sentimentos* especiaes, *modos de expressão* especiaes e distinctivos de um movimento litterario completamente *portuguez;* e, de resto, se fosse menos, não seria um *movimento litterario*, mas uma especie de traje psychico nacional, relegavel da categoria de movimento de arte para a, para este caso sociologico nulla, de um mero *costume* caracteristico.

O segundo facto a notar é que o movimento poetico portuguez contém individualidades de vincado valor: não são Miltons nem Shakespeares, mas são gente que se extrema, além de pelo *tom*, que é da corrente, pelo valor mesmo, d'entre os contemporaneos europeus, com excepção de um ou dois italianos, e esses não integrados em movimento ou corrente alguma que, de distinctiva ou nacional, tenha sombra de direito a ser comparada com a hodierna corrente poetica lusitana.

O terceiro e ultimo facto que se impõe é que este movimento poetico dá-se coincidentemente com um periodo de pobre e deprimida vida social, de mesquinha politica, de difficuldades e obstaculos de toda a especie á mais quotidiana paz individual e social, e á mais rudimentar confiança ou segurança n'um, ou d'um, futuro.

Vistos estes elementos sociologicos do problema, salta aos olhos a inevitavel conclusão. E' ella a mais extraordinaria, a mais consoladora, a mais estonteante que se pode ousar esperar. E' ella de ordem a coincidir absolutamente com aquellas intuições prophetica do poeta Teixeira de Pascoaes sobre a *futura civilização lusitana*, sobre o *futuro glorioso* que espera a Patria Portugueza. Tudo isso, que a fé e a intuição dos mysticos deu a Teixeira de Pascoaes, vae o nosso raciocinio mathematicamente confirmar.

E' que os caracteristicos que acabamos de descobrir no nosso actual movimento poetico indicam absolutamente a sua analogia com as litteraturas ingleza do primeiro, e franceza do segundo, periodo, e, portanto impõem que se conclua d'ahi a fatal analogia com as épocas de que aquellas litteraturas são representativas.

A analogia é absoluta. Temos, primeiro, a nota principal da completa *nacionalidade e novidade* do movimento. Temos, depois, o caso de se tratar de uma corrente litteraria contendo poetas de indiscutivel valor. E note-se — para o caso de se argumentar que nenhum Shakespeare nem Victor Hugo appareceu ainda na corrente litteraria portugueza — que esta corrente vae ainda no principio do seu principio, gradualmente porém tornando-se mais firme, mais nitida, mais complexa. E isto leva a crêr que deve estar para muito breve o inevitavel apparecimento do poeta ou poetas supremos d'esta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões. Quem sabe se não estará para um futuro muito proximo a ruidosa confirmação d'este deduzidissimo asserto?

Pode objectar-se, além de muita cousa desdenhavel n'um artigo que tem de não ser longo, que o actual momento politico não

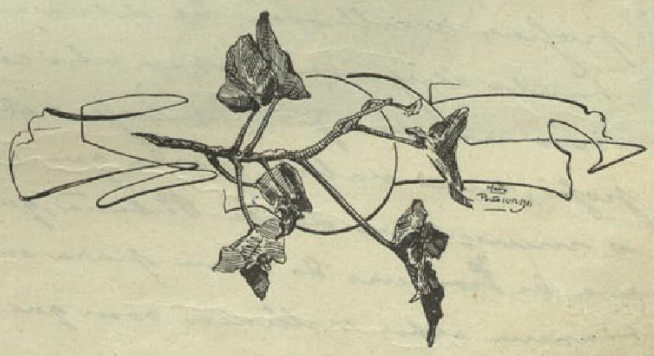
parece de ordem a gerar genios poeticos supremos, de reles e mesquinho que é. Mas *é precisamente por isso* que mais concluivel se nos affigura o proximo apparecer d'um supra-Camões na nossa terra. E' precisamente este detalhe que marca a completa analogia da actual corrente litteraria portugueza com aquellas, franceza e ingleza, onde o nosso raciocinio descobriu o acompanhamento litterario das grandes épocas creadoras. Porque a corrente litteraria, como vimos, *precede sempre* a corrente social nas épocas sublimes de uma nação. Que admira que não vejamos signal de renascença na vida politica, se a analogia nos manda que o vejamos apenas uma, duas ou trez gerações *depois* do *auge* da corrente litteraria?

Ousemos concluir isto, onde o raciocinio excede o sonho: que a actual corrente litteraria portugueza é completa- e absolutamente o principio de uma grande corrente litteraria, *das que precedem as grandes épocas creadoras das grandes nações de quem a civilização é filha.*

Que o mal e o pouco do presente nos não deprimam nem illudam: são elles que confirmam o nosso raciocinio. Tenhamos a coragem de ir para aquella louca alegria que vem das bandas para onde o raciocinio nos leva! Prepara-se em Portugal uma renascença extraordinaria, um resurgimento assombroso. O ponto de luz até onde essa renascença nos deve levar não se pode dizer n'este breve estudo; desacompanhada de um raciocinio confirmativo, essa previsão pareceria um lucido sonho de louco.

Tenhamos fé. Tornemos essa crença, afinal logica, n'um futuro mais glorioso do que a imaginação o ousa conceber, a nossa alma e o nosso corpo, o quotidiano e o eterno de nós. Dia e noite, em pensamento e acção, em sonho e vida, esteja comnosco, para que nenhuma das nossas almas falte á sua missão de hoje, de crear o supra-Portugal de amanhã.

Fernando Pessôa.



ANEXO 5 *PANEGYRICO DE LUIZ DE CAMÕES LIDO NA SESSÃO SOLEMNE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA EM 9 DE JUNHO DE 1880 PELO SECRETARIO GERAL J. M. LATINO COELHO.*

Project Gutenberg's Panegyrico de Luiz de Camões, by José Maria Latino Coelho

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Panegyrico de Luiz de Camões
Author: José Maria Latino Coelho
Release Date: June 27, 2007 [EBook #21950]
Language: Portuguese
Character set encoding: ISO-8859-1

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK PANEGYRICO DE LUIZ DE CAMÕES ***
Produced by Pedro Saborano. (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

PANEGYRICO
DE
LUIZ DE CAMÕES

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Em 9 de junho de 1880

PELO
SECRETARIO GERAL

J. M. LATINO COELHO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA
1880

Senhores. -- Quando o viajante, ao cursar as ermas e dilatadas planicies, onde entre o Eufrates e o Tigre, em seculos remotos floreceram as grandes e conquistadoras monarchias asiaticas, collossos na amplitude e no poder, revoca á mente scismadora as magnificas memorias d'aquelles soberbissimos imperios, encontra em redor de si a aridez e a solidão. Mas as ruinas monumentaes dos antigos e majestosos edificios nos logares hoje desertos, onde outr'ora pompearam as cidades babylonias e assyrias, lhe estão ainda ensinando com a mudez eloquente das ruinas venerandas, a imagem da grandeza que passou.

Tudo é pequeno e transitorio n'este mundo, excepto a humanidade, a cadêa ininterrupta, por onde as successivas gerações umas ás outras vão transmittindo, accrescentado, o thesouro da commum civilisação.

Nascem, crescem, avigoram-se, florecem, decaem, e sepultam-se para sempre no tumulo da historia as nações e os heroes, por mais procéras e giganteas, que o destino lhes talhasse a estatura e as proporções.

Quando, após os esplendidos triumphos,--que em sua comparação, bem poderam envergonhar de pequenas e obscuras as celebradas conquistas e expedições dos povos dominadores na antiguidade,--volvemos os olhos para o que fomos, e caimos na contemplação do que de tanto poderio hoje nos resta, o espirito lastimado pela ingrata confrontação se entristece e se lamenta, de que passasse tão veloz a edade heroica de Portugal. Como ao viandante solitario nos plainos da Mesopotamia, parece-nos que sómente em volta se nos deparam saudosas e melancolicas as memorias do glorioso imperio portuguez.

Onde está Ceuta, em cujas muralhas o rei cavalleiroso e os seus esforçados paladinos, renovando com melhor fortuna e discrição o antigo duello entre a christandade e o islamismo, hastearam seguramente o estandarte portuguez? Onde está Arzilla, e Tanger, e Azamor, e Mazagão? Dentro d'aquelles muros, cujas pedras são ainda hoje insignes testemunhos do heroico valor de Portugal, resôa apenas o seu nome, envolto na penumbra da gloria e do terror. Onde está Malaca, em cujos padrões ainda vivem as façanhas de Affonso de Albuquerque? Onde Cochim, onde Meliapor, onde Bombaim? Onde este vasto littoral, em cujas abras e enseadas as naus e os galeões de Portugal, ao som das horrisonas bombardas dictavam a lei ás temerosas gentilidades? Onde está a India, que Portugal, a custo de façanhas inauditas, navaes e bellicosas, abriu ao tracto e ao commercio das nações occidentaes? Onde está a India? Oh! não repitamos a lastimosa interrogação, que nos pode ouvir, animada por um momento de redivivo e heroico patriotismo, aquella ossada gloriosa do immortal navegador, que hontem fomos depositar no grandioso monumento, consagrado aos nossos descobrimentos pelo rei emprehendedor. Onde estão os archipelagos, a que nós demos nome e senhorio? Onde estão esses mares procellosos e afastados, onde as quinas passeavam triumphantes, fazendo do Oriente mais remoto o feudo de Portugal? Aonde? aonde? Pisam extranhos mais felizes, não mais bravos, as terras que para a Europa soubemos conquistar. De todo o immenso imperio portuguez já não ha a circundar-nos mais do que melancolicas ruinas. Mas n'esta solidão ainda ha para confortar-nos e engrandecer-nos uma voz eloquentissima, que resume nos seus magicos accentos a altivez e a gloria de Portugal.

Já não tendes, portuguezes, a India, nem Ormuz, nem Malaca, nem Ceylão. Nem ao menos vos deixaram como padrão aquelle cabo Tormentorio, cujas borrascas temerosas vos não entibiaram, que não fosseis adiante ensinar á indolente christandade os caminhos tenebrosos do Oceano. Não são vossos os dominios materiaes. Embora. N'aquelles mesmos territorios, onde agora florecem e dominam extrangeiros moradores, lá está sempre o vosso nome. É d'elles o que é da terra, mas é vosso unicamente o que se não pode aniquilar, porque é incorporeo e immortal. É d'elles a riqueza, o poder, o senhorio. Mas será sempre vossa a gloria. Partindo aventurosos e resolutos desde os ultimos confins da Europa occidental, cursastes os oceanos ainda virginaes, onde tomastes o ronco estridor das tempestades pelo hymno triumphal das esplendidas victorias. Abristes as portas do Oceano, e dissestes ás demais nações da Europa: «Despertae da somnolencia medieva, e entrae após os meus navegadores.» A velha christandade phantasiava o mundo nos fabulados portulanos. E vós, estendendo aos vossos pés a terra inteira, como se fôra ainda pequeno mappa, estudastes a geographia, sulcando as linhas nas aguas com as vossas quilhas venturosas, entalhando-as na terra com o ferro vencedor.

Isto diz, mas em carmes inspirados e em divinas modulações, o immortal cantor dos feitos patrios. É a voz da gloria, que resôa perpetuamente, vibrada pela tuba do maximo poeta e do mais ardente e devotado portuguez. São os Lusiadas. É o Camões.

Quando pronuncía um portuguez o nome do Camões, a admiração e o orgulho de contar como seu natural o grande epico, é o maximo elogio. E n'esta occasião, em que festivamente celebra Portugal ao seu poeta, quando o povo, estreitando os vinculos da patria em volta do seu mais illustre e benemerito cantor, está pagando em publica e solemne apotheose, a homenagem do seu culto ao altissimo engenho portuguez, parecera temeridade, quasi diriamos sacrilegio, o buscar encarecer a gloria do Camões. Seria como accender pallidas lucernas para que appareça fulgindo mais esplendido o sol meridiano. E, senhores, se levanto n'este momento a minha voz, perdida e abafada no côro unisono das acclamações universaes, é porque assim o ordenou a Academia, mais zelosa na veneração ao épico immortal do que feliz na eleição do orador.

Não espereis da minha voz um panegyrico, porque só farei em breves termos a commemoração de um grande nome. No meio do fervoroso enthusiasmo, com que a cidade de Lisboa, e as demais povoações de Portugal, solvem após tres seculos na escassa e tardia moeda que lhe é dado dispender, o preço das altiloquas estrophes, quando os arcos triumphaes, os prestitos solemnes, os hymnos melodiosos, os bellicos tropheos, as bandeiras multicores, as deslumbrantes illuminações annunciam publicamente que revive, como o symbolo da patria, o nome do seu cantor, a nação, como que expiando nobremente a culposa indifferença das passadas gerações, entalha n'estes honrosos monumentos o nome de quem teceu de luz a heroica narração dos feitos patrios. A Academia, associando-se a esta liturgia nacional em honra do poeta, poz-me na mão o cinzel, e prescreveu-me que n'um recanto d'este marmore, onde Portugal insculpe agora a sua e a gloria do cantor, eu deixe tambem gravado o nome do Camões.

Fazer o elogio do Camões é tecer o panegyrico da patria. E é sempre grato a um portuguez o encomiar a Portugal.

Nós temos, os portuguezes, um singular e raro privilegio. Somos nós entre os modernos povos europeus o que tem um poema verdadeiramente nacional, um poema, cujos cantos são as façanhas da nação enaltecidas pela mais florida e opulenta phantasia, modeladas nas fórmas da epopéa. Celebram outras gentes a fecundos e altissimos engenhos, cujos reflexos luminosos, transcendendo os ambitos da patria, estão doirando e ennobrecendo a litteratura universal. Mas nenhum povo tem como o portuguez um d'estes felicissimos espiritos, que são ao mesmo passo o genio da nação, e o genio da poesia, e em cujas obras respire ao mesmo tempo a patria e a humanidade, a gloria privativa de um só povo, e o destino commum de uma inteira civilisação. O Dante é immortal, mas o seu poema é inspirado pelo mysticismo e a vingança. Immortal é o Tasso, mas a sua epopéa é a novella cavalleirosa, que se enreda e desenlaça em redor dos sacros muros da triste Jerusalem. Immortal é Shakespeare, mas a sua musa, que penetra e descobre as mais occultas fibras do humano coração, é mais cosmopolita do que fadada a conglobar a gloria dos bretões. Immortal é Cervantes, mas a figura entre sublime e comica do seu heroe, é mais do que o symbolo da Hespanha, é a personificação da humanidade, como abstrusa e paradoxal composição de loucura e heroicidade. Immortal é o Camões, mas é immortal para os seus, immortal para os extranhos. Para os seus, porque em versos admiraveis divulgou as empresas, em que foram protagonistas. Immortal para os

extranhos, porque os feitos, que reconta, são o berço onde incubou fecunda a novissima civilisação.

Manda a Europa, ainda então adormecida para as longas e trabalhosas expedições, manda a Portugal que marche na vanguarda. Eram tenebrosos, impervios, procellosos os mares, onde nenhum baixel se tinha aventurado. Entrevia-se o Oriente como a quasi fabulosa região, d'onde vinham magnificadas pela creadora phantasia os encantos e as maravilhas. Era a terra das ardentes especiarias e das drogas perfumadas, a fecunda matriz dos diamantes e das perolas. Os seus thesouros aguçavam o desejo ás gentes occidentaes. Era como o paraiso da cubiça para esta velha Europa, já cansada da sua gleba mais esteril que os ridentes vergeis orientaes. Todos anhelavam porque se descobrissem faceis os caminhos, para que a todos fosse commoda a peregrinação dos tractos lucrativos e das fructuosas mercancias. Pois vá adiante Portugal e explore as sendas indomesticas d'aquella terra de profana promissão. Vá adiante circumnavegando briosa e perseverante as inhospitas margens africanas. Engolfe-se nos mares tempestuosos e descubra as ilhas viridentes, onde as arvores por centenares de seculos, na perpetua solidão das suas florestas, haviam ramalhado sem temer a hacha assoladora do colono, onde os passarinhos, dominando sem rival, cantavam indolentes os amores, pendurando nas vergonteas os seus ninhos, sem recear que a mão do homem as viesse descobrir e profanar. Entrem os portuguezes, esta guarda avançada, estes heroicos batedores da nova civilisação, entrem na sombria, ignota e espessa escuridão das terras e das costas africanas, entrem resolutos com as suas proas mal seguras nas bahias, nas abras, nas aguadas. Vão nas suas aventurosas singraduras administrando pelo nome portuguez o baptismo da civilisação ás selvaticas paragens, que descobrem, e assignalando com padrões a possessão e o dominio. Pairem com os primeiros e mais felizes navegadores nas aguas revoltosas do cabo Tormentorio, onde a Africa, semelhante ao ferro agudo e penetrante de uma azagaia immensa, está ferindo inexoravel o coração do Oceano. Sejam infatigaveis na aventura, intrepidos no perigo, inabalaveis na ousadia, heroicos nas provações, indomitos nos contrastes da fortuna. Avancem de cada vez mais um estadio na róta, que traçaram. Abram nos mares desconhecidos a propria estrada, que vão descortinando e percorrendo. Operem maravilhas de sciencia cosmographica e prodigios de estoica paciência e milagres de valor e galhardia. Deixem atraz o cabo temeroso e em fragillimos baixeis vão singrando aventureiros o Oceano Indico. Aportem finalmente á celebrada terra oriental, e a principio hospedes e forasteiros, venham a ser em breve termo os altivos dominadores d'aquelles florentissimos imperios, agora avassallados e sujeitos ao jugo portuguez. D'ali bracejem as extensas vergonteas do descobrimento e da conquista até ás mais apartadas e mysteriosas regiões. Entre a Europa escudada com o nome de Portugal na China e no Japão. Vá lustrando nos portuguezes galeões os mais remotos archipelagos. Deixe memorada na gloria dos seus feitos e nos nomes portuguezes dos logares a passagem triumphal d'este povo pequeno na extensão, gigante nos seus brios. Partindo do ultimo Occidente, de exiguo e infantil feito gigante, confranja nos seus braços de ferro o globo inteiro. Dissipe com o seu arrojo incontrastavel as neblinas, que escondiam o Oceano, e rompa animoso e irresistivel o veo mysterioso, que encobria a face da terra. Aponte ali aos que na sua assombrosa variedade a desconheciam, as divisões e as fronteiras das terras e das aguas, como um amoravel preceptor, arrancando o envoltorio, que tinha recatado um globo geographico, ensina ao alumno pueril e curioso, as linhas que delimitam os continentes e os mares. Diga finalmente á Europa entre assombrada e invejosa: «A terra, que tu sonhaste, era a terra fabulosa, a terra debuxada nas descripções phantasiosas dos antigos e nos

mappas mentirosos da edade média. A terra, que eu te dou, é a terra qual outr'ora saíu das mãos da natureza para o homem primitivo, qual sae agora das minhas mãos para o homem civilisado. É a terra, de que os antigos apenas conheceram uma nesga, de que Alexandre, nas suas tão famigeradas expedições, soube apenas tanto como a mais tarda e preguiçosa das minhas galés, talvez menos que o mais frouxo dos meus aventureiros. A terra, que vós conheceis, é a terra de Ptolomeu e de Strabão, a terra dos que não a viram, mas sonharam. Esta, que vos dou, é a terra de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de Fernão de Magalhães, de João da Nova, a terra, de que para vós tomamos posse, como os primeiros que em todas as direcções a soubemos percorrer e navegar.»

A Europa, ouviu, estremeceu, levantou-se e invejou. As páreas copiosas dos nossos descobrimentos, os despojos opimos das nossas expedições, os fructos sasonados das nossas conquistas, tudo lhe deitámos generosos no regaço. Para nós guardámos o que se não pode alienar: as glorias e os laureis. Démos-lhe tudo o que havia de terrenal e de mundano. Recatámos como thesouro inestimavel o que as nossas empresas memoraveis tiveram de espiritual, quasi divino. Á semelhança do honrado e brioso cavalleiro, que, com mais cicatrizes que veneras, no outono da sua existencia gloriosa, pendurando na panoplia a espada reluzente e o murrião abolado nas requestas sanguinosas, deixa que tudo lhe arrebate a má fortuna, mas não cede ou vende a extranhos as insignias memoraveis, esculpidas como brazão e stemma gentilicio na face do seu broquel.

Quando as glorias portuguezas são chegadas á brilhante culminação, quando principia a resfriar o ardor primevo das empresas memoraveis, quando é necessario colher na phase momentanea do seu maximo esplendor a heroicidade portugueza, e como que photographal-a, ainda viva, recente, luminosa, apparece o Camões na terra de Portugal.

O Camões é ao mesmo tempo a eloquente voz da posteridade, e a grandiosa resurreição dos tempos heroicos de Portugal. A sua penetrante visão intellectual descobre com a perfeição dos seus contornos immortaes as figuras, sobre que se concentra mais viva e mais brilhante a purissima luz da vida nacional. A sua previdencia admiravel adivinha que veem perto os tempos calamitosos, em que a patria para morrer como Cesar com a grave e severa alteza dos heroes, precisará de cingir-se na purpura da sua antiga majestade, e compor-se e adereçar-se nas soberanas vestiduras da sua gloria. Virão épocas escassas, em que extranhos arrogantes hão de buscar descingir-lhe o gladio refulgente, desvestir-lhe a loriga impenetravel, e murchar-lhe na fronte os loiros immortaes. Tudo poderão emprehender. Mas o Camões, o soldado brioso das guerras africanas e indiaticas, o portuguez, que amou a patria acima da mulher, e a mulher acima da fortuna, o poeta que emulou nos antigos a belleza e a correcção, aos modernos superou no sentimento, ali está colligindo e ordenando nos versos varonis de uma epopéa nacional, as memorias da terra em que nasceu.

Será na carta da Asia a India portugueza um ponto apenas, mas um ponto como estes que, em noites de serena atmosphera e de melancolica e tepida escuridade, estão brilhantemente scintillando, e esculpindo no ceo a distancias infinitas o seu vivo e eterno resplendor.

Perdemos em grande parte a dominação e o imperio n'aquelles immensos territorios, onde outr'ora fluctuara, symbolo de empresas temerarias e felicissimas victorias, a bandeira de Portugal. Mas ninguem nos pôde nunca pleitear a gloria de as ter primeiro descoberto e avassallado. Que importa ao nome portuguez, que d'esse vasto e opulento senhorio não restem quasi já senão memorias?

Cada povo tem na sequencia historica a sua funcção, no grande e vario drama da civilisação o seu papel. Uns em cada momento na evolução da humanidade são protagonistas e heroes, a outros cahem no complemento e execução da obra commum, officios mais modestos, mas não menos necessarias attribuições. É o principio harmonico e fecundo da divisão do trabalho applicado á cooperação mutua das nações, no empenho de fundir e aperfeiçoar a civilisação no decurso das edades. E d'este modo a noção da patria individual se esconde na penumbra da humanidade.

A nossa missão não era a de grangear para nós o mundo, mas sim de o sujeitar e descobrir. Fomos com a espada os missionarios da velha Europa, enviados a correr os primeiros lances, e affrontar os perigos, a que ninguem ousara então metter o peito resoluto. A gloria de descobrir é maior e mais duravel que a de fruir e dominar. A grandeza épica dos nossos feitos immortaes, mais se aprimora e abrilhanta n'esta abnegação e desapego, com que dos fructos das empresas sobrehumanas deixámos aos extranhos o proveito, para nós tomámos a gloria por salario. Dos grandes e magnificos descobrimentos, com que se accrescenta e se melhora a civilisação intellectual e a humana condição, não ficou enfeudada a propriedade exclusiva na geração e na familia dos gloriosos inventores. Kepler interrogando os ceos e os planetas, rebeldes e indomaveis até ali, clausurando-os no encerro perpetuo das suas orbitas ellipticas, vinculou o seu formoso descobrimento no morgado commum da humanidade. Os segredos, que o espirito de Newton soube roubar á mysteriosa natureza, doou-os generoso á sciencia cosmopolita e á civilisação universal. O telegrapho electrico transmitte o pensamento, sem que esteja agora recatado como cioso monopolio na familia ou na raça dos seus engenhosos descobridores. A locomotiva passeia sibilando pelo mundo, sem que antes do seu curso impetuoso esteja esperando a venia e o signal de quem primeiro a ideou e construiu. Assim tambem da terra que lustrámos nas suas mais afastadas e escondidas regiões. A gloria de a revelar á Europa cubiçosa, vale mais que a vaidosa satisfação de chamar nosso o que primeiro que ninguem soubemos procurar e descobrir.

Das nossas aventurosas navegações e das nossas empresas bellicosas nasceu em grande parte o movimento operado na Europa desde o seculo XV. Tornámos possivel a sciencia moderna, que era truncada e imperfeita antes que ensinassemos as gentes européas a interrogar a natureza, e a descortinar as maravilhas e os segredos de inhospitas paragens, de mares desconhecidos, de um firmamento novo, onde brilham, escondidas aos antigos, novas e extranhas constellações. Revelámos a fórma do nosso globo, a configuração dos continentes, a continua successão do Oceano, a mudança e a condição dos varios climas. Patenteámos as riquezas innumeraveis da natureza organica, nos seus typos disseminados pela immensa vastidão das terras e dos mares. Atámos novamente os vinculos já rotos e perdidos entre a nossa civilisação e a nossa historia, e a historia e as civilisacões dos povos orientaes. Com as nossas maravilhosas aventuras fizemos uma patria gloriosa e impozemol-a á admiração de todo o mundo, mas acabámos empresa ainda maior, porque fizemos tambem a nova humanidade, congraçando e tornando umas das outras conhecidas as raças e as familias, que viviam pelos ambitos da terra sem liame e sem commercio fraternal.

D'esta prodigiosa Renascença, em que a moderna christandade tornou a viver no espirito e no genio da antiguidade, fomos nós os mais activos e fecundos cooperadores. A outros coube a gloria de comprehender primeiro e divulgar as formosas manifestações da intelligencia e da imaginação entre os antigos; de recompor as estatuas, onde o ideal quasi se confundia com o divino, de reconstruir os sumptuosos monumentos, de evocar das ruinas o mundo classico, e ao bafejo da

paciente erudição fazel-o resurgir na apparencia da sua eterna belleza e perfeição. Mas em quanto os outros recompunham a antiguidade, nós mais audazes e felizes do que elles, alcançavamos completal-a e corrigil-a, penetrar onde ella não chegou, e tornar mil vezes mais intensa a sua luz, enfeixando com ella a que em remotas e sobrehumanas excursões se reflectiu na lamina das espadas gloriosas, e nas colubrinas e bombardas dos nossos galeões.

Fizeram elles o renascimento do passado, dispertando-o do seu tumulo. Nós fomos acordar o futuro das nações no berço onde nasce a aurora. Fizeram elles resurgir as tradições da Grecia e Roma. Nós fizemos nascer e avigorar-se o espirito da humanidade.

Os outros fizeram a sciencia da antiguidade, acurvados nos pulverulentos manuscriptos e nas reliquias já truncadas da arte, da sciencia e da poesia. Nós fizemos a doutrina, que se accumula navegando e combatendo, a perigosa erudição, que se compra com sangue derramado, e enlaçámos aos loiros da sciencia as palmas triumphaes.

Para entalhar no bronze da epopéa os feitos que resumem a vida nacional, nasceu Camões.

Quem era? D'onde veiu? Onde nasceu? Onde passou a puericia? Onde aprendeu na adolescencia os dois amores, que lhe exalçaram o espirito, cravando-lhe de espinhos o coração,--o amor da patria, que elle idolatrou mais que ninguem,--o amor da mulher, que mais do que nenhum poeta lyrico elle soube divinisar?

A vida do Camões é em quasi todos os seus successos uma lenda, ou um mysterio. Do poeta conhecemos perfeitamente o aspecto, em que se volta para nós e para a patria. Ignoramos quasi inteiramente o que se occulta nas escuras profundezas do coração e da existencia individual. É como estes resplendentes corpos celestes, de quem apenas rastreamos a luz e o esplendor, sem ao certo comprehender o que está por baixo da luminosa superficie. Contemplamos no Camões reflectida com toda a sua clara intensidade a vida nacional. Acostumámo-nos a vêr e admirar no seu espirito a imagem heroica do povo portuguez. Os loiros, que lhe exornam a fronte, são tambem os laureis que enramaram em seus triumphos a patria, quando era gloriosa e invejada. A sua alma é a alma da nação. No seu poema não respira apenas o estro de um cantor, palpita o coração de Portugal. É preciso que haja o que quer que seja de vago, impessoal e indeciso n'esta figura grandiosa, que tem á cinta o proprio gladio da nação, e desfere no seu plectro, não os sons da sua propria inspiração, mas os hymnos collectivos entoados por todo um povo á sua grandeza e á sua gloria. O Camões não é apenas um poeta, é um côro triumphal, em que as vozes de muitas gerações, na propria saudação dos seus heroicos feitos, se conglobam nos accentos de uma voz predestinada.

São mal delineados, nebulosos, os contornos biographicos do Camões. Não se sabe ao certo quando nasceu, porque n'estas imagens e personificações da vida nacional, é bem que nos possamos illudir, suppondo que andaram largos tempos voejando antes que começassem a luzir. Ignora-se a terra em que nasceu. Em Lisboa? Em Coimbra? Em Santarem? Ninguem o pode á justa discriminar. E é bem que assim acontecesse, para que nenhuma povoação se possa gloriar, de que o poeta lhe pertence a melhor titulo do que a toda a patria, que illustrou. Perguntam-nos onde o Camões viu a primeira luz? Respondemos e basta: Em Portugal. Que nos importa discernir se era vulgar ou generoso o sangue do poeta? Os monarchas da intelligencia não carecem de tronco e dynastia. Não tem pelo espirito nem antecessores nem descendentes. Não releva o inquirirmos d'onde veem, já que sabemos aonde vão. Nascem da humanidade e vão para a gloria. Nascem do pó terreno e mundanal e

caminham luminosos á divina immortalidade. Sabemos do Camões que foi soldado valentissimo entre os mais esforçados e briosos; sabemos que foi a mais subida intelligencia em nossa terra, o primeiro épico moderno. Sabemos que alcançou conciliar em harmonica união as graças e formosuras da mais solta e inventiva imaginação, com as doutrinas mais severas da sciencia no seu tempo. Sabemos que em Africa militou, para que seguisse em tudo as mesmas sendas, por onde a gloria portugueza transitara. Sabemos que invejas, e malquerenças, e damnadas tenções, como elle diz, lhe mesclaram na vida aos jubilos e aos extasis da nativa inspiração, as tristezas e os opprobrios da existencia amargurada. Sabemos que amou extremosamente. E como poderia esta alma de eleição clausurar-se na solidão do sentimento, sem repartir o estro e a paixão entre a patria e a mulher? Sabemos que padeceu asperos desterros e carceres de affronta e provação. E como poderia esta luz intensissima do engenho ferir, sem os offender e offuscar, os olhos dos seus ingratos contemporaneos, que não buscassem afrouxal-a e desluzil-a, já que não a podiam apagar? Sabemos que na India provou a forte espada nos recontros e a estoica impavidez nos lances das armadas e nos perigos das tormentas. Sabemos que a pobresa foi a socia inseparavel do seu viver aventureiro. E que genio já houve em Portugal antigamente, que não tivesse a penuria por contrapeso aos thesouros immortaes da sua gloria? Sabemos que na China exerceu modesto officio, e que a fortuna ao Camões lhe destinou que para não perecer á fome, rebaixasse o divino talento de poeta ao prosaico e rude officio de exactor. Sabemos que a patria o desamparou nos annos derradeiros, atirando-lhe á mão, quasi estendida á caridade, a esmola do poder. Sabemos que morreu, quando a patria descaía no sepulchro, porque elle era a voz da patria, o ultimo suspiro da nação agonisante, e era bem que se extinguisse, quando Portugal jazia amortalhado no manto de cavalleiro, tendo em redor do seu esquife as figuras sinistras e irónicas dos seus desapiedados conquistadores. Sabemos que os seus ossos jazeram até hontem esquecidos n'um desvão do convento de Sant'Anna, até hontem, em que por nobre e patriotica impulsão da nossa Academia, lhe pagámos--inanimado--na solemne apotheose, o que--vivo--os seus contemporaneos lhe negaram em pão e em conforto. Sabemos que deixou o seu nome intimamente vinculado ao nome e á propria existencia da nação. Sabemos que os Lusiadas os entalhou o brio portuguez com a espada nas mais distantes e ingratas regiões, e os imprimiu com o rasto das suas quilhas temerarias na face do Oceano e no dorso das tempestades, e o Camões os trasladou a versos immortaes, diffundindo no mundo pelo genio o que Portugal já tinha divulgado pelo immenso pregão do seu valor.

O Camões é a patria coroada de poeticos laureis. Os Lusiadas são a estatua da nação, cinzelada pelo escopro do maior engenho portuguez. Glorifiquemos, pois, cada vez mais a epopéa e o cantor. Veneremos com elle o nosso passado glorioso. Mas como estes destemidos argonautas, que elle celebrou, os quaes se não ficavam inertes e parados após as mais felizes singraduras, nem cifravam a sua honra em descobrir apenas o cabo de Boa Esperança, volvamos o sentimento nacional aos tempos que já foram, e o espirito moderno ás eras do porvir: ao passado, para que d'elle possamos aprender o amor da patria, a tenaz perseverança nas empresas mais difficeis; ao futuro, para que honrando o poeta nas suas mais largas e videntes aspirações, possamos completar as nossas glorias pelo caminho que a fortuna nos consente e nos deixou. Fizemos a epopéa sublime, traduzida pelo Camões na divina linguagem do seu estro. Façamos hoje a epopéa mais modesta da liberdade, da sciencia e do trabalho.

End of the Project Gutenberg EBook of Panegyrico de Luiz de Camões, by José Maria Latino Coelho

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK PANEGYRICO DE LUIZ DE CAMÕES ***

***** This file should be named 21950-h.htm or 21950-h.zip *****
This and all associated files of various formats will be found in:
http://www.gutenberg.org/2/1/9/5/21950/

Produced by Pedro Saborano. (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

Updated editions will replace the previous one--the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

ANEXO 6 O OCCIDENTE (FICHA HISTÓRICA)

OCCIDENTE (O). REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO Publicou-se entre **1878** e **1915**, ao ritmo de três números por mês. Somou 1315 números ao longo dos seus 38 anos de edição. Uma longevidade que atesta o sucesso deste projecto editorial, que teve em **Caetano Alberto da Silva**, gravador e principal capitalista da empresa *Occidente*, e em **Manuel de Macedo**, desenhador ilustrador, os seus grandes dinamizadores. A edição de publicações periódicas ilustradas em Portugal já não era uma novidade. O que marcou a diferença foi que *O Occidente* fez escola e foi escola de gravadores.

De facto, o projecto alicerçou-se na criação de um **atelier de formação de gravadores**, porque com os que então existiam não era possível assegurar a actualidade imagética que se pretendia imprimir à publicação, nem tão pouco a reprodução de obras de arte nacionais, as recreações históricas, etc., que faziam parte do seu programa. Contratá-los no estrangeiro estava fora de questão, pois *O Occidente* fazia questão de ser, tanto quanto possível, um produto 100% nacional.

Montou-se, pois, o atelier de gravura na Rua do Loreto, em Lisboa, sob a direcção do mestre Caetano Alberto. E, quando a revista saiu do prelo pela primeira vez, contava com uma equipa de 7 artistas gravadores: Rosalino Cândido Feijó, Manuel Diogo Netto, Domingos Casellas Branco, Jorge dos Reis, José Augusto d'Oliveira, José António Kjolner e A. Francisco Villaça. Em 1903, quando a publicação celebrou os seus 25 anos de vida, os últimos três já haviam falecido. Possivelmente, nem foram substituídos porque, entretanto, a fotografia ia batendo a ilustração, mercê da sua versatilidade, custo e promessa de veracidade. Sinal dos tempos, que O *Occidente* procurou acompanhar, chamando às suas páginas os "clichés" (fotografias) de Alberto Lima, Ciríaco Tavares da Silva, Benoliel, Rocchini, Carlos Relvas, Carlos Vieira, Coutinho, Menezes, Santos, J. Azevedo, F.G. Marques, Manoel Abreu, António P.A. Leite, além dos produzidos por amadores atentos e prevenidos, ou comprados a empresas nacionais e estrangeiras.

Outro ponto forte deste projecto era, naturalmente, a qualidade dos seus colaboradores, que tanto brilhavam no campo literário, como no científico ou técnico. *O Occidente* é uma revista muito diversificada no que toca a conteúdos, pois no seu horizonte está um amplo espectro de públicos em matéria de interesses, até porque contempla os dois géneros. Não quer isto dizer que trate de assuntos femininos clássicos, como a moda ou os lavoures. Pelo contrário, a **mulher** idealizada pel' *O Occidente* seria moderna, intelectual, interessada na vida social das altas personalidades, nas artes, na literatura, na história, quiçá por algumas curiosidades científicas e suas aplicações práticas, marcando a marcha do progresso civilizacional. Mas menos por política. Por isso, quando, em 1889, a revista decide abrir espaço nas suas páginas para comentar o evoluir contorcido desse plano da realidade através da rubrica *Revista Política*, da lavra de "João Verdades"[123] , as suas primeiras palavras justificativas são para elas: «Não se assustem as nossas gentis leitoras com o título d'esta secção que o *OCCIDENTE*

[123] Óbvio pseudónimo, que podemos atribuir a Tito Gonçalves Martins (1868-1946), jornalista com vasta colaboração em jornais e revistas portugueses e brasileiros, e com obra literária publicada.

hoje inaugura, nem os nossos leitores imaginem que vamos quebrar lanças na peleja apaixonada da política partidária.»[124]

Essa opção por manter os leitores «ao facto do que se vae passando na política», mas com distanciamento crítico, revelar-se-á difícil de sustentar. Até porque assumirá, sobretudo no que toca à política nacional, a forma de comentário, que dificilmente esconde as simpatias e as rejeições de quem o redige. Além da já referida coluna de "João Verdades", a política conquistará espaço na *Chronica Occidental*, em regra, assinada pelos directores literários que a revista conheceu ao longo dos seus 36 anos de vida: **Guilherme d'Azevedo** (1878 a 1880), **Gervásio Lobato** (Setembro de 1880 a Junho de 1895, quando falece), **João da Câmara** (1895 a Dezembro de 1907, quando falece), **Alfredo Mesquita**, que a partir do n.º 1048, assume o pseudónimo de **João Prudêncio** (Janeiro de 1908 a Dezembro de 1912) e **António Cobeira** (1913 a 1915). Esporadicamente, Caetano Alberto, o director e proprietário, também verte a sua prosa na *Chronica Occidental*.

O tempo de vida d' *O Occidente* fê-la contemporânea de um período prolífero em mudanças, no país e no mundo. As ideias correm agora velozes por telégrafos, telefones, e os homens circulam a velocidades impensáveis por carris, sobre rodas e até já vão conquistando o ar. Novas formas de produção de riqueza concorrem com modelos tradicionais, impondo outros equilíbrios, quer entre os homens, quer entre as nações. Aqui, a Monarquia Constitucional deu lugar à República. Noutro canto da velha Europa, a revolução prepara-se em nome de uma sociedade socialista. Do outro lado do Atlântico, projecta-se a sombra cada vez maior dos Estados Unidos da América. E África é, mais do que nunca, um enorme tabuleiro onde todos querem lançar cartas.

E até elas, as leitoras, são agora incentivadas a dar um contributo mais directo para a mudança que assola o mundo, por via de uma série de textos sobre a luta das sufragistas inglesas, publicados a partir de 1912. A **emancipação da mulher** tornarse-á, então, um tema recorrente.

Todo este admirável e assustador mundo emergente ecoa pel' *O Occidente*, através da combinação inteligente da imagem e da palavra. O apuro é tal que, nas oito páginas de cada edição, há ainda espaço para a filigrana dos dias – as novidades editoriais, os espectáculos, a necrologia, a meteorologia e outras miudezas.

A partir de 1914, a atenção que o *Ocidente* dedicava ao plano internacional alargouse consideravelmente. O jornal passou a acompanhar e a comentar o contínuo e crescente armamento das nações e o xadrez estratégico que se foi desenvolvendo no terreno. Na primeira edição de Agosto, alertou os leitores para a inevitabilidade que avizinhava: «Tudo nos leva a crer que estamos em vesperas de um dia de carnificina hedionda. Á hora que escrevemos, a imprensa de todo o mundo alastra sobre as almas uma tinta negra de informação.» Na edição seguinte, **assumiu a defesa do envolvimento de Portugal na guerra europeia**, insurgindo-se com ferocidade inusitada contra os que queriam manter-se distantes do conflito, porque duvidam da capacidade bélica nacional ou da necessidade de participação: «… E ainda será possível a existência de criaturas racionaes que neguem a portugueses de hoje as qualidade antigas de bravura e tino bélico?... Se existem – esmaguemnas, sem consideração, como escalrachos de malefício Esses pequeninos seres rasteirinhos são indubitavelmente nocivos, no momento actual.»

O tratamento atento e cuidado que é reservado à cidade de **Lisboa** fazem d' *O Occidente* uma relevante fonte de informação sobre a cidade. Pela sua dimensão, destacamos: *A Velha*

[124] *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.º 361 (1889), p. 7.

Lisboa (Memórias de um bairro), de **Gustavo de Matos Sequeira**, publicada ininterruptamente entre 1906 e 1909; o estudo de **F. Júlio Borges**, sobre *Parques e jardins de Lisboa*, publicados entre 1913 e 1914; e a edição dupla dedicada à proclamação da República, que sai no dia 20 de Outubro.

Uma referência também para as ***Cartas familiares***, redigidas por **José Baretti**, que se encontrava em Lisboa, ao tempo do terramoto de 1755. Tudo indica que foi *O Occidente* que as editou pela primeira vez em Portugal, numa tradução de Alberto Teles.[125]

No âmbito mais lato das ideias, e seguindo o mesmo critério da dimensão e continuidade dos textos, destacam-se as reflexões que **D. Francisco de Noronha** desenvolve, em 1900, sobre temas como a origem do socialismo, a escravatura, a miséria, a propriedade, o trabalho, a família e o mundo infantil, publicadas sob o título ***Questões Sociais***.

A **oferta literária era também contínua e variada**. Não será exagerado afirmar que, a partir da segunda metade do século XIX, a imprensa deu um largo contributo para a criação do gosto pela leitura e, consequentemente, para a divulgação dos autores estrangeiros e nacionais. Em regra, em cada ano de edição, o *Ocidente* ofereceu à leitura, pelo menos, um romance ou novela, que distribuía, de forma contínua, pelas edições. A título de exemplo, referimos: «Os últimos amores de Goethe», de Maria Amália Vaz de Carvalho (1878); «A comédia da vida. Romance d'um amanuense», de Gervásio Lobato (1889); «Um ultimo senhor um velho solar», romance húngaro, por Paulo Gyulai (1903); ou «Amor por sugestão» tradução de um original inglês (1908).

Evoca-se ainda o nome de alguns dos c**olaboradores mais regulares da revista**, sobretudo após 1902, já que para o período anterior há informação detalhada na já referida edição que assinala o seu 25.º aniversário. Entre muitos outros, redigiram textos para *O Occidente* os seguintes autores: Ruy de Aboim, Brito Aranha, Ribeiro Arthur, Maximiliano de Azevedo, Vilhena Barbosa, Mário Brandão, Nogueira de Brito, Julio de Castilho, Luiz Chaves, J. Ribeiro Christino, Victor Moraes Júdice da Costa, Manuel da Granja, Henrique Marques Júnior, Almada de Lacerda, M. Cardoso Martha, Fernando Mendes, Henrique Lopes Mendonça, A. de Mello e Niza, Damasceno Nunes, Ramalho Ortigão, António Corrêa D'Oliveira, J. A. Macedo de Oliveira, Esteves Pereira, Alfredo Pinto, Dr. Cortez Pinto, Pedro Pinto, Teixeira de Queiroz, Hippolyto Raposo, Brito Rebello, do grupo fundador da publicação, Francisco Serra, Ricardo Souza, Alberto Telles.

Retoma-se, agora, o enfoque na publicação propriamente dita, para referir outros detalhes sobre a sua produção. O seu primeiro impressor foi o reputado **Adolpho Lallemant**, cuja tipografia estava sedeada no n.º 6, da Rua do Thesouro Velho, em Lisboa. Posteriormente, a impressão d'*O Occidente* passa por várias casas da capital: Typographia Elzeviriana, de Caetano Alberto & Faro (Out.1883 a Abr.1887); Typ. Castro Irmão (Maio 1887 a Jan.1890); Typ. e Lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª que, em 1894, é adquirida pela Barata & Sanches (até Dez.1904); Typ. do Annuario Commercial (até Out.1914); e, por último, a Typ. de César Piloto. Presente numa série de exposições em que o país se fez representar, *O Occidente* viu reconhecida a sua qualidade através de **prémios**: menção honrosa, na Exposição Universal de Paris, de 1878; medalha de cobre, na Exposição Internacional de Antuérpia, de 1894, e na Exposição Universal de Paris, de 1900; e o «Grand-prix» nas exposições universais de S. Luís, em 1904, e de Lovaina, em 1907.

Não há informação quanto à sua **tiragem**, mas não seria superior a 1000 exemplares. A sua longa vida dependeu, em grande medida, da vontade e do esforço dos homens que se

[125] *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.os 618-620, 622, 624-627, 629, 630-634, 636-641 (1896).

envolveram neste projecto editorial. Quando *O Occidente* completou o seu 25.º aniversário, ainda mantinha algumas dezenas dos seus primeiros assinantes, facto que refere com orgulho, revelando-lhe a identidade.[126]

Para a sua **distribuição** a empresa *Occidente* contava, no caso dos assinantes, com os serviços de correio, e para as vendas avulso com uma rede de agentes presente em «todas as capitaes de Distrito do continente, Ilhas, Possessões Ultramarinas, em Berlim, Manchester, Paris, Leipzig, Madrid e em diferentes estados da Índia, Brasil, Califórnia, Japão, etc.»[127]

Em relação ao **preçário** de lançamento, a revista conheceu apenas uma actualização, em 1881, o que é mais um sinal do grau de envolvimento pessoal dos elementos da equipa dirigente e, possivelmente, até de alguns colaboradores[128]. De qualquer forma, é notório que a empresa *Occidente* procurou outras fontes de rendimento, como a edição de suplementos temáticos, sobretudo gravuras, a partir de 1880, e do *Almanach Illustrado do Occidente*, a partir de 1887; e a venda de espaço publicitário, que ocorre em 1902.

Fica uma última chamada de atenção, desta feita, para a ortografia, ou melhor, para a sua evolução ao longo dos 37 anos de vida d'*O Occidente*. Um pormenor, mas exemplificativo do tempo necessário à mudança nesse domínio. Daí resulta a presença, na mesma edição, de formas gráficas antigas e modernas. Afinal, tudo depende dos que escrevem, da sua maior ou menor abertura intelectual e da sua capacidade de ultrapassar o passado.

Rita Correia

(26/06/2008; actualizada em 16/03/2012)

Bibliografia:

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., s.d. Vol. XIX, p. 167.

ANDRADE, Adriano da Guerra - *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. 1.ª ed. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1999. ISBN 972-565-262-2.

[126] *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.º 829-830 (1902).

[127] *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.º 1231 (1913), p. 60.

[128] A título exemplificativo referimos aqui a evolução da assinatura anual, para o Continente, que passou de 2$600 para 3$800. O preço de venda avulsa manter-se-á inalterável: $120.

ANEXO 7 - A ÁGUIA (FICHA HISTÓRICA)

Um voo singular e longo

"Ali – tudo o
que é
grande,
forte, altivo:
A Águia
poisa, a
nuvem
pára,

O ar é puro e vivo

O Céu é mais profundo e a luz mais clara!"

(Jaime Cortesão, *A morte da águia, Poema heróico*)

Ao atravessar a Primeira República, *A Águia* fez e deu a conhecer o ambiente cultural e cívico da segunda e da terceira décadas do século XX português.

A leitura das peças dos quatrocentos e vinte e três autores publicados transfere-nos para o seio dos confrontos doutrinários, das expressões de sensibilidade e das referências culturais da época.

Ao apresentar-se, a partir de Janeiro de 1912, como órgão da "Renascença Portuguesa", a *revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social* passou a dar expressão a um dos movimentos de intelectuais mais significativos e bem sucedidos na história nacional, pela ambição invulgar que mostrou, pelas vontades que soube congregar e, sobretudo, pela actividade criativa, editorial e formativa que desenvolveu.

O próprio subtítulo, acima transcrito, regista a largueza de um gesto que queria abarcar autores distintos e domínios variados, desde que unidos pelo propósito de se subordinarem ao imperativo da reforma cultural da comunidade nacional. A atenção dispensada às artes, com a inclusão regular de gravuras originais, mais tarde reunidas em álbum

autónomo, exemplifica, em âmbito particular, um desígnio que era geral.

Embora a esperança de ressurgimento nacional assente na edificação dos concidadãos tenha merecido ampla adesão, já a aproximação dispensada ao nacionalismo novi-romântico e ao programa saudosista anunciado por Teixeira de Pascoaes, no editorial de abertura da segunda série, mostrou-se bem mais circunscrita. Álvaro Pinto, a alma executiva do periódico, tomou mesmo a iniciativa de propor a declaração de que o saudosismo não constituía doutrina da revista, António Sérgio contestou-o, em polémica viva, e o próprio Pascoaes acabou por retrair-se face às reservas suscitadas pela iluminação poética que *revelara*.

A par da riqueza, da variedade e das contradições dos letrados da época, mormente nas suas vertentes adversas à positividade da racionalidade científica, *A Águia* distinguiu-se por dar a conhecer uma república com vida intelectual policêntrica.

Não deixando de ser um título de vocação nacional, aliás, bem sucedido desde o início, a revista foi sempre uma publicação centrada no Porto, mesmo quando Álvaro Pinto levou a sua produção para o seu Anuário do Brasil, no Rio de Janeiro.

A este propósito, não pode deixar-se de sublinhar que o vínculo do mensário ao Porto redobrou a partir da terceira série, dirigida por Leonardo Coimbra. Por um lado, o projecto seareiro, congeminado por *renascentistas* do grupo de Lisboa, a que Jaime Cortesão se juntou, afirmou-se e fez vingar as teses que tinham oposto Proença e Sérgio a Pascoaes. Por outro lado, a criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por iniciativa do próprio Leonardo Coimbra, conduziu a um relacionamento muito próximo entre a direcção da revista e a actividade docente da nova e irreverente escola.

A leitura de *A Águia*, na elucidação das vozes, tonalidades, convergências, contradições, percursos e ciclos que lhe foram próprios, não

cabe, obviamente, neste apontamento introdutório, que se destina a assinalar tão-só o lugar maior que o mensário ocupou na história intelectual recente.

Ao leitor faculta-se, agora, a possibilidade de regressar à fonte, a uma fonte íntegra, nos duzentos e cinco números das suas cinco séries. Proporciona-se, aliás, matéria editorial mais completa do que aquela que os contemporâneos da publicação conheceram, pois a edição dos fascículos 10/11, da quarta série, não circulou por interdição censória e encontra-se, agora, ao seu alcance.

Disponibiliza-se, igualmente, documentação relevante e extensa para a compreensão do teor e do significado do mensário e do movimento de que foi o órgão, seja no âmbito conceptual seja no plano das vicissitudes do contexto.

Sem a pretensão deslocada de coligir qualquer acervo sistemático, reuniram-se cerca de três centenas e meia de documentos.

No âmbito da Renascença Portuguesa, reproduzem-se as cartas originadas no devaneio, simultaneamente franciscano e maçónico, que o republicano Cortesão viveu em Junho de 1911; dão-se a conhecer os documentos principais da associação, os seus projectos programáticos, estatutos, corpos sociais e associados; inventaria- se o conjunto das obras publicadas com a chancela de edição própria; acrescenta-se estudo particularmente informado e completo.

Sobre *A Águia*, propriamente dita, adicionam-se as separatas, o *Álbum Artístico*, várias dezenas de cartas e numerosos testemunhos redigidos pelas figuras cimeiras do periódico. A recepção da revista pelos seus contemporâneos pode ser apreciada no *Inquérito Literário*, de Boavida Portugal, enquanto algumas das interpretações de que foi objecto constam em breve antologia da literatura crítica que lhe é dedicada.

No plano analítico, é de referir que as mil novecentas e três peças publicadas na revista

podem ser consultadas através de descritivos e de oito índices próprios, o que representa não só uma condição de acesso ao material publicado inusual, quanto contém, o que é bem mais relevante, um mapeamento sistemático da informação que se tem por invulgarmente estimulante.

A análise qualitativa de uma base de dados onde constam mais de dez mil e quinhentas referências distintas, e um número muito superior de ocorrências, é um convite para que o leitor não esqueça que o saber é, em primeiro lugar, um exercício de imaginação, de reformulação de perguntas antigas e de configuração de novas interrogações, já que o universo da matéria questionável e o âmbito das respostas viáveis se encontram meticulosamente expandidos. Um exemplo singelo de análise qualitativa desenvolvida por investigador do Seminário Livre de História das Ideias: a distribuição dos artigos em que o conceito de saudade está presente quando confrontada com a frequência da participação de Teixeira de Pascoaes na revista conduz a duas linhas genericamente paralelas, com frequências, picos e cavas coincidentes.

A possibilidade de cada um dos leitores refazer o trajecto de *A Águia*, de acordo com a cartografia da curiosidade, dos interesses e da perspicácia próprios, fica-lhe, assim, proporcionada.

Luís Andrade